

✧ *Marlon James* ✧

**BREVE
HISTÓRIA**



**DE
SETE**

ASSASSINATOS

VENCEDOR
do
MAN
BOOKER
PRIZE



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

✦ *Marlon James* ✦

**BREVE
HISTÓRIA
DE
SETE
ASSASSINATOS**



VENCEDOR
do
MAN
BOOKER
PRIZE



BREVE
HISTÓRIA
de
SETE
ASSASSINATOS

Marlon James

TRADUÇÃO DE ANDRÉ CZARNOBAI



Copyright © 2014 by Marlon James

TÍTULO ORIGINAL

A Brief History of Seven Killings

PREPARAÇÃO

Elisa Menezes

Eliane Hatherly Paz

REVISÃO

Juliana Werneck

Édio Pullig

Laís Curvão

Flora Pinheiro

REVISÃO DE E-BOOK

Manuela Brandão

Taynée Mendes

GERAÇÃO DE E-BOOK

Intrínseca

E-ISBN

978-85-510-0180-6

Edição digital: 2017

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

Para Maurice James
Um cavaleiro extraordinário numa liga só dele.

SUMÁRIO

ORIGINAL ROCKERS

2 de dezembro de 1976

AMBUSH IN THE NIGHT

3 de dezembro de 1976

SHADOW DANCIN'

15 de fevereiro de 1979

WHITE LINES/KIDS IN AMERICA

14 de agosto de 1985

SOUND BOY KILLING

22 de março de 1991

LISTA DE PERSONAGENS

A Grande Kingston de 1959

Sir Arthur Jennings, político falecido
O Cantor, estrela internacional do reggae
Peter Nasser, político, estrategista
Nina Burgess, ex-recepcionista, atualmente desempregada
Kim-Marie Burgess, sua irmã
Ras Trent, namorado de Kim-Marie
Doctor Love/Luis Hernán Rodrigo de las Casas, consultor da CIA
Barry Diflorio, chefe de estação da CIA na Jamaica
Claire Diflorio, sua esposa
William Adler, ex-agente de campo da CIA, atualmente traidor
Alex Pierce, repórter da *Rolling Stone*
Mark Lansing, cineasta, filho de Richard Lansing, ex-diretor da CIA
Louis Johnson, agente de campo da CIA
Sr. Clark, agente de campo da CIA
Bill Bilson, repórter do *Jamaica Gleaner*
Sally Q, informante
Tony McFerson, político
Oficial Watson, policial
Oficial Nevis, policial
Oficial Grant, policial

Copenhagen City

Papa-Lo/Raymond Clarke, don de Copenhagen City de 1960 a 1979
Josey Wales, homem de confiança, don de Copenhagen City de 1979 a 1991, líder do Bonde do Trovão
Chorão, membro de gangue, homem de confiança do Bonde do Trovão em Manhattan/Brooklyn
Demus, membro de gangue
Fumaça, membro de gangue
Bam-Bam, membro de gangue
Funky Chicken, membro de gangue
Renton, membro de gangue
Besta Selvagem, membro de gangue
Tony Pavarotti, homem de frente, sniper
Padre, mensageiro, informante
Junior Soul, informante/provável espião de Eight Lanes
A Wang Gang, gangue afiliada de Copenhagen City com sede em Wang Sang Lands
Copper, homem de frente
Chinês, líder de gangue nas redondezas de Copenhagen City
Treetop, membro de gangue
Bullman, homem de frente

Eight Lanes

Shotta Sherrif/Roland Palmer, don de Eight Lanes de 1975 a 1980
Funnyboy, homem de frente e segundo na linha de comando
Buntin-Banton, um dos líderes e don de Eight Lanes de 1972 a 1975
Pano de Prato, um dos líderes e don de Eight Lanes de 1972 a 1975

Fora da Jamaica, 1976 a 1979

Donald Casserley, traficante de drogas e presidente da Liga de Libertação da Jamaica

Richard Lansing, diretor da CIA de 1973 a 1976

Lindon Wolfsbricker, embaixador americano na Iugoslávia

Almirante Warren Tunney, diretor da CIA de 1977 a 1981

Roger Theroux, agente de campo da CIA

Miles Copeland, chefe de estação da CIA no Cairo

Edgar Anatolyevich Cheporov, repórter da Agência de Notícias Novosti

Freddy Lugo, agente, Alfa 66, Organizações Revolucionárias Unidas, AMBLOOD

Hernán Ricardo Lozano, agente, Alfa 66, Organizações Revolucionárias Unidas, AMBLOOD

Orlando Bosch, agente, Ômega 7, Organizações Revolucionárias Unidas, AMBLOOD

Gael e Freddy, agentes, Ômega 7, Organizações Revolucionárias Unidas, AMBLOOD

Sal Resnick, repórter do *New York Times*

Montego Bay, 1979

Kim Clarke, desempregada

Charles/Chuck, engenheiro da Alcorp Bauxite

Miami e Nova York, 1985 a 1991

Bonde do Trovão, gangue de traficantes jamaicanos

Ranking Dons, gangue rival de traficantes jamaicanos

Eubie, homem de confiança do Bonde do Trovão no Queens/Bronx

A-Plus, aliado de Tristan Phillips

Pig Tails, homem de frente do Bonde do Trovão no Queens/Bronx

Ren-Dog, homem de frente do Bonde do Trovão no Queens/Bronx

Omar, homem de frente do Bonde do Trovão em Manhattan/Brooklyn

Romeo, traficante do Bonde do Trovão no Brooklyn

Tristan Phillips, detento em Rikers, membro dos Ranking Dons

John-John K, matador, ladrão de carro

Paco, ladrão de carro

Griselda Blanco, barão do tráfico de Medellín responsável pelas operações do cartel em Miami

Baxter, capanga de Griselda Blanco

Camisas Havaianas, capangas de Griselda Blanco

Kenneth Colthirst, morador da Quinta Avenida, em Nova York

Gaston Colthirst, seu filho

Gail Colthirst, sua nora

Dorcas Palmer, cuidadora

Millicent Segree, estudante de enfermagem

Dona Betsy, gerente da Agência de Empregos Deus te Abençoe

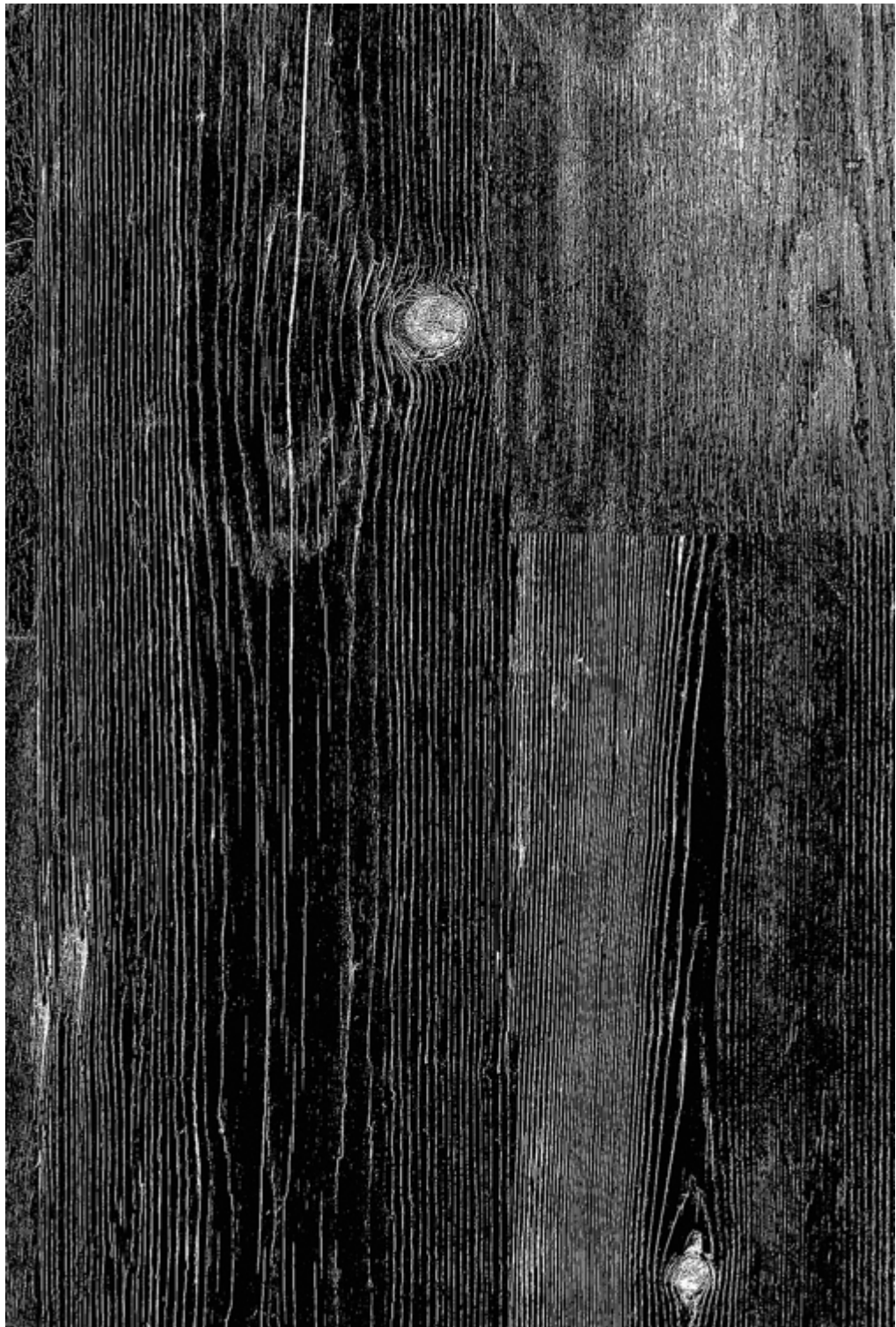
Monifah Thibodeaux, viciada em drogas

Vai contar toda a verdade,
Amor, essa é a pior parte

— BONNIE RAITT, Tangled and Dark

Se não foi bem assim, também
não fica muito longe.

— Provérbio jamaicano



SIR ARTHUR GEORGE JENNINGS

Escuta.

Os mortos nunca param de falar. Talvez porque a morte não seja de fato o fim, só uma coisa parecida com ficar de castigo no colégio. Você sabe muito bem de onde veio e é de lá que você está sempre voltando. Você sabe muito bem para onde está indo, mas parece que você nunca consegue chegar e, quando percebe, você está morto. Morto. Parece uma coisa definitiva, mas é só um adjetivo que deveria ser verbo. Você se depara com outros homens mortos há muito mais tempo do que você, caminhando sem parar embora não tenham para onde ir, e você os escuta uivar e sibilar porque nós somos todos espíritos, ou pensamos que somos todos espíritos, mas no fim das contas só estamos todos mortos. Espíritos que invadem outros espíritos. Às vezes, uma mulher entra no corpo de um homem e geme como se estivesse recordando a sensação de fazer amor. Eles choram e gemem com força, mas é um som que entra pela janela feito um silvo, um sussurro debaixo da cama, e as crianças pequenas acham que tem um monstro lá. Os mortos adoram se deitar debaixo dos vivos por três motivos. (1) Passamos a maior parte do tempo deitados. (2) A parte de baixo da cama parece a tampa de um caixão, mas (3) tem um peso, o peso de um corpo humano que você pode invadir e deixar ainda mais pesado, e escutar o coração batendo enquanto você o vê pulsar, e ouvir as narinas soprando quando os pulmões empurram o ar, e invejar até mesmo o mais discreto dos suspiros. Não tenho nenhuma lembrança dos caixões.

Mas os mortos nunca param de falar, e às vezes os vivos escutam. Era isso o que eu queria dizer. Quando você está morto, a fala se resume a uma série de tangentes e desvios e não há muito o que fazer a não ser se deixar levar e se deixar perder. Bom, pelo menos é isso que os outros fazem. O que eu quero dizer é que os falecidos aprendem com os falecidos, embora não seja assim tão simples quanto parece. Eu ainda podia escutar a mim mesmo afirmando para quem quisesse ouvir que eu não caí, que eu fui empurrado da varanda do Sunset Beach Hotel, em Montego Bay. E eu não podia simplesmente dizer fecha a matraca, Artie Jennings, porque todas as manhãs quando eu acordo ainda preciso colocar esse meu cabeção de abóbora esmagada no lugar. Mesmo agora, enquanto eu falo, consigo me ouvir falando naquela época, morou, malandragem?, o que significa que a vida pós-morte não é uma cena acontecendo, nem um bailinho transado. Tá vendo aqueles malandros ali de bobeira, meu chapinha? Eles nunca sacariam, e eu não posso fazer nada além de esperar pelo cara que me matou, mas ele não morre, só fica cada vez mais velho e segue trocando de esposa, e por mulheres cada vez mais novas, e se reproduzindo, uma verdadeira ninhada de retardados, e jogando o nosso país no buraco.

Os mortos nunca param de falar, e às vezes os vivos escutam. Às vezes ele me responde se eu digo alguma coisa bem quando os olhos dele começam a tremular no meio do sono, e ele continua falando até que sua mulher lhe dê um tapa. Mas eu prefiro ficar ouvindo os que estão mortos há muito tempo. Eu vejo homens vestindo calças esfarrapadas e longos casacos ensanguentados e eles falam, mas começa a sair sangue pela boca e, minha nossa senhora, aquela rebelião de escravos foi mesmo um negócio terrível e aquela rainha, é claro, não serve mais para nada desde que a Companhia Holandesa das Índias Ocidentais começou seu declínio em relação ao Oriente, principalmente por causa da má qualidade dos produtos, e por que é que tem tanto crioulo que dorme em qualquer lugar

de qualquer jeito e quando bem lhes dá na telha e eu misturo tudo, tanto que nem sei onde é que botei o lado esquerdo do meu rosto. Estar morto é entender que morrer não é partir, é ficar em suspenso na imensidão. O tempo não para. Você vê ele se mover, mas você fica imóvel, feito uma pintura, feito o sorriso da Mona Lisa. Nesse espaço, uma garganta cortada há trezentos anos e um bebê que morreu subitamente há dois minutos são a mesma coisa.

Se você não presta atenção no jeito que você dorme, acaba acordando na posição em que os vivos te encontraram. No meu caso, isso é deitado no chão, com o meu cabeção de abóbora esmagada, minha perna direita retorcida por trás das costas e meus dois braços dobrados de um jeito que não deveriam dobrar e, bem lá de cima, da varanda, eu pareço uma aranha morta. Estou lá em cima e aqui embaixo, e lá de cima eu me vejo do jeito que o meu assassino me viu. Os mortos se lembram de um movimento, uma ação, um grito, e eles vivem tudo de novo num piscar de olhos, o trem que não parou de correr até sair dos trilhos, o peitoril daquele prédio a dezesseis andares de altura, o porta-malas ficando sem ar. Os corpos dos bandidos estourando que nem um balão furado, cinquenta e seis balas.

Ninguém cai desse jeito se não for empurrado. Disso eu sei. E eu sei o que você vê e como é que você se sente, um corpo que cai lutando contra o ar até o fim, tentando se agarrar a qualquer pedaço de nada, implorando pra que uma vez, porra, só dessa vez, Jesus, seu chorão, filho de uma puta de quinta categoria, só dessa vez o ar te segure. Aí você cai numa cova de um metro e meio de profundidade ou num piso de mármore a cinco metros de altura, e ainda está lutando quando o chão se levanta e bate em você porque simplesmente cansou de esperar por sangue. E continuamos mortos, mas acordamos. Eu, uma aranha esmagada; ele, uma barata queimada. Não tenho nenhuma lembrança dos caixões.

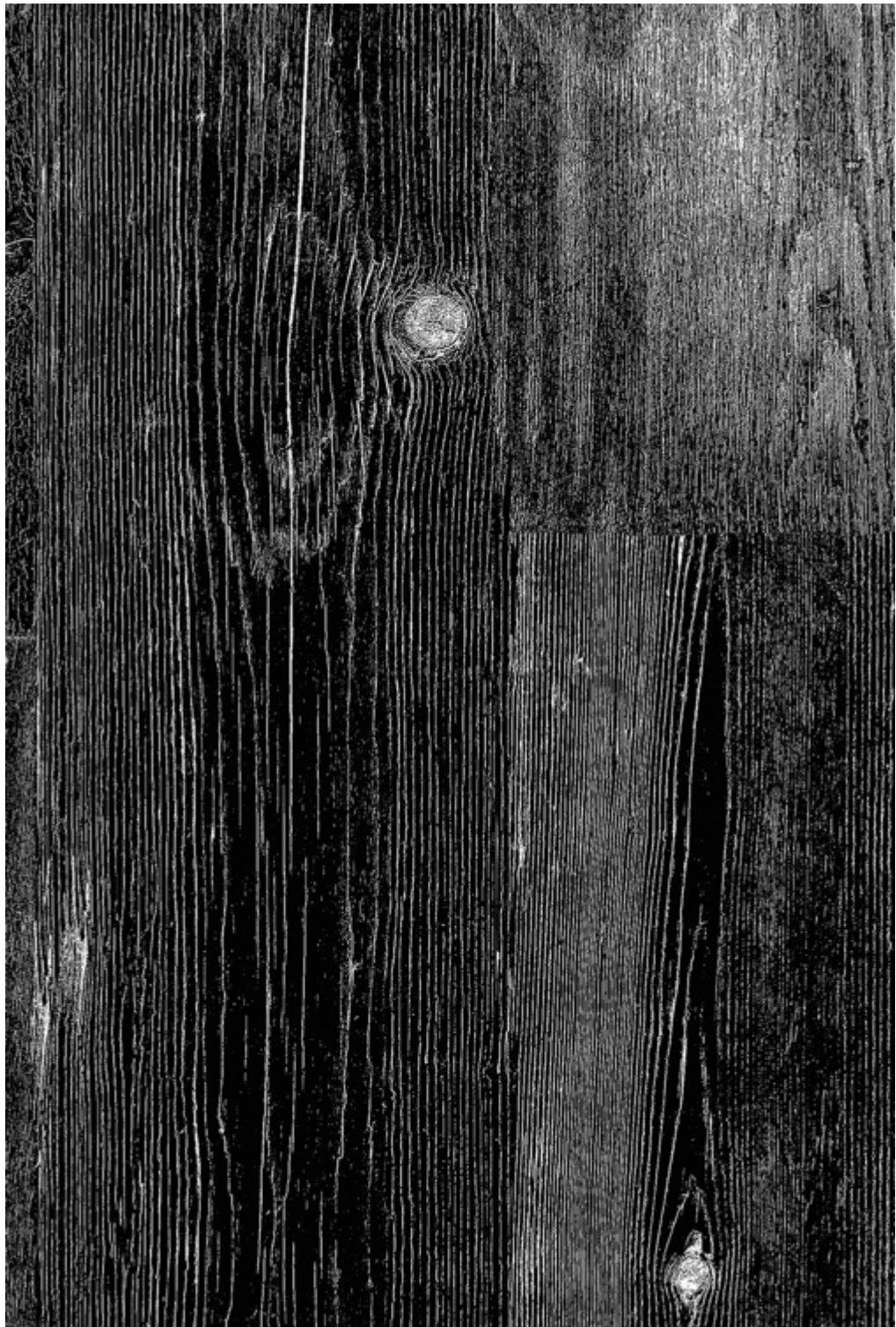
Escuta.

Os vivos esperam para ver no que vai dar porque eles se iludem achando que têm tempo. Os mortos veem e esperam. Perguntei uma vez à minha professora da Escola Dominical: se o paraíso é o lugar onde existe a vida eterna, e o inferno é o oposto do paraíso, o que é o inferno? Um lugar para diabinhos como você, ela respondeu. Ela ainda está viva. Eu a vejo na Casa de Repouso Eventide, ficando cada vez mais velha e cada vez mais esclerosada, sem saber o próprio nome e falando numa voz tão baixa que ninguém consegue ouvir ela dizendo que tem medo toda vez que anoitece, porque é quando os ratos vêm comer os dedos bons dos pés dela. Mas eu vejo muito mais do que isso. Olhe com bastante atenção, ou talvez simplesmente para a esquerda, e você vai ver um país exatamente igual ao que era quando eu parti. As coisas não mudaram. Sempre que eu vejo as pessoas, elas estão do mesmo jeito que estavam quando eu parti; envelhecer não fez a menor diferença.

O homem que era o pai de uma nação, e que foi, para mim, mais pai do que o meu próprio pai, chorou feito uma viúva pega de surpresa quando soube que eu tinha morrido. Você nunca sabe de que modo os sonhos das pessoas se depositam em você até que você se vá, e aí não resta nada a fazer além de ver as pessoas morrerem de maneiras diferentes, devagar, órgão a órgão, sistema a sistema. Doenças do coração, diabetes, doenças que matam devagar, com nomes difíceis de dizer. Isso é o corpo se entregando à morte de um jeito impaciente, um pedaço por vez. Ele vai viver para ver as pessoas fazendo dele um herói nacional, e vai morrer como a única pessoa que acreditava que tinha fracassado. É isso que acontece quando você personifica suas esperanças e seus sonhos em uma pessoa. Ela acaba reduzida a um mero artifício literário.

Esta é uma história de vários assassinatos, de garotos que não significavam nada pra um mundo que nunca para de girar. Mesmo assim, cada um deles, quando passou por mim, trouxe consigo o aroma agri-doce do homem que me matou.

O primeiro grita até se esgoelar, mas o grito não passa por entre seus dentes porque eles o amordaçaram, e o tecido tem gosto de vômito e de pedra. E alguém amarrou firmemente as mãos dele às costas, mas elas pareciam estar soltas porque a pele tinha esfolado e o sangue lubrificava as cordas. Ele chuta com as duas pernas porque a direita está amarrada à esquerda, jogando terra um metro, um metro e meio para cima, e ele não consegue ficar de pé porque está chovendo lama e terra e poeira e pedra. Uma pedra acerta o nariz dele e outra bate em seu olho, e tem alguma coisa entrando em erupção, e ele grita, mas o grito vai até os lábios e volta como se fosse refluxo, e é a lama de uma enchente, e o nível da água sobe e sobe e ele não consegue mais ver os próprios pés. Então ele acorda e ainda está morto, mas não quer me dizer o seu nome.



ORIGINAL ROCKERS

2 de dezembro de 1976

BAM-BAM

Sei que eu tinha quatorze anos. Disso eu sei. Também sei que muita gente fala muita coisa, especialmente o americano, que nunca cala a boca, e sempre começa a rir quando fala de você, e é meio estranho como ele fala o teu nome junto com os nomes de umas pessoas que a gente nunca ouviu falar, tipo Allende Lumumba, que parece mais o nome do país de onde veio o Kunta Kinte. O americano passa a maior parte do tempo escondido atrás dos óculos escuros, como se fosse um padre dos Estados Unidos que veio aqui trocar ideia com os pretos. Ele e o cubano às vezes vêm juntos, às vezes separados, e quando um fala o outro sempre fica quieto. O cubano não mexe com arma porque, como ele diz, as armas sempre precisam que a gente precise delas.

E sei que eu dormia numa caminha de armar e que minha mãe era uma vadia e meu pai o último mocinho que tinha sobrado na favela. E sei que a gente ficou vários dias de olho no teu casarão na Hope Road, e lá pelas tantas tu veio trocar uma ideia com a gente como se tu fosse Jesus e a gente fosse Judas e tu fez um gesto com a cabeça que nem quem diz vai em frente e faz aí o que tu tem que fazer. Mas não consigo lembrar se fui eu que te vi ou se foi alguém que me disse que te viu e aí eu fiquei achando que te vi também, tu saindo na varanda dos fundos, comendo uma fatia de fruta-pão, e ela aparecendo do nada, como se tivesse altos lances pra tratar na rua àquela hora da noite, e ficou paralisada, totalmente chocada que tu tava pelado, e aí ela tentou pegar na tua fruta porque ela queria provar e, mesmo com todo esse papo de que Rasta não curte mulher fácil, cês começaram a trepar a todo volume, e eu saí

contando pra geral mesmo sem ter visto nem ouvido nada, e aí tu vai lá e ainda escreve uma música sobre tudo isso. O moleque de “Concrete Jungle” veio naquela mesma lambretinha verde de mulherzinha quatro dias seguidos, às oito da manhã e às quatro da tarde, pra buscar o envelope marrom até que a nova equipe de segurança começou a não deixar. A gente também tá ligado nesse lance.

Em Eight Lanes e em Copenhagen City tudo que tu pode fazer é observar. O papo mole no rádio diz que o crime e a violência tão tomando conta do país, e se as coisas algum dia vão mudar, nós vamos ter que esperar pra ver. Mas tudo que a gente pode fazer aqui em Eight Lanes é ver e esperar. Eu vejo a água cheia de merda correndo pelas ruas, e eu espero. Eu vejo a minha mãe aceitar dois caras por vinte dólares cada e mais um que paga vinte e cinco pra gozar dentro, e eu espero. Eu vejo meu pai ficar de saco tão cheio que bate nela como se ela fosse um cachorro. Eu vejo o zinco no teto ficando marrom de ferrugem, e a chuva abrindo buracos nele como se fosse um queijo gringo, e eu vejo sete pessoas num quarto, e uma delas tá grávida, e outras trepam ali mesmo porque são tão pobres que não podem nem se dar o luxo de sentir vergonha. E eu espero.

E o quartinho vai ficando cada vez menor, e mais irmãos e irmãs e primas e primos vêm do continente, e a cidade vai ficando cada vez maior e não tem nenhum lugar pra dançar ou pra curtir um som nem uma carcaça de frango pra fazer um curry, e mesmo quando tem custa caro, e aquela garotinha levou uma facada porque eles sabiam que ela ganhava o dinheiro da merenda na terça-feira, e moleques como eu vão crescendo sem ir muito à escola, e não conseguem ler a cartilha escolar mas conseguem ler Coca-Cola, e tudo que eles querem é entrar num estúdio e gravar uma música e sair por aí cantando *bits* e dançando pra bem longe da favela, mas Copenhagen City e Eight Lanes são muito grandes e toda

vez que você chega no limite, o limite anda um pouco mais pra frente que nem uma sombra, até que o mundo inteiro seja a favela. E você espera.

Eu te vejo esperando morto de fome e sei que foi só uma questão de sorte, você de bobeira pelo estúdio e o Desmond Dekker dizendo pro maluco te dar uma chance, e ele te dá uma chance porque ouviu a fome na tua voz antes mesmo de você cantar. Tu grava uma música, mas não um *hit*, porque mesmo naquela época era uma música bonita demais pra favela, onde todo mundo já abandonou a ilusão de que a beleza pode facilitar a vida de alguém. A gente vê você na viração tentando de tudo pra fazer sucesso, e a gente quer te ver no chão. E que bom que você não é bandido, apesar da tua pinta de picareta.

E quando tu se bandeou pra Delaware e depois voltou, tu tentou cantar *ska*, mas o *ska* já tinha trocado os barracos da favela pelos casarões da cidade alta. O *ska* tinha pegado o avião pra mostrar pros brancos que ele era que nem o *twist*. Talvez isso tenha deixado os sírios e os libaneses cheios de orgulho, mas quando a gente viu os caras do *ska* no jornal fazendo pose com a aeromoça, a gente não ficou nem um pouco orgulhoso, a gente ficou foi puto. Tu fez outra música, dessa vez um *hit*. Mas um *hit* não te tira da favela, não quando você está gravando esses *hits* prum vampiro. Um *hit* não vai te transformar na Skeeter Davis ou naquele maluco que canta no *Gunfighter Ballads*.

Minha mãe largou de mim assim que o moleque aqui saiu de dentro dela. O pastor sempre fala que existe um vazio na forma de Deus na vida de todo mundo, mas a única coisa que as pessoas que vivem na favela podem usar para preencher esse vazio é mais vazio. Mil novecentos e setenta e dois não tem nada a ver com 1962, e as pessoas ainda estão sussurrando porque nunca puderam gritar quando Artie Jennings morreu de repente, levando o sonho junto com ele. Que sonho é que eu não sei. As pessoas são idiotas. O sonho não foi pra nenhum lugar, as pessoas não conseguem nem identificar um pesadelo mesmo quando estão bem no

meio dele. Mais gente começou a vir pra favela porque Delroy Wilson cantou “Better Must Come”, e o cara que se tornaria primeiro-ministro cantou também. “O melhor está por vir”. Homens que parecem ser brancos mas falam feio que nem crioulo quando precisam, cantando “O melhor está por vir”. Mulheres que se vestem que nem a Rainha, que nunca tinham nem pensado na favela até que ela fosse inchando até explodir por cima de toda Kingston, cantando “O melhor está por vir”.

Mas o pior vem antes.

A gente vê e a gente espera. Dois caras trazem armas pra favela. Um deles me mostra como usar. Mas na favela a gente se matava muito antes disso. Com qualquer coisa que a gente pudesse encontrar: porrete, faca, facão, furador de gelo, garrafa de refrigerante. Se matava por comida. Se matava por grana. Às vezes um maluco morre porque olhou pro outro maluco de um jeito que ele não gostou. Assassinatos não precisam de motivos. Isso aqui é a favela. Motivo é pra gente rica. Aqui é loucura.

Loucura é estar andando numa dessas ruas boas na cidade baixa e ver uma mulher vestindo roupa nova, de marca, e a primeira coisa que tu pensa é em ir pra cima dela e roubar aquela bolsa, sabendo que não é o dinheiro nem a bolsa que a gente quer, mas o grito que ela dá quando te vê bem na frente daquele rostinho lindo, e você podia muito bem tirar o sorriso daquela cara a tapa e podia muito bem acabar com aquela alegria com um soco no olho, e matar ela ali mesmo, e estuprar ela antes ou depois, porque é isso que bandidos que nem nós fazem com mulheres decentes que nem ela. Loucura é seguir um homem de terno pela King Street, onde gente pobre nunca vai, e ficar olhando quando ele joga fora um sanduíche, de frango, tu sente o cheiro e fica pensando como é que pode ter gente tão rica que usa frango pra fazer sanduíche, e tu passa pela lixeira e vê, ainda coberto no papel-alumínio, ainda fresco, não marrom igual ao resto do lixo, e ainda sem nenhuma mosca em cima, e tu pensa talvez, e tu pensa sim, e tu pensa que precisa fazer aquilo, só pra saber

como é o gosto da galinha que não vem junto com osso. Mas tu diz pra si mesmo não, tu não é louco, e não é que tu tá louco da cabeça, tu tá louco é de raiva, porque tu sabe que o maluco jogou o troço fora na tua frente só pra tu ver. E aí cê prometeu pra tu mesmo que um dia o bandidão aqui ia começar a andar de faca, e na próxima vez que encontrasse esse maluco, ia pular em cima dele e encher o peito dele de facada.

Mas ele sabe que um moleque que nem eu não pode andar muito tempo pela cidade baixa sem tomar uma dura da Babilônia. A polícia só precisa ver que eu tô descalço pra sair gritando seu crioulo cu cagado nojento, que porra você tá fazendo no meio dessa gente decente, e me dar duas opções. Correr e ser perseguido até uma dessas ruazinhas que cortam a cidade pra que ele possa me dar um tiro em privacidade. Tem bala de sobra no pente pra pelo menos uma acertar. Ou ficar parado e levar uma surra na frente daquela gente decente, ele usando o cassetete pra quebrar meus dentes e acertar a lateral da minha cabeça de um jeito que eu nunca mais vou conseguir ouvir direito com aquele ouvido, e me dizendo que aquilo era pra me ensinar uma lição, pra que eu nunca mais me atrevesse a arrastar minha carcaça fedida de favelado pelo meio da cidade. E eu vi, e eu esperei.

Só que aí tu volta, mesmo que ninguém tivesse se dado conta de que tu tinha ido embora. A patroa quer saber por que tu voltou dos Estados Unidos se tem tanta coisa boa por lá, tipo arroz da Uncle Ben's. A gente ficou se perguntando se tu tinha ido até lá pra gravar uns *hits*. Alguns de nós ficaram te olhando andar pela favela que nem um peixe pequeno nadando num rio grande. Antes eu não tinha me ligado, mas agora eu entendi a tua jogada, como tu ficou parceiro do pistoleiro da área, daquele Rasta que tinha aquele sonzão, e daquele ladrão e daquele bandido e até do meu pai, pra que geral te conhecesse o suficiente pra gostar de você, mas não pra querer te recrutar. Tu canta sobre qualquer coisa pra emplacar um *hit*, até uns troços que só tu conhece e que ninguém dá a

mínima. Gravou “And I Love Her” porque o Prince Buster tinha gravado um *cover* de “You Won’t See Me”, e pra ele foi um *hit*. Tu vai usando o que tem, até uma melodia que não é tua, e canta bem alto, e por muito tempo, e vai cantando até sair da favela. Em 1971, tu já tá na tevê. Em 1971, eu dou meu primeiro tiro.

Eu tinha dez anos.

Na favela, a vida não vale nada. Aqui, matar um moleque não significa nada. Eu lembro a última vez que meu pai tentou me salvar. Ele tinha voltado correndo da fábrica, eu lembro porque minha cabeça dava na altura do peito dele quando a gente ficava de pé, e ele tava respirando de boca aberta, que nem um cachorro. Passamos o resto da noite dentro de casa, ajoelhados no chão. É um jogo, ele disse, muito alto e muito rápido. Quem ficar de pé primeiro perde, ele disse. Então eu fico em pé porque eu tenho dez anos e já sou crescido e tô de saco cheio daquele jogo, mas ele dá um grito, me derruba e dá um soco no meu peito. E eu tusso e dói tanto pra respirar que eu quero chorar, e eu quero muito odiar esse cara, mas a primeira passa voando como se fosse uma pedrinha e quica na parede. E depois mais uma e mais uma. Daí elas entram rasgando bem pelo meio da parede *pá-pá-pá-pá-pá-pá* menos a última bala, que acerta uma panela em cheio fazendo um *plim*, e depois mais seis, sete, dez, vinte entram pela parede fazendo *tchuctchuctchuctchuctchuctchuctchuc*. E ele me puxa e tenta tapar meus ouvidos, mas ele me puxa com tanta força que nem percebe que tá enfiando o dedo no meu olho. E eu escuto as balas e o *pá-pá-pá-pá-pá-pá* e o *vuuuush-buuuum* e sinto o chão tremer. E daí mulher grita, e homem grita, e criança grita, daquele jeito que parece que alguém vai morrer, quando você consegue ouvir o grito ficando preso no meio do sangue que vinha subindo pela garganta até a boca e virando um gargarejo, um engasgo. E ele me segura no chão, e tapa minha boca, e eu quero morder a mão dele, então eu mordo porque ela também tá tapando meu nariz e por favor, pai, não me mata, mas ele está tremendo e eu fico

pensando se é a tremedeira da morte, e daí o chão treme de novo, e o som de pés, um monte de pés, homens correndo e passando e passando e correndo e rindo e gritando e berrando aquele cara da Eight Lanes vai morrer. E o papai me prensou no chão, me protegendo com seu corpo, mas ele era tão pesado, e meu nariz tava doendo, e ele tinha cheiro de motor de carro, e o joelho dele ou alguma outra coisa tava machucando as minhas costas, e o chão tinha um gosto amargo, e eu sabia que era por causa da cera vermelha do piso, e eu queria que ele saísse de cima de mim, e eu odiava ele, e o som de tudo chegava abafado, como se minha cabeça estivesse enrolada num monte de meias-calças. E quando ele finalmente saiu de cima de mim, as pessoas lá fora tavam gritando, e não tinha mais nenhum *pá-pá-pá-pá-pá-pá* nem *vuuuush-buuum*, mas ele tava chorando, e eu odiava ele.

Dois dias depois minha mãe voltou rindo, porque ela sabia que seu vestido novo era a única coisa bonita naquela merda daquela favela, e ele viu ela, porque ele não foi trabalhar, porque ninguém tava se sentindo seguro pra andar na rua, e ele foi direto nela, e segurou ela e disse sua piranha de merda, tu acha que eu não tô sentindo esse cheiro de porra de outro homem? Ele pegou ela pelos cabelos e deu um soco na barriga dela, e ela gritou que ele não era homem, e que não conseguia foder nem uma pulga, e ele disse ah, você quer que eu te foda? E ele disse deixa eu achar um pau do tamanho que você gosta e foi puxando ela pelo cabelo e arrastando ela pela sala e eu assistia tudo aquilo embaixo das cobertas onde ele tinha me escondido do homem mau que podia vir de noite, e ele pegou um cabo de vassoura e encheu ela de porrada dos pés à cabeça e de frente e de costas e ela gritou até se esgoelar e depois começou a gemer e ele dizia você quer um pau grande, eu vou te dar um pau grande, sua piranha, vagabunda, vadia, filha duma puta de merda, e ele pegou o cabo de vassoura e abriu as pernas dela aos chutes. Ele expulsou ela de casa e jogou as roupas dela em cima dela, e eu fiquei achando que aquela era a

última vez que eu ia ver a minha mãe, mas ela voltou no dia seguinte, com outros três caras, toda enfaixada, que nem a múmia do filme que tava passando no Rialto Cinema por trinta centavos.

Eles, os três, pegaram meu pai, mas meu pai começou a brigar com eles, brigar que nem homem, até deu uns socos neles que nem o John Wayne num filme, que nem um homem de verdade deveria brigar. Mas ele era um só, e eles eram três, e logo viraram quatro. E o quarto homem só veio depois que eles já tinham deixado meu pai todo esmagado que nem um tomate, e ele disse meu nome é Funnyboy, em breve eu vou ser o próximo *Don*, mas você sabe qual é o seu nome? Sabe qual é o seu nome? Tô perguntando se você sabe qual é o seu nome, seu arrombado. E a minha mãe riu, mas a risada saiu mais como se fosse uma tosse, e o Funnyboy disse tu acha que tu é o cara porque tu trabalha na fábrica? Sou eu quem te deixa trabalhar na fábrica e eu posso tirar isso de você, seu arrombado. Tu sabe qual é o teu nome, seu arrombado? Teu nome é cagoete. E ele mandou geral sair fora.

E tu sabe por que eles me chamam de Funnyboy? Por que eu não brinco em serviço, ele disse.

Mesmo no escuro, Funnyboy era mais claro do que todos os outros, mas a pele dele tava sempre vermelha, como se o sangue sempre estivesse ali, bem debaixo da pele, ou como os brancos que ficam muito tempo no sol, e os olhos dele eram cinza, que nem de um gato. E o Funnyboy diz pro meu pai que ele vai morrer agora, naquele momento, mas que se ele fizer um agradinho, ele pode viver livre igual aquele leão do filme *Born Free*, desde que se mandasse da favela. E ele disse só tem um jeito de tu continuar vivo, e ele disse outras coisas, e daí abriu o zíper e puxou pra fora e disse tu quer continuar vivo? Tu quer continuar vivo? E o meu pai queria continuar vivo, e o meu pai cuspiu, e o Funnyboy encostou a arma perto da orelha do meu pai. E ele ficou falando pro meu pai do interior, dos lugares pra onde ele podia ir, e disse que ele podia levar seu bacuri, e

quando ele disse isso eu tremi, mas ninguém sabia que eu tava embaixo das cobertas. E ele disse tu quer continuar vivo? Tu quer continuar vivo? Várias e várias vezes, que nem uma garotinha irritante, e ele esfregou o cano da arma nos lábios do meu pai, e meu pai abriu a boca, e Funnyboy disse se tu morder a cabeça eu vou te dar um tiro no pescoço pra você se ouvir morrendo, e ele enfiou na boca do meu pai e disse é melhor tu lamber, já que tá chupando que nem um peixe morto. E ele gemeu e gemeu e gemeu e fodeu a cabeça do meu pai e então ele tirou o pau lá de dentro e segurou bem a cabeça do meu pai e deu um tiro nela. *Pá*. Não era um tiro igual num filme de caubói, e não era como quando o Harry Callahan atirava, era só um tremendo *pá*, bem seco, que estremeceu a sala. O sangue espirrou na parede. Meu grito de susto e o tiro fizeram barulho ao mesmo tempo, então ninguém percebeu que eu tava ali durinho embaixo das cobertas.

Minha mãe entra rápido em casa e começa a gargalhar e a chutar meu pai, e o Funnyboy vai até ela e dá um tiro na cara dela. Ela cai bem em cima de mim, então quando ele diz encontrem o pivete eles procuram por toda parte, menos debaixo da minha mãe. O Funnyboy diz quem diria que aquele viadinho ia pedir pra chupar meu pau que nem se fosse uma buceta pra me fazer um agradinho se eu deixasse ele viver? Pervertido do caralho, veio com tudo e pegou no meu pau duro. Quem diria, ele dizia para os homens que tavam me procurando, mas minha mãe tava em cima de mim, com os dedos bem na frente da minha cara, e eu ali, naquela gaiola, olhando entre os dedos dela, sem chorar, enquanto o Funnyboy continuava falando que ele sabia que o meu pai era viado, só podia ser viado, devia ser por isso que a mulher dele era vadia daquele jeito, mas também se não fosse assim, como é que ela ia apagar o fogo daquela xereca, e então ele disse não falem nada pro Shotta Sherrif.

A casa ficou em silêncio. Tirei minha mãe de cima de mim e fiquei feliz porque tava escuro, mas não podia sair dali porque eles podiam me pegar,

então eu fiquei vendo e esperei. Assim como esperei meu pai sentado no chão perto da porta, e ele se levantou e veio até mim e me disse que o inglês é a melhor coisa que você pode aprender na escola, porque mesmo que você vá trabalhar de encanador, ninguém vai te dar um emprego se você falar tudo errado, e falar direito é a coisa mais importante que existe, mais importante até do que aprender uma profissão. E disse que um homem deveria aprender a cozinhar, mesmo que aquilo fosse coisa de mulher, e ficou falando e falando e falando pra caramba, como ele sempre falava pra caramba, e às vezes ele falava tão alto que eu ficava pensando se ele queria que os vizinhos também escutassem e aprendessem com ele, mas não, ele ainda tava ali no chão, e tava me dizendo pra fugir, pra fugir agora porque eles iam voltar, pra eu arrancar os Clarks dos pés dele e levar tudo mais que tivesse qualquer valor naquela casa, e eles iam revirar tudo procurando por dinheiro, embora ele tivesse colocado todo o dinheiro no banco. Ele tá caído na porta. Eu tiro os sapatos dele, mas vejo sua cabeça e vomito.

Os Clarks ficam grandes e eu vou *clopclopclop* até os fundos da casa, e não tem nada lá fora além de mato e trilhos de trem, e eu tropeço na desgraçada da minha mãe, e ela se contorce como se tivesse viva, mas não está. Eu subo na janela e pulo. Os Clarks ficam grandes pra correr, então eu tiro e saio correndo no meio do mato e dos cacos de vidro, e por umas partes molhadas, e umas partes secas, e umas fogueiras ainda não extintas, e a ferrovia desativada me leva pra fora de Eight Lanes, e eu corro e corro e me escondo no meio de um espinheiro até que o céu fica laranja, depois rosa, depois cinza, e então o sol se apaga e uma lua bem gorda nasce. Quando eu vejo passarem três caminhões cheios de homens dentro, eu corro até chegar no Lixão, nada além de lixo, detritos e dejetos numa extensão de quilômetros. Nada além das coisas que o povo da cidade alta joga fora, colinas e vales de lixo, dunas que nem num deserto, e uns troços queimando por toda parte, e eu continuo correndo, e eu não paro até

chegar de novo numa favela, daí eu vejo uma rua fechada por uma caminhonete, e eu passo por baixo da caminhonete, e eu estou correndo até agora, e um homem berra e uma mulher grita, e a casa deles é diferente, menor, mais apertada, e eu sigo correndo, e um homem aparece com uma metralhadora, mas a mulher grita ele é só um menino e ele tá sangrando, e eu tropeço em alguma coisa e caio e começo a berrar bem alto, e dois homens vêm pra cima de mim e um me aponta uma arma e eu agora tô roncando que nem meu pai fazia quando dormia, e o homem com a arma chega mais perto e grita de onde tu é? Tô sentindo o cheiro daqueles viadinhos de Eight Lanes, e o outro homem diz o pivete tá coberto de sangue, e o outro homem diz e se eu te meter uma bala, pivete? E eu nem consigo falar nada, só digo que o Clarks é um bom sapato, o Clarks é um bom sapa... e o cara com a arma faz um clique e alguém grita porra, Josey Wales, como tu gosta de meter bala!, e já sai dizendo que nem tudo se resolve na base do *bam-bam*, e os dois homens se afastam de mim, mas muitas outras pessoas me cercam, incluindo mulheres. Depois a multidão se abre que nem Moisés fez com o Mar Vermelho, e ele vem caminhando na minha direção, e para.

O Shotta Sherrif tá matando os dele agora? Ele não tá ligado que tá difícil encontrar homens de verdade?, ele diz. Deve ter alguma coisa a ver com o controle de natalidade de Eight Lanes. Todos riem. Eu digo mamãe e papai e não consigo dizer mais nada, mas ele acena com a cabeça, me entendendo. Você quer se vingar matando eles?, ele diz, e eu quero dizer sim pelo meu pai, mas não pela minha mãe, mas eu só consigo dizer s-s-s-s e balanço minha cabeça com força como se eu tivesse acabado de levar uma pancada e não conseguisse falar. Ele diz logo mais, logo mais, e chama uma mulher, e ela tenta me pegar no colo, mas eu me abraço aos meus Clarks e o homem ri. Ele é um homem grande, e está vestindo uma regata branca de redinha que brilha com a luz dos postes, iluminando seu rosto, quase todo escondido atrás de uma barba, mas não seus olhos, que

são grandes e parecem brilhar também, e ele sorri tanto que você nem nota como seus lábios são grossos e nem percebe quando ele para de sorrir e suas bochechas desabam, a barba forma um V no seu rosto, e os olhos dele o encaram friamente. O homem diz vamos mostrar pra eles que aqui em Copenhagen City nós não somos animais, depois ele olha pra mim como se pudesse falar sem dizer uma só palavra, e eu sei que ele tava vendo em mim alguma coisa que podia usar. Ele diz tragam água de coco pra esse moleque e a mulher diz sim, Papa-Lo.

E dali em diante eu vou vivendo em Copenhagen City e eu vejo Eight Lanes e fico esperando o tempo passar. E eu vejo os malucos em Copenhagen City primeiro só com umas faquinhas, depois com revólver de caubói, depois uma M16, depois uma arma tão pesada que o cara mal consegue carregar sozinho, e daí eu faço doze anos, ou, pelo menos, é o que acho, já que Papa-Lo decidiu que o meu aniversário é no dia que ele me achou, e ele também me deu uma arma e começou a me chamar de Bam-Bam. E eu vou até o Lixão com outro moleque pra aprender a atirar, mas o coice da arma me derruba, e ele ri e me chama de arrombadinho, e eu digo que foi disso que chamei a mãe dele ontem à noite quando tava comendo ela, e eles riem, e um outro maluco, o maluco chamado Josey Wales, põe a arma na minha mão e me ensina a mirar. Eu cresci em Copenhagen City e vi as armas mudando e sei que elas não são vindo do Papa-Lo. Elas são vindo dos dois homens que levam armas pra favela, e do homem que me ensinou a usar elas.

A gente, o sírio, o americano e o Doctor Love, todos no pátio do barraquinho que fica de frente pro mar.

BARRY DIFLORIO

Só tem um letreiro pendurado lá fora, mas ele é tão grande que mesmo aqui de dentro dá para ver as curvas amarelas do logotipo se projetando para fora do telhado. É tão enorme que está fadado a desmoronar em algum momento, provavelmente quando um monte de crianças tiver invadido o lugar num dia que a escola os liberar mais cedo. Daí esse garoto, saca, ele vai se aproximar do prédio bem quando aquele letreiro enorme começar a ruir, e ele nem vai ouvir nada porque a barriguinha dele vai estar roncando muito alto, e quando ele começar a empurrar a porta para entrar, tudo vai desabar em cima dele. Coitado do fantasma desse garoto, ele vai xingar pra caralho que nem um marinheiro quando ficar sabendo o que o atingiu: King Burger, a casa do Whamperer.

Tem também um McDonald's mais lá pra baixo, na Halfway Tree Road. O letreiro é azul e as pessoas que trabalham lá juram que o Sr. McDonald em pessoa fica na sala dos fundos. Mas eu estou no King Burger, a casa do Whamperer. Ninguém aqui nunca ouviu falar do Burger King. Lá dentro, as cadeiras são de plástico e amarelas, as mesas são de fibra de vidro e vermelhas, e o cardápio parece ter sido escrito com aquelas letras que usam no cinema para dizer *em breve*. O lugar nunca está cheio às três da tarde, que é o motivo pelo qual eu venho aqui, claro. Gente aglomerada sempre me dá nos nervos; você só precisa de um empurrãozinho para que um grupo de pessoas se transforme numa multidão enfurecida. Fico me perguntando se é por isso que tudo tem grade por aqui. Estou na Jamaica desde janeiro.

Tem uma placa atrás da menina do caixa dizendo que se o seu hambúrguer não ficar pronto em quinze minutos você não precisa pagar. Há dois dias, quando bati no meu relógio assim que deu dezesseis minutos, ela disse que aquilo só valia para os cheesebúrgueres. Ontem, quando meu cheesebúrguer atrasou, ela disse que aquilo só valia para sanduíches de frango. Coitada, desse jeito vai acabar ficando sem sanduíche pra culpar. Mas ninguém vem aqui. Uma das merdas que eu mais odeio nos meus compatriotas americanos é que eles, sempre que vão para qualquer outro país, saem atrás do mais próximo dos Estados Unidos que conseguem encontrar, nem que seja comida tosca numa lanchonete ruim. Sally, que está aqui desde o governo Johnson, nunca comeu ackee com bacalhau, apesar de eu provavelmente ter sido a milionésima pessoa a dizer baby, é tipo ovos mexidos, só que melhor. Meus filhos amam. Minha esposa adoraria que eles tivessem carne enlatada ou molho pronto por aqui, mas, se você espera encontrar essas coisas no supermercado, boa sorte. Aliás, boa sorte se espera encontrar qualquer coisa.

A primeira vez que eu comi um jerk de frango, um cara no cruzamento da Constant Spring Road com alguma outra rua veio até o meu carro e gritou patrão, o senhor já comeu jerk de frango?, antes de eu conseguir encontrar a manivela quebrada para levantar a janela. Ele era alto e magrelo, estava vestindo uma regata branca, tinha um black power enorme, dentes que reluziam e músculos que reluziam, músculos demais para um garoto, mas o cara, na verdade o menino, rescendia a pimenta da Jamaica, então eu saí do carro e acompanhei o moleque até o seu estabelecimento comercial, um barraquinho de madeira com teto de zinco, cada tábuia de uma cor, azul, verde, amarela, laranja e vermelha. O cara pegou um facão grande pra cacete, o maior que eu já vi na vida, e decepou um pedaço de uma coxa de galinha como se estivesse cortando manteiga morna. Ele me deu o pedaço de galinha, e eu estava prestes a comê-lo quando ele fechou os olhos e fez que não com a cabeça. Bem

desse jeito: firme, sereno e definitivo. Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ele apontou para um pote de vidro enorme, meio translúcido, com uma cara de que já estava ali há muito tempo. Bom, se tem uma coisa que eu sou é corajoso. Minha mulher diria que eu sou maluco. Era um tremendo pote de molho de pimenta caseiro. Mergulhei a galinha lá dentro e enfiei o pedaço inteiro na boca. Sabe quando no desenho do Papa-Léguas a bomba do Coiote explode bem na hora em que ele a engole e começa a sair fumaça pelos ouvidos e pelo nariz dele? Ou aquela idiotice que você pensa na primeira vez em que vai experimentar um sushi, ora, mas é claro que eu consigo comer uma colherada inteira de raiz forte? Esse era eu. Acho que o cara não imaginava que um branco podia apresentar todos aqueles tons de vermelho. Pisquei uma lágrima e soluzei por pelo menos um minuto. Era como se alguém tivesse enchido minha boca de açúcar e gasolina, acendido um fósforo e puf. Putamerdacaralhoputaquepariufilhodaputacaralhomerdacaralhocaralhoquemerda!, eu me lembro de gritar.

Perguntei pra menina do caixa do King Burger se eles já tinham pensado em fazer um hambúrguer de jerk. Comida de favela?, ela disse, desprezando a minha sugestão daquele jeito que as mulheres jamaicanas fazem, fechando os olhos, erguendo o queixo e dando as costas. Estou aqui quase todos os dias e essa menina também. Ela pergunta posso anotar seu pedido? Um cheesebúrguer. Gostaria de uma limonada ou de um milk-shake para acompanhar? Não, só um refrigerante de uva. Mais alguma coisa? Não. O Whamperer é igual a um Whopper, tirando o gosto. Até a alface sabe que podia fazer melhor que aquilo, toda molhada e amarga naquele cheesebúrguer que eu pedia todos os dias só de sacanagem, para poder chegar em casa e dizer para os meus filhos sabem o que eu comi hoje? O papai comeu um Whamperer, só para eles ficarem achando que o pai deles estava gaguejando.

O sol pula do barco e a noite vem chegando. O que este país precisa é de uma boa discoteca. Atualmente, mudar de país a cada três ou cinco anos é a única coisa que me impede de ficar louco. Mas ninguém chega ao topo da Companhia sem ficar um pouco maluco. Algumas das maiores maluquices que eu já ouvi na vida foram ditas pelo meu antigo chefe, muito antes de ele ser acometido por um quadro sério de consciência. O filho dele está aqui, veio no voo DC301, de Nova York. Ele já está aqui há três dias e não tem a menor ideia de que eu sei que ele está aqui. Não que ele me conheça nem nada, o pai dele jamais sequer cogitou fazer um Dia de Levar o Filho ao Trabalho lá no escritório. Não é exatamente segredo o motivo de ele estar aqui, mas quando o filho do antigo cabeça da Companhia aparece de repente na Jamaica, até mesmo um cara que está bem informado começa a se perguntar se não deixou passar alguma coisa.

Dizem por aí que ele é cineasta, ou um desses garotos riquinhos que têm dinheiro suficiente para comprar sua própria câmera. Ele veio junto com um monte de fotógrafos e pessoas do cinema por causa do show pela paz daquele cantor de reggae, que atualmente anda mais famoso que pão de forma. Estão esperando que seja um troço grande, e embora eu só esteja aqui desde janeiro, até eu sei que o país está mesmo precisando de algum tipo de pacificação. Ela não vai vir daquele cara no gabinete do primeiro-ministro, mas tem que vir de algum lugar. Então, o famoso cantor de reggae vai tocar num show que está sendo organizado pelo partido do primeiro-ministro, o que quase faz do famoso cantor de reggae um suspeito. A embaixada recebeu a informação de que a Roberta Flack está vindo pra cá, e que o Mick Jagger e o Keith Richards já estão aqui. A porra dos Rolling Stones.

Não, eu não escuto o famoso cantor de reggae. Reggae é monótono e chato, e o baterista deve ter o trabalho mais fácil do mundo depois da caixa do King Burger. Eu sou mais o *ska*, sou mais o Desmond Dekker. Só ontem eu fui perguntar para a menina do caixa do King Burger se ela

gostava de “Ob-La-Di, Ob-La-Da”, e ela me olhou como se eu tivesse acabado de perguntar se ela podia me arrumar um pouco de heroína. Conheço não, ela disse. Eu falei então o que você escuta? O que toca nessas festinhas? Ela disse Big Youth e Mighty Diamonds. Eu disse sim, os Mighty Diamonds e o Big Youth são legais e tal, mas puta que pariu, algum deles já foi citado na porra duma letra dos Beatles que nem o Desmond Dekker? E ela por favor, senhor, olha o seu linguajar, respeitamos as leis neste estabelecimento.

Como é que se constrói um acidente? Ninguém é indispensável na Companhia, mas às vezes eu me pergunto por que eles simplesmente não chamam outra pessoa? Pelo menos não me botaram para fazer trabalho de base em Montevideu. Aquilo lá é uma confusão dos infernos. Mas eu gosto de ter um trabalho sobre o qual não posso falar. Fica mais fácil pra esconder os outros segredos. Minha esposa finalmente aceitou o fato de que enquanto estivermos casados haverá certas coisas que ela jamais saberá, e ela vai ter que se acostumar com isso assim como todas as outras esposas. Ficar sabendo de duas coisas a cada quatro que acontecem. Cinco de cada dez viagens. Uma de cada cinco mortes. Não sei se ela sabe exatamente o que eu faço. Pelo menos é essa a história que estou contando nesta semana. Estou na Jamaica e praticamente tudo está correndo de acordo com o planejado, o que é uma maneira idiota de dizer que as coisas estão acontecendo de um modo tão tranquilo e previsível que chega a ser meio chato trabalhar aqui. Sem nenhuma surpresa, os jamaicanos tendem a reagir exatamente do jeito que você imagina que eles vão reagir. Talvez isso seja estimulante para algumas pessoas, ou talvez seja apenas um alívio.

Então lá atrás, quando eu mencionei aquele cara do jerk de frango, aquilo aconteceu em maio, e eu não estava naquele lugar porque de repente me deu vontade de experimentar o verdadeiro sabor da Jamaica. Eu estava seguindo um cara quatro carros à minha frente. Uma pessoa

muito suspeita que um motorista havia pegado no Constant Spring Hotel. Primeiro eu pensei que eu tinha sido enviado até lá para segui-lo, só pra depois acabar descobrindo que era ele quem estava me seguindo. Ele também trabalhava pra Companhia até ter um caso terminal de consciência. É isso o que acontece quando os mandachugas insistem em recrutar uns refugos da Ivy League, uns maricas universitários, uns Kim Philbys americanos loucos pra sair do armário ou, no mínimo, pra fugir do frio. Quando eu descobri que ele estava na Jamaica, ele já tinha descoberto que eu estava aqui. Não estou exatamente disfarçado aqui — seria meio tarde pra isso. Dito isto, eu não podia deixar aquele cara abrir a boca e fazer um estrago que depois eu mesmo teria que consertar. É uma pena que eu não tivesse permissão pra agir. A Guerra Fria ainda nem acabou, mas já estou com saudades dela.

Bill Adler deixou a Companhia em 1969, e saiu de lá muito insatisfeito. Ele podia ser só um comunista esquerdinha contrariado, mas centenas desses caras ainda estão lá. Às vezes os bons são os piores, e os medíocres não passam de funcionários públicos com a habilidade de grampear telefones. Mas os bons acabam se transformando ou nele ou em mim. E ele, às vezes, era muito bom. Depois que ele terminou seu serviço no Equador, um trabalho de quatro anos que, me atrevo a dizer, foi realizado com brio, tudo o que eu precisei fazer foi me livrar dos destroços. Mas eu, é claro, preferiria lembrá-lo daquele episódio memorável em Tlatelolco. O chefe disse que eu estava inovando, mas eu estava apenas seguindo o manual de Adler. Um microfone no teto, igual ao que ele usou em Montevideú. De todo modo, ele deixou a CIA em 1969, sofrendo de uma aguda crise de consciência, e desde então vem criado problemas e pondo vidas em risco.

No ano passado ele lançou um livro, que não era muito bom, mas tinha lá suas bombas. Nós sabíamos que isso aconteceria, mas deixamos pra lá. Pensando bem, talvez suas informações defasadas provoquem uma

distração que pode acabar nos ajudando a realizar o nosso trabalho. Mas no fim das contas as informações que ele tinha eram incrivelmente atualizadas — e por que não seriam, quando você para pra pensar nisso? Ele deu nome aos bois, também. Dentro da CIA. Os mandachuvas não leram, mas Miles Copeland sim, outro mariquinha chorão que comandava o escritório do Cairo. Copeland deu ordens para que o escritório de Londres fosse completamente reestruturado. Então, Richard Welch foi assassinado em Atenas, no dia 17 de novembro, por um grupo terrorista de segunda linha que a gente não teria mandado nem uma garotinha pra monitorar. Mataram também a esposa e o motorista dele.

Mas mesmo com tudo isso, mesmo sabendo de tudo o que ele era capaz de fazer, eu ainda não tinha a menor ideia de por que Adler estava aqui. Ele não era um convidado oficial do governo; isso seria uma gafe imperdoável da parte do primeiro-ministro, especialmente depois das conversas que teve com Kissinger poucos meses atrás. Mas com certeza o primeiro-ministro estava feliz de saber que ele estava aqui. Enquanto isso, eu esperava por ordens da chefia para neutralizar essa ameaça ou, pelo menos, silenciá-la. O Conselho de Direitos Humanos da Jamaica o havia convidado, o que me obrigou a inaugurar um novo arquivo na minha mesa já muito abarrotada. Em questão de dias o cara já estava fazendo discursos enormes, falando sobre um monte de merda diferente, como se o sobrenome dele fosse Castro ou algo assim. Dizendo que pessoas como eu estavam na América Latina com ele, e que ele estava revoltado com o que havia testemunhado, principalmente no Chile, quando permitimos que Pinochet tomasse o poder.

Ele não disse o meu nome, mas eu sabia de quem estava falando. Ele nos chamou de cavaleiros do apocalipse, dizendo que promovemos a desestabilização de qualquer país com a nossa chegada. É claro que ele estava sendo dramático, ignorando o tempo todo quanto daquilo tinha saído do seu próprio manual. E aquilo era tudo de que o primeiro-

ministro precisava, uma bela palavra cheia de sílabas tipo desestabilização para transformar na merda de um jingle. Mas ele nos botou na defensiva de um jeito que, eu prometo, nunca mais vai se repetir. Pelo menos, só quem estava prestando atenção nisso era a revista *Penthouse*. Puta que pariu, quando a consciência dos Estados Unidos está concentrada numa revista que se sustenta publicando fotos de boceta, o que isso quer dizer? E esses caras como o Adler, que, de repente, assumem a missão de denunciar os malvados Estados Unidos pra todo o mundo, quando não passam de homens brancos com a consciência pesada que simplesmente não sabem quando parar? E a Companhia, que não era capaz de decidir se eu deveria simplesmente aposentá-lo?

A certa altura ele alegou ter provas de que a Companhia estava por trás de um incêndio criminoso num cortiço na Orange Street, do assassinato de vários cubanos na Jamaica e das greves promovidas pelos sindicatos no porto. Ele disse ter provas de que a Companhia estava dando dinheiro ao partido da oposição, o que era simplesmente um absurdo, levando em conta quanto pegaria mal confiar em qualquer pessoa do Terceiro Mundo quando o assunto é dinheiro. Não sei por que nós simplesmente não mandamos um artigo para a *Mother Jones* ou a *Rolling Stone* ou qualquer coisa assim. Antes que a Companhia me desse uma diretiva clara sobre o que fazer ele já tinha ido embora dali, e meus olhos e ouvidos me diziam que era pra Cuba. Mas o filho da puta tinha feito seu estrago. Ele tinha fornecido nomes aos jamaicanos. Nomes, porra. Não o meu, mas os de onze funcionários da embaixada, estragando o disfarce de pelo menos sete deles. Eles tiveram que voltar pra casa antes que alguém se desse conta de que os conhecia pelos seus nomes falsos. Por causa de Adler, eu tive que começar do zero. No meio de setembro, num ano que já não estava sendo bom pra ninguém. Tudo do zero, o que por si só já trazia problemas.

Quando passei pela sala do Louis eu ouvi ele falando no telefone sobre uma entrega que tinha sumido do cais, e que seu paradeiro era

desconhecido. Fui dar uma investigada. Ninguém no escritório tinha pedido nada e, mesmo que tivesse pedido, certamente não deixaria a mercadoria passar pela alfândega jamaicana, onde dois terços de tudo seriam roubados. Eu sei que tanto eu quanto ele temos as nossas próprias informações confidenciais, mas eu não gosto quando um merda de um agente duplo em um buraco em Cuba fica sabendo que uma coisa sumiu antes mesmo de eu saber que deveria sentir falta daquilo. Isso quer dizer que esses espíõezinhos de meia-tigela ainda têm um nível de acesso maior que o meu, e olha que era pra eu estar no comando dessa brincadeira. Louis não parecia muito aborrecido enquanto contava aquilo pra sabe Deus quem, e eu enchi o saco de ficar parado perto da porta como se estivesse tentando escutar alguma fofoca.

Minha mulher ligou não faz muito pra me dizer que as cerejas ao marrasquino tinham acabado de novo. Vou te dizer uma coisa, a Guerra Fria ainda nem acabou, mas eu já estou com saudades dela.

PAPA-LO

Me escutem agora. Digníssimos cavalheiros, vocês sabem que eu dei um toque nele, né mesmo? Já tinha tempo que eu vinha dizendo que os caras tavam muito em cima dele, que os amigos e os inimigos ainda iam trazer muita dor de cabeça. Todo mundo aqui conhece pelo menos um desses caras, né mesmo? Aquele maluco que fica só ali, daquele jeito. Sempre cheio de opinião, mas nunca dá nenhuma ideia. Sempre cheio de esquema, mas nunca tem um plano. Algumas pessoas são assim. E aí tem esse meu amigo, que é a maior estrela do mundo, mas, mesmo assim, ele vai lá e fica amigo justamente dos maiores cabeça fraca da favela. Não vou dizer o nome de ninguém, mas eu dei um toque no Cantor. Eu disse ó, tem uns malucos aí, bem próximos de você, que só vão te jogar pra baixo, tá me ouvindo? Cansei de dizer isso pra ele. Enchi o saco. Mas ele só dava aquela risada dele que engolia a sala inteira. Aquela risada que dava a impressão de que ele sim tinha um plano.

Nego aí acha que eu sei tudo sobre tudo. Não é bem mentira, fantabulosos cavalheiros, mas Jah é testemunha de que às vezes eu fico sabendo das coisas tarde demais. E pra que saber tarde demais, né mesmo? É melhor nem saber, dizia minha mãe. Pior, porque aí você tá aqui no presente, mas, de repente, tem que lidar com um bagulho que rolou no passado. Pô, só perceber daqui a um ano que alguém te roubou.

Então, olhem pra mim. Tão vendo isso aqui? Do cemitério velho pro oeste, do cais do porto pro sul, e todo o sudeste de Kingston? Eu que mando. A Eight Lanes fecha com o PNP, então eles cuidam das coisas deles. Daí tem esse território aqui no meio que a gente tem que brigar por

ele, e às vezes a gente perde. Ele é lá de Trench Town, então tem gente que acha que ele é uma marionete do Partido Nacional do Povo. Mas eu levaria um tiro por ele, e ele levaria um por mim também.

Mas esses moleques de hoje, que não dançam o rocksteady e não fazem o menor esforço pra deixar o baile mais astral, esses moleques não obedecem ninguém. Eu luto pelo Partido Trabalhista da Jamaica, de verde, e o Shotta Sherrif pelo Partido Nacional do Povo, de laranja, mas esses moleques mais novos lutam pelo partido que botar mais grana nos bolsos deles. Eles tão fora de controle.

No começo do ano, quando ele saiu em turnê, depois de implorar pra eu ir junto pra conhecer Londres (claro que eu não ia, eu não podia dormir no ponto senão ia ser o Armagedom na favela), ele deixou uns fulanos cuidando da casa. Assim que ele saiu, esses moleques chamaram uns moleques da favela lá de Jungle, porque eles tinham bolado altos esquemas. Era um plano ridículo, do tipo que a gente vê na tevê, o Hannibal Heyes e o Kid Curry assaltando um banco e ainda pegando a gostosa que entrega o dinheiro pra eles. A gente tenta manter a paz, eu e o Shotta Sherrif, mas sempre que as coisas saem do controle, sempre que alguém mata um moleque pra tomar o dinheiro da merenda, ou estupra uma mulher a caminho da igreja, geralmente é alguém de algum lugar tipo Jungle, gente que nasce sem brilho no olho. Foi esse tipo de gente que se juntou com o amigo do Cantor dentro da casa dele pra armar um esquema.

Uma semana antes do Grande Prêmio dos Reis, cinco caras de Jungle pegaram o carro, foram até o Caymanas num dia de treino e ficaram no estacionamento esperando o melhor jóquei, que nunca perdia uma corrida. Assim que pôs o pé pra fora, ainda vestido de jóquei, dois caras pegaram ele e um cobriu sua cabeça com um saco de juta. Levaram o cara não sei pra onde e fizeram alguma coisa com ele. Não sei o que foi, mas quando chegou o domingo, ele perdeu as três corridas que disputou, que

era pra ele ter levado fácil, incluindo o Grande Prêmio. No dia seguinte, ele pegou um voo pra Miami e aí puf!, sumiu. Ninguém sabe pra onde ele foi, nem mesmo a família. Resultado arranjado em corrida de cavalo é tão antigo quanto a própria corrida de cavalo, mas teve gente ganhando muito dinheiro muito rápido com aquilo. Muito rápido. Na mesma semana que o jóquei desapareceu, dois caras de Jungle também fizeram puf! como se nem tivessem nascido, e alguns irmãos, de repente, foram fazer uma peregrinação pela Etiópia. Olha, eu tenho o máximo respeito pelos Rastafáris, e acho que um homem tem mais é que ir pra sua terra, se ela fica sei lá onde ele acha que fica, mas, de repente, quando as pessoas estão mais precisando de dinheiro, justo o irmão que tá de bolso cheio resolve dar no pé? Vai saber o que aconteceu com aquela grana.

Isso foi o começo. Dali em diante, uma porção de ziquizira começou a bater na porta do Cantor. Um monte de vigarista tramando um monte de vigarice dentro da mesma casa de onde era pra música sair carregando coisa boa. Eu lembro quando aquele era o único lugar em que qualquer homem, não importa de que lado estivesse, podia escapar de levar tiro. O único lugar em Kingston em que a única coisa que podia atingir você era a música. Mas esse povinho de merda cagou tudo, cheio de vibração negativa, seria melhor que eles tivessem entrado um dia de manhã no estúdio e cagado por cima de toda a mesa, mas ó, não vou dizer quem. Quando o Cantor voltou da turnê, já tinha uma renca de Jungle só na espreita. Jamaicano tem a cabeça mais dura que tijolo. Lembrem que o cara tava viajando, e não sabia nada sobre corrida de cavalo nenhuma, sem contar que jamais tinha enganado homem algum. O cara de Jungle diz o esquema veio da tua casa, então a responsabilidade é tua. Daí levaram ele até a praia de Hellshire, dizendo que ele tava precisando comer peixe.

Ele mesmo me contou isso tudo. Olha, esse é um cara que podia convencer Deus e o Diabo a fazerem as pazes — desde que nenhum dos

dois tivesse uma mulher. Mas naquele dia vieram atrás dele às seis da manhã, antes de ele sair pra correr, se exercitar e nadar no rio como fazia todos os dias. Aquele foi o primeiro sinal. Ninguém incomodava o Cantor de manhã. Era quando o sol se erguia pra lhe trazer uma mensagem, quando o espírito santo lhe dizia o que ele devia cantar agora, quando estava mais perto do Mais Elevado. Mesmo assim, ele foi com eles. Eles dirigiram até a praia de Fort Clarence, a mais ou menos uns trinta quilômetros de West Kingston, só que do outro lado do mar, mas tão perto que dá pra enxergar do lado de cá. Ele mesmo me contou isso tudo. Sempre que eles falavam alguma coisa, olhavam pros lados ou pro chão porque não queriam que ele memorizasse a cara de ninguém.

— Um camarada teu armou um esquema com nós, sacou? Teu chapa foi lá em Jungle porque ele queria um bandido pra fazer o trabalho sujo, sacou? Ele levou nós lá na tua casa pra combinar o babado, sacou?

— Saquei. Mas não tô por dentro de nada disso, juventude — ele disse pros caras.

— Ah! Tô, tô, tô nem aí pra porra nenhuma que tu tá dizendo, o babado rolou debaixo do teu teto, tu que é responsável.

— Irmão, como é que você diz uma coisa dessa? Se o cara não sou eu, não é meu irmão, não é meu filho, como é que eu sou responsável?

— Ah, tu, tu não tá me ouvindo? Acabei de falar... quer dizer, acho que acabei de dizer que acabei de falar, tu não tava ouvindo? O babado rolou debaixo do teu teto, e ele deu no pé que nem uma putinha porque cresceu os olho, sacou? Nós chegou no jóquei e disse ô, é melhor tu perder todas as três corrida que senão nós vai pegá tu e o nenê que tá na barriga da tua mulher. Nós fez o que tinha que fazê, o jóquei fez o que tinha que fazê, geral fez o que tinha que fazê, menos o teu amigo, e o amigo dele, que deram no pé com a grana toda, deixando os pobre pra trás, se fodendo. Como é que os cara fazem uma merda dessa?

— Sei não, grande — ele diz pro cara que mais falava.

Baixinho, atarracado, cheirando a serragem. Eu sei de quem ele tava falando. Então eles dizem pra ele ô, então vai ser assim, sacou? A gente quer grana, sacou? Então todo dia a gente vai mandar um irmãozinho numa moto pra pegar dois malotes, um de manhã e um de tarde, tu tá me entendendo?

Ele nunca me contou quanto dinheiro eles pediram, mas eu ainda tenho olhos e ouvidos. Ouvi por aí que o esquema das corridas tinha rendido uns quarenta mil americanos. Mas ninguém nunca viu nem um centavo. Ou seja, devem ter pedido pelo menos uns dez mil, talvez até mais. Sei que eles queriam vir todo dia pegar uma graninha até que achassem suficiente. O Cantor disse não, meu patrão, isso é uma vigarice, não vou pagar nada disso. Como é que vocês vêm fazer isso comigo? Três mil que nem vocês, eu pago todo dia o colégio e a comida. Três mil que nem vocês.

É aí que a segunda coisa acontece. Quase todos puxam suas armas e apontam pra ele bem ali, na praia de Fort Clarence. Alguns daqueles caras não tinham nem quatorze anos e já tavam apontando uma arma pro único cara que entendia o que eles tavam passando. Mas esses caras eram diferentes. O estilo deles é diferente. Todo mundo, eloquentes cavalheiros, todo mundo em Copenhagen City, em Eight Lanes, em Jungle, Rema, na cidade alta e na cidade baixa, todo mundo sabia que ninguém jamais tinha puxado uma arma pro Cantor. Até mesmo o clima sabia que aquilo era uma novidade, um tipo diferente de nuvem negra que ninguém ainda tinha visto no céu. O Cantor teve que usar toda a lábia que tinha pra mandar aquelas armas de volta pra dentro de cada bolso traseiro, cinto e coldre. No dia seguinte, um cara numa lambretinha verde começou a pintar na casa dele duas vezes por dia, todos os dias.

Ele me contou tudo isso no mesmo dia que passei na casa dele pra dar um alô, fumar um ou dois e falar sobre esse show pela paz. Muita gente dizendo que aquele show não era uma boa ideia. Já tinha gente achando

que ele apoiava o Partido Nacional do Povo, e aquilo só ia piorar as coisas. Já tinha gente dizendo que tinha perdido o respeito por ele, porque Rasta que é Rasta não se curva a ninguém. E não tem nem como argumentar com esses caras, porque eles nascem sem a parte do cérebro que faz o cara ter bom senso. Eu disse tudo aquilo pra ele, e disse que, da minha parte, ele não tinha nada com que se preocupar. Verdade seja dita, eu tô ficando velho e quero que meus moleques me vejam ficar tão velhinho que vão ter que me carregar por aí. Semana passada no mercado eu vi um rapazinho vir buscar seu avô. Ele nem conseguia andar direito sem se apoiar numa baita bengala de um lado e no ombro do neto no outro. Fiquei com tanta inveja daquele velho que quase comecei a chorar ali mesmo, no mercado. Volto pra casa e saio andando na rua e pela primeira vez me dou conta duma coisa: não tem nenhum velho na favela.

Eu digo pra ele amizade, tu me conhece, tu conhece o Shotta Sherrif lá do outro lado, liga pra ele e diz pra ele dizer pros caras lá de Jungle largarem fora. Mas ele é mais esperto que eu, e ele sabe que o Shotta Sherrif também não pode ajudar quando homens armados resolvem agir por conta própria. Mês passado uma carga no porto simplesmente desapareceu. Pouco tempo depois esses caras tinham metralhadoras, M16, M9 e Glock, e ninguém sabia dizer de onde elas tinham vindo. Uma mulher pode dar vida a uma criança, mas um homem só consegue criar o Frankenstein.

Mas quando ele me falou sobre esses garotos de Jungle, me contou essas coisas como se fosse um pai contando pro filho uma coisa complicada demais de resolver. Ele já sabia, antes que eu me desse conta, que eu não podia ajudar. Eu quero que vocês entendam bem uma coisa. Eu amo esse homem, amo demais. Eu levaria uma bala pelo Cantor. Mas, cavalheiros, eu só posso levar uma.

NINA BURGESS

Logo depois que me barraram no portão dizendo que ninguém além dos familiares próximos e da banda podia entrar, apareceu atrás de mim um cara numa lambreta verde-limão. Ele chegou sem dizer uma palavra, na mesma hora em que eu me aproximei, e ficou apenas ouvindo o segurança falar comigo, não desligou o motor e depois foi embora sem nem conversar com ele. Será que era uma entrega ou uma coleta?, eu perguntei para o segurança, que não achou muita graça. Desde que começaram a falar nesse show pela paz, era mais difícil entrar nesse lugar do que na casa do primeiro-ministro. Ou na calcinha de uma freira, diria meu ex-namorado. O cara no portão era novo. Eu sabia sobre o show, todo mundo na Jamaica sabia, então eu esperava encontrar uns guardinhas de seguranças ou a polícia, não esses caras que pareciam exatamente o tipo de pessoas que você não iria querer deixar que entrassem. A situação estava ficando perigosa.

Talvez isso fosse uma coisa boa, porque assim que o táxi foi embora, aquela parte da minha cabeça que eu gosto de desligar depois do café da manhã disse ô, perninha de saracura, o que é que você pensa que tá fazendo? A melhor coisa de andar de ônibus é que tem sempre um próximo vindo logo atrás, pronto pra te levar embora assim que você percebe que cometeu um erro. Um táxi simplesmente te larga e vai embora. No mínimo eu tinha que ter saído dali andando, mas nunca que eu ia ter essa ideia.

Havendale não era nenhuma Irish Town, mas ao menos ficava na cidade alta e, se não era totalmente tranquila, também não era nenhum

horror. Quer dizer, aquilo ali não era a favela. Não tinha bebês chorando pela rua nem mulheres grávidas sendo estupradas, como acontece todo dia na favela. Eu conheço a favela, já estive lá com o meu pai. Cada um vive na sua própria Jamaica, mas amaldiçoa aquela que nunca vai ser a sua. Semana passada, em algum momento entre onze da noite e três da manhã, três homens invadiram a casa do meu pai. Minha mãe está sempre procurando por sinais e prenúncios e, para ela, o fato de o jornal da semana passada ter noticiado que homens armados haviam cruzado a linha imaginária em Half Way Tree e começado a escolher alvos na cidade alta era um prenúncio muito ruim. O toque de recolher seguia em vigor, e até mesmo as pessoas decentes da cidade alta tinham que estar em casa até certa hora, seis, oito, quem é que sabe?, ou poderiam ser presas. Mês passado, o Sr. Jacobs, que mora quatro casas para baixo, estava voltando do seu emprego noturno quando a polícia o abordou, o jogou na traseira do camburão e o mandou para a cadeia na Corte de Armas. Ele ainda estaria lá se papai não tivesse encontrado um juiz e dito que era uma tremenda bobagem quando a gente começava a prender até mesmo o cidadão obediente à lei. Nenhum dos dois mencionou o fato de o Sr. Jacobs ter a pele muito escura para que a polícia o considerasse uma pessoa de bem, mesmo vestindo um terno de gabardine. Então, homens armados entraram na nossa casa. Eles levaram as alianças dos meus pais, todos os bibelôs que minha mãe tinha trazido da Holanda, trezentos dólares, todos os brincos de bijuteria dela, embora ela tenha dito que eles não valiam nada, e o relógio do meu pai. Eles deram alguns socos no meu pai, e um tapa na minha mãe quando ela perguntou a um deles se a mãe dele sabia que ele andava pecando por aí. Perguntei se algum dos homens tentou abusar dela, mas ela respondeu que a roseira estava crescendo loucamente como uma besta selvagem, então fingi que estava falando com outra pessoa. A polícia só veio na manhã seguinte, embora eles tenham ligado para a delegacia de noite. Nove e meia da manhã, bem depois de eu

chegar aqui (eles só me ligaram às seis), e o policial estava anotando o depoimento numa folha timbrada num bloco amarelo, com uma caneta vermelha. Ele precisou dizer *delinquente* três vezes em voz alta pra conseguir escrever direito. Quando perguntou se o malandro tinha usado um porrete eu comecei a rir e minha mãe disse que era melhor eu me retirar.

Este país, esta desgraçada desta ilha ainda vai acabar matando a gente. Desde o assalto, papai não fala. Um homem gosta de pensar que é capaz de proteger o que é seu, daí vem alguém e toma suas coisas e ele já não acha mais que é tão homem assim. Eu não acho que ele seja menos homem por causa disso, mas mamãe não para de falar de uma vez em que eles poderiam ter comprado uma casa em Norbrook, mas ele disse que não porque já morava em um lugar perfeitamente seguro, e já tinha inclusive quitado a hipoteca. Não estou dizendo que ele seja covarde. Nem que seja mesquinho. Mas, às vezes, quando você é cuidadoso demais, isso acaba se transformando num outro tipo de negligência. Mas também não é isso. Ele é de uma geração que jamais imaginou que conseguiria chegar nem no meio do caminho, então quando ele chegou lá, ficou atordoado demais para se arriscar a subir um pouco mais. Esse é o problema de ficar no meio do caminho. A cidade alta é onde todo mundo quer estar, e a cidade baixa significa apenas que todos os brancos vão querer ir a uma festa na sua rua num domingo à noite para viver de perto a realidade. Mas ninguém liga para o meio do caminho.

Quando eu estava no colegial, pedia para ele parar no ponto de ônibus ou rezava para que o sinal ficasse vermelho para que eu pudesse sair do carro antes de chegar na frente da escola. Kimmy, que ainda não tinha vindo visitar os pais dela mesmo depois de eles terem sido roubados e sua mãe possivelmente ter sido estuprada, nunca entendia o que estava rolando e sempre me xingava quando ele dizia que ela também tinha que descer. A verdade é que papai não era uma garota de quatorze anos na

escola para meninas Imaculada Conceição, tentando se comportar como se tivesse tanto dinheiro e tanto direito de andar de cabeça erguida quanto uma aeromoça ou qualquer outra pessoa que chegasse dentro de um Volvo. Você não podia simplesmente aparecer dentro de um Ford Escort na frente daquelas putinhas, que estavam sempre à espreita no portão para ver quem vinha em qual carro. *Vocês viram que o pai da Lisa trouxe ela num calhambeque? Meu namorado disse que aquilo é um Cortina. É o mesmo que papai dá pra empregada dirigir.* Mas o que fazia o meu sangue ferver de verdade é que não é que papai não tivesse dinheiro, ele só nunca via nenhum bom motivo pra gastar. De certa maneira, é por isso que faz sentido que um dia ele acabasse sendo roubado, mas também faz sentido que o ladrão não saísse de lá com grande coisa. Isso era a única coisa que ele dizia, que aqueles filhos da puta sarnentos só tinham conseguido levar trezentos dólares.

Não há como se proteger quando não existe mais nenhum lugar seguro. Mamãe disse que, a certa altura, eles seguraram os dois braços do meu pai e chutaram as bolas dele, como se estivessem jogando futebol. E falou que ele está se recusando a ir ao médico, embora não esteja urinando com a mesma força da semana passada... Meu Deus, agora estou parecendo a minha mãe falando. A verdade é que se vieram uma vez, eles podem voltar e, quem sabe, talvez façam alguma coisa terrível o suficiente para que a Kimmy ligue para a porra dos pais dela depois de eles terem sido roubados e sua mãe possivelmente ter sido estuprada.

O mais novo ismo desse primeiro-ministro socialista é o fugitivismo. Eu devo ser a única mulher na Jamaica que não ouviu o cara dizer que havia cinco voos para Miami para qualquer uma que quisesse ir embora. O melhor está por vir? O melhor era pra ter chegado quatro anos atrás. Agora é só ismo pra cá, ismo pra lá, e o papai que não fala de outra coisa que não seja política. Isso quando ele não está se lamentando por não ter tido um filho, já que um homem, sim, se preocuparia de verdade com o

futuro da nação e não em se tornar uma rainha da beleza. Eu odeio política. Odeio que, só porque eu vivo aqui, eu deveria me meter com política. E não tem nada que você possa fazer. Se você não se mete com política, a política se mete com você.

Danny era do Brooklyn. Um cara loiro que tinha vindo pra cá fazer pesquisa pro seu curso na faculdade de ciências agrícolas. Quem diria que a criação jamaicana mais admirada pela comunidade científica seria uma vaca? Enfim, a gente tava saindo. Ele me levava para beber no Mayfair Hotel, na cidade alta, e, de repente, estava cheio de caucasianos lá, homens, mulheres, velhos, jovens, como se Deus tivesse feito um gesto e puf!, gente branca. Eu sou o que eles chamam de mulata, mas mesmo com o meu tom de pele, ver tanta gente branca junta era um choque. Alguém deve ter se confundido e achado que aqui era a Costa Norte, para ter tanto turista. Mas então alguém abria a boca e o *patois* saía de dentro dela. Mesmo tendo ido lá tantas vezes que nem consigo contar, eu ficava de queixo caído sempre que ouvia um branco falando feio daquele jeito. *Opa! Ho, ho, ho, é tu mermo, patrãozinho? Ho, ho, ho, tô nem te reconhecendo, hein, irmãozinho, virando a cara pros amigo só porque sentou na bufunfa?* Eles não eram nem bronzeados!

Danny ouvia umas músicas muito estranhas, uma barulheira que às vezes ele colocava bem alto só pra me irritar. Era rock and roll, os Eagles e os Rolling Stones, e vários negros que deviam simplesmente parar de se comportar como se fossem brancos. Mas à noite ele tocava uma canção para mim. Terminamos há quase quatro anos, mas sempre que eu olho pela janela eu fico repetindo dois versos dela. *Eu acredito. Se você não gosta das coisas, vá embora.* Engraçado, foi por causa do Danny que eu o conheci. Foi em uma festa que a gravadora deu em um lugar lá no alto dos morros. Eu me lembro de perguntar só tem branquelo e matuto morando aqui em cima, então? Danny disse que ele não imaginava que gente negra fosse racista. Fui pegar um pouco de ponche, estava servindo bem

devagar para matar o tempo, quando vi o Danny conversando com o dono da gravadora. Eu era exatamente o que os funcionários estavam pensando, a neguinha insolente que tava dando pro americano. Bem do lado do Danny e do dono da gravadora estava ele, alguém que eu jamais pensei que conheceria. Até a minha mãe tinha gostado do último *single* dele, embora meu pai o detestasse. Ele era mais baixo do que eu esperava, e eu, ele e o seu empresário éramos os únicos negros na festa que não estavam perguntando às pessoas se elas queriam mais uma bebida. Parado ali, ele parecia um leão negro. Cumé que é que uma deusinha sexy assim se aparece na frente dum cara, ele disse. Quinze anos de estudo para aprender a falar direito e essa ainda é a coisa mais bonita que eu já ouvi saindo da boca de um homem.

Só o vi de novo bem depois que o Danny já tinha ido embora, quando fui a uma festa na casa dele com a minha irmã Kimmy, que ainda não ligou para os nossos pais depois de eles terem sido roubados e nossa mãe possivelmente estuprada. Ele não tinha esquecido de mim. Peraí, você que é a irmã da Kimmy? Onde é que você tava se escondendo? Ou você é que nem a Bela Adormecida, esperando pelo homem que vai te tirar do teu sono? Fiquei dividida o tempo todo, a metade de mim que eu gosto de desligar depois do café da manhã dizendo sim, chega mais, vamos trocar uma ideia, meu irmãozinho gostoso, e a outra metade dizendo mas o que é que você pensa que está fazendo com esse Rasta piolhento? A Kimmy foi embora logo, nem vi quando ela saiu. Eu fiquei, mesmo quando todo mundo já tinha ido embora. Eu estava olhando para ele, só eu e a lua, quando ele apareceu nu na varanda, como um espírito noturno, trazendo uma faca para descascar uma maçã. Suas tranças pareciam a juba de um leão, e seu corpo era todo musculoso, e seus músculos reluziam sob o luar. Só duas pessoas sabem que “Midnight Ravers” foi escrita para mim.

Eu odeio política. Odeio que eu deveria entender do assunto. Papai diz que ninguém vai expulsá-lo do seu próprio país, embora não subestime os

bandidos que invadiram a sua casa. Eu queria ser rica, queria não ter sido demitida e queria estar trabalhando, e torcia para que ele ao menos se lembrasse daquela noite na varanda com a maçã. Nós temos família em Miami. O lugar para onde o Michael Manley disse pra gente ir, caso a gente quisesse ir embora. Nós temos lugar para ficar, mas papai não quer gastar nenhum dinheiro. Que merda, o Cantor ficou tão famoso que agora ninguém mais consegue vê-lo, nem mesmo a mulher que o conhece melhor que a maioria das mulheres. Sério, eu nem sei do que estou falando. Mulher sempre pensa esse tipo de bobagem. Que você conhece um homem, ou que desvendou algum grande mistério só porque deixou ele tirar sua calcinha. Porra, a verdade é que agora eu o conheço ainda menos. Não é como se ele tivesse me ligado no dia seguinte.

Estou do outro lado da rua, esperando no ponto de ônibus, mas até agora já deixei dois passarem. Depois, um terceiro. Ele não saiu pela porta da frente. Nem sequer uma vez, nem que fosse só para eu atravessar correndo a rua naquele momento e gritar lembra de mim? Quanto tempo! Tô precisando da sua ajuda.

BAM-BAM

Dois caras trazem armas pra favela.

Um deles me mostra como usar.

Mas antes eles trazem outras coisas. Carne enlatada e xarope de bordo da Aunt Jemima, que ninguém sabia pra que serve, e açúcar branco. E Ki-Suco e Pepsi e um saco enorme de farinha e outras coisas que ninguém na favela podia comprar, e mesmo que pudesse, ninguém taria vendendo. A primeira vez que ouvi Papa-Lo dizendo que a eleição tava chegando, ele disse aquilo de um jeito frio e sério, como se uma tempestade tivesse se aproximando e não tivesse nada que a gente pudesse fazer. Outros homens visitaram ele, e nenhum era parecido com ele. Alguns eram até mais vermelhos que o Funnyboy, quase brancos. Eles chegavam nuns carrões brilhantes, e depois iam embora e ninguém perguntava nada, mas geral sabia o que tava rolando.

E, ao mesmo tempo, tu tinha voltado. Mais importante que o Desmond Dekker, que os Skatalites, que a Millie Small, mais importante até que gente branca. E tu conhece o Papa-Lo desde que cês nem tinham cabelo no peito ainda, e tu dirige pela favela que nem um ladrão no meio da noite, mas eu tô te vendo. Do pátio da minha casa, a casa em que o Papa-Lo me enfiou. Eu te vejo dirigindo por aí, só você e o Georgie. E o Papa-Lo grita quase que nem uma mulherzinha, e vai correndo te abraçar, com todo aquele tamanho, e tu, que sempre foi miudinho, tem que gritar pro maluco te soltar, dizendo que se ele continuasse te agarrando tu ia pensar que ele era o Mick Jagger. Tu virou essa pessoa que fala de um monte de gente que ninguém conhece, e tu tava falando desse cheirador que diz que

o nome dele é Sly Stone, mas na real ele tem um nome de mariquinha tipo Sylvester, dizendo que ele te chamou pra abrir um show dele como se tivesse te fazendo um grande favor, e aí tu subiu no palco e o lugar veio abaixo, apesar de que alguns negros na plateia começaram a dizer mas que porra de música lenta de hippie é essa?, e não gostaram nem um pouco de tu, mas aí tu disse que se foda, melhor eu fazer a minha própria turnê e o Sly Stone se mandou pra cheirar mais cocaína e te largou sozinho lá em Las Vegas. A gente também não conhece ele, mas agora tu é esse cara que fala de um monte de gente que a gente não conhece. Tu disse que os fãs do cheirador nunca entravam de verdade na mesma vibe, e por isso tu largou de mão depois de fazer só quatro shows.

Mas isso eram águas passadas. Tu atropelou a Babilônia e o resto da história até o Papa-Lo podia contar porque geral sabia. Então o Papa-Lo começou a contar e tu só ia concordando com a cabeça. E daí tu disse que tinha coisas importantes pra conversar, mas aquilo ia ter que esperar porque agora geral sabia que tu tava em Copenhagen City e geral queria vir dar graças e louvor ao guerreiro que tinha se tornado uma grande estrela mas que não tinha se esquecido dos guerreiros que ainda tavam na luta, e uns agradeciam pela grana, porque àquela altura tu já tava alimentando três mil pessoas, que era um troço que geral sabia, mas ninguém comentava, só que o teu carro não era bem o que a gente esperava, todo arrebitado, e aquilo me deixou meio puto porque não tem nada pior que um maluco que é cheio da grana que finge que não tem nada, como se fazer de conta que tu é pobre fosse uma coisa bacana. Daí uma mulher te abraçou e disse que ela tinha feito um cozido de feijão vermelho, e tu disse mãezinha, tu sabe que eu não como porco, e ela disse, mas é um cozido ital! E tá bem bom, viu? E aí tu disse mãezinha, então vai correndo pegar uma tigela pra mim, a maior que tu tiver na cozinha, e depois leva lá pra casa do Papa-Lo, que eu e ele temos muita ideia pra trocar. Daí você e o Papa-Lo foram pra lá, e nenhum dos capangas dele,

nem mesmo o Josey Wales, foi com vocês. E eu fiquei sacando o Josey Wales olhando vocês indo embora e ele ficou ali parado, só de butuca, e fez um chiado com a boca.

Os dois caras que trazem armas pra favela tão vendo tu sair cantando pra bem longe deles e não tão gostando nada disso. Ninguém na cidade alta canta graças nem louvores pra tu. Nem o cara que traz as armas pra Eight Lanes, onde quem manda ainda é o Shotta Sherrif. Esse maluco sabe que o partido dele tá tentando se reeleger, e que eles precisam vencer pra continuar no poder, pra dar poder pro povo, todos companheiros e socialistas. Nem o sírio que traz armas pra Copenhagen City, e que quer tanto vencer a eleição que tiraria o próprio Deus Todo-poderoso daquela cadeira se ele estivesse sentado nela. O americano que traz as armas já sabia, sem que ninguém da favela precisasse dizer pra ele, que quem vencesse em Kingston venceria na Jamaica, e quem vencesse em West Kingston venceria em Kingston.

O primeiro-ministro Michael Manley disse pra geral na tevê e no rádio que foi ele quem te deu sua primeira grande chance e, que se não fosse por ele, tu nunca teria ficado famoso. E que ele sempre dava voz aos oprimidos, seus companheiros de luta. Daí tu fez uma música dizendo pra nunca deixar um político te fazer um favor senão ele ia querer te controlar pra sempre, mas ele não achou que era sobre ele, porque àquela altura ele não era mais um político, ele era Josué.

E o cara que trazia as armas pra Copenhagen City pra que eles pudessem enfrentar os caras da Eight Lanes ficou sabendo que tu tava trocando muita ideia com o Papa-Lo, como se fossem dois amiguinhos aprontando alguma no colégio, então ele coçou aquela cabeça de sírio e perguntou pro Papa-Lo por que é que ele trocava ideia com você, já que geral sabia que tu era um homem do PNP porque eles tinham te dado a tua primeira grande oportunidade. Será que aquele rastinha tá tentando levar o Papa-Lo pro PNP? Tu nem ficou sabendo que dali em diante um

monte de gente ficou só na tua cola, já que tu tava o tempo todo de conversinha com o Papa-Lo, a prova disso é que lá pelas tantas ele já tava até indo passar o dia na tua casa na cidade alta. Naquele fim de semana que o Papa-Lo viajou e ninguém ficou sabendo pra onde, correu o boato que ele tinha viajado pra Inglaterra pra ver um show teu. Daí eu fiquei sabendo que tu ainda troca ideia com o Shotta Sherrif, o maluco que mandou um capanga matar a minha família, e eu descobri mais uma razão pra te odiar, mesmo amando o Papa-Lo. Tu tá mudando ele, tu tá transformando ele em alguma coisa, e geral tá vendo. Principalmente o Josey Wales. O Josey Wales tá só na tua cola, e eu tô vendo que ele tá só na tua cola e ele não tá gostando do jeito que as coisas tão indo, e ele não fica dizendo isso aí pra todo mundo, não, mas ele fala pra quem quiser ouvir. E aí um passarinho veio me dizer que o Papa-Lo tava perdendo força.

Mas daí um dia um pivete de Copenhagen City assaltou uma mulher à mão armada, uma mulher que vendia pudim e toto na esquina da Princess Street com a Harbour Street. Ela foi até a casa do Papa-Lo e mostrou pra ele quem era, um moleque que morava três casas pra baixo, que ninguém gostava. E a mãe do moleque gritava ai, Senhor! Tem dó desse menino, Papa. Ele é assim porque não teve um pai pra ensinar as coisas! É tudo mentira, ela tá mentindo, olha só como essa vadia tá bem quietinha. O Josey Wales só deu um chiado com a boca porque o Papa-Lo andava pensando demais ultimamente, mas daí ele arrancou as roupas do moleque, gritou pra pegarem um facão e deu uma surra nele com o facão deitado. Cada pancada estalava no ar que nem um trovão, rasgando um pouco mais a pele. O moleque berrava e urrava, mas o Papa-Lo era maior do que uma árvore, e mais rápido que o vento. Ai, Papa-Lo, Senhor, Papa-Lo, mas Papa-Lo, é que ela queria dar o cu pra mim, mas eu não quis comer, ele disse, o que só deixou o Papa-Lo ainda mais puto. Ele deu um chute no moleque e bateu nas costas e no rabo e nas pernas do

moleque, e quando ele cansou de bater de facão ele tirou o cinto e deu uma surra no moleque com a parte da fivela. E a fivela abriu uns buraco nas costas e no peito e na testa do moleque. A mãe veio correndo gritando pra cima dele, mas ele só precisou dar uma cintada na cara dela pra ela mudar de ideia e se mandar. Veio gente assistir. Ele puxou a arma pra atirar, mas a mãe veio correndo e se jogou em cima do moleque e começou a berrar e implorar pro Papa-Lo, pra mulher que tinha sido roubada e pra Jesus Cristo, que repousa nas colinas do Monte Sião. Nem o Papa-Lo ia se meter a fazer alguma coisa se Jesus interferisse. Daí ele diz uma mulher que cria um arrombado desse merece levar tiro também, e aponta a arma pra testa dela, mas no fim não faz nada.

O Partido Trabalhista da Jamaica governou o país nos anos 1960, mas o Partido Nacional do Povo disse pro país que o melhor estava por vir e venceu a eleição em 1972. Agora o PTJ queria o país de volta, e com eles não tinha essa de não pode, não tinha essa de não dá. Cidade baixa interdita, a polícia já começando o toque de recolher. Tem rua aí tão quieta que nem rato tem se arriscado a sair da toca. E West Kingston em chamas. As pessoas ainda tão querendo entender como é que o PTJ perdeu em Kingston se eles tinham Copenhagen City. Elas tão achando que é por causa de Rema, aquele lugar dividido entre o PTJ e o PNP que deve ter votado contra o PTJ porque o PNP prometeu carne enlatada, farinha de trigo e livros novos pras crianças levarem pro colégio. O cara que traz armas pra favela traz mais armas e diz que não vai ficar satisfeito até ver jorrar o sangue de cada homem, mulher e pivete de Rema. Só que os dois partidos ficaram baqueados quando um terceiro P apareceu: você. Daí tu tá lá na tevê na lojinha do china dizendo que tu não vive a tua vida pra tu mesmo, e que se tu não puder ajudar um monte de gente, a tua vida não vale de nada. E tu continua muito presente na favela mesmo sem tá aqui. Não sei direito como é que tu faz isso. Talvez seja que nem o som do baixo, uma coisa que não dá pra ver, só pra sentir, e só quem sente é que

sabe. E de repente tem uma mulher falando sozinha, soltando a língua no quintal, xingando cada fio de cada camisa e calça que ela tá lavando, dizendo que ela tá cansada do sistema de merda e dos ismos e cismas e que já tinha passado da hora de a árvore conhecer a machadinha. Mas ela não tava dizendo aquilo, ela tava cantando, então a gente sabe que é tu. E em tudo que é favela, em Copenhagen City, em Rema, e com certeza em Eight Lanes, eles tão cantando também. Os dois caras que trazem armas pra favela não sabem o que fazer, já que quando é a música que te acerta em cheio, você não tem como revidar.

Eu e os moleque não cantamo teu som. Quem sente é que sabe, tu diz, mas já faz tempo que tu não sente coisa nenhuma. A gente curte outro tipo de som, gravado em cima do *stalag riddim*, música de gente que não tem grana pra comprar um violão, e nenhum branquelo pra ir lá dar o violão pra eles. E enquanto a gente fica ouvindo gente que nem a gente cantando, o Josey Wales vem me fazer uma visita, e eu brinco que ele é o Nicodemos, o ladrão que aparece no meio da noite. Treze anos e ele me dá um presente que eu quase deixo cair no chão porque o peso de uma arma é um peso diferente. Um revólver nem é assim tão pesado, mas é uma coisa diferente, gelada, lisinha e dura. Uma arma não obedece os teus dedos se a tua mão não provar primeiro que pode segurar ela. Eu lembro da arma escorregar da minha mão, cair no chão e o Josey Wales tomar um susto. O Josey Wales nunca se assustava. Da última vez que isso aconteceu, eu perdi quatro dedos do pé, ele disse, pegando a arma do chão. Deu vontade de perguntar se era por isso que ele mancava. O Josey Wales me lembrou que ele tinha me ensinado a usar uma arma pra atirar num moleque do PNP caso ele tentasse qualquer coisa, e disse que logo ia chegar a minha vez de defender Copenhagen City, principalmente se o inimigo já tivesse aqui dentro, que nem comida feita em casa, e não do lado de fora, que nem uma sobremesa num piquenique. O Josey Wales não sabia fazer música com as palavras, não que nem o Papa-Lo, e nem

como você, então eu comecei a rir, e ele me deu um soco na cara. Respeita o Don, ele disse. Eu tava quase dizendo mas tu nem é o Don, mas fiquei quieto. Tá pronto pra virar homem?, ele disse. Eu disse que eu já era um homem, mas ele encostou a arma na minha cabeça antes que eu pudesse terminar de falar. Click. Eu lembro de me segurar todo, pensando por favor, não se mije, por favor, não se mije, por favor, não seja que nem um pivete de cinco anos louco pra mijar.

O Papa-Lo teria me matado tão rápido e com tanta convicção que ia parecer que ele tinha acabado de ter aquela ideia. Mas se o Papa-Lo te matava numa sexta, ele já vinha pensando naquilo, refletindo, analisando, planejando desde segunda. O Josey Wales era diferente. O Josey Wales não pensava, ele só atirava. Fiquei olhando praquele O preto na boca da arma, sabendo que ele podia me matar bem ali e depois dizer qualquer coisa pro Papa-Lo. Ou talvez não. Ninguém jamais apostaria no que achava que o Josey Wales poderia fazer. Ainda apontando a arma pra minha cabeça, ele pegou na cintura da minha calça e ficou puxando até arrebentar o botão. Eu só tinha três cuecas, e nunca usava nenhuma delas se não fosse sair da favela. O Josey Wales ficou segurando as minhas calças, depois soltou e ficou olhando elas caírem. Daí ele olhou pra cima, e depois pra baixo, e depois de novo pra cima, pra cima e pra cima e sorriu. Tu ainda não é um homem, mas logo, logo vai ser. Eu vou te transformar num homem, ele disse. Tá pronto pra virar homem?, ele perguntou, e eu acho que ele deu um sentido político praquela coisa, do mesmo jeito que o Michael Manley quando ele dizia você quer um futuro melhor, companheiro? Então eu fiz que sim com a cabeça e ele saiu andando e eu fui atrás dele por uma rua que não passa mais nenhum carro porque dizem que é perigoso, e que não tem nenhuma casa, só um monte de areia e tijolo que era pra ser um cortiço grandão, mas que o governo não vai construir porque a gente é do PTJ.

Eu fui seguindo ele por toda essa rua até onde ela parecia terminar, nos trilhos do trem que cortavam Kingston de leste a oeste. Lá, bem pro sul, ao lado dos trilhos, não tinha nada bloqueando a visão do mar. Kingston às vezes consegue se fechar tanto em si mesma que cê pode estar bem do lado do mar e se esquecer de que mora numa ilha. Nas favelas de lá tem um tipo de moleque que se joga todo dia no mar só pra esquecer de tudo enquanto mergulha. Eu penso só nesses moleques quando eu vejo o mar. O sol tava se pondo, mas ainda tava quente, e o ar tinha sabor de peixe. O Josey Wales virou à esquerda e entrou num barraquinho onde, muito tempo atrás, alguém levantava cedo pra fechar a estrada pro trem poder passar. Ele não me disse pra ir atrás dele. Quando finalmente eu entrei, ele me olhou como se estivesse esperando por mim o dia inteiro.

Lá dentro, a noite chega depressa, e o piso range e estala. Ele acende um fósforo e a primeira coisa que eu vejo é a sua pele, brilhando com o suor. Engraçado que logo depois que senti o cheiro do suor eu comecei a sentir cheiro de mijo, não que tinha sido feito agora, mas que tava seco no piso, e mijo que também não tinha sido feito há tanto tempo assim. Tinha um moleque num canto, de barriga pro chão. O Josey Wales ou algum outro maluco tinha amarrado as mãos do cara e depois amarrado a corda nos pés dele, como se ele fosse um arco humano. O Josey Wales apontou pras roupas no chão, depois apontou pra mim com a arma e disse pega, elas devem servir em você. Agora tu tem quatro cuecas, ele disse. Eu não lembro de ter dito pra ninguém quantas cuecas eu tinha. Eu começo a ir até as roupas, mas o Josey Wales dá um tiro. A bala ricocheteia no chão e eu e o moleque tomamo um susto. Peraí, arrombado. Tu ainda não provou que é homem. Eu olho pra ele, um cara alto, de cabeça raspada, que é a mina dele que raspa pra ele toda semana. Alto, mulato e todo musculoso, enquanto o Papa-Lo era um preto gordão. Quando sorria, o Josey Wales ficava parecido com um china, mas ele te dava um tiro se

você dissesse isso, porque china tem um pauzinho de merda, não um pauzão que nem preto.

Tu viu só como esses moleques de Rema vivem bem? Tu acha que tem pra comprar esse jeans aí? Tu sabe que é um Fiorucci, né? Viu só o que um moleque de Rema consegue comprar com trinta dinheiros? O Josey Wales conhecia todas as grifes, a maioria dos panos que ele tinha era a mina dele quem pegava lá no trabalho dela, na fábrica que fazia e mandava as roupas pros Estados Unidos pras pessoas usarem nas discotecas, que é o que as pessoas fazem nos Estados Unidos. Todo mundo sabia porque ela contava pra geral. Se quer ficar com essas roupas, é melhor tu criar culhão, seu cu cagado. E agora, ele diz, e dá o revólver na minha mão. Escuto o moleque chorando. Ele é de Rema, e eu não conheço ninguém de lá. Eu também não ia reconhecer ninguém de Eight Lanes se encontrasse hoje. Agora, o Josey Wales repetiu. O peso de uma arma é um peso diferente. Ou talvez fosse alguma outra coisa, a sensação de que sempre que tu segura uma arma, na verdade é a arma que te segura. Agora, senão eu vou dar um jeito em vocês dois, o Josey Wales disse. Eu caminho até o moleque e sinto o cheiro do suor e do mijo dele e de mais alguma coisa, e puxo o gatilho. O moleque não grita nem berra nem geme que nem quando o Harry Callahan mata um moleque. Ele só dá uma tremida e morre. A arma fez minha mão tremer muito, mas o tiro não fez o mesmo barulho que faz quando o Harry Callahan dá um tiro, com aquele eco tão comprido que continua depois que o filme termina. O som do tiro era igual ao de duas tábuas batendo dentro do seu ouvido e depois sumindo bem rápido, que nem um golpe de martelo.

Quando a bala atravessa um moleque tu só escuta um zup. Eu queria muito matar aquele moleque de Rema. Eu queria mesmo, mais que tudo. Sei lá por quê. Mas eu queria. E o Josey Wales não disse nada. Ele disse atira de novo, pra garantir, e eu atirei. O corpo tremeu. Na cabeça, otário, ele disse, e eu atirei de novo. Não dava pra ver se tinha sangue pelo chão.

A arma tava mais leve e mais quente. Eu disse pra mim mesmo que ela tava começando a gostar de mim. Realmente, matar um moleque não significava nada. E pior que eu já sabia disso, talvez fosse uma coisa que todo moleque da favela já nasce sabendo. Não foi a morte que me fez vomitar, mas sim o mijo e a merda e o sangue quando eu levei o corpo pra jogar no mar. Três dias depois, os jornais traziam como manchete *Corpo encontrado boiando na baía de Kingston: assassinato tem características de execução*. O Josey Wales sorriu e disse que eu sou gente grande agora, tão grande que eu fui parar nos jornais e todo mundo na Jamaica tem medo de mim. Eu não me sinto grande. Eu não sinto nada. É uma coisa grande o fato de eu não sentir nada. Não, nem é. Grande coisa. Ele me diz pra eu não dizer nada pro Papa-Lo senão ele vai me matar.

JOSEY WALES

O Chorão tá demorando, como sempre. Ele se dá muito bem com os brancos, muito bem, já que foi um deles que ensinou ele a atirar que nem homem, e não um moleque idiota da favela. Foi por isso que o Louis Johnson ligou primeiro pra ele. O branquelo tem culhão. O Chorão foi e apontou uma arma bem na cara dele, a merda de um trinta e oito, só pra sentir um revólver maior encostando no seu saco. Eu ainda posso matar você, diz o Chorão. Você tá com a sua arma apontada pra minha cabeça, e eu tô com a minha apontada pra sua, disse o Johnson, o que prum jamaicano é pior do que a morte, né não? O Chorão olhou pra ele e começou a rir e apertou a sua mão e deu até abraço e chamou ele de meu chapa. Quando é que tu aprendeu a falar que nem um yardie? O que eu lembro é que ele tava usando um jeans da Wrangler. Americanos tentam parecer ainda mais americanos quando não tão nos Estados Unidos. Foi naquele bar, o Lady Pink, na Pechon Street, a última rua entre a Cidade de Kingston e a Favela de Kingston, que toda quinta sempre tinha uma garota nova, apesar de que na semana passada a garota nova era a mesma de dois anos atrás, que ainda dançava que nem uma bananeira, toda se tremendo. A coisa tava feia e, com certeza, tava piorando, já que tinha até mina que costumava trabalhar em creche tirando a roupa em cima daquele palco. O Chorão queria comer essa daí também.

O Lady Pink abria às nove da manhã e só tinha duas coisas na jukebox, *ska* dos anos sessenta e *rocksteady* meloso, tipo The Heptones e Ken Lazarus. Nada dessa merda de reggae Rastafári. Se eu trombar com mais um arrombado que não penteia os cabelos e reconhece Jesus como seu

único senhor e salvador vou acabar mandando esse viadinho pra vala. Tá achando que é brincadeira? Vai nessa. As paredes eram vermelhas demais pra serem rosa, e rosas demais pra serem roxas, e tavam cobertas de discos de ouro, que era o próprio dono quem pintava com spray. Lerlette, a garota magricela no palco, era uma que sempre queria dançar ao som de “Ma Baker”. Teve um ano que a gente fez a segurança pro Boney M., quando eles vieram pra Jamaica, e ninguém imaginava que três mulheres e um homem do Caribe teriam toda aquela pinta de sodomitas. Toda vez que a música acabava naquela parte do refrão que diz, *she knew how to die!*, Lerlette se atirava no chão com as pernas abertas e esticava os braços com as mãos juntas, imitando uma arma, como o Jimmy Cliff em “The Harder They Come”. Aquilo devia fazer um mal tremendo pra checa dela. O Chorão comia essa daí também.

Quando ela termina de dançar, ela veste de novo a calcinha e vem até a minha mesa. Eu tenho uma regra com mulher. Se os peitos dela são mais bonitos e a bunda é mais gostosa que a da minha esposa, eu vou pra cima. Se não, sai fora. Dez anos e eu ainda não encontrei essa mulher. Levou tempo pra caralho pra encontrar a Winifred, a mulher que daria à luz o tipo de moleque que eu queria que fosse meu filho, porque homem que é homem não pode desperdiçar sua semente por aí. Semana passada o Chorão apareceu com um filho que ele teve com uma mulher lá de Jungle que ele nem sabia o nome direito. O moleque ou era retardado ou tinha começado a fumar ganja muito cedo, porque ficava babando e respirando pela boca que nem um cachorro. Na Jamaica cê tem que caprichar na hora de ter um filho. Uma mulatinha bem clara que não seja muito passada, pra garantir que teu filho vai ter bastante leite e vai sair com o cabelo bom.

— E aí, tu vai dar um confere nessas carne ou qual é?

— Leva esse teu cu cagado pra lá, vagabunda. Não tá vendo que tem sujeito homem na área?

— Ai, meu Deus, que machão.... Quê o Chorão?

— E eu lá tenho cara de babá do Chorão?

Ela não respondeu, só foi saindo de perto, tirando a calcinha de dentro da bunda enquanto caminhava. Tenho certeza que a mãe deixou ela cair de cabeça no chão quando era pequena. Duas vezes. Se tem uma coisa que eu não suporto é gente que fala feio. Pior ainda quando sabe falar direito. Minha mãe me fez estudar até o ginásio. Eu não aprendi porra nenhuma, mas prestei atenção em muita coisa. Prestei atenção na tevê, no Bill Mason e na *Jeannie é um gênio*, na radionovela da RJR todo dia às dez da manhã, mesmo sabendo que aquilo era coisa de mulher. E eu prestei atenção nos políticos, não quando eles tavam falando comigo achando que eu era um desses neguinhos de favela, mas quando eles conversam entre eles, ou com algum outro branco americano. Semana passada meu filho disse *Pai, vou te mandar uma ideia, vou dar um chega ali na goma pra dar um bizu nuns lance, morô?*, e eu senti a mão na cara dele com tanta força que ele quase chorou. Não fala comigo como se você tivesse saído de dentro duma vaca, eu disse.

O desgraçado ficou me olhando como se eu devesse alguma coisa pra ele. Esse é o problema desses pivetes de hoje em dia, eles não tavam por aqui na demolição de Balaclava em 1966, mas não falo mais disso. Todo mundo fala como se a favela fosse a única coisa que existe, principalmente ele. Eu te vi na tevê uns anos atrás e nunca senti tanta vergonha na minha vida. Pensar que você tem todo esse dinheiro, todos esses discos de ouro, todas essas marcas de batom de tudo que é tipo de branquela no seu pau e você fala desse jeito? *Se tu vive a tua vida só pra tu, a tua vida não vale de nada?* Então pode ir desistindo dela, seu arrombado, que eu tô indo aí tirar ela de você.

Agora, o Chorão é diferente. No dia em que ele saiu da prisão — e olha que não foi um bom dia pra sair de lá, bem no meio de uma guerra — o cara tinha um tremendo volume no bolso de trás. Quando ele puxou o

livro, tinha tanta tinta vermelha na capa que eu perguntei se ele tava sangrando pelo rabo. No fim das contas, a tinta era da única caneta que ele tinha conseguido surrupiar na prisão. Pergunto se ele tinha escrito um outro livro dentro do livro. Não, grande, ele diz. Bertrand Russell está no posto mais alto do ranking, meu irmão, não dá pra escrever por cima do que ele diz. Bertrand Russell é um livro que eu ainda não li. O Chorão me contou que, graças ao Bertrand Russell, ele não acredita mais em Deus, e eu meio que tenho um problema com isso.

Esperando o Chorão. Taí um bom título pruma música, e de sucesso. Semana passada eu disse pra ele, e pra toda pivetada, pro Bam-Bam, pro Demus e pro Fumaça, que todo homem jamaicano tá sempre procurando pela figura de um pai, e se você não for bom o suficiente, ele vai procurar um outro pra se espelhar. Era por isso que o Papa-Lo tinha esse apelido, mas ele já não podia mais ser o pai de ninguém. O Chorão diz que ele amoleceu, mas eu disse claro que não seu idiota, presta atenção. O cara não amoleceu, ele só chegou naquela idade em que a pessoa no espelho é um velho que não se parece mais com ele, e ele só tem trinta e nove. Mas, por aqui, essa é uma idade avançada, e o problema de chegar tão longe é que ele não sabe o que fazer. Então ele começa a se comportar como se não gostasse mais do mundo que ele mesmo ajudou a criar. Você não pode simplesmente brincar de Deus e de repente dizer não gosto mais da humanidade, deixa eu apagar a lousa aqui com um dilúvio e começar tudo de novo. O Papa-Lo começou a pensar demais, e achou que deveria ser mais do que ele é. Esse é o pior tipo de idiota, o idiota que começa a acreditar que as coisas podem melhorar. O melhor está por vir, mas não do jeito que ele pensa. Os colombianos já começaram a falar comigo, tão cansados daqueles cubanos *locos* que cheiram demais a mercadoria que eles deveriam apenas vender, e dos bahamenses que não servem mais pra nada desde que aprenderam a produzir crack. A primeira vez que eles me perguntaram se eu queria experimentar a mercadoria, eu disse não,

hermano, mas o Chorão disse sim. *Irmãozinho*, eu não conseguia foder na prisão se não cheirasse um pó, ele me disse, sabendo que ninguém na favela teria coragem de chamá-lo de viado por causa disso. Aquele cara ainda escreve pra ele lá da prisão.

Um monte de gente, inclusive uns que deveriam saber melhor das coisas, começou a achar que o Papa-Lo tava amolecendo, que ele não tava mais muito a fim de segurar a barra pelo partido. Que ele ia escorregar e permitir que os caras do PNP entrassem na nossa área, e que Jungle e Rema, que são uma bagunça total, logo iam começar a descolorir suas camisas verdes e tingir elas de laranja. Ele não tá amolecendo, ele tá pensando muito, que é uma coisa que os políticos não pagam pra ele fazer. Políticos nascem no leste e se põem no oeste e não tem nada que você possa fazer para mudar isso. É aqui que discordamos. Ele quer esquecer deles. Eu quero usar eles. Eles acham que ele não se importa mais com o povo, mas o problema é que ele tá se importando demais, e já tá arrastando o Cantor junto.

Eles me ligaram primeiro no ano passado. Me chamaram pra uma reunião em Green Bay, e a primeira coisa que eu perguntei foi cadê o Papa? O negro (eles eram quase todos brancos, mulatos e vermelhos) disse *Cabô Papa, já deu pro Papa, agora é sangue novo na área*, como se ele fosse um desses caras fazendo de conta que era da favela numa pegadinha de tevê. Teve uma hora que aquele arrombado do Louis Johnson ficou segurando de cabeça pra baixo um papel timbrado, uma besteira qualquer sobre uma festa que um embaixador ia dar, fazendo de conta que era um memorando da agência, e ficou sorrindo e lendo pros outros como se aquilo tivesse confirmando qualquer merda que ele tinha falado pra eles a meu respeito. O Papa não curtia aquele tipo de patifaria, mas o que aqueles putinhos retardados não sabiam é que eu também não. Eu tava com Medellín na outra linha.

Então, eu fiz de conta que tava caindo na vigarice que Louis, o vigarista, tava armando pra mim. Ouvi ele dizendo, com um sorriso, que eles não tinham certeza se podiam confiar em mim, e fingi que não entendi quando me pediram pra dar um sinal, como se aquilo fosse a Bíblia. Me fiz de bobo até eles me dizerem claramente o que queriam. Louis Johnson foi o único homem da embaixada que eu conheci. Ele é quem mantém contato com os negros. Alto, cabelo castanho e óculos escuros pra esconder os olhos. Eu digo pra ele que agora ele tá em Copenhagen City, também conhecida como a palma da minha mão, e que se eu tiver a fim, posso fechar o punho a qualquer instante. Eu levanto minha camiseta e conto a ele a história de 1966. Lado esquerdo do peito, a bala quase atingiu o coração. Lado direito do pescoço, a bala atravessou. Ombro direito, pegou de raspão. Coxa esquerda, a bala ricocheteou no osso. Costela, a bala estilhaçou o osso. Eu não digo pra ele que estou prestes a ativar um cara em Miami e outro em Nova York. Não digo pra ele que *yo tengo suficiente español para conocer que eres la más gran broma em Sudamérica*. Eu falo feio com ele como se fosse um crioulo caipira e faço perguntas idiotas do tipo todo mundo tem arma na gringa? Que bala gringo usa? Por que é que o Dirty Harry não vem tramar na Jamaica? Hi-hi-hi.

Daí eles me contam a novidade, que o Cantor tá dando dinheiro pro Papa-Lo e que os dois tão pensando grande, pensando num jeito de acabar com a necessidade de todas as pessoas que nem eles. Eu finjo que Papa-Lo já não tinha me dito aquilo na última vez que matou um moleque em Jungle, e depois se arrependeu quando ficou sabendo que ele tava indo pro colégio. E eu digo pros políticos e pros americanos, claro, pra provar que eu sou o Don de todos os Dons, eu vô fazê o que tem que sê feito. O homem diz quero deixar bem claro que o governo dos Estados Unidos não apoia nenhum tipo de atividade ilegal ou perturbação da ordem em nações soberanas que são suas amigas. Eles agem como se eu

não soubesse que eles já tinham planejado o próximo passo, que já tinham procurado alguém na minha própria gangue que eles poderiam encontrar na calada da noite, como o Nicodemos, pra dizer pra ele dar um jeito em mim assim que eu terminasse o serviço. Então tô aqui esperando o Chorão pra conversar sobre coisas que só eu e ele podemos conversar, porque amanhã eu vou dar um jeito em certas pessoas. E no dia seguinte, vou dar um jeito no mundo.

NINA BURGESS

*Dezessete ônibus. Dez vans, incluindo aquela que diz Revlon Flex, que já passou duas vezes. Vinte e um táxis. Trezentos e setenta e seis carros, acho. E o cara não botou o pé pra fora de casa nenhuma vez. Nem mesmo pra tomar um ar, pra ver se os seguranças estavam fazendo o trabalho deles. Nem mesmo pra dizer pro sol, até mais, irmãozinho, tenho muita coisa pra fazer. O cara na lambreta verde-limão volta de noite e mandam ele ir embora de novo, mas não sem antes ele descer e falar com o cara no portão por dois minutos e dezessete segundos. Eu cronometrei. O relógio do Danny ainda funciona, mas eu só fui descobrir isso em um almoço no Terranova, quando encontrei uma antiga colega de escola que tinha os peitos mais caídos que uma cabra cansada, mas, ainda assim, estava se achando a gostosa, que o Timex era o mesmo relógio *que o meu pai deu pra Hortense semana passada pelos quinze anos de bons serviços prestados ao nosso lar*. A vagabunda tava me chamando de pobre. Eu queria dizer que ela devia estar muito feliz de agora ser uma mulher casada e não precisar mais se preocupar com a aparência, mas eu sorri e disse tomara que o seu filho saiba nadar, porque eu vi ele correndo para se jogar na piscina.*

Eu queria que inventassem um telefone que você pudesse levar com você, porque assim eu teria ligado para a Kimmy para perguntar se ela já tinha ido visitar os coitados dos nossos pais, e falar sobre ir embora desse país antes que alguma coisa pior acontecesse. Conhecendo a Kimmy, eu sei que ela provavelmente acabou aparecendo vestindo a camiseta da Universidade da Ganja e aquele jeans com metade da parte de trás

cortada, chamando a mamãe de irmãzinha e dizendo que tudo aquilo era culpa do sistema de merda que era a Babilônia, e que, em vez de ficarem putos com o ladrão, eles deveriam ficar putos com aquele sistema de merda, que tinha roubado deles primeiro. Esse é o tipo de coisa que eles ficam falando naquele ponto de encontro das Doze Tribos, naquele bairro horrível chamado West Kings House, perto da casa do governador. Nossa, eu preciso melhorar muito o meu sarcasmo. Eu posso até ser esnobe, mas, pelo menos, não sou hipócrita de ficar de bobeira porque não tenho nada pra fazer agora que meu plano de trepar e procriar pelo Che Guevara deu com os burros n'água. Nem estou me encontrando em West King House com gente rica que agora não lava mais os cabelos e se chama de bicho só pra irritar os pais, quando todo mundo sabe que daqui a dois anos eles vão voltar pra assumir um cargo de chefia na empresa de entregas da família e casar com qualquer piranha síria que tiver acabado de ganhar o Miss Jamaica aquele ano.

Carro número trezentos e sessenta e sete, sessenta e oito, sessenta e nove, setenta. Setenta e um, setenta e dois. Eu preciso ir pra casa. Mas estou aqui fora, esperando por ele. Você já teve a sensação de que a sua casa é o único lugar para o qual você não pode voltar? É como se você tivesse prometido pra você mesma quando saiu da cama e penteou o cabelo que esta noite, quando eu voltar, eu vou ser uma outra mulher, vou estar num outro lugar. E agora você não pode voltar atrás porque a casa espera alguma coisa de você. Um ônibus para. Eu aceno, tentando dizer ao motorista que não quero entrar. Mas o ônibus fica parado ali, esperando por mim. Dou um passo para trás e fico olhando pra rua, fingindo que as pessoas no ônibus não estão me xingando, dizendo que têm casa pra ir e um monte de pivetes pra dar de comer, então por que diabos essa desgraçada não sobe nesse ônibus? Eu saio andando, me afasto o suficiente para que o ônibus vá embora, mas volto pro ponto antes da poeira assentar.

O som do baixo me sacode do outro lado da rua. Parece que ele está tocando a mesma música o dia inteiro. Parece que é mais uma música para mim, mas provavelmente tem dezenas de mulheres na Jamaica, e outras milhares espalhadas pelo mundo, pensando a mesma coisa quando escutam uma música dele no rádio. Mas “Midnight Ravers” era para mim. Um dia eu vou contar isso pra Kimmy, só pra ela ficar sabendo que não é porque ela é a mais bonita que pode ficar com todos os caras. Um carro branco da polícia, com uma listra azul, desceu toda a rua e estacionou ao lado do portão. Eu nem tinha visto. A polícia jamaicana costuma andar com a sirene ligada o tempo todo, só pras pessoas saírem da frente e eles chegarem mais rápido no Kentucky Fried Chicken. Nunca me meti com polícia. Isso não é verdade.

Teve aquela vez que eu tava no ônibus 83 para Spanish Town para fazer uma entrevista de emprego, porque é assim que as coisas funcionam em 1976, onde você encontrar trabalho você pega, e esse era em uma mineradora de bauxita, quando três carros da polícia ligaram as sirenes e obrigaram o motorista a parar bem ali, no meio da estrada. *Todo mundo saindo do veículo imediatamente*, disse o primeiro policial. Bem ali, no meio da estrada. Era uma pista bem estreitinha, com mato dos dois lados, e todo mundo precisou fazer uma fila. A maior parte das mulheres começou a reclamar que tinha hora pra chegar no serviço, e a maior parte dos homens ficou em silêncio porque a polícia só pensa duas vezes antes de atirar se for em mulher. *A gente vamos fazer uma revista*, disse o policial. *A gente vamos cumprir o procedimento e pegar o nome de geral*.

— Qual que é o teu, gracinha?

— Perdão?

— Tu mesma, gostosinha, qual teu nome?

— Burgess, Nina Burgess.

— Bond, James Bond. Tu bem que podia sê atriz de cinema. Tu tá com alguma arma escondida aí? Olha que eu vou revistar tu.

— Olha que eu vou gritar estuprador.

— Porra, e quem é que vai ligar pra esse teu cu cagado aí, hein?

Ele me mandou ficar junto com as outras mulheres enquanto outro policial enfiava a arma no rabo de um homem que tinha começado a falar sobre justiça e igualdade de direitos. Eis um segredo sobre a polícia que um jamaicano jamais diria em voz alta, isto é, nenhum jamaicano que tenha lidado com um desses cuzões. Sempre que um deles leva um tiro, e vários levam, parte de mim, aquela que existe antes do primeiro café de manhã, sorri um pouquinho. Tento não pensar nisso. Fico me perguntando se o segurança do portão está contando para a polícia naquele minuto que eu passei o dia inteiro no ponto de ônibus vigiando a casa. Mas, em vez disso, alguém diz alguma coisa e o policial gordo, sempre tem um, começa a rir, e a risada ecoa até aqui. Ele começa a voltar para o carro, mas alguém do lado de dentro grita com ele. Eu sei que é você, só pode ser você. Um carro está se aproximando pelo meu lado da rua, uns trinta metros, talvez? Dá tempo de atravessar correndo antes de ser atropelada, e eu sei que é você, eu simplesmente sei, e o carro agora, uns cinco metros? Vai, corre agora mesmo, não buzina pra mim, filho da puta, surda é a tua mãe, eu tô no canteiro central, tem muitos carros passando do outro lado da rua, e eu presa aqui no meio, que nem o Ben Gunn, e eu só queria que você me visse, claro que é você, só pode ser você, lembra de mim, você escreveu “Midnight Ravers” pra mim, mesmo que tudo tenha acontecido depois da meia-noite, e talvez você não me reconheça de dia, e eu só queria te pedir um favor, só queria uma ajudinha, eles roubaram meu pai e estupraram minha mãe. Não, eles não a estupraram, não, eu não sei, mas a coisa parece mais grave quando a xexeca de uma senhora de idade entra na história, e eu sei que é você, e o policial está esperando, que bom, que ótimo, ele vai sair... não é você. Outro segurança corre pra fora pra dizer alguma coisa pra ele, e aquele merda daquele policial gordo ri mais uma vez e depois se enfia no carro.

Eu estou presa no canteiro central, e os carros passam rápido por mim, levantando minha saia.

— Oi, eu vim ver...

— Ninguém entra. A turnê recomeça na semana que vem.

— Não, você não entendeu. Eu não estou aqui por causa da turnê, eu estou aqui pra... Ele está me aguardando.

— Moça, ninguém entra além dos familiares mais próximos e da banda. Tu é a mulher dele?

— Quê? Claro que não. Que tipo de pergunta...

— Tu toca algum instrumento?

— Não tô entendendo o que isso tem a ver, só diz pra ele que a Nina Burgess está aqui pra falar com ele, e que é urgente.

— Dona, mesmo que teu nome fosse Scooby Doo, ninguém entra.

— Mas, mas... eu...

— Dona, se afasta do portão.

— Eu tô grávida. E é dele. Ele tem que cuidar desse bacuri.

O segurança olhou pra mim pela primeira vez no dia. Pensei que ele ia me reconhecer, mas aí me dei conta de que ele tava me vendo pela primeira vez. Ele ficou me olhando de cima a baixo, talvez porque quisesse ver que tipo de mulher carregaria o filho de uma grande estrela.

— Tu sabe quantas mulheres vieram aqui desde segunda dizendo exatamente a mesma coisa que tu acabou de dizer? Teve umas que até me mostraram a barriga. Eu disse que ninguém entra além da família e da banda. Volta semana que vem, tenho certeza que o bebê não vai fugir pra Miami até lá. Se tiver alguma coisa...

— Porra, Eddie, fecha essa matraca e traz esse teu cu cagado de volta pro portão.

— Já tô voltando, é que essa garota não vai embora.

— Então faz ela ir.

Me afastei rapidamente. Não quero que nenhum desses caras encoste em mim. Eles sempre dão um jeito de meter a mão na sua bunda ou na sua virilha. Um carro encosta ao meu lado e um homem branco sai de dentro dele. Por uma fração de segundo eu quase grito Danny, mas era só mais um branco. Ele tem os cabelos castanhos e compridos, e uma barbinha no queixo, bem do jeito que eu gostava, mas o Danny não. Camiseta amarela lisa e uns jeans boca de sino bem justos. Talvez fosse por causa do calor que dava pra dizer que 1) ele era americano; 2) homens americanos odeiam usar cuecas mais do que suas mulheres odeiam usar sutiãs.

— Putamerda. Olha ali, Taffie, Jesus voltou.

— O quê? Mas eu ainda nem me arrependi dos meus pecados.

O branco não pareceu entender a piada. Saí da frente, de uma forma um tanto quanto espalhafatosa.

— E aí, velho? Alex Pierce, da *Rolling Stone*.

— Pera lá um pouquinho, ô Jesus da calcinha apertada, tu jura por Deus? Dois caras dos Rolling Stones já estiveram aqui antes, um chamava Keith e o outro chamava Mick, e nenhum deles se parecia com você.

— Mesmo assim eles são todos meio parecidos, Eddie.

— Pode crê, pode crê.

— Eu sou da revista *Rolling Stone*. A gente falou pelo telefone.

— Nunca falei contigo no telefone.

— Quis dizer, falei com alguém do escritório. Uma secretária, ou algo assim, sei lá. Eu sou da revista. Dos Estados Unidos. A gente fala de todo mundo, do Led Zeppelin ao Elton John. Não estou entendendo, a secretária me disse pra vir no dia 3 de dezembro às seis da tarde, quando ele estaria no intervalo dos ensaios, e é por isso que estou aqui.

— Patrão, não sou secretária de ninguém.

— Mas...

— Olha, a gente temos ordens de não deixar entrar nem sair ninguém que não seja da família ou da banda.

— Ah. Por que vocês todos estão carregando um fuzil? Vocês são policiais? Você não parece o segurança que estava aqui da última vez que eu vim.

— Não é da sua conta, e é melhor tu se mandar, agora.

— Eddie, o cara ainda tá te incomodando aí no portão?

— Ele tá dizendo que a revista dele é sobre lésbicas e sobre o Elton John.

— Não, Led Zepellin e...

— Diz pra ele se mandar.

— Deixa eu facilitar pra você.

O branco puxa a carteira. Eu só preciso de dez minutos, ele diz. Malditos americanos, sempre achando que nós somos que nem eles, e que podem comprar todo mundo. Pela primeira vez, eu tinha ficado feliz daquele segurança ser tão cuzão. Mas ele tava olhando pras notas, e já fazia um bom tempo. É inevitável com o dinheiro americano, você não tem como ignorar que aquele pedaço de papel vale mais do que qualquer coisa que estiver no seu bolso. E que se você mostrar um deles, você muda o comportamento de uma sala inteira. Não parece certo, é só um pedaço de papel com nenhuma outra cor além do verde. Deus sabe que dinheiro bonito não é a única coisa bonita que não vale nada. O segurança dá uma última olhada no bolo de notas e sai andando de volta para a entrada da casa.

Eu começo a rir. Quando você não consegue lutar contra uma tentação, você tem que fugir, eu digo. O branco olha para mim, chateado, e eu rio ainda mais. Não é algo que acontece todo dia, um jamaicano que não vira um sim, meu patrãozinho, faço tudo o que você quiser, meu patrãozinho, assim que vê um homem branco. Danny ficava chocado com isso. Até que ele começou a gostar. É uma coisa e tanto quando a pele

branca se transforma na carteirada derradeira. Eu estava um pouco surpresa de estar gostando tanto daquilo, eu e um branco barrados na porta, como se fôssemos pedintes. Pelo menos naquele sentido nós éramos iguais. Falando desse jeito, até parece que eu nunca estive com brancos, ou, pelo menos, com sírios que pensam que são brancos.

— Você veio lá dos Estados Unidos só para escrever uma matéria sobre o Cantor?

— Bom, sim. Não tem ninguém maior do que ele no momento. Pela quantidade de estrelas que estão vindo só pra esse show, parece Woodstock.

— Ah.

— Woodstock foi um...

— Eu sei o que foi Woodstock.

— Ah. Bom, a Jamaica esteve nas notícias o tempo todo este ano. E agora tem esse show. O *New York Times* acaba de publicar uma matéria dizendo que o líder da oposição levou um tiro. E no gabinete do primeiro-ministro, ainda por cima.

— Sério? Acho que o primeiro-ministro ficaria surpreso com isso, já que não teria por que alguém da oposição estar dentro do seu gabinete. Além do mais, ele fica na cidade alta. Nessa mesma rua. Ninguém dá tiro em ninguém por aqui.

— Não foi o que o jornal disse.

— Então deve ser verdade. Acho que se você só escreve bobagem, você precisa acreditar em toda bobagem que você lê também, né?

— Ah, que é isso, não precisa falar desse jeito comigo. Não é como se eu fosse um turista, porra, eu conheço a verdadeira Jamaica.

— Que bom pra você. Eu vivo aqui desde que nasci e ainda não a conheço.

Eu saio andando, mas o branco vem atrás de mim. Só tem um ponto de ônibus, mesmo. Talvez, a essa altura, a Kimmy já tenha visitado os

desgraçados dos pais dela, que foram roubados e sua mãe possivelmente estuprada. Mesmo assim, logo que eu atravesso a rua até a outra calçada, eu quero ficar. Sei lá. Eu sei que não tenho nenhum motivo para voltar pra casa, mas isso não é diferente de qualquer outro dia. Eu só preciso lembrar de cada manchete falando de uma família levando tiros, notícias sobre o toque de recolher, reportagens sobre alguma mulher que foi estuprada ou sobre como o crime está se alastrando feito uma onda pela cidade alta para ficar morrendo de medo. Ou da minha mãe e do meu pai tentando agir como se os bandidos não tivessem levado embora uma coisa que, até então, era só deles. O dia que eu passei com eles, eles não se tocaram sequer uma vez.

O branco pega o primeiro ônibus que vem. Eu não, e digo a mim mesma que é porque eu não quero estar no mesmo ônibus que ele. Mas eu sei que vou perder o próximo. E o que vier depois dele também.

DEMUS

Alguém precisa me ouvir, e pode muito bem ser você. Alguém, em algum lugar, de algum modo, vai julgar os vivos e os mortos. Alguém vai escrever sobre o julgamento dos bons e dos maus, porque eu sou do mal e eu sou foda, não tem ninguém pior nem mais foda do que eu. Alguém, uns quarenta anos depois que Deus vier buscar todos nós sem deixar ninguém de fora. Alguém vai escrever sobre isso, sentado numa mesa num domingo à tarde, a madeira do piso rangendo, a geladeira zunindo, mas nenhum espírito em volta dele como tá sempre cheio de espírito em volta de mim, e ele vai escrever a minha história. E ele não vai saber o que escrever nem como escrever a minha história porque ele não viveu ela, ou porque não sabe como é o cheiro de pólvora, ou o gosto do sangue quando ele teima em não sair da sua boca, não importa quanto você cuspa. Ele nunca pirou numa batida. Nenhum encosto encarnou nele enquanto ele dormia e fez ele ter um sonho molhado enquanto sugava sua vida pela boca, mesmo eu fechando os dentes com força, e quando eu acordo tô cheio de baba grossa na cara, como se alguém tivesse me enfiado dentro numa gelatina e colocado na geladeira. João Batista previu isto. Agora os maus estão fugindo.

É desse jeito que começa.

Um dia, eu tava em Jungle, do lado de fora de casa, debaixo da bica, tomando banho de manhã bem cedo porque um homem não pode sair procurando emprego todo fedido por aí. Eu tô nos fundos, no meu quintal, que é também o quintal de geral lá na favela, tentando me lavar com água e sabão quando a polícia aparece porque alguma mulher, uma

dessas beatas, começou a dizer que tava indo oferecer o nome do Senhor em oração quando algum maloqueiro de Jungle me atacou e tentou me estuprar, policial. Você aí, seu moleque que tá mexendo no pau que nem um tarado, vem pra cá agora! Tento argumentar com o policial, porque Jah Rastafári diz que a gente tem que argumentar com nossos inimigos, e digo policial, o senhor não tá vendo que eu tô tomando banho, e ele vem pra cima de mim e me faz beijar a coronha do seu fuzil com toda força. Não vem me passar essa tua conversa fiada, tarado cu cagado, ele diz. Tu tava mexendo aí nos teus documentos que nem um viado sodomita. Daí ele diz foi você que estuprou a beata na North Street? E eu digo o quê? Não, grande, eu não estuproi mulher nenhuma, pra que se eu tenho um monte de mina, mas ele me deu um tapão como se eu fosse uma mulher e disse vai lá pra fora. Eu digo policial, deixa eu me enxaguar ou, pelo menos, botar uma cueca, não, cara e eu escuto um clique. Anda, arrombado, ele diz, então eu ando e do lado de fora tem mais sete caras enfileirados e um monte de gente assistindo, e algumas pessoas viram a cara quando me veem e outras ficam me olhando e tudo que eu tenho pra me cobrir é espuma. Tu pegou esse aí antes que ele pudesse lavar as provas, outro policial diz.

A polícia, estão em seis, eu contei, diz um de vocês é o tarado que estuprou uma beata quando ela tava voltando da missa. E como cês são tudo uns favelado mentiroso, eu nem vou pedir pro delinquente que cometeu o crime se apresentar. A gente não sabia o que fazer, porque se qualquer um de nós fosse apontado como o estuprador, a polícia ia matar em vez de levar em cana. Então, o primeiro policial, que era quem tava falando esse tempo todo, disse mas a gente sabe como é que a gente vai te pegar. Todo mundo pro chão, agora! A gente ficou confuso, olhando pros lados, e eu olhei pras bolhas de sabão estourando uma a uma, revelando meus documentos. O policial dá dois tiros pra cima e diz pro chão, agora! Então a gente se joga. Ele pede um isqueiro pra um outro policial e pega

um jornal que tava rolando pelo chão. Agora escutem o que eu quero que vocês façam, ele diz. Eu quero que vocês metam gostoso nesse chão. Um de nós riu, porque aquilo tinha se transformado num programa de humor da tevê, e o policial chutou ele duas vezes na lateral. Eu disse pra meter nesse chão, o policial repete. Então a gente fica comendo o chão e ele diz podem continuar. O chão é duro e tem pedrinhas e cacos de vidro e terra e estou batendo com o quadril nele e minha pele tá começando a ficar machucada, e eu paro. Quem te mandou parar, o policial diz, e toca fogo no jornal. Mete, mete, mete, eu disse pra meter, o policial grita, e enfia o jornal em chamas no meu rabo. Eu grito e ele me chama de garotinha. Eu disse pra você meter, ele fala. E depois ele queima outro moleque, e depois mais outro moleque, e todos os que estavam metendo no chão.

Daí ele passa andando pelo lado da fileira e diz tu não sabe meter, pode voltar pra casa. Tu também não sabe, raspa daqui. Tu parece que sabe, tu fica. Tu vai, tu vai. Peraí, pera lá um pouquinho, do jeito que tu anda parece que tem alguém que mete em você. Bichona, xispa daqui, e você, é melhor você ficar aí. Ele tava falando comigo. Eles pegam três de nós e enfiam dentro do camburão, e eu ainda tô pelado. Eu peço uma camisa e o policial diz é, cara, vamos arrumar uma calça pra você. Minha mina traz um par de calças e uma camisa, um policial me diz. Mas elas são boas demais prum favelado, então vamos ficar com elas, ele fala. Daí outro policial dá um tapa na cara dela e diz vai fazer alguma coisa da vida e para de ficar dando moral pra favelado. A gente passou uma semana na cadeia até nos soltarem. Eles me chutaram na cara, me bateram com o cassetete, me acertaram nas bolas, me chicotearam se achando que eram tudo uns sinhozinho, e quebraram a mão direita do meu chapa. E isso só no primeiro dia, quando ainda tavam a fim de tratar a gente bem. Eu tava pelado o tempo todo, e eles ficavam tirando sarro de mim por causa disso.

Isso é o que acontece no sétimo dia: a mulher muda de ideia, diz que foi um cara de Trench Town que estuprou ela, e que não quer prestar

queixa, então eles deixam a gente ir embora. Ninguém na cadeia fala comigo, e a polícia nem sequer pede desculpas. Então na primeira oportunidade em que eu tava de volta a Copenhagen City e um policial veio pra cima metendo bala e dizendo que só tava querendo manter a paz, eu fiz questão de estar armado também. O que eles não sabiam é que, lá na favela, eu tinha aprendido a atirar que nem um soldado de *Os doze condenados*. Eu vi aquele filme uma vez e vi de novo e de novo e mais uma vez. Quando a polícia desistiu e começou a fugir de Jungle eu acertei dois deles, um na cabeça e outro bem no saco, porque eu queria que ele tivesse que passar o resto da vida sem poder usar o pau.

Foi então que aconteceu. Um irmãozinho do Cantor, não ele, um outro, veio com um papo furado que era pra gente dar um pulo na casa do Cantor. Só isso aí já era esquisito. Agora que o Rasta mora na cidade alta, poucos são convidados pra ir lá, e todo mundo que vai ou é gente graúda ou é patrão de boca. Mas ali não era o Rasta convidando, era um chapa dele, e ele convidou o Fumaça, e o Fumaça disse que precisava que outros cinco ou seis caras fossem junto com ele.

A casa do Cantor era a maior que eu já tinha visto. Fui correndo tocar numa parede só pra dizer que eu tinha tocado. Foi tanta primeira vez naquele dia que eu nem lembro da maioria. Primeira vez que fui à cidade alta. Primeira vez na Hope Road. Primeira vez que vi tanta mulher tão bem-vestida andando pela rua. Primeira vez que vi a casa do Cantor. Primeira vez que vi uma branca vestida que nem um Rasta. Primeira vez que vi como vivem as pessoas que tinham um monte de coisas. Mas o Cantor não tava lá, só o irmãozinho dele e um bando de gente que eu nunca tinha visto, até uns branquelos. Ele explicou de um jeito bem simples. Corrida de cavalo é um negócio importante na Jamaica, disso todo mundo sabe. Funciona assim: o melhor jóquei pode ganhar ou pode perder a corrida, mas se você apostar contra ele e ele perder, você vai ganhar mais dinheiro do que jamais sonhou, mesmo sonhando duas vezes.

Grana suficiente pra cada maluco na favela comprar pra sua mulher um colchão Posturepedic da Sealy.

Eu não tô nem aí pra colchão nenhum. Eu só queria poder tomar banho dentro de casa, não no meu pátio, e eu queria ver a Estátua da Liberdade e eu queria ter um jeans da Lee de verdade, não um jeans qualquer que um picareta costurou uma etiqueta da Lee por cima. Não, não é nada disso que eu queria. Eu queria era ter bastante grana pra não precisar mais me preocupar em ter grana. Pra tomar banho no pátio se eu quiser tomar banho na merda do meu pátio. Pra dizer que o colchão da Sealy é uma merda, tu não tem nada melhor aí não? Pra olhar pros Estados Unidos e não ir, mas deixar bem claro pros Estados Unidos que eu podia ir a hora que eu quisesse. Porque eu tô de saco cheio de gente que pode torrar dinheiro e fica me olhando como se eu fosse um animal. Eu queria ter bastante grana pra matar todos eles e não dar a mínima. Raptar o jóquei, conversar com ele, e coisa e tal, diz o irmãozinho.

A corrida era domingo. Terça, eu e o Fumaça e outros dois caras dirigimos até a pista de Caymanas Park. Assim que o jóquei termina o treino e vai na direção do carro dele, a gente ataca o cara, coloca um saco na cabeça dele, joga ele dentro do carro e leva ele embora. A gente leva o cara prum armazém antigo na cidade baixa que ninguém mais usa. O Fumaça enfia o cano da arma tão fundo na boca do cara que ele começa a engasgar.

— Arrombado, escuta o que tu vai fazê no domingo — ele diz.

* * *

O jóquei perde as três corridas. Depois, pega um avião pra Miami e desaparece que nem mágica. Só que outras pessoas desaparecem também. Os quatro caras que pegaram a grana em Caymanas Park, incluindo o irmãozinho. Isso deixou eu, o Fumaça e vários outros caras sem nada.

Nada mesmo. Eu achava que eu tava puto com aquilo até ver um cara apertar uma garrafa de Horlicks com tanta força que ela quebra e ele precisa tomar ponto. No sábado, a gente vai até a casa do Cantor, porque algum desses cu cagado vai ter que dar o que a gente tava indo buscar. Mas o Cantor tava em turnê. Na próxima vez que o cara vai até a casa do Cantor, a gente fica sabendo que ele tava lá, mas que já tinha se encontrado com um cara de Jungle. Ninguém diz isso pra mim nem pro Fumaça. O cara ia passar a perna na gente mais uma vez. Ninguém se dá conta quando eu e o Fumaça fazemos um dos moleques sumir. Mas agora parece que tem gente recebendo uma grana, e a gente não tá ficando com a nossa parte. Eu não devia ter falado nada pra minha mina, que agora também tô tendo que me preocupar em baixar a bola dela. Quando eu penso no picareta que se mandou pro estrangeiro com a grana, fico com vontade de tacar fogo na casa da Hope Road. É desse jeito que os caras fazem pra manter os outros pobres.

Na primeira vez que eu me encontro com o Josey Wales, ele pergunta se eu sei usar um revólver. Eu rio. Uso revólver melhor que o Ricardão usa o pau dele, eu digo. Ele pergunta se eu tenho algum problema em atirar num moleque. Eu digo a ele que não, mas que eu só atirava na polícia da Babilônia ou num maluco que tivesse me passado a perna. Atirei em três e não vou parar até matar dez. Ele pergunta por que dez e eu digo porque dez parece um número que até Deus ia respeitar. Ele conta que logo vai me dar polícia pra eu atirar como se tivesse dando um ratinho pruma cobra comer. Eu digo a ele que minha perna tá doendo desde que eu saí da prisão, e já faz um ano que dói sem parar. O Chorão, amigo dele, diz posso te curar agora mesmo. Desde aquela primeira vez eu me senti tão bem tão rápido que imploro quase que nem uma garotinha por mais cocaína. E a dor se vai, que nem quando eu fumo uma erva. Mas a maconha me deixa lento. A cocaína me deixa ligado. Eu disse mas peraí, esse troço é bom demais. Tu vai me dar esse pó branco, uma arma e grana

pra matar gente que eu mataria de graça? É Primeiro de Abril? O Josey Wales diz não, meu chapa, a gente vai pintar Kingston de vermelho com o sangue da polícia. Mas eu quero o sangue de uma outra pessoa primeiro.

Isso era o que eu queria dizer antes que o escritor diga por mim. Quando eu sentia tanta dor que só maconha muito forte podia me ajudar, a única outra coisa que me ajudava era o Cantor. Eles nunca tocavam suas músicas no rádio. Uma mina que eu conhecia me deu uma fita cassete. Não é que a música tirasse a dor, mas quando eu escuto, eu não sinto a dor, eu sinto o ritmo. Mas quando o Josey Wales me contou ontem à noite em quem a gente vai atirar, eu voltei pra casa e vomitei. Eu acordo de manhã achando que tinha tido um pesadelo idiota, até que ele deixa um recado na minha porta dizendo pra me encontrar com ele no barraquinho que funcionava como estação de trem, perto do mar. Eu sou foda, eu sou do mal, mas eu nunca teria entrado nessa se soubesse que ele queria apagar o Cantor. Aquilo fazia minha cabeça doer mais do que qualquer coisa já tinha feito. E agora eu nem dormia mais, eu ficava deitado no meu quarto, de olhos abertos, ouvindo minha mina roncando do meu lado.

Quando a lua nasceu e a luz atravessou a janela pra me acertar no peito, eu soube que era Deus que tinha vindo me julgar. Ninguém que matava um polícia ia pro inferno, mas matar o Cantor era bem diferente. Deixei o Josey Wales me dizer que o Cantor era um hipócrita, um duas caras, e que fazia todo mundo de bobo. Deixei o Josey Wales me dizer que ele tinha planos maiores, e que já tinha passado da hora de dar um jeito na marionete do homem branco na favela, que morava na cidade alta e não dava a mínima pra gente até as eleições. Deixei o Josey Wales me dizer que o Cantor era uma marionete do PNP, que se curvava ao primeiro-ministro. Deixei o Josey Wales me dizer pra cheirar mais três carreirinhas que eu não ia mais me importar. Deixei o Josey Wales me dizer que o irmãozinho do Cantor tinha voltado. Que ele tava morando na casa também, se refestelando que nem uma ratazana gorda, só esperando

que eu, e somente eu, mostrasse pra ele por que é que não se brinca com um moleque de Jungle. Quando a manhã chegou e eu ainda tava acordado, foi nisso que eu me agarrei. Era o suficiente. Eu queria enfiar o revólver no rabo dele e depois meter uma bala.

Fico sentado na cama enquanto minha mina reclama que não tem nada pra comer, e que ela tem que ir trabalhar porque se o PNP ganhar de novo ela não vai conseguir ter um bom emprego. Espero ela sair pra vestir as calças e ir pra rua. Não tomo mais banho na bica desde aquela vez que a polícia veio atrás de mim. Lá fora, o sol mal se levantou, e tudo ainda tá fresco, claro e verde. Vou andando descalço pela favela, passo por tapumes de madeira e tetos de zinco que as pessoas usam, pedras, tijolos e lixo pra manter no lugar. Aqueles que têm trabalho e os que tão procurando emprego se foram, deixando aqueles que não conseguem arrumar serviço porque esse é um bairro do PTJ e é o PNP quem tá no poder. Eu sigo andando. Quando chego nos limites de Jungle, o sol já tá quase no meio do céu, e eu escuto a música vindo do rádio de alguém. É música disco. Ouço o barulho de alguma coisa molhada sendo espremida, uma mulher lavando roupa nos fundos da sua casa, perto da bica. É como se eu não conhecesse ninguém, ou todo mundo que eu conheço tivesse ido embora.

O Josey Wales me fez duas perguntas quando me conheceu. Eu tava indo de Jungle até o Lixão quando ele apareceu num Datsun branco e encostou. Dois outros caras tavam dentro do carro, o Chorão e um outro que eu ainda não conhecia. Ele disse que ouviu dizer que eu era muito bom com um revólver e me perguntou como, já que os maloqueiro tudo só sabiam encher os outros de bala. Eu disse que era bom porque, ao contrário desses caras, eu sabia em quem eu queria atirar. Daí ele disse tu pode ser bom, mas tem muita gente boa por aí, o que eu quero saber é se você tá com fome. Ele não precisou me explicar nada. Eu sabia exatamente o que ele queria dizer. Isso faz uma semana. Me encontrei

com ele todas as noites naquele mesmo barraquinho. Uma noite, um branco apareceu e disse que tinha um carregamento no porto que ninguém tava cuidando, e que seria uma pena se alguma coisa acontecesse com ele, mas aquilo é a Jamaica, né? Coisas desaparecem o tempo todo.

Isso é o que você precisa saber. Alguém precisa saber o que é que eu tava pensando, apesar de que isso não significa muita coisa, na real. Gente que diz que não tem escolha só é covarde demais pra escolher. Porque já são seis da tarde. Em vinte e quatro horas, nós vamos até a casa do Cantor.

ALEX PIERCE

Um emprego assim tem um gostinho todo especial. Estou em Kingston, em algum ponto entre o Studio One e o Black Ark, imaginando que deve haver algum motivo para que todos os hippies estejam de pau duro com essa cena. Quer dizer, quem é pobre não tem escolha a não ser cantar numa banda de rock and roll. Quem é rico, por outro lado, pode deixar o cabelo crescer, dizer que é hippie, que nem umas gatas de sovaco peludo por aí, e ainda por cima confundir o fato de ter condições financeiras para entrar na onda, e se deixar levar, com a convicção de fazer essa merda e ainda dizer que é Rastafári. Daí o cara vai pra St. Barts ou Maui ou Negril e Port Maria pra lutar contra o sistema entre um e outro ponche de rum. Porra, eu sempre odiei os hippies. O pior é que agora as dondocas da Jamaica estão imitando os hippies que estão imitando os Rastas, que porra é essa? Mas, enfim, isso é a Jamaica. Pensei que, pelo menos, todo mundo estaria ouvindo o Big Youth e o Jimmy Cliff.

Mas quando eu cheguei aqui, e já fazia um ano que eu não vinha, a única coisa que estava tocando no rádio era *More More More, How Do You Like It How Do You Like It*, e eu fiquei achando que aquela não devia ser uma boa amostra. Troquei de estação e era *Ma Baker She Knew How to Die!* Mudei pra FM e era *Fly Robin Fly up-up to the Sky!* Perguntei pro carregador de malas do hotel então, onde é que eu vou se eu quiser ouvir os Mighty Diamonds ou o Dillinger? Ele me olhou como se eu tivesse acabado de pedir pra chupar o pau dele e me disse nem todo jamaicano passa fumo, senhor. Até o Abba é mais tocado do que o reggae

por aqui. Já ouvi “Dancing Queen” tantas vezes que eu chego a sentir que estou me transformando numa bichona.

Estou hospedado no Skyline, o hotel com uma tremenda vista para... um outro hotel. Em Kingston, você sai na rua e tem preto e tem branco, e tem um monte de mestiço também, e eles estão todos no mesmo hotel, ou na casa do Cantor, ou simplesmente pela rua. Até na tevê o cara do tempo é preto. Você vê negros o tempo todo nos Estados Unidos, concordo, mas você não os vê de verdade, certamente não no noticiário. Você os ouve no rádio o tempo todo, mas assim que a música termina, eles desaparecem. Eles estão na tevê, mas só quando é alguém entrando pelo cano ou quando alguém fez um deles dizer *pódi crê!* Na Jamaica é diferente.

Tem uma jamaicana na tevê. Uma mulher branca acabou de ganhar o Miss Mundo, mas ela é daqui. Ela acaba de dizer que o Cantor é seu namorado, e que ela mal pode esperar para voltar pra casa pra ficar com ele. Juro. Tem umas gatas violentíssimas aqui nessa cidade e todas sabem dançar. Nas ruas, até o trânsito tem uma música. Isso e gente falando do cu cagado dos outros. Nos resorts, os americanos os imitam falando das suas bundas sujas e se acham muito moderninhos porque tiveram os cabelos trançados por uma garota chamada Sexta-Feira (não por causa do filme, é uma referência ao Robinson Crusóe e a ter um negro como seu escravo pessoal, e, sem brincadeira, eles ainda me olharam estranho quando eu derrubei meu copo a primeira vez que ouvi isso) e aprenderam a falar que nem jamaicano, irmãozinho.

E as pessoas daqui vão deixando que tudo isso aconteça, andando por aí com uma certa prepotência, mas sem jamais esquecer o seu lugar. Se você conversar com bastante gente no hotel, você vai perceber o sotaque branco, as pessoas sendo exageradamente educadas porque foram treinadas para falar com você desse jeito. E como isso tem tudo a ver com raça, dá merda o tempo todo. Uma vez um cara negro pediu para o carregador de malas lhe ajudar e o garoto simplesmente saiu andando. O

cara teve que começar a berrar mas que porra de mentalidade de escravo é essa, você tá dando uma de Pai Tomás pra cima de mim?, pra que ele percebesse que o cara era americano. E, mesmo assim, o garoto pediu pra ele mostrar a chave do quarto. Se você sai andando pela rua é a mesma coisa, até você se afastar o suficiente para encontrar pessoas mais reais.

De qualquer modo, isto é a Jamaica, e esse lugar é um barato. Tem uma história boa do Serge Gainsbourg, aquele francês feioso que só fica gravando música brega e pegando mulher gostosa. Sei que ele vem para a Jamaica querendo gravar um réguê e os filhos da puta do estúdio começam a rir dele, né? Tipo, mas quem esse francesinho magricela cu cagado pensa que é. Serge diz mas eu sou o maior astrô da música, eles dizem a gente nunca ouviu falar de você, a única merda de música francesa que a gente conhece é “Je T’aime”. Serge diz “Je T’aime” é minha. Gainsbourg virou Deus em Kingston depois dessa, papo sério. Sei que daí eu tô no Studio One e peço a um dos caras daqui se ele pode me descolar uma xícara de café, preto, puro, e ele responde por quê? Machucou a mão? Pega tu mesmo, ô, cu cagado. Um clássico, cara.

Eu devia estar na cola do Mick Jagger, mas ninguém vai dizer que *Black and Blue* é uma obra incompreendida, não nos próximos dez anos, nem em vinte, e eu escrevi exatamente isso na revista. Que se foda, ele e o Keith, e que se foda a *Rolling Stone* também. E essa fofocaiada da Random Notes. Eu tô muito perto de descobrir um negócio grande. Tipo “Armagedon Time”, papo sério. A cena musical mais viva e efervescente do mundo está prestes a explodir, e não é nas paradas de sucesso. Esse Cantor, ele tá tramando alguma coisa, e não fica só nesse show pela paz. Precisei passar uns bons anos frequentando a cidade alta e a cidade baixa, e de muita confiança para provar às pessoas que eu não era só um branquelo idiota passando debaixo da cordinha numa festa até que elas comessem a falar comigo. Esse mariquinha de Kingston na recepção

não faz a menor ideia de quem seja Don Drummond, mas ele insiste em me dizer que tudo que eu precisar eu vou encontrar em New Kingston.

E daí também tem isso, os jamaicanos, e não apenas os que trabalham no hotel, mas também os mulatos e os brancos que estão sempre bebendo rum no restaurante, quando veem minha câmera primeiro perguntam se eu sou da *Life*, e depois me dizem onde eu não devo ir. Se você for aonde esses caras vão, você vai acabar no Liguanea Club, onde vai estar tocando a porra do “Disco Duck” e vai estar cheio de vadias ricas que acabaram de jogar seu tênis e agora querem brincar com outras bolas. Digo que estou me mandando pro Turntable Club e eles me olham apavorados, pior ainda quando eu saio sem nem perguntar onde fica, porque eu sei que eles não saberiam. Eu tinha perguntado para o recepcionista algumas horas atrás onde é que rola um reggae? E ele disse, sem brincadeira, essas foram as palavras dele “Senhor, por que o senhor vai querer se misturar com esse tipo de elemento?” Eu quase disse puta que pariu, velho, vai chupar uma pica, mas beleza. Agora, essa história, sério, é um barato.

Sei que estou no táxi voltando para o hotel e o taxista me pergunta se eu aposto em cavalo. Eu não sou do tipo que aposta, mas ele era, e quem ele tinha visto nas corridas umas duas semanas atrás? O Cantor. Ele estava lá com dois caras, e um deles se chama Papa-Lo. Dei uma pesquisada sobre esse Papa-Lo. Agressão, extorsão, cinco acusações de assassinato, só uma delas foi julgada, e ele foi absolvido. Manda numa favela chamada Copenhagen City. Então, lá estava o Cantor, junto com dois malucos do partido político que não era para ele apoiar, e eles parecem estar se dando bem, como velhos amigos de escola. Poucos dias depois ele é visto com o Shotta Sheriff, o patrão de Eight Lanes, que é controlado pelo outro partido, o outro lado. Dois chefões na mesma semana, dois homens que praticamente controlam cada uma das metades incandescentes da cidade baixa de Kingston. Talvez ele estivesse querendo dar uma de pacificador. Mas, quer dizer, o cara é só um cantor. O negócio é que eu estou

começando a entender que nada na Jamaica é uma coisa só. Tem alguma coisa cozinhando aí, e eu já estou sentindo o cheiro. Eu falei que tem uma eleição daqui a duas semanas?

E se até um branquelo de Nova York está sentindo esse cheiro é porque a trilha já esfriou. Aquele cuzão do Mark Lansing estava no mesmo voo que eu, se esforçando ao máximo para não me ver. Juro. O diretorzinho de merda que ainda usa a graninha do papai para fazer um filme tá aqui na Jamaica pra filmar o show pela paz. Ele disse que foi contratado pela gravadora. Pode até ser, mas quando um babaca pau no cu desses de repente aparece na Jamaica para filmar um show apesar de não ter nenhuma experiência fazendo nada dessa magnitude, eu fico desgraçado da cabeça.

Meu taxista está tentando levantar uma grana para ir embora daqui. Ele acha que se o Partido Nacional do Povo vencer de novo, a Jamaica pode se transformar na próxima república comunista. Isso eu não saberia dizer, mas o que eu sei é que praticamente todo mundo tá atento ao que o Cantor vai fazer, como se um monte de coisas dependesse disso. Coitado do cara, na certa ele só queria lançar um álbum de canções de amor e fechar a conta. Talvez ele também esteja sentindo — todo mundo está — que Kingston está fervendo. O recepcionista teve que dormir duas noites seguidas atrás do balcão. Ele nem precisou me dizer nada, eu estava vendo nas suas olheiras. Provavelmente ele me diria que é um funcionário dedicado, mas aposto que ele tem medo de voltar para casa quando fica muito tarde.

Em maio, um cara chamado William Adler disse na tevê local que havia onze agentes da CIA operando aqui na embaixada norte-americana. Em junho, sete já tinham deixado o país. Como assim? Enquanto isso, o Cantor, que não era de dar alfinetada em ninguém, canta que Rasta não trabalha para a CIA. Na Jamaica, dois mais dois dá cinco, mas agora está chegando a sete. E todas essas pontas soltas estão se enrolando em volta

do Cantor, e prestes a dar um nó. Você tinha que ver como estava a casa dele hoje, segurança nível Fort Knox, ninguém podia entrar nem sair. Não era a polícia que estava fazendo a segurança, só um bando de marginais que eu descobri que se chamam de Esquadrão Eco. Hoje em dia é todo mundo esquadrão, ou banca, ou guarda. Uma coitada de uma garota estava esperando ali do lado de fora o dia inteiro, provavelmente dizendo que estava grávida dele ou algo assim. Será que o Lansing pode entrar? Ele disse que foi contratado pela gravadora para filmar o show, e provavelmente deve estar gravando algumas imagens dos bastidores. O único problema é que para conseguir qualquer informação eu teria que ser legal com aquele viado, mas não vou dar esse gostinho.

Eu estou tentando não parecer tão esfomeado. Vinte e sete anos de idade, já faz seis que saí da faculdade e minha mãe ainda me pergunta quando é que eu vou deixar de ser um comuna que só vive na curtição e arrumar um trabalho de verdade. Fiquei impressionado que ela tenha ouvido falar de comuna, mas acho que ela aprendeu “na curtição” com a minha irmã mais nova. Ela também acha que eu estou precisando me casar com uma boa moça, de preferência que não seja negra. Talvez ela esteja vendo o que estou fazendo e não consiga me levar muito a sério. Acho que estou tentando convencer a mim mesmo de que eu não sou mais um desses branquinhos perdidos por aí, tentando encontrar alguma coisa da qual possam sentir que eles fazem parte, alguma coisa que tenha algum sentido, porque depois de Nixon e de Ford e dos Papéis do Pentágono e da porra dos Carpenters, e de Tony Orlando and Dawn, não dá para acreditar em mais nada, pelo menos não no rock and roll, pelo amor de Deus. Quando me viam andando por West Kingston, os malandros me deixavam em paz porque eles sabiam que eu não tinha nada a perder. Talvez eu só fosse um pirralho imbecil reclamando do mundo, achando que eu tenho problemas, quando eu não tenho problema nenhum.

A primeira vez que eu vim para a Jamaica, a gente pousou em Montego Bay e dirigiu até Negril, eu e a filha do ex-militar. Eu adorava que ela não tivesse ideia de quem era The Who, mas ouvisse The Velvet Underground porque tinha se criado em meio às crianças alemãs na vila do Exército. Depois de alguns dias, não é como se eu sentisse que pertencia àquele lugar, nada idiota desse tipo, mas eu senti alguma coisa, uma impressão ou talvez uma certeza que dizia você já pode parar de correr agora. Não, aquilo não me deu vontade de morar aqui. Mas eu me lembro de acordar cedo um dia, bem naquela hora em que a temperatura finalmente dá uma maneirada, e dizer qual é a tua? Talvez eu estivesse perguntando para o país, talvez estivesse perguntando para mim.

Mas estou sendo óbvio. Melhor eu me concentrar nessa bomba-relógio que está tocando no país, prestes a explodir.

As eleições gerais são em duas semanas. A CIA está ocupando a cidade inteira, arrastando seu rabo gordo por aí e deixando as marcas da Guerra Fria por onde passa. A revista não espera de mim nada além de uma notinha sobre qualquer porcaria que os Stones estiverem gravando, complementada por uma fotografia idiota do Mick ou do Keith dividindo os fones de ouvido com um jamaicano pra acrescentar uma corzinha à imagem. Mas que se foda isso tudo. Que tipo de lance é esse em que o Mark Lansing está metido? O puto não tá ligado o bastante pra armar um esquema desses sozinho. Eu deveria voltar lá na casa dos Marley amanhã. Afinal de contas, eu tinha um compromisso marcado. Como se isso significasse alguma coisa aqui na Jamaica. E quem é esse William Adler, afinal de contas?

JOSEY WALES

O Chorão tem um monte de histórias. Todas elas começam com uma risada, porque o Chorão é um cara que adora fazer piada. E é assim que ele te pesca, porque a piada é o anzol. Mas assim que ele te fisga, o cara te puxa lá pro fundo, pro buraco mais escuro, quente e vermelho do inferno que você puder imaginar. Daí ele ri, e te solta pra ficar olhando você tentando nadar de volta à superfície. Só não venha falar com ele sobre o “Electric Boogie”.

Imagina que eu tô num bar vendo uns brotos dançando e uns caras assistindo e a música tocando, e eu tô fazendo o quê? Pensando no Chorão. Jungle nunca tinha parido um malandro feito o Chorão, e não ia fazer aquilo de novo. Ele não era como ninguém que vivia em Balaclava antes da demolição de 1966. A mãe do Chorão obrigou ele ir pra escola até o ginásio. Pouca gente sabia que o Chorão tinha se formado com louvor em três matérias, inglês, matemática e desenho técnico, e que lia livros grossos mesmo antes de ser jogado na prisão pela Babilônia. O Chorão lia tanto que teve que começar a roubar óculos até encontrar um que servisse. Agora, um malandro de óculos faz as pessoas pensarem que ele tá escondendo alguma coisa. A mãe do filho dele descolou um bom emprego na zona franca só porque foi a única mulher na história da zona franca que mandou um currículo de verdade pra lá e, claro, foi o Chorão quem escreveu, não ela.

Agora, toda história do Chorão tem sempre o mesmo herói, que é o próprio Chorão, exceto pelo cara que ainda escreve pra ele, o cara de quem ele adora falar o tempo todo, o cara que fez isso, que disse aquilo,

que ensinou aquilo outro, e que por um pouquinho de coca ou menos ainda de heroína, ele deixava fazer aquela coisa e os dois ficavam se sentindo bem. O Chorão fala desse cara como se não desse a mínima para o que as pessoas vão pensar, porque todo mundo sabe que o Chorão é um desgraçado capaz de matar um moleque na frente do seu pai e ainda obrigar o velho a contar seus últimos suspiros. Só não venha falar com ele sobre o “Electric Boogie”.

O Chorão tem até uma história com o Cantor. É impossível prestar atenção em todo mundo, principalmente se você estiver no meio de uma missão, mas se você não ouvisse o Chorão, por algum motivo, ele levava aquilo pro lado pessoal. Era 1967 e o Chorão era um moleque da cidade baixa em Crossroads, no meio do caminho entre a cidade alta e a cidade baixa, procurando evitar encrenca e achando que com sua matemática, inglês e desenho técnico ele poderia trabalhar como estagiário pra algum arquiteto por lá. O Chorão não esqueceu de pentear o cabelo aquele dia. Ele estava usando a camisa cinza e as calças azul-marinho que sua mãe tinha comprado pra ele ir à igreja. Imagina só o Chorão caminhando por Crossroads todo empinado, andando no ritmo do rocksteady, parecendo confiante demais pra um moleque da periferia. Imagina o Chorão diferente de todo mundo, porque ao contrário de todo mundo, ele tinha um lugar pra ir.

Quando o Chorão virou à esquerda no Carib Theatre, a polícia caiu em cima dele com tudo. Duas caminhonetes cheias de guardinhas, um segurou ele, outro bateu nele com a coronha do fuzil, outro chutou a cabeça dele quando ele caiu no chão. Na Corte de Armas, a polícia disse que ele resistiu à prisão e agrediu dois policiais. O Meritíssimo diz você está sendo acusado do assalto à joalheria Ray Chang em Crossroads, com um agravante de agressão. Como você se declara? O Chorão diz que não sabe nada sobre assalto nenhum, mas a polícia diz que eles têm testemunhas. O Chorão diz vocês não têm coisa nenhuma, vocês jogam na

cadeia qualquer negro que veem andando pela cidade alta como fizeram com o Marcus Stone, de Copenhagen City, detido por um assassinato que aconteceu quarenta e oito horas depois dele ter sido preso. Isso fazia a lei parecer ou idiota ou corrupta, ou as duas coisas. O juiz deu a ele a chance de delatar seus cúmplices. O Chorão disse que não tinha cúmplices porque não tinha cometido crime nenhum. Ele era inocente, mas não podia pagar um advogado. O juiz o condenou a cinco anos na Penitenciária Geral.

Um dia antes da prisão, a polícia faz uma visita ao Chorão. Moleques de Copenhagen City, Jungle, Rema e Waterhouse não se dão bem com a polícia. Mas a polícia veio mostrar o que ele deveria esperar da cadeia. Mesmo naquele momento, mesmo depois de haver sido sentenciado, o Chorão ainda tinha suas esperanças, porque sua mãe ainda estava viva e ele tinha se formado com destaque em três matérias, e logo aquilo ia fazer dele alguém na vida. O Chorão achava que seria uma disputa equilibrada, eles com o poder e ele com a verdade. Ele pensava é claro que um moleque de óculos não pode ser um malandro. Até aquele momento o Chorão estava pensando que Deus, a qualquer minuto, viria resgatar Daniel da cova dos leões. Seis policiais. Um deles disse Chorão, a gente veio dar uma coisa pra você. O Chorão, até aquele momento, ainda se chamava William Foster, mas os policiais diziam que ele chorava que nem uma garotinha. O Chorão, que simplesmente não conseguia manter as palavras dentro da boca, onde elas deveriam ficar, diz pro cara que ele até que é bonitinho, mas que aqui só tem saída, não entra nada. O primeiro golpe de cassetete não quebra sua mão esquerda, mas o segundo sim. O policial diz tu vai entregá teus clúmpice tudo. O Chorão tá gemendo de dor, mas mesmo assim não consegue manter a boca fechada. Você quer dizer meus cúmplices?, ele diz. O policial diz a gente sabe como fazê você falá, mas eles sabiam que o Chorão não tinha nada pra dizer, eles eram os mesmos policiais que tinham prendido ele apenas porque um moleque da

favela não tem o direito de falar daquele jeito e se vestir com roupas decentes como se fosse alguém, e é claro que aquele cu cagado tinha roubado aquelas roupas de algum cidadão de bem, alguém tinha que botar aquele neguinho nojento no seu lugar.

Eles quebram a lente esquerda dos seus óculos, e o Chorão usa os óculos assim até hoje porque não tem grana pra arrumar. Eles o levam pra uma sala na delegacia que ele nunca tinha visto antes. Tiram todas as suas roupas, até as cuecas, e o amarram numa cama de armar. O policial diz tu conhece o “Electric Boogie”, seu arrombado? Um deles chega com um fio desencapado arrancado de uma torradeira. Eles separam o fio em dois. Agora vão te chamar de bichona, diz um policial, enquanto outro pega o pau do Chorão e enrola a primeira ponta do fio ao redor da cabeça. Depois eles plugam a tomada. Nada acontece quando eles fazem aquilo, mas alguma coisa acontece quando eles pegam a outra ponta e encostam nos seus dedos, gengivas, nariz, mamilos e cu. O Chorão não me contou nada disso, mas eu sei.

O Chorão era um tipo incomum na prisão. Um homem destruído antes, não depois de ter sido encarcerado. Soube que na primeira semana na prisão ninguém se meteu com ele porque um leão ferido é mais perigoso que um leão sadio. Qualquer um ali poderia matá-lo, mas quem tentasse acabaria indo junto com ele pro inferno. O Chorão conseguia dizer uma frase inteira só com os olhos. Ele ainda faz isso, outro motivo pelo qual é muito bom trabalhar com ele. Ele lá num canto dum mercadinho, eu do outro lado, a gente troca duas piscadas e um olhar e os dois sabem que ele vai pegar a porta dos fundos e eu vou pegar o caixa e atirar em quem fizer qualquer movimento, nem que seja pra arrumar as calças ou mexer na bolsa. O revólver do Chorão tem cinco marcas no lado esquerdo, nenhuma no direito. Para cada marca, um policial. E...

— Ôu! Ôu, Josey! Irmãozinho, volta aqui, planeta Terra chamando.

— Chorão? Quando foi que tu chegou? Nem te vi entrando.

— Cheguei tem dois minutos. Tu acha que é uma boa ficar viajando aqui nesse bar?

— Por quê?

— Hã? Nada, grande, um cara como você não tem que se preocupar mesmo, já tem gente se preocupando por você.

— Como é que tu apareceu aqui?

— Tu me conhece, Josey. Todo caminho tem suas paradas obrigatórias. Mas e aí, de que planeta tu tá vindo?

— Plutão, aquele longe pra caralho.

— Saquei. Onde as gatas têm um peito só, mas duas bucetas?

— Não, cara, mais parecido com o *Planeta dos macacos*.

— Devia ter passado a pica nas macacas todas, porque afinal de contas...

— Não começa com essa baboseira de que o homem veio do macaco de novo, Chorão.

— Quem disse isso?

— Não é isso que diz aquele teu chapa que é ateu, aquele papo idiota de evolução?

— Sim, cara, eu e o casca grossa do Charles Darwin. Bicho, ninguém vem do macaco. Bom, talvez só o Funnyboy, que deve ter saído de dentro da xavasca de algum gorila.

— Puta que pariu, Chorão!

— Que que foi? Que que foi?

— Cara, minha cerveja não tava nem pela metade.

— Bom saber.

— Tu tomou toda minha cerveja, seu arrombado?

— Tu nem tava dando bola pra ela. Como é que minha vó dizia? Quem espera demais acaba servindo a dois amos.

— E tua vó sabe que tu tá bebendo a água da privada?

— Falando sério, onde é que tu andou?

O Chorão tava tagarelando mais do que o normal. Talvez fosse por causa daquele bar, onde o álcool fazia todo mundo soltar a língua, menos eu. Ele sabia que eu detestava que ele ficasse doidão quando a gente tava trabalhando. Ele ia dizer que a cocaína deixava ele de cuca fresca, mas aquilo era só uma besteira que ele tinha ouvido de algum branco que ficou preso por tráfico até que sua embaixada o soltasse, ou que ele viu em algum filme, mas ele não tinha a menor ideia do que aquilo queria dizer. No estado em que estava, ele acabaria puxando uma briga mesmo se não houvesse briga nenhuma pra ser puxada. E tava mais paranoico que Judas depois que ele traiu Jesus.

— Ô, Josey, teu Datsun tá aí fora? Tem um maluco atrás de você. Três horas.

— Quê? Puta que pariu, que é que tu tá falando agora, ô, cu cagado? E o que é que o meu Datsun tem a ver com isso?

— O maluco ali, três horas.

— Quantas vezes vou ter que dizer pra você não usar essas merdas de filme americano quando falar comigo?

— Beleza então, ô, arrombado. Tem um maluco atrás de você, à direita, não olha agora. Moreno, alto, feioso, uns beição de peixe pendurado pra fora, tá sentado no bar, mas não tá falando com ninguém. Já é a terceira vez que ele olha pra cá.

— Vai ver gostou de você.

O Chorão me encarou bem sério. Por um segundo pensei que ele ia falar alguma merda e eu ia ter que bater boca com ele. O Chorão tinha conquistado o direito de fazer o que quisesse, mesmo que fosse coisa de sodomita. Ele falava daquilo o tempo todo, mas sempre de um jeito meio enviesado, como se fosse uma fábula de Esopo, uma charada ou uma rima. Ele podia distorcer e retorcer do jeito que quisesse, e podia até mesmo falar que tinha feito a grega, isso nas palavras dele, não minhas, eu não sei que porra é essa de grega que ele fica falando. Mas isso não quer

dizer que ele quer que alguém diga essas coisas pra ele. Acontece alguma coisa sempre que alguém te diz alguma coisa sobre você, mesmo que você já saiba.

— Que se foda esse viado — ele diz.

Eu fico bem friozinho.

— Esse maluco tá de olho na gente.

— Isso é o que a cocaína tá te dizendo. É claro que ele tá de olho na gente. Se eu fosse ali no balcão, eu também não conseguiria tirar os olhos de mim. Se liga no que ele tá pensando agora. Ele, assim como todo mundo que tá aqui, me reconheceu, e depois reconheceu você também. Ele tá ali sentado pensando quem é que esses caras vieram apagar, e quando é que eles vão fazer isso? E eu devia fazer o quê, ficar aqui curtindo, tranquilão, ou sair correndo que nem um arrombado? Eu não preciso nem olhar pra ele, uma das mãos segurando o drink, a outra batucando o balcão. Olha só como ele vira a cara rapidinho quando eu me viro pra lá, um, dois três... agora.

— Haha, o cara derrubou a bebida! Bicho, talvez seja um polícia.

— Talvez tu devesse parar de alisar essa porra desse teu revólver. Tu ainda tem vinte e dois dias até o Natal pra colocar mais umas marquinhas nele.

O Chorão me encarou bem sério, e depois começou a rir. Não tinha nada como a risada do Chorão, ela começava como se ele estivesse respirando com dificuldade e então, de repente, só explodia e tomava conta do pedaço. Quem foi que ensinou esse neguinho a rir daquele jeito? Aquilo deixava todo mundo maluco e as outras pessoas começavam a rir junto com ele sem nem saber o porquê.

— Ando mais paranoico que o normal esses últimos dias.

— Isso porque tu tá achando que amanhã vai ser um dia especial. Não vai ser diferente de nenhum outro dia. Tu sabe por que eu escolhi você, né não, Chorão? Porque a única coisa que eu não suporto é alguém que só

fica falando que vai fazer. É por isso que eu não confio em político nenhum. Tudo que eles sabem fazer é ficar falando o que eles vão fazer.

— Nunca deixe um político te fazer um favor, senão ele vai querer... Já te contei da vez que eu trombei com o Cantor?

Dez mil vezes, mas eu não digo isso a ele. Tem coisas que o Chorão precisa falar dezenas, centenas, milhares de vezes até que ele perca a vontade.

— Não, tu nunca me contou.

— Tinha três anos de serviço, já...

Ele sempre se refere aos seus anos na prisão como o serviço.

— Três anos. Os cara nos levam pra praia em Port Henderson.

— Botaram os presos pra nadar? Eu fugiria rapidinho.

— NÃO, não, não. Eles nos levaram até lá pra trabalhar, botaram todos os grandões pra derrubar árvore. Mas pode crê, eu devia ter usado o facão pra arrancar a cabeça dum guardinha daqueles. Mas de todo jeito, irmãozinho, a gente tava lá trabalhando, e daí apareceu o Cantor e um amigo dele. Aí o cara olha pra mim e diz a gente tá lutando por você aqui do lado de fora, sacou? E eu olho pro cara e ele tá falando isso bem pra mim, né? Que ele tá lutando pelos meus direitos! Eu. Daí ele dá uma risada e sai fora. Eu odeio esse arrombado mais que veneno desde esse dia.

Ele realmente odiava o Cantor. Mas, na verdade, aquela história não tem nada a ver com o Chorão. Ele achou que o Cantor estava falando com ele e o sangue subiu. O Chorão tava quase partindo pra cima dele, mesmo com os guardas de olho. Daí ele se deu conta de que o Cantor tava falando com o cara do lado, não com ele. Por algum motivo, mesmo depois de ter sido chicoteado, levado coronhadas e sido obrigado a comer arroz com mijo por ter irritado algum guarda, essa foi a coisa que mais o machucou. A coisa que fez o sangue dele ferver. E aquilo nunca tinha sequer acontecido, mas alguma coisa no Chorão precisava que aquilo

tivesse acontecido, e precisava que acabasse daquele jeito. Mas eu não tô nem aí, é isso que vai fazer ele puxar o gatilho quando eu precisar que ele puxe.

— Eles estão nos esperando lá no barraco, a gente tem que ir — eu digo. — Todo mundo menos o Bam-Bam. Vai no meu carro e pega ele lá. Ele ficou vigiando a casa o dia inteiro.

— Pode crê, bicho, pode crê.

BAM-BAM

É uma coisa e tanto quando uma arma vem morar na tua casa. As pessoas que moram com você são as primeiras a perceber. A mulher com quem eu moro tá falando diferente comigo. Geral fala diferente contigo quando vê um volume diferente nas tuas calças. Não, mas nem é isso. Quando uma arma vem morar na tua casa, é a arma, não a pessoa, que é dona dela, quem tem a última palavra. Ela se mete nas brigas de casal, e não só nas sérias, mas até nas menorzinhas.

— Tá pronta a janta — ela diz.

— Tô sem fome.

— Tá bom.

— Mas tem que tá quente quando eu tiver com fome.

— Sim, sinhô.

Quando uma arma vem morar na tua casa, a mulher que mora contigo começa a te tratar diferente, não com frieza, mas agora ela para e pensa, medindo as palavras antes de dizer pra você. Mas a arma fala com o dono também, e a primeira coisa que ela diz é que você jamais será dono dela, que lá fora tá cheio de gente que não tem uma arma, mas que sabe que você tem, e uma noite eles vão vir que nem o Nicodemos pra tentar pegar ela. Ninguém nunca é dono de uma arma. Você não sabe disso até se tornar o dono de uma arma. Que se alguém dá uma arma pra você, essa pessoa pode pegar ela de volta. Um outro maluco pode pensar que a arma é dele mesmo quando vê que é você que tá com ela. E ele só não vai conseguir sossegar enquanto não pegar ela de volta. Fome de arma é pior que fome de mulher, porque com mulher existe pelo menos a chance dela

também tá com fome de você. De noite, eu não durmo. Fico acordado, sentado no escuro, olhando pra ela, alisando, vendo e esperando.

Dois dias depois que ele foi embora, a gente ouve dizer que o Papa-Lo tava na Inglaterra, assistindo os shows da turnê do Cantor. Correu o boato que o Funnyboy tava na Inglaterra ao mesmo tempo, mas ninguém sabia dizer se aquilo era verdade ou mentira desde que tinham crucificado o último cagoete bem no meio do Lixão. O cara que traz armas pra favela diz pra gente fazer uma visita noturna ao porto atrás de um contêiner escrito Show pela Paz. Quando nós três chegamos lá, o lugar tava deserto como se o Clint Eastwood tivesse acabado de passar cavalgando por ali. Nenhuma grua funcionando, nenhum poste aceso, nenhuma pessoa, só o som da água batendo no píer. A caixa tava aberta e pronta. O Chorão apareceu dirigindo o Datsun do Josey Wales. Eu, ele e o Fumaça enchemos o porta-malas e o banco traseiro com tanta munição que nem eu nem o Fumaça cabíamos no carro quando terminamos. O Chorão deu dinheiro pra gente pegar um táxi, mas nunca tinha táxi passando pela favela, pior ainda durante o toque de recolher, então a gente pegou a grana e foi até o Kentucky Fried Chicken, onde a gente ficou olhando o caixa, louco que a gente fosse embora pra poder fechar, mas com muito medo de pedir pra gente sair.

Aquela noite, o mesmo branco que brincava com o Frouser ensinou a gente a atirar. Um monte de maluco veio da favela, e quando ele viu um deles, ele abriu um sorriso e disse e aí, Tony, belezinha?, mas o Tony não respondeu. Ele não tinha contado pra ninguém que ele e o Tony se conheciam desde o jardim de infância, em Fort Benning, e ninguém sabia que o Tony tinha ido a escola nenhuma. Ele montou um alvo e me disse pra atirar. Depois o cara que traz as armas pra favela olhou pra mim e sorriu. O Chorão dizia pro branco que o Papa-Lo tava amolecendo, mas o branco não tava entendendo muito do que o Chorão tava dizendo. Ele só balançava a cabeça e ria e dizia manjei!, e depois olhava pro Josey Wales,

que repetia tudo mais devagar, mas ele ria do mesmo jeito, mesmo do que não era engraçado. Isso deixava o Josey Wales com mais cara ainda de puto, porque geral sabia que ele se orgulhava de falar bonito. O branco diz que tamo lutando para nos libertar do totalitarismo, do terrorismo e da tirania, mas ninguém sabe do que ele tá falando.

Olhei pros outros moleques, dois mais novos que eu, cinco mais velhos, incluindo o Demus e o Chorão. Todos nós somos pretos, e não gostamos de pentear o cabelo. Todos nós usamos calças de khaki ou jeans ou de gabardine, com a perna direita enrolada logo abaixo do joelho e um pano saindo do bolso traseiro esquerdo porque esse visual é do caralho. Alguns usam touca Rastafári, mas outros não porque parece que os Rastas tão virando socialistas, agora. Socialismo é só mais um ismo e até mesmo o Cantor anda tão de saco cheio de ismos que ele até escreveu uma música sobre o assunto. Daí o branco fala sobre como certas pessoas tão passando uma conversa fiada pra tentar convencer outras pessoas e sobre como o totalitarismo só vigora com o consentimento da população, e a gente balança a cabeça como se tivesse entendendo. Ele disse caos nove vezes. Falou sobre como o país vai agradecer a gente um dia e a gente balançou a cabeça como se tivesse entendido.

Mas o Josey Wales queria uma coisa que tava além de toda aquela disputa política. Fiquei pensando em como ele sempre tinha um cheiro estranho, mesmo com a mulher escolhendo as roupas dele. Um cheiro de alho e enxofre. Depois que eles mostraram de novo pra gente como atirar, o Josey Wales falou vamos pra Rema porque a negada de lá anda arrumando problemas. Você tem mesmo que dar um jeito nessa crioulada de lá, disse o branco, e saiu rindo, no seu jipe. Pronto, lá vinha Rema mais uma vez, situada entre o PTJ e o PNP, entre o capitalismo e o socialismo. O Josey Wales diz pro branco que ele não tá nem aí pra nenhum ismo, porque ele é mais inteligente que todos os outros, e que ele fará tudo que eles quiserem que ele faça se eles levarem ele até Miami e esquecerem ele

por lá. O branco diz que não faz ideia do que o Josey Wales tá falando, mas em seguida ele abre um sorriso como se ele e o diabo compartilhassem um segredo. Corriam boatos de que o pessoal de Rema tava resmungando que o PTJ tinha dado dinheiro, carne enlatada e sistema de esgoto pra Copenhagen City, mas não tinha feito nada por eles, então talvez fosse hora de se aliar ao PNP, e transformar a Eight Lanes numa Nine Lanes. Tudo isso o Chorão me conta quando a gente volta pro barraco perto da linha do trem. Ele ainda tá contando enquanto mistura o pó com éter e esquenta com um isqueiro. Daí ele suga a cocaína pelo nariz e depois me apresenta.

Tamo indo pra Rema no Datsun. Vou segurando na porta, mas ela parece tão macia, o vento mexendo no meu cabelo como se duzentas mulheres tivessem acariciando meus mamilos, deve ser assim que uma mulher se sente quando você chupa os peitos dela, minha cabeçorra vai ficando invisível e desaparece, como se eu tivesse andando por aí sem cabeça, e daí minha cabeça volta, mas agora ela é um balão, e a rua escura vai ficando cada vez mais escura, e a luz amarela do poste cada vez mais amarela, e aquele broto naquela casa do outro lado da rua tá me dando muito tesão, mas não tô sentindo meu pau ficando duro, duro e duro, e puta merda, eu quero foder, foder e foder todos os brotos do mundo, e eu vou foder muito a Miss Jamaica e quando o bebê sair da buceta dela eu vou foder ele também, e vou puxar esse gatilho e vou matar geral. Mas eu quero foder e meu pau não fica duro. Não fica duro! Não fica duro! É o crack. Deve ser o pó. Ou talvez a heroína. Não sei. Não sei, e puta que pariu, esse carro precisa chegar logo, não andar que nem uma lesma, eu quero abrir essa porta e saltar fora e sair correndo prum lado e voltar correndo pro outro e depois correr de novo e tão rápido que vou sair voando, e eu quero foder, foder e foder, mas ele não fica duro! Ele não fica duro! E o rádio na minha cabeça tá tocando uma música matadora que nunca toca no rádio, e agora entrei no ritmo, e é um ritmo do

caralho!, e os outros moleques no carro também tão ligados e também tão sentindo, e eu olho pro Chorão, que olha pra mim sabendo que eu poderia dar um beijo de língua nele e depois dar um tiro nele por ser uma bichona, e eu rio e rio de novo, e o carro começa a subir um morro e a gente se sente como se tivesse indo pro céu, não, sim, pro céu, o Datsun voando e a minha cabeça virada num balão e daí eu penso em Rema e em como os malucos que vivem lá precisam aprender uma lição, e eu quero tanto ensinar essa lição pra eles que eu pego e empunho a M16, mas o que eu realmente queria era pegar um molequinho na rua e enrolar um fio no seu pescoço e ficar dando voltas e mais voltas até arrancar sua cabeça, e daí eu pego um pouco do sangue com as mãos e esfrego na minha cara e digo quem é que tá se sentindo num estado de opressão agora, seus arrrombado e eu quero foder, foder e foder, só que ele não tá ficando duro! Não tá ficando duro! Aí o Datsun canta os pneus. E antes que o Chorão possa dizer qualquer coisa, a gente salta do carro e desce a rua correndo, e a rua tá molhada, e a rua é o mar, e não, a rua é o ar, e eu tô voando, e eu fico ouvindo meus passos como se fossem os passos de outra pessoa que estivessem acertando o chão que nem tiros, e de repente eu tô no cinema com o Josey Wales porque o Harry Callahan tá de volta em *Sem medo da morte*, junto com todos os outros bandidos, porque um moleque com uma arma não é mais um moleque, é um homem, e toda vez que o Clint Eastwood atira num moleque o Josey Wales canta *people are you ready?* e a gente responde *Bow! Oh, Lord*, e atira na tela até encher de buraco e fumaça. Todo mundo que trabalha no cinema já teria saído correndo se eles não soubessem que o melhor a fazer era continuar passando o filme, senão a gente ia entrar na cabine e obrigar eles a fazerem isso de qualquer jeito. Antes de atirar de novo, eu me lembro de estar em Rema, não no cinema, e a gente tá tacando fogo numa casa e numa loja que ainda tava aberta, e as pessoas tão correndo e gritando *isso aí, seus arrrombado, corre mesmo porque os bandido tão chegando chi-li-li-*

bum-bum-ié! mas a gente não atirou em ninguém, pelo menos não pra matar, e isso me deixou muito, muito puto, e eu ainda quero foder, foder e foder e eu não sei por que que eu quero tanto foder e mesmo assim meu pau não fica em pé, então eu pego um broto e grito eu vou te matar e eu quero matar, mas daí o Chorão me pega e dá uma coronhada na minha cara e diz que porra é essa que deu em você? Isso foi um puxão de orelha, nada menos que isso, e agora eu também quero matar ele, mas ele já tá me fazendo sinal pra gente cair fora porque mesmo que os malucos de Rema não tenham grana pra nada, um ou outro também tem armas, tá, mas quem é que liga pra esses arrombados de Rema? As balas deles vão bater em mim e voltar que nem se eu fosse o Super-Homem. Eu arranco o S do peito do Super-Homem e o B do cinto do Batman. A gente vê um moleque e sai correndo atrás dele, mas ele se enfia que nem um rato num buraco que aparece do nada, e eu fico do lado de fora gritando praquele viado sair de lá pra morrer que nem homem, eu queria tanto matar esse moleque, queria matar, matar e matar, daí aparece um cachorro e eu saio correndo atrás dele porque eu quero matar esse cachorro, eu preciso matar esse cachorro, eu vou matar esse cachorro, eu matei o cachorro! O Josey Wales e os outros correm de volta pro carro e pegam um moleque e dão chutes nas suas costas e no seu queixo e no seu rabo e dizem que isso é pra todos os arrombados de Rema que pensam que podem mudar pro PNP de uma hora pra outra, pra vocês se lembrarem que a gente tem armas e sabe onde vocês moram, e eles chutam o moleque mais uma vez e ele sai correndo e eu vou atirar nele e o Chorão olha pra mim e eu quero atirar nele, eu quero muito atirar nele, e eu quero atirar nele agora, agora e agora, mas o Chorão diz coloca esse teu rabo arrombado de volta na porra desse carro senão todo mundo aqui vai te meter tanta bala que o vento vai assobiar quando passar por você, e eu não sabia por que quando eu queria foder, eu queria foder, foder e foder, e quando eu queria matar, eu queria matar, matar e matar, e agora eu não queria morrer, e eu tava com medo,

com medo e com medo, e eu nunca tinha sentido medo desse jeito, e o meu coração tava batendo muito, muito forte. Mas eu entrei no banco de trás e fiquei pensando no tiroteio e em como tinha sido mais que bom, e em como eu me sentia mais que bem, mas também em como, assim que eu comecei a pensar que eu me sentia mais que bem, eu comecei a não me sentir mais tão bem assim. Ter ido embora daquele lugar que fedia a peixe sem matar ninguém me fez sentir que nem algumas pessoas se sentem quando alguém morre, e eu não sei por quê. Não é uma coisa que deveria fazer alguém sentir qualquer coisa, mas, mesmo assim, eu tô sentindo. E a noite nunca foi tão escura, e o caminho nunca foi tão longo, apesar de a gente não estar tão longe, e eu sabia que o Chorão tava puto comigo, mas achei que ele ia me matar, e matar todo mundo e toda Copenhagen City, cinzenta e enferrujada e suja como eu odeio esse lugar, e eu não sei por quê, se era a única coisa que eu conhecia, e eu só consigo pensar que quando eu fumo aquela coisa tudo fica bonito, e todas as ruas tavam lindas e eu queria comer todos os brotos, e quando eu puxei aquela arma eu podia matar quem eu quisesse, e seria a maior matança de todos os tempos, e agora eu não tinha feito a maior matança de todos os tempos, e o vermelho não era assim tão vermelho, e o azul não era assim tão azul, e a música não era a melhor música, e todas essas coisas me deixaram triste, mas também me deixaram uma outra coisa que eu não consigo descrever, e só tem uma coisa que eu quero. Voltar a me sentir bem, e agora. Agora.

E o Papa-Lo apareceu gritando que nem um louco dizendo quem foi que disse que o Josey Wales e o Chorão podiam tocar o horror em Rema, puta que pariu, quem foi que disse, e ele respondeu um cara mais importante que você e parecia que o Papa-Lo ia partir pra cima do Josey Wales, mas daí ele nos vê, ele me vê e ele vê as armas e eu não sei o que é que ele pensa, mas deve ter sido algo forte, porque ele se manda. Mas não sem antes dizer pra geral ouvir que um dia a gente ia acabar ficando sem gente pra matar. O Josey Wales faz um chiado com a boca, sai fora e vai

ou comer a mulher dele, ou brincar com seus moleques. A mulher que mora comigo olha pra mim como se nunca tivesse me visto. Ela tava certa. Ela nunca tinha visto ninguém como eu.

Chega o ano de 1976, trazendo uma eleição junto com ele. O cara que traz armas pra favela deixou bem claro que de jeito nenhum aquele governo socialista podia vencer de novo. Eles faziam chover fogo do inferno pra não deixar que isso acontecesse. Primeiro eles mandaram a gente atirar em dois caras de Eight Lanes, mas depois mandaram atirar em mais gente. No Coronation Market, a gente chegou numa vendedora e numa mulher toda metida que se vestia como se fosse da cidade alta e atirou nas duas. No dia seguinte a gente foi pra Crossroads, bem ali onde a cidade baixa se encosta na cidade alta, e invadiu uma lojinha dum china e metralhou tudo. No dia seguinte a gente parou um ônibus que ia passando por West Kingston em direção a St. Catherine. A gente entrou pra aterrorizar e roubar as pessoas, mas uma policial mulher gritou parado, como se ela fosse o Starsky ou o Hutch. Ela não conseguiu sacar a arma a tempo, então a gente arrastou ela pra fora do ônibus e o ônibus foi embora. No mato que tem ali na margem da estrada a gente atirou seis vezes nela enquanto os carros iam passando. Seu corpo fez a dança das balas enquanto a gente atirava, mas foi o que o Josey Wales fez antes disso que me fez engolir de volta meu próprio vômito. O Papa-Lo jamais permitiria aquilo. O Josey apontou a arma pra todos nós prometendo que ia meter a bala se a gente abrisse o bico.

A mina que mora comigo tá vendo que eu tô mudando, mas eu já não tô nem aí pra nada desde que possa dar uma fumada. E logo o Chorão deixou bem claro que a única coisa que me impedia de dar uma tragada bem funda eram esses arrombados que precisavam morrer. Eu precisava de uma recompensa, alguma coisa, qualquer coisa pra não me sentir tão deprimido. E agora o que tá acontecendo é o seguinte, ou eu tô fumando

ou sonhando que tô fumando, e tô me sentindo como se tivesse de luto por alguém que morreu e não vai mais voltar.

Notícias de que o crime tá fora de controle se espalham pela Jamaica. O país tá indo pro buraco, nem a cidade alta é segura hoje em dia e o PNP tá perdendo o controle da situação. Duas semanas antes da eleição, o Papa-Lo manda a gente bater em todas as casas pra lembrar pras pessoas como elas devem votar. Um dos moleques diz que o Papa-Lo não manda nele. O Josey Wales podia chiar e resmungar e falar umas coisas de duplo sentido, mas o Josey Wales nunca se esquecia de que o Papa-Lo tinha se tornado o Papa por ser o maluco mais violento e casca grossa do pedaço. O Papa-Lo chega perto do moleque e pergunta a idade dele. Dezessete, ele diz. E pelo jeito não vai fazer dezoito, o Papa-Lo diz, e dá um tiro no pé dele. O moleque dá um grito e um pulo e depois mais um grito. Esse pessoal tá ficando malcriado, ele grita. Parece que tão esquecendo quem é o pica grossa do pedaço! Tu aí! Tu esqueceu? ele pergunta, e aponta a arma prum outro moleque. O moleque toma um susto e começa a tremer não-não-não Papa-Lo, tu que é o Don, o Don dos Dons, e o Papa-Lo começa a rir quando o moleque começa a se mijar. Lambe tudo, diz o Papa-Lo, e o moleque se faz de idiota por um segundo, até que o Papa-Lo deu um tiro e disse ou você lambe o seu mijo ou a gente vai lamber o seu sangue, e o moleque, vendo que o Papa-Lo não tava brincando, se agachou e começou a lamber o xixi do chão como se fosse um gato que tivesse ficado louco.

Então vamos pra rua e saímos batendo nas portas abertas e arrombando as fechadas, e só um cara, um velho meio louco, diz que não vai votar em ninguém, então a gente arranca ele de dentro de casa, pega todas as roupas dele e taca fogo, e depois deixamos ele pelado e queimamos essas roupas também e chutamos ele duas vezes e dizemos que é melhor que ele saiba direitinho em quem votar senão a gente vai começar a queimar as coisas de dentro da casa, e a mulher que mora

comigo me pergunta se a gente também vai vir atrás dela, porque ela acha o PTJ e o PNP a mesma merda e eu digo que talvez a gente venha, então é melhor ela nunca mais falar disso comigo. Mas quando o branco e o cara que traz as armas pra favela vêm aqui, eles falam com o Josey Wales, não com o Papa-Lo. O Papa nem tem mais ficado na favela tanto assim. Tá passando tempo demais com o Cantor.

É noite. Já devia tá frio a essa altura de dezembro. O Cantor tá em casa. Vivendo e cantando e se divertindo. Todo mundo na Jamaica e na favela falando sobre como ele decidiu fazer esse tal show pela paz chamado Smile Jamaica, mesmo sendo propaganda pro PNP, e como o Esquadrão Eco, uns bandido que tã na folha de pagamento do PNP, faz a segurança da sua casa dia e noite. Nada de polícia, só uma viatura que dá uma passada no começo da noite. Ninguém entra, e pouca gente sai. Fico olhando os carros passando e as luzes da casa acendendo e apagando e acendendo de novo. Fico olhando o empresário gordinho ir e vir, e o branco de cabelo castanho. Ele disse uma vez que a tua vida não vale de nada se tu não puder ajudar um monte de gente e, tudo bem, ele ajudou um monte de gente, mas ele fica dando pras pessoas o que elas precisam, e acontece que os jovens não precisam de nada — eles querem tudo. A gente canta músicas de outras pessoas, músicas de jovens que não têm grana nem pra gravar uma música, e a gente fica só curtindo o ritmo e balançando o esqueleto, porque só mulher é quem dança. E a gente canta músicas que a gente inventa enquanto sonha, dizendo que se você quer viver que nem um raio, vai morrer que nem um trovão. E o Cantor acha que o Johnny já era, mas o Johnny ainda é, e o Johnny mudou e ele tá vindo pegar você. Naquela noite eu vi ele fumando maconha com o Papa-Lo, e depois dando um envelope pro comparsa do Shotta Sherrif, e até uns malucos mais importantes que eu tã tentando entender que porra esse cu cagado desse Rasta tá tramando. Esse Cantor pensa que só porque ele veio do mesmo lugar que a gente ele entende como a gente vive. Mas

ele não entende coisa nenhuma. Todo mundo pensa que nem ele quando vai embora e depois volta. As pessoas acham que as coisas tão exatamente do mesmo jeito que tavam quando elas foram embora. Mas a gente mudou. A gente é mais cascudo que ele, e a gente não tá nem aí. Ele fugiu antes que acabasse virando alguém que nem a gente.

E a gente? A gente é o pior dos bandidos do pedaço. A mãe do Fumaça veio um dia quando a gente tava de vigia na esquina jogando dominó falando sobre como ela *conseguia sentir o cheiro de tudo quanto era nojeira vindo do quarto dele*, e aí ele deu um tapa na cara dela e disse não fala desse jeito com o bandido quando ele tá na atividade. A mina que mora comigo me pergunta se eu vou tratar ela do mesmo jeito, mas eu não digo nada. Eu não quero bater em mulher nenhuma. Eu só queria cheirar um pó. De graça. Isso era tudo que eu queria. Tudo que eu precisava. Dois dias atrás eu tava passando pelos fundos da casa duma mulher e vi o Chorão saindo de lá pelado e indo até a bica que tem nos fundos. Ele tirou a camisinha do pau, jogou longe e começou a tomar um banho. Todo mundo sabia que esse papo de camisinha e anticoncepcional era um plano dos brancos pra acabar com os pretos, mas ele não tava nem aí. Fiquei olhando ele tirar os óculos e esfregar o corpo todo com um pedaço de pano e um toco de sabão como se aquela bica e a árvore no quintal tivessem ali só pra ele, mas aquela não era nem a casa da sua garota oficial. Eu não queria comer o cu dele, nem fazer nenhuma dessas nojeiras de viado, eu só queria encarnar nele como se eu fosse um espírito, e me mexer quando ele se mexesse, e enfiar quando ele enfiasse, e pegar fôlego quando ele pegasse, e me sentir como ele se sentisse quando fosse tirando o pau devagarinho, bem aos poucos, e depois metesse de volta com força, e depois com jeito, primeiro rápido e depois devagar. Depois eu queria ser a mulher. Mas, porra, eu só precisava respirar.

Hoje à noite eu tava vigiando sozinho a casa do Cantor, mas outras vezes eu tinha companhia. O baixinho boca grande que é empresário dele

achava que a gente era só mais um desses moleques que vinham ou atrás de grana, de maconha, ou da chance de gravar uma música foda, mas ele olhava a gente de um jeito diferente. Aí a gente volta lá pra favela e o branco que aparentemente era amigo do cara conta pra gente onde fica cada cômodo da casa dele. *Que todo mundo tem um preço, até mesmo as pessoas que estão bem debaixo do seu nariz, e que na hora certa elas vão tirar uma folguinha, ou melhor, uma folgona, caralho, os caras vão é tirar uma pestana esperta antes de sair pra discoteca aqui em Kingston!* Que só existe uma entrada e uma saída. Que geralmente ele faz um intervalo por volta das nove, nove e quinze, e vai até a cozinha, sozinho, já que as crianças não tão ali e todo mundo ou ainda tá no estúdio ou tá indo embora. Que da escada que leva pra cozinha a gente teria uma boa visão, mas que era melhor crivar o lugar de bala só pra garantir. Que dois iam dirigir, dois iam entrar e quatro iam flanquear. A gente não entendeu o que ele quis dizer, então o Josey Wales disse que era pra levar as armas na mão, o que pareceu uma idiotice. O americano ficou vermelho de novo e o cara que traz armas pra favela explica que ele quis dizer pra cercar o lugar. Eles mostraram umas fotos pra gente. O Cantor na cozinha, ele e o branco que é dono da gravadora, ele no estúdio com os olhos saltando pra fora por causa dum fumo da pesada, ele e o seu novo guitarrista diretamente dos Estados Unidos, ele comendo um broto, ele comendo a irmã dela, ele escorado no fogão como se até o Cantor tivesse de saco cheio do próprio Cantor. A Jamaica inteira esperando pelo show Smile Jamaica. Até uma galera da favela vai porque o Papa-Lo disse que a gente devia ir lá pelo Bob, mesmo sabendo que é um comício do PNP. Tudo que eu conseguia pensar era que só faltava uma noite pra eu parar de sentir fome. Mais uma noite e eu ia arrancar o S do peito do Super-Homem e o B do cinto do Batman.

ALEX PIERCE

Existe um motivo para que a história da periferia não seja contada com fotos. Uma favela de Terceiro Mundo é um pesadelo que desafia crenças e fatos, até mesmo aqueles que estão bem ali na sua frente. Uma visão do inferno que se contorce em si mesma e dança ao som de sua própria trilha. As regras normais não se aplicam aqui, mas sim imaginação, sonho e fantasia. Quando você visita uma favela, especialmente se for localizada em West Kingston, você imediatamente deixa o mundo real para entrar em algo grotesco, que parece saído de Dante ou das pinturas infernais de Hieronymus Bosch. É uma câmara vermelha e enferrujada do inferno que não tem como ser descrita, de modo que não tentarei descrevê-la. Ela não pode ser fotografada porque partes de West Kingston, como Rema, são assoladas por tanta desolação e repugnância sem fim que a beleza inerente ao processo fotográfico mentiria para você sobre a verdadeira feiura do lugar. A beleza possui um espectro infinito, mas a miséria também, e a única maneira de capturar com precisão e integralmente o vórtex interminável de horror que é Trench Town é usando a imaginação. Você poderia descrevê-la em cores, vermelho e morto como sangue velho, marrom como a terra, o barro ou a merda, branco como a água cheia de espuma correndo por uma viela estreita. Prateado como o zinco de um teto ou de um tapume bem ao lado do zinco velho, o próprio material uma testemunha viva da última vez que um político fez um favor à periferia. Em Eight Lanes, o zinco brilha como o níquel. Em Jungle, está crivado de buracos de bala e enferrujado, da mesma cor da terra da zona rural do país. Para entender a periferia, torná-la real, você precisa esquecer do que você viu. A periferia tem cheiro. Às vezes, é um

tanto adocicado: talco para bebês que as mulheres usam nos seios. Old Spice, English Leather e Brut. A crueza de um bode abatido recentemente, a pimenta e o pimentão numa sopa de cabeça de bode. O azedo das substâncias químicas no detergente, manteiga de cacau, desinfetante, lavanda no sabão, mijo e merda fermentando e escorrendo pela sarjeta. Pimentão de novo, no jerk de frango. Pólvora de uma arma disparada recentemente, cocô nas fraldas dos bebês, o ferro no sangue coagulado após um assassinato a céu aberto, ainda lá depois de o corpo já ter sido removido. Aromas carregam memórias auditivas, e aí também tem isso. Reggae, suave e sensual, mas também brutal e cru, como um blues do delta superpobre e superpuro. É deste caldo de pimentão, sangue de balaço, água corrente e doces melodias que surge o Cantor, um som no ar, mas também um guerreiro vivo que segue fiel às suas origens, não importa onde ele esteja.

Putá merda. Tá parecendo que eu escrevi essa porra para as senhorinhas que almoçam na Quinta Avenida. *Vórtex interminável de horror?* Santo sensacionalismo, Batman! Pra quem diabos eu tô escrevendo? Eu poderia ter chegado mais perto, me aproximado mais do verdadeiro Cantor, mas eu teria fracassado como todos os outros jornalistas que tentaram antes de mim porque, porra, o verdadeiro Cantor não existe. Esse é o ponto aqui, o fato desse pau no cu agora ser alguém porque está no *Top Ten* da *Billboard*. Ele existe como uma espécie de alegoria, quando alguma menina passa debaixo da janela do hotel cantando que ela está cansada dos ismos e das cismas. Quando os garotos nas ruas cantam que suas barrigas estão cheias, mas eles estão com fome, omitindo o próximo verso porque eles sabem que não cantar aquilo que todo mundo sabe deixa a mensagem ainda mais poderosa.

Do outro lado da janela, as luzes dos postes iluminam tudo de laranja até o porto, como se fossem um monte de fósforos acendendo, um, dois, três. Eu fico olhando para elas, e bem quando começo a perceber que algumas são mais amarelas, outras mais brancas, as luzes se apagam, um

quarteirão de cada vez. Pisco os olhos e meu quarto fica escuro. Kingston se apaga por inteira pela terceira vez desde que cheguei aqui, mas a lua está cheia e, por algum tempo, a cidade fica prateada e azulada e o céu adquire essa bela tonalidade anil, como se a capital de repente tivesse se transformado no interior. A lua banha as laterais dos edifícios fazendo com que paredes cinza reluzentes se ergam do chão. As únicas luzes vêm dos carros.

Um zumbido vem lá de baixo. Estou no décimo ou décimo primeiro andar, e a luz volta, mas dessa vez com um zumbido. Meu hotel se acende, e depois o hotel à minha frente, e depois outro, e as luzes falsas trazem de volta o laranja que mata o prateado. Mas a cidade baixa ainda está às escuras. O blecaute provavelmente vai durar a noite inteira. Eu estava na cidade baixa uma vez, junto com o Lee Scratch Perry, quando faltou luz. Todo repórter sempre escuta a mesma coisa, que esse lugar é o Arma do Gedom, o lugar onde todos os criminosos da cidade vêm para desfrutar da ausência de leis. Mesmo assim, estava tão silencioso que fazia Kingston parecer uma cidade fantasma. Pela primeira vez, ouvi as ondas batendo no cais.

Eu não sei o que eu quero. Estou dando passos muito maiores que as minhas pernas. Quem é que quer escrever sobre música quando o rock and roll está morto? Talvez tenha alguma coisa ali com os punks, ou talvez isso apenas signifique que o rock está doente e foi morar em Londres. Talvez essa banda, os Ramones, acabe criando alguma coisa nova, ou talvez o rock and roll tenha que ficar voltando para sempre lá para o Chuck Berry pra se reinventar. Porra, que inferno, Alexander Pierce, será que o único jeito de escrever sobre música é falando que nem a porra de um crítico de rock and roll? O Wenner acha, ele está torcendo, e torcendo desesperadamente para que, a qualquer momento, Mick e Keith acordem, deixem a heroína de lado e abandonem todas essas merdas que estão amortecendo a banda e gravem um novo *Let it Bleed*, não uma

merda fumegante que nem esse *Goats Head Soup* e, pelo amor de Deus, nada de reggae. Mas, em vez disso, eles estão aqui fazendo exatamente o contrário, tentando empurrar a todo custo essa música deles com essa merda dessa batida one drop. Eu vim para esse país sabendo que encontraria alguma coisa. E eu acho que encontrei, eu sei que encontrei, mas que merda, eu só queria saber o que é.

As luzes se apagam e acendem de novo, dessa vez sem o zumbido. Sem brincadeira, acho que ninguém tava esperando por isso. O que Mark Lansing estava fazendo antes de as luzes voltarem? Quem é que ele conhece aqui, afinal de contas? O cara que me contou como as coisas funcionavam na periferia já tinha sido bandido um dia, até que foi parar na cadeia e saiu de lá mudado, graças aos livros. A *autobiografia de Malcolm X* não foi uma surpresa, e até eu já tinha lido Eldridge Cleaver. Mas *Os problemas da filosofia*, de Bertrand Russell? Eles o deixaram em paz porque era um ex-malandro da velha guarda que coordenava um grupo de jovens e fazia o meio-campo entre as gangues, mas também porque ninguém esperava muito de um *coolie*.

Às vezes eu invejo os veteranos do Vietnã porque eles tinham, pelo menos, a fé em si mesmos para perder. Alguma vez você já quis tanto ir embora de um lugar que o fato de você não ter um motivo para partir era ainda mais motivo para ir embora?

Em 1971, eu mal podia esperar para ir embora de Minnesota.

Todo jamaicano sabe cantar, e todo jamaicano aprende a cantar segundo a mesma cartilha: o disco Gunfighter Ballads, de Marty Robbins. Se você agarrar pelos colarinhos o malandro mais perigoso que encontrar pela frente e lhe disser El Paso, ele vai cantar perfeitamente: El Paso citeeeee, by the Rio Grandeeeeeee. É o Homo erectus da obsessão jamaicana cantar sobre armas, tiros e mortes, e tudo que você quiser saber sobre a guerra dos verdes contra os laranjas em Kingston, tudo que você quiser saber sobre os

pistoleiros e os bandidos não está nas letras de Bob Marley ou de Peter Tosh, mas sim em “Big Iron”, de Marty Robbins.

Ele é um fora da lei à solta, é o que todo mundo pinta
E está aqui pra acertar as contas
Com o ferro que traz na cinta

Esta é a história dos foras da lei de West Kingston. Um faroeste precisa de um mocinho para usar o chapéu branco e um bandido para usar o preto, mas, na verdade, a realidade da periferia está mais próxima do que Paul McCartney disse sobre o Dark Side of the Moon, do Pink Floyd. Tudo é sombrio. Cada guerreiro é um caubói sem casa, e cada rua tem um tiroteio escrito com sangue em alguma canção. Passe um dia em West Kingston e fará todo sentido que um dos bandidos mais respeitados do lugar se chame Josey Wales. Não tem a ver só com a ausência de leis, e sim com pegar um mito e transformar em algo seu, como um cantor de reggae que grava uma nova letra em cima de uma base já conhecida. E se um faroeste precisa de um O.K. Corral, um O.K. Corral precisa de uma Dodge City. Kingston, onde às vezes os corpos tombam como moscas, se encaixa na descrição um pouco bem demais. Dizem que a cidade baixa é uma área tão sem leis que o primeiro-ministro não passa de Crossroads há anos, e mesmo essa região já é uma bagunça. Porque, falando sério, foi só o primeiro-ministro, branco, que se expressa bem, dizer uma coisa como Socialismo Democrático, que em questão de dias se viu um fluxo repentino de americanos usando ternos, todos chamados Smith ou algo assim. Até eu consigo sentir o cheiro da Guerra Fria no ar, e não estamos nem falando de uma crise de mísseis. Os locais ou estão no aeroporto, ou sendo mortos. De qualquer maneira, estão dando no pé o mais rápido possível.

Acho que ficou melhor assim. Tente não escrever que nem o Hunter, tente não escrever que nem o Hunter. Que se fodam o Hunter Thompson e os beats, também. Minha matéria precisa de uma linha narrativa. Precisa

de um bandido, um mocinho e uma Cassandra. Eu sinto que ela está se aproximando do seu clímax, desfecho ou catástrofe por conta própria, sem a minha interferência. Em *Miami e o cerco de Chicago*, o próprio Norman Mailer conseguiu arrastar sua carcaça pro meio dos acontecimentos, se fazendo passar por um guarda-costas do astro de *Bonzo*, a porra do Ronald Reagan, pra ter acesso a um jantar do Partido Republicano para o qual ele jamais teria sido convidado. É só uma ideia, nada além disso.

O Cantor se encontrou com os dois principais chefões do crime da cidade, que também são rivais, no intervalo de uma semana. Armas que não eram para estar em um carregamento no porto desapareceram, de acordo com o meu informante leitor de filosofia. A eleição é em duas semanas. Não vou nem falar de Mark Lansing. Enquanto isso, o país inteiro parece paralisado num jogo de espera. Talvez o que eu realmente precise saber é por que o William Adler esteve na Jamaica alguns meses atrás, o que é que ele sabe e como é que o Cantor, o povo e, bem, o país vão sobreviver às próximas duas semanas. Daí sim eu vou escrever um troço fodido e mandar pra *Time* ou pra *Newsweek*, ou pra *New Yorker* porque, bem, a *Rolling Stone* que se foda. Porque eu sei que ele sabe. Porra, eu sei. Ele tem que saber.

PAPA-LO

Tem gente achando que minha mente é que nem um barco que zarpou pra bem longe. Algumas delas do meu próprio bairro. Eu fico só cuidando com o canto do olho. Depois que eu ajudei eles a crescerem, agora eles acham que sou eu quem tá impedindo seu progresso. Daí eles começam a me tratar como se eu fosse um velho, e acham que eu não percebo quando terminam uma frase antes da hora porque o resto não me diz mais respeito. Que eu não percebo que tem telefone chegando na favela pras pessoas conversarem, mas não comigo. Que eu não percebo que tão me deixando sozinho.

O poder na favela tá trocando de mãos porque os políticos agora têm uma visão diferente. Parece que tão dizendo por aí que eu não gosto mais de ver sangue. Dois anos atrás, me aconteceram duas coisas em uma semana. Primeiro eu atirei num moleque que tava ganhando fama em Jungle. O pessoal tava dizendo que esse moleque andava botando as asinhas de fora de novo, vendendo sua própria maconha e fazendo festa com os moleques do PNP como se a gente tivesse assinado um acordo de paz ou algo assim. A gente pegou o malandro pra fazer ele de exemplo, mas o malandro não tava vestido de khaki porque era sinistro nem porque era um brigadista cubano. O moleque tava indo pra Ardenne High School. Ele caiu de joelhos e depois de lado, e só quando ele rolou de costas no chão que eu vi a gravatinha da escola.

Eu nem lembro quantos homens morreram por minha causa e também nem me importo muito, a não ser por esse moleque. Uma coisa é quando você mata um cara e ele simplesmente morre. Outra coisa é quando ele tá

muito perto quando você atira e ele segura em você e você vê o jeito que ele te olha, o terror nos olhos dele porque a morte é o mais assustador dos monstros, mais assustador do que qualquer coisa que você tenha sonhado quando era um moleque, e você sente ela chegando que nem um demônio, te engolindo devagar, abocanhando primeiro os dedos dos seus pés com aquele bocão, e os dedos ficam gelados, e depois os pés, e os pés ficam gelados, e depois os joelhos, as coxas, a cintura, e o moleque se pendura na minha camisa gritando não, não, não, ela tá vindo me buscar, não, não, não... e ele me agarra com força, com mais força do que jamais se agarrou a qualquer coisa, porque, talvez, se ele colocasse toda a sua força, toda a sua vontade de viver naqueles dez dedos para se agarrar a uma coisa viva, talvez ele continuasse a viver. E ele puxa o ar como se tivesse engolindo o mundo inteiro, e fica com medo de soltar porque se fizer isso pode ser que ele acabe assoprando pra fora toda a vida que ainda lhe resta. Atira de novo nesse moleque, o Josey Wales diz, mas eu não consigo fazer nada além de ficar olhando pra ele. O Josey se aproxima de mim, encosta a arma na testa do cara e pôu.

Isso causou um novo racha. Todo mundo sabia que o Papa-Lo pegava pesado, principalmente se você roubasse ou estuprasse uma mulher, mas ninguém jamais tinha dito que eu era demoníaco, não como aquela mãe que veio andando até a frente da minha casa e começou a berrar que o filho dela era um bom menino, que amava sua mãe e ia sempre à escola, onde tinha acabado de se formar com louvor em seis matérias e que agora ia conseguir uma bolsa para estudar na universidade. Ela disse que quando Deus voltasse, ele traria um castigo especial prum neguinho metido a Hitler que nem eu. Ela ficou gritando pelo filho pedindo pra que Jesus intercedesse até que o Josey Wales deu uma coronhada na nuca e deixou a mulher estirada no meio da rua, a saia levantando toda vez que o vento batia.

Uma vez o Cantor me disse, Papa, como é que você foi parar no topo se preocupando desse jeito? Eu não disse a ele que estar no topo é se preocupar. Quando você chega no topo da montanha, você entra na mira de todo mundo.

Eu sei que o Cantor sabe que um monte de gente odeia ele, mas fico pensando se ele sabe de que maneiras esse ódio pode se manifestar. Todo mundo tem alguma coisa pra dizer, mas as pessoas que realmente odeiam ele são mais negras que ele. Um figurão da corte suprema diz que não leu absolutamente tudo que foi escrito por Eldridge Cleaver, e foi lá e tirou a porra de um diploma pra ter que aturar agora esse tampinha mestiço se tornando a voz pela libertação dos negros. Ele realmente representa o povo jamaicano perante o mundo? Ele ao menos sabe ler? Um figurão que acabou de voltar de Nova York e Miami diz que o que ele fez foi um desastre para a imagem do nosso país no exterior. A alfândega parou ele duas vezes perguntando se ele era de uma banda de reggae e se o cheiro que tava vindo da sua pasta era de ganja. Um figurão que tem um hotel na Costa Norte diz que aquela vadia branca de merda tomando um daiquiri com um guarda-chuvinha na taça acaba de perguntar com que frequência ele lava o cabelo, e se todo jamaicano é Rastafári, muito embora ele tivesse um cabelo bem cortado, que ele penteava todos os dias. Daí ela deixa cinquenta dólares na mesa dele, e a chave do seu quarto. Uma vez eu disse pro Cantor que eu não me lembrava de ter sentido com a minha alma tantas forças malignas, e tão poderosas, se alinhando contra apenas um homem como contra ele, e ele disse o diabo não tem nenhum poder contra mim. Se o diabo vier, eu vou apertar a mão dele. O diabo tem um papel a cumprir. E o diabo pode ser um bom amigo, também, porque é quando você não conhece ele que ele pode vir te derrubar. Eu disse irmãozinho, tu é que nem o Robin Hood. Ele disse mas eu nunca roubei um homem em toda a minha vida. Eu digo irmãozinho, nem o Robin Hood.

Mas forças malignas e espíritos do mal tão se levantando na calada da noite. O Cantor é esperto. Ele é meu amigo e também é amigo do Shotta Sherrif. O Cantor conversa comigo e conversa com o Shotta, não juntos, isso ainda seria uma loucura, mas ele conversa com nós dois do mesmo jeito. Se o gato e o cachorro conseguem viver juntos, por que a gente não consegue amar uns aos outros? Não é o que Jah diz? Mas o gato e o cachorro não querem viver juntos, eu digo a ele. Mas daí eu penso bastante naquilo e venho com um outro argumento. Quando o cachorro mata o gato, e o gato mata o cachorro, o único que fica feliz é o urubu. E o urubu passou a vida inteira esperando por isso. O abutre com sua cabeça vermelha e as penas brancas em seu peito e suas asas negras. O urubu no Palácio do Governo. O urubu no clube de golfe Constant Spring, que quer convidar ele pras suas festas bonitas agora que ele ficou tão importante que não dá mais pra ignorar, e esfregar porco assado na sua cara, e dizer pra ele como *estava pensando em dançar o reggae* como se o reggae fosse aquele cu cagado do twist, e perguntar se ele já tinha conhecido alguma estrela de verdade, que nem o Engelbert Humperdinck.

Ainda assim, forças malignas e espíritos do mal tão se levantando na calada da noite. Principalmente numa noite quente como esta, quente demais para dezembro, tudo que certas pessoas conseguem ficar pensando é em quem tem tudo e em quem não tem nada. Tô na varanda, com as luzes desligadas. Olhando lá de casa, a rua inteira tá em silêncio, nada além do lovers rock vindo do bar que tem lá mais pra baixo. Uma batida, depois duas, depois três, alguém acaba de ganhar um jogo de dominó. Eu fico ouvindo a calmaria e sabendo que ela não vai durar. Não pra mim, não pra ele, nem pra Kingston, nem pra Jamaica.

Agora faz três meses que dois brancos têm vindo aqui na favela junto com o Peter Nasser. Um só fala inglês, o outro fala muita coisa em espanhol. Eles vêm pra se encontrar com o Josey Wales, não comigo. Um

homem pode tá no topo do que ele quiser, mas quando um político faz um novo amigo, é ele que o cara vem visitar. Eu fico pensando se o Josey disse pra eles que vai fazer o que eles querem que eu faça. O Josey sempre cuidou do próprio nariz, eu nunca tentei controlar ele, nem antes nem agora, desde a demolição de Balaclava. Copenhagen City é um palácio com quatro ou cinco príncipes. Ninguém quis ser rei até agora. Mas quando os dois brancos vêm até a favela, eles vêm até a minha casa para pedir a bênção, mas vão embora junto com o Josey Wales, e quando chega o momento em que eu fico esperando que o Josey dispense eles, ele entra no carro junto com eles e não me diz nada sobre aquilo quando volta.

O Josey dá um pulo na casa da garota dele às seis e meia e sai de lá usando uma blusa e uma calça nova, que ela pegou na zona franca. Daí ele vai embora. Eu não sou a mãe nem a babá dele, ele não tem que me dizer aonde tá indo. Um carregamento de armas sumiu do porto numa noite em que ele também tava sumido. Nos Estados Unidos, os caras tão cantando para dar uma chance pra paz, mas não são os mesmos americanos que tão vivendo aqui. Eu sei que o Josey tá juntando uns caras pra acabar com Rema de uma vez por todas. Ele não sabe que eu sei que ele tacou fogo naquele cortiço na Orange Street com as pessoas ainda lá dentro, e atirou em todo mundo que tentou apagar, incluindo dois bombeiros.

É 1966. Nenhum homem que passou por 1966 saiu do mesmo jeito que entrou. Quando Balaclava foi demolida, levou muitos com ela, inclusive aqueles que apoiaram a sua demolição. Eu apoiei, não de forma discreta, mas fazendo muito estardalhaço. Balaclava era um pedaço de merda que faria você achar que cortiço era coisa de rico. Balaclava era um lugar onde as mulheres driblavam assassinatos, roubos e estupros só para acabarem sendo mortas por um copo d'água. Passaram com uma motoniveladora por cima de Balaclava pra que Copenhagen City pudesse ser erguida, e quando os políticos vieram depois das máquinas cheios de promessas, eles também exigiram que a gente expulsasse todos os homens do PNP. Antes

de 1966, os caras de Denham Town e os caras de Jungle não gostavam muito uns dos outros, mas eles brigavam nos jogos de futebol e nas partidas de críquete, e mesmo quando dois moleques puxavam briga e alguém acabava levando um murro na cara, não tinha nenhuma guerra, nem mesmo rumores de guerra. Mas aí os políticos começaram a vir. Eu recebi todos eles de braços abertos porque certamente o melhor estaria por vir pra nós também.

É 1966. Tudo isso aconteceu no domingo. O Josey tava voltando a pé pra casa da serralheria do Sr. Miller, onde ele tava aprendendo um ofício. Ele vinha andando por uma rua que nunca tinha declarado de que lado tava. Ele não sabia que na última sexta-feira, políticos tinham passado por ali dizendo pra todo mundo fechar a boca e meter a bala. Eles atiraram nele cinco vezes. No quinto tiro ele caiu de cara numa poça de água imunda. Todo mundo saiu correndo, e aqueles que não fizeram isso ficaram vendo e esperando até que um cara apareceu numa bicicleta e pegou ele e colocou ele na parte da frente e ficou segurando pra evitar que ele caísse no chão enquanto levava ele até o pronto-socorro. Ele saiu mudado daquele lugar, três semanas depois.

Forças malignas e espíritos do mal tão se levantando na calada da noite. O Cantor me contou uma história. Quando o reggae era uma coisa que pouca gente conhecia, as estrelas brancas do rock and roll eram amigas dele. Vocês, carinhas do reggae, são mutcho locos, bicho, muito bacanas, você tem uma ganja aí? Mas assim que o Rasta começou a lançar músicas de sucesso e entrou no Top 100 da Babilônia, todo mundo passou a tratar ele diferente. Eles gostavam mais do Cantor quando ele era o primo pobre que eles podiam usar pra se sentir bem só de lembrar que ele existia. Eu disse que os políticos fizeram a mesma coisa comigo quando se deram conta de que eu sabia ler. Em 1966, eles retalharam Kingston e nem perguntaram se a gente queria uma fatia. Então, todas essas áreas que fazem fronteira com o meio do caminho entre a cidade baixa e a cidade

alta, Rema, Jungle, Rose Town, Lizard Town, essas eles deixaram pra gente brigar por elas. E eu briguei muito, até cansar. Eu criei os homens que hoje comandam tudo ao lado do Josey Wales e nenhum deles é mais foda que eu. Fiz Copenhagen City dobrar de tamanho e acabei com os assaltos e os estupros na comunidade. Esse ano tem eleição, e não sobrou nada além de guerra e rumores de guerra. Mas hoje eu passo as noites olhando aqui da minha varanda, e a noite não me conta mais os seus segredos. A varanda é feita de madeira, e faz muito tempo que eu não pinto ela. Minha mulher reclama que nem uma mula levando um chute, mas o cara aprende a gostar daquelas coisinhas que nunca mudam. Amanhã uma rapaziada vem aqui falar sobre um show pela paz que eles querem fazer, já que esse outro aí é um comício do PNP. A noite já tá quase acabando e o esquadrão de extermínio da polícia ainda não fez nenhuma varredura. Isso fez daquela uma noite muito estranha, porque na favela as pessoas não tão acostumadas a ter uma noite inteira de sono. Em algum lugar, de alguma maneira, principalmente numa noite quente como esta, alguém vai pagar por isso.

BARRY DIFLORIO

- *Quequi foi que cê* comeu de almoço hoje, papai, um Whamperererer?
- Isso mesmo, amorzinho.
- Papai, para de me chamar disso.
- Chamar de quê?
- De amorzinho. Eu não sou uma menina.
- Não é? Tem certeza de que você não tem umas partes de menina?
- Não, não e não. Então eu não posso ser um amorzinho.
- Mas você é o meu amorzinho.
- Não. Meninos não são um amorzinho. Isso são as meninas. E elas são grudentas.

Difícil argumentar contra uma lógica tão sólida. Eu poderia escrever um artigo sobre as certezas que eu tinha aos seis anos que já não tenho mais aos trinta e seis.

- Elas são meio grudentas, não é mesmo? Mas quando você tiver treze anos, você vai querer estar o tempo todo com elas.
- Nããããooooooooo.
- Simmmmmmm.
- Mas daí elas vão querer brincar com o meu sapo?
- Mais ou menos isso. De qualquer modo, amanhã é dia de escola, amor.
- Pai.
- Desculpa, esqueci que você já é um homenzinho crescido. Amanhã é dia de escola, carinha, então vamos deitar. Você também, Timmy.
- Ah, meu chapa, isso é coisa da Babilônia.

— Como é que é?

— Ah... nada, pai.

— Foi o que eu pensei. Gente, vamos pra cama. Pô, nenhum de vocês beija mais o seu pai?

— Eles já estão crescidos.

— Percebi. Não esqueçam de escovar os dentes, vocês dois.

Minha esposa os acompanha.

— Aonde você vai?

— Escovar meus dentes. Foi um dia muito longo. Mas também, que dia em Kingston, não é?

Eu sabia o que ela estava fazendo. Incrível como mulher consegue aproveitar qualquer oportunidade para começar uma briga, especialmente em momentos assim, quando você não quer brigar, mas se você não brigar parece que você não se importa, então você diz alguma coisa legal ou faz um elogio, o que só faz ela dizer para você não tratá-la feito uma criança, o que, é claro, acaba levando à briga de qualquer maneira.

— Vou ficar acordado...

O telefone toca.

— Um segundo.

Ela sobe as escadas resmungando qualquer coisa sobre o telefone tocar quando estou em casa. Levando em conta que eu proíbo todo mundo de ligar para cá, seja por motivo de trabalho ou de lazer, isso é estranho.

— Alô?

— Dez milhões de dólares e tudo o que você tem pra mostrar são essas matérias de merda que você pede praquela bichona do Sal Resnick escrever de vez em quando no *New York Times*?

— William Adler. Bill. Como é que estão as coisas, Bill?

— Da última vez que usei samba-canção, meio caídas pra esquerda.

— Que provavelmente deve ser racionada nessa merda onde você está, né?

- Mesmo? E onde é que eu estou?
- Em alguma utopia socialista, em algum lugar. A liberdade que você tem aí está valendo a melhor piña colada do mundo?
- O quê, você quer dizer Cuba? Você acha mesmo que eu estou em Cuba? Essa é a informação que você tem? Não me faça ter ainda menos respeito por você, Barry.
- Então onde é que você está?
- Você nem vai me perguntar como eu consegui o seu número?
- Não.
- Não faça de conta que isso não te incomoda.
- Amigão, eu tenho que ler uma história para os meus filhos dormirem. Esse nosso namorico vai dar em alguma coisa?
- Depende. Você gosta de circo?
- Sabe o que eu odeio, Bill? Gente que responde uma pergunta com outra pergunta. Os jamaicanos fazem isso a porra do tempo todo.
- Então rastreie esta ligação. Eu espero.
- Não tem por quê. Talvez você esteja superestimando seu blefe.
- Não, eu acho que eu estimei ele muito bem.
- Você está me matando, cara. O que é que você quer, Bill? Pescar alguma coisinha pro Fidel?
- Talvez. Mas por que eu ligaria para você? Você não tem acesso a informação de qualidade desde Montevideú.
- E você, pelo jeito, só anda com informações de primeira.
- Acho que sim. Pena aqueles sete caras que você teve que mandar de volta. Quer dizer, a CIA sempre fez umas cagadas monumentais, mas Jesus!
- Você pôs vidas em risco, seu filho da puta!
- Eu pus um orçamento de dez milhões em risco. É dinheiro pra caralho prum paisinho do tamanho da Jamaica.
- Como é que vão as vendas do seu livro?

— Não posso me queixar.

— Já chegou na lista dos mais vendidos de ficção? Estou acompanhando.

— Não, mas vem subindo rápido na lista de autoajuda.

— Legal. Escuta, Bill, por mais que eu curta ficar de papo aqui contigo, na verdade eu tô muito cansado, então me diz, o que você quer?

— Algumas coisas. Primeiro, ou você diz pros merdas que estão me seguindo caírem fora ou arranja alguém melhor pra fazer isso.

— Ninguém está seguindo você, até onde eu sei. Além do mais, se eu estivesse te seguindo, eu saberia onde você está, não é mesmo?

— Diga pra eles pararem. Ou, pelo menos, pare de me insultar sendo tão óbvio. Por sinal, talvez você devesse mandar uns homens pra Guantanamo pra buscá-los antes que os cubanos os encontrem. Vou deixar pra você descobrir onde é que eles estão. Segundo, talvez seja melhor pensar duas vezes antes de dar aqueles dez milhões para o PTJ nos livrar do comunismo. A maior parte desse dinheiro está servindo pra comprar armas, o resto para...

— Quer que eu leve a paz pro Oriente Médio também, já que estamos falando nisso?

— Ora, recolha-se à sua insignificância, Barry. Terceiro, se você acha que aqueles pistoleiros que você mandou o Louis ensinar a atirar são burros demais pra atirar em você, você está apenas se enganando. Deduzi que esse era o único motivo para que Louis Johnson estivesse na Jamaica. É duro quando o tiro sai pela culatra, né, meu chapa?

— Você tá de brincadeira, né? Eles pareciam umas crianças brincando com revólveres de espoleta.

— Então você anda mesmo treinando garotos por aí? Eu não tinha muita certeza disso. Que cagada, Barry. Até mesmo pra um burocrata que nem você.

— Não sei do que você está falando. Quanto ao Louis, ele responde por seus próprios atos, então é melhor você resolver esse assunto com ele. O que você está tramando desta vez? Estou surpreso que você não esteja num desses lugares onde as pessoas só dizem a verdade o tempo todo, tipo a Alemanha Oriental. Que guerra secreta você acha que estamos gestando? Angola? Talvez a gente comece alguma coisa na Nicarágua. Ouvei dizer que tem um golpe socialista caindo de maduro em Papua Nova Guiné.

— Você nem sabe o que é socialismo. Você é um macaco treinado pra apontar e atirar. Dito isso, eu tava pensando. O que o filho do Richard Lansing está fazendo aí? Tentando ajudar você a se vingar do papai?

— Não sei do que você está falando.

— Essa é uma linha segura, Barry, pode parar com isso. Um primeiro-ministro que deixa o Kissinger puto porque fica chupando o pau do Fidel Castro está prestes a se reeleger.

— Você tem certeza disso?

— Tanta certeza quanto eu sei em que escola seus filhos estudam.

— Porra, Bill, não...

— Cala essa merda dessa tua boca, Barry. Como eu estava dizendo, um primeiro-ministro que parece estar ignorando um pouco demais o fato de que está prestes a entrar na Guerra Fria, está prestes a se reeleger. Ele organiza um show no qual a maior estrela do mundo, que por coincidência também é jamaicano, vai tocar. E de todas as pessoas nesse mundo que podiam ir até lá pra filmar o troço, vai o filho do Richard Lansing. Não sou fã de nenhum desses caras, mas você precisa admitir que a coisa tá bem organizadinha.

— Bela teoriuzinha da conspiração você tem aí. E quem era a eminência parda? Você não está se esquecendo de alguma coisa?

— O quê?

— Que Lansing pediu demissão. De muitas formas, ele é apenas uma versão um pouco mais classuda de você. Vocês dois tiveram esse mesmo ataque repentino de consciência de universitário liberal.

— Pensei que eu estava servindo ao meu país.

— Não, você pensou que estava servindo a uma ideia. Você não seria capaz de entender como um país de verdade funciona, mesmo com um manual de instruções.

— Você está tentando transformar isso num debate de classes? Que coisa mais socialista da sua parte.

— Não estou tentando coisa nenhuma. Eu só quero ir pra cama. Mas, em vez disso, estou preso no telefone com um cara que ou não tem país, ou não tem um assunto.

— Eu não consigo entender como é que vocês pensam. Socialismo não é a porra do comunismo.

— Mas ainda é um ismo, com certeza. Seu problema, e esse sempre foi o seu problema, Bill, é que você acha que foi contratado pra pensar. Ou que alguém dá bola pro que você pensa.

— Um monte de jamaicanos deu.

— Sim, eu estava aqui na sua estadia de duas semanas em junho, lembra? Os jamaicanos não estão nem aí para a política da CIA, eles nem sequer entendem a diferença entre CIA e FBI. Não, um monte de jamaicanos ficou totalmente em chamas que um branco tirou o deles da reta, porque *Raízes* acaba de estreiar e, com certeza, nada, nunca, é culpa deles, com esse monte de branquelo que tem por aí. Porra, me dá um tempo. Tem falado com a Nancy Welch ultimamente?

— Por que eu falaria com a Nancy Welch?

— Não posso te culpar. Quer dizer, o que é que você ia dizer, né? Putz, Nancy, que troço terrível eu ter causado a morte do seu irmão e da mulher dele na Grécia.

— Porra, espera aí um pouquinho, você acha que eu matei os Welch?

— Você e esse seu escândalo de merda, nesse seu livrinho de merda.

— Puta que pariu, ele nem está no livro, seu idiota.

— Bom, eu nunca ia ler mesmo.

— Sério? Você acha que sou eu quem tem que levar a culpa pelos Welch? Eu te superestimei, Barry. Achei que a Companhia te confiava mais informação do que eles claramente confiam. Devo estar falando com o homem errado.

— Mesmo? Não é só você quem está avaliando muito bem as coisas.

— O Louis Johnson está em West Kingston ensinando jovens terroristas a usarem armas automáticas. As mesmas armas que nunca chegaram ao porto de Kingston, de modo que elas nunca foram roubadas, então.

— Você não tem provas disso.

— O único cara que conseguiu dar alguma utilidade pro Louis fui eu, no Chile. Ele não estaria no país por nenhum outro motivo. Ou Brian Harris, ou seja lá como eles chamam o Oliver Patton de hoje em dia. Vocês nunca sentiram o cheiro de que o tiro ia sair pela culatra até que ele acertasse vocês bem no meio da cara. Esses viadinhos da Ivy League que nunca tiveram que lidar com pessoas. Minha pergunta é por que diabos o Cantor está no seu radar? O que é que ele pode fazer?

— Boa noite, Bill. Ou *hasta mañana* ou *luego* ou algo assim.

— Quer dizer, sério, que merda ele poderia...

— Não me ligue de novo, seu filho da puta.

— Quem é o filho da puta que tá te ligando? — pergunta minha esposa. Eu não a ouvi voltando e não sei há quanto tempo ela está aqui.

Estou de pé, e ela senta no sofá ao meu lado sem me olhar nem me dizer nada, mas esperando uma resposta. Eu desconecto o cabo do telefone e vou até o bar, onde uma garrafa de Smirnoff pela metade e uma inteira de tônica estão à minha espera.

— Quer beber?

— Acabei de escovar os dentes.

— Isso é um não, então.

— Pelo jeito você tá querendo continuar essa sua briguinha comigo.

Ela passa a mão pelo pescoço e tira o colar. Se a Jamaica não fosse tão quente, ela nunca teria cortado o cabelo acima do pescoço. Fazia anos que eu não via seu pescoço, e eu sentia saudades de beijá-lo. É engraçado que ela odeie tanto estar aqui, porque antes de vir pra Jamaica eu estava me cagando de medo de que ela se tornasse aquele tipo de mulher que eu não consigo suportar, o tipo que não sente mais a menor necessidade de continuar se arrumando. Não que em algum momento ela não tenha sido bonita, nem que eu tivesse me arrependido de ficar com ela, ou mesmo a traído, nem mesmo no Brasil, mas não faz muito tempo eu fiz de conta que ia deixá-la só pra ver se isso a faria voltar a usar batom. Ela reclama deste país todo dia, a cada minuto ou dois, mas ela está usando miniblusas, e cortou o cabelo como se fosse um príncipe, e está bronzeada como se fosse uma herdeira da Flórida. Talvez ela esteja dando pra alguém. Ouvei falar que esse Cantor manda brasa.

— As crianças estão dormindo?

— No mínimo fingindo.

— Haha.

Sento ao lado dela. Com ruiva tem isso, né? Não importa quanto tempo você viva com uma delas, você sempre fica admirado quando ela se vira e olha bem pra você.

— Você cortou o cabelo.

— O calor daqui é insuportável.

— Ficou bonito.

— Já está crescendo de novo. Cortei faz duas semanas, Barry.

— Será que eu subo pra botar as cobertas neles?

— Tá fazendo mais de trinta graus, Barry.

— É verdade.

— E estamos em dezembro.

— Eu sei.

— Mil novecentos e setenta e seis, Barry.

— Disso eu também sei.

— Você disse que a gente só ficaria aqui um ano, Barry, ou até menos.

— Baby, por favor. Não posso ter duas brigas no intervalo de dois minutos.

— Não estou brigando com você. Do jeito que está, mal estamos conversando.

— Se a gente for embora...

— *Se* a gente for embora? Mas que merda, Barry, quando foi que o *quando* virou *se*?

— Desculpa. Quando a gente for embora, você vai querer viver em qualquer outro lugar que não seja Vermont? Talvez eu deva me aposentar e a gente vive do seu salário.

— Engraçadinho. Não estou brigando com você. Só estou lembrando que um ano tem doze meses e este é o mês doze.

— As crianças vão sentir falta dos amigos.

— As crianças não têm nenhum amigo. Barry?

— Sim, querida.

— Não superestime quantas escolhas você acha que tem.

— Você não faz ideia de quanto estou de saco cheio dessa merda dessa palavra.

Ela não vai perguntar o que eu quero dizer, preferindo deixar sua frase assim, solta no ar. Trabalho? Casamento? Ela não foi específica porque, se tivesse sido, a ameaça pareceria menor. Eu poderia perguntar o que ela queria dizer, e aí ela (1) explicaria pra mim como se eu fosse um retardado, com dificuldade para entender as coisas, e (2) usaria isso como desculpa pra começar uma briga. Eu não sei o que ela pensou que a vida dela ia virar, mas estou de saco cheio de explicar que é como se eu

estivesse trabalhando na porra de um programa de tevê e tivesse que fazer a audiência subir toda semana. No último capítulo, nosso herói, Barry Diflorio, o intrépido, arrojado, charmoso e bem-dotado protagonista, levou sua mulher para a selva de concreto, na Jamaica, numa missão repleta de sol, mar, sexo e segredos. Barry Diflorio estava fazendo seu trabalho, mas sua esposa...

— Para com isso.

— Para com o quê?

— De murmurar as palavras que você está pensando. Você nem se dá conta quando está fazendo.

— No que eu estou pensando agora?

— Ah, pelamordedeus. Já era ruim o suficiente ter três crianças pra cuidar em Vermont.

Eu demoro um pouco pra perceber que ela disse três.

— Você fica tão bonita quando está braba — eu disse, antecipando seu olhar antes de recebê-lo. Só que eu não o recebo. Ela nem sequer olha pra mim, bem do lado dela, tentando segurar sua mão. Penso em repetir, mas não repito.

NINA BURGESS

O *ônibus 42* passou e nem sequer parou, tentando chegar em casa antes de se transformar numa abóbora, eu acho. Só que eram seis da tarde. O toque de recolher começava às sete, mas aqui é a cidade alta, então não tinha polícia nenhuma pra fiscalizar. Não consigo imaginar eles parando uma Mercedes-Benz, podia ser que o cara dentro dela fosse do gabinete do primeiro-ministro. O último ônibus foi um micro-ônibus com *Irie Ites* pintado em azul na lateral, não em vermelho, verde e amarelo. Outros ônibus maiores também passaram, os ônibus verdes do sistema de transporte público do governo, aqueles pequenos que eu preciso me abaixar pra entrar (e ficar o resto da viagem abaixada), a maior parte deles indo pra Bull Bay ou pra Buff Bay, ou pra alguma outra baía, o que quer dizer pro litoral, o que quer dizer pro interior. Quando o *Irie Ites* passou, eram seis da tarde. Escutei a última nota do baixo às dez e quarenta e cinco. Agora são onze e quinze.

Os ônibus continuaram passando, e eu continuei não subindo neles. Dois carros também encostaram. Táxis clandestinos, os dois, ambos com dois caras na frente e quatro na parte de trás, incluindo um cara com notas de dólares entre os dedos gritando tu quer ir pra Spanish Town, baby? Cheguei a pensar que era o mesmo carro. Eu me afastei e fiquei olhando para o outro lado até o carro ir embora, e depois fiz isso mais uma vez.

Eu tinha finalmente enlouquecido. Devia ter, aguardando do lado de fora do portão, na esperança de que um cara lembrasse de ter feito sexo comigo e torcendo para que eu tivesse sido mais memorável do que todas

as outras mulheres com quem ele fez sexo, e talvez esteja, inclusive, fazendo sexo neste minuto. E se ele se lembrasse do sexo, talvez pudesse mexer uns pauzinhos para tirar a mim e a minha família deste país, de preferência, ainda pagando tudo. Aquilo tinha feito muito mais sentido às sete da manhã, depois que eu vi meu pai tentando agir como se homens mais jovens que ele não o tivessem feito se sentir como o homem mais velho do mundo. Talvez eles não tivessem estuprado minha mãe, talvez só tivessem batido nela, ou enfiado alguma coisa na buceta dela, e feito meu pai ficar olhando. Talvez eles tenham dito não, sua piranha, tu tá velha demais pra foder, guarda essa buceta pra Jesus agora. Ou talvez seja só eu, quase meia-noite, aqui de pé, equilibrada nesses saltos estúpidos, meus pés me matando porque eu passei o dia inteiro matando eles. E tudo o que eu posso fazer é ficar ouvindo a minha mente enlouquecendo. O filho da puta não saiu de casa nem uma vez. Nenhuma vez. Talvez eu tenha entendido tudo errado. Talvez eu fosse memorável, memorável até demais, e ele tenha me visto pela janela e dado ordem para não deixar aquela garota entrar. Talvez eu fosse uma trepada horrível, ou uma trepada boa demais, que tivesse alguma coisa que dissesse a ele cara, é melhor você ficar dentro de casa e não se envolver com essa daí, essa Nina Burgess. Talvez ele até lembrasse do meu nome. Ou talvez não. Meus calcanhares e meus pés estão sujos de terra.

Por volta de duas ou três da manhã a dor nos meus pés subiu para as minhas canelas, depois para os joelhos, o que na verdade foi até bom, porque pelo menos a dor estava mais bem distribuída. A certa altura você não sente mais nenhuma dor, até perceber, dali a uma hora ou algo assim, que não é que você não sinta mais dor, ela só se espalhou por todo o seu corpo e agora todo o seu corpo é feito de dor. Talvez eu não seja uma louca, mas alguma coisa eu sou. As duas mulheres que passaram por mim uma hora atrás sabiam de algo. Eu as vi a, sei lá, um quilômetro rua acima, desde quando ainda eram dois pontinhos brancos até que estavam a cinco

metros de distância, duas mulheres pretas usando roupas e chapéus brancos de igreja.

— Mas é o que estou falando pra você, Mavis, nenhuma arma que fosse apontada para Jesus todo-poderoso funcionaria — disse a que vinha na esquerda.

As duas me olharam e, ao mesmo tempo, ficaram quietas. Elas nem esperaram passar por mim para que começassem a cochichar uma com a outra. São dez da noite, eu sei o que elas estão cochichando.

— Acabei de foder com o teu macho por vinte dólares — eu disse.

Elas aumentaram tanto o passo para sair logo dali que a que vinha na esquerda quase tropeçou. Ninguém mais passou por mim desde então. Não é que a Hope Road tivesse ido dormir. Atrás de mim tem um prédio de apartamentos, e na frente, a casa dele. Havia luzes acesas por toda parte. As pessoas não vão dormir, elas só se trancam dentro de casa. É como se a cidade inteira estivesse virando as costas para você, do mesmo jeito que aquelas carolas fizeram. Eu penso nisso, em virar uma prostituta, andar de carona na mais nova Mercedes Benz ou num Volvo a caminho de Hope Road ou talvez Irish Town. Um homem de negócios ou um diplomata que more em New Kingston e que vai me estuprar porque sabe que não vai acontecer nada com ele. Se eu simplesmente ficasse aqui, debaixo da luz laranja do poste, e levantasse a minha saia de um jeito que a luz iluminasse os meus pentelhos, talvez alguém parasse. Tô com fome e preciso fazer xixi. A luz no cômodo no segundo andar da casa dele acaba de apagar.

Naquela noite em que a Kimmy me trouxe aqui e depois foi embora, eu não estava planejando dormir com ele. É claro que eu queria ver ele pelado, mas não do jeito que aconteceu. Ouvei que ele acorda todo dia às cinco da manhã e dirige até Bull Bay pra tomar banho na cachoeira. Alguma coisa naquilo parecia tão sagrada e tão sexy ao mesmo tempo. Eu ficava imaginando ele saindo pelo meio das águas, pelado porque era cedo

o bastante. Eu ficava imaginando que as águas do rio sentiam a maior tristeza do mundo porque cedo ou tarde teriam que parar de tocar seu corpo. Quando eu vi ele na varanda, pelado, comendo uma fruta, eu pensei que a lua também ficaria triste por saber que ele logo entraria em casa. Pensar é ficar espichando essas coisas. Eu não pensei. Se eu tivesse pensado, eu não teria ido até aquela varanda. Se eu tivesse pensado, eu não teria tirado a minha roupa, só para o caso de que ele, estando pelado, e me vendo vestida, ficasse com vergonha, como se ele tivesse um pingo de vergonha que fosse naquele corpo. Ele disse *eu te conheço*, o que talvez fosse verdade. Uma mulher gosta de ser lembrada, eu acho. Ou talvez ele apenas soubesse como fazer uma mulher pensar que ele sentiu a falta dela.

Depois que a música parou, algumas pessoas foram embora. Foi a primeira vez que aquele portão se abriu. Alguns carros, um jipe, nada da caminhonete dele. Ele ainda estava lá, ele e provavelmente metade da banda também. Eu pensei em invadir, tirar os saltos e correr rápido o bastante para que os guardas não conseguissem me pegar até que eu estivesse lá dentro. Quando eles conseguissem me pegar, eles veriam que eu sou mulata e me deixariam em paz, e eu gritaria o nome dele e ele desceria as escadas. Mas eu fiquei do lado de cá da rua, perto do poste e do ponto de ônibus. Uma luz num quarto à esquerda da casa acaba de se apagar. Meu pai fica falando que ninguém vai expulsá-lo do seu próprio país, mas alguns meses antes do ataque ele me fez sentar na cozinha e leu para mim uma matéria do *Gleaner*. Eu tinha ido fazer uma visita, e não planejava ficar muito. Ele não me deixou ler o texto, ele próprio tinha que ler o texto para mim. A matéria se chamava “Se ele falhar”, ele sendo o primeiro-ministro. Papai, essa matéria é de janeiro. Você ficou guardando esse jornal todo esse tempo?, eu perguntei. Minha mãe, então, falou que ele a lia toda semana. Ou seja, quarenta e sete vezes até agora. A luz numa sala no primeiro andar à esquerda se apaga. Há um toque de recolher, e

eu não deveria estar aqui. Eu não sei o que dizer à polícia se uma viatura passar. Eu não sei o que dizer para mim mesma.

Kimmy estava em casa quando ele leu aquela matéria para mim. Aquela era sua segunda vez, e ela não ia ficar ali sentada ouvindo aquela baboseira sobre os vigaristas da CIA. Não sem chiar, bocejar e gemer como se ela tivesse seis anos e a gente tivesse sido obrigada a ficar sentada assistindo a missa dos adultos. Isso não passa de propaganda de direita do PTJ, ela disse, antes que ele terminasse a última frase. Pura propaganda. Como é que pode o presidente do PTJ escrevendo uma matéria como se fosse um jornalista? Isso não passa de politicagem, de coisa de cu cagado vigarista! E quanto ao ensino gratuito até a faculdade? E os direitos iguais para as mulheres? E aquelas mineradoras de bauxita que agora, pelo menos, precisam pagar uma taxa antes de nos enrubar? Minha mãe lançou aquele seu olhar que diz não-foi-assim-que-eu-te-eduquei.

Eu, eu só estava feliz de ela não ter aparecido com o Ras Trent, o cara que tocou baixo em *African Herbsman*, também conhecido como o filho do ministro do Turismo. Minha mãe os considerava um casal, muito embora ele chamasse a Kimmy de Princesa da Babilônia na sua cara. Muito embora o filho do ministro fosse chegar aos trinta antes de visitar todos os quartos das quatro casas do seu pai. Mas Kimmy precisava de alguém que pudesse tirá-la do pedestal em que papai a havia colocado, para que ela pudesse fazer dele seu novo pai, já que, como eu disse, Che Guevara estava morto. Mamãe, que nunca tomava partido numa discussão, e muito menos falava, disse que ela andava pensando que a gente precisava botar um segurança em casa. O próprio primeiro-ministro tinha falado daquilo, que com as taxas de criminalidade subindo meteoricamente, as pessoas tinham que tomar para si mesmas a responsabilidade por sua segurança. Nós três nunca concordávamos em nada, mas nós três olhamos pra ela como se ela estivesse louca, na verdade foi exatamente isso que ela disse não olhem pra mim como se eu estivesse

louca. Meu pai respondeu que não tinha a menor chance de ele contratar um *Tonton Macoute* no seu próprio país.

Ele me perguntou o que eu achava. Kimmy olhou para mim como se a nossa relação dependesse do que saísse da minha boca. Quando eu disse que não achava nada, ambos ficaram muito decepcionados. Eu prefiro lembrar do que pensar. Se eu começar a pensar, cedo ou tarde eu vou ter que me fazer perguntas, como por que eu dormi com ele, e por que eu saí correndo quando acabou, e por que eu estou aqui agora, e por que eu fiquei aqui fora o dia inteiro. E o que significa quando eu posso passar um dia inteiro sem fazer nada. Se isso significa que eu sou uma dessas garotas que não serve pra porra nenhuma. Uma coisa sobre ficar aqui fora o dia todo, a parte mais assustadora disso tudo, é que foi muito fácil. Minha mãe canta *Um dia de cada vez, bom Jesus*, e até o papai gosta de dizer isso, um dia de cada vez, como se fosse uma estratégia de vida. Ainda assim, o jeito mais fácil de não viver coisa nenhuma é viver um dia de cada vez. Eu aprendi a não fazer porra nenhuma desse jeito. Se você puder dividir o dia em turnos, e depois em horas, em meias horas, em minutos, você consegue digerir melhor cada pedacinho de tempo. É a mesma coisa quando você termina um namoro. Se você consegue aguentar por um minuto, você consegue aguentar por dois, depois cinco, depois outros cinco, e assim por diante. Se eu não quero pensar sobre a minha vida, eu não tenho que pensar nela, é só aguentar por um minuto, depois dois, depois cinco, depois outros cinco, e antes que você se dê conta, pode ter passado um mês e você nem percebeu porque tudo que você fez foi contar os minutos.

Estou do lado de fora dessa casa contando os minutos, sem atinar que um dia inteiro acabou de passar correndo por mim. Simples assim. A luz naquele quarto à esquerda, no segundo andar, acaba de acender de novo.

A coisa que eu deveria ter dito, a coisa que eu queria dizer, é que não é o crime que me preocupa. Quer dizer, me preocupa do mesmo jeito que

preocupa todo mundo. Do mesmo jeito que a inflação me preocupa, na verdade eu não sinto muito os efeitos dela, mas eu sei que ela me afeta. Não é bem o crime que me faz querer ir embora daqui, é a possibilidade de que ele possa acontecer a qualquer momento, a qualquer segundo, talvez no próximo minuto. Pode ser que ele jamais aconteça, mas eu vou ficar pensando que ele pode acontecer a qualquer segundo nos próximos dez anos. Mesmo que jamais aconteça, o ponto é que eu vou ficar esperando que aconteça, o que é tão ruim quanto, porque não existe nada que você possa fazer na Jamaica além de esperar que alguma coisa aconteça com você. Isso também se aplica às coisas boas. Elas nunca acontecem. Tudo o que você tem que fazer é ficar esperando por elas.

Esperando. O filho da puta nem saiu na varanda. Mas e se ele saísse agora, e aí? Eu não sei nem se consigo me mexer. Eu não sei nem se consigo atravessar a rua correndo e gritar no portão. Meus pés sujos estão me dizendo que eu esperei tanto tempo que a espera é tudo o que eu tenho. A única vez que eu não esperei foi quando eu o vi na varanda dos fundos. Também não esperei depois. Eu pensei em contar pra Kimmy. Ela não esperaria isso de mim. E é justamente por isso que eu queria contar pra ela, que eu cheguei mais perto do Che Guevara do que ela, a Princesa da Babilônia, jamais chegaria.

Do outro lado da rua, a uns bons quinze metros do portão, um carro acaba de encostar. Um esportivo branco que eu nem vi chegar. Também não vi o cara pulando o muro do meu lado da rua e indo até o carro. Eu agarrei a minha bolsa, embora ele já estivesse dentro do carro. Não sei há quanto tempo ele estava ali, atrás do muro, no escuro, a poucos metros de mim, observando. Eu nem sequer o tinha visto ou ouvido, pode ser que ele estivesse ali há horas, me observando todo esse tempo. O carro embicou na entrada da garagem e parou no portão. Tenho quase certeza de que é um Datsun. O motorista saiu e eu não consigo ter certeza se ele é branco ou preto, mas está usando uma regata branca. Ele caminha até a

lateral do portão, acho que pra falar com os guardas. Quando ele se vira pra voltar pro carro, seus olhos brilham. Óculos. Eu fico olhando o carro ir embora.

Eu preciso ir embora. Não só da Jamaica, mas deste lugar, agora. Eu preciso correr, e é o que eu faço. A casa não me olha, mas suas sombras sim, subindo e descendo a rua, como se fossem pessoas. Homens, talvez. Os homens mudam quando são onze da noite e eles encontram uma mulher indefesa por aí. Parte de mim está pensando que isso é besteira, e que talvez eu só esteja procurando alguma coisa pra me assustar. Minha professora do ginásio costumava dizer pra gente não se vestir que nem umas vadias e ter medo de ser estupradas o tempo inteiro. Um dia nós escrevemos um bilhete com giz de cera, usando a mão esquerda, e enfiamos dentro da gaveta dela. Demorou meses até ela encontrar e ler o bilhete *Só mesmo um cego ia querer te estuprar* — antes que ela se desse conta de que estava lendo em voz alta.

Correr é relativo. De salto você só consegue dar uns pulinhos bem rápido, quase sem dobrar os joelhos. Não sei quanto tempo faz que estou dando pulinhos, mas posso ouvir meus pés pá pá pá batendo no chão, e minha cabeça decide rir do quanto eu devo estar ridícula, e o *Wee Willie Winkle* correndo pela cidade subindo e descendo escadas, usando seu pijama entra na minha cabeça e não sai mais de lá. Batendo na janela, chorando pela porta trancada, será que as crianças estão dormindo? São oito horas! Willie williezinho, seu cu cagadinho.

Quebrei um dos saltos. E esses desgraçados não foram baratos. Puta que pa...

— Opa, opa! Mas o que é que a gente temos aqui? Será que é um encosto?

— Se for, encontremo o encosto mais lindo que eu já vi.

— De onde é que tu tá vindo, mocinha, tu cometeu um crime aí?

— Será que ela vai mostrar as arma dela pra gente?

Polícia. A porra da polícia, falando com aquela merda daquele linguajar de polícia. Eu consegui chegar no cruzamento da Waterloo Road. A Devon House, parecendo uma mansão mal assombrada, fica à minha esquerda. A luz do farol acaba de ficar verde, mas três viaturas estão bloqueando a rua. Seis policiais encostados nos carros, alguns têm uma listra vermelha na lateral das calças, alguns têm uma listra azul.

— Seguinte, dona, a senhora sabe que a gente estamos num toque de recolher?

— Eu... me.... Tava trabalhando até tarde, policial, perdi a noção do tempo.

— Tempo não foi a única coisa que tu perdeu. Um dos teus pés é maior que o outro ou tu quebrou um salto?

— O quê? Ah, puta que pariu! Desculpe, policial.

— Haha.

Todos riem. Policiais, naquela merda daquela linguagem de policial.

— Tu tá vendo algum ônibus ou táxi por aí? Como é que tu ia pra casa?

— Eu... eu...

— Tu ia andando?

— Não sei.

— Senhorita, melhor tu entrar no carro.

— Eu consigo chegar em casa — eu disse. Eu queria dizer que eles estavam conjugando errado os verbos todas as vezes que falavam “tu”, mas provavelmente eles iam se dar conta de que eu estava sendo grossa.

— Onde fica a tua casa, na próxima quadra?

— Havendale.

— Ha ha ha ha.

Policiais e suas risadas de policial.

— Não vai passar mais nenhum ônibus aqui pelo resto da noite. Tu vai a pé?

— Sim.

— Com um salto?

— Sim.

— No meio dum toque de recolher? Tu sabe que tipo de homem tá na rua contigo essa hora da noite, dona? Tu é a única mulher que não assiste às notícia de noite? Só tá a escória aí pela rua. Você não estava ouvindo o que a gente tá te falando?

— Eu só tava...

— Você só tava bancando a idiota. Seria melhor que você tivesse permanecido no trabalho até de manhã, quando os ônibus voltam a passar. Entra no carro.

— Eu não tenho que...

— Senhora, entra na porra do carro. Você tá infringindo a lei. Ou você vai para casa, ou você vai para a cadeia.

Eu entro no carro. Dois policiais entram na frente, deixando os dois carros e os outros quatro policiais para trás. Quando chegamos no cruzamento, era só virar à direita pra ir pra Havendale. Eles viraram à esquerda.

— Atalho — os dois dizem.

DEMUS

A casa de frente pro mar é desse jeito. Ela só tem um cômodo, e não é bem uma casa, mas costumava ser a casa de alguém. O homem que fechava a estrada pra deixar o trem passar, eu não sei o nome dele, morreu em 1972 e ninguém ficou no seu lugar. O trem parou de passar quando West Kingston virou um faroeste e todos os homens se transformaram em caubóis. Eu queria ser o Jim West, mas as calças dele são muito apertadas. A televisão na lojinha do china é preta e branca, mas eu acho que as calças dele são azuis, um azul calcinha. Esta é a casa que só tem um cômodo, e o cara que costumava morar aqui dormia num colchão de espuma e cagava num balde que ele lavava no mar. Quando encontraram seu corpo, toda a água tinha evaporado dele, mas ele ainda não era um esqueleto. Essa casa tem duas janelas. Uma dá vista pro mar e a outra, pros trilhos. Quando o trem parou de circular, os malucos da favela tentaram roubar os trilhos, mas não tinham as ferramentas pra quebrar uma coisa tão dura.

Esta é a cor do cômodo. Ele foi pintado com o resto de cinco tintas. Vermelho do piso até a parte de baixo da janela. Verde da parte de baixo da janela até o teto. O azul da outra parede chega no teto, mas acaba antes de chegar na quina. Rosa que começa na terceira parede e cobre ela inteira. Verde na parte de baixo da quarta parede acabando no meio com uma pincelada forte, como se alguém tivesse implorado e suplicado e forçado a tinta a render um pouco mais. Isso é o que deve acontecer quando um homem envelhece sem uma mulher. Será que ele tinha esquecido os documentos e ficava triste toda vez que tinha que mijar porque daí ele lembrava ou será que ele se divertia sozinho, que nem um

tarado? Esta é a única cadeira no cômodo, uma cadeira vermelha com as pernas delicadas. Delicada é uma palavra de um poema que a gente aprendeu na escola. Eu amo a flor do carrapicho, amarela, branca e delicada. Plena de orvalho, adormecida, você pensa em mim de madrugada?

Esse foi o único erro que Deus cometeu. O tempo. Deus foi burro de criar o tempo. É a única coisa que até ele sempre acaba perdendo. Mas eu estou acima do tempo. Eu vivo no presente, que é o agora, mas também é o que já passou. E o que já passou também é logo e logo pode muito bem ser se. Dois homens acabam de entrar na casa, transformando sete em nove. Um de Rema, dois de Trench Town, três de Jungle, três de Copenhagen City.

A lista dos homens que estão na casa é desse jeito.

Josey Wales, também conhecido como Franklin Aloysius, também conhecido como Tchauzinho, que acaba de chegar com o

Bam-Bam, que adora segurar uma arma, mas não sabe para onde atirar.

Chorão, o matador de policiais que bota a Babilônia pra correr. Quando ele fala que nem jamaicano ele é todo grosso e malvado. Quando fala que nem branco, parece que ele tá lendo um livro cheio de palavras difíceis. Tem uma coisa sobre o Chorão que nenhum homem que quer continuar vivo fala.

Fumaça, que costumava andar com o Faísca, até que uma bala do PNP mudou o Faísca de já é pra já era.

Renton, de Trench Town.

Matic, de Trench Town.

Funky Chicken, que tinha a tremedeira da heroína antes de darem cocaína pra ele.

Dois caras de Jungle, um gordo e um magrinho, que eu não conhecia. O magrinho nem é um homem ainda, nem moleque direito ele é, com a camisa aberta e nenhum cabelo no peito.

E eu.

Dez caras viram nove desse jeito. Três noites atrás. Matic, de Trench Town, tava querendo fumar a coca do jeito que o Chorão tinha ensinado pra ele, mas ele tinha esquecido e o Chorão não tava por lá. Era uma noite sem lua, e a gente não tinha uma lanterna nem pra iluminar o caminho pra dentro e pra fora da casa. O Matic achou que ele sabia fazer um crack, que era só usar uma colher cheia de coca. Ele achou que o Chorão teria cocaína espalhada pra todo lado, então ele procurou no piso, nos cantinhos, dentro de dois armários perto da janela e nas cinzas do fogão à lenha perto da porta. Ele procurou e procurou e os outros moleques começaram a procurar também, sentindo a coceira do pó, apesar de o pó não deixar coceira, quem faz isso é a heroína. O Matic acabou encontrando uma farinha e quando os outros vieram pedir pra dividir ele puxou o revólver. Ele usou seu próprio isqueiro pra cozinhar o pó. Ele lembrou de esquentar a cocaína com água e de colocar o bicarbonato de sódio que tinha visto no armário. Ele sorria que nem um profissional enquanto os outros homens olhavam pra ele como se ele fosse um tigre esfomeado. Mas o Matic tinha esquecido o resto. Ele tinha esquecido o outro líquido que o Chorão usava, o éter. Ele também tinha sido idiota o bastante pra pensar que o Chorão ia deixar a droga dele em casa. A cocaína não queimava, não se alterava. Não tava saindo nenhuma fumaça dali pra ele poder fumar, então ele lambeu. Lambeu a colher incandescente com tanta vontade que a gente ouviu a língua dele queimando. O crack bate num coice rápido, e o coice leva oito. Sete. Seis. Cinco. Quatro. Três. Dois. Um. Nada. Depois de toda aquela bobajada, o Matic cai de cara no chão fazendo um bam e começa a espumar pela boca. Ninguém toca nele até que o Chorão aparece, e ri, e pergunta se a gente não achou estranho que um barraco sujo e fodido daqueles não tinha nenhum rato.

Nove caras viram oito desse jeito. Ontem de noite o Josey Wales contou o que a gente ia fazer. O Renton, de Trench Town, disse que tinha gravado um *hit* e que não ia meter bala em ninguém, que nem aquele moleque dos Heptones que tava na cadeia quando os brancos puseram a música dele num filme. Ele disse que a mãe do seu filho foi até o estúdio em que o Cantor tava gravando e eles deram grana pra ela e pro bebê e pra família toda dela. E que ele sabia que pouco mais de cem pessoas tavam sendo ajudadas pelo Cantor, e se aquilo acabasse, como é que ia ser? O Josey Wales disse não tenta melhorar as coisas pro cara que você só tá piorando tudo, porque tudo que ele tá fazendo é dando peixe pro pobre comer porque agora que ele chegou onde chegou, ele não quer que mais ninguém aprenda a pescar. Alguns de nós entenderam o recado, mas não o Renton, de Trench Town. O Chorão puxou a arma pra atirar naquele viadinho bem ali. O Josey Wales disse não, cara, presta atenção no que ele tá dizendo. Daí o Josey Wales falou que a gente tinha que conhecer os fatores. A gente não entendeu o que ele quis dizer, então ele disse energia cinética: $EC = mv^2/2$ (onde m é a massa e v é a velocidade). Guinadas. Deformação. Fragmentação. Sangramento. Choque hipovolêmico. Exsanguinação. Hipoxia. Pneumotórax, parada cardíaca e dano cerebral. Bang. A bala parou no seu crânio, mas o sangue espirrou no peito do Chorão. A minha camiseta do Starsky & Hutch não!, disse o Chorão, enquanto o corpo do cara despenca e ele limpa os pedaços de cérebro do seu peito. O Josey Wales colocou a arma de volta no coldre.

Os brancos ensinam a gente a carregar uma M16A1, uma M16A2 e uma M16A4 desse jeito.

Aponte o cano do fuzil numa direção segura.

Puxe a alça de manejo e destrave o ferrolho.

Empurre a alça de manejo para a frente.

Coloque o seletor de fogo em SEGURANÇA.

Dê uma olhada na câmara para se assegurar de que ela está vazia.

Insira o carregador, empurrando para cima até que ele encaixe no corpo da arma.

Empurre para cima a chave na parte de baixo do carregador para se assegurar de que encaixou.

Empurre o retém do ferrolho para baixo para liberar o ferrolho.

Acione o assistente para se assegurar de que o ferrolho está no lugar e travado.

Você não vai mais precisar colocar em SEGURANÇA.

Isso é o que você ganha quando anda com uns caras de Jungle. Eles são viciados em pó, então eles ficam fumando crack o tempo todo, graças ao Chorão. O Josey Wales vai embora, mas nos ameaça dizendo que quem for embora vai levar tiro, e a gente lembra que costumavam chamar ele de Tchauzinho. Daí ele e o Chorão fecham a porta e trancam ela, e a gente ouve um clique. A casa foi ficando menor e mais quente, e eu fiquei pensando no guarda que eu ia matar, o policial, a Babilônia.

Sete caras. Vinte e uma armas. Oitocentas e quarenta balas. Eu penso num homem, e apenas neste homem, e não é o Cantor. Eu penso nele batendo de cara numa parede e gritando fino que nem uma garotinha. Eu penso nele dizendo tu não veio atrás de mim, tu veio atrás do cara que tá lá embaixo, porque ele deve ser bem esse tipo de arrombado. Eu penso num homem que trapaceou e se deu bem, e num homem que ficou sem sorte. Eu olho pra ele e digo é desse jeito que a morte vai se apresentar pra você.

SIR ARTHUR GEORGE JENNINGS

E agora chegou a hora de morrer. O ano se encerra em três semanas. Vão acabar a temporada de verão quente e úmido, trinta e seis graus à sombra, e as chuvas de maio e outubro que fazem os rios transbordarem, matando vacas e espalhando doenças. Homens engordando à base de carne de porco, as barrigas dos meninos inchando de veneno. Quatorze homens perdidos no mato enquanto corpos explodem três, quatro, cinco. Muitos mais terão que sofrer. Muitos mais terão que morrer. Eu roubei essas palavras de um homem vivo que já andava ao lado da morte, que o consumia pouco a pouco, começando pelos dedos dos pés.

Olho para minhas mãos e enxergo minha história. Um hotel na Costa Sul, um futuro que meu país esperava ansiosamente. Sonambulismo, eles disseram quando me encontraram, e a partir desses boatos criaram uma imagem minha com os dois braços esticados para a frente, duros como os do Frankenstein, meus olhos fechados, meus passos no ritmo de uma marcha comunista rumo à sacada, três, dois, um. Eles me encontraram pelado, com os olhos abertos, despídos do seu castanho, meu pescoço mole e a parte de trás do meu crânio esmagada, meu pênis ereto, a primeira coisa que os funcionários do hotel viram. Escondida em meu sangue estava a sujeira por trás do empurrão de um homem.

Existem coisas sobre a morte que os mortos não podem explicar às pessoas. A vulgaridade dela. A morte transforma o lugar em que você morreu num espaço onde seu corpo envergonha a si mesmo. A morte faz você tossir, mijar, a morte faz você cagar, faz você feder os seus vapores

internos. Meu corpo apodrece, mas minhas unhas ainda crescem até virarem garras enquanto eu vejo e espero.

Fico sabendo que um homem rico nos Estados Unidos, um homem com dinheiro e poder estampados em seu nome, morreu dentro de uma mulher que não era a sua esposa. Um homem enorme esmagando a mulher com seu peso morto, um homem que foi cremado dezoito horas mais tarde por sua esposa porque ela não suportou sentir o cheiro de outra mulher no corpo dele.

Eu estava dentro de uma mulher cujo nome não consigo recordar, mas ela me fez parar reclamando de sede. Mas tem vinho bem ali. Você pode pegar um pouco de gelo? Quem é que põe gelo no vinho? Eu, e tem várias outras coisas que eu também posso fazer se você pegar um pouco de gelo pra mim. Saio correndo pelado e rindo, são cinco da manhã. Na ponta dos pés, pelo corredor, como o Wee Willie Winkle. Os mortos exalam cheiro, mas os assassinos também. A minha morte precisou de dois, um para mandar e outro para executar. Antes que eu voasse da sacada, senti o cheiro de capim-limão e terra molhada, e ouvi pegadas mastigando o piso tão limpo quanto um espelho.

Estou na casa do homem que me matou. Eu nunca senti o meu cheiro em suas mãos, só os traços persistentes de uma morte antiga, não bem um odor, mas a lembrança dele, notas de ferro no sangue rançoso de um assassinato, o aroma adocicado e pungente de um corpo morto há cinco dias. No mundo dos vivos, ele é um homem maduro agora, que não se importa com o fato de que cheira a alguém que acabou de dar de cara com o dinheiro de uma outra pessoa, como alguém que usa um terno caro que pertencia a um outro alguém. Só que ele não está usando um terno. Eu estava pelado quando me encontraram e ele estava pelado quando eu o encontrei. Sua barriga está mais redonda, a gordura em suas costas balança quando ele caminha e ele precisa pintar de novo os cabelos. O corpo dele golpeia o dela num chlép chlép chlép suado. Ele solta

grunhidos em cima dela, a amante com quem ele se casou. A cama branca é um turbilhão. Ela percebe que ele não vai parar, e dá um tapinha em seu ombro. Ele está com a cabeça no travesseiro, mas ele a está imprensando, ela está presa e sabe disso, então ela bate em seu ombro mais uma vez. Ele geme e ela o empurra *Você sabe que eu não quero engravidar, seu filho da puta*. Ele segue jogando seu peso em cima dela até gozar, e depois solta todo seu ar, que preenche o quarto. Os jamaicanos precisam saber que o líder deles funciona, ele diz. É a primeira vez em anos que estou ouvindo sua voz, só que não faz anos. Estou chocada que ela não tenha mudado, ainda parecendo inadequada quando ele fala corretamente. Estou no lugar errado, e ela também. Ela era sua mulher número dois, a amante com quem ele se casou depois que não conseguiu ficar com a Miss Jamaica. O pai dela queria que ela se casasse com alguém totalmente branco. Vou cagar seco pelo rabo antes que um cu cagado dum sírio com uma lojinha de costura libanesa se case com a porra da minha filha, ele disse.

A mulher que eu estava dentro, eu não consigo me lembrar do nome dela. Eu nunca a vi, mas não é como se eu soubesse onde procurá-la. Talvez houvesse amor ali, mas os fantasmas assombram as coisas movidos por saudades, e eu não sinto saudades. Talvez não houvesse amor, ou talvez eu não seja um fantasma. Ou talvez as saudades que eu sinto não sejam dela. Quem é que pede para por gelo no vinho? Ela sabia que ele estava do outro lado da porta, me esperando? Alguém disse que eu parecia uma aranha dilacerada de pau duro. Não foi nenhum dos funcionários do hotel, eles não conheceriam uma palavra como dilacerada. Talvez alguém que já estivesse feliz de me ver partir. Não tenho lembrança do rosto dele.

A mulher número dois o empurra para o lado e sussurra *Ainda bem que eu não esqueci do espermicida*. Você... não... sabe... ele está sem fôlego quando diz o resto... que esse papo de anticoncepcional é um

plano dos brancos para acabar com os pretos?... e ri. Ele rola para o lado e começa a se tocar. Eu queria invadir seu corpo para fazer de conta que estava sentindo o que ele sentia, mas aqui do pé da sua cama eu já consigo sentir o cheiro de mais de cem homens mortos. Um vidro se quebra e os dois tomam um susto. Sua camisola havia sido puxada para cima dos seios, então ela puxa de volta para baixo. Você e esse seu gato de merda, ele diz, e levanta. Fico olhando sua barriga se assentar e seu rosto perder a cor, e nem mesmo aquilo, nem mesmo o sexo tinha bagunçado seu cabelo, colado na cabeça como se ele fosse o homem de lata. Ele me faz sentir saudades de estar vivo, caminhando todo flácido daquele jeito. O quarto tinha móveis que ela havia escolhido, com pegadores e curvas e parreiras entalhadas na madeira. Há um mosqueteiro pendurado no teto. Uma televisão escondida num canto, a porta do banheiro aberta, mas o corredor escuro. Ele sempre dizia que homens com qualquer senso de estilo ou beleza eram pervertidos. Eu me lembro dele dizendo isso sobre um outro membro do partido enquanto ele ia embora de carro. Nunca compartilhei desse seu ódio, porque eu via Noel Coward todo verão e o chamava de tio. Ele e o seu companheiro de viagem.

O homem que mandou me matar se estica para pegar sua arma esperando deitada na mesinha de cabeceira, e deixa suas calças caírem no chão. A mulher número dois aponta para as calças e ele faz uma piada, enquanto atravessa a porta, sobre nunca se arrumar demais pra se encontrar com uma puta. Eu queria ficar um pouco com ela, curioso para ver como ela recuperaria a calma, mas sigo atrás dele.

Na sala de estar há um homem que não consigo lembrar se conheço. A sala de estar é um cemitério, impregnada do cheiro dos mortos. Um pouco desse cheiro está vindo do homem. Ele é preto quando você olha a primeira vez, com um toque chinês quando você olha de novo, ou talvez sejam apenas as sombras. Já consigo farejar como é que ele morre. Ele está tossindo dentro de um copo.

— Eu pensei que isso era água.

— Você nunca viu uma garrafa de rum ou você não leu primeiro?

— Se eu senti o cheiro? Nem senti, eu bebi direto.

— Perguntei se você leu primeiro. Pri-mei-ro.

— Ah! Eu não escuto muito bem. Muito pá pá pá, sabe qual é?

— Mas putaquepariu, como é que tu confundiu isso com água?

— Sei lá, eu vi essa água numa garrafa especial e achei que fosse coisa de rico. Que isso, irmãozinho, tá passando essa piroca aí na cidade toda?

— Tu tava esperando me encontrar todo comportadinho na minha própria casa? Ou tá vendo aí alguma coisa que tu nunca viu?

— Ah, é assim que os ricos fazem amigos.

— Favelado lava o pinto na água da bica e tu tá querendo transformar isso numa questão de classe? Como é que tu entrou na minha casa, ô, cu cagado?

— Pela porta da frente.

— Como é que...

— Chega de como. Como é que tu fala tanto “como”?

— Tu prefere que eu fale “por quê”? Beleza, vamos falar “por quê”. Por que é que tu tá na porra da minha casa às... peraê... três da manhã? Que foi que a gente disse sobre nós dois não sermos vistos juntos em público?

— Não sabia que o teu quarto era público. Como é que tá a amante? Não faz muito, ela parecia estar bem. Muito bem.

— Cara, o que é que você quer?

— Tu sabe que dia é hoje?

— Hmmmm. Hmmmmm. Acho que vou dizer três de dezembro. É o dia que vem depois do dia dois.

— Opa! Chega de respstinha, é melhor tu saber com quem tu tá falando.

— Não, é melhor você lembrar com quem você tá falando, caralho. Entra na minha casa que nem uma porra dum rato arrombado. Tu tá é com sorte que o Rawhide tá de folga hoje senão tu já tava morto, tá me ouvindo? Morto.

— Que bom pra mim, então.

— Vou voltar pra cama. Sai pelo mesmo lugar que tu entrou.

— Eu tava aqui pensando.

— Cuidado pra não se machucar.

— Como é?

— Tu tava pensando.

— Tô precisando duma grana.

— Tu tá precisando duma grana.

— Depois de amanhã.

— Amanhã já é hoje.

— Depois mais tarde.

— Eu já te falei que eu não sei do que você tá falando. Não sei nada sobre isso, não apoio e nem te conheço assim tão bem. O Papa-Lo é o único cara lá de baixo que eu conheço.

— Lá de baixo? Lá de baixo? É assim que tu fala agora, lá de baixo? O Artie Jennings não falava que nem você.

— Você tem falado com o Arthur? Porque eu sei de fonte confiável que ele não tem falado muito ultimamente.

A mulher número dois entra na sala enrolada no lençol.

— Peter, o que é toda essa confusão? E... Ai meu D...

— Pelo amor de Deus, piranha, para de gritar e volta pro quarto. Nem todo neguinho é bandido.

— Bom, talvez nesse caso a tua esposa esteja correta.

— Peter?

— Vai pro quarto!

— Que paulada. Acho que a casa toda tremeu. Xaninha interditada pelo resto da noite?

— Tu aprendeu sobre mulher no mesmo lugar que te ensinaram sobre arma, é? Ela bateu a porta pra gente pensar que ela não vai ficar aqui escutando. Eu disse ELA BATEU A PORTA PRA GENTE PENSAR QUE ELA NÃO VAI FICAR AQUI ESCUTANDO.

Agora ela se foi.

— Tu é um filho da pu...

— Cala boca.

— O destino de hoje já tá selado. Não tem nada que tu possa fazer pra mudar isso agora, nem que tu quisesse...

— Eu já te disse. Eu não sei do que você tá falando. E eu certamente não sei do que você tá falando sobre precisar de dinheiro quando você é o mesmo Josey Wales que foi pra Miami há duas semanas. Mas sabe como é que eu sei que você não precisa de bosta nenhuma de grana? Você só foi passar o dia. Voltou quando, às sete horas?

— Foi só uma visitinha de negócios.

— Nunca tem nada de *inbo* com você, não é mesmo? Tipo aquela sua outra viagensinha pras Bahamas. Todo mundo nesse país tem uma porra dum segredo.

— O Cantor se encontrou com o Papa-Lo e com o Shotta Sherrif ao mesmo tempo.

— Grande novidade.

— O Papa-Lo está planejando se encontrar com o Shotta Sherrif pra falar de coisa séria num lugar onde ninguém vai poder ouvir. Os dois pararam de comer carne de porco, aliás.

— Ah. Disso eu não sabia. Mas que caralho esses dois estão tramando? Sério, mas o que é que eles podem ter pra conversar? E o que você quer dizer com os dois pararam de comer carne de porco? Eles estão virando

Rasta? É isso que o Cantor está fazendo? É ele que está fazendo eles conversarem?

— Tu precisa mesmo de ajuda pra responder essa pergunta?

— Você tá muito atrevido falando comigo desse jeito, seu neguinho.

— Neguinho é a tua mãe. E o preço subiu.

— Vai cobrar essa merda da CIA.

— Rasta não trabalha pra CIA.

— E, Josey Wales, eu não trabalho pra você, caralho. Aceita o meu conselho e dá o fora daqui. E não volta mais.

— Tô levando o rum.

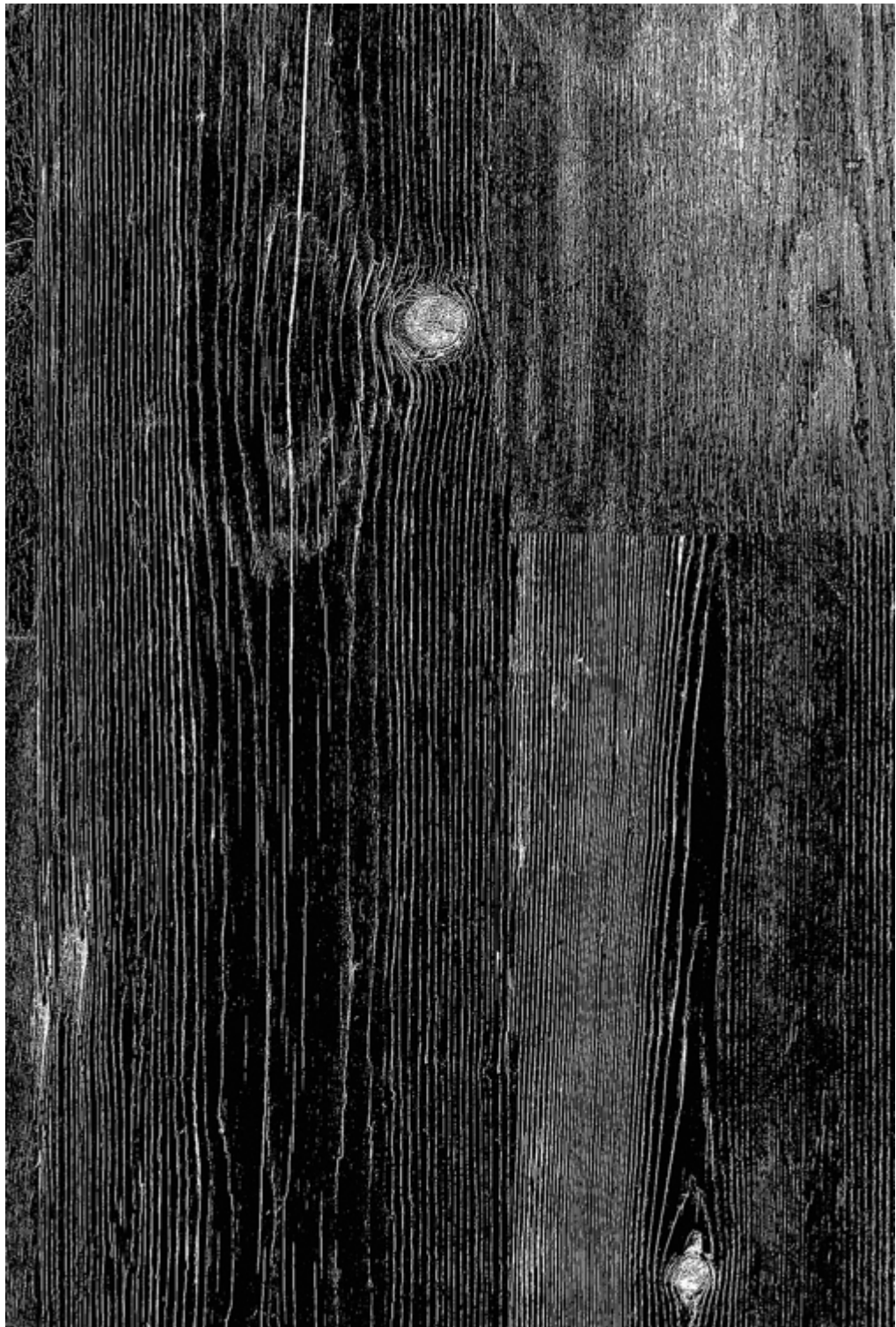
— Já que tu vai fazer isso, pega dois copos também e vê se aprende a ter um pouco de classe.

— Haha. Tu é uma figura. Até o diabo olha pra tu e deixa quieto. Tu é uma figura.

O homem vai embora, sem fechar nenhuma das portas.

Tem um outro homem que eu vejo andando pelo mundo dos mortos e que eu não conheço. Um homem que morreu do jeito errado, um bombeiro que teria partido em paz se tivesse morrido num incêndio. Ele também está na sala, veio com o homem chamado Josey Wales. Ele anda em volta dele, e às vezes o atravessa, e Wales pensa que é um calafrio. Ele tenta bater nele, mas seus golpes simplesmente o transpassam. Eu costumava fazer isso com o homem que mandou me matar, tentava bater, socar, dar tapa e cortar, e o máximo que eu conseguia era fazer ele pensar que aquilo era um calafrio. Isso teria feito a raiva passar, se não fosse a memória. Eu diria que você aprende a viver com isso, mas a ironia é muito amarga. Eu também conheço a história dele, já que ele se lamenta todas as vezes. Ele está se lamentando agora, sem perceber que eu sou a única pessoa na sala testemunhando aquilo. Correndo em direção ao fogo na Orange Street, ele, o bombeiro número sete. Um incêndio num cortiço de dois andares, as chamas feito cobras ensandecidas se retorcendo por entre

as janelas, cinco crianças já mortas, duas delas baleadas antes do fogo. Ele segura a mangueira, sabendo que a água vai apenas respingar, e atravessa correndo o portão. Seu rosto queima no lado direito e sua têmpora explode no lado esquerdo. A segunda bala o acerta no peito. A terceira atinge de raspão o pescoço do bombeiro que vem atrás. Agora ele persegue o homem que o mandou para ficar com pessoas feito eu. Josey Wales sai pela janela. O bombeiro vai atrás. O dia acaba de nascer, mas já nasceu morto.



AMBUSH IN THE NIGHT

3 de dezembro de 1976

NINA BURGESS

Não dá pra explicar como é que você se sente quando tem a certeza absoluta de que, em alguns minutos, aqueles homens vão te estuprar. Deus às vezes nos faz de bobo, tipo aquela Cassandra da mitologia grega da aula de História que ninguém escuta, que nem ela mesma consegue se ouvir. Eles ainda nem te tocaram, mas você já está se culpando, sua idiota, sua putinha ingênua, é por isso que homens de uniforme acabam estuprando mulheres, porque você ainda acredita que eles estão aqui pra resgatar o seu gato preso numa árvore, como se isso fosse uma história num livro de Dick e Dora. A primeira coisa que você se dá conta é como é dose essa palavra, espera. E agora que você está esperando, tudo o que você consegue pensar é puta merda, como é que você conseguiu tropeçar e cair bem no colo desses caras? Eles ainda não te estupraram, mas você sabe que é o que eles vão fazer, e só aumenta o medo de que isso vá acontecer na terceira vez que você pega um deles olhando pelo espelho retrovisor sem sorrir nem rir, com a mão na virilha como se ele estivesse se alisando, não se ajeitando.

A demora é o que te mata, a sensação de que ainda dá tempo de fazer alguma coisa, de fugir, de sair correndo, de fechar seus olhos e pensar na Treasure Beach. Você tem todo o tempo do mundo. Porque, quando isso acontecer, terá sido culpa sua. Por que você não saiu do carro? Por que não foi embora? O policial ouve os meus pensamentos, e pisa no acelerador, aumentando a tensão. Por que você não sai? Por que não vai embora? Se você abrir a porta e pular, agarre os joelhos e saia rolando até parar. Depois, corra para a direita, por dentro do mato, e pule a cerca de

alguém, sim, você provavelmente quebrou alguma coisa, mas a adrenalina pode te fazer ir longe, muito longe, também aprendi isso na escola. Talvez eu machuque um ombro, talvez quebre um punho. O policial passa o quarto sinal vermelho seguido. Tu vai acabar matando a gente, o outro diz e ri.

Ouvi a história de uma mulher que foi até a polícia informar que tinha sido estuprada, mas eles não acreditaram nela, então a estupraram de novo. Você está com medo, e você sente o cheiro do seu suor, e você torce pra que o cheiro do seu suor não faça eles pensarem que você estava procurando por isso. Você cortou suas unhas há apenas dois dias, porque ficar glamourosa é um troço caro pra cacete, e agora, como você não tem unhas pra arranhar esses filhos da puta, você torce para que eles não achem que se você não os arranhar é porque você estava procurando por isso. Mas, mais do que qualquer outra coisa, o motivo que te faz julgar e culpar a si mesma, e absolvê-los antes mesmo que isso chegue a uma corte cheia de homens que provavelmente disciplinaram suas esposas na base da porrada antes de saírem para o tribunal, é o fato de que você não está usando calcinha. Não apenas você é a vadia que a sua mãe sempre falou, como até mesmo ela vai te lançar aquele olhar de você-achou-o-que-foi-procurar. E eu fico pensando ah, é mesmo? Pois é, quem mandou ser mulher justo quando três caras armados te abordam? Seu estupro é culpa sua também. Depois de um tempo, você se dá conta de que não está tremendo de medo, e sim de raiva. Eu tiro meu sapato direito, aquele que ainda tem o salto, e o seguro com força. Assim que eles abrirem essa porta, um desses filhos da puta vai ficar sem um olho. Não me interessa qual. Ele pode me chutar, pode atirar em mim, me estuprar pelo cu, mas ele vai ter que conviver com o fato de que essa buceta custou caro.

Não consigo imaginar nada pior do que ficar esperando por um estupro. Se você tinha tempo para esperar, com certeza tinha tempo para

impedir. Se você não está à venda, não faça propaganda, diz a diretora da minha escola neste exato momento.

Você já está pensando no que acontece depois do estupro, nos vestidos longos que você vai comprar, na meia que vai cobrir até pouco acima do joelho e te fazer parecer uma velha, nos vestidos com golas cheias de babados que fazem parecer que você está nos créditos de abertura daquela merda de *Os pioneiros*. Vou parar de cuidar do meu cabelo e de depilar minhas pernas e sovacos. Vou parar de usar batom. Vou voltar a usar sapatos sem salto e casar com alguém da Igreja de Swallowfield que estiver disposto a ter paciência comigo, um homem preto que vai pesar tudo isso com a minha capacidade de lhe dar filhos com a pele mais clara, e ainda assim achar que está fazendo um grande negócio. Você quer gritar parem essa merda desse carro e comam a merda da minha buceta e acabem logo com isso, porque isso parece forte, quem sabe forte o bastante para até mesmo demovê-los da ideia, mas você sabe que palavras como essas nunca saem de uma boca como a sua. Não é que você tenha vergonha, porra, não é nada disso, é que você não tem coragem. E isso só faz você odiar esses malditos policiais ainda mais, o jeito como eles te tratam como se você fosse um passarinho que eles vão dar para um gato brincar. Talvez essa situação fosse como a de um homem que está cavando a sua própria cova, mas, já chegando perto do fim, ele simplesmente para no meio e fica esperando alguma coisa acontecer.

Nem sei de que merda eu estou falando, mas, com certeza, estou falando muito palavrão. Se eu falar só mais um eu posso muito bem mudar meu nome para Kim-Marie Burgess. Ela é que devia estar nesse carro agora, ela e aquele seu papo de amor livre. Não. Isso é uma coisa terrível de se pensar. Só que eu não consigo parar de pensar nisso. Ninguém merece isso. Mas ela merece mais do que eu. Eles deviam ter virado à esquerda e ido pra Havendale. Em vez disso, eles viraram à direita, e foram em direção à cidade baixa, dizendo que era um atalho.

São dois, e um deles está dizendo que nunca tinha visto nada como aquilo, o primeiro-ministro convocando eleições em apenas duas semanas. Parece algum tipo de vigarice, ele diz. Mas isso não devia significar nada pra você, que é socialista de carteirinha, diz o outro.

— Quem é que tu tá chamando de socialista, ô, cu cagado? Preferia até que tu me chamasse de *coolie* ou de Rasta.

— E tu, princesinha linda, tu curte os socialista ou os Rasta?

— Haha — faz o outro.

— Ô, tu aí, do banco de trás, que tá que nem um encosto.

Eu queria dizer desculpa, estou muito ocupada pensando em como uma mulher em 1976 ou se fode sozinha ou acaba sendo fodida por um homem, mas em vez disso eu digo:

— Perdão?

— Rasta ou socialista? A gente tamos esperando a tua resposta.

— Ainda demora muito pra chegar?

— Vai demorar bem mais se você não ficar calminha e se comportar.

E... que porra é essa? Quantas vezes eu vou ter que dizer pra tu que eu não quero essa porra dessa cinza de cigarro no meu uniforme, ô, cu cagado?

— Então limpa.

— Vai tomar no cu.

— Então para o carro. O motor tá precisando dum arrego, mesmo.

Então eles param o carro. Eu nem perco meu tempo dizendo que preciso voltar pra casa. Eu sei o que eles estão pensando. Qualquer mulher pega andando só com um sapato pela Hope Road depois da meia-noite com certeza não precisava ir pra lugar nenhum. Talvez essas eleições tenham sido convocadas um pouco depressa demais. Talvez o comunismo não seja assim tão ruim, ouvi dizer que não existe nenhum cubano doente ou com dentes podres. E talvez fosse um sinal de que estamos ficando mais sofisticados, ou algo assim, o fato de que às vezes eles dão as notícias

em espanhol. Eu não sei. Eu não sei de nada além de que até eu estou ficando entediada de esperar que esses policiais me joguem numa vala por aí. Eu queria estar com medo. Parte de mim sabe que eu deveria estar com medo, e deseja isso; afinal de contas, o que não estar com medo diz sobre o tipo de mulher que eu sou? Os dois se encostam no carro, bloqueando a minha porta. Eu poderia sair pelo outro lado e correr, mas não faço isso. Talvez eles não me estuprem. Talvez eles façam alguma outra coisa, e essa coisa, seja ela boa ou ruim, e quem sabe pode até ser boa, com certeza vai superar o nada que eu passei fazendo todo o dia e toda a noite. Mas já é de manhã. Isso é culpa dele, culpa dos seguranças dele, culpa dessa porra desse show pela paz. Do país. De Deus. De qualquer coisa que estiver acima de Deus, puta merda, eu só queria que eles já tivessem acabado com isso.

— Starsky & Hutch tava irado ontem. Esse episódio foi foda! Aí os cara injetaram no Starsky um veneno secreto, né? E ele só tinha vinte e quatro horas pra descobrir quem tinha dado a injeção nele antes de dar caput e...

— Eu nunca sei quem é o Starsky e quem é o Hutch. E por que é que eles têm que ficar se pegando tanto, que nem se fossem sodomita?

— Cara, tudo pra tu é sodomita isso, viado aquilo. Se o cara tem só uma mulher, tu acha que é porque ele é bicha. Esse programa é do caralho. Mas eu ainda não entendi como é que aquele carro consegue pular tão alto e tão longe.

— Tu quer que a gente tentemo?

— E daí matemo a coisinha aí do banco de trás?

Ouvindo eles falando de mim eu pergunto:

— A gente vai pra Havendale ou é melhor eu sair e continuar andando?

— Ha, tu sabe onde é que tu tá?

— Kingston é Kingston.

— Epa! Quem te disse que tu tá em Kingston? E aí, gostosinha, quem de nós dois é mais bonito, eu ou o meu chapa aqui? Hã? Quem de nós vai ser teu namorado?

— Se vocês vão me estuprar, me estupra duma vez e me joga logo numa dessas valas que vocês jogam mulher, só para de me encher o saco com esses papo de cu cagado.

O cigarro cai da boca do policial. Eles ficam olhando um pro outro, mas não dizem nada por um longo tempo. Tanto tempo que eu não consigo nem contar, mais que um minuto. Mais que cinco minutos. Eles não estão só sem falar comigo, estão sem falar nada um pro outro, como se o que eu disse tivesse tirado deles tudo que eles poderiam querer dizer um pro outro, ou pra mim. Eu não pedi desculpas, afinal de contas, o que é que uma mulher deve pensar quando dois homens estranhos a colocam num carro e a levam pra um lugar que ela não conhece, e pra onde ela não pediu pra ir? E à meia-noite, quando tudo que ela pode fazer é torcer pra que a escuridão não engula todo o barulho quando ela gritar.

Eles me levam pra casa. Aquele que estava fumando diz da próxima vez, se tu tiver querendo ser estuprada, avisa a gente antes que a gente vamo embora e te deixamo onde a gente te encontramos. Eles vão embora.

Isso foi há quatro horas e eu ainda não consegui dormir. Estou na minha cama, ainda vestida com as roupas que usei o dia inteiro, ignorando que meus pés estão pegando fogo e que a terra está sujando os meus lençóis. Estou com fome, mas não me mexo. Eu quero coçar meus pés, mas não me mexo. Eu quero mijar, tomar banho, lavar de mim esse dia que já acabou, mas eu não me mexo. Não como nada desde ontem de manhã, e tinha sido apenas uma toranja cortada ao meio e mergulhada numa calda de açúcar e coberta com mais açúcar, exatamente do jeito que a minha mãe disse que ia acabar me levando a uma diabetes precoce. Minha mãe tem tanto medo de ter algum problema que os problemas estão sempre aparecendo, só pra não perder o costume de reforçar suas

crenças. Amanhã é o dia do show pela paz, e tudo o que é preciso é um tiro, só um, até mesmo um tiro de alerta, pra cima, para que tudo se transforme num inferno. No começo do ano, nesse estádio, começou a cair uma chuvinha fraca e os espectadores entraram em pânico. Só levou quinze minutos para matar onze pessoas, pisoteadas até a morte. Ninguém vai dar um tiro nele, ninguém se atreveria, mas ninguém tem que. Porra, se eu soubesse que um troço desse tamanho feito pelo PNP ia acontecer em pouco menos de doze horas eu também ia puxar minha arma.

Este país vem beirando a anarquia por tanto tempo que qualquer coisa que acontecer vai acabar sendo um tremendo anticlímax. Eu nem sequer pareço eu mesma dizendo uma coisa dessas. Jesus Cristo, eu estou parecendo a Kimmy, ou aquele outro namorado dela, o comunista, não o Rasta. Os capangas do PTJ vão passar de carro pelo parque, só num trequinho dele, talvez ali perto do monumento a Marcus Garvey, e atirar em alguém. Eles só precisam atirar em uma pessoa. Eles vão fugir, mas a multidão vai tacar fogo em meia Kingston. Copenhagen City vai oferecer alguma resistência, mas a multidão já vai estar enorme a essa altura, e eu vou sentir o chão tremendo aqui em Havendale quando eles chegarem lá. Eles vão queimar Copenhagen City até as cinzas, matando todos eles, e aí Copenhagen City vai queimar Eight Lanes até as cinzas, matando todos eles, e um maremoto gigantesco vai se erguer pelo porto e levar todos aqueles corpos e todo aquele sangue, e toda aquela música e toda aquela merda daquela favela pro fundo do mar e aí talvez, quem sabe, finalmente, minha mãe vai poder parar de se enrolar toda que nem uma múmia só pra que esses nojentos fiquem longe da vagina dela, e vai deixar de ser louca, e vai poder dormir em paz.

PAPA-LO

Só mais uma coisa, faustosos cavalheiros. Nunca deem bobeira para um branquinho. Depois de uma noite quente e sem lua, quando tudo que você consegue pensar é que você tá prestes a ser traído, talvez por Deus, talvez por um homem, nunca deem bobeira para um branquinho. Deem bobeira para um branquinho que toma *mannish water* e fica com a cara toda vermelha da pimenta, e ele vai voltar pros Estados Unidos e escrever que os nativos deram uma sopa de cabeça de cabra para ele tomar e que o sabor está no sangue. Dê bobeira para um branquinho que vem pra favela atrás de uns sons, e ele vai voltar para a Inglaterra com seus discos de 45 rotações e vai ficar rico enquanto tu continua pobre. Dê bobeira prum branquinho e ele vai dizer que foi ele quem atirou no Sherrif, sacou?, e depois vai te tirar pra substituto, e vai subir no palco e dizer que os mulatos e os crioulos e os árabes e os filhos da puta dos jamaicanos e sei lá mais quem não deviam estar aqui, nós não queremos eles aqui. Isso aqui é a Inglaterra, isso aqui é um país branco, ele disse, porque ele achou que os neguinhos jamais leriam a *Melody Maker*. O Cantor só ficou sabendo disso, e de uma maneira bem peculiar, algumas semanas atrás, na casa da Hope Road, quando tava ensaiando para o show pela paz.

Isso aconteceu tem poucas semanas. Umas duas, talvez. O Cantor e a banda tinham ensaiado desde manhã bem cedo até tarde da noite. Judy chamou ele no canto pra dizer que uma coisa que ele tava cantando, *num estado de opressão*, eram palavras de ordem do PNP, e que se ele cantasse aquilo, ia parecer que ele tava apoiando o PNP, que é o que muita gente já suspeitava. Eles tinham começado a tocar a música mais uma vez

quando pinta um branquinho. Ele tinha aparecido ali do nada, como se fosse truque de mágica — puf!

— De onde é que tu veio, patrão? — disse o baterista.

— Lá de fora.

— Tu tá com o Chris?

— Não.

— Tu é o cara da *Rolling Stone*?

— Não.

— Da *Melody Maker*?

— Não.

— Da *New Music Express*?

— Não.

— Sinhozinho da fazenda?

— Hã? Não.

— Foi o Keith Richards quem te mandou trazer um fumo? A maconha que ele tá pegando tá melhor do que a de qualquer um aqui na Jamaica.

— Não.

O Cantor quis tentar descobrir quem era aquele branquinho que simplesmente tinha aparecido no estúdio, e que nem tava na parte de fora, que normalmente fica parecendo um formigueiro de tanto branco reunido, tudo de cabelo comprido, imitando dreads, usando óculos escuros e camiseta tie-dye e dizendo vocês, carinhas do reggae, são mutcho locos, bicho, muito bacanas, vocês têm uma ganja aí? Mas este branco não tava vestido como se ele tivesse fugindo de alguém ou procurando por alguma coisa. O Cantor ia perguntar o nome dele, mas a banda não quis esperar e ele acabou voltando pro ensaio. O branquinho ficava espantando a fumaça da ganja com as mãos como se fosse uma nuvem de mosquitos, e também parecia tá prendendo a respiração. De vez em quando ele balançava a cabeça ao som da batida, mas sempre no tempo errado, que nem a maioria dos brancos. Ele parecia tá esperando

que eles parassem de tocar. A banda ignorou ele, mas quando terminaram de tocar aquela música, o cara tinha desaparecido.

Logo em seguida, o Cantor foi até a cozinha, como ele sempre fazia, pra pegar uma laranja ou uma toranja, e lá tava o branquinho esperando por ele. Ele lançou um olhar, mas não para o Cantor, e perguntou o que é um desses “Crazy Baldheads” que você fala? Antes de ouvir uma resposta, ele começa a cantar a música, *dem crazy, dem craazy*, como se precisasse dizer as palavras para entendê-las. Você ouviu o que o Eric Clapton falou sobre você uns meses atrás? É um tremendo palhaço, esse cara, ele subiu num palco pra dizer vamos manter a Inglaterra branca. Expulsar todos os mulatos e os árabes e os filhos da puta dos jamaicanos, dá pra acreditar numa coisa dessas? Ele disse mesmo os filhos da puta dos jamaicanos! Uau. Ele não gravou um *cover* duma música sua? Isso serve pra mostrar que você nunca sabe quem são seus amigos de verdade, né? O Cantor disse a ele que sempre sabia exatamente quem eram os seus amigos e quem eram os seus inimigos, mas o branquinho continuou falando sozinho. Dois caras da banda entram na cozinha e também ficam chocados de ver que o branquinho tinha surgido de novo, que nem mágica. Ô, irmãozinho, parece que o ônibus da tua excursão foi embora e te esqueceu aqui, um deles disse, mas ele não sorriu, nem mesmo deu aquela risada sem graça heh-heh-heh-heh que os brancos dão quando não têm certeza se você tá brincando.

— Deus. Deus. Deus. Sabe qual é o problema com Deus? — diz o cara. — Tô falando de Jeová, Jesus, Javé, Alá, Jah, qualquer nome de merda que você queira dar.

— Não blasfeme contra a Sua Majestade Imperial.

— Mas o lance sobre Deus é que ele precisa da fama, sacou? Da atenção, do reconhecimento. Ele mesmo disse isso, reconhece a Deus em todos os teus caminhos. Se você para de prestar atenção nele ou de dizer seu nome em voz alta, ele meio que para de existir.

— Irmãozinho...

— Já o diabo, ele não precisa de reconhecimento. Na verdade, quanto menos se falar nele, melhor.

— Patrãozinho, o que que tu...

— O que quer dizer que você não precisa dizer o nome dele, identificá-lo ou sequer lembrar dele. Na minha visão, o diabo pode ser qualquer um à sua volta.

— Ô, o último ônibus de excursão já foi embora, então melhor tu catar um táxi. Agora.

— Eu dou meu jeito.

— Só que a gente tá ensaiando e... peraí. Hoje não veio nenhum ônibus de excursão. Porra, de onde é que tu veio?

Esse tempo todo o Cantor ficou sem dizer nada. Era a banda quem tava fazendo as perguntas. O homem caminhou pela cozinha, olhou pela janela, para o fogão, e pegou uma toranja. Ele a examinou, jogou para cima duas vezes e depois a colocou de volta no lugar.

— Então, sobre o que é essa tal de “Crazy Baldhead”?

— Maninho, “Crazy Baldhead” é sobre “Crazy Baldhead”. Se o cara precisasse explicar a música que ele faz ele teria escrito uma explicação, não uma música.

— *Touché.*

— Quê?

— E *congo bongo I? Natty Dread congo bongo I*. Quer dizer, eu entendo *I Shot the Sheriff*, é uma metáfora, né? Ismos e cismas? O que eu queria entender é o que aconteceu com o cara que cantava aquelas baladinhas melosas tipo “Stir it Up”. Foi porque os outros dois saíram da banda? O que aconteceu com aquele lance de amar todo mundo? “Burning and Looting”? Isso é que nem “Dancing in the Street”? Vocês sabem, música de crioulo raivoso.

Um negro que viveu na Jamaica sua vida inteira não vê muito problema na palavra crioulo. Com um negro que vem dos Estados Unidos, a história é diferente. Um cara começou a dizer mas que porra é essa, mas logo aquilo já se transformou num murmúrio e desapareceu. O fato daquele branquinho estar ali todo empinado como se fosse um pavão num território que não era o seu, sem capangas nem armas, como se fosse o dono da situação, queria dizer alguma coisa. Pô, é claro que ninguém ia encostar nele, ele é um branquinho. Eu sei das coisas. Eu sei que isso vem do tempo da escravidão. Os jamaicanos adoram falar sobre como eles foram os negros mais rebeldes do mundo, mas a verdade é que o senhor de escravos entrava no meio do mato com seis ou doze escravos, alguns que ele havia chicoteado há poucos dias, e nenhum daqueles crioulos fazia porra nenhuma.

— Esse novo disco parece que vai chegar no topo das paradas mais rápido que uma bala. Vocês já estão com os ingressos esgotados em todos os lugares, Suécia, Alemanha, Hammersmith Odeon, Nova York. Vocês escutam alguma rádio americana aqui? Quer dizer, eu, pessoalmente, não tenho nada contra os negros, sabe, tipo Jimi Hendrix, né? Mas quer saber? Jimi está morto, e agora o rock and roll é o verdadeiro rock and roll, Deep Purple, Bachman Turner Overdrive, *Brain Salad Surgery*. Esses caras não precisam ficar fingindo, fazendo de conta que são estrelas do rock... “My Boy Lollipop”, essa era uma música boa, uma boa música, com uma boa batida, e eu gostei que ela foi lá, conseguiu emplacar um *hit* e depois sumiu. *You make my heart giddy up*, hah!

A essa altura o cara já tava andando pra trás porque ele viu que tava sendo cercado. Mas ele não parecia nervoso, ele seguia falando aquele monte de barbaridade e ninguém tava entendendo nada. O Cantor não disse nada.

— Os Estados Unidos? Estamos passando por tempos difíceis. Tempos muito difíceis. A gente tem que arrumar a casa. A última coisa que a gente

precisa é de um demagogo inflamando as pessoas erradas. Rock and roll é rock and roll e tem os seus fãs, e ele não precisa... Olha, eu estou tentando dizer isso pra vocês da melhor maneira possível, mas o rock, bom, o rock é para os americanos. E vocês precisam parar de tentar cativar esse público... O mainstream norte-americano não precisa desse tipo de mensagem, então pensem muito bem nessas turnês... talvez vocês deversem se concentrar no litoral. Parem de tentar atingir o mainstream norte-americano.

Ele falou sobre aquilo várias e várias vezes, de frente pra trás e de trás pra frente, usando palavras novas e as mesmas palavras de antes, até que percebeu que eles tinham sacado o lance. Mas, como de costume, o branquinho tinha achado que os negros eram estúpidos. Eles tinham entendido a mensagem no momento em que ele entrou pela porta. Parem de se meter com os brancos.

O cara não ficou olhando pra ninguém enquanto sua mensagem ia assentando, mas ele ficou esperando que ela assentasse. Ele diz alguma coisa sobre não querer ter que voltar ali. Daí ele diz alguma coisa sobre um monte de vistos de artistas empilhados em cima de uma escrivania abarrotada na embaixada. O Cantor não diz nada.

— “My Boy Lollipop”, essa sim era uma música. Essa sim era uma música — ele diz, e sai pela porta da cozinha.

O lugar fica em silêncio por um minuto até que alguém grita alguma coisa sobre aquele cu cagado daquele branquinho e vai atrás dele, mas ele tinha desaparecido. Puf.

Algumas pessoas consideram que essa foi uma visita do diabo em pessoa. Mas estamos em dezembro de 1976, e se o Rasta não trabalha pra CIA, alguma outra pessoa trabalha. Perguntei como é que os guardas deixaram aquele cara entrar, mas eles disseram que ele simplesmente passou por eles como se tivesse vindo tratar de coisas mais importantes do que eles poderiam entender. Não era isso. Eu sabia e o Cantor sabia.

Ninguém queria ser o cara com uma pele como a nossa que ia tocar num cara com uma pele como a dele. O Cantor começou a desconfiar de todo mundo a partir daquele ponto, inclusive de mim, eu acho. O meu nome está envolvido com o PTJ e todo mundo já acha que é o PTJ que trabalha pra CIA, principalmente quando um carregamento de vamos-fingir-que-não-são-armas desaparece do porto. Puf. Mas esse branquinho não alertou e nem ameaçou ele para que ele não fizesse o show pela paz e, quanto aos outros, que fizeram ligações com a respiração pesada, ou mandaram telegramas ou deixaram bilhetes com os guardas ou deram tiros pro ar quando passaram de carro ou de bicicleta na frente da casa, o Cantor não tem medo de ninguém que tem medo de mostrar seu rosto.

Mas ele não diz o que eu também tenho medo de dizer. Que tudo isso vai acabar se voltando contra mim. Eu sou o cara mais violento de Copenhagen City. Mas violência não significa mais coisa nenhuma. Violência não é páreo pra tramoia. Não é páreo pra ruindade. Tô só vendo que eles tão me escanteando, porque a política de hoje em dia é um jogo diferente, que precisa de um tipo diferente de homem pra jogar. Os políticos tão vindo no alto da madrugada pra falar com o Josey Wales, não comigo. Eu conheço o Josey Wales. Eu tava lá em 1966 quando tiraram um bom pedaço da alma dele, mas só ele sabe o que ele botou no lugar dela.

Quanto às outras pessoas, o branquinho dos Estados Unidos e o branquinho da Jamaica, que não é branco, e sim árabe, e que trepa com umas inglesas loiras pra que seus filhos nasçam o mais livres possível, agora eles também tão fazendo ameaças ao Cantor. Tudo isso só porque o Rasta quer cantar seus *hits* e falar o que ele pensa. Até agora ninguém sabe de onde saiu aquele branquinho, e ninguém nunca mais viu ele de novo, nem na embaixada, nem no Mayfair, no Jamaica Club, no Liguanea Club ou no Polo Club, ou em qualquer um desses lugares em que os brancos de fora vêm pra se misturar aos brancos locais. Talvez ele nem morasse aqui,

só tivesse viajado pra cá com aquela missão. Depois daquilo eles dobraram a segurança no portão, mas um dia aqueles guardas acabaram sendo substituídos pelo Esquadrão Eco. Ainda que qualquer esquadrão seja melhor que a polícia, eu não confio em esquadrão do PNP.

Um homem que sabe que tem inimigos tem que ficar com a guarda alta o tempo todo. Um homem que sabe que tem inimigos tem que dormir sempre com um dos olhos aberto. Mas quando um homem tem inimigos demais, ele acaba colocando todos no mesmo saco, esquece que eles são diferentes e começa a pensar que todos os seus inimigos são o mesmo inimigo. O Cantor não ficou pensando muito naquele branquinho, mas eu penso nele o tempo todo. Eu perguntei a ele como é que o branquinho era e ele não soube me responder.

Que nem um branquinho, ele disse.

JOSEY WALES

Mesmo numa noite tão quente, e já é quase de manhã, mesmo com o toque de recolher em vigor porque esse governo de araque não consegue controlar merda nenhuma, na frente da casa do Cantor, do outro lado da rua, tem uma puta trabalhando na Hope Road. Talvez nem seja uma puta. Talvez seja só mais uma mulher perdida, tá cheio dessas em Kingston, que acha que o Cantor tem alguma coisa pela qual ela esteve procurando por toda a sua vida. Vou te dizer uma coisa, se o controle de natalidade é um plano pra acabar com os negros, então o Cantor deve ser um plano para trazer eles de volta. Até mesmo famílias respeitáveis de Irish Town, August Town ou qualquer uma dessas “town” de bacana agora tão mandando suas filhas trepar com o Rastafári e gerar um bebê milionário. Mas essa aí, que eu vi quando entrei na Hope Road pra pegar o Bam-Bam, só tava ali parada como se fosse um espantalho. Como se ela não estivesse oferecendo coisa nenhuma. Talvez ela fosse um fantasma. Alguma coisa me deu vontade de ir até lá e perguntar e aí, quanto pelo programa, tu tá fazendo um preço especial por causa do toque de recolher?, mas o Bam-Bam tava comigo, e eu já não gosto de ele estar comigo no meu carro. Se você fica muito tempo com ele, ele começa a fazer perguntas do tipo se eu conhecia o pai dele e de quem eram os sapatos Clarks que ele encontrou na casa em que morava. Além do mais, esse negócio de ficar de conversinha é coisa do Chorão, não é muito a minha.

O Chorão tá comigo. Bem quando ele tava saindo eu me dei conta de que eu tava prestes a deixar aquele porra-louca sair por aí no meu Datsun, mas aí eu gritei pra ele esperar por mim. Ainda assim, eu deixei ele vir

dirigindo. Nós voltamos a Copenhagen City, e passamos bem na frente da casa do Papa-Lo, onde ele tava sentado na varanda, como se fosse o Tio Remus. Cedo ou tarde, ele vai querer conversar comigo sobre umas coisas, o que geralmente significa ficar ouvindo ele falar horas e mais horas sobre nada. Esse cara não é mais o mesmo desde que começou a pensar. Já tô em casa há duas horas, talvez três. Alguma coisa me diz que ninguém vai dormir esta noite. Eu não gosto disso. O Chorão acha que tá tudo bem. Eu não gosto de trabalhar com esses pivetes, mas o Chorão acha que tá tudo certo. Por outro lado, o Chorão também é meio que um bacuri. Neste momento, ele tá doidão e comendo alguma vadia do Lady Pink no meu carro. Sim, o cara me fez ir até a boate pra pegar ela depois que a gente trancou aqueles moleques no barraquinho da estação de trem. Era aquela mesma mina devagar da cabeça chamada Lerlette, que, corria o papo, foi aceita na Ardenne High School e expulsa no primeiro dia de aula. Não me pergunte como eu sei, é claro que foi o Chorão quem me contou. Eu disse pra ele que não tinha a menor chance de ele levar aquela piranha pra dentro da mesma casa onde eu crio os meus filhos. Ele disse bicho, não tenho problema nenhum de usar o carro.

Então, agora eu tô na janela, escutando meu Datsun rangendo. Eu devia tá dormindo. Se eu não dormir, vou estar com sono amanhã, e o bandido aqui não pode se dar o luxo de ficar com sono, especialmente amanhã. Entre o Chorão fodendo no meu carro e o Peter Nasser falando que nem um arrombado pra se exhibir praquela mulher magrinha dele, tinha coisa demais rolando na minha cabeça pra eu conseguir dormir. Eu devia era gritar pela janela pro Chorão parar com aquela fodelança e vir pra cá, mas isso me transformaria no irmão mais velho dele, ou no pai dele, ou, pior ainda, na mãe dele.

E esse arrombado do Peter Nasser. Se tem uma coisa que eu não suporto é quando um cara acha que ele tá com tudo. Pensa que sabe tudo só porque quando ele fala, tem gente no partido que escuta. Mas eu nunca

me filiei a nenhum partido. Ele entrou de nariz empinado e tocando o terror na favela porque ele não tem medo de mim. Eu não quero que os políticos tenham medo, eu só quero que eles saibam que eu não tô de brincadeira. A garota no carro tá gritando pro Chorão *enfia tudo, vai baby, isso, me fode, dá nessa buceta, faz purê dessa buceta*. Essa não vai ser a segunda vez essa noite que vou ser obrigado a escutar outro cara fodendo. Eu me afasto da janela.

Você não precisa encostar num cara pra machucar ele. Tem um monte de branco que acha que pode ficar por aí dançando com o diabo, e depois, quando a coisa apertar, simplesmente desaparecer sem deixar rastro. Eu lembro quando o Peter Nasser veio na favela pela primeira vez usando óculos escuros pra que ninguém pudesse ver o que tava rolando nos seus olhos. Como ele falava quase tão feio quanto um neguinho, mas ainda parecia que tinha sido educado nos Estados Unidos. Mesmo assim, você nunca deve confiar num cara que acha que todo mundo é substituível, desde a sua esposa até os seus capangas. Ele já tinha entrado em contato com o Chorão e com o Tony Pavarotti pra me substituírem quando as coisas ficassem importantes demais, ou pesadas demais, ou sofisticadas demais prum cara que não tinha cursado o ginásio.

Aquele era o seu eleitorado, e ele tinha os votos e as mulheres locais pra comprovar. Mas ele começou a confundir representar as pessoas com ser dono delas e, muito em breve, até ele teria que repensar aquilo. Não por minha causa, mas por causa de alguém. Gente como eu não precisa de ginásio porque a gente já se formou. Bem antes de um cara como o Peter Nasser começar a nos visitar no alto da madrugada com o porta-malas cheio de armas. Bem antes de um cara como o Peter Nasser perceber que seria melhor pra ele que Copenhagen City e Eight Lanes continuassem em guerra em vez de fazerem as pazes. Que elas queimem no Dia do Juízo Final, é o que eu digo. Àquela altura, a casa em Miami já estaria pronta, e

um cara como o Peter Nasser começaria a se afogar no seu próprio sucesso.

Chorão filho da puta. Pelo menos ele parou de escrever praquela desgraçado na prisão. Ele não me contou quem era, mas logo eu vou descobrir. E quando eu descobrir...

— Caralho, essa foi inacreditável... uou!

— Tu quer um pano aí pra se limpar?

— Não, irmãozinho, tudo já se evaporou — ele diz, passando a mão nos seus óculos quebrados e apertando os olhos.

— Evaporou.

— Quê?

— Como é que ela vai pra casa agora?

— O pé dela tá machucado?

— Tu é o *Don* de todos os *Dons*, Chorão.

— Não, grande, esse é tu. Tu é tão *Don* que eles deviam te chamar de Donavon.

— Donovan.

— Não foi o que eu disse? Mas enfim, achei que tu ia tá dormindo. Em vez disso tu tá aí, acordado, resmungando que nem uma tia veia.

— Porra, não faz nenhum sentido dormir agora. Tem muita coisa me deixando acordado.

— Tem coisa nenhuma te deixando acordado. Se tu continuar desse jeito, daqui a pouco vai tá que nem aquele velho que a gente acabou de ver abancado na varanda que nem uma ratazana.

— Sabe por que que eu não consigo dormir? Tem alguma coisa errada com aqueles moleques.

— Os moleques conseguem mirar uma arma e puxar o gatilho. Para de bancar a mamãezinha.

— Eu te falei que eu não curto trabalhar com tanto cara que eu não confio.

— Mas foi tu que recrutou eles.

— Não, eu recrutei eles e esperei que tu me dissesse sim ou não com a cabeça. Foi tu quem escolheu só moleque. Eu te disse que não tinha problema nenhum em chamar o TEC-9, mandar um telegrama pro Chinês em Nova York.

— Não, cara.

— Bullman, Tony Pavarotti, Johnny W...

— Não, cara! Porra, para de falar besteira! Tu não sabe mandar em homem. Quando a coisa apertar, metade desses caras vai fugir e a outra metade vai tentar te matar, se tiver oportunidade. Porra, tu não era pra ser a cabeça pensante de Copenhagen City? Tu não sabe mandar em homem. Se tu nunca teve na prisão, tu ainda não sabe como é que se controla um homem. A gente precisa dos moleques, porque quando eu aponto pra esquerda eles vão pra esquerda e quando eu aponto pra direita eles vão pra direita. Moleque só faz o que tu manda, homem passa muito tempo pensando, bem desse jeito que tu tá fazendo agora. Moleque tu manipula, tu trabalha, tu enche de droga até que a única coisa que o merdinha vai querer é fazer qualquer coisa que tu disser.

— Tu aprendeu isso na prisão, também? Tu acha que eu não sei de que tipo de moleque tu tá falando? Daquele tipo de moleque que tu só pode usar uma vez, tá me ouvindo? Uma vez e acabou.

— E quem é que te disse que a gente vai usar eles duas vezes? Qual que é? O Bam-Bam é teu filho agora?

— Não tenho porra de filho nenhum.

— Deixa eles cozinharem lá no barraquinho. Deixa eles suarem. Deixa eles se encolherem num canto e implorarem pela branca. Daí, quando eu voltar...

— Tu quer um bando de pistoleiro ou de zumbi?

— Deixa os moleques lá. Deixa eles fritarem. Quando a gente voltar, aqueles moleques vão querer dar tiro até em Deus.

— Puta que pariu, Chorão, não blasfema na porra da minha casa!

— Senão Deus vai cair pra cima de mim cheio de raio e trovão?

— Senão eu vou puxar a porra da minha arma e atirar eu mesmo em você.

— Uou. Bicho, pega leve. Vamo lá, pega leve. Tô só de piadinha.

— Essa porra dessa piada não teve graça.

— Irmãozinho, abaixa essa arma. Sou eu, o Chorão. Cara, eu não curto quando alguém puxa uma arma pra mim, saca, mesmo se tiver só de brincadeira.

— Tá parecendo que eu tô de brincadeira?

— Josey.

— Não, me fala. Me fala de uma vez que tu tenha me visto de brincadeira.

— Tá certo, não falo mais de Deus na tua casa. Só pega leve, cara.

— Só não me traz essa besteirada de homem macaco pra dentro da minha casa.

— Tá, Josey, tá bom, irmãozinho, tá bom.

— E não fica pensando que eu não te daria um tiro e faria essa porra toda sozinho.

— Tá, irmãozinho.

— Agora vai te sentar e sossega aí. Eu até ia dizer pra tu dar uma dormida, mas a gente sabe que tu não vai dormir pelos próximos três dias. Então, baixa a bola e relaxa aí...

— Tu também tá precisando relaxar.

— Chega!

O Chorão se atira no sofá e estava prestes a botar os pés em cima dele quando ele vê a minha cara. Ele tira os sapatos, coloca os óculos na mesinha e se espreguiça. Faz um tempão que ele tá quieto. Eu tô alisando a arma na minha mão. Então ele começa a rir que nem uma garotinha.

Depois, ele ri um pouco mais. E mais. Logo ele tá gargalhando a todo volume.

— Que porra de piada foi essa agora?

— Claro que tu não ia sacar né? A piada é tu.

Tô alisando a arma na minha mão. O dedo indicador escorrega pra perto do gatilho.

— Tu já percebeu como tu fala mais feio conforme a coisa vai esquentando? Quanto mais quente tua cabeça fica, mais feio tu fala. Eu devia era continuar te cutucando, pra ver se tu consegue falar tão feio quanto eu falava quando eu era pequeno.

Ele riu por tanto tempo que eu comecei a rir junto, muito embora eu e o Chorão não tivéssemos crescido juntos. Ele rolou pra dentro do sofá, virando as costas pra mim, com as calças arriadas, mostrando sua cueca vermelha. Toda vez que ele comia uma mulher, eu torcia para que aquela fosse a mina que ia dar um jeito nele. Porque ele pegou alguma doença na prisão, alguma coisa que fez com que ele deixasse de ser normal. Então, do nada, ele começou a roncar, como um personagem de um programa de humor na tevê. Puta que pariu, esse filho da puta que tá dormindo na merda do meu sofá me chamou de idiota. Caralho, o Chorão é muito doido, mas tudo que ele disse essa noite fez sentido, de um jeito meio maluco. Esse vai ser um trabalho bem sujo, mas o que vai dar trabalho mesmo vai ser limpar tudo depois. Não dava pra trazer um cara como o Tony Pavarotti. Um homem com esse tipo de talento é raro, e você tem que usar várias e várias vezes. Algumas ferramentas são feitas pra você usar várias vezes. Outras, você usa só uma vez e depois destrói.

BARRY DIFLORIO

Sete e quinze. Ficamos presos atrás de um Ford Escort peidando fumaça preta por dez minutos. Meu carro não está se mexendo e o meu filho mais velho, Timmy, está cantarolando o que parece ser “Layla”. Juro por Deus. Ele está no banco da frente cantando e mediando uma batalha devastadora de proporções globais entre o Super-Homem e o Batman porque a patroa disse que ele podia levar seus brinquedos até o portão da escola, mas que ele tinha que deixá-los no carro. Jesus Cristo, esses engarrafamentos de país de Terceiro Mundo são os piores, todo esse monte de carro e porra nenhuma de estrada. Papai, que qui é porra, meu mais novo, Aiden, pergunta do banco de trás, quando eu me dou conta pela primeira vez que estava pensando em voz alta. Leia seu livro, amorzinho, eu digo. Quer dizer, carinha, ou você prefere rapazinho? Não, isso só confundiria o guri. Afirmar sua masculinidade não deveria ser tão complicado aos quatro anos de idade.

Estamos em Barbican, uma rotatória que aparentemente está lá por nenhum outro motivo a não ser o de direcionar o tráfego para um supermercado batizado com o infeliz nome de Masters. As estradas estão congestionadas de gente rica tentando levar seus filhos para o colégio, grande parte delas indo na mesma direção que eu, para a Hillel Academy. Eu viro à esquerda e passo por mulheres vendendo bananas e mangas fora da estação, e homens vendendo cana-de-açúcar. E maconha, se você souber como perguntar. Não que eu já tenha perguntado. Você tem que ir até o ponto em que sabe como o país funciona melhor do que as pessoas que vivem aqui. E aí você vai embora. A Companhia sugeriu que eu lesse

um livro do V. S. Naipaul antes de vir pra cá, *The Middle Passage*. Fiquei impressionado como ele conseguiu chegar em um país, ficar ali por alguns dias e entender exatamente o que estava errado nele. Eu fui até a praia sobre a qual ele escreveu, Frenchman's Cove, esperando encontrar mulheres brancas preguiçosas e homens brancos usando óculos escuros e bermudas, todos servidos por meninos. Mas até mesmo aquela praia já tinha sido atingida por uma onda de socialismo democrático.

Entramos à direita. O tráfego desaparece e começamos a subir, passando por casas enormes de dois e três andares, boa parte delas fechadas, não com aquela cara de voltamos-mais-tarde, com algumas janelas abertas, mas como se os seus donos tivessem dado no pé, provavelmente para esperar o resultado das eleições em algum outro lugar. Hillel fica bem no pé das montanhas. Cedo ou tarde a patroa vai perguntar de novo por que é que a gente vive lá embaixo, em New Kingston, se nossos filhos vão à escola lá em cima, nas montanhas? Ela tem alguma razão aí, mas ainda é cedo demais para ela estar certa. Meu mais velho sai voando porta afora assim que o carro para no portão. Primeiro eu penso é claro, meu carro não é bacana o suficiente, mas então eu me dou conta. Ele quase consegue cruzar o portão.

— Timothy Diflorio, pare aí mesmo.

Ele foi pego em flagrante, e ele sabe disso. Lá vem aquela sua carinha de *Quem, eu?*

— Que qui foi, papai?

— O Batman. Ele tá muito sozinho aqui nesse banco. Onde é que foi parar o Super-Homem?

— Acho que ele caiu.

— Passa ele pra cá, rapazinho. Senão eu vou te levar até a sua sala de aula. E vou segurando a sua mão o caminho todo.

Pronto, aquilo era pior que a morte. Ele olha para o seu irmão mais novo, que, Deus o abençoe, ainda acha que andar de mão dada com o seu

pai é a coisa mais legal do mundo. Timmy joga o Super-Homem dentro do carro.

— Ah, irmãozinho, isso é coisa da Babilônia.

— Ei!

— Desculpe, papai.

— Sua mãe também está no carro.

— Desculpe, mamãe. Posso ir agora?

Aceno para que ele se vá.

— Boa festa de Natal, amorzinho!

A tromba dele fez aquela viagem toda valer a pena. Ela limpa a garganta no banco de trás. Sra. Diflorio. Pensei que ela já teria dito alguma coisa àquela altura, mas ela estava hipnotizada por alguma matéria da *Vogue Patterns*, mais uma dessas merdas que ela vai mostrar pras suas amigas do crochê, uma nova gola pra colocar no vestido vermelho que ela tanto adora usar. Estou sendo cruel. É um clube de leitura, não um grupo de amigas do crochê. Só que eu nunca a vi com um livro. Ela nem faz menção de passar para o banco da frente. Em vez disso ela diz:

— Talvez tenham um Papai Noel com um chapéu de cartolina vermelha na cabeça e uma fronha de travesseiro cheia de doces vagabundos, e ele vai dizer sem crise, cara, em vez de ho ho ho.

— Mas olha só a preconceituosinha do papai.

— Não me venha com essa, Barry. Eu tenho mais amigos negros do que você.

— Não sei se a Nelly Matar ia gostar de saber que você diz que ela é negra pelas costas dela.

— Você não entendeu o que eu quis dizer. O Natal passado era pra ter sido o último que eu passei, que nós passamos, num outro país.

— Meu Deus, e eu aqui pensando que a gente tinha trocado esse disco.

— Eu prometi à mamãe que a gente estaria em Vermont para o Natal.

— Não, você não prometeu nada, para com isso, Claire. Sem contar que a sua mãe gosta muito mais de mim do que de você.

— Seu desgraçado, pra que dizer uma coisa dessas?

— Qual é o problema com vocês mulheres, afinal? Vocês nunca sabem de nada, né? Já te ocorreu que ficar reclamando sem parar de uma coisa pode não ser o melhor jeito de resolver o problema?

— Olha, desculpa, mas acho que você deve estar me confundindo com a sua outra esposa, aquela toda perfeitinha. Talvez a gente possa dar uma passada lá em casa pra buscá-la.

— Bom, já que a gente tá indo pra lá mesmo...

— Vai se foder, Barry.

Eu penso em, pelo menos, dez maneiras de responder àquilo, incluindo mencionar que já tínhamos transado a noite passada. Talvez isso a desarmasse, ou quem sabe ela me acusasse de tratá-la como criança, ou de tentar mudar de assunto. Isso sem falar que ela não tinha porra nenhuma de assunto. Hoje é três de dezembro e eu tenho muita coisa na cabeça agora pra ter que aturar essa mulher vindo pra cima de mim desse jeito. Todas as respostas em que eu consigo pensar eu já tinha dado diversas vezes, então eu fico de boca fechada. Porra, eu até já sei onde é que isso vai dar. Dirigimos em silêncio até o cruzamento da Lady Musgrave Road com a Hope Road. No farol, ela sai do carro e pula pro banco da frente. Eu viro à esquerda.

— O que o Aiden está fazendo?

— Cochilando entre uma página e outra de *O Lorax*.

— Ah.

— E?

— E o quê? Estou dirigindo, meu bem.

— Sabe, Barry, homens como você exigem muito de suas mulheres, até demais. E a gente faz. E você sabe por que a gente faz? Porque vocês sempre nos convencem de que é tudo temporário. A gente não reclama

nem quando temporário quer dizer que a cada dois anos a gente tem que fazer novos amigos só pra não morrer de tédio. A gente não reclama nem da maneira horrível que estamos criando nossos filhos, obrigando-os a se mudar sem motivo bem quando eles estão começando a criar laços...

— Laços, é?

— Deixa eu terminar. Sim, laços que nunca se romperam quando você era uma criança.

— Do que você está falando? Meu pai fazia a gente se mudar o tempo todo.

— Bom, então não é de se estranhar que você não faça ideia do que significa ter um amigo. Acho que eu deveria estar feliz por estarmos num país em que se fala inglês, pra variar. Por um tempo eu não conseguia entender meu próprio filho.

Ela podia ficar falando para sempre sobre o nosso casamento, ou sobre as crianças, ou sobre o meu trabalho, ou sobre o Equador, ou sobre este país de merda, e eu não daria a menor bola. É esse tipo de coisa que me deixa puto, que me faz realmente ter raiva dela.

— Porque você prometeu que isso teria fim, e nos prometeu que no fim disso tudo teria valido a pena, nem que significasse que você ia passar mais tempo com a sua família. Mas sabe o que você é, Barry? Você é um mentiroso. Você não passa de um tremendo mentiroso que mente para a sua mulher e para os seus filhos, e tudo por causa de um trabalho que sabe lá Deus o que você faz. E você provavelmente nem é bom nele, porque você nunca chegou a ter um bom cargo. Você é um filho da puta mentiroso.

— Por favor, chega.

— Chega?

— Para com isso. Já tô de saco cheio, Claire.

— De saco cheio do quê? O que é que você vai fazer, Barry? Nos arrastar pra mais quatro anos onde, Angola, desta vez? Talvez os Bálcãs,

ou o Marrocos? Eu juro por Deus que a se gente for pro Marrocos eu vou tomar sol de topless.

— Chega, Claire.

— Senão você vai fazer o quê?

— Senão eu vou enfiar a porra da minha mão no meio da porra da tua cara tão rápido que vai esmigalhar a porra dos teus óculos e a porra dos seus olhos vão parar no fundo da porra do teu crânio.

Ela fica ali sentada quieta sem olhar para mim, mas sem ficar encarando a estrada também. Não é sempre que isso acontece, um lembrete de que talvez seu marido tenha matado pessoas no seu trabalho, de modo que tudo pode acontecer. Eu poderia deixar ela desse jeito, que merda, pelo menos isso me daria um pouco de paz. Foi um golpe baixo apelar para o medo que toda esposa de alguém da Companhia tem do seu marido. Se eu batesse na minha mulher, ela sofreria em silêncio pelo resto da sua vida e nem a porra do seu pai ia se importar. Mas aí não só ela teria medo de mim, como ela ensinaria esse medo aos meus filhos. E eu simplesmente me transformaria num dos outros, como o Louis Johnson, que, pelo que ouvi dizer, realmente bate na mulher dele. Então eu dou a ela uma chance de sair por cima.

— Banho de sol de topless, meu cu. Os marroquinos iam achar que você era uma dessas branquinhas chupadoras de pinto, os filhos da puta iam adorar.

— Que maravilha, agora você está chamando sua própria esposa de puta.

— Bom, você já fez um novo corte todo sensual aí no seu cabelo — eu digo, mas ela não está mais prestando atenção.

Nada a deixa mais possessa do que a sensação de que está sendo ignorada. Percebo o volume da sua raiva aumentando. Sinto vontade de dizer de nada, mas, em vez disso, eu dou uma olhada para o lado e a vejo, surgindo de repente. A casa dele. Eu passo na frente dessa casa o tempo

todo, mas acho que nunca tinha olhado direito pra ela. É uma dessas casas que parecem dizer que têm uma longa história. Ouvei falar que a Lady Musgrave Road foi construída porque a mulher ficou tão horrorizada que um negro havia construído uma mansão no seu caminho que ela resolveu construir a sua própria estrada. O racismo aqui é azedo e viscoso, mas ele desce tão macio que você fica tentado a ser racista com um jamaicano só pra ver se ele ia conseguir entender o que estava acontecendo. Mas a casa do Cantor está bem ali.

— Você vai dar uma carona pra ele?

— Quê? Pra quem?

— Faz mais de um minuto que a gente tá parado na frente da casa dele. O que você está esperando, Barry?

— Não sei do que você está falando. E como você sabe de quem é essa casa?

— De vez em quando eu saio de dentro da caverna onde você me deixa.

— Nunca imaginei que você fosse se interessar por alguém tão selvagem, tão bruto.

— Cristo, você é mesmo a minha mãe. Eu gosto muito do que é selvagem e bruto. Ele é como Byron. Byron é...

— Claire, para de me tratar como se eu fosse um idiota, porra.

— Selvagem e bruto. Ele é como um leão negro. Eu gostaria que a minha vida tivesse sido um pouquinho mais selvagem. Mas, em vez disso, eu fui para Yale. A Nelly acha que ele fica muito bem naquelas calças de couro. Muito bem.

— Tá tentando me deixar com ciúmes, meu amor? Já fazia tempo.

— Meu bem, faz quatro anos que eu não tento mais nada. Pensando bem, a Nelly me disse que ia ter uma festa de promoção do show pela paz hoje à noite, e ela...

— Você não vai lá esta noite nem fodendo!

— Como é que é? Por que eu não iria?... Eu não aceito ordens de... espera um pouquinho, o que foi que você disse?

— Você não vai lá.

— Não. Você disse pra eu não ir lá esta noite. Você está tramando alguma coisa, Barry Diflorio.

— Eu já disse que eu não sei do que você está falando.

— Eu não estava fazendo uma pergunta. E como eu sei que você vai bancar o machão de novo pra eu não me meter na sua vida, deixa eu te adiantar que eu não quero nem saber. Barry...

— O quê? Que foi agora, Claire? Puta merda, o que é que foi?

— Você perdeu a rua do cabeleireiro.

A patroa acha que só ela quer voltar pra casa. Mas eu também quero. Eu quero tanto que, puta merda, eu chego a sentir o gostinho. A diferença é que eu já sei que não temos mais para onde voltar, a nossa casa não existe mais, pelo menos não nesse sentido. Nenhum de nós se lembrou que o pequeno Aiden ainda estava no carro.

ALEX PIERCE

O estranho é que você tenta dormir, você se esforça tanto pra dormir que, de repente, você se dá conta de que está, na verdade, trabalhando pra cair no sono, e que jamais cairá no sono de verdade porque daí você não vai mais estar dormindo, vai estar trabalhando. Muito em breve você vai precisar tirar uma folga do trabalho.

Eu abro a porta de correr e deixo o som do tráfego entrar. O problema com New Kingston é que o reggae fica longe demais. Eu nunca tinha esse problema quando ficava na cidade baixa, onde a música, alguma festinha ou show sempre acabava pintando. Mas puxa, cara, estamos em 1976, quase 1977. Gente da embaixada que eu nem conheço começou a me dizer para não descer além de Crossroads depois de uma certa hora, pessoas que já estão aqui há cinco anos e ainda suam de manhã. Não dá para confiar em alguém que diz que adorou o seu artigo sobre The Moody Blues. Eu nunca escrevi nenhum artigo sobre a porra do The Moody Blues. E mesmo se tivesse escrito, não seria uma coisa que um cuzão que dá a bunda pro sistema ia gostar de ler.

Eu não estava conseguindo dormir, então vesti meus jeans e botei uma camiseta e desci as escadas. Preciso fugir desta prisão. A mulher na recepção estava roncando, então eu passei de fininho antes que ela fizesse o tradicional sermão que ela faz para todos os brancos que tentam sair pela rua à noite. Do lado de fora, o calor dança ao meu redor. O toque de recolher ainda está em vigor, então tudo que você tem é essa sensação de que pode se meter em alguma encrenca, mas ao mesmo tempo não tem encrenca nenhuma para se meter. Esta é a história secreta do que

aconteceu no resto daquela noite: vi um taxista lendo o *Star* dentro do seu carro parado no estacionamento e perguntei se ele podia me levar para algum lugar que ainda estivesse no embalo. Ele me olhou como se meio que conhecesse o meu tipo, embora meus jeans talvez fossem um pouco apertados demais, meu cabelo um pouco comprido demais, ou minhas pernas um pouco finas demais, além do fato de que eu simplesmente não era um gordo filho da puta com uma camiseta escrito *Jamaican Me Crazy* que veio aqui pra botar o seu pinto pequeno pra brincar.

— Acho que o Mayfair Hotel tá fechado, parcêro — disse o taxista, e eu não o culpo por isso.

— Eu não estava pensando num lugar em que os brancos vão para se esconder dos pretos, xará. Será que você não me leva num lugar mais real?

Ele me dá uma boa olhada e chega até a dobrar o jornal. Eu estaria mentindo se dissesse que essa não é uma das melhores sensações do mundo — quando um jamaicano, que normalmente não se grila com nada, acabou de ficar fortemente grilado bem ali, na sua frente. Ele me olha como se fosse a primeira vez que ele estivesse me vendo naquela noite. Este é o momento, é claro, em que noventa e nove vírgula nove por cento dos americanos estraga tudo ao ficarem empolgados demais pelo simples fato de um local achar que eles são bacanas antes mesmo de aplicar o teste pra saber se eles manjam de reggae.

— Por que você acha que tem alguma coisa aberta? Toque de recolher, irmão, tá tudo num estado de opressão.

— Conversa fiada! Kingston é do caralho! Tô pra ver toque de recolher que vai breçar esta cidade!

— Você tá procurando encrenca.

— Bicho, tô a fim mesmo é de fugir dela.

— Não te perguntei nada.

— Ha. Vai, corta essa, algum lugar deve estar fervendo, com ou sem toque de recolher. Tá me dizendo que todo mundo nessa cidade tá trancado em casa? Numa noite de sexta? Que papo mais brabo, bicho.

— Manhã de sexta.

Ele me olha de cima a baixo mais uma vez. Me dá vontade de dizer sim, meu chapa, eu só *pareço* um idiota de um turista.

— Entra aí e vamos ver o que a gente encontra — ele diz. — Vamos ter que evitar as ruas principais pra Babilônia não pegar a gente.

— Rock and roll.

— Isso é o que você vai dizer quando você vir essas ruas — ele diz.

Eu quis dizer bicho, eu já estive em Rose Town, mas esse seria apenas mais um erro que gente branca comete: se orgulhar de ter visitado algum lugar que os jamaicanos jamais se orgulhariam de visitar. Ele me levou até o Turntable Club, na Red Hills Road, mais uma dessas ruas para as quais a recepcionista do hotel estipula uma janela de tempo muito restrita dentro da qual uma pessoa de linhagem caucasoide (palavras dela, não minhas, juro por Deus) podia se considerar segura. Passamos por uma fila de garotos assando frango dentro de barris de metal, a névoa da fumaça alcançando o outro lado da rua. Homens e mulheres sentados dentro de seus carros encostados na calçada, comendo frango assado e pão branco, fechando os olhos ao abrirem um sorriso, como se não deveriam estar se divertindo daquele jeito às três da manhã. Parece que ninguém aqui ouviu falar do toque de recolher. Que engraçado a gente ter vindo parar no Turntable Club, porque a última vez que eu estive aqui foi perseguindo o Mick Jagger. O cara estava simplesmente maluco com todas as gatas violentíssimas daqui, todas da sua cor favorita, o preto. O taxista me pergunta se eu já tinha vindo no Turntable e, embora eu não quisesse parecer arrogante, odeio quando alguém pensa que eu sou só mais um branquelo ignorante.

— Já pintei aí umas vezes. Ei, mas o que aconteceu com o Top Hat? E o Tit for Tat não era aqui nessa rua, ali mais pra frente? Eu vi um cara levar uma coça porque pegaram ele fumando unzinho no banheiro. Mas cá entre nós, eu sempre curti mais o Neptune. A Turntable anda muito baixo astral, cara. Tocando muito essa merda dessa disco music.

Ele ficou tanto tempo me encarando pelo espelho retrovisor que foi um milagre a gente não ter batido o carro.

— Você conhece mesmo Kingston — ele diz.

Achei aquilo bem estranho. Eu não curtia nem um pouco o Neptune, e estava só chutando sobre o Top Hat, que eu podia jurar que se chamava Tip-Top. Sem Mick ou Keith pra seguir, o Turntable Club se transformou em mais uma dessas casas noturnas com excesso de luz vermelha. Lotado de gente como se esse toque de recolher não fosse problema delas, e sim de outras pessoas. Eu pego uma cerveja e alguém dá um tapa no meu ombro.

— Eu vou ficar aqui falando com você enquanto você se esforça o máximo que puder pra lembrar do meu nome — ela diz.

— Você sempre banca a espertinha desse jeito?

— Não, só estou facilitando as coisas pra você. Tem um monte de negras aqui.

— Você devia se valorizar um pouco mais.

— Mas eu me valorizo muito. Já você, por outro lado... E aí, vai me pagar uma Heineken ou qual é?

Pra encurtar a história, eu acordo antes do sol nascer e ela está na cama ao meu lado, não roncando, mas respirando pesado. Fico me perguntando se é assim que todo jamaicano respira, você sabe, por pura pressão ou necessidade. Não lembro dela ter se enrolado tanto nas cobertas, como se eu tivesse feito alguma coisa que ela não queria que eu fizesse de novo. Eu queria acordá-la e dizer querida, eu sei qual é o lance com as mulheres jamaicanas, bom, com as mulheres estrangeiras, de modo geral. Elas fazem

questão de tomar a iniciativa, e tudo bem por mim, de verdade. Pete, da *Creem*, foi parar na cadeia dois anos atrás quando uma groupie em Bermuda resolveu acusá-lo de estupro só porque, de acordo com ele, ele sugeriu que eles dessem uma trepada à la francesa. Eu lembrava dela. Uma garota jamaicana que dizia que ia pro Brooklyn sempre que queria viver de perto a realidade da periferia. Lembro que aquilo me fez dar uma gargalhada. Uma pele muito, muito escura, e um cabelo muito, muito liso, e uma voz que nunca era suave, jamais. É claro que dormimos juntos aquela noite, nós dois estávamos no show do Supersoul, sendo entediados pelos Temptations tocando sem a menor vontade, e nenhum de nós dois estava se divertindo. Pra falar a verdade, eu fiquei feliz de vê-la no Turntable. Já fazia um ano que eu não a via. Já lembrou do meu nome?, ela disse enquanto a gente voltava pro táxi, que eu não sabia que tinha esperado por mim. O taxista acenou com a cabeça, mas não deu pra entender se era um gesto de aprovação.

— Eu perguntei se você já lembrou do meu nome?

— Não, mas você parece muito com uma menina que eu conheço chamada Aisha.

— Motora, em que hotel que ele tá?

— Skyline, senhorita.

— Ah. Lençol limpo, então.

Ela dorme profundamente na cama, e eu estou totalmente nu, olhando pra minha barriga no espelho. Quando foi que ela ficou mole desse jeito? O Mick Jagger nunca tem barriga. Ligo o rádio e o primeiro-ministro acaba de anunciar eleições gerais em duas semanas. Caramba, essa foi pesada mesmo. Fico imaginando no que o Cantor deve estar pensando, se ele caiu em uma armadilha do governo que agora vai subir nas suas costas e pegar uma carona nas boas vibrações do seu show de logo mais. O que você esperava? Os líderes de países do Terceiro Mundo acabam sempre se

entregando de uma maneira meio óbvia, ouço dizer. Parece mesmo tão terrivelmente conveniente.

Hoje eu devia almoçar, ou melhor, tomar um café com o Mark Lansing. Esbarrei com ele no lobby do Pegasus Hotel ontem à noite, depois de um novo blecaute. Eu tinha descido para fumar, mas a lojinha do hotel já estava fechada, então eu fui até o Pegasus e quem eu vejo no lobby como se estivesse esperando que alguém o visse ali? E aí, como é que foi lá com o Antonioni?, eu disse, e ele deu uma risadinha sem graça duas vezes, sem saber se me dava uma resposta ou se achava engraçado. Ando ocupado demais com meus projetos pessoais, embora tenham rolado uns convites, ele diz. Eu perguntei ao Mark Lansing o que ele achava daquele anúncio repentino de eleições, mas ele ficou tão perplexo que eu tinha feito a ele uma pergunta séria sobre política que ele simplesmente me deu uma resposta genérica e perguntou por que é que eu queria saber, afinal de contas eu só escrevia para uma revista de música, a mesma que um dia ele me disse que lia toda semana.

Em algum ponto eu devo ter mencionado quanto eu havia tentado descolar uns quinze minutos com o Cantor, ou ele deve ter ouvido isso de alguém, porque agora ele sentia que eu estava querendo alguma coisa dele. Eu me lembro dele dizendo exatamente as palavras *coitado, talvez eu possa fazer alguma coisa por você*. Eu só não mandei aquele cuzão se foder porque, engraçado, naquela fração de segundo eu senti pena dele. Fazia anos que aquele perdedor estava esperando para se sentir mais poderoso que alguém. Então hoje, mais tarde, eu vou almoçar com ele, para que ele possa me contar como é muito maravilhoso que ele esteja podendo filmar o Cantor com sua câmera caríssima, e ele vai usar a palavra maravilhoso. Ele me disse que era uma câmera cara, mas nunca me disse a marca, achando que eu não a conheceria, de qualquer maneira. Aquele imbecil de merda provavelmente foi pra cama com um sorriso idiota no rosto, dizendo para si mesmo olha só pra mim, seu filho duma puta, finalmente

eu sou mais bacana que você. Preciso tomar logo um café antes que eu tenha um chilique e a Aisha se borre toda de medo aqui. Ela ainda está dormindo.

PAPA-LO

Sou do tipo de gente que adora falar, todo mundo sabe disso. Fiquei amigo do Cantor porque ele também adora falar, até quando ele pega a guitarra e faz ismos rimarem com cismas ele continua falando. E até quando ele faz ismos rimarem com cismas ele espera que você responda, porque, amigos, nós estamos conversando aqui. O reggae não é nada além de um cara falando, argumentando com um outro cara, conversando e trocando ideia, como eu diria.

Mas saca essa. Alguns homens não falam. E assim como os caras que gostam de conversar ficam amigos dos caras que gostam de conversar, os caras que ficam em silêncio ficam amigos dos caras que ficam em silêncio. Homens que guardam segredo ficam amigos de homens que guardam segredo. Então, em certas reuniões de certos partidos, você vê o Josey Wales se aproximando de certos caras, ou os caras se aproximando dele e, juntos, todos ficam em silêncio. Mas ontem foi uma noite quente, sem lua, e o dia acabou de nascer. Dormi por uma hora e acordei com o espírito desassossegado. Já faz muito tempo, tempo demais, que uma coisa que tá presa na minha cabeça precisa sair pela minha boca. Se eu fosse um homem de escrita, eu já teria posto num papel. Se eu fosse católico, teria despejado tudo num confessionário.

Minha mulher vai pra cozinha fazer chá e porco curado no sal com inhame. Ela sabe do que eu gosto, e ri quando eu reclamo que ela relincha que nem uma jumenta no meio da noite. Tu não reclama dos outros sons que eu faço no meio da noite, ela diz, e começa a levar seu traseiro reboativo pra cozinha. Dou um tapão naquela bunda enquanto ela ainda

tá perto e ela me olha e me diz você quer que eu vá contar pro teu amigo cantor que você ainda tá comendo carne de porco escondido? Por um segundo eu acho que ela tá falando sério, mas aí ela ri e sai andando e cantando “Girl I’ve Got a Date”. Alguns homens nunca encontram a mulher que vai curá-los de olhar pras outras mulheres. Mas nem mesmo ela podia fazer qualquer coisa a respeito do desassossego do meu espírito. Ela podia caprichar na comida, e me fazer um bom cafuné, e ela sabia quando dizer pra polícia que eu não tinha aparecido na casa dela hoje, mas ela sabe que não tinha nada que ela pudesse fazer ou dizer pra acalmar meu espírito.

Talvez seja porque é dezembro. Afinal de contas, só quando a gente chega no Apocalipse é que a gente para pra pensar no Gênesis, né mesmo? Chegar em dezembro me faz parar pra pensar em janeiro. E não só porque o PNP fodeu com o país. Todo mundo sabe que tem comunista infiltrado na Jamaica. Cada vez mais cubanos estão vindo pra cá, mas ninguém sabe que cada vez mais jamaicanos estão indo pra lá. E quando eles voltam, tão sabendo mexer num AK-47 como se tivessem nascido praquilo. Sério mesmo, tão construindo uma escola em St. Catherine e ninguém que trabalha na obra fala inglês. Mas antes mesmo que Deus pudesse dizer opa, pera lá um pouquinho, o que que é isso?, todos os médicos no hospital agora se chamam Ernesto e Pablo. Mas janeiro tirou uma coisa de mim e deu para o Josey Wales. E agora, todo mundo sabe.

No começo de dezembro, antes de me dar qualquer trabalho, ou dinheiro ou fazer algum tipo de caridade de Natal, o Peter Nasser me trouxe uma mensagem. Ele disse fala pro teu povo que nesta estação, e de agora em diante, melhor cozinhar mais banana, e assar mais inhame, fritar mais batata e colher mais taro, e fiquem longe dos empanados e dos bolos e de tudo que levar farinha. Eu nem entendi muito bem o que ele tava dizendo, e não lembro de ter passado a mensagem adiante para a

comunidade, nem como foi que ela se espalhou, se bem que eu tinha falado pra minha mulher.

Trinta de dezembro foi o primeiro. Dois de janeiro terminou com mais três. Então, no dia 22 de janeiro, Deus abandonou São Tomé. Treze pessoas, amigos e familiares, começam a ter dores de cabeça, convulsões, vômitos e alguns ficam cegos. Eles cagam e cagam e não conseguem parar de cagar, eles desmaiam e acordam e desmaiam e tremem como se Deus tivesse atingido cada um deles com seus raios. E mesmo depois de mortos, eles não paravam de cagar e de tremer. Todos mortos, no mesmo dia, pelo mesmo almoço. Rumores se espalharam dizendo que aquilo era como a polio de 1964, e muitos homens e mulheres se trancaram dentro de suas casas porque ficaram com medo. Tá na farinha, tá na farinha, tá na farinha, eles diziam. A morte tinha seu nome escrito naquela farinha, e já tinha deixado sua marca no coração de dezessete pessoas. No dia seguinte, o ministro da Saúde disse que a farinha com fermento que chegou na Jamaica a bordo de um navio alemão tava contaminada por um pesticida que eles chamam de Veneno de Sogra. Mas a Jamaica conhecia bem aquele veneno. A gente tinha proibido antes de *Ocean's Eleven* passar no cinema.

O Peter Nasser deu as caras em janeiro. Mais uma vez, ele veio me dar um abraço, mas perguntou ao Josey Wales se o carro tava funcionando bem com a bateria nova, e eu fiquei me perguntando por que é que aquilo seria da conta dele. Mas ele falou comigo de um jeito que ele não falou com o Josey Wales. Ele me disse que o FMI devia significar Foi Manley, Idiota, e que ele não seria capaz de salvar o país, ou de protegê-lo, não seria capaz sequer de controlá-lo. Engraçado como ele fala sobre mulher e sobre a bateria do carro com o Josey Wales, e convida ele para treinar tiro na terça-feira, mas comigo ele fala sobre política. Eu disse pro Josey Wales e pro Chinês e pro Chorão e pra geral que agora um monte de empresários e políticos brancos viriam tentar nos convencer de que o

primeiro-ministro seria capaz de governar este país. Quando a gente acabar, eles não vão achar que ele seria capaz de governar nem Kingston.

Ninguém precisou me convencer de nada, o PNP nunca fez coisa alguma por ninguém além dele próprio. Foi o PTJ que veio pra favela sem que a gente tivesse que implorar, nos anos 1950, quando eu abandonei o colégio, e eles pegaram aquele atoleiro de merda em que a gente vivia e construíram uns prédios que nem aqueles que tinham naquele seriado *Good Times* da tevê. Depois eles construíram Copenhagen City, e foi a primeira vez que minha mãe pôde tomar um banho em privacidade na sua vida. Eles também têm aquele papinho deles, mas não são que nem o PNP que só veio pra favela depois que já tinham construído Copenhagen City e mandado levantar de qualquer jeito aquela porcaria que eles batizaram de Eight Lanes. Eles encheram suas oito vielas com um monte de gente do PNP só pra brigar com a gente, mas qualquer idiota sabe dar um tiro.

Mas quem vence em West Kingston vence em Kingston, e quem vence em Kingston vence na Jamaica, e em 1974, o PNP soltou duas feras que foi buscar em Jungle, um homem chamado Bunting-Banton e outro chamado Pano de Prato. O PNP nunca ia vencer em West Kingston, o que era verdade tanto no passado quanto agora, então eles fizeram uma tremenda picaretagem, criando um bairro totalmente novo que eles chamaram de Central Kingston, e enfiaram um monte de gente deles lá dentro. E quem eles botaram pra mandar naquilo? O Bunting-Banton e o Pano de Prato. Antes desses dois, as brigas na favela eram brigas de faca. A gangue deles tinha mais de trinta membros, e eles cortavam Kingston em suas motos vermelhas e pretas, zunindo que nem um exército de abelhas. Quando a gangue do Bunting-Banton e do Pano de Prato atacou a gente num funeral, eu soube naquela hora que o jogo tinha novas regras. As pessoas acham que já faz tempo que passou do ponto em que alguém pudesse lembrar quem começou, mas vamos contar direito a história da favela, minha boa gente. Foram o Bunting-Banton e o Pano de Prato que

começaram. E quando o PNP venceu as eleições em 1972, a coisa virou um inferno.

Primeiro eles nos expulsaram dos trabalhos que a gente só tinha conseguido há quatro anos. Depois aqueles dois moleques deles começaram a nos expulsar do nosso bairro, como se a gente fosse uns bichos selvagens e eles fossem o Wyatt Earp. Eles atacavam até mesmo os seus, retalharam um cara do sindicato que era filiado ao mesmo partido deles porque ele disse pros trabalhadores entrarem em greve. Então, por volta dessa mesma época, no ano passado, uma van branca encostou na frente da sede do PTJ na Retirement Road e desligou o motor. A van ficou bloqueando a visão, então eles apareceram do nada, o ataque das abelhas assassinas, a gangue de Banton/Pano de Prato zunindo em suas motos. Eles destroçaram móveis, rasgaram documentos, chutaram os homens, bateram nas mulheres, estupraram duas delas e depois foram embora. E tem o seguinte: enquanto fizeram aquilo tudo, nenhum deles disse uma única palavra.

Mas aquela gangue era muito covarde. Eles nunca se atreveram a vir até Copenhagen City, nunca chegaram nem perto da cabeça, então ficaram arrancando os dedos das mãos e dos pés, e tavam começando a querer subir pelo resto do corpo, quando eu disse pro Peter Nasser que era hora daquele gigante adormecido acordar. Quando terminamos na Lane Number Six, ela tava em cinzas e todas as mulheres tavam chorando porque nunca tinham precisado juntar o cérebro de um filho do chão pra colocar de volta dentro da cabeça. Quando terminamos na Lane Number Seven, a única coisa que ainda se mexia eram os lagartos.

Mas aqueles dois começaram a achar que eles podiam comandar o PNP. O partido mandou os dois numa viagem pra Cuba. Pano de Prato, que ganhou aquele apelido porque era um Rastafári e tinha uns dreadlocks muito ferrados, mal aterrissou em Cuba e já foi pra uma festa com o Fidel Castro em pessoa. Ninguém tinha dito pro irmãozinho que o

prato nacional era carne de porco. Ele perdeu a cabeça que nem Jesus no templo naquele dia em que os judeus o transformaram num mercado. Chegou a virar a mesa do Fidel Castro e o caralho. O Pano de Prato se tornou um problema pro seu próprio partido. Foi aí que um cara ligou prum cara, que ligou pro Padre, o único homem que tinha permissão para andar tanto no território do PTJ quanto do PNP, e o Padre me ligou. Eu mesmo fui atrás daquele arrombado, disse pro Chinês ir até o Stanton Bar bem quietinho e seguir na direção contrária de onde as garotas estivessem fugindo e xingando, com a mão ou no rabo ou nos peitos ou na xereca. O Chinês era bom o suficiente pra matar um moleque com apenas um tiro, então quando veio por trás dele e disse ô, arrombado e atirou na sua nuca, as mulheres que estavam sentadas com ele na mesa sequer tinham gritado até que a terceira bala entrou, essa pelo mesmo buraco que a primeira tinha feito, e o sangue espirrou em cima delas. Depois de dar seis tiros, o Chinês desapareceu mais rápido que um pensamento.

Então, em março de 1975, o Shotta Sherrif escondeu um bilhete dentro da Bíblia de uma beata de uma igreja dizendo onde o Bunting-Banton ia estar. Em plena Darling Street, a caminho da casa do seu broto, faltando os últimos três quarteirões, o Josey e outros quatro caras apareceram bem do lado do seu carro e fizeram chover bala pra cima do arrombado até que o motor estivesse morto. O funeral do Bunting-Banton foi uma coisa grandiosa, ouvi falar que vinte mil pessoas compareceram. Não tenho certeza desse número, mas eu sei que o primeiro-ministro, o vice primeiro-ministro e o ministro do Trabalho, todos foram.

Mas isso foi em 1975, e estamos em dezembro de 1976, e em um ano parece que passou um século inteiro. Como todo homem que luta contra monstros vira um monstro também, tem, pelo menos, uma mulher em Kingston que acha que fui eu quem matou toda e qualquer esperança que existia. As pessoas acham que eu perdi o juízo porque fiquei perturbado de ter matado aquele estudante por engano, mas o que elas não entendem

é que eu perdi o juízo porque aquilo deveria ter me perturbado, mas não me perturbou. Mas agora minha mulher tá me chamando, dizendo, Patrão, vem comer tua comida.

NINA BURGESS

Alô?

— Ora, ora, louvado seja o todo-poderoso Jah-Jah, até que enfim tu acordou. Terceira vez já que tô ligando pra minha irmãzinha.

Minha irmã Kimmy. Ela mal disse duas frases e já começou a fazer de conta que é da favela. Me pergunto se o sol já saiu. Não sei se tô a fim nem do dia e nem da minha irmã, neste momento.

— Eu tava muito cansada.

— Agitou demais noite passada. Tá me ouvindo? Eu disse que você agitou demais noite passada. Tu não vai me perguntar o que é que tu tem que fazer pra melhorar?

— Eu já sei.

— Tu já sabe o que é que tu tem que fazer?

— Não, eu já sei que você vai me dizer.

— Ah. Tu acordou com a pá virada, hein maninha? Não tô acostumada com você toda espertinha desse jeito. Deve ser o ar da manhã.

A Kimmy faz todo um drama para nunca me ligar desde que começou a namorar com o Ras Trent, porque ele disse pra ela reduzir ao mínimo possível todos os seus contatos com gente que ainda tá aprisionada no sistema de merda da Babilônia. Já ele foge desse tipo de contato viajando para Nova York a cada seis semanas, mais ou menos. A Kimmy ainda tá esperando por um visto pra poder ir com ele. Seria de se esperar que o Ras Trent, filho do ministro das Relações Exteriores, fosse arrumar um visto para a sua rainha. Também seria de se esperar que essa mesma rainha começasse a ver significados ocultos por trás do fato dele sequer se

oferecer para tentar. Porém, tudo na Jamaica está à venda, até mesmo um visto americano, e eu tenho um monte de coisas pra fazer hoje.

— O que você quer, Kimmy?

— Tava pensando outro dia. O que é que tu sabe sobre o Garveyismo?

— Você me ligou às, às...

— Oito e quarenta e cinco. Oito e quarenta e cinco da manhã, Nina.

São quase nove.

— Nove. Merda, eu tenho que trabalhar.

— Mas tu nem tem emprego.

— Mesmo assim, preciso tomar um banho.

— O que é que tu sabe sobre o Garveyismo?

— Isso é um programa de rádio, é? Eu tô no ar?

— Para de palhaçada.

— Mas o que mais poderia ser, você me ligando de manhã tão cedo sem nenhum outro motivo além de me dar uma lição de moral e cívica?

— Este é exatamente o meu ponto. Tu acha que isso não é importante. É por isso que os brancos ficam te deprimindo desse jeito, se eu tô falando do Garvey tu tinha mais é que ficar com essas orelhas em pé, que nem um cachorro.

— Já falou com a tua mãe hoje?

— Ela tá legal.

— Foi isso que ela te disse?

— Mamãe precisava se devotar à luta. Só assim ela conseguiria se livrar verdadeiramente da depressão do nosso povo.

A Kimmy tinha aprendido com o Ras Trent a pegar as palavras que os ingleses haviam dado a ela como instrumento de opressão e cuspi-las de volta na cara deles. Os Rastafáris não gostam de lidar com negatividade, então opressão agora para eles é depressão, embora não tenha nada de positivo nessa palavra. Dedicar é devotar, e Eu e Eu, bem, sabe lá Deus o que isso quer dizer, mas parece que alguém tá tentando criar a sua própria

santíssima trindade, e esqueceu de colocar o nome da terceira pessoa. Tudo um monte de besteira, se você quer saber. E que trabalheira pra lembrar de tudo isso. Mas não tem nada que a Kimmy goste mais do que ter um monte de trabalho pra fazer. Especialmente quando é bem provável que o Ras Trent esteja procurando por outra mulher, não uma rainha como ela, mas sim uma mulher pra chupar seu pau, e quem sabe até lamber seu cu, de modo que o seu não, não, não se transforme num ah, ah, ah, uma boqueteira que ele não precise respeitar. Se a Kimmy quer uma coisa específica, ela nunca pede, ela prefere ficar só pescando. Quem sabe o que ela tá querendo agora? Talvez ela só esteja querendo se sentir melhor que alguém, e o meu telefone era um dos poucos oito números que ela conseguia lembrar.

— Ele é um herói nacional — eu digo.

— Pelo menos isso você sabe.

— Ele queria que todos os negros um dia voltassem pra África.

— Bom, mais ou menos. Mas muito bem.

— E ele era um ladrão, que comprou um navio que jamais zarpou para lugar algum, mas provavelmente não é o único herói nacional que também é ladrão.

— Ih, lá vem! Quem foi que te disse que ele é ladrão? Sabe, é por isso que os negros nunca evoluem, eles ficam chamando sua própria gente de ladrão.

— Eu não sabia que o sobrenome do Marcus Garvey na real era Burgess. Ou é o seu que é Garvey?

— Isso é exatamente o que o T diz. Isso é exatamente o que ele disse que gente que nem você ia dizer.

— Gente que nem eu.

— Justamente, gente que nem você. Gente que tá nas trevas. Saia da escuridão e venha para a luz, irmãzinha.

Eu podia tentar fazer ela se calar, mas, assim como o Ras Trent, a Kimmy na verdade nunca falava com você. Mas ela precisava de uma testemunha, não de uma plateia.

— E por que você ligou justamente pra mim? Eu tenho certeza que não sou a única pessoa que você conhece que tá nas trevas. Liga pra alguma das suas amiguinhas do Imaculada Conceição, ou qualquer outra.

— Maninha, se essa revolução vai mesmo acontecer algum dia ela precisa, tá me ouvindo?, ela precisa começar em casa.

— O Trent já se libertou daqui?

— O T não é tudo que existe, Nina. Eu tenho a minha própria vida.

— É claro. Marcus Garvey é tudo que existe.

— Pra onde tu acha que a tua vida tá indo? Vocês, negros, tudo andando por aí como um bando de galinhas sem cabeça, e vocês nem sabem por que é que a vida de vocês não tem objetivo. Tu leu *Soul on Ice*? Quanto eu devo apostar que tu nunca leu *Soledad Brother*? *Como a Europa subdesenvolveu a África*?

— Você sempre gostou mais de livro do que eu.

— Bom, os livros contêm muito conhecimento. Mas também podem conter estupidez.

— O problema dos livros é que você precisa ler muita coisa pra começar a entender do que se trata. Tá, eu preciso mesmo tomar um banho.

— Por quê? Tu nem tem pra onde ir.

E por que é que você não vai se foder, senhorita não deu pra trepar e procriar pelo Che Guevara, então vou abraçar qualquer revolução que eu puder cavalgar com a minha vagina? Aquilo vem até a pontinha da minha língua e se dissolve, como uma bolinha de açúcar. Eu digo para mim mesma que eu só tolero a Kimmy porque ela nunca aguentaria se eu começasse a falar com ela do mesmo jeito que ela fala comigo. Odeio gente assim, gente que você tem que proteger enquanto elas te machucam.

No fundo, ela ainda é aquela mesma garotinha que só quer, mais do que tudo, que as pessoas gostem dela. A única coisa que ela queria mais do que isso era voltar no tempo pra nascer não só pobre mas também já na luta, pra que ela pudesse se sentir autorizada a odiar todo mundo que mora em Norbrook. Mas um dia ela vai acabar ou me afastado demais dela, ou não me afastando o suficiente. Eu fico dizendo pra mim mesma que eu não tenho tempo pra ela, mas eu fui com ela a um daqueles encontros de Rastafári das doze tribos, não consigo lembrar quando, talvez tenha sido na mesma semana em que fomos naquela festa na casa do Cantor.

Na ida, durante todo o trajeto, ela ficou falando alto, gritando por cima do som do motor de uma Kombi sobre tudo que eu podia e não podia fazer, e sobre como era melhor eu não fazer ela passar vergonha com algum papo brabo da Babilônia. Ela ficou gritando sobre como, quando eu chegasse lá, eu seria tragada pelas vibrações positivas e me devotaria à luta pela libertação dos negros, a luta pela África, a luta por Sua Majestade Imperial. Ou talvez eu já estivesse entregue demais à iniquidade para ser tragada por qualquer coisa positiva, porque o Rastafári precisa começar como uma chama, uma chama profunda dentro de você que você não consegue apagar com um copo d'água, e que você não consegue deixar que saia vertendo lentamente pelos seus poros como suor, você simplesmente precisa abrir sua mente e deixar a coisa toda jorrar.

— Isso aí pode ser azia — eu disse, e aquela foi a última piada da noite. Ela me lançou aquele olhar de eu-esperava-um-pouquinho-mais-de-você que ela ou tinha herdado ou copiado de mamãe.

— Que bom que, pelo menos, você se veste que nem uma mulher direita — ela disse sobre as roupas mais sem graça que eu consegui providenciar, uma saia roxa comprida que roçava meus tornozelos quando eu caminhava e uma camisa branca que eu enfiei pra dentro da

saia. Chinelos, porque imaginei que os Rastafáris não iam gostar de ver as mulheres deles usando sapato de salto. Eu não conseguia mais lembrar por que eu tinha concordado em ir, até onde eu sabia eu não tinha concordado coisa nenhuma, mas a Kimmy tava se comportando como se ela tivesse uma meta a cumprir, como um daqueles coroinhas de igreja que ficam pelo campus da universidade agindo como se eles fossem levar uma surra se não convertessem um número X de pessoas por dia. Mas, cara, o ser humano é engraçado. Quando chegamos no lugar do encontro, na Hope Road, uma casa onde parecia que escravos tinham sido chicoteados bem ali naquele pátio, dois andares, toda de madeira, janelas francesas e uma varanda, a Kimmy ficou em silêncio.

Ela não conseguiu fechar a matraca a viagem inteira, mas assim que chegou no lugar ela se transformou numa freira que tinha feito voto de silêncio. Ras Trent já tava lá conversando com uma mulher, quer dizer, com uma *fia*, e sorrindo mais do que falando, alisando sua barba e jogando sua cabeça pra esquerda e depois pra direita enquanto a garota, branca, mas usando uma touca Rasta, com as mãos juntas, parecia dizer, num sotaque fortemente americano, estou MUITO feliz de estar aqui. Eu? Eu estou MUITO feliz de estar vendo a Kimmy digerindo aquela situação, ficando incomodada e jogando o peso do corpo em cima de uma perna e depois da outra, e depois de volta na primeira como se ela não soubesse se tinha que ir até lá, ou ir embora, ou esperar até que ele a notasse. Esse tempo todo ela ficou em silêncio. Todas as mulheres estavam, a não ser pela branca que tava conversando com o Trent. Se não fosse por todo aquele vermelho, verde e amarelo e pelas saias, quase sempre de brim, eu ia pensar que tava no meio de muçulmanas.

Lá longe, num canto, três mulheres são iluminadas pela fogueira que fizeram, cozinhando alguma porcaria ital qualquer. Estou imóvel, que nem um farol, mexendo apenas a minha cabeça, da esquerda para a direita e vice-versa. Não consegui evitar, já tô procurando por meninos e,

principalmente, meninas da minha escola que vão dizer que encontraram a verdade na luz do Rastafári, mas, na verdade, só estão aqui pra dar desgosto pros seus pais lá na cidade alta. E também porque dá pra fazer muito sexo com homens que não usam desodorante ou mulheres que não depilam seus sovacos nem suas pernas. Talvez pra ser um Rasta de verdade você precise curtir o cheiro do almíscar masculino e do peixe feminino. Tem muitas mulheres, mas elas tão todas se mexendo. Eu demoro um tempo pra perceber que todas tão levando alguma coisa para os homens, comida, um banquinho, água, um fósforo pro baseado, mais comida, suco geladinho saído de dentro de um cooler. Devoção e libertação meu cu, se fosse pra viver num romance vitoriano eu queria, pelo menos, que os caras soubessem o que é um corte de cabelo decente.

A Kimmy ainda tava do meu lado, e ainda tava incomodada, uma mulher diferente daquela que tinha passado a viagem inteira no carro falando sobre como ela era melhor do que eu. Mais ou menos o que ela tá fazendo nessa ligação, embora eu não tenha ouvido nada do que ela disse nos últimos sete minutos. Eu sei disso porque tô olhando pro relógio que fica em cima da minha porta.

— Canalizar suas energias emocionais na direção de interesses raciais construtivos. Realizar sacrifícios em massa. Através da educação na ciência e na indústria e da construção de caráter, enfatizar a educação em massa, e, e, não tá ouvindo nada que eu tô dizendo, né?

— Hã? O quê? Desculpa, tava tentando matar uma mosca.

— Uma mosca? Que nojeira tá rolando aí na tua cama?

— Não tô na cama, Kimmy. Aliás, eu devia estar te chamando assim? Achei que a essa altura o Ras Trent já teria te dado um outro nome, que não fosse o seu nome de escrava.

— Ele, ele me chama de Mariama. Mas isso é só entre mim, ele e todo aquele que é livre.

— Ah.

— Isso não inclui você até que você decida ser livre, maninha.

— Então, agora que você tá livre, você vai voltar pra África?

— Típico. Foi a mesma coisa que o T disse. Voltar pra África não é nem o aspecto dominante da Filosofia de Garvey.

A Kimmy jamais usaria palavras como aspecto dominante. Pensando bem, nem o Ras Trent, que provavelmente soletra filha “f-i-a” pra usar menos letras. O maravilhoso é que ela desperta o meu lado mais filha da puta, mas ele sempre vai só até o último milímetro de pele, ou de boca, e nunca sai. Quanto mais a Kimmy evita um assunto, mais aquilo a está incomodando de verdade.

— Você me ligou por algum outro motivo além de falar de história, Kimmy?

— Do que é que tu tá falando? Eu te disse que a revolução tem que começar em casa.

— Na cama não?

— Dá na mesma.

Eu queria dizer pra ela que eu tava de saco cheio de ser a única pessoa que ela achava que podia tratar que nem uma criança. Queria mesmo. E daí ela diz:

— Mas tu é mesmo uma putinha hipócrita.

Até que enfim.

— Como é que é?

— Tu. Tu não deu pra ele?

— Do que é que você tá falando?

— Tu achou que ninguém tava te vendo? De bobeira na frente da casa dele que nem uma groupie?

— Ainda não sei do que é que você tá falando.

— A Shelly Moo-Young me disse que viu uma mina que ela podia jurar que era você, no portão da frente da casa dele, ontem de noite, quando ela tava indo buscar os filhos.

— Uma mulata na cidade alta. Claro, não tem mais ninguém parecida comigo lá.

— Quando ela passou de volta com as crianças, ela te viu de novo.

— Você falou com a sua mãe?

— Tô sabendo que tu deu pra ele.

— Dei pra quem?

— Pra ele.

— Isso não é da tua...

— Então é porque é verdade. E agora você fica lá esperando por ele que nem uma prostituta.

— Kimmy, você não tem mais nada pra fazer? Como dizer pra sua mãe que foi o sistema de merda que espancou o marido dela e a estuprou?

— Ninguém estuprou a mamãe.

— Foi aquele Rasta Trent que te disse isso? Ou ele te disse que foi a Babilônia que a estuprou? Vai, me fala. Me fala o que foi que ele te falou, porque você, com certeza, não tem opinião nenhuma sobre nada.

— Q-quê? Quê? Quê? Ninguém estuprou a mamãe. Ninguém estuprou...

— Considerando que o Ras Trent com certeza te segura no chão e faz o que quiser com você, puta que pariu, como é que você vai saber, né?

— Ele, ele, ele só queria ver como era, saca?

— Ver como era.

— Ver como era por que ele ainda não conseguiu me esquecer.

— Ai, Kimmy, a maioria das pessoas te esquece quinze minutos depois de te conhecer.

— É uma pena que a mamãe e o papai não saibam que você é uma tremenda duma puta.

— Não, mas eles provavelmente sabem que tu não lava mais a buceta porque resolveu virar Rasta. Eu tenho que trabalhar.

— Tu nem tem a porra dum emprego.

— Mas você tem, e por que você não volta pro serviço? A bundinha do Ras Trent deve estar toda suja de cocô, melhor tu ir lá limpar.

— Vadia. Horrorosa. Sua vadia horrorosa.

Geralmente deixo ela me xingar até ficar sem fôlego, mas daquela vez eu tinha ido longe demais. Fiquei de bico calado porque eu sabia que eu queria ir além. Ela não pode ver, mas eu tô apertando meus lábios com força.

— E, e, e ele só te comeu pra ver se a família inteira trepava gostoso.

— Então agora ele vai atrás da mamãe?

— O T me falou sobre você.

— O T te fala sobre absolutamente tudo. Você não tem um pensamento original há dois anos. Tu tá se ouvindo? Me dando lição sobre o cu cagado do Marcus Garvey como se tu fosse uma professora de História. Puta que pariu, o Ras Trent te botou sentadinha como uma menina de quatro anos e te contou uma historinha e aí tu pensou hmmm, quem é que eu posso humilhar pra me sentir melhor e, como de costume, você ligou pra mim. Bom, eu não tô nem aí pra tua aulinha de História, não tô nem aí pro Marcus Garvey, e tô é pouco me lixando pra esse seu namorado Rasta que provavelmente deve chupar muita buceta quando vai lá pra Nova York. E outra coisa, se você acha que esse babaca cor de cuia algum dia vai te ajudar a conseguir um visto para que você descubra o que ele realmente faz em Nova York, você é ainda mais idiota do que essa camiseta da Universidade da Ganja que você tá sempre usando.

Eu queria continuar. Eu tinha coisas pra fazer, mas eu ia continuar. Meu pai e minha mãe são alvos fáceis, só esperando para serem atacados outra vez, e pelos mesmos desgraçados que provavelmente voltariam pra buscar o que não tinham conseguido levar nas suas motos da última vez. Estou tão pronta pra ir embora daqui que nem me importo se eu começar a fechar as portas antes mesmo de abri-las, mesmo se isso incluir a filha da puta da minha irmã. Eu queria voltar à Hope Road para simplesmente

ficar parada lá, na frente da casa, e começar a gritar e gritar e gritar até que ou ele abrisse o portão ou chamasse a polícia. E se ele chamasse a polícia, eu só ia passar a noite na cadeia e depois ia voltar e gritar e gritar de novo. Puta merda, ele vai ter que me dar uma força, porque se eu ainda tivesse alguma força eu estaria pouco me lixando pra ele e pra essa música dele, “Midnight Ravers”, também. E ele vai ter que me dar um dinheiro, o suficiente para calar a porra da minha boca, o suficiente para eu entrar na embaixada dos EUA pela porta dos fundos e sair de lá com três vistos, porque a Kimmy não ia querer um mesmo, e ela que se foda também. Que se foda. Que se foda. Que se foda. Tem pelo menos uns outros dez anos atravessados na minha garganta que finalmente eu vou botar pra fora agora, e que se foda mesmo. Eu queria cuspir na porra da cara dela e fazer aqueles filhos da puta daqueles ouvidos de cu cagado dela explodirem. Mas ela desliga.

JOSEY WALES

Hoje eu tenho um compromisso com o Doctor Love. O dia tava recém-começando quando o telefone da sala tocou. Eu já tava acordado, perambulando pela casa como um fantasma matinal. Antes dele dizer alô, eu digo tu tem mesmo um puta dum *timing*, hein Doctor Love. Ele queria saber como é que eu sabia que era ele. Eu disse que ele era o único homem que se arriscaria a levar uma bala na testa me perturbando antes do meu chá da manhã. Ele riu, disse vejo você no lugar de sempre, e desligou. O Chorão ainda tava roncando no sofá, embora o toque do telefone estivesse no volume máximo.

O Peter Nasser me apresentou para ele um dia em que o americano, o Louis Johnson, também veio junto, os dois cometendo o mesmo erro de achar que podiam ter controle sobre todas as conversas entre mim e aquele cubano. Mas o pastor de uma igreja uma vez me disse que geralmente não são os homens que se reconhecem, e sim seus espíritos. Ele tava usando aquilo pra explicar como é que as bichonas acabavam se encontrando. Eu não tava nem um pouco interessado naquele papo, mas o que ele disse ficou comigo pra sempre, eu chego até a usar pra julgar as pessoas. Beleza, você pode me dizer um monte de palavras, tô ciente do poder delas, mas será que nossos espíritos vão se reconhecer? Quando eu me encontrei com o Doctor Love pela primeira vez, a maior parte das coisas que dissemos um pro outro a gente não usou palavras.

O Peter Nasser, numa de suas raras visitas à favela em plena luz do sol, encostou lá o Volvo dele um dia em novembro de 1975 dizendo que tinha trazido um presente de Natal adiantado. Olhei pra ele pensando mas

quem esse otário desse tampinha desse monte de merda desse filho da puta desse sírio pensa que ele é, e eu olhei pro cubano preparado pra desdenhar dele também, mas quando vi que ele revirou seus olhos deu pra sacar que ele tava pensando mais ou menos a mesma coisa que eu. O Peter Nasser nunca calava a boca, nem quando tava fodendo, então me chamava a atenção quando um desses caras ficava em silêncio.

Primeiro eu achei que, como ele era de Cuba, não sabia falar inglês muito bem, até que eu me dei conta de que ele só falava quando era necessário. Era um cara alto, magro também, com uma barba que ele coçava o tempo todo e cabelos pretos encaracolados compridos demais pra um médico. Ele parecia mais era com o Che Guevara, que era médico também. Só que o Doctor Love tentou matar o Che pelo menos quatro vezes. Aquele *maricón*, aquele *putito* não és ni cubano, ele disse, quando eu comentei que os dois eram médicos e os dois tinham largado a medicina para pegar em armas. Parte do que me atraía naquele cara era a possibilidade de entender melhor certas coisas. Como é que você muda de salvar vidas para tirar vidas? O Doctor Love disse os médicos tiram vidas também, *hombre*. Todo santo dia. No dia em que o Peter Nasser trouxe ele aqui, ele disse pra mim esse cara vai te levar a um novo rumo.

E daí foi o seguinte. O Louis Johnson tentou me explicar política externa naquela voz grave, meio pra dentro, que os brancos usam quando eles acham que você é burro demais pra entender. O Louis Johnson conhecia o Doctor Love porque eles dois estiveram na Baía dos Porcos, aquele teatrinho ridículo do Kennedy pra tentar invadir Cuba, que foi um tiro que saiu por todas as culatras possíveis. A Baía dos Porcos tá para o Doctor Love assim como 1966 tá pra mim. Eu olho pra ele e eu sei. Enquanto o Peter Nasser e o Louis Johnson foram saindo porque o Johnson prometeu que experimentaria sopa de jeba de boi, já que, de acordo com Nasser, ele comeu sua mulher como se fosse um adolescente

depois de tomar um pouco disso, o cubano foi ficando pra trás. O Luis, ele disse:

— Luis Hernán Rodrigo de las Casas, mas todo mundo me chama de Doctor Love.

— Por quê?

— Porque a contrarrevolução é um ato de amor, *hermano*, não de guerra. Estou aqui pra te ensinar umas coisas.

— Já aprendi o suficiente com o Johnson. E puta que pariu, por que é que vocês sempre acham que os negros são tão burros que vocês precisam ensinar coisas pra eles?

— Uôu, *muchacho*, eu não quis te ofender. Mas você também me ofendeu.

— Eu? Te ofendi? Eu nem te conheço.

— E já tá me colocando no mesmo saco do americano. Tô vendo na tua cara.

— Vocês vieram em dois ônibus diferentes pra cá?

— *Hermano*, é por causa daquele homem, e de outros como ele que as coisas foram tudo pra porra na Baía dos Porcos, dele e de cada viadinho yankee que se envolveu naquilo. Não me coloca junto nele.

— Junto dele.

— Isso.

— E você é famoso por quê?

— Você já ouviu falar de Carlos, o Chacal, não?

— Não.

— Gozado, porque ele já ouviu falar de você. Ele anda escondido por aqui já tem um bom tempo, desde que deu uma tremenda, como é que se diz... zebra lá com a Opep. Com certeza até já andou comendo uns brotos daqui. Eu ensinei umas coisinhas pra ele porque, vamos falar a verdade, ele não é grande coisa como terrorista. Esses caras que estudaram em

colégio de padre tudo querendo ser revolucionário agora, vou te contar, isso me deixa doente.

— Tu é médico de verdade?

— Tá doente, *hombre*?

— Não. É que o teu sotaque não parece cubano.

— Estudei a vida inteira em Oslo, *muchacho*.

— Tu tá vendo algum moleque aqui?

— Ha. Foi mal. *Pero todo es un error en este país de mierda*.

— País de merda é esse aí de onde tu veio!

— *Por Dios, hablas español?*

Faço que sim com a cabeça.

— O *hombre* da CIA sabe que você tem alguma coisa dentro da cabeça?

Faço que não com a cabeça.

— Quer ouvir uma coisa? Faz de conta que você é surdo, tá entendendo? Te faz de surdo.

— *Louis, por qué me has sacado de mi próprio jodido país para hablar mierda com ese hijo de puta?*

— *Luis, Luis, nada más enséñale al negrito de mierda alguna bobería como una carta bomba. O préstale el libro de cocina del anarquista, qué sé yo. Él y sus muchachos son unos comemierdas, pero son útiles. Por lo menos por ahora. Ele tá dizendo que gosta de você, Josey.*

— Sei não. Não tá parecendo muito amigável.

O Doctor Love ri. Ele olha pra mim e sorri.

— Sempre é bom saber quem são os seus amigos, não é mesmo? — ele diz. — Enfim, acho que você quer saber pelo que eu sou famoso, né? Me encontra no Porto de Kingston amanhã que eu te mostro, meu chapa.

— Já aprendi truques da CIA o suficiente.

— Mas não foi a CIA quem me mandou, *hermano*. Trago saudações de Medellín.

Isso foi às vésperas do Natal, depois de um ano inteiro dos moleques do PNP tocando o terror por toda Kingston. No dia seguinte, encontrei ele no Porto de Kingston, no finzinho da favela, perto das docas. Era uma manhã preguiçosa, e ainda não tinha muita gente na rua, mas tinha uma fileira de carros estacionados que contornava o porto. As pessoas devem ter vindo pro trabalho mais cedo, eu não conseguia imaginar ninguém deixando seu carro passar a noite ali — muito embora, ironicamente, aquele fosse o lugar mais seguro em Kingston para se fazer isso. E, o que é ainda mais irônico, algumas pessoas ainda moram aqui, e vivem bem. Fiquei um tempo esperando por ele, e comecei a achar que aquilo tinha sido uma brincadeira. Já era ruim o suficiente estar na cidade baixa, sozinho, num território onde a gangue do Bunting-Banton ainda mandava. Na orla, quase todos os prédios virados para o mar pareciam saídos de um programa de tevê passado em Nova York. Banco da Jamaica, Banco da Nova Escócia, dois hotéis que deviam acreditar que uma nova Kingston surgiria antes que o Manley contaminasse tudo com aquele papo furado de socialismo e comunismo. Mas enfim, eu não vi ele porque ele tava vindo por trás. Ele me deu um tapa no ombro e depois encostou o dedo nos lábios para me dizer pra ficar em silêncio, embora estivesse sorrindo o tempo todo.

Ele tirou sua mochila das costas e deu uma corridinha até quase o final da rua. Foi de carro em carro, parando em alguns, ignorando outros. Alguns ele até se abaixou pra olhar, mas não consegui entender se ele tava conferindo os pneus, os para-lamas, eu não sabia que porra ele tava procurando. Fiquei me perguntando como é que eu tinha ido parar ali, pra começar. Ele foi de uma Kombi vermelha pra um Cortina branco, e depois pra um Escort branco e depois pra um Camaro preto. Ele seguia se abaixando, mas agora tava do outro lado dos carros. Não dava pra ver o que ele tava fazendo. Se ele tava pensando que eu tinha acordado cedo e entrado em território inimigo só pra ver um cubano educado na Noruega

roubar um carro ou furar uns pneus, ele tava prestes a ter que lidar com um jamaicano muito puto da vida. Ele saiu de trás do último carro e veio saltitando na minha direção como se fosse uma garotinha empolgada. Ele tinha prendido seu cabelo num rabo de cavalo, e tava usando óculos escuros e uma camiseta que dizia *Welcome Back Kotter*.

— Amigo, eu tenho uma palavra pra você.

— Quê? Que palavra? Que porra é essa que tu tá falando?

— Abaixa.

— Quê?

— Abaixa — ele disse, e me empurrou pra baixo.

O teto da Kombi vermelha saiu voando pelos céus antes que o resto do carro estourasse pros lados. A rua começou a tremer como se fosse um terremoto — ondas se formaram no asfalto do mesmo jeito que o vento faz com o mar — e daí explodiu o Cortina. O Escort arrebentou com dois estrondos que o jogaram pro alto, e ele virou de cabeça pra baixo e caiu em cima do que havia sobrado do Cortina. O Camaro simplesmente ficou ali parado enquanto sua carcaça rompia e um de seus pneus saía voando pelo céu que nem um disco voador.

O Doctor Love riu a cada explosão, gritando feito um garotinho a cada estrondo. Não deu pra entender se tinha morrido gente, mas acho que não. Vidros se quebraram por toda parte, e as pessoas gritaram. Esse tempo todo eu tava esticado no chão com esse cubano rindo por cima de mim.

— Ainda não tá impressionado, amigo?

— Se alguém me vir aqui, vai pensar que tô por trás disso, otário.

— Deixa que pensem. Você quer impressionar Medellín ou qual é? Você é o João Batista? Me fala rapidinho que aí eu vou chamar Jesus.

Luis Hernán Rodrigo de las Casas. Doctor Love. Dois meses atrás, em Barbados, um avião da Cubana decola do Aeroporto de Sewell com destino à Jamaica. Dois minutos e dezoito mil pés depois, duas bombas

explodem. O avião cai, matando todo mundo a bordo, incluindo a equipe cubana de esgrima e cinco passageiros da Coreia do Norte. O Doctor Love aprendeu umas coisinhas com a CIA desde que entrou pra Coordenação de Organizações Revolucionárias Unidas, mais um desses grupos que aparentemente se forma todo mês pra tentar se livrar de Castro. Tiro o chapéu pra ele pelo seguinte: ele foi o primeiro cara que não ergueu uma sobrancelha quando se deu conta de que eu conhecia aquela merda toda. O Louis Johnson ainda não acredita muito que eu sei ler, e deve ser por isso que ele continua me mostrando umas listas de compras de cabeça pra baixo dizendo que aquilo é um documento confidencial. Mas enfim, o Doctor Love aprendeu um monte de coisas na Escola das Américas, e uma delas foi provocar explosões. E depois ele começou a ensinar. Ele disse que nem tava em Barbados quando o avião da Cubana explodiu, e sim aqui. E agora ele tinha voltado mais uma vez, provavelmente porque alguém na Colômbia tava precisando plantar mais um par de olhos na Jamaica.

Eu deixo o Chorão no sofá, dormindo com a sua cueca vermelha. Ele agora tá deitado de costas, com a mão em cima das bolas, o que faz muito sentido. Eu quero pegar seus óculos e colocá-los, quem sabe ver o mundo como ele vê, mas alguma coisa me impede, e não, eu não vou nem imaginar que seja medo. Eu junto suas calças do chão porque minha mulher jamais ia tolerar alguém sendo folgado daquele jeito na casa dela e noto que tem um volume no bolso traseiro. Um livro sem capa nem contracapa. Fiquei pensando se o verso delas era em branco como na maioria dos livros, e se o Chorão tinha usado pra escrever cartas praquela cara da prisão. Folheio algumas páginas e lá está o título: *Os problemas da filosofia*, de Bertrand Russell. Perguntei ao Doctor Love se ele já tinha lido Bertrand Russell. Ele disse que sim, mas que perto de Heidegger, Russell era só uma mariconna com um Prêmio Nobel. Não sei de que caralhos ele tá falando, mas só tô esperando o momento de tirar uma onda pra cima

do Chorão. Mas, enfim, ele tava dormindo profundamente quando o deixei, o que também era bom porque eu não queria que ele viesse junto.

Quando você se depara com a verdade mais profunda a seu respeito, você se dá conta de que a única pessoa capaz de lidar com ela é você mesmo. Alguns homens não conseguem lidar nem com isso, e é por isso que o Hospital Bellevue tá sempre cheio. Alguns homens não suportam saber do que eles são realmente capazes. Eu achava que eu sabia até que o Doctor Love me mostrou que eu tava errado, não faz nem um ano. Foi em Orange Street, naquele cortiço que não tinha nada além daqueles arrombados do PNP.

— Você não quer impressionar os... como é que se diz, tubarão grande?

— Peixe grande.

— Isso, isso mesmo. Os peixes grandes, maiores que o Peter Nasser.

— Tu tá falando dos cabeças? Eu já...

— Maior que isso. Maior que esse país inteiro, *chico*. A gente tem usados os porto-riquenhos e os bahamenses, mas eles não são confiáveis.

— Não sei do que que tu tá falando, Luis.

— Sabe sim. Mas vamos dizer que seja como você diz, que você não sabe de nada. Aquele presente que você não sabe nada a respeito, que os Estados Unidos tão querendo muito, aquele presente de Bogotá tá precisando de um novo, como é que se diz? Papai Noel. Porque o Papai Noel de Porto Rico engordou demais, o filho da puta, e os que tem nas Bahamas são muito burros. Além do mais, nossos esforços para libertar Cuba daquele moleque de coleginho de padre, daquele *hijo de puta* impotente, têm mais chance de serem bem-sucedidos se partirem daqui, porque Jamaica e Cuba são parentes muito próximos, não é mesmo?

O Peter Nasser achava que a CIA tinha mandado o Doctor Love pra me ensinar como servir melhor a ele. O Peter Nasser é o tipo de homem que não sabe a diferença entre comer bem a sua mulher e não se importar

se não tá comendo ela direito. A CIA parece saber de muita coisa, mas talvez eles simplesmente não se importem. Eu gosto de caras que não se importam com o que o inimigo do seu inimigo tá fazendo desde que ele siga inimigo do seu inimigo. O Doctor Love veio pra Jamaica com sua passagem bancada pela CIA, mas recebia ordens de Medellín. Naquela noite no cortiço da Orange Street, ele me mostrou o que dava pra fazer com C-4.

— *Hola, mi amigo.*

— Josef! Quanto tempo, meu velho!

Ele diz isso mesmo fazendo apenas dois meses que a gente se viu pela última vez. Não demora muito tempo pra ir dirigindo até a Half Moon Bay, mas você precisa procurar se quiser encontrar o que tem lá. Um estaleiro antigo, usado primeiro pelos espanhóis, depois pelos britânicos, nos tempos da escravidão, e até mesmo por piratas a certa altura. É um desses lugares por onde as coisas podem entrar ou sair do país de barco e isso não é da conta de ninguém. Consigo ver ele daqui, da beira do penhasco. Quando eu chego lá embaixo, na praia, o Doctor Love vem correndo na minha direção e me dá um beijo no rosto. Os homens latinos fazem esse tipo de coisa, então eu não levo a mal, agora, se alguma outra pessoa tivesse por perto a coisa seria diferente. O Louis Johnson tava no meio do mato fazendo um trabalho de merda na tentativa de esconder seu Ford Cortina verde. E o motor ainda por cima tava ligado. Que bom que ele não saiu do carro. Fiquei me perguntando se o Doctor Love não andava falando demais. Esse é um *hermano* que curte pra caralho falar.

— A coisa tá mais feia que cu de gorda, *mi amigo* — ele diz.

— Foi sério o troço lá em Barbados.

— *Madre de Dios.* Apesar de tecnicamente ali já ser águas internacionais. A luta pela libertação não vai pra frente sem sacrifícios, *chico.*

— Foi pra impressionar Medellín?

— Nada, a primeira bomba foi para impressionar Medellín, a segunda foi pra impressionar a mim mesmo. Mas o que é que eu sei, eu tava na Venezuela nesse dia, ha.

— Mágica.

— Você tem que fazer o mesmo, *hermano*.

— Eu tenho que explodir um avião?

— Eu te disse que não sei nada sobre explodir avião nenhum.

— O que que eu tenho que fazer?

— Você tem que fazer de um jeito que não precise mais ligar pra eles, que eles comecem a ligar pra você. Não me faça duvidar de você, Josef.

— Ninguém vai duvidar de mim depois de hoje à noite.

— Impressiona os caras, *hermano*.

— Irmãozinho, eu vou é impressionar o mundo todo. Quanto tempo tu fica?

— Fico enquanto a ameaça comunista existir e estiver se aproximando, Josef.

— O cara disse que era um social-democrata.

— Socialismo é teoria, comunismo é prática. Você precisa fazer uns cabuns, *hermano*. Esses caras tão de olho.

— Eu não pretendo implodir toda a Hope Road com...

— Não quero saber. Mas tenho alguns presentes no carro, *hermano*, uns três ou quatro C-4. Já te ensinei como usar.

— Porra, Luis, bomba não. Quantas vezes vou ter que te dizer isso?

— É só uma ideia, Josef.

— Ele sabe que tem bombas no carro dele?

— Aquele idiota não sabe nem se ele caga pelo pau ou mija pelo cu.

— Mas enfim, eu prefiro no mano a mano. Quero que aquele arrombado veja de onde tá vindo o Juízo Final quando eu for lá levar de presente pra ele.

— Eu nunca gostei de fazer as coisas tão de perto. Eu fico aqui e você vai lá, ok? Faz o que tiver que fazer, meu irmão. Eu te ligo amanhã. Vamos tomar uns mojitos e cuspir na foto daquele moleque impotente de coleginho de padre.

— Me liga no dia seguinte. Amanhã eu vou estar ocupado.

BARRY DIFLORIO

Eu não fazia ideia que aquele filho da puta daquele cubano estava na Jamaica. Levando em conta que mal faz dois meses daquela merda que ele fez em Barbados, tenho que admitir que o desgraçado tem culhão. Aposto que isso foi ideia do Louis Johnson. Desde que ele veio do Chile pra se juntar a mim no Equador, ele sempre tem alguma desculpa muito conveniente pra se esquecer de que trabalha pra mim.

Só levava uns vinte minutos da casa do Cantor até o cabeleireiro em Mona, mas, graças à patroa, pareceu levar duas horas. Agora estou no meu escritório na embaixada esperando que os eventos deste dia 3 de dezembro de 1976 aconteçam. Hoje é o dia em que revogaremos o visto do Cantor porque ele é suspeito de traficar drogas para os Estados Unidos da América. Não deve ser muito difícil de provar, também, é só revistar os seus bolsos. Supostamente, temos que fazer uma tremenda cena, em público, para sinalizar que nós, como amigos da Jamaica, não ficaremos de braços cruzados deixando que a ausência de leis tome conta do nosso nobre aliado. Eu já escrevi o texto da nota oficial para a imprensa, assinado pelos chefões. Nós também temos provas de que ele se associou a conhecidos traficantes de drogas em Miami e em Nova York, e que ficou amigo de homens de caráter questionável tanto na Jamaica quanto no exterior, incluindo, pelo menos, dois terroristas locais. Tudo isso já está documentado. Um deles, chamado Shotta Sherrif, julgado duas vezes por homicídio, tem inclusive ligações muito próximas com o governo atual.

Os documentos estão em ordem e está tudo certo com os preparativos, praticamente tudo feito só por mim, ainda mais depois que aquele filho duma puta duas caras do Bill Adler resolveu abrir a boca. Quer dizer, sério, olha a empáfia desse pau no cu. Uma coisa é rejeitar tudo o que você fez — eu entendo, você só é mais uma dessas bichonas que se inscreveu num negócio e depois não conseguiu segurar o tranco. Mas, puta que pariu, não sai por aí fazendo de conta que metade das coisas que você escreveu não foi você quem fez. Pelo menos, não peguei dele a técnica cagada de colocar um grampo num lugar. Provavelmente ele ainda conta, em tom de piada, num desses países de merda que ainda o deixam entrar, a história daquela vez no Equador, quando as camareiras do Villa Hilda Hotel o flagraram em cima da mesa da sala de jantar tentando grampear o quarto do Manuel Araujo. Ou daquela vez que ele tentou convencer aqueles índios que estavam de segurança na embaixada da Tchecoslováquia que sim, *hombres*, o pessoal da manutenção às vezes aparece às cinco da manhã, até mesmo na América Latina.

De todo modo, depois que ele facilitou uma saída rápida para dez dos nossos homens, outros sete precisaram entrar prontamente em seu lugar. A gente nem teve tempo de fazer uma verificação de segurança, porque se tivesse eu jamais teria dado meu OK pro Louis Johnson, ainda mais quando o cubano acabou vindo junto no pacote. A ilha está abarrotada desses putos desses cubanos, e eu nem tô falando dos comunistas.

Sim, eu consigo imaginar por que ele ia querer estar aqui, até mesmo por conta própria. O que eu não entendo é por que ele está fazendo todo esse barulho — barulho pra gente, eu quero dizer, ao contrário de Carlos, o Chacal, que também está aqui, sem fazer alarde, coçando a barriga enquanto umas putas chupam o pau dele. Esses dois têm uma história. Eu sou pago pra saber dessas coisas. Reza a lenda que foi o Luis Hernán Rodrigo de las Casas quem ensinou o Carlos a usar o C-4. Dinamite também, mas o Las Casas só faltava dar a bunda pro C-4 de tanto que

gostava. Não é a primeira vez que ele vem à Jamaica este ano. Nos dois casos, assim que ele chegou aqui, as coisas começaram a explodir.

Meu escritório tem quatro paredes e uma janela, que dá vista pra um terreno desocupado do outro lado da rua, onde os jamaicanos se aglomeram antes de fazerem fila para tirarem seus vistos, às seis da manhã. O Manley disse a eles que havia seis voos pra Miami todos os dias e as pessoas estavam fazendo um bom uso daquela informação. A fila vinha dando a volta na quadra desde que a Pan Am suspendeu seus serviços aéreos entre Kingston e o continente. Foi um gesto sem força, no mesmo nível das mulheres jamaicanas que prometeram suspender seus serviços sexuais até que o governo fizesse mudanças concretas. Mas você tem que ensinar pras pessoas os gestos pequenos, na esperança de que eles façam germinar os grandes.

O arquivo que eu tenho aqui sobre o Luis Hernán Rodrigo de las Casas é pequeno. Isso, claro, é relativo. Para fazer uma boa leitura sobre o Las Casas você precisaria ter acesso a cinco arquivos diferentes, não um. O que está aqui, agora, na minha mesa eu consegui porque pedi à Sally no mesmo instante em que o vi caminhando ao lado de Louis Johnson. A pasta é azul. Eu abro e reconheço vários nomes. Freddy Lugo, Hernán Ricardo Lozano, do Alpha 66, Orlando Bosch, um babaca mentiroso venezuelano sem maior importância, dois homens conhecidos apenas por Gael e Freddy, possivelmente da Omega 7, e Las Casas. Todos eram da Coordenação de Organizações Revolucionárias Unidas, todos eram agentes da AMBLOOD e todos tinham feito seu batismo de fogo na Baía dos Porcos. Eles tiveram um ano cheio, começando com a ida de todos até a República Dominicana para criar essa *Coordenação*, uma reunião sobre a qual a Companhia, é claro, não tem nenhum conhecimento.

Em julho, uma mala vermelha num voo da BWIA partindo do Aeroporto de Kingston em direção a Cuba explode na pista de decolagem. Os escritórios da BWIA em Barbados, os da Air Panamá na

Colômbia e os da Iberia e da Nanaco Line na Costa Rica, todas afiliadas da Cubana, sofrem atentados à bomba. Um membro do governo cubano é assassinado na Argentina, outros dois no México. Então, em setembro, Orlando Letelier é assassinado em Washington. Tá, nesse caso tinha sido o DINA, do Pinochet, mas sempre tem aqueles nomes, as mesmas merdas de nomes que aparecem toda santa vez que o assunto é América Latina. Depois teve aquele incêndio na Guiana, que só destruiu uns equipamentos de pesca cubanos. Em junho deste ano, no dia quatorze, por sinal, o embaixador peruano Fernando Rodriguez foi esfaqueado na sala de estar da sua própria casa, e isso antes desse governo jamaicano declarar estado de emergência.

Aqui o crime tá fora de controle, a maior parte do ano foi assim, mas o lance sobre o crime na Jamaica é que, em sua grande maioria, ele é localizado. Toda vez que ele sobe até a cidade alta você fica com a sensação de que alguém está tentando dar um recado não muito sutil. Conheci gente dos dois partidos, e são todos como touros soltos dentro de uma loja de porcelana chinesa. Mas mesmo para os padrões deles, mesmo para os padrões de pistoleiros, caralho, mesmo para os padrões da polícia secreta chilena, a morte de Rodriguez foi um pouco planejada, meticulosa e forçada demais pra parecer aleatória como eles queriam que parecesse. Todo mundo sabe que usar explosivos é o *modus operandi* dos cubanos, mas naquele assassinato tinha alguma coisa que cheirava muito a ele, nossa, chegava a feder. É claro que, até onde a gente sabia, o governo dos Estados Unidos não estava ciente de qualquer ação para executar o embaixador, e espera que os autores de um crime tão inominável e os governos que os incentivam, financiam ou protegem sejam levados à justiça.

Jesus, eu estou começando a soar cada vez mais como o Henry Kissinger.

— Sally?

— Sim, senhor.

— Você pode descobrir pra mim por onde é que anda o Louis Johnson?

— É pra já, senhor.

Solto o botão do comunicador e fico olhando pra minha escrivaninha. Minha mulher nunca pôs os pés no meu escritório, mas o Kissinger sim, então ela que vá catar coquinho. Em janeiro, poucos dias depois que nos mudamos pra cá, meu primeiro trabalho foi servir de babá pro Heinrich, que é como todo mundo chama ele pelas costas, e ele não estava tendo uma boa semana aqui na Jamaica. Mas hoje, a caminho do cabeleireiro depois daquela briga-que-não-vamos-chamar-de-briga, a patroa fez uma coisa muito estranha. Ela olhou pra mim. Bom, acho que ela já estava olhando pra mim. Eu vinha prestando atenção na rua o tempo todo, enquanto ia subindo pra Mona pela Hope Road, mas naquele momento eu tinha certeza de que ela estava me encarando. De todo modo, ela olhou pra mim e disse:

— Sabe que palavra eu descobri que eu amo, que amo muito mesmo, tá, talvez eu não ame, mas que me faz rir um pouquinho sempre que eu ouço, Barry?

— Não, querida.

— Difamatório. Di-fa-ma-tó-ri-o. É uma dessas palavras que gente como você certamente usa. Eu nunca tinha percebido antes como estou sempre atraindo o que é difamatório pra perto de mim. Não tem um só dia que eu não me depare, ou simplesmente seja perturbada, por alguma coisa difamatória.

— Nós também ganhamos nosso próprio dicionário de presente de despedida em Yale.

— Nossa, que bom pra você. Mas sabe do que mais, Barry? Eu sempre tenho um ataque de riso quando eu vejo algum de vocês dizendo essa palavra, especialmente dando entrevista na tevê.

— O Kissinger apareceu de novo na tevê ou algo assim?

— Não, gente muito mais próxima, aquele embaixador que eu não gosto, falando com o marido da Nelly Matar numa reunião de negócios, na terça-feira. Ele disse “Essas alegações de desestabilização são difamatórias e mentirosas”.

— Não fazia ideia que esse teu grupo de senhorinhas falava sobre política.

— Bom, e sobre o que é que a gente vai falar? Nenhum de vocês tem um pau grande o suficiente que valha a pena mencionar.

— Como é que é?

— Ah, então você *está* prestando atenção? Ha. Sério, mas que diabos você está fazendo aqui, afinal de contas? Fala sério comigo pelo menos uma vez na vida, Barry. Eu poderia perguntar pra esposa do Louis Johnson, mas a coitadinha caiu e bateu de novo o rosto no chão, e...

— Nós vamos pra onde o governo dos EUA nos manda.

— Mas, querido, eu não disse nós, eu disse você. Eu só estou aqui perdendo o meu tempo e enganando a mim mesma. Mas o que você está fazendo aqui? O que você fez neste último mês? Eu juro por Deus que eu preferia que você tivesse uma amante.

— Eu também.

— Ah, não fique se achando, Barry. Seus melhores dias já ficaram para trás.

— *Vai se foder você também, mulher.*

— O que você tá fazendo aqui? Me fala, tintim por tintim.

— Tintim por tintim, é?

— Bom, o trânsito está todo parado. E você não me diz nada interessante há semanas.

— Você está me pedindo para revelar informação confidencial?

— Barry, você pode ou me contar ou dormir com um dos olhos abertos pelos próximos três anos porque, pode acreditar, eu vou descobrir. Você

sabe como eu sou quando eu me concentro em fazer alguma coisa.

— Você quer que eu leia pra você o meu memorando?

— Eu sou uma daquelas que não consegue entender palavras muito complicadas, lembra?

Eu tenho uma teoria de que embora nem sempre um homem consiga a esposa que ele quer, ou precisa, ele sempre acaba com a esposa que ele merece. Não tenho muita certeza se ela pensa a mesma coisa. Mas, de uma maneira meio doentia, essa é uma coisa que eu sempre gostei nela. Digo doentia porque qualquer homem sensato, até mesmo um muito passivo, já teria dado uns sopapos nela a essa altura.

— O que você acha que a gente foi fazer no Equador?

— Jesus Cristo, Barry, eu sei que a CIA...

— A Companhia.

— Pffff... A Companhia. Eu sei que a Companhia não faz parte do setor de ajuda externa da Casa Branca. Se você está num outro país, provavelmente não é fazendo boa coisa.

— Desculpa, como é que é?

— Está desculpado. Não é você que sempre tem que fazer a mala dos meninos às pressas.

— Menino. Ainda não tínhamos o Aiden no Equador.

— Mas nós tínhamos na Argentina. Então o que é que você foi fazer lá naquela época, e que diabos isso tem a ver com o teu chefe falando essas besteiras pro marido da Nelly Matar?

— Ele não é meu chefe.

— Não é o que ele diz.

— Você quer mesmo saber?

— Sim, Barry, eu quero mesmo saber.

— Diretivas para missões da CIA no Equador.

— ã-hã.

— Prioridade A.

— Jesus, você vai mesmo ler o memorando em voz alta.

— Prioridade A: Coletar e reportar inteligência sobre força e intenções dos comunistas e de outras organizações políticas hostis, incluindo apoio internacional, e suas influências no governo equatoriano. Prioridade B: Coletar e reportar inteligência sobre a estabilidade do governo equatoriano, força e intenções de grupos políticos dissidentes. Manter agentes de alto nível atuando no governo, nas forças de segurança, no comando de partidos de situação e oposição, especialmente entre líderes militares de oposição.

— Já ouvi o suficiente, Barry. De verdade.

— Prioridade C: Propaganda e guerra psicológica: disseminar informações para contra-atacar a propaganda antiamericana, neutralizar a influência comunista em organizações de massa, estabelecer organizações alternativas. Apoiar líderes democráticos.

— Eu me casei com um robô. O que essas coisas têm a ver com a Jamaica?

— O manual da Companhia só tem uma regra, querida. Se é bom pra um, é bom pra todos. Talvez você deva dar uma boa olhada em volta.

— Eu estou fazendo isso. É por isso que não acredito em você.

— O que você quer dizer?

— Nenhuma dessas coisas explica o que está acontecendo aqui.

— No dia 12 de janeiro, o *Wall Street Journal* chamou o Michael Manley, do PNP, de o mais inepto de todos os presidentes do mundo ocidental. Em fevereiro, no *Miami Herald*: Jamaica se prepara para uma batalha. Em março, Sal Resnick escreve no *New York Times* que o governo jamaicano está permitindo que Cuba treine sua força policial, e se alinhando com elementos do movimento Black Power. Em julho, o *U.S. News & World Report* diz que primeiro-ministro da Jamaica, Michael Manley, está se aproximando cada vez mais da Cuba comunista. Em

agosto, a *Newsweek* diz que há três mil cubanos vivendo na Jamaica. Resnick...

— Por Deus, já chega de falar desse seu cachorrinho do Sal Resnick. Quanto aos cubanos, nunca vi nenhum cubano por aí. Mexicanos e venezuelanos, sim, mas nenhum cubano.

— O cara nos pede 100 milhões em créditos e acha que depois pode vir cagar na nossa cara puxando o saco dos comunistas? Então não vem pedir dinheiro, caralho. Não vem pedir porra nenhuma. Ele tinha, no mínimo, que parar de falar sobre socialismo.

— A Suécia é socialista.

— Puta que pariu, você tá sabendo mesmo, hein, meu bem?

— Você sempre diz palavrão nas horas mais esquisitas, *meu bem*.

— Todo ismo acaba em comunismo.

— Foi isso que ensinaram pra você em Morte aos Comunas I, em Yale? Estou casada há muito tempo com você, Barry. Muito tempo. E eu te conheço. Quando você não pode falar abertamente sobre alguma coisa, que é o que acontece a maior parte do tempo, você tenta me distrair falando um monte de besteira.

— Como é?

— Tem algumas coisas que até fazem... até que fazem algum sentido. Eu acho. Mas isso... não. Não. Ou está acontecendo alguma coisa que você não está contando pra mim, ou que eles não estão contando pra você. Jesus, você não passa de um funcionário público mesmo.

— O que é que você quer dizer com alguma coisa?

— Alguma coisa além disso. Toda essa conversa de que é por causa da economia, sim, tudo se encaixa, mas faz só dez meses que estamos aqui, Barry, e esse seu joguinho já vem durando, pelo menos, uns três anos, seis se você contar todo o tempo que passamos na América do Sul. Não, tem mais alguma coisa aí. Alguma coisa no ar. Uma mística natural.

— O que é que essa merda quer dizer?

— Não faria nenhum sentido explicar pra você. Chegamos.

PAPA-LO

O sol se ergueu e se acomodou bem lá no meio do céu, como se ele não tivesse nenhum outro lugar pra ir. Não são nem dez da manhã, mas o calor já tá se espalhando lentamente por dentro de casa. Primeiro, pela cozinha, que tá mais perto da rua, depois pela sala de estar, de leste a oeste, de cadeira em cadeira, e daí quando eu vou me sentar no sofá que tem perto da janela, eu chego a dar um pulo de tão quente que ele tá. Ainda tô desassossegado. O pastor me disse que um homem como eu jamais conheceria a paz, e eu aceito isso. Mas o dia de hoje tem alguma coisa especialmente estranha no ar, e tem a ver com o Josey Wales. As eleições são em duas semanas, e o Josey vai se encontrar com o Peter Nasser e com o americano e o cubano que eu não via desde janeiro. Mas o PTJ precisa assumir o comando do país, e eles vão fazer qualquer coisa pra que isso aconteça.

Acho que eu sei o que isso quer dizer. O Josey tá planejando fazer alguma coisa que eles acham que eu não teria coragem de fazer. Gente boa, eles tão certos. Muita coisa aconteceu em 1976. Sim, quando aquele estudante correu pra cima da minha bala, acabou, mas pra falar a verdade eu já tinha cansado do gosto do sangue há muito tempo. Eu nunca nem gostei, pra começo de conversa. Mas não se deixe enganar, você não precisa de muita coisa pra matar um homem, e precisa de menos ainda pra não se importar que ele tá morto. Em certas partes da cidade, você larga o seu bebê engatinhando pela rua e deixa ele brincar naquela água suja. Daí, quando ele fica doente e com a barriga tão inchada que parece um balão, você perde seu tempo indo até o pronto-socorro, que tá muito

cheio, afinal de contas, e o bebê morre enquanto você espera na fila, ou, quem sabe, você tenha sentido pena dele na noite anterior e sufocou ele com um travesseiro, mas, de qualquer maneira, você vê e você espera, porque a morte era a melhor coisa que você podia dar pra ele.

Só faltam duas semanas pra eleição, e as pessoas tão metendo bala todos os dias. Tanto eu quanto o Shotta Sherrif estamos dizendo que a gente quer paz, mas basta um tiro, talvez duma gangue como os Enforcers, de Spanish Town, ou a Wang Gang, que diz que não assinaria porra de trégua nenhuma. Basta um tiro. Mas mesmo que a gente quisesse paz, figuras como o Peter Nasser precisam que seu partido vença e não importa como. Geralmente eu também costumo não me importar. Mas como é que uma eleição desse tamaninho, num país desse tamaninho, vira uma coisa tão enorme? Por que os americanos estão, de repente, tão preocupados conosco? Isso não tem nada a ver com território, não tem nada a ver com mensagem. Fico pensando no Josey e todos esses americanos, e eu penso no Peter Nasser, e eu penso em Copenhagen City e em Eight Lanes, e em Kingston e na Jamaica, e no mundo, e fico me perguntando que tipo de bandidagem passaria uma mensagem que faria o mundo inteiro prestar atenção. Aquilo me deu um estalo que nem quando eu li o Apocalipse. Eu sei o que o Josey Wales vai fazer. Senti meus ossos tremendo, o suco de laranja escorregou da minha mão e caiu no chão. Era de vidro, mas bateu antes no meu pé e não se quebrou. O suco de laranja se espalhou pelo chão lentamente, como se fosse sangue.

— Jesus Cristo, Papai, você já não acha que eu tô cheia de coisa pra fazer hoje?

Ela já tá agachada com um balde e um pano antes que eu pudesse me dar conta do que tava acontecendo. Vai lá pra fora, fazer algo de bom com essa carcaça, ela diz. Quando saio na rua fico feliz de estar usando só uma camiseta de redinha. Josey. Se o incêndio no cortiço da Orange Street não tinha sido uma mensagem clara o bastante pra fazer até Jesus

Cristo derrubar suco de laranja em cima dele, eles deviam tá planejando algo do tipo. Alguma coisa que não me envolvia. O que poderia ser tão importante e tão chocante que era chocante demais pro Papa-Lo?

Eu não sabia o que fazer, mas minhas pernas começaram a me levar até a casa do Josey Wales. Tem alguma coisa nesse cubano com esse nome de palhaço aí, Doctor Love, que só de ver ele já comecei a pensar umas coisas bem sérias. Da última vez que ele teve aqui, em janeiro, ele e o Josey Wales foram pra cidade baixa, perto do território do PNP, e explodiram quatro carangos perto do porto, um depois do outro. Ele fez aquilo só pra se mostrar, e ninguém morreu, mas ele plantou uma semente no Josey Wales que ainda tá germinando. Minhas pernas tão andando pra frente, mas minha cabeça tá andando pra trás. De volta a dezembro, e janeiro, e todos os meses até agora. Tem certas coisas que tu olha e elas são só isso, certas coisas. Mas se tu olha pra elas de um outro jeito, certas coisas acabam todas se somando e virando uma coisa só, gigantesca e terrível, que parece ainda mais terrível porque tu nunca tinha parado pra juntar todos os pontos até agora.

Janeiro foi a última vez que o Peter Nasser me ligou. Agora ele liga pro Josey Wales. Ele me ligou pra dizer que o FMI ia se encontrar pruma reunião. O FMI é um monte de gente importante dos países ricos de todos os cantos do mundo que decidem se dão ou não dinheiro pra tirar a Jamaica desse buraco cheio de cocô em que a gente tá. Isso foi exatamente o que o Peter Nasser disse, já que ele ainda acha que precisa explicar os assuntos sérios da forma mais infantil possível, pra que o favelado aqui consiga entender. Eu tava quase mandando ele se foder, eu sei a diferença entre diletante e eloquente, e nenhuma das duas palavras seria usada pra descrever ele, nem mesmo quando um outro homem escreve os seus discursos. E o Peter Nasser também diz o seguinte, que se o Michael Manley convencer o FMI a dar dinheiro pro país, ele vai usar esse dinheiro para jogar a Jamaica nas trevas do comunismo.

O Doctor Love tava lá pra falar pra geral sobre comunismo. Sobre como o Fidel Castro deu um golpe no grande líder Batista e simplesmente se mudou pra casa dele, matando todo mundo que tava lá antes dele. Sobre como ele acabou com todas essas coisas capitalistas que nem escolas e lojas, mas manteve aberto o strip-club Tropicana, embora existissem rumores de que o sargentinho do comandante não ficava de pé há muitos anos. Sobre como logo eles começariam a perseguir e prender gente, assim como o PNP, por causa de todo esse papo de estado de emergência. O Doctor Love fala sobre o tempo que passou na prisão e sobre como alguns homens iam parar na cadeia sem nenhum motivo, só por serem médicos, ou advogados, ou funcionários públicos, o que significava que eles eram contra o comunismo. Ele chegou a prender mulheres e crianças. Um dia, seu melhor amigo tentou escapar pelo muro da prisão achando que era uma queda de uns três metros até o chão, mas era uma queda de quinze metros e ele pulou mesmo assim, pensando que não bateria na terra e cairia direto no mar. Esse cara não caiu no mar. Gente boa, isso era o que o Michael Manley queria trazer pra Jamaica e o FMI ia dar dinheiro pra ele fazer isso. FMI quer dizer Foi Manley, Idiota, diz o Peter Nasser.

Janeiro mal tinha começado e a gente já tava com a mão na massa. O americano apareceu com uma maleta cheia de coisas que o cubano tinha que nos ensinar a usar. Eu queria que a gente tivesse isso lá na Baía dos Porcos, *muchachos*, ele dizia o tempo todo. Ele já conhecia o Josey quando eu o conheci, mas nunca tive tempo de fazer essa observação. As armas deles não eram como as armas de 1966 ou 1972. Aquelas armas você tinha que apoiar no seu ombro, colocar um cartucho e atirar. Nossa melhor arma conseguia derrubar um homem quando uma bala atravessava seu coração. Essa bazuca consegue derrubar uma parede. Eu peguei uma M1 e não larguei mais. O Josey ficou com sua arma antiga, mas não disse pro americano que era uma AK-47, embora eu tenha certeza que o cubano reconheceu ela. Levamos o cubano até o Lixão lá bem longe, na

zona oeste, pra ele ensinar os moleques a atirar. No dia 5 de janeiro eu comandeí uma missão por Jonestown enquanto o Josey foi para Trench Town, onde o Cantor tinha vivido. Trench Town achava que aquilo tornava eles intocáveis, mas eles não eram.

Aprendam isso, minha gente boa e decente. Um ano eleitoral começa assim que o primeiro tiro é disparado. Uma favela jamais baixa a guarda, mas Jonestown tava dormindo, como se eles não soubessem que estamos em 1976 e todo mundo precisa dormir com um dos olhos aberto. Quase dá vontade de meter bala neles só pela displicência. Estamos em cinco carros, o que é muito bom, já que ninguém em Jonestown tem carros bons o suficiente pra nos perseguir. Não dá nem tempo de pensar, a gente só passa disparado fazendo a bala cantar, e dá no pé. Mas na caçamba da caminhonete vai um cara com uma bazuca. Ele mira num bar, mas o carro passa num buraco bem quando ele atira, e um barraquinho de zinco explode. A rua treme toda. Eu grito pra eles pararem o carro pra gente atirar, mas eles tão demorando demais pra recarregar. Jonestown começa a acordar mandando bala com seus revólveres de seis tiros e o que soava como uma AK. Mas a gente tinha armas novas, armas que perseguíam e destruía, armas pra gente como o Tony Pavarotti, que, sem pressa alguma, mirava, atirava e nunca desperdiçava uma bala. Tô dirigindo o carro com a M1 no meu colo. Piso nos freios e dou uma saraivada de balas num monte de vultos que corriam de mim. O monte de vultos despenca no chão, mas mais balas vindas do leste fazem ratatá e acertam um ou dois de nós, não tenho muita certeza. Berro pra eles pararem o carro, mas antes disso a bazuca dispara mais uma vez. O otário erra de novo, e acerta um ponto de ônibus. Aço e zinco explodem, e saem voando pra todos os lados, e batendo em tudo, como se fosse um desses tornados que a gente vê na tevê. A gente se manda dali.

O Josey Wales foi pra Trench Town acompanhado de apenas mais um homem e do Doctor Love. Gritei com ele que ele era louco de ter ido com

tão pouca gente, mas as coisas agora são num ponto que o Josey Wales não me escuta mais nem quando eu grito. Eles tavam no Datsun branco do Josey. No dia seguinte, o Josey é quem dita as manchetes. Dois cortiços em Trench Town sofreram ataques com explosivos, e sete casas, um bar e uma loja foram inteiramente queimados. O Peter Nasser me liga e lê uma matéria sobre aquilo que tinha saído no *New York Times*, e ainda me xinga porque eu não tava rindo tanto quanto ele. Ele desliga, mas eu sei pra quem ele ligou depois. Eu ainda não consigo lembrar quando foi que o Josey Wales descolou um telefone.

No dia 6 de janeiro, a polícia caiu em cima da Wang Gang porque eles moravam em Wang Sang Lands, uma favela que fica na área do PTJ, mas é controlada pela gente. Aqueles moleques tinham planos, e diagramas e tabelas. E explosivos. Dois deles conheciam o cubano pelo seu outro nome, Doctor Love, e o resto chega a contar sobre como eles ganharam armas dos Estados Unidos. Fiquei puto porque esses merdinhas que ninguém consegue controlar ainda vão acabar se tornando um problema maior do que o Shotta Sherrif. Imagino que o Shotta Sherrif, lá em Eight Lanes, também tá se esforçando pra manter um dos olhos aberto, assim como eu.

No dia 7 de janeiro, seis moleques daqui meteram bala no canteiro de uma obra que tavam fazendo na Marcus Garvey Drive, e mataram dois policiais. Eu só fiquei sabendo disso porque ouvi eles rindo daquilo quando passaram por mim na volta. Perdi a paciência na mesma hora.

— Quem foi o cu cagado que mandou vocês meterem bala na obra? — eu disse, mas um dos moleques começou a rir de mim. Minha bala acertou o olho direito dele e saiu pela parte de trás da cabeça antes que ele pudesse terminar de rir.

— Quem mandou vocês? — eu disse mais uma vez, e apontei a arma pro outro moleque. Daí aconteceu uma coisa que, como eu não tinha uma caneta pra anotar na hora, acabei usando mais tarde uma pedra pra fazer

uma marca na minha arma. O resto da molecada toda puxou arma pra mim. Eu tava desacreditando. Eu ali parado, olhando eles olhando pra mim, sem dizer nada. Daí um dos moleques que tava olhando pra mim espirrou sangue da cabeça e caiu durinho no chão. Os outros largaram as armas e começaram a gritar e choramingar como se de repente tivessem se lembrado de que não tinham nem chegado aos dezessete ainda. Olhei em volta e tava o Tony Pavarotti lá, segurando seu rifle e olhando pela mira telescópica, e do seu lado, o Josey Wales. Os dois dão meia-volta e vão embora. No mesmo dia, a Wang Gang ataca um canteiro de obras na Marcus Garvey Drive e mata dois policiais. No dia seguinte, esse governo idiota cria uma nova lei: qualquer um que for pego com uma arma vai pra prisão perpétua.

O Peter Nasser nos disse pra fazer mais pressão nas comunidades do PNP, então a gente fez. Mais do que o Shotta Sherrif podia suportar sem ter o Buntin-Banton e o Pano de Prato pra segurar o tranco junto com ele. Daí o primeiro-ministro veio com a ideia de que as pessoas deveriam contratar segurança privada para proteger suas ruas e suas casas. Gente como o Peter Nasser aparece na tevê e diz Jamaica, tenho apenas três palavras para esse tipo de medida: Ton Ton Macoutes. Ele me liga pra ler uma matéria num jornal americano chamado *Wall Street Journal*.

— “A Jamaica não vai virar comunista. Vai virar apenas uma república das bananas”, ha ha ha, tu não tá rindo não, patrãozinho? Achei engraçado, cara, esse cu cagado é engraçado pra porra.

Daí teve o dia 24 de janeiro. Dezessete pessoas morreram por causa da farinha com fermento.

Dez de fevereiro. O Josey e o Doctor Love e o Tony Pavarotti saem pra uma missão. Em Jonestown e em Trench Town, um monte de bombas explodem. Nesse mesmo mês, a Wang Gang invade uma festa numa associação juvenil numa casa noturna em Duhaney Park e mata cinco. Oito ficam feridos.

Março. Não lembro que dia. A polícia vê o Datsun branco do Josey e segue ele até Copenhagen City. Um policial ordena que ele saia do carro, pois tem a intenção de confiscá-lo. Um povo de Copenhagen cai em cima do policial que nem o Dia do Julgamento Final, jogando garrafas, pedras, paus, qualquer coisa, e ele quase morre que nem aquela prostituta da Bíblia. Eu lembro de duas coisas. Um líder do partido teve que vir pessoalmente salvar o policial. E dois, o Josey agora é um homem do povo.

Mas minha boa gente decente, eu ainda tô mentindo pra vocês. Vocês acharam que eu tinha parado de gostar do gosto do sangue quando matei aquele moleque que tava indo pra escola, mas aquilo foi só uma parte de algo maior. E só porque eu não gosto mais de usar armas não quer dizer que eu tenha um problema com o modo com que o Josey usa a arma dele, ou mesmo o Tony Pavarotti, que nunca desperdiçava uma bala. Mas, em compensação, aquele cubano, aquele maldito Doctor Love cubano...

Dia 19 de maio. Não, eu não me esqueço desse dia. Ele e o Josey Wales vão pro cortiço de Orange Lane, se esgueirando pelos cantos, que nem ratos. Mas dessa vez eles me levam junto. Talvez eles achassem que tinha alguma coisa ali pra eu ver, e não era apenas a explosão. Tudo que o cubano tinha com ele era uma massinha branca e alguns fios. Mas ele encontrou o único botijão de gás naquele pátio e colou a massinha branca nele. Parecia um chiclete branco, e no instante em que pensei que aquilo parecia um chiclete eu fiquei pensando mas que merda de brincadeira de criança era aquela que o Josey Wales gostava tanto que tava quase pulando que nem uma garotinha, e estragando nosso disfarce, como dizia o cubano. Daí o cara enfia dois fios na massinha, dois fios conectados a uma bobina que tava bem longe, do outro lado da cerca.

Quando o lugar explode, todas as paredes são destruídas e o que não é destruído pega fogo por causa de todo o gás que se espalha. O Josey tava com a arma em punho caso alguém tentasse fugir ou caso algum bombeiro

tentasse se aproximar. Eu corri quando ouvi a explosão. Fico me perguntando se agora certos homens me veem como covarde por causa disso.

Maio, junho e julho trouxeram muitas atribuições à cidade, irmãozinhos e irmãzinhas. A guerra na Babilônia tinha chegado a Spanish Town. A polícia descobriu um segredo que tava tão bem guardado que esta é a primeira vez que vou contar pra vocês. Nós, em Copenhagen City, temos o nosso próprio hospital. Faz anos que temos. O PNP não sabia. O Shotta Sherrif não sabia, ele só achava que os homens de Copenhagen City eram muito difíceis de se matar, que a gente era invencível. Pra falar a verdade, pra nós, aquele hospital era muito melhor do que o hospital de gente rica lá em cima, em Mona. Não sei quem foi que deu com a língua nos dentes, mas a polícia encontrou o troço em junho. Eles nem imaginavam que a gente sabia como tratar ferimento de bala melhor do que qualquer médico na Jamaica. Eu ainda não descobri quem foi que entregou nosso segredo, mas é melhor ele rezar pra que eu o encontre antes do que o Josey Wales. Eu, pelo menos, daria umas seis horas pro cara fugir. Mas taí uma coisa que eu não sabia, até que o desgraçado do jornal me contou.

Junho foi a primeira vez em muito tempo que a polícia veio até aqui onde eu moro e levou todos nós pra cadeia. Minha mulher foi abrir a porta, mas eles a puseram abaixo e bateram no rosto dela com um cassetete. Eu tava prestes a dizer que quem tinha feito aquilo tava morto, mas isso só teria dado a eles um motivo pra me matar, e faz anos que eles tão loucos pra ter esse motivo. Só escutei a porta sendo arrancada das dobradiças e o grito da minha mulher. Eu saí correndo do banheiro só pra me deparar com quinze metralhadoras apontadas pra mim. *Esses caras tão tudo louco pra te comer na bala, é só dar motivo, seu arrombado*, um deles diz. Esses caras não eram policiais, esses caras eram soldados.

Soldados usando uniformes marrom e verde, com um monte de bolsos, e coturnos pretos lustrosos. Soldados não agem como se a gente fosse o crime e eles fossem a lei, soldados agem como se a gente fosse o inimigo e isso fosse uma guerra. Eles revistaram todos os cortiços e todos os pátios, e até os centros comunitários, e o motivo é o seguinte: mais ou menos na mesma época que eles descobriram o hospital da gente em Copenhagen, eles descobriram duas celas em Rema que os caras usavam como se fosse uma prisão. Os bandidos de Rema, que deveriam obedecer a mim, sequestraram dois caras de Eight Lanes, prenderam eles por nove horas e os espancaram. Isso foi o que eles disseram aos policiais que invadiram Rema e encontraram as celas. Daí eles invadiram aqui e nos arrancaram de dentro de casa, alguns de nós ainda de cueca, alguns de nós enrolados só numa toalha. Não me importo que Rema tenha celas pra lidar com os pivetes do PNP que se acham grandes merdas. E me entendam, mais uma vez, eu não quero nenhum ismo nem cisma chamado comunismo aqui no meu país. Não quero nada de socialismo, nem comunismo, nem esse tribalismo onde os moleques do PNP vêm pra cá pra tomar nosso espaço. Mas eu tenho um grande problema com o fato de não saber nada sobre isso.

A polícia leva a gente pra cadeia e deixa lá por três dias, tempo suficiente pra gente superlotar a cela com a nossa própria merda e o nosso próprio bodum. Só tinha uma janela na cela, e eu me sento perto dela, mas eu não digo nada. Nada pro Josey, nada pro Chorão, nada pra ninguém. Eu só vejo e espero. Enquanto tô na cadeia, duas bombas explodem em Elysium Gardens.

Doctor Love.

ALEX PIERCE

E aí tem essa fonte, né? Que me diz que o Cantor pode estar envolvido num esquema de trapaça nas corridas de cavalo em Caymanas Park alguns meses atrás. Na Jamaica, as pessoas têm um ditado que diz que se as coisas não aconteceram de uma certa maneira, é bem provável que a verdade não esteja muito distante daquilo. Se não foi bem assim, também não fica muito longe. Não acreditei nem por um segundo que o Cantor pudesse estar envolvido em qualquer tipo de trapaça, porra, isso seria loucura. Mas estou bastante certo de que alguém fez alguma cagada que deixou fedendo a casa toda. Minha fonte me disse ainda que uma tarde, algumas semanas atrás, o Cantor foi até Fort Clarence Beach, o que já não fazia sentido, porque até eu, um branco, a própria personificação da Babilônia, sabia que ele ia até Buff Bay, religiosamente, todas as manhãs. Aparentemente pouca gente sabia por que ele tinha ido até Fort Clarence, o que era curioso. Ele foi com uma turma que veio buscá-lo, e o pessoal dele só reconheceu um desses caras. Daí quando ele voltou, três horas depois, ele estava tão furioso que seu rosto ficou vermelho pelo resto do dia.

Aisha foi embora há quase quatro horas, eu acho. Ainda estou deitado na cama do hotel, e ainda estou olhando para a minha barriga. Essa viagem toda é um grande fiasco. Eu nem sei o que estou fazendo aqui. Quer dizer, eu sei o que eu estou fazendo aqui. Eu sou o equivalente daquele caçador de escândalos daquele tabloide do *National Enquirer* que conseguiu a entrevista com o Daniel Ellsberg. Mas eu sou pior que isso, eu sou o bostinha que escreve as legendas falando das roupas que algum

merdinha que só gravou uma música de sucesso estava usando no estúdio. Tudo nesse trabalho é uma grande bosta. Mas talvez eu deva parar de ficar olhando pra minha barriga e me concentrar aqui. Além do mais, sentir pena de si mesmo é tão 1975. Tem alguma coisa vindo aí, eu estou sentindo. Talvez seja alguma coisa na música, não sei. Estou na minha cama, sentindo o cheiro do perfume da Aisha nos lençóis e olhando para o sol que bate na janela, quando o telefone toca.

— Tá no meio de alguma coisa... ou de alguém? — ele diz.

— Putz grila. Levou a manhã inteira pra pensar nessa frase?

— Haha. Vai se foder você também, Pierce.

Mark Lansing. Em algum momento eu tenho que descobrir como é que esse viado sabia onde me achar.

— Dia bonito, né? Não está fazendo um dia bonito?

— Parece igual a todos os outros da janela do meu hotel, se você quer saber.

— Opa! Suspende a maionese! Você ainda tá na cama? Essa garota de programa devia ser gostosa pra caralho. Meu velho, você precisa ter uma perspectiva mais positiva da vida.

Juro que não consegui entender se ele me ligou porque eu sou o único americano aqui que ele conhece ou se ele está redondamente enganado pensando que somos amigos.

— Qual é o lance, Lansing?

— Pensei em você hoje de manhã.

— A que devo este ato de caridade?

— Bem, a muitas coisas. Quer dizer, você é patético, mas como eu sou seu chapa eu vou te contar.

Deu vontade de dizer que ele não era meu amigo, que eu não faria amizade com ele nem que isso fosse a única coisa que pudesse me impedir de ser enrabado a seco pelo Diabo e seus dez demônios de pau grande, mas ele está daquele que é o único jeito que ele consegue ser interessante:

quando ele precisa de você pra alguma coisa, mas é arrogante demais para simplesmente pedir.

— Então, ontem à noite eu tava nesse lugar com o Cantor...

— Que lugar? De que porra você tá falando, Lansing?

— Olha, Pierce, eu poderia te explicar muito melhor se você não ficasse me interrompendo o tempo todo, caralho. Tua mãe não te deu nenhum livro da Emily Post pra você ler quando você era pequeno?

— É que eu fui criado por lobos, Lansing. Criado por lobos.

Daí me deu vontade de mudar totalmente de assunto, viajar muito, porque eu sei como ele fica irritado quando eu não presto atenção no que ele está dizendo.

— Na verdade eu tava agora mesmo pensando nisso, bicho, como é que a minha mãe caçava e matava sua própria comida... Agora, sério, falando em Emily Post, eu tive uma namorada que...

— Que porra é essa, Pierce? Eu tô cagando pra tua mãe e pra tua ex-namorada!

— Pois não devia. Ela era um broto. Só não era muito seu tipo.

Sério, eu podia ficar o dia inteiro naquilo. Eu queria que ele estivesse na minha frente só pra eu ver seu rosto ficando vermelho.

— Pierce, sério, que porra é essa, *hombre*?

Hombre? Essa era nova. Eu devia começar a usar, pra ele pensar que criou uma gíria, ou algo assim, porque “suspende a maionese” era certo que não ia pegar.

— Você está me falando sobre hoje de manhã. Você pensou em mim por algum motivo específico?

— Quê? Ah. Sim. Sim, hoje de manhã. Aí eu tava com esse cara da *Newsweek*, né? E com um broto da *Billboard* e mais um outro broto, né? Aí acho que ela se apresentou dizendo que era da *Melody Maker*, é. Aí todo mundo ficou perguntando pro Cantor sobre esse tal desse show da

paz, né, mas era o empresário quem tava respondendo a maioria delas, né? Foi uma coletiva na casa dele.

Puta que pariu, ele está mentindo. Não tinha como ele ter dado uma coletiva hoje de manhã sem que eu ficasse sabendo. E por que é que o Lansing resolveu falar *cockney* assim de repente?

— Sim, foi muito de última hora, então eles provavelmente não tiveram tempo de entrar em contato com você. Mas não se preocupe, meu chapa. Um cara da *Rolling Stone* tava lá, ou, pelo menos, ele me disse que era da *Rolling Stone*, o que eu achei meio estranho. Quer dizer, você não trabalha pra esses caras?

— Esse cara da *Rolling Stone*, ele disse quem era?

— Puta merda, não lembro. No instante em que ouvi *Rolling Stone*, imediatamente lembrei do meu bom amigo Alex Pierce.

— Que legal da sua parte. Meu chapa.

Estou tentando pensar numa maneira educada de encerrar logo minha conversa com esse borra bosta pra poder ligar pra porra do meu chefe pra descobrir se isso é verdade. Eu poderia dizer que fazer esse tipo de merda é bem típico de um cagalhão feito o Lansing. Sendo uma pessoa que não tem amigos, ele nunca conseguia perceber quando uma piada tinha ido longe demais ou simplesmente não era engraçada. Mas, se aquilo fosse verdade, seria um novo golpe baixo daquela revista de merda, puta que pariu. Merda. Puta merda. Então eles deixaram o jornalismo de verdade para... quem é que vai saber? Robert Palmer? DeCurtis? Enquanto isso, eles me mandam escrever sobre a Bianca Jagger fazendo a porra das unhas dela, enquanto seu marido grava uma merda dum reggae. Quer dizer, se era só isso que eles queriam de mim, por que não mandaram só a porra do fotógrafo, que, por sinal, eu ainda não tinha encontrado? Vão se foder. Sério, fodam-se.

— E eu tava aqui pensando, isso deve ser foda pro meu chapa Alex, parece que ele não tá dando muita sorte.

— O que é que você quer, Lansing?

— Que você me chame de Mark, pra começar.

— Lansing, o que é que você quer?

— Eu estava pensando mais no que é que *você* quer, Pierce.

Trinta minutos depois, estou debaixo de um guarda-sol ao lado da piscina do Jamaica Pegasus. Os brancos de sunga dentro dela são mais gordos, e suas mulheres mais bronzeadas, duas coisas que querem dizer mais ricos, especialmente levando em conta quanto a maioria dessas mulheres é mais jovem. Eu não sei quem eles são porque Kingston, na verdade, não é um lugar muito turístico, e todo mundo que vem pra cá vem a trabalho. Lansing estava tão convencido de que ele tinha alguma coisa que eu queria que eu meio que me convenci também. E agora estou aqui, oscilando entre *puta que pariu, Alex e talvez ele tenha mesmo alguma coisa que eu quero*. E no fundo tanto faz, estou curioso.

E estou esperando ao lado da piscina deste hotel vendo um cara não prestar atenção quando seus dois filhos gordinhos pulam na piscina e caem de barriga nela. Quando o mais velho bateu na água, fez um estalo que chegou a ecoar. Fiquei olhando ele se arrastar até a borda da piscina, querendo muito chorar, retorcendo a boca e bufando pelo nariz, mas aí ele começa a olhar à sua volta e me vê. Já seria ruim o suficiente chorar na frente de um estranho, mas não tinha a menor chance daquele filho da puta daquele gordinho chorar na frente do seu irmão. Eu queria rir daquele merdinha, mas depois achei que ele merecia uma colher de chá. Além do mais, estou aqui esperando o cretino do Lansing, pensando no que havia acontecido trinta minutos atrás. Onze da manhã do dia 3 de dezembro de 1976. Faz exatamente meia hora que fui demitido da *Rolling Stone*. Pelo menos eu acho que fui demitido. Foi assim. Eu recebi uma ligação.

— Alô?

— Que merda é essa que você tá fazendo aí, Pierce?

— Oi, patrãozinho. Como é que vai essa força? E as crianças?

— Pelo jeito você tá superestimando a nossa intimidade, Pierce.

— Desculpa, chefe. O que eu posso fazer por você?

— Pelo jeito você também acha que eu gosto de jogar dinheiro fora.

Cadê a porra da matéria?

— Estou escrevendo.

— Duzentas palavras dizendo se a porra do Mick Jagger foi pra Jamaica com ou sem a Bianca e você não consegue escrever a porra da matéria? Não pode ser assim tão difícil.

— Estou procurando um novo ângulo, chefe.

— Você tá procurando um novo ângulo. Deixa eu ver se eu entendi direito; você tá procurando um novo ângulo. Eu não te mandei aí pra desvendar a porra dum escândalo, Pierce. Eu te mandei aí pra escrever umas merdas pra uma porra de umas fotos que já eram pra estar na minha mesa há vários dias.

— Ô, chefe, me escuta. Eu tô, bom, eu tô sentado em cima duma coisa grande. Muito grande. Papo sério, bicho.

— Pode parar com essa porra desse linguajar de malandro, Pierce, você é de Minnesota.

— Essa machucou, de verdade. Mas é um troço gigante. Alguma coisa muito séria envolvendo a Tuff G...

— Você lê essa revista em que você trabalha? A gente já deu uma matéria sobre ele em março. Eu sugiro que você leia.

— Com todo respeito, chefe, essa matéria era uma merda. Quer dizer, vamos lá, aquilo ali era só uma punheta do autor, não tinha nada sobre o Cantor ou sobre o que realmente rola por aqui. Vou me encontrar com o filho do chefão da CIA em meia hora. É, eu disse CIA. Quer dizer, alguma coisa muito foda relacionada à Guerra Fria pode rolar a qualquer momento, chefe, e...

— Você ouviu alguma coisa do que eu disse? Um segundo. Helvética não, qualquer coisa menos Helvética, e, pelo amor de Deus, essa foto da Carly Simon tá parecendo o Steven Tyler se preparando pra pagar um boquete. Alex?

— Tô aqui, chefe.

— Eu disse que a gente já deu matéria dele, e já deu matéria da Jamaica. Se você vai insistir nessa merda e não vai fazer o que eu te mandei fazer aí, talvez seja melhor você dar uma ligada pro pessoal da *Creem*.

— Ah, então é assim? Bom, talvez eu ligue.

— Não me fode, Pierce. O Jackson me disse que você ainda nem falou com ele.

— Jackson?

— A porra do fotógrafo, seu merda.

— Você mandou mais alguém pra cá?

— Do que você tá falando?

— Você me ouviu. Tem mais alguém da *Rolling Stone* aqui.

— De jeito nenhum, Pierce.

— Sério, você não vai mandar algum jornalista *de verdade* pra cá agora que você sentiu o cheiro de uma história, vai?

— Não tem história nenhuma aí na Jamaica. Se algum camarada quiser escrever uma matéria por sua conta, desde que eu não tenha que pagar por ela, isso é problema dele. Você, por outro lado, eu tô pagando.

— Então não é um caso de isso parece muita coisa pro Pierce, ele é muito verde, vamos mandar os profissionais?

— Verde não é a cor em que eu penso quando penso em você, Pierce.

— Sério? Em qual você pensa?

— Quero uma matéria com fotos do Jagger pegando nos peitos de alguma vadia na minha mesa em dois dias, ou pode se considerar demitido.

— Quer saber? Você quer saber? Talvez você deva considerar a minha demissão.

— Não quando sou eu quem tá pagando pela porra da tua viagem, Pierce. Mas não se preocupe: assim que você trazer esse seu rabo alimentado com milho de volta pra Nova York, eu vou ter todo o prazer de te demitir.

Depois ele desligou. Então, tecnicamente, fui demitido, ou, no mínimo, vou ser. Ainda não sei como me sinto a respeito disso. O Jagger trouxe a sua mulher? Ou aquela loira que ele anda comendo? E como é que ele vai fazer pra sair caçando umas bucetas pretas agora? O estranho é que, no meio disso tudo, eu vejo o Mark Lansing vindo na minha direção. Lá vem ele, parecendo o branco que está na capa de *Aprenda a falar Jamaicano*. Calças cargo verde-oliva com a bainha dobrada até a panturrilha, pisantes pretos e uma regata vermelha, verde e amarela que já estava tão apertada que deixava à mostra o umbigo. Julgando pelo vento, que insiste em agitá-lo, há um pedaço de pano pendurado em seu bolso traseiro. Jesus Cristo, ele está usando uma touca Rasta na cabeça, com as franjas loiras escapando pra fora. Ele parece alguém que acabou de se alistar nos Viados Contra a Babilônia, ou algo assim. Eu queria muito estar mais incomodado com o fato de ter perdido o meu emprego do que com aquilo.

— Terra para Alex Pierce.

De alguma forma, ele conseguiu se jogar na espreguiçadeira ao meu lado, tirar a calça revelando uma sunga roxa e pedir um mai tai sem que eu sequer percebesse.

— Me traz um maço de cigarros também, Jimbo. Marlboro, não quero aquela bosta daquele Craven “A”.

— Com certeza, é pra já, Sr. Brando.

O garçom saiu apressado. Eu estava tentando não pensar que ele estava confirmando a minha suspeita de que todos que trabalhavam com turismo

na Jamaica eram uns bajuladores.

— Alex, meu chapa.

— Lansing.

— Bicho, essa bucatinha que você comeu ontem de noite devia mesmo ser uma coisa, pra você estar sonhando com ela até agora. Já chamei teu nome três vezes, bicho.

— Tava distraído.

— Eu que o diga.

O garçom voltou com os cigarros.

— Ô, Jimbo, eu pedi Marlboro. Que merda é essa de Benson and Hedges? Eu pareço um viadinho inglês pra você?

— Não, senhor, minhas mais profundas desculpas, senhor, sim, senhor, não temos Marlboro, senhor.

— Porra, eu não vou pagar por essa merda.

— Sim, senhor, Sr. Brando.

— É isso aí. E dá uma calibrada no meu drink já que você veio até aqui. Isso aqui tá parecendo água com um restinho de mai tai.

— Mil desculpas, imediatamente, Sr. Brando.

O garçom recolheu o mai tai e saiu apressado. Lansing se virou pra mim, sorriu e me deu seu tradicional olhar de finalmente-estamos-a-sós.

— Então, Lansing.

— Pros amigos é Mark.

— Mark. Quem diabos é Brando?

— Quem?

— Brando. Ele te chamou três vezes disso.

— Nem percebi.

— Você não percebeu que um cara te chamou três vezes pelo nome errado?

— Porra, mas ninguém entende o que esses caras tão falando metade do tempo, né?

— É.

Sendo ele quem é, o fato de estar usando um nome falso devia ter dado um curto-circuito no meu detector de teorias da conspiração. Mas aquele era o Mark Lansing. Provavelmente, só tinha acabado de descobrir os filmes de James Bond.

— Então, que história foi essa de coletiva de imprensa?

— Foi mais pra uma conferência, na verdade. Pensei que eu ia te ver lá.

— Acho que não sou tão importante assim.

— Você chega lá.

Vai se foder, seu cuzão de sunga roxa.

— Quem era o cara da *Rolling Stone* que estava lá?

— Sei lá. Mas ele fez um monte de perguntas sobre gangues e coisas assim. Como se alguém quisesse ouvir o Cantor falando sobre aquilo.

— Gangues?

— Gangues. Sobre um tiroteio em Kingston ou algo assim. Quer dizer, fala sério. Depois ele perguntou se o Cantor se considerava íntimo do primeiro-ministro.

— Sério?

— Aham. Eu só ficava pensando onde é que está o meu chapa Alex?

— Legal da sua parte.

— Eu sou assim. Bom. Eu posso te colocar pra dentro. Na verdade, essa semana eu passei praticamente todos os dias com ele. Eu tenho andado tão chapado que se uma pipa passar voando por mim ela vai dizer caralho, Dicky, como você tá alto! Conheci ele mês passado quando o chefão da gravadora me contratou pra montar uma equipe pra filmar esse show. Eu até trouxe um par de botas de caubói pra ele. Um belo par de botas vermelho-tijolo da Frye. Porque, você sabe, esses jamaicanos amam esses filmes de caubói. Essas malditas dessas botas custaram uma fortuna, ouvi dizer.

— Não foi você quem comprou?

— Claro que não.

— Quem foi?

— Então, a gente conseguiu exclusividade de direitos pra filmar esse show.

— Eles te contrataram pra filmar esse show? Não sabia que você era diretor.

— Tem uma pá de coisa sobre mim que você não sabe.

— Com certeza.

— Você quer um mai tai? É uma merda, mas é de graça.

— Não, tô legal. Mas e aí, que favor você vai fazer por mim? E o que você quer em troca?

— Você sempre é ignorante desse jeito? Ei, cadê a porra do meu drink? Olha, meu chapa, eu só quero te ajudar. O lance é o seguinte: você quer conversar com o Cantor, não quer? Quer falar com ele só vocês dois, não quer?

— Bem, sim.

— Posso te botar na minha equipe. Você vai ser o jornalista, ou uma merda dessas.

— Eu sou jornalista.

— Viu? Vai dar tudo certo. Irmão, eu tenho acesso ilimitado ao Cantor. Ninguém teve antes de mim, e ninguém terá depois, com certeza nenhuma equipe de filmagem. Nós fomos contratados pelo dono da gravadora em pessoa, e estamos aqui pra filmar tudo. Olha, provavelmente a gente pode filmar até quando ele está dando uma cagada ou comendo aquela princesinha líbia pra quem ele deve estar ensinando a gostar da piroca do negão. Vou filmar um pouco da sua entrevista pra usar no documentário, mas você pode usar do jeito que você quiser.

— Uau. Isso parece muito legal, Mark. Mas por quê?

— Você costuma viajar com pouca bagagem, Pierce?

— Sempre. Mais fácil pra sair correndo.

— Eu tenho um excesso de bagagem que preciso que alguém leve pra mim para Nova York.

— Por que você não paga o excedente?

— Eu preciso que chegue antes de mim.

— O que é?

— Olha. Eu te faço parte da equipe. Quando você voltar pra Nova York, você leva uma das minhas malas pra mim. Simples.

— Bem, nada nunca é simples. O que é que tem na mala?

— Uns bagulhos de filme.

— Você vai trocar o Cantor por uma etiqueta de bagagem?

— Sim.

— As aparências enganam, Lansing. Eu juro que eu só pareço um idiota. Cocaína ou heroína?

— Nenhuma das duas.

— Maconha? Você só pode estar de brincadeira.

— O quê? Não, puta que pariu, Alex. Vai ter alguém te esperando pra pegar essa bagagem no JFK.

— Quem é você, o espião que veio do frio?

— Um Rasta não trabalha pra CIA.

— Haha.

— Você anda vendo muito James Bond, não é mesmo? A mala vai estar cheia de rolos de filmes.

— De quê?

— Como assim de quê, caralho? Do documentário. Estamos filmando tudo a toque de caixa. O chefe dele quer que vá pro ar no dia seguinte ao da filmagem. Atualmente, por exemplo, a gente termina de filmar e já despacha o filme.

— Estou entendendo.

— É o que eu espero. Não confio em estranhos, e aqueles filhos da puta na alfândega vão acabar velando os filmes simplesmente porque eles

são uns idiotas, a menos que alguém explique tudo direitinho pra eles.

Você quer dar um pulo na Hope Road, 56, hoje à noite?

— Quê? Porra, é claro!

— Posso passar pra pegar você, ou a gente se encontra lá na frente.

— Passa aqui. Que horas?

— Sete.

— Beleza. Valeu, Mark. De verdade.

— No problema. Quando é que você vai embora?

— No fim da semana, mas estava planejando ficar mais uns dias.

— Não faz isso. Se manda.

— Hã?

— Se manda.

NINA BURGESS

Três e meia da tarde. Olhei no Timex. Bem quando eu estava pra sair de casa pra ir lá pra Hope Road, minha mãe me liga e me diz pra vir imediatamente pra casa. Foi exatamente o que ela disse, venha imediatamente para casa. Por algum motivo, aquilo me fez pensar no Danny. Ele deve estar em algum lugar dos Estados Unidos, provavelmente casado, ou no mínimo com uma namorada que sabe muito bem qual é a dele e não pensaria duas vezes na primeira oportunidade que ele propusesse sexo oral. Já deve estar casado a essa altura. Aquele que escapou, não sei muito bem o que isso quer dizer. Uma vez eu estava fazendo uma faxina na casa dos meus pais, porque eles tinham saído de viagem e eu pensei em fazer uma surpresa. Eu estava arrumando o equipamento de pesca do meu pai no quarto dos fundos quando sua caixa de ferramentas caiu no chão. Dentro dela havia uma carta que ele tinha escrito com tinta vermelha numa folha amarela de papel timbrado. *Levei trinta anos para escrever esta carta*, foi assim que ele começou. Aquela que escapou, eu pensei. Daí eu fiquei me perguntando se todo mundo tem essa pessoa que nos assombra, aquela que foi embora.

No noticiário do meio-dia no rádio, o Centro de Atendimento à Mulher estava ameaçando fazer uma nova passeata pela paz, com todo mundo vestido de preto e carregando um caixão. As mulheres da classe média alta daqui adoram ter essa sensação de que podem gerar uma comoção, mas no fundo elas estão apenas procurando alguma coisa pra fazer. Não sei bem por que estou pensando essas coisas, e ainda está muito cedo pra procurar alguma grande associação cósmica à la Carlos

Castañeda pra ligar todos esses pontos. Eu ainda estava tremendo da briga com minha irmã. Eu não tomei banho, embora não lembrasse se tinha tomado quando cheguei em casa ontem à noite, ou melhor, hoje de manhã.

Peguei um táxi até a casa dos meus pais pensando no que a embaixada havia dito quando eles recusaram meu visto no mês passado. Eu não tinha ligações suficientes, nada na minha conta bancária, nenhum dependente, nenhuma fonte de proventos — sim, eles disseram “proventos” — nada que pudesse garantir ao governo norte-americano que eu não desapareceria assim que pisasse no bom e velho Estados Unidos. Quando estava saindo da embaixada, um gordo vestindo uma camisa amarela e uma gravata marrom se aproximou de mim como se conhecesse aquela expressão no meu rosto. Antes que eu pudesse imaginar as incontáveis mulheres patéticas que saíram daquela mesma embaixada com aquela mesma expressão, ele me perguntou se eu queria um visto. Geralmente eu não dou bola pra esse tipo de coisa, mas aí ele me mostrou seu passaporte e eu vi não só o visto como também os carimbos dos aeroportos de Miami e Fort Lauderdale. Ele conhecia um cara que conhecia um cara que conhecia um americano na embaixada que podia me descolar um visto por cinco mil dólares. Isso era quase metade do salário de um ano inteiro. Eu não precisava dar o dinheiro a ele antes de pegar o visto, só uma foto no tamanho de passaporte, que eu já tinha dentro da minha bolsa. Eu estava pensando numa notícia do mês passado sobre dez pessoas terem sido baleadas. Não sei por que eu acreditei nele, mas acreditei.

Só fui chegar na casa dos meus pais por volta de uma da tarde. Kimmy abriu a porta. Usando um vestido. Só que não era um daqueles vestidos compridos de Rasta todo sujo na bainha. Era um vestido no estilo ela-é-uma-menina-comportada, roxo, sem mangas, um tubinho, como eles chamam. Parecia que ela estava prestes a passar por uma bateria de perguntas num concurso de beleza. Descalça. Ela está se comportando

como se fosse a criança da casa. Ela não disse nada pra mim e eu, com certeza, não estava a fim de dizer nada pra ela, embora eu tenha me mordido toda me segurando pra não perguntar se o Ras Trent tava na área. Ela abriu a porta sem nem olhar pra mim, como se só estivesse deixando entrar uma brisa. Ela que vá se danar, é o que estou pensando. E tá ficando cada vez mais fácil pensar isso. Vamos torcer pra ser apenas a minha mãe me pedindo pra ir buscar seu remédio com receita na farmácia que manda umas pílulas a mais, ou algo assim, uma dessas coisas que ela nunca pede pra Kimmy fazer.

Minha mãe geralmente está cozinhando ou fazendo crochê quando vou visitá-la. Mas hoje ela está sentada na poltrona de veludo vermelho, na qual meu pai sempre senta quando está passando *Dad's Army*. Ela nem olhou pra mim, mesmo eu tendo dito oi duas vezes.

— Mamãe, você me disse pra eu vir até aqui. O que é que não podia esperar?

Ela ainda não me olha, só usa um punho cerrado pra pressionar seus lábios. Kimmy está na janela, andando de um lado pro outro, e ela também não está olhando pra mim. Estou surpresa que ela não tenha pulado na minha frente e dito viu, a mamãe nunca te exclui das coisas importantes. Tem uma toalhinha de crochê nova na mesinha de café, que provavelmente mamãe passou a noite fazendo. A linha é rosa, e minha mãe odeia rosa. Suas peças costumam ter o formato de animais, e essa não se parece com nada que eu reconheça. Geralmente ela faz crochê quando está nervosa, então agora começo a imaginar que aconteceu alguma coisa. Talvez ela tenha visto um dos caras que a atacou, talvez fosse o jardineiro do vizinho ou talvez eles estivessem com a sensação de que a casa estava sendo vigiada. Talvez eles tivessem voltado e roubado alguma coisa e ameaçado meus pais para que eles não dissessem merda nenhuma pra polícia. Não sei, mas ela estar nervosa me deixa nervosa, e Kimmy andando de um lado pro outro como se não pudesse fazer nada até que eu

tivesse chegado fez aquilo tudo parecer ainda pior. Comecei a olhar em volta pra ver se tinha alguma coisa diferente. Não que eu fosse saber se tivesse. A Kimmy não para quieta.

— Kimmy, para de andar pra lá e pra cá que nem um macaco — minha mãe diz.

— Sim, mamãezinha — ela diz.

Eu queria repetir aquilo, como numa provocação infantil, sim, mamãezinha meu rabo. Do jeito que a Kimmy regrida dez anos só para ser mimada pelos pais, até parece que ela é filho deles, não filha.

— E a minha própria filha! Jesus Cristo! Jesus Cristo!

— Mãe?

— Fale com seu pai.

— Sobre o quê?

— Eu disse fale com seu pai.

— Falar sobre o que com papai? — eu disse isso a ela, mas olhando pra Kimmy, que agora estava fazendo toda uma cena pra não olhar pra mim.

— Até um *coolie* teria sido melhor, mas... Meu Deus... é tão nojento que eu até consigo sentir o cheiro em você.

— Mãe, do que é que você está falando?

— Não se atreva a levantar a voz pra mim! Não se atreva a levantar a voz nesta casa. Todos aqueles anos te dando banho e eu não consegui lavar a safadeza do seu corpo. Talvez você devesse ter apanhado um pouco mais. Talvez eu devesse te dar uma surra agora.

Já estou de pé a essa altura. Ainda não sei do que você está falando, eu digo. Ela ainda não está olhando pra mim. Kimmy finalmente olha ao seu redor e tenta me encarar, mas não consegue. Ela desvia o olhar.

— Então, agora você é uma prostituta, ou só se prostitui pra ele?

— Eu não sou prostituta. Que porra é...

— Não fale palavrão na droga da minha casa. Fiquei sabendo que você andou se prostituindo pra aquele desgraçado daquele cantor na casa dele. Quanto foi que ele te pagou? Tantos meses que você não tem um trabalho decente, e eu só pensando como é que a Nina está conseguindo se manter sem nenhuma fonte de proventos? Como, já que ela não nos pediu dinheiro e não tem nenhum amigo...

— Eu tenho um monte de amigos...

— Não me interrompa na droga da minha casa. Eu comprei esta porcaria com o meu dinheiro e o dinheiro do Sr. Burgess.

— Sim, mamãe.

— E eu paguei com dinheiro, e sem droga nenhuma de hipoteca, então não fique pensando que você pode responder pra mim dentro da minha própria casa.

Minhas mãos estão tremendo como se eu tivesse passado três horas dentro de uma geladeira. Kimmy começa a andar até a porta.

— Kim-Marie Burgess, sossega esse traseiro. Diga pra sua irmã que a grande notícia do dia é que ela está se depreciando com aquele, aquele Rasta.

— Me depreciando? Me depreciando. O namorado da Kimmy também é Rasta.

— Você está comparando ele com esse cara para quem você anda oferecendo suas partes? Pelo menos ele é de uma família decente. E ele só está passando por uma fase. É uma fase.

— Uma fase? Que nem essa que a Kimmy tá passando?

— Eu juro que toda vez que imagino você e aquele cantor numa cama toda suja, puxando fumo e engravidando, me dá vontade de vomitar. Você me ouviu, eu quero vomitar. Você é uma garotinha nojenta, aposto que trouxe um monte de piolho pra dentro da minha casa.

— Mamãe.

— Todo aquele tempo estudando pra se tornar o quê? Mais uma das mulheres dele? É isso que você consegue hoje em dia se terminar o ginásio?

Agora ela está soando que nem o papai, e eu fico me perguntando onde é que ele está. Kimmy. Foi ela. Minha mãe está tremendo tanto que, quando ela se levanta, cai sentada de volta na poltrona. Kimmy vai correndo ajudá-la, a boa filha que ela é. Ela contou pra eles. Contou alguma coisa pra eles. E ela também me conhece. Ela sabe que eu não vou falar nada sobre ela pra eles porque ter uma filha ruim deixaria minha mãe deprimida, mas ter duas acabaria com ela. E está apostando que eu não vou contar nada pra que ela seja a filha boa que vai ficar com tudo, e ela tem razão. Estou quase impressionada por aquela putinha.

— Só consigo pensar em você trazendo aquele cheiro de ganja e de sovaco pra dentro da minha casa. Eu consigo sentir o cheiro dele em você. É nojento. Nojento.

— Ah, e você não sente esse cheiro na sua outra filha?

— Não meta a pobre da Kimmy nisso.

— Pobre da Kimmy? Então ela pode dormir com um Rasta?

— Não se atreva a ser impertinente comigo! Nesta casa somos todos tementes a Deus.

— Deus sabe que aqui só tem hipócrita? A Kimmy pode se envolver com um Rasta...

— Ele não é Rasta.

— Vai dizer isso pra ele. Na verdade, vai dizer isso pra sua filha e vê se ela vai querer ficar com ele.

— Desde quando era pequena, você está sempre atacando sua irmã. Pra que todo esse ódio e essa inveja? Nós nunca tratamos uma de vocês melhor que a outra. E, mesmo assim, você tem essa mania terrível. Você devia ter apanhado mais, é isso que eu devia ter feito, você devia ter apanhado mais.

— Ah, claro. E quando aquele homem horrível bateu em você e levou suas joias, você gostou?

— Não fale assim com a minha mãe — Kimmy disse.

— Fecha esse teu cu cagado, sua putinha de merda. Como se você fosse flor que se cheire.

— Não fale assim com sua irmã.

— Você sempre fica do lado dela.

— Bom, eu preciso que, pelo menos, uma das minhas filhas não seja uma vadia. Até um *coolie* teria sido melhor.

— A droga da sua outra filha também tá dando prum Rasta!

— Morris! Morris, venha aqui e fale com sua filha. Mande ela ir embora da minha casa! Morris! Morris!

— Isso mesmo, chama o papai. Chama pra eu contar pra ele sobre a menininha preferida dele aqui.

— Cala a boca, Nina. Você já causou muito estrago a esta família.

— Eu estou é tentando salvar esta droga de família.

— Não lembro de ter pedido pra nenhuma das minhas filhas salvar coisa nenhuma. Eu só não quero saber de ninguém morando numa comunidade Rasta, onde eles compartilham suas esposas e tá cheio de criança fumando ganja. Morris!

Eu queria pegar alguma coisa e atirar na Kimmy, que ainda não tinha olhado pra mim uma vez sequer. Você provavelmente já está carregando um filho dele, minha mãe diz. Ela soa como se estivesse chorando, mas não vejo nenhuma lágrima escorrendo. Kimmy está afagando suas costas. Ela está agradecendo a Kimmy por ajudar sua mãe a passar por tudo aquilo. Pra mim chega. Não tenho mais nada a dizer. Não tenho mais nada a fazer além de esperar que minha mãe diga alguma coisa. Pensei que eu ia querer simplesmente ir até lá e apertar o pescoço dela, mas fiquei olhando ela afagando as costas da minha mãe e fiquei com pena das duas. Mas daí ela diz:

— Mãezinha, fala pra ela desse negócio de ficar esperando na frente do portão dele.

— O quê? Ai meu Deus, agora ela fica esperando na frente da casa dele, que nem uma dessas mulheres da noite. A essa altura, até ele já se deu conta de que ela é um lixo. Senhor, olha no que a minha família se transformou.

— Sua putinha de merda — eu digo a Kimmy, que me encara.

— Eu disse que não quero ouvir esse tipo de linguajar na minha casa. Se você não consegue deixar de ser a droga duma vadia, tente, pelo menos, não falar que nem uma vadia quando estiver na minha casa.

Me dá vontade de dizer e quanto a essa vadia que está aí afagando suas costas? Não importa o que Kimmy diga ou faça, eles sempre arrumam uma desculpa ou justificativa, como se estivessem investindo no mercado de desculpas desde o dia em que ela nasceu e agora pudessem sacar uma delas toda vez que quisessem. Eu quero dizer tudo isso, mas não digo. Kimmy sabe que eu não vou dizer. Kimmy sabe que eu sou a filha boa que vai continuar sendo boa mesmo quando for pior pra mim. Estou quase impressionada pelo tanto que a subestimei. Estou quase impressionada por ela ter chegado tão longe e saber que, provavelmente, ainda vai além. Eu quero dizer que, pelo menos, nenhum homem jamais vai me dar uma surra e me abandonar e me deixar pensando que aquilo é tudo em favor da luta, mas eu não digo. Em vez disso, meu coração está batendo forte e eu só consigo pensar em pegar uma faca, uma faca cega, uma faca de mesa, e andar na direção dela com a faca nas mãos, não pra esfaqueá-la ou cortá-la, só pra que ela me veja vindo pra cima dela e não haja nada que ela possa fazer. Aqui estou eu, nesta maldita casa, com essa gente com quem eu passei o dia inteiro ontem, defendendo que nem uma idiota meu direito de fazer uma coisa que eu nem quero mais fazer. Aposto que a Kimmy está feliz. Ela conseguiu dar uma boa manchada na imagem de boazinha da Nina.

— Não tá coçando aí embaixo, com todo esse monte de piolho? Eles não tão te mordendo aí? Como é que você consegue aparecer na minha frente? Meu Senhor, que filha horrorosa é essa que eu tenho? Eu quero vomitar. Kimmy, eu quero vomitar.

— Está tudo bem, mamãe. Tenho certeza de que ele não tem piolho.

— Como você tem certeza? Esses Rastafáris são nojentos, você sabia? Não me importa quanto dinheiro ele acha que tem, eles são todos nojentos e idiotas. Se você ficar a cinco metros de distância deles, já dá pra sentir o cheiro.

— Não, não tem nada coçando por causa de piolho. E ele cheira melhor que talco de bebê — eu digo, e me arrependo antes da última sílaba sair pela minha boca. Eu só queria pegar a Kimmy e sacudi-la, ficar sacudindo que nem a droga de um bebê que não fica quieto.

— Morris! Morris! Eu não quero saber de nenhum moleque bastardo Rastafári nojento nesta casa, você me ouviu? Não quero nenhum filho de Rasta na minha casa.

Olhei pra Kimmy e fiquei me perguntando se era isso que ela queria, se ela não tinha se dado conta de que era isso que aconteceria. Meus pais são atacados e ela nem se aproxima, não porque ela não consegue lidar com o fato deles terem sido atacados, mas porque ela não consegue lidar com nenhuma situação em que ela não esteja no centro, mesmo que seja uma tragédia. Bem, que bom pra ela. Ela venceu. Ela sabe que eu não vou dizer que ela também deu pra ele. Ela sabe que eu vou tentar manter a sanidade que ela está determinada a tirar da mãe. Eu quase chego a admirar a falta de escrúpulos dessa vadia. Eu quero que ela olhe pra mim e sorria só pra me mostrar que ela sabe que eu sei que ela sabe. Minha mãe continua gritando Morris! Morris!, como se aquelas fossem as palavras de um encantamento que o faria aparecer.

O cinto de couro rasga minhas costas, sua ponta acerta minha nuca como se um escorpião tivesse me picado. Eu grito, mas o cinto lambe

minhas costas mais uma vez, e depois mais duas vezes na parte de trás da minha perna, e então eu caio. Meu pai me pega pelo tornozelo esquerdo e me puxa pra ele. Minha saia sobe e minha calcinha fica aparecendo. Ele me segura com sua mão esquerda e me bate com o cinto. Eu grito, e mamãe grita, e Kimmy grita. E ele me surra como se eu tivesse dez anos de idade. E eu grito pro papai parar e tudo que ele diz é que essa menina precisa de um corretivo, eu vou passar um corretivo nesse seu cu sujo não papai por favor papai corretivo e corretivo e ele bate na minha bunda e bate de novo e de novo e eu me viro e o cinto corta minha coxa direita e ele está batendo e não importa onde acerta ele bate na minha mão quando eu tento segurar aquele cinto enorme de couro cheio de tachinhas porque ele adora cintos de caubói e eu já estou sentindo o cheiro das minhas feridas e eu grito papai papai papai e mamãe grita Morris Morris Morris e Kimmy só grita, e o cinto está me cortando toda e eu me viro e ele me acerta bem na minha xana e eu grito e papai ainda está dizendo corretivo e corretivo e corretivo e ele me deu um chute, eu sei que ele me deu um chute e ele está me batendo e eu estou lutando pra soltar meu pé solta meu pé solta meu pé e eu dou um giro e meu pé direito acerta ele no peito, e parece um peito de velho, e ele cai pra trás e começa a tossir, mas é só ar que sai, não som, e eu ainda estou gritando, sem palavras, só naaaaaah naaah naah e eu pego o cinto e vou pra cima dele e bato em suas pernas e bato naquele filha da puta, e bato e bato e bato naaaaaah naaah naaaaaah e minha mãe grita de novo não mata o meu marido não mata o meu marido e ele está tossindo e então eu percebo que estava batendo nele com a fivela, não com o cinto e eu me viro e enrolo o cinto no meu punho e olho pra Kimmy.

BARRY DIFLORIO

Minha secretária me retornou dizendo que a secretária do Louis Johnson não tinha a menor ideia de onde ele andava, que era o código dela pra me dizer que ela não ia me contar. Eu tive que me levantar da droga da minha cadeira e andar todo o corredor até a mesa dessa mulher pra perguntar se ela gostava de trabalhar aqui, e se tinha planos de continuar fazendo o mesmo no futuro. E disse que se ela quisesse, era melhor ela lembrar que trabalhava para o Governo Federal dos Estados Unidos da América, não para o Louis Johnson. Eu pude ver seus olhos se arregalando mesmo por trás da armação rosa e gigantesca dos seus óculos de Batgirl, e sua testa se enrugou, embora aquele seu rabo de cavalo severo, preso com muito gel, não tenha sequer se mexido. Você precisa passar muitos anos na embaixada para aprender a não demonstrar medo, e ela estava quase lá, quase, mas dava pra perceber que ela não tinha entendido muito bem qual o nível de ameaça contido naquele comentário passivo-agressivo de um superior. Ela não sabia dizer se eu estava de sacanagem ou falando sério. Liguanea Club, no Knutsford Boulevard.

É claro que eu já tinha estado lá. Lembrava um pouco o Clube de Cavalheiros Rodeo, em Buenos Aires, e algumas casas noturnas no Equador, em Barbados e na África do Sul. No Liguanea Club, na pior das hipóteses teria umas pessoas de pele escura e meia dúzia de árabes brincando de vamos-fazer-de-conta-que-somos-brancos, que é algo que nunca perde a graça. Eu saio do escritório, passo de carro pela Oxford Road, onde as pessoas ainda estão esperando, no sol, pelos seus vistos, e sigo na direção oeste. No cruzamento da Oxford Road com a Knutsford

Boulevard, eu viro à direita, e sigo rumo ao norte. O segurança no portão dá uma olhada para o homem branco dentro do carro e não faz perguntas. O Cortina verde está no fundo do estacionamento. Estaciono na outra ponta, muito embora eu tenha certeza de que o Louis não sabe que carro eu dirijo.

Lá dentro, o salão estava abarrotado de homens brancos de terno no seu intervalo de almoço, e lindas mulheres morenas de minissaia bebendo rum com Coca. Eu os ouvi antes de vê-los, Louis jogando a cabeça para trás e depois dando um tapa em Las Casas. Claro que era ele. Primeiro eu quis ir até lá e perguntar pro Louis que merda ele estava tramando, e fazer isso na frente do Las Casas. Deus, como eu odeio esse cara. Ele tem um lance que eu só tinha visto em políticos e vencedoras de concursos de beleza, esse lance de se achar o filho predileto da mamãezinha, ou algo do gênero. Ele se acha um grande revolucionário, mas, na verdade, é apenas um oportunista. Louis e Luis, parece até o nome de um programa de comédia ruim.

Estou num canto remoto do bar tentando não parecer que estou olhando pra eles. Em algum lugar, alguém está escrevendo uma paródia de um romance de espionagem, e eu sou o idiota no bar bancando o James Bond. Que droga, se vou mesmo fazer isso é melhor eu pedir um martíni. Ambos se levantam e, de repente, me dou conta de que talvez eles tenham que passar por mim pra chegar no estacionamento. Johnson sai por uma passagem a poucos metros da sua mesa, e o cubano o segue. Do lado de fora, seu carro deixa o estacionamento. Em poucos segundos, também estou na rua, e seu carro está apenas alguns metros à minha frente. Graças a Deus a hora do rush é hora do rush em qualquer cidade do mundo.

Não tinha seguido mais nenhum carro desde que trabalhei com o Adler no Equador. Sei que estou muito velho pra esse tipo de adrenalina, mas puta merda, você acaba possuído por ela do mesmo jeito. Eu gosto muito

disso. Quer dizer, eu gosto muito, muito disso. Talvez eu devesse direcionar toda essa energia para o meu pau e, bem, comer alguém.

Louis vira à esquerda na Trafalgar Road, que também está congestionada, e depois vira à esquerda mais uma vez. Cento e poucos metros descendo uma rua que eu não conheço. Daí ele vai para o sul, cruza a estrada Half Way Tree e, antes que eu possa me dar conta, estou no meio da favela. Pelo menos, as casas ficaram menores e as ruas mais estreitas, e cada vez mais os telhados são apenas folhas de zinco presas com tijolos. Os muros, que eram de concreto, agora são de zinco, cheios de pixações sobre os merdas do PNP, sobre homens de coração negro, “Estado de Opressão” e Rastafári. Se eu me concentrar neles, no Cortina verde, não vou precisar pensar na loucura completa que é um homem branco como eu dirigindo por aquela que deve ser uma das áreas mais negras da periferia de Kingston. Half Way Tree também é dureza, mas eu nunca tinha visto algo assim. Chego a esboçar o pensamento de que talvez eu não saiba como sair daqui, mas tento deixar pra lá. Eles aumentam a velocidade e eu quero pisar no acelerador também, mas alguma garotinha usando um uniforme azul poderia aparecer na minha frente a qualquer momento.

Louis conhece essas ruas. Ele já veio aqui outras vezes. Ele vem muito aqui, eu acho. Sem nem me dar conta eu já estava pisando no acelerador, mas consigo ouvir meu próprio carro, e ver minhas mãos girando de repente o volante e o carro pegando a esquerda, depois a primeira à direita, e depois passando por cima de um bueiro aberto. A rua acidentada está fazendo o carro sacudir, pular, ranger, se desmanchar. Às vezes eu vejo o carro verde, às vezes não, e ele desaparece numa esquina para reaparecer quando eu viro também, atrás de três ou quatro carros. Deus, só espero que ele não esteja tentando me despistar. Eu quase disse “podicrê”. Tava na ponta da língua, mas eu não disse.

Agora estamos em algum tipo de via expressa, outro trecho que eu nunca tinha passado antes. As casas são ainda menores, mais pobres e com mais zinco, e as pessoas na rua estão indo para o mesmo lugar que o carango verde. Parece que tem montanhas se erguendo nos dois lados da estrada. Só descubro o que elas são quando estou a uns cinco metros de distância. Montanhas e mais montanhas de lixo — montanhas não, dunas e dunas, como se o Saara tivesse trocado a areia pelo lixo e pela fumaça. A fumaça é densa e azeda, como se animais também estivessem sendo queimados. Pessoas estão escalando as dunas de lixo, até mesmo as que estão pegando fogo, e revirando o lixo e pondo coisas dentro de sacos pretos de plástico. Eu quase me esqueço do carango verde.

Os minutos se passam. As dunas de lixo não acabam nunca, e a multidão continua enfiando lixo dentro dos sacos pretos. O carango verde desapareceu. Paro meu carro, sem saber muito bem o que fazer. Dois garotos com sacos atravessam correndo a rua bem na minha frente, e eu estico a mão direita na direção do painel. Talvez eu devesse pegar minha arma, ou pelo menos deixá-la no colo. Meu coração podia bater um pouco mais devagar. Que merda eu tô fazendo aqui? Então outros dois garotos passam, e depois uma mulher, e depois várias mulheres, e depois uma fila de homens e mulheres e garotos e garotas passa pela frente e por trás do carro, os homens e as mulheres arrastando seus pés, os garotos e garotas pulando e saltitando, e todos levando seus sacos pretos para o outro lado. Alguém bate no carro e eu dou um pulo, socando o portaluvas para que a portinha se abra e eu possa pegar minha arma.

Só Deus sabe quantos minutos se passaram até eu pisar de novo no acelerador. A rua ainda está vazia, mas é uma via expressa, com nada além de pedras de um lado e mar do outro. Só um carro passa, um Datsun branco, e o motorista dele coloca a cabeça pra fora quando me vê, um negro com olhos puxados, como os de um chinês. Eu podia jurar que ele me olhou feio, o que era estranho, já que eu nunca tinha visto ele mais

gordo. Eu estava prestes a virar à esquerda quando o carango verde apareceu voando do nada e me acertou em cheio. Minha testa bate no volante, e depois minha nuca acerta o encosto do banco. O cubano é o primeiro a sair, ou, ao menos, eu acho que é o cubano. Ele vem correndo até o meu carro, com uma arma na mão, e a enfia debaixo do meu queixo.

— Espera, eu conheço esse chapa. É um dos seus — ele diz.

— Puta merda, quem? Diflorio? Que porra é essa? Ô, Diflorio, que ideia é essa de ficar me seguindo por aí?

Eles insistem em me levar pro hospital, apesar de não haver nada de errado comigo. No Hospital Público de Kingston, o médico dá pontos na minha testa enquanto eu tento ignorar a multidão que está lá dentro e os filetes de sangue ou o que quer que seja escorrendo pelo chão. O médico nem se deu o trabalho de remover sua máscara cirúrgica. Eu queria muito ir embora, mas não lembro nem como vim parar aqui, nem mesmo depois que vi o Louis Johnson perto da recepção sentado ao lado de uma velha gorda e negra, e lendo o jornal.

— Onde está o meu carro?

— Costuraram você, querida? O bebezinho tá melhor?

— E o meu carro, Johnson?

— Sei lá, em algum lugar lá no meio da periferia. Provavelmente já foi todo depenado a essa altura.

— Engraçado, Johnson. Muito engraçado.

— Las Casas veio dirigindo atrás de mim, levou até a embaixada. Está tudo bem com ele. Você vai ter que dar umas explicações pra patroa, mas não deu perda total nem nada parecido.

— Puta que pariu, Johnson!

— O que eu posso te dizer, querida? Eu vi que estava sendo seguido, e acontece que eu não curto esse tipo de coisa. E da próxima vez que você resolver adotar essa linha de atuação, pelo menos faça o seu trabalho um

pouquinho melhor. Não é todo dia que se vê um Volvo entrando a toda velocidade na favela. Você ao menos sabia onde estava? Vamos embora.

Estamos voltando pra embaixada por um caminho que eu não conheço. Pelo menos eu acho que estamos voltando pra embaixada. Eu queria estar com a minha arma.

— Você disse prum cara negro procurar por mim? — eu pergunto.

— Não, mas o Luis provavelmente sim. Datsun branco?

— Sim.

— O próprio.

— Quem é ele?

— Sabe, Diflorio, eu respeito o que você faz.

— Fala sério.

— Sim, caralho, aquilo que você e o Adler fizeram no Equador foi bem bacaninha. Mais lento que cagar melaço, mas também foi bacaninha.

— Você não sabe merda nenhuma do que eu fiz no Equador.

— Não só eu sei que merda você fez em Quito como eu também sei que aqui não é Quito, caralho.

— Ou seja?

— Essa tua estratégia aí de ficar escrevendo essas palavrinhas não serve pra bosta nenhuma num país onde a maioria das pessoas não consegue nem soletrar comunista.

Por escrever palavrinhas ele quis dizer os comunicados que mandei à imprensa alertando as pessoas sobre a ameaça comunista no Equador. E também aqueles que o “partido comunista” escreveu elogiando o Reitor da Universidade Central do Equador, para fazer com que as pessoas não votassem nele, o que foi um sucesso. Por escrever palavrinhas ele quis dizer os panfletos que eu criei para a Frente Jovem de Libertação, uma organização comunista que eu inventei simplesmente comprando um anúncio de meia página no jornal e botando dois agentes com pinta de mais novos que falavam espanhol para posar de esquerdistas exilados da

Bolívia caso alguém quisesse falar com eles. Nós acabamos desmobilizando o movimento estudantil comunista de tantas vezes que demos à polícia militar a informação de onde eles se encontrariam. Por escrever palavrinhas ele quis dizer a Frente Anticomunistas que eu criei e as 340 pessoas que eu recrutei para treinar lá nos Estados Unidos para identificar e difundir alertas sobre a ameaça comunista, porque eu já estive na Hungria e aquilo é uma puta duma ameaça comunista. Por escrever palavrinhas ele está falando do que foi preciso fazer tanto para eleger o Arosemana quanto para derrubá-lo quando ele se tornou o inevitável incômodo que latino-americanos sempre se tornam quando você dá a eles um pouquinho de poder. Tudo isso mantendo essa merda toda fora do *New York Times*, quando homens como Johnson e Carlucci estavam fodendo com o Congo. Mas era muita cara de pau.

— Não pense que eu não respeito a sua abordagem mais leve, Diflorio, ou mesmo você, nesse caso. Mas isso aqui não é o Equador. Nem de perto.

— Abordagem mais leve. Podiam ter usado um pouco mais de leveza lá no Congo.

— O Congo está bem.

— O Congo está uma bagunça. Nem é mais o Congo.

— Mas não é comunista.

— É claro.

— Você é patriota, Diflorio?

— Quê? Mas é claro. Que pergunta de merda.

— Bom. Pelo menos um de nós é. Eu só faço o meu trabalho.

— Essa é a parte em que você me diz que está nessa só pela aventura? Que você faria tudo de graça?

— Não, a grana é bem boa, também. Patriota. Puta merda. O seu problema é que você acredita no papo furado do seu próprio governo.

— Você acha que me sacou direitinho, não é mesmo? Toda e qualquer carta que chega na Jamaica vinda de Cuba, da China ou da União Soviética, e toda carta que sai daqui e vai pra lá passa primeiro pela minha mesa. Eu tenho um homem infiltrado em cada organização de esquerda nesta porra deste país, que nem o viado do Bill Adler conseguiu descobrir. Você não é nada diferente dos doze idiotas que ele mandou embora.

— Como assim?

— Tudo o que você faz é foder com tudo. Se caras como você não fodessem com tudo, caras como eu nem seriam necessários, pra começar. Agora mesmo, acabei de compilar uma Lista de Controle e Acompanhamento de Subversivos que deixou o Bush muito contente. Como é que está a sua avaliação de desempenho, Johnson? Estou vendo que você está mandando muito bem na parte sobre ficar fazendo merda por aí com terroristas.

— Haha. O Doctor Love me falou de você.

— Ah, é assim que ele se chama agora? Ele e seus amiguinhos cubanos riquinhos e retardados pensaram que iam começar uma contrarrevolução só porque os papaizinhos deles tinham dinheiro para comprar umas arminhas. Se eles tivessem deixado Cuba para pessoas como eu em vez de pessoas como ele, já haveria um McDonald's em Havana a essa altura.

— Bravo. Exceto por um detalhe, Diflorio. Você está com a impressão errada de que conseguiria fazer tudo isso sozinho. Você e os da sua laia, seus contadores de merda. Filhos da puta que nem você não fazem a mais puta ideia do que acontece nas ruas, e tá tudo bem. Só pare de enganar a si mesmo achando que vocês não precisam de homens como eu.

— Extraordinário, o que você disse.

— E qual é o seu grande projeto agora, Diflorio? É a porra dum livro de colorir, é isso que é. A porra de um livro de colorir que...

— Tem que começar a ensinar desde cedo, seu babaca.

— Página seis: Papai disse que vivemos numa democracia, não num estado totalitário, agora pode colorir as letras URSS.

— Vá se foder.

— Ora, particularmente eu acho que livros de colorir anticomunistas são demais. Perfeitos para um país onde a maioria da população não sabe ler.

— Porra, você passou num sinal fechado, Johnson.

— Tá com medo?

— Tô de saco cheio. E cansado. Pra onde você tá indo?

— Achei que você quisesse ir pra casa.

— Me leva de volta pra embaixada.

Ele olha pra mim e começa a rir.

— Talvez você deva ir pra casa. Ainda não consigo entender sujeitos como você, Diflorio. Você é exatamente igual ao Carlucci. Você e ele, os garotinhos do Kissinger.

— Não me diga o que fazer, Johnson. Sério, você está se achando.

— Essa é a parte em que você me diz que eu sou um porra-louca?

— Não, essa é a parte em que eu digo pra você ficar com os olhos na estrada, não em mim.

— O que é que você sabe, Diflorio?

— Mais do que você imagina, Johnson.

— Você sabia que certos agentes culturais daqui estão tentando criar o seu próprio partido? Não os esquerdistas, nem os jamericanos, nem a igreja, nem os comunistas. Um grupo totalmente diferente. Este país vai terminar o ano mergulhado num caos fodido a menos que alguém faça alguma coisa. E por caos eu quero dizer na definição do seu chefe, o Kissinger.

— O Kissinger não é meu chefe.

— E Jesus não é o caminho, a verdade e a luz. Seu negócio é a papelada, Diflorio. Você está na diretoria do escritório, e tá tudo bem.

Alguém tem que fazer a contabilidade e imprimir livrinhos de colorir, mas não é isso que resolve as coisas na rua. Você sabia que a gente quase pegou o cara dois dias atrás? Quase grudamos ele no cimento fresco. Quase pegamos o filho da puta do comuna.

— O que te impediu?

— Não finja que você sabe de quem eu tô falando.

— Então de quem você está falando, Johnson?

— Caralho. Você não sabe de merda nenhuma, mesmo. Tô falando do primeiro-ministro.

— Não fode, seu babaca.

— A porra do primeiro-ministro Michael Josué Manley. A gente quase pegou ele. Quarta-feira, ali pelas quatro. O PNP tinha convocado uma reunião em Old Harbour, você sabe onde fica, certo? Enfim, era só mais um desses encontros pra discutir o problema da violência, porque esses filhos da puta adoram se encontrar. Por sinal, ainda estamos esperando pela transcrição, mas dizem que o Manley andou recebendo ligações de Stokely Carmichael e Eldridge Cleaver a semana inteira. Mas enfim, por algum motivo, começa uma discussão e esse sujeito do exército — a gente precisa descobrir o nome dele — simplesmente dá um soco no secretário do partido. Um direto bem no meio da cara dele. Aí, finalmente, o primeiro-ministro resolve se mexer e confronta o oficial, que basicamente mandou ele à merda. O Manley não ia recuar, mas antes que ele se desse conta, estava cercado por soldados, cada um deles apontando uma arma carregada em sua direção. E foi isso, soldados em Old Harbour puxaram suas armas para a porra do primeiro-ministro do país. Mas é claro que eles deram pra trás e ninguém atirou.

— Uau. Que história sensacional. Joga um romance aí por cima e você já pode vender pra Hollywood. Agora explica pra mim por que nós, americanos, iríamos querer pegá-lo? Não temos nenhuma ordem para executar o primeiro-ministro ou qualquer outro político neste país. Isto

aqui não é o Chile, Johnson. Talvez eu seja um contador, mas você é um criminoso. Suas táticas sempre acabam produzindo um grande volume de merda que homens como eu temos que limpar.

— Mas se servirem pra alguma coisa...

— Escuta, você não tem nenhuma ordem para executar ninguém, você me ouviu?

— Não vou executar ninguém, Diflorio. A Companhia não colabora, não colaborou nem irá colaborar com indivíduos ou organizações terroristas, e não tolerará seus atos. Além do mais, como você disse, isto aqui não é o Chile.

Tenho vontade de dizer que fico feliz que ele pense daquela maneira, e que esses são assuntos delicados, que precisam ser abordados de uma forma delicada, para deixar o mínimo de rastros e danos colaterais possíveis, mas então ele diz:

— Não, não é o Chile, mas com certeza vai ser como a Guatemala em alguns dias, escuta o que eu digo.

— O quê? O que foi que você disse?

— Você me ouviu.

— Não.

— Sim. Desta vez, infelizmente, é maior que você, maior do que a Companhia, então não venha me falar das suas ordens de merda.

— Não.

— Sim.

— Jesus Cristo. Você esqueceu que eles me mandaram pra Guatemala por alguns meses para observar as eleições? Mais ou menos na mesma época aqueles psicopatinhas de meia-tigela que estavam com as nossas armas começaram a matar tudo o que viam pela frente. Quanto tempo faz que você está treinando eles?

— Não estou no ramo de treinamentos. Mas relatos não confirmados vão dizer que faz um ano.

— O cubano. Ele...

— Você não é tão lento pra pegar as coisas como as pessoas acham.

— Quantos?

— Porra, Diflorio.

— Quantos, seu filho da puta?

— Não estou no ramo da espionagem, Diflorio. Mas se eu estivesse, eu te diria mais que dez, menos que duzentos. E eu tenho outra equipe de patriotas na Virginia. Lembra do Donald Casserley?

— Liga de Libertação da Jamaica. Uma vez nos pediu um dinheiro para sua organizaçãozinha, mas a gente se recusou a dar porque ele é um filho da puta dum traficante de drogas. Mas o que é isso? Uma segunda chance para os caras que fracassaram na Baía dos Porcos? E tem eleição em treze dias.

— Você está enxergando muito na frente, Diflorio. Olha só. Não é que nem na Guatemala, porque eles são inteligentes, e não é que nem no Brasil, porque eles não têm o desejo de governar a porra do país inteiro.

— Quem diabos é o seu alvo?

— Eu não sei do que você está falando, Diflorio. Agora, se um monte de caras quiser, digamos, fazer sua estreia, digamos, hoje, não é da minha conta interferir nesses assuntos internos.

— Puta merda, você quer dizer hoje?

— Não posso compartilhar esse tipo de informação, Barry, mas se pudesse...

— Cancela essa missão, Johnson. Agora, pelo amor de Deus.

— Eu nem saberia pra quem ligar, desculpa. Meu palpite, se me permite, é que já é tarde demais de qualquer modo. Além disso, a política do Governo Federal dos Estados Unidos para...

— Enfia essa política no teu cu, Johnson.

— Vou levar você pra casa, de volta praquela sua esposa linda.

— Louis, me escuta. Eu não sei se você é da NSA, da WRO, ou sei lá pra quem você trabalha, mas dê esse passo pra trás e deixe a diplomacia seguir seu curso.

— Serviço de primeira no Equador, aliás.

— Cala a porra da sua boca e me escuta. Nós já investimos muito, caralho. O governo sabe disso. O diretor da CIA sabe disso. Sério, com quem você acha que está falando? Nós investimos mais de dez milhões um ano antes dessa eleição. Sal, no *New York Times*, aqueles trinta gordos filhos da puta no PTJ, Jesus Cristo, a Organização do Setor Privado da Jamaica.

— Por que você está me explicando essas coisas, Barry? Nós somos os dois lados de uma mesma moeda.

— Não tenho nada a ver com você.

— Mesmo que esses dois lados jamais se vejam.

— Nós estávamos tão perto, seu filho de uma puta.

— Eu não sou o filho de uma puta pra quem você tinha que dizer isso, Diflorio, esse seria o seu namoradinho, o Georgie Bush. Sem falar que já é tarde demais, é isso que estou tentando te dizer. Vai pra casa, vai assistir *Starsky & Hutch*. Vai assistir ao noticiário de hoje. Vai ser uma coisa e tanto.

PAPA-LO

Não me lembro da última vez que andei tão rápido e demorei tanto pra chegar num lugar. Talvez seja porque o sol pareça estar contra mim, esse viadinho incandescente tá muito rabugento hoje. Quando perguntei pro Josey se ele sabia de alguma coisa sobre a Operação Lobisomem, ele sacudiu a cabeça e disse que não. Mas a Wang Gang tem explosivos, e não é tanta gente assim que trabalha com o cubano. Só eles e o Josey.

Eu tava pensando o seguinte. Com ele controlando o leste e eu segurando a bronca no oeste e, numa dessas, o Tony Pavarotti apontando sua arma pro norte, fica o mar ao sul e a gente tá bem protegido. Mas com todo mundo espalhado desse jeito pelo mapa, a mão direita começa a não saber mais o que a mão esquerda tá fazendo. Eu acho que isso é minha culpa. Só pode ser minha culpa. Se o corpo tá doente, a cabeça devia ser a primeira a saber. Não é assim que dizem? Eu e o Josey não nos falamos mais. Não, não é isso. Um homem, não, certos homens se meteram entre a gente, homens que vão nos usar e depois jogar fora que nem se a gente fosse lixo. Tô de saco cheio desse jogo sujo, e o Shotta Sherrif tá de saco cheio também. Engraçado que eu tenha mais certeza do que o Shotta Sherrif tá pensando do que o que o Josey Wales tá pensando. Tô a menos de cem metros da casa do Josey.

O mundo, do jeito que tá, parece até que os sete selos foram abertos, um atrás do outro. Tem alguma coisa pairando no ar, algum lance ou o prenúncio de um furdunço. Tem dois setes se repetindo daqui a menos de um mês. Tô andando até a casa do Josey e me esqueci do rosto da minha mulher. Levei menos de um minuto pra lembrar, mas me assustou que eu

tinha esquecido o rosto dela. Mas então eu lembrei de uma garotinha, bem parecida com ela, só que a gente ainda não tem um filho, apesar de que tem um monte de mulher por aí dizendo que os filhos e as filhas delas tinham que ter o meu sobrenome. Caminho pela rua e vou passando por um pátio após o outro. Um cortiço, depois mais um cortiço, depois mais um, todos com quatro andares, uma cerca alta o bastante pra esconder o térreo, um prédio rosa, e o outro verde e o outro cor-de-osso, e eu nem lembro mais quem foi que nos convenceu a escolher essas cores, talvez aquela mulher deles lá. Estou há menos de setenta metros da casa do Josey.

Quando um pai vira as costas pro seu filho, ele não pode ficar chocado quando o filho não o reconhece mais. Não que o Josey seja meu filho, ele me daria um tiro se eu sequer o chamasse de moleque. Mas é minha culpa, eu virei as costas pra ele porque eu tava fazendo uns lances que eu achava que ele não seria capaz de fazer. Tem gente que não faz nada além de sonhar, e gente que não faz nada além de agir, e isso não é nem bom nem ruim. Gente como o Josey não tem visão, gente como eu não tem impulso. Eu ando pensando, e falando, e mostrando pras pessoas um novo pensamento voltado pra gente, e só pra gente. Sem políticos nem governos. Um sistema diferente, melhor do que esse sistema de merda, no qual as armas são muito pesadas, então ninguém anda armado, no qual a minha mulher, a sua mulher, a mulher de todo mundo não trabalha mais só pra deixar o seu patrão mais rico. Você acorda querendo alguma coisa nova, porque o antigo tá tão velho que nem fede mais, simplesmente é carregado pelo vento que nem pó. Cinquenta metros pra casa do Josey.

Queria que nós dois estivéssemos pensando do mesmo jeito quando eu saísse da casa dele. Gente boa, os Rastafáris me ensinaram o caminho das pedras. A Babilônia começa a nos enganar quando faz a gente pensar que a gente tem algum futuro no sistema de merda dela. E eu tô de saco cheio disso, e o Shotta Sherrif tá de saco cheio disso e o Cantor tá de saco cheio

disso. Toda vez que eu vou até a casa do Cantor e vejo que um cara de Copenhagen City e um cara de Eight Lanes podem se encontrar e trocar uma ideia, eu fico pensando que um triângulo tem três lados, mas todo mundo acaba vendo só dois. Quarenta metros pra casa do Josey.

Eu sei o que o Josey tá tramando. Muita gente ainda vai morrer antes que aconteça. O Josey e o Doctor Love. O Josey e o americano. O Josey e o Peter Nasser. Não tem como o PNP vencer essa eleição. Uma vitória do PNP ia instaurar um tremendo furdunço na ilha. O americano diz que a escolha entre caos e paz, entre fartura e fome é inteiramente nossa. Mas os jamaicanos podem ser burros, muito, muito burros. O pobre já sofre bastante. Se o PNP vencer, o que é ruim vai ficar ainda pior. Mas ainda assim. Ainda assim eu fico pensando no tamanho da quizumba que o cara tá pensando em se meter se ele nem quis contar nada pra mim. Tem muita gente envolvida nesse babado que não fala e nem se parece com a gente. Vinte metros pra casa do Josey.

A dez metros da casa do Josey, uma rajada de balas acerta o chão uma duas três quatro cinco seis sete oito e eu paro. Três jipes vêm voando rua abaixo e começam a andar em círculos em volta de mim, levantando poeira que nem aqueles tornados que rolam lá nas terras dos brancos. A poeira levanta cada vez mais, e fica mais grossa e mais densa. Os carros ainda estão andando em volta de mim, mas eu só consigo ouvir, porque a poeira não me deixa ver nada. Só quando a poeira baixa é que vou ver que geral já tinha saltado dos carros, policiais e soldados, todos empunhando suas metralhadoras, algumas delas apontadas pra mim, outras apontadas pra rua, procurando por todos os cantos um idiota que acendesse aquela chama. Eu também tô procurando. Isso nunca acontece, até mesmo o policial mais corajoso sabe que a única maneira de entrar em Copenhagen City é se enfiar por uma fresta ou um buraco aberto, como um cano de esgoto. A polícia tá avisada que não é pra pisar aqui. Principalmente depois do que aconteceu com eles da última vez. O Exército prefere partir

de uma posição em que consiga pegar todo mundo, um por um, como se a gente fosse mosca. Eu também tô procurando porque era pros meus homens estarem aqui, prontos e armados muito antes que qualquer jipe pudesse entrar em Copenhagen City. Mas as portas de todas as casas tão trancadas. O Josey não vai sair. O Josey não tá aqui. O Tony Pavarotti não tá vigiando o norte. O lugar mais parece uma daquelas cidades dos filmes do Clint Eastwood em que os bandidos mandaram todo mundo embora.

Dois soldados de verde e dois policiais, um de azul e o outro de khaki e óculos escuros, caminham na minha direção.

— Que porra é essa aqui? — eu pergunto pro policial de khaki.

— Tu que é o Papa-Lo? — ele diz. É um cara alto, com a barriga protuberante, que nem a de uma grávida.

— Quem?

— Opa, e eu lá tenho pinta de papagaio pra ficar me repetindo pra meliante? Tô perguntando se tu que é o tal do Papa-Lo.

— Pelo jeito tu não sabe.

— Ô, e eu lá tenho pinta de quem perde tempo com um merda dum favelado?

Ele olhou por cima do meu ombro e balançou a cabeça duas vezes. Eu demoro muito pra sacar o lance e me abaixar antes que o soldado atrás de mim me acerte na nuca com a coronha do seu fuzil. Acho que ele me bateu outra vez, porque eu ouvi dois estalos e fiquei tonto, eu não conseguia nem mais saber qual a próxima palavra que ia sair da minha boca. Meus joelhos cederam. Eu não queria que eles fizessem isso, lutei para que eles me segurassem em pé, mas eles não me seguraram. Os policiais e os soldados vieram pra cima de mim. Eles levantaram tanta poeira que eu não consegui ver suas botas se aproximando até que estivessem a um centímetro do meu rosto. Eles começaram a me chutar na cara e vieram descendo até a minha barriga e o meu rabo e as minhas bolas, até alguém gritar que eles precisavam me levar vivo.

Duas vezes eu acordei, duas vezes eles me apagaram de novo. Na terceira vez que eu acordei, levantei de uma caminha de armar e vi as três paredes de pedra de uma cela.

ALEX PIERCE

Por algum motivo estou com um baita frio na barriga subindo a Hope Road de carona com o Mark Lansing. O filho da puta dirige mal pra caralho, pelo menos aqui na Jamaica. O fato é que a gente veio o tempo todo, desde New Kingston até a Hope Road, dirigindo pelo meio da rua porque ele simplesmente não conseguia se manter à esquerda. Ainda assim, ele teve um colhão tremendo de mandar todos os jamaicanos que buzinaaram pra ele se foderem. Eu simplesmente me afundei no banco, meio que não querendo que ninguém me visse dentro dum carango com o Mark Lansing — não que alguém fosse me reconhecer, também —, meio que torcendo pra que, se alguém resolvesse dar um tiro, a bala pegasse primeiro nele. São sete da noite. O expediente já se encerrou na maior parte de Kingston, e os carros lotam as ruas com seus para-choques grudados uns nos outros, as buzinas berrando como se estivessem dando prosseguimento ao concurso de xingamentos que as pessoas disputavam antes de entrarem neles.

De repente soa uma sirene e todo mundo, menos o Mark, tira o carro da frente e dá passagem.

— Sai da frente, Mark.

— Porra nenhuma, eles que desviem.

— Mark, eu não preciso ficar te dando lição de história pra você saber que tem jamaicanos que adorariam a oportunidade de dar uma surra nuns branquelos, né?

— Olha, eles podem até tentar...

— Caralho, Lansing, sai da frente.

— Tá, tá, puta merda, você tem que aprender a ficar frio, irmãozinho.

Eu tô num carango com a porra do Greg Brady. O pior de tudo é que é bem provável que o Mark tenha aprendido a falar essa merda com o próprio. Absolutamente todas as atitudes desse cara parecem gritar que ele tem um pau pequeno.

A ambulância passa voando e, num movimento que é chocante num primeiro segundo e, depois, absolutamente inevitável no segundo seguinte, o Mark volta pra pista e sai voando atrás dela. Eu gosto de contar os momentos em que fico realmente sem palavras, não quando eu falo que fiquei sem palavras só pelo efeito dramático. E, ainda por cima, ele está sorrindo que nem um idiota, achando que teve uma ideia brilhante. Os quatro carros que vêm atrás de nós tiveram a mesma ideia. Estou vendo que estamos chegando no portão duplo gigantesco da casa do Cantor. Quer dizer, não estou vendo, mas eu sei que só estamos a uma quadra de lá. Lansing se gruda no volante e dá uma guinada na direção da entrada, virando à direita de forma tão brusca que chega a cantar pneu, e o carro que vinha logo atrás gritou *pau no cu da tua vó*.

— Pau no seu cu, irmãozinho.

Estamos do lado de fora do portão do Cantor. Está meio escurinho, mas dá pra ver que tem uma árvore na frente, quase bloqueando a porta de entrada. Olhando daqui, parece que o segundo andar está saindo de dentro da árvore. O Lansing buzina duas vezes e estava indo buzinar uma terceira quando eu coloquei a mão em cima da merda da buzina. Ele dá uma resmungada, sai do carro e caminha até o portão pra chamar a atenção do segurança. O guarda nem se incomoda em levantar. Achei que ele nem estava falando nada, até que ouvi o Lansing dizendo que puta que pariu, ele tinha que estacionar lá dentro, que papo é esse, você sabe com quem você tá falando, caralho, eu vou filmar o bonitão mas é agora mesmo e você pode ir tomar no meio do seu cu se você tá achando que eu

não vou entrar. O segurança não está falando tão alto quanto ele, ainda estou com a impressão de que ele não está dizendo coisa alguma.

— Cuzões. Não estão deixando entrar nenhum carro que não seja da família ou da banda. Filhos da puta.

O Lansing manobra até o prédio de apartamentos que fica de frente pra casa do Cantor e estaciona numa vaga que claramente pertence a uma outra pessoa. Eu saio do carro junto com ele, nem me incomodo em avisá-lo disso. Ele não leva a câmara. Isso é engraçado, ficar assistindo ele pisando com força e bufando como se estivesse prestes a passar uma descompostura em alguém. Jamaicanos são tão serenos que poderiam muito bem ser de Minnesota. Provavelmente ficaram rindo todo o tempo enquanto ele se aproximava do portão.

— Tá feliz agora? — ele pergunta pro segurança. Eu não o estava reconhecendo, mas, pra ser sincero, esses caras tinham todos a mesma cara. O segurança o examina da cabeça aos pés e abre o portão.

— Tu não, só um — ele diz pra mim, e dou um passo pra trás.

— Espera um pouco aí, Pierce. Vou pedir a autorização do bonitão lá.

— Aham. Pode crer, Mark.

— Espera aí.

Ele vai até a porta da frente, depois vira à esquerda e desaparece. Não consigo ver aonde ele foi. O segurança olha para mim, e eu olho para ele. Acendo um Rothmans e ofereço o maço a ele. Ele pega um cigarro e me devolve. Nenhum dos dois interpreta aquilo como algum tipo de conexão, mas, pelo menos, ele não me enche o saco quando me encosto no portão. Consigo ouvir a banda parando de tocar e começando de novo, principalmente a guitarra. Estereótipo é foda, mas eu achava que ouviria mais o baixo e a bateria. Ouvei falar que uns caras novos que entraram na banda estavam levando o Cantor mais pro lado do rock. Eu poderia dizer que eles o estavam afastando de suas raízes, mas daí eu seria mais um

daqueles brancos que têm a presunção de achar que têm o direito de dizer pros negros quais são as raízes deles.

Aqui do portão, não dava para ver muita coisa. O carango todo ferrado do Cantor debaixo de um toldinho. Árvores, mato, um pedaço da face oeste da casa e uns seguranças, pelo menos eu acho que são seguranças, cerca de dez, patrulhando a área. Pela primeira vez estou prestando atenção nos prédios à minha volta. O complexo de apartamentos na frente do qual o Lansing estacionou, o casario antigo ao seu lado, os carros que agora estão subindo e descendo a Hope Road. Eu ainda não tinha pensado qual seria a primeira pergunta que faria a ele. O que você acha das previsões sobre o dia em que os setes se repetem? E o novo disco do Bunny Wailer? Fazer esse show significa que você apoia o PNP? Se o Rasta não está trabalhando para a CIA, ele sabe quem é que está?

Tiro um bloquinho de dentro da mochila e fico encarando a página vazia. Era de se esperar que eu anotasse milhões de perguntas pra fazer pra ele até que o Lansing viesse me dizer que eu podia entrar. Mas estou aqui, no portão da casa dele, e não consigo pensar em nada pra dizer. Eu sei que tem uma história aqui, e eu sei que quero saber que história é essa, mas agora estou me perguntando se é isso mesmo que quero. Ainda não sei bem se fui vítima de um caso repentino de baratinada ou se estou me dando conta de que mesmo que o Cantor esteja no centro dessa história, essa não é exatamente a sua história. Como se houvesse uma outra versão dessa história que não fosse exatamente sobre ele, mas sim sobre as pessoas que estão à sua volta, aquelas que vêm e vão, e que talvez pudessem me fornecer um panorama mais amplo do que eu perguntar pra ele por que ele fuma ganja. Imagina se já não tô aqui pensando que eu sou o Gay Talese de novo.

Os carros estão passando mais depressa. Estou olhando para eles há tanto tempo que não sei quanto tempo faz que o segurança deixou sua guarita. O que eu sei é que o meu relógio está me dizendo que o Lansing

já está há quinze minutos lá dentro. Vou até o portão e enfio a cabeça por entre a grade.

— Oi? Oi? Tem alguém aí?

Não sei onde o segurança se meteu. Só tem um ferrolhinho trancando a porra do portão. Tudo o que eu preciso fazer é destravá-lo e então vou poder entrar. Alguém falou em invasão? Foda-se o Hunter Thompson, eu sou é a Kitty Kelley. Eu estava quase tocando nele quando outro segurança apareceu. Não é o mesmo cara que estava aqui antes. Sua pele é mais clara, e ele tem uma cicatriz em forma de um telefone na bochecha direita. Chego a ficar com vergonha de mim mesmo por tirar conclusões precipitadas. Não, na real, eu não fico. Já está muito evidente que esses caras não são da polícia, nem mesmo de alguma firma de segurança minimamente decente, ainda que todos estejam armados com metralhadoras. Talvez o Cantor tenha simplesmente contratado uns moleques da favela. Eu já devia ter aprendido a não confiar no Lansing. Provavelmente ele deve estar se divertindo, assistindo de alguma janela o seu grande amigo Alexander Pierce esperando aqui fora nesse calor. Eu quase cheguei a pensar que o Cantor poderia estar junto com ele na janela, rindo de mim também, mas não consigo imaginar que alguém tão bacana perderia seu tempo com um babaca como o Lansing, independentemente do que ele estivesse fazendo. Mas mesmo assim.

O portão abre apenas o suficiente para que sua BMW passe pela fresta. Meu coração acelera, juro por Deus que me sinto como uma adolescente. Mas não é ele. Uma outra pessoa está dirigindo o carro, um Rastafári magro, e tem uma mulher que parece uma das backing vocals no banco do carona e um outro cara no banco de trás. O motorista está puto, e ele olha pra trás, pro outro cara, e depois pra mulher, e depois pra mim e depois ele vai embora. Só quando ele está indo embora é que eu me dou conta de que ele vai mergulhando na mais completa escuridão. Os faróis do carro vão sumindo pela rua. Não me liguei que já tinha passado das

oito. Eles acendem as luzes no segundo andar. O portão se fecha. Eu tinha quase certeza de que estava esperando do lado de fora desse portão há mais de quarenta e cinco minutos, mas, sinceramente, eu já tinha perdido a conta. Você sabe onde meu chapa está?, eu digo para o espaço vazio. O segurança abandonou sua guarita e penso mais uma vez em entrar sorrateiramente. Seria tão fácil. Bom, pelo menos até que eu realmente entrasse e dez guardas me atacassem antes de fazer qualquer pergunta.

Uma caminhonete F100 vermelha freia bruscamente e faz uma curva fechada à direita na direção da entrada da casa. Dou um salto pra sair do seu caminho. Tem dois homens dentro da caminhonete, ambos negros e usando óculos escuros, apesar de ser noite. O motorista me encara e eu junto todas as minhas forças pra ficar encarando ele de volta. O outro cara está com o braço pra fora, batendo na lateral da caminhonete. O motor ainda está ligado. O portão se abre mais ou menos um metro e sete homens, usando calças jeans, khakis e bocas de sino, todos armados com pistolas e fuzis, vão na direção da caminhonete e sobem na caçamba. O último, um baixinho de dreadlocks vestindo uma regata vermelha, verde e amarela, me encara por um segundo, sem parar de correr. A caminhonete se enfia no meio do trânsito sem nem olhar e pega a esquerda. O portão se abre um pouco mais e eu tenho que sair com outro salto da frente de um Escort azul que passa em alta velocidade com quatro ou cinco figuras dentro dele, segurando suas armas para fora das janelas. Eu estava muito ocupado rolando pela calçada pra poder contar. O carro vira à esquerda na Hope Road e os outros carros têm que pisar no freio. Eu me levanto e dou uma olhada na guarita. Ninguém fechou o portão. Acho que todos eles foram embora.

É a primeira vez que estou na casa dele. Será que ele mora aqui? Eu não sei nem isso. A entrada dos carros se transforma numa rótula com algumas árvores no centro que te leva até um pórtico com quatro pilares, um corredor e uma porta dupla que parece estar parcialmente aberta. Nos

dois andares, todas as janelas têm uma cor meio de ferrugem, e também estão abertas. A banda ainda está tocando, mas todo mundo que estava do lado de fora da casa foi embora. Eu começo a ir pra esquerda, na direção da caminhonete ferrada dele. Meu pai tinha uma dessas, não do mesmo modelo, mas uma caminhonete velha e toda ferrada que ele amava mais do que seus próprios filhos. Acho que ele gostava tanto daquela caminhonete porque era a única coisa que podia até ficar velha, mas jamais morreria. Bom, pelo menos até o dia em que ela morreu mesmo. Isso tá esquisito pra caralho, dá pra ouvir claramente a música vindo lá de dentro, mas aqui fora tá tudo quieto. Não exatamente silencioso, com todo o barulho dos teclados e da bateria e do trânsito, mas tem uma sensação de quietude que está começando a me incomodar. Não consigo pensar em outra maneira de descrever. Não acredito que aquele filho da puta do Lansing simplesmente me abandonou aqui. Talvez ele tenha mesmo me dado um cano. Talvez seja a escuridão em que estou imerso. Será que alguém lá dentro sabe que todos os seguranças foram embora e deixaram o portão aberto? Será que é uma troca de guarda? Será que os outros caras estão atrasados como todo jamaicano?

Que se foda. E ele que se foda também. Eu já devia esperar por isso. Talvez ele estivesse se vingando por todas as coisas que eu disse pelas suas costas, porque agora eu me sentia como um perfeito otário. Só que o Mark Lansing é alguém de quem eu nunca falava, nem mesmo pra dizer alguma coisa ruim a seu respeito. Além disso, pra quem eualaria mal dele? Foda-se esse filho da puta, e sabe do que mais? Foda-se essa porra toda. Talvez eu esteja me iludindo. Outra vez. Talvez seja mais negócio eu descobrir por onde anda o Mick Jagger pra que eu possa manter a porra do meu emprego, ou, pelo menos, me encontrar com esse fotógrafo que eu ainda nem conheci. Parando pra pensar, não sei nem se ele ainda está no país.

Dou meia-volta e saio pelo portão. A Hope Road está movimentada. Não deixei nada no carro do Lansing, então começo a andar. Os carros continuam passando, e vejo um Escort branco que se parece com um táxi. Bom, o motorista está com o braço pra fora da janela, o que geralmente quer dizer que ele está balançando notas de dólar dobradas entre os dedos, das corridas feitas anteriormente. Faço um sinal e ele para. Abro a porta para entrar, olho pra casa e vejo um carango azul se aproximando do portão.

NINA BURGESS

A noite me alcança. Eu tô andando há horas. Sim, ônibus passaram por mim pra cima e pra baixo e alguns deles até chegaram a parar, mas eu tô andando há horas. Eu vim andando desde Duhaney Park, onde meus pais moram, que fica ao nordeste da casa Dele, se você botar a casa Dele no centro do mapa. Kimmy achou que eu tava indo pra cima dela, e saiu correndo. Ela achou que eu tava indo pra cima dela segurando o cinto da maneira errada, a tira na minha mão, a fivela suspensa, só esperando para arrancar um olho da cara dela com uma chicotada. Ela saiu correndo que nem aquela puta que morre primeiro em *Noite do terror*. Chegou a tropeçar no aspirador que mamãe se esqueceu de guardar porque tava muito aborrecida com o fato de que sua filha mais velha tinha se transformado numa tremenda piranha, uma vadia que dava prum Rastafári.

Mas eu não tava indo pra cima da Kimmy. Eu já tava satisfeita por ela querer assumir o papel da garota que grita num filme de terror só pra ficar no centro das atenções mais uma vez. Aposto que ela provavelmente acha que o tiro acabou saindo pela culatra, não porque meu pai acabou estirado no chão tentando recuperar o fôlego e minha mãe gritando pra eu ir embora enquanto eu ignorava ela, e nem porque aquilo não tinha saído nem de perto do jeito que ela havia imaginado. Era porque ela não tinha conseguido fazer com que tudo aquilo acabasse sendo sobre ela. Eu devia ter corrido atrás dela e largado pelo menos duas boas cintadas nas costas dela. Mas quando sua mãe está gritando que você é um demônio saído do fosso negro de Geena, e que só pode ter sido porque ela não observou as

restrições da quaresma que o diabo encarnou nela e trocou seu lindo bebezinho por um demônio, ou você diz a ela que ela tá precisando assistir uns filmes melhorezinhos ou apenas vai embora. E era isso que eu tava fazendo. A Kimmy simplesmente tava no meio do meu caminho até a porta. Ela foi gritando o tempo todo enquanto subia as escadas pro seu quarto, perdão, seu antigo quarto, e bateu a porta.

Larguei o cinto e fui pra rua. Assim que a luz do pôr do sol tocou minha pele, comecei a correr. Seis da tarde já tinha chegado e já tinha passado também. Quando mamãe ligou, parecia uma emergência, então eu pus os tênis verdes de corrida que eu não usava desde que tava com o Danny, que foi quem comprou eles, porque eu acho uma bobagem usar tênis de corrida. E eu não disputava uma corrida numa pista desde o colegial, pra que eu ia precisar deles? A certa altura, eu parei de correr da casa dos meus pais, deve ter sido quando andei um pouco pela rua e um carro freou com tudo e gritou pra eu tirar meu cu cagado dali. Ou talvez quando eu continuei correndo pelo meio da rua e um outro carro freou com tudo e disse essa piranha tá mais louca que surdo em bingo. Ou talvez quando eu entrei no ônibus que me levou até Crossroads, apesar de eu não querer ir até Crossroads, e não conseguir me lembrar de quando eu subi naquele ônibus.

O visto é uma passagem. Isso é tudo o que ele é. Não entendo como é que eu sou a única que enxerga isso. O visto é uma passagem pra fora do inferno em que essa porra desse PNP vai transformar este país. Você só precisa acompanhar as notícias pra saber disso. Você não precisa esperar até que um dos cavaleiros do apocalipse da mamãe apareça, ou qualquer outra merda dessas. Ela adora ir à igreja pra ficar ouvindo sobre sinais e milagres e sobre como a gente tá vivendo os últimos dias. Bando de ingratas, aquelas duas desgraçadas, será que elas não veem que isso é... que isso é... merda, eu não sei o que isso é, e nem por que eu tô em Crossroads quando era pra eu estar na Hope Road. Eu não devia nem

falar nada, e simplesmente aparecer lá. Eu devia simplesmente conseguir os vistos e as passagens de avião e enfiar goela abaixo deles, antes que a Kimmy tivesse tempo de convencer eles a não fazerem aquilo, como se os pais dela tivessem que esperar pra ver quando o sistema de merda supostamente daria um jeito em si mesmo. Eu desço da porra do ônibus.

Saí de casa antes de ouvir meu pai se recuperar. Bem feito pra ele. Bem feito pra todo mundo. Eu tô ficando meio de saco cheio de tudo quanto é homem, incluindo agora o miserável do meu pai, achar que tem o direito de se comportar da pior maneira possível assim que me enxerga. Maravilha, agora eu tô parecendo a minha mãe falando, e nem fodendo eu quero acabar que nem ela. Meu pai me deu uma surra que nem se eu fosse uma garotinha. Que nem se eu fosse um pivete do cu cagado, e é tudo culpa da Kimmy. Não, não é culpa dela. Ela é só uma retardada que se dá o mesmo valor que qualquer macho dá pra ela, incluindo o papai. Não, é culpa do Cantor. Se ele não tivesse me comido, eu não tinha nada que ver com ele, e se a embaixada tivesse me dado a porra do caralho do cu cagado daquele visto em vez de me encher o meu saco com aquela merda toda sobre eu não ter ligações suficientes, porra, como se eu fosse querer fugir praquela merda daquele país onde o Filho de Sam mete bala na cabeça de geral, e tem homem feito que gosta de cu de garotinho, e os branco ainda chama os nêgo de crioulo, e em Boston tentaram apunhalar um nêgo com uma bandeira, nem se importando que tinha alguém tirando foto.

Jesus Cristo do Cu Cagado, como eu odeio quando eu falo feio. Também me dei conta de que eu tinha falado tudo aquilo, não apenas pensado, e a garotinha vestindo uniforme de colégio que vinha andando logo atrás de mim deu no pé e atravessou a rua correndo. Um pouquinho de compaixão não ia te matar, dá vontade de dizer. Eu deixo chegar na ponta da língua, mas não digo. Em vez disso, vou pro leste de Crossroads junto com todos os ônibus e todas as pessoas e todas as garotinhas

vestindo uniformes de colégio azuis e verdes e todos os garotinhos em uniformes de khaki que estão crescendo muito rápido, indo em direção à Marescaux Road.

Dentro do ônibus, meu coração bate forte mais uma vez, mais forte do que quando eu tava batendo no papai. E não dava trégua. Eu tô no ônibus junto com as malas, bolsas, mochilas, sapatos Oxford reluzentes e saltos discretos. Todo mundo tá voltando do colégio e do trabalho pra casa, mas eu não. Eu nem tenho um emprego. E a droga dos meus pés tão coçando por causa desses malditos tênis de corrida. Pego uma mulher sentada à esquerda, a quatro bancos do fundo, olhando pra mim, e fico me perguntando se tem alguma coisa errada comigo. Acho que meu cabelo não tá assim tão bagunçado. E minha camiseta tá de novo pra dentro dos meus jeans e com certeza eu não tenho cara de quem mendigou uma carona do cobrador. Espero ela tirar os olhos do jornal e olhar pra mim mais uma vez, e quando ela faz isso, eu a encaro de volta. Ela desvia o olhar rapidinho. Mas a desgraçada me fez perder meu ponto. Eu salto quando o ônibus para e percebo que eu tava errada. Aquela mulher tinha feito eu descer muitos pontos depois, pelo menos uns cinco ou seis. Foi aí que eu comecei a andar. Eu nem pensei direito naquilo, nem em quanto tempo aquilo ia demorar ou em quanto eu estava longe. A Lady Musgrave é uma rua bem grande.

Minhas pernas devem saber por que eu tô fazendo isso, já que a minha cabeça não tem a menor ideia. Talvez não reste mais nada pra fazer pra não ser isso. Não é isso que, supostamente, um emprego devia fazer, preencher esse espaço que eu acho que agora tô sentindo que eu preciso preencher com alguma coisa? Que papo furado. Eu não sei do que eu tô falando. Meus pais nem querem mais ser meus pais. Talvez eu só fique parada lá, do lado de fora do seu portão, até que alguma coisa me faça sair, ou eu encontre alguma coisa pra fazer. Talvez não faça sentido eu perguntar se eles querem se mudar ou não, e tudo que importe seja eu

pegar essas porras desses vistos e aí eles vão poder fazer o que quiserem com eles. Eu tentei. Isso mesmo, a nojenta da sua filha que fica fodendo com Rastafári. Talvez eu devesse ter perguntado o que é que incomodava mais, a parte do Rastafári ou da foda.

Paro no cruzamento. Quero me deitar na grama da calçada e quero sair correndo e continuar correndo. Abro minha bolsa e tiro de lá meu pó compacto, mas eu juro por Deus que nem lembrava que tinha trazido uma bolsa. Eu sei que para algumas mulheres é como se fosse o seu décimo primeiro dedo, você nem pensa naquilo, mesmo se troca de bolsa todos os dias. Mas não lembro nem da bolsa. Quem é que consegue correr com uma bolsa? Eu devo estar ficando louca. Eu tô indo até a casa do Cantor pra pegar um dinheiro pra fazer uma coisa pra umas pessoas que nem querem isso e nem querem saber de mim, mas eu vou lá de qualquer jeito. Porque, bem, porque sim. Por algum motivo parece que essa é a primeira vez que eu tô me olhando num espelho hoje. Parece que eu tava me iludindo a respeito do meu cabelo, que tá que nem um ninho de rato louco. Parece que eu tirei bobes do meu cabelo, mas não fiz mais nada depois disso. Um cacho enorme tá espetado do lado esquerdo da minha cabeça e um outro tá descendo pela testa, por cima da sobrancelha direita. Parece que quem passou batom em mim foi um bebê cego. Que merda. Eu sairia correndo de mim mesma.

Engoli tudo. Puta que pariu, eu não vou chorar agora. Você ouviu bem, Nina Burgess, você não vai chorar agora. Mas a grama parece tão legal, eu só queria baixar a cabeça e começar a gritar, alto o bastante para que as pessoas tivessem certeza que era pra deixar aquela maluca em paz. Que tremenda infeliz eu devo ser, bem como minha mãe acha que eu sou. Talvez eu esteja ficando louca de tanto caminhar. Quem é que ainda vai andando pros lugares hoje em dia? Ontem à noite eu pensei que eu iria andando de volta pra casa desde lá de Havendale, que nem uma idiota. Será que alguma mulher que tem a mesma idade que eu, que foi pro

colégio comigo, tem algum propósito na vida? Por que é que eu tô solteira? Onde é que eu tava com a cabeça de pensar que eu ia me mudar pros Estados Unidos com o Danny? Ele só veio até aqui pra comer uma nativa, então missão cumprida. Essa mensagem se autodestruirá em três anos. Eu devia ter mesmo enfiado o pau na Kimmy. Ou ter dado pelo menos um chute.

Foi entre a caminhada e essa parada que a noite foi se impondo sorrateiramente.

— Com licença, que horas o senhor tem aí?

— Que horas você quer?

Eu dou uma boa olhada naquele gordo filho da puta, claramente voltando pra casa a pé muito embora estivesse usando uma gravata, e não digo nada. Fico só olhando.

— Oito e meia — ele diz.

— Obrigada.

— Da noite, eu quis dizer. — Ele dá um sorriso sacana.

Concentro todos os palavrões e maus pensamentos que eu conheço no olhar que lanço pra ele. Ele sai andando. Eu fico ali parada, olhando e, sim, ele ainda vira a cabeça pra me olhar mais duas vezes. Quer saber de uma coisa? Homem é tudo um bando de babaca. Sim, toda mulher sabe disso, mas a gente esquece todo santo dia. Mas é só deixar por conta da providência divina que, cedo ou tarde, em algum momento do dia, um homem vai te lembrar disso. Meu coração tá batendo forte de novo. Muito forte. Isso deve ser porque eu finalmente tô vendo a Hope Road. Carros e ônibus cruzam minha visão, indo do leste pro oeste, e do oeste pro leste. Estou correndo mais uma vez. Mal posso esperar pra chegar na Hope Road. Não sei porque, mas eu simplesmente preciso correr, eu preciso sair correndo agora. Talvez o carro dele esteja saindo, talvez ele esteja pronto pra ir pra Buff Bay, talvez alguém esteja vindo visitar ele e fazer ele perder seu tempo, talvez ele tenha acabado de ensaiar “Midnight

Ravers” e finalmente, finalmente tenha se lembrado do meu rosto. Eu tinha que chegar lá agora. Eu não era mais a mesma garotinha que tinha corrido durante aquele ano no colégio, e são meus pulmões que parecem que vão explodir, não meu coração. Mas eu não consigo parar, eu quase caio de cara na Hope Road depois de fazer uma virada brusca à direita. Seus pais não vão querer, uma outra eu mesma está me dizendo, e me atrasando também. Que se foda. Ela que vá tomar no meio do cu dela.

A uma quadra do portão dele, todos os semáforos estão funcionando, e o trânsito está fluindo bem, não muito rápido, nem muito devagar. Dois carros brancos passam o cruzamento em alta velocidade e descem a rua um atrás do outro. O primeiro entra no portão dele tão rápido que eu ouço os pneus cantarem. O segundo faz a mesma manobra. Meus pés param de correr e começam a andar. Espero que essas pessoas não levem ele embora dali, tirando de mim a única chance que eu tenho. Acontece que é o seguinte, eu só tô fazendo isso porque isso é tudo o que eu tenho condições de fazer neste momento, e porque não tem nenhuma outra opção — mas isso vai dar certo, não precisa nem fazer sentido. Nem é Natal ainda, dezembro mal começou, e já tem gente estourando fogos de artifício. Eu corro e corro e corro mais um pouco, e dou um salto e depois vou andando até ficar a mais ou menos uns três metros do portão.

DEMUS

Bandido acorda desse jeito. Primeiro de tremedeira, segundo de fome, terceiro de coceira, sentindo o pau queimando, querendo explodir. E aí tu faz o seguinte: sacode a tremedeira balançando a cabeça, coça a coceira até tua pele preta ficar vermelha e vai até o canto mais escuro do barraco e abre o teu zíper. Os outros dizem mas que é que tu tá fazendo aí, ô cu cagado?, mas tu nem dá bola porque soltar aquele mijão naquela hora é a melhor coisa do mundo. Só que a tremedeira volta e não vai parar até que o Chorão resolva voltar. Agora de manhã o barraco parece maior, mesmo com seis malandros dentro tentando dormir o sono do bandido.

Bandido acorda desse jeito: tu nunca vai dormir. Eu não tava dormindo quando o Funky Chicken, na fissura da heroína, começou a caminhar dormindo, repetindo Levítico, Levítico, Levítico, sem parar. Eu também não tava dormindo quando o Fumaça tentou arrombar a janela. O Bam-Bam dormiu, mas ele dormiu sentado no chão, encostado na parede, e não se mexeu a noite inteira. Fiquei sonhando acordado com o irmãozinho que me deixou pobre lá no páreo do Caymanas. Deixei um calorão subir em mim que nem se eu tivesse com febre, e depois baixei, e depois deixei subir de novo. Dá pra ficar fazendo isso a noite inteira. Ontem de noite o Josey me chamou no canto e disse o arrombado voltou da Etiópia tem dois dias. É desse jeito que tu pode fazer pra que uma coisa que tu quer muito não te deixe dormir.

É desse jeito que tu fica sabendo que a maioria dos caras nesse barraco são muito novinhos. Não deu nem uma hora que eles tinham caído no sono e já começaram a gemer e murmurar, e aquele gordão de Jungle

chamou três vezes o nome duma mulher. Dorcas ou Dora, não lembro. Só novinho tem sonho molhado. O Fumaça tá lá num cantinho, a mão dentro da calça, cometendo o pecado. Só novinho consegue dormir com um peso daquele tamanho sobre os ombros, um peso tão enorme que parece que foi Deus que cansou de sustentar seu fardo e jogou em cima de tu.

Eu não dormi. Nem tô com sono. Cheio de mosca aqui, mesmo de noite. Ninguém tinha um relógio pra eu saber que horas eram, mas, no que parecia ser o meio da madrugada, o magrinho de Jungle tentou arrombar a porta. Ninguém acordou, mas eu não tava dormindo. Ouvi ele dizendo mas quem esses merdas pensam que são pra trancar homem feito que nem ele num chiqueiro, e me deu vontade de dizer é melhor tu baixar a tua bola porque o Josey Wales é um cara que gosta de botar os moleque no lugar deles, mas eu fiquei no meu canto, deitado de costas, fechando meu olho toda vez que alguém olhava na minha direção.

Mas isso faz horas, eu acho. Agora todo mundo aqui dentro tá pirando e tal. O Bam-Bam tá gritando sem parar. Os dois figuras de Jungle ficam andando pra lá e pra cá e sempre que se trombam, eles saem no braço. O Fumaça tá vasculhando cada cantinho, cada frestinha, cada caixinha de suco e garrafinha de refrigerante, o teto e o piso da casa atrás de cocaína. Eu sei que é isso que ele tá procurando, apesar de que a última vez que vi um cara fazendo isso ele acabou engolindo veneno extraforte pra rato. O Funky Chicken não tava mais aguentando, então ele foi até o cantinho em que a gente mijava e ficou sentado lá, coçando o peito por cima da camiseta com um *tch tch tch*. Isso é muita sacanagem, tá me ouvindo, disse o Fumaça. Ô, quem vai me ajudar a botar essa merda dessa porta abaixo? Daí o Josey Wales vai vir atrás da gente, alguém disse, mas ele disse baixinho, como se o Josey fosse um dos Cavaleiros do Apocalipse.

Quando eu dou uma parada, o Bam-Bam tá gritando que nem uma garotinha. Eu digo cala a boca, arrombado, mas ele continua gritando como se tivesse tendo pesadelo. Eu chuto ele que nem um trovão, e ele dá

um pulo que nem um raio. Um soco pelo menos faria ele se sentir que nem um homem, mas o tapa fez ele se sentir que nem uma garotinha. Do lado de fora da janela, o cinza virou amarelo e a luz do sol se enfiou pelas frestas pra acertar o piso. Não tem nada pra fazer, a não ser ficar assistindo ela recuar, primeiro descendo pelas paredes, depois voltando pelo piso, e depois desaparecendo como se tivesse sido sugada pela janela. Nenhum raio de sol aqui dentro, mas o barraco tá quente que nem um forno. Deve ser meio-dia.

Agora são cinco figuras andando pra lá e pra cá, e suando muito fedido. Agora é o Funky Chicken quem tá gritando. O Bam-Bam tá olhando pra parede e o Fumaça tá olhando pra janela como se tivesse pensando que consegue passar por ela. Eu sei que ele tá pensando que se ele pegar bastante distância e vier correndo com a mão esticada pra frente que nem o Super-Homem ele pode sair voando por ela. Ou talvez seja o que eu tô pensando, por causa desse calor úmido e grudento e coisa e tal, e eu só consigo sentir cheiro de macho perto de mim. Só os dois de Jungle que parecem que ainda têm alguma sanidade. Eles pararam de trombar um no outro e começaram a andar juntos. Mas um deles passa perto do Fumaça e dá uma esbarradinha no pé dele e o Fumaça já diz caralho, irmão, que porra é essa de ficar me chutando?, e partiu pra cima e deu um empurrão. Os dois figuras de Jungle caem em cima dele em dupla. Um pega no braço direito, outro pega no esquerdo e eles jogam o Fumaça contra a parede, fazendo o barraco tremer inteiro. Eles tão quase sentando a mão nele em dupla quando o Funky Chicken diz vocês tão ouvindo um carro?

Tem mesmo um carro vindo, mas ele passa zunindo, vrrruuUUUUUMmmm, e some. O Funky Chicken começa a cantar quando a hora chegar, vai ter nego pedindo pra morrer. O Bam-Bam ficou de pé e começou a dar pulinhos no mesmo lugar, dizendo deve ser tipo um soldado, deve ser tipo um soldado, que é uma coisa que eu

realmente não esperava que ele dissesse. O barraco tá ficando cada vez menor, e eu sou o único que tá percebendo. Eu tô sentindo o cheiro de cinco homens, e todos eles fedem, e todos tão com calor, e todos têm aquele cheiro do medo, que é o mesmo que dizer que eles tão azedos. Também tô sentindo cheiro de mijo. E de enxofre. E também de naftalina e de rato molhado e de madeira velha comida por cupim. A sala tá ficando cada vez menor e eu não posso nem abrir um buraco à bala na parede porque o Josey Wales e o Chorão tiraram todas as nossas armas.

A sala começa a ficar mais fria e a primeira coisa que eu penso é que finalmente alguma brisa do mar tá batendo aqui, mas era o sol que tinha ido embora. Eles vão deixar a gente trancado de uma noite pra outra. Tinha que ter um pau, uma coluna, um cano, um martelo, um esfregão, um porrete, uma lamparina, uma faca, uma garrafa de Coca-Cola, uma chave inglesa, uma pedra, uma rocha, qualquer coisa pra bater naqueles dois quando eles voltassem. Alguma coisa pra bater neles bem rápido e acabar com eles. Acabar com qualquer um. Tinha que ter alguma coisa nesse barraco pra matar qualquer um que tentasse entrar por aquela porta, porque eu já não tô mais nem aí pra nada, eu só quero sair daqui. O Fumaça tá num canto com a mão dentro da calça. Ele fica olhando em volta pra ver se a gente tá olhando, e daí ele tira o bagulho pra fora e fica mexendo nele até gemer que nem uma garotinha e chutar a parede. O Bam-Bam tá dormindo, sonhando com o Funnyboy e repetindo sem parar tira a mão do meu Clarks.

É desse jeito que tu faz um homem parar de gritar. Dá um soco na cara dele se tu quer que ele se sinta que nem um homem, ou dá um tapa se tu quer que ele se sinta que nem uma garotinha. O Josey Wales levantou o Bam-Bam do chão com a mão esquerda e deu um tapa na cara dele com a direita. Deu um tapa da direita pra esquerda, depois da esquerda pra direita, depois da direita pra esquerda de novo, que nem se o cara fosse a mina dele. Eu fico coçando a cabeça porque não consigo imaginar como

deve ser acordar levando tapa assim do nada, porque eu nem consigo lembrar de ter visto o Josey Wales e o Chorão chegando. Tu pisca o olho e os cara não tão aqui; pisca de novo e eles aparecem, que nem mágica. Que nem Obeah. O Josey ainda tá baixando o sarrafo no Bam-Bam, dizendo pra ele parar de chorar que nem uma vadia senão ele vai dar motivo pra ele chorar de verdade. Os dois figuras de Jungle dizem pau no cu da tua vó e partem pra cima dele, mas o Chorão puxa duas armas que nem um pistoleiro dum faroeste e diz baixa a bola aí, irmãozinho.

O Josey abre uma caixa grande e tira um monte de armas de dentro dela, a maioria M16. O Chorão abre uma caixa pequena e tira um monte de pó branco de dentro dela, e o Funky Chicken e eu vamos correndo pra cima da mesa, junto com o Bam-Bam choramingando eu eu eu. O Chorão pega um montinho e bate infinitas carreirinhas bem magrinhas. Daí ele vai primeiro, e depois o Funky Chicken, e depois eu, e depois o Chorão de novo, o que faz o Josey Wales gritar com ele que ele tinha dito que ia largar de mão aquela merda. O Chorão diz tá tranquilo, juventude, tá tranquilo. Um dos moleques de Jungle abaixa o nariz na direção da mesa, mas o outro moleque diz não. O Chorão aponta a arma dele pra cara do moleque e diz não fica achando que eu não posso te dar um tiro e ainda achar o que fazer com o teu corpo. Ele tava com a arma apontada pro moleque, mas o moleque nem piscou. O Chorão abaixou a arma e começou a gargalhar. Eu fiquei só olhando o Josey Wales vendo aquilo tudo. O Josey Wales não cheirou nenhuma.

No meio da terceira carreirinha de pó eu já tinha ido além de onde o meu pensamento podia me levar. Tá tocando Dillinger no radinho de pilha, eu nem sabia que tinha um rádio aqui no barraco, mas olha lá, tem um rádio, e o Dillinger vai *dar um pega no cachimbo no Palácio de Buckingham e sair correndo atrás do Sr. Wallace*. O barraco perto da linha do trem tá quente e fedendo a mijo e coisa e tal. Já cheirei três carreirinhas, mas o Chorão continua batendo, e são umas carreirinhas tão

magrinhas que assim que você cheira, acabou. Os dois figuras de Jungle tão rindo muito alto, e gritando, e cantando a música e balançando as armas deles. Aí o Chorão esticou uma carreirinha pra mim, e eu cheirei, e ela entrou queimando, mas uma queimadura gostosa, que nem pimenta, e as sombras começaram a saltar das paredes e começaram a dançar. O Fumaça e o Funky Chicken parecem uns idiotas, mas eu não. Eu tô acima dos sábios e dos idiotas.

Uma coisa pequena pode preencher uma hora inteira. Daí o Josey Wales diz calma aí, Zé, e eu digo esse não é meu nome, mas eu não consigo lembrar do meu nome, então eu assumo o nome de Zé, e eu digo pode me chamar de Zé, e é o melhor nome do mundo, melhor que os melhores. Dez minutos se passam, quinze minutos, uma hora, um dia, cinco anos. Eu não tô nem aí pra quanto tempo passou, e o Chorão estica mais uma carreirinha, mas diz que eu só vou poder cheirar depois que eu mostrar pra ele que eu sei lidar com uma arma. Eu digo pra ele que até um arrombado que saiu de dentro de um cu sabe atirar com uma arma, e ele me dá um tapa, mas eu não sinto nada. E foi só isso. Não senti o tapa, não senti dor e não levei tiro. Mas eu não digo nada pro Josey Wales. E quando as sombras começam a dançar, elas me dizem que eu tenho que matar ele, que a gente tem que matar aquele ladrãozinho amigo dele e ele também, porque ele e o ladrão são amigos. E isso faz dele um igual. Não sei quanto tempo passou, mas o rádio de fundo tá bom pra caralho. Ele me pergunta se eu tô pronto e eu digo como assim? Agora ninguém mais pode me parar, e meus olhos tão enxergando tão longe e tão fundo que de repente eu tô dentro do cérebro do Josey Wales e de repente eu tô fora e ele nem se liga. Eu já sei como é que eles vão contar essa história no futuro. Eu sei que umas partes vão entrar e que umas partes vão ficar de fora.

Você se sente desse jeito quando você sabe que pode matar Deus e foder com o Diabo. O Josey Wales diz que logo a gente vai sair, mas eu tô

com vontade é de sair agora, e eu pego a minha arma e fico pensando em como eu quero matar, matar e matar aquele arrombado e ninguém além de mim vai matar ele, e eu quero matar, matar, matar, e aquilo me faz sentir tão bem, eu me sinto bem pra caralho toda vez que eu digo matar, matar e matar, tanto que tô curtindo até o eco que a palavra faz. O Josey Wales diz que tá na hora. Tem dois Datsun brancos do lado de fora. O Josey Wales disse pra gente, antes da gente ir, que você tava fazendo de conta que era parceiro dos dois lados, mas na verdade ainda era um fantoche do PNP. E também falou que você tava quase gravando uma música falando sobre um estado de opressão, e todo mundo sabe que isso é um slogan do PNP. E que você não mudava nunca, mas que depois disso, as coisas iam mudar bastante.

Esse é o número de vezes que aqueles dois precisam falar tudo que nós oito íamos fazer: três. Eu esqueci da primeira vez, e também dessa última vez, porque fiquei com a impressão de que essa onda tava bem diferente. Não que eu esteja acostumado com cocaína de qualquer jeito, mas, mesmo assim, eu sei que essa onda tá diferente. O Funky Chicken já tá todo largado. Eu tô com frio, e não porque o sol já se pôs e a noite que chegou mais cedo já tá toda escura e densa. O Josey dá uma olhada no relógio dele e diz um palavrão, a gente tá atrasado pra cacete, ele diz. Dois Datsun brancos do lado de fora. O Josey. O Chorão, o Bam-Bam e eu entramos na primeira. O resto entra na segunda.

Cidade alta. A cidade alta sempre me diz as mesmas coisas quando eu venho aqui em cima. Sinal verde. A gente tá chegando e a gente tá chegando que nem raio e trovão. Eu quero mais uma carreirinha, só mais uma carreirinha e eu vou sair voando. Um carro azul vai na nossa frente e parece que tá indo pra onde a gente tá indo. O carro é o flautista e nós somos os ratos. A gente segue o empresário baixinho até a altura do número 56 da Hope Road. O sinal vermelho é pra parar, mas o sinal verde é pra ir.

BAM-BAM

O Josey Wales disse chega de cheirar, tem trabalho pra fazer,
A gente tá no carango, curtindo uma sonzeira
E nem tem música tocando no rádio, neguinho
O Big Youth nem precisa de música nessa “S90 Skank”, neguinho
O empresário baixinho atarracado
Vai dirigindo na frente, todo cheio de marra
Doido pra matar alguém, tem mais que encher mesmo de
Chumbo. Oito moleques, dois Datsun brancos
Aparecendo que nem fantasma em plena luz do dia
O Chorão foi o primeiro a ver
A gente riu
O cara tá levando a gente pra sua própria morte
O Flautista de Hamelin, diz o Chorão
Não entendo o que ele quer dizer, pergunto o que
O Chorão quer dizer
Ninguém diz, mas todo mundo ri
A arma no meu colo tá roçando em mim, tá roçando em mim
E eu quero foder foder foder
Que se foda tudo isso
Em plena cidade alta
Fugindo da Babilônia
Um congestionamento na cidade alta
Um carango em cima dum outro em cima dum outro em cima dum
outro carro

Um congestionamento em Kingston
Vai fazer a gente parar aqui mesmo e matar esse arrombado
O Chorão me olha dum jeito
Ele tá vendo
Ninguém se mexe
A gente tá tão perto do empresário atarracado que quase dá pra tocar
nele
A gente devia bater nele, tocar nele
Daí quando a hora chegasse, ele
Ia ver a gente chegando
Dois Datsun brancos
Moleque seguindo moleque seguindo o chapa que vai levar a gente até
você
Eu faço um carinho na arma, mas parece uma idiotice
Uma arma não é um parceiro, uma arma é só uma arma
E eu quero foder foder foder
Quinze anos e nunca comi ninguém
Bandido de verdade fode aos dez
Dá uma gozadinha gostosa
Um dia eu vi meu pai comendo a minha mãe
Datsun branco número dois vem logo atrás
Um carango vermelho vem depois
Dois carangos vêm ao lado, um Cortina azul, nenhum Ford Escort
Um fusquinha cor-de-rosa
Um baitola cor-de-rosa num fusquinha cor-de-rosa
E ninguém tá se mexendo
Não vai rolar
Mas tem que rolar, isso precisa rolar, eu cheirei duas carreirinhas
Três carreirinhas quatro carreirinhas
Vai rolar

Penso em pegar a arma e começar a meter bala
Isso faria as pessoas se mexerem
O Chorão começa a olhar
Pra mim ô, abaixa aí a tua arma, seu cu cagado
E diz “cheirador” sei lá o quê
Cheirador é tu, cheirador
Eu quero mostrar pra ele o que que esse cheirador vai
Fazer, mas tá tudo correndo bem
Tudo correndo bem, que nem uma ideia que já nasce morta
O baitola cor-de-rosa no fusquinha cor-de-rosa tá olhando pra gente
Quatro malucos num Datsun branco
A gente tá querendo matar, seu tarado, não foder
Deixa eu apontar essa arma pra tua carinha cor-de-rosa de arrombado
E bum cha-ca-la-ca
O riddim aumenta muito de volume na minha cabeça
No estilo do Bam-Bam
Putaquepariu, esse carango tem que andar!
Daí ele começa a andar
E o empresário começa a andar
Bem depressa, que nem um galo fugindo
De sessenta galinhas sensuais
Puf, zip, vuum!
Ele tá indo embora
A gente tá indo pro mesmo lugar, diz o Chorão
O Demus tá quietinho
Eu não gosto do Demus
Ele fica te encarando muito tempo
Como se tivesse escrevendo alguma coisa sobre você na cabeça dele
Chegando na Hope Road a gente vê o empresário dobrar na rua
A gente para.

A gente vê e espera.
O Esquadrão Eco não tá fazendo a segurança
O Esquadrão Eco é do PNP
O Esquadrão Eco só conhece um P:
De Pagamento
A noite chega de surpresa, como ela faz sempre que você não presta
atenção
O céu tá mais vermelho que nunca
Laranja, depois mais laranja
Escuro, depois mais escuro
Eu quero cheirar mais uma
Eu quero cheirar mais uma
Eu quero cheirar mais uma
É por tua causa
É tu que tá me impedindo
E agora a gente tá indo te pegar
E a gente canta os pneus quando passa pelo portão
O primeiro carango para bem na frente da porta
O segundo bloqueia o portão
Que nem no *Starsky & Hutch*
Na mesma hora, sem pensar
O Chorão vai na direção da porta da frente
A porta principal da Casa Grande
Os brancos devem ter chicoteado seus escravos até matar nesse lugar
Matar matar matar
Tu tá nos fundos, na cozinha subindo a escada
A gente ia seguir o teu rastro de vibrações positivas e o teu cheiro de
maconha, mas
O Josey foi mais depressa

Ele tava dirigindo o carango, mas, mesmo assim, foi o primeiro a sair, e saiu focado

Tua mulher saiu correndo, mas eu não tava nem aí

Ela tava com um moleque, mas eu não tava nem aí

Minha bala pegou na cabeça dela

Ela saiu voando do chão

E caiu durinha

Fui pra cima pra finalizar a vadia

Mas ela tava durinha e tinha sangue escorrendo da cabeça

Corri depressa pra te pegar, pra te ver, pra te derrubar, mas

Mas o Josey foi mais depressa

Bam Bam, a mulher tá morta

E o teu irmãozinho

E a tua irmãzinha

E geral que tava tocando guitarra

Eu fico ouvindo o bam bam bam bam no chão

Levanto a cabeça e corro mais rápido

O eco na minha cabeça, bam bam

O som do sangue escorrendo, bam bam

Filho duma puta do cu cagado, eu queria ter atirado primeiro em tu

Ninguém vai esquecer do homem que atirou em tu

Lá nos fundos, nada vai ficar de pé quando eu parar de correr.

Eu corro até a cozinha e engatilho a arma

Vão escrever uma música sobre mim!

O riddim tá tocando na minha cabeça

Cada vez mais alto

Meu pai tá cantando

Um dois três quatro

O homem de Colón tá voltando

Batendo a pulseira do relógio na barriga

Bam bam bam
Mas o Josey chegou primeiro
O cu cagado do Josey
Ele correu pra cima de tu e puxou a M16
Mas o empresário veio correndo e se meteu bem na tua frente
Bem no meio do caminho
Eu tava me movendo depressa, mas tudo tava devagar
Eu piso no último degrau, mas os barulhos parecem em câmera lenta e
Quanto mais rápido eu puxo a arma, mais devagar eu me sinto
Eu enfio a cabeça pela porta e te vejo, antes de ver o Josey
Tu não sabe que tu tá me impedindo de cheirar meu pó
O empresário baixinho atarracado se mete bem na frente
Falando qualquer merda, qualquer besteira
Bam bam bam bam bam
Da arma do Josey
O Josey metralhou a coxa dele, as costas dele
Ele gritou e eu gritei e tudo que tu disse foi
Selassie I Jah Rastafári
E tudo desabou
Um vaso se quebrou, uma lata amassou, poeira subiu e se quebrou
A janela
Pá
O Josey não mirou na cabeça
Como o cubano disse pra gente
Mirar na cabeça
Pra explodir como se tivesse enfiado num liquidificador
Tu olhou bem pra mim
Largou tua toranja
Tu olhou pra mim
E eu queria que tu tivesse gritado e berrado e fungado e chorado

Mijado nas tuas calças, se contorcido e caído
Mas tu só ficou olhando, sem nem piscar
E daí eu
BamBam
Jah Rastafári, te dei um tiro no coração
Tu chamou por Selassie
Tu pegou ele?, eu perguntei pro Josey
Sim
Peguei a mulher também
Correndo lá pra frente
Acertei um tiro só bem no meio da cabeça
A vadia saiu voando e se estabacou no chão
Ela achou que ia conseguir escapar
Quem essa vadia pensa que ela é, Jill, Kelly ou Sabrina
Não chama a mulher do homem de vadia
Então tu pegou ele?
Tu pegou ele?
Tu pegou ele?
Sim
A gente corre pra frente
Os irmãozinhos tinham transformado a casa num queijo suíço
O Demus veio correndo pela porta da frente
Deixando pra trás uma mina escondida atrás dela
E esvaziou um pente num piano
Que fez um do ré fá mi sol
Pessoas dentro da casa tropeçam e gritam
Uma mina grita o nome do Seeco
Pessoas dentro da casa tão quietas que nem ratos
Tu largou tua toranja e olhou bem pra mim
Que nem Jesus dizendo pra Judas

Acaba logo com isso
Eu sou tu, Pilatos, eu sou tu, soldado romano
Tu nem sabe quem foi o teu Judas
O Demus vai ficar puto que o Judas não tava aqui também
Acho que ele queria matar ele mais do que queria te matar
Tu só tava no meio do caminho
Um brinde, um extra, um pouco mais de molho na comida
O Fumaça passa correndo pelo Demus no corredor
E rasga um homem no meio com a arma dele
Abre um rasgo na sua barriga
O sangue voa a cada tiro
A gente metralha o lugar mais uma vez
E de repente eu quero
Ter a certeza de que tu morreu
Eu é que devia ter te matado
Eu odeio aquele cu cagado do Josey Wales
Eu quero voltar lá pros fundos, pra cozinha
E se tu tiver morto
Eu quero te matar ainda mais
Correndo lá pra frente, o Funky Chicken quase me dá um tiro
Tu pegou a mulher?
É, eu peguei a mulher
Ela tava correndo na direção da
Kombi
Mais um corpo no chão
A casa quieta e detonada
Uuuuu, a sirene da polícia
O cão da Babilônia
A gente foge
Mas aí eu paro

Quando a gente tava saindo correndo dali, uma mina tava chegando
Um anjo que não sabe que tá entrando no inferno
Uma mulata linda, que parece que
Não tem medo de andar por aí
Com aqueles jeans apertados, e aquela blusa bonita
Ela tava vindo atrás dele, eu sei
Uma mulata com um cabelo lindo
E eu queria foder foder foder
Ela vê a gente e fica ali parada
Não sai correndo, só fica ali parada
Talvez ela esteja chorando, talvez só de olho vermelho
Ela não se mexe
As sirenes tão chegando mais perto, e eu puxo a minha arma
Ela deve ser um deles, eu puxo a minha arma
Mas o Josey chega nela primeiro.
O Josey vai pra cima dela, fica bem na frente da cara dela
Bem na frente da cara dela e dá uma fungada
Ele dá uma fungada e ela toma um susto e começa a chorar
Aquele choro em silêncio que só mulher crescida chora
Eu queria que ela se mijasse
Eu queria fazer isso com ela, mas aí veio o Josey mais uma vez
Se metendo na minha frente mais uma vez, eu vou meter uma bala nele
Daí o Josey diz entra na porra do carro!
O primeiro carango já tinha ido embora
Demus Chorão Josey Fumaça eu
O Chorão pisa no acelerador
Ela ainda tá parada lá como se fosse a mulher de Ló
Que olhou para trás
Sal
Três tiros explodem a janela traseira do carro

E eu quero matar matar matar
E foder foder foder
Mas eu grito grito grito
A gente se abaixa e o carango vira pra esquerda
E entra na contramão
Pronto, agora tamo morto
Os possantes cantam pneus e buzina
A polícia tá vindo com tudo
Uuuuuuu
A Babilônia afiando os dentes
Os carangos saem do nosso caminho, um deles bate, depois mais um
Outros carros escutam a gente descendo a Hope Road a toda
A polícia vindo logo atrás, fazendo a gente correr
Sai da frente, cu cagado!
Bam! A gente pega a direita na East Kings House Road
A gente passa o sinal vermelho
O pneu canta, quase estourando
Uuuuuuu
Polícia de merda
Babilônia do cu cagado
Minha cabeça tá aumentando e meu coração batendo mais forte
Bum bum bum
E tu olhando pra mim
Levantei a cabeça e tinha um carango vindo bem na minha direção
Para de gritar que nem um arrombado, seu arrombado!
Diz o Chorão, e pisa no freio
Minha cabeça bate no painel do carro
Ele gira o volante e pisa no acelerador e, e, e

DEMUS

Daí o Datsun desce correndo outra rua que eu não conheço, e depois mais outra, e depois vira à esquerda numa outra rua e um moleque dá um salto pra sair da frente, mas, ainda assim, a gente ouve uma batida, ninguém tá falando mas geral tá gritando, o Chorão diz cala a boca, arrombado, cala a boca, arrombado, a gente vira de novo e vira e vira e desce voando uma ruazinha tão estreita que raspamo nas casa dos dois lado, sai faísca e alguém do lado de fora do carro grita sei lá daí a gente passa em cima de um buraco dois três o carro chacoalha e daí a gente passa derrapando na frente de um bar tocando uma música DELE, um bar com um letreiro da Pepsi e um letreiro com aquele velho da Schweppes, o Fumaça diz vamo jogar as arma fora, vamos se livrar delas e daí ele joga a arma dele fora, e o Chorão diz tu é um otário do cu cagado mas ele continua dirigindo e a gente pega a direita, a rua estreita, sem semáforo, sem farol, cachorro, a gente atropela um cachorro daí pega a esquerda, daí pega a direita, e ninguém sabe onde a gente tá, eu sei, eu não sei, já tô sentindo que tô ficando sóbrio, não vou poder cheirar mais uma agora, e eu tô ficando cada vez mais triste, sinto o vômito vindo na minha boca e mando ele de volta goela abaixo, uma viela livre, mais uma viela e a gente acaba numa rua bem larga que vai dar no Lixão antes que eu veja que a polícia não tá mais seguindo a gente, agora eu sou um moleque e eu quero a minha mulher, a mulher que eu deixei hoje de manhã sabendo que talvez eu não voltasse, mas sem pensar muito nisso, eu quero a minha mulher, mas dentro do carro ninguém dá um pio até que o Fumaça diz aquele cachorro vai comer nossa janta, a gente vai queimar no fogo do inferno, eles vão

foder com a gente, eles vão botar a gente sob um estado de opressão, eles vão eliminar a gente, ele começa a chorar e o Chorão para o carro e sai e que que tu tá fazendo, seu cu cagado, o Josey diz, mas o Chorão puxa o revólver e abre a porta esquerda de trás *sai dessa porra desse carro, seu arrombado*, ele diz pro Fumaça, mas o Fumaça diz que não vai a lugar nenhum, o Chorão dá um tiro pra cima e eu penso Jesus Cristo, agora as pessoas vão vir, mas o Chorão encosta a arma na cabeça do Fumaça e diz pra mim *Irmãozinho, é melhor tu sair de perto porque vai voar um monte de miolo pra cima de tu*, e o Fumaça começa a gritar *tô saindo, tô saindo, já saí*, ele se atira pra fora do carro e o Chorão toma a M16 das mãos dele e joga numa montanha de lixo e aponta a arma pra ele e diz *é melhor tu correr, não quero mais te ver*, e quando o moleque se vira o Chorão dá um chute no rabo dele, e ele tropeça e levanta e sai correndo e o Chorão volta pra dentro do carro *quem quiser se juntar a ele é melhor sair da merda do carro agora*, mas ninguém quer sair, eu só queria me enfiar numa caverna perto da praia ou num buraco qualquer, eu só queria mais uma carreirinha eu só queria mais uma carreirinha só mais uma carreirinha antes de morrer, e bem aí eu me dou conta de que eles vão me matar porque é o que tem que ser feito, e eu vou ser o cara que matou ELE, que é que nem ser o cara que matou Jesus, eu queria que a minha mulher pudesse cantar pra mim, eu queria ter morrido de alguma doença de favela, de pólio ou de escorbuto ou de inchume ou de alguma dessas coisas que mata pobre, o Chorão dá partida no carro e a gente vai pelo meio do Lixão, quem sabe que horas são, quanto tempo a gente ainda vai ficar nesse carro, se a gente não parou como é que a gente ainda não chegou em Copenhagen City e naquela vala antes de chegar em Trench Town o Chorão parou, saiu do carro e largou correndo, ele simplesmente saiu correndo e deixou nós três pra trás, ele simplesmente saiu correndo e desapareceu no meio do mato que nem se tivesse sido engolido por ele, e eu fico esperando que o mato arrote, e o Josey Wales sentado no banco da

frente olha pro Bam-Bam e o Bam-Bam sai correndo pra esquerda e desaparece e o Josey Wales olha pra mim e diz puta que pariu, quase que foi tu, seu otário, era pra ter sido tu se tu não tivesse cheirado aquela merda do Chorão e eu digo mas de que porra tu tá falando, mas ele sai correndo pra direita e se enfia no mato, que também engole ele, eu fico esperando o mato arrotar de novo, e pensar em arrotado me dá vontade de rir, mas não tem nenhum motivo pra rir, não agora, então eu começo a chorar, ninguém tá vendo, ou, pelo menos, não dá pra ver se alguém tá vendo, eu quero chorar mais alto, eu quero a minha mulher, eu quero cheirar um pó porque eu odeio ficar sóbrio, eu odeio, eu odeio mais do que ficar me imaginando levando tiro deles, e não faz nem um mês que eu comecei a cheirar e já me transformei num noia andando por aí na fissura do pó, eu vou ficar louco, meu cérebro deve ter ido parar num lugar de onde nunca vai voltar, mas nada vai voltar a ser como antes agora, absolutamente nada, alguma coisa mexe com o mato no topo da vala, e aí rola um clarão e o mato se acende, como se fosse o cabelo de alguém pegando fogo, ou a tal da sarça ardente que tem no Livro do Êxodo, e essa luz significa que um carro tá vindo pra cá pra usar a vala de atalho, é a polícia, eu sei que é a polícia, eu tô sentindo que é a polícia, eu corro e corro e corro, eu tropeço numa pedra bato o joelho, caralho puta que pariu, eu levanto e tento correr, mas tô mancando da perna esquerda que nem o assassino em *Perseguidor implacável*, e agora o Dirty Harry tá vindo atrás de mim, não, não, não, bem ali tem uma moita tão alta que vai dar pra me esconder, do mesmo jeito que dá pro Pernalonga se esconder atrás duma cadeirinha, onde é que o toelhinho se meteu, onde é que ele se meteu, mas eu não sou o coelho, eu sou o Frangolino, e eu vou me esconder, eu tô dizendo que eu vou me esconder atrás desse arbusto aqui, olha só o que eu vou fazer, mas que piada... eu tô dizendo, mas que piada, filhão, ri ri ri, rá rá rá, o carro passa por mim, eu não consigo parar de rir, eles vão me pegar, ri ri ri, e me matar, ri ri ri, eu não sei por que é

que eu não consigo parar de rir, cala a boca, eu tapo a minha boca com a mão, o carro passa fazendo barulho e levanta a água suja que corre pela vala, acordando os ratos, é tanto rato que me dá vontade de gritar e aieeeeeeeeeeeee não tem ninguém por perto pra me ouvir aieeeeeee, que nem uma garotinha agora, eu tô sem a minha arma, não consigo encontrar, foram os ratos que pegaram, eles vão arrancar a minha pele e comer os dedos dos meus pés e como tem lixo naquela vala: pacote de esponja de aço, pacote de cereal, detergente, farinha reconstituída, farinha enriquecida, sacos plásticos, ratos mortos dentro de sacos plásticos, ratos vivos saindo de dentro de caixas de leite, caixas de biscoitos por cima de garrafas de refrigerante, embalagens de óleo de cozinha, detergente Palmolive, pelo menos eu acho que é Palmolive, *o melhor para sua pele*, é tanta embalagem e tanto rato e rato dentro de garrafa que não consegue sair, tu tem que dar no pé, tem que sair correndo agora, esquece da tua arma, deixa pra lá, eles tão vindo te matar, eu não quero morrer, vou implorar pra Jesus, pro Papa-Lo, pra Copenhagen City, mas não foi o Papa-Lo quem mandou a gente, foi o Josey Wales, mas o Josey Wales não pode fazer nada se o Papa-Lo não disser sim, não, talvez, daí, beleza, eu tô tentando ir numa linha reta aqui, mas linha me lembra branco que me lembra pó eu preciso de um teco, teco, teco e eu atirei na casa DELE e agora isso é uma coisa na qual eu não fico pensando o tempo todo, mas um troço que vem e volta na minha cabeça que nem quando eu tô sem cueca, eu tô sabendo que o Josey Wales vai ganhar uma grana preta pra fazer isso, senão ele não faria, política não significa coisa nenhuma prum cara desses, todo mundo sabe disso, e não tinha nem polícia nem nenhum segurança, que é que nem se eles soubessem que a gente tava vindo, mas o Josey me prometeu que ia ter, pelo menos, um policial pra eu meter bala, mas não tinha nem segurança no portão, a gente simplesmente foi entrando correndo, mas a gente podia ter entrado andando, eu acho que tudo que eu matei foi um piano, eu preciso voltar pra Copenhagen City

porque isso aqui tá com cara de área do PNP, por que é que o Chorão deixou a gente numa área do PNP bem depois que a gente acabou de matar o guerreiro mais famoso do PNP, se alguém me encontrar vai me matar bem morto, eu não sei onde esse negócio vai dar, e essa rua toda esburacada e esses ratos e ratos e ratos e ratos e ratos eu saio correndo da vala e já deve ser tarde porque essa primeira rua tá vazia e eu não sei onde eu tô tem dois bares com placa de fechado, dois cachorros dormindo, um gato sorrateiro, a carcaça queimada dum carro bloqueando a rua, uma placa escrito Rose Town Pedestres Motoristas e Passageiros Cheguem Bem e outra dizendo Devagar Escola, as duas crivadas de furos velhos de bala, pra cada furo que eu olho eu escuto um blã ou um bók ou um pôu, tipo o Harry Callahan *foram cinco ou seis tiros* e minha arma desapareceu e talvez eu tenha deixado numa daquelas dunas nos campos de lixo campos de lixo e *com toda essa confusão, pra ser sincero, eu perdi a conta, mas sendo que isso é uma Magnum 44, o revólver mais poderoso do mundo, que pode arrancar sua cabeça fora, o que você tem que se perguntar é, será que eu estou com sorte, bem, será que você está com sorte* e daí o Harry blã blã blã, parem de tremer, mãos, parem de tremer, por favor, parem de tremer, ninguém me ama, ninguém gosta de mim, minha cabeça não tá funcionando direito, deve ser porque tá passando o efeito da droga, por que que quando tu fica sóbrio parece que tu tá descendo e descendo e descendo ainda mais e ficar chapado não é nada além de um bater num teto de onde tu começa a descer e depois tu cai e não para nunca de cair cada vez mais e mais e quando tu vê já afundou na rua e passou pela rua e chegou no inferno, ninguém vai me ver correndo no meio da noite, quanto mais rápido tu corre mais lento o mundo fica, mas tudo parece mais rápido do que eu e tem bueiros aparecendo do nada no meio da rua e os tapumes de zinco não tão me deixando ver as casas, eu corro, corro e corro e acabo dando de cara com gente que eu nunca tinha ouvido falar, dou uma espiada escondido atrás dum arbusto e vejo que eles tão jogando

dominó, alguém deve ter me visto, alguém deve estar atrás de mim, não eles tão tudo ali debaixo do poste, quatro caras numa mesa, três caras de olho em dois brotos, o cara na cabeceira encostado no tapume batendo uma peça de dominó, depois outra, depois outra, ele bate elas com força balançando a mesa e os brotos gritam e dão risada e no rádio *love to love but my baby he loves to dance he wants to dance he loves to dance he's got to dance* mas não tem ninguém por perto, eu odeio esses caras porque favelado não devia estar feliz, ninguém devia estar dando risada, todo mundo devia estar triste, eu nunca ria, talvez só umas duas vezes a minha vida inteira, e quando eu digo a minha vida inteira eu fico me sentindo velho muito embora ainda nem tenha feito vinte anos, e tudo que eu tenho é a minha mulher e ela é uma boa mulher e eu tô correndo de volta pra ela, mas eu não tô correndo de volta pra ela, e eu só quero sair daqui, rastejando com o joelho esquerdo depois o direito depois o esquerdo direito esquerdo direito alguém regou essas plantas, tô com lama no joelho e nos punhos, Aleluia, Senhor Jesus, que não tenha cachorro aqui, mas eu tô me arrastando que nem um cachorro no pátio de alguém, aqui deve ser território do PNP porque todas as paredes são cor de laranja e o povo aqui tá feliz pra caralho, eu tinha que estar com a minha arma, esse povo aí não sabe o que significa matar a porra do Jesus Cristo, uma pedra no meio da lama, ai ai ai ai puta que pariu que merda a mulher ouviu, a mulher que não tava jogando, cadê minha arma cadê minha arma cadê minha arma, mas daí ela ri de novo e diz deve ser só um vira-lata e daí eu me arrasto e me arrasto até não escutar mais ninguém jogando dominó e daí eu corro e corro e corro até que eu chego na rua principal um carro canta os pneus e eu grito aieeee de volta e saio correndo da rua pro aterro, e não sei bem como, só Deus sabe, ou talvez o Diabo saiba, mas agora eu tô nos trilhos do trem e eles tão me puxando e me empurrando e me levando de volta pro barraco, alguém tá cantando *take me back to the track jack* mas é o rádio da minha cabeça me fazendo pensar no que foi

que desencadeou tudo isso, será que as pessoas vão achar que tem alguma coisa a ver com política, mas é claro que tem a ver com política, os branco não tão nem aí pra corrida de cavalo nenhuma, eu lembro quando o branco e o cubano disseram pra gente aprender a diferença entre apontar uma arma e atirar com uma arma, e agora eu tô aqui na pista de corrida mas tá muito escuro pra saber se é mesmo uma pista de corrida, mas deve ser, é uma tábua de madeira atrás de outra tábua de madeira, a essa hora da noite não vai passar trem nenhum aqui, mas tem um que passa de manhã cedo antes do galo cantar, talvez eu devesse deitar bem aqui nesses trilhos e dormir pra acordar no inferno, não, isso não sou eu, é a droga saindo do meu corpo que tá falando, Jesus, tomara que o Chorão esteja lá no barraco esticando umas carreirinhas, mas não tem barraco nenhum, só um trilho que sei lá pra onde vai levar, que pode estar me levando pro interior ou talvez pruma área do PNP, mas, pelo menos, eu tô sentindo o cheiro do mar, provavelmente já levaram ele pro hospital a essa altura, um hospital que deve torcer o nariz pros Rastafáris, mas tu deve estar lá na emergência a essa altura, com um monte de médico branco à tua volta e a enfermeira diz ele perdeu muito sangue, doutor, e o médico diz eu preciso de blá blá blá pra blá blá blá no blá blá blá imediatamente, e daí pega duas placas e diz se afastem e dá um choque no teu peito e sobe a música, não uma música bonita, e sim uma música que faz minha nuca suar e a enfermeira primeiro desvia o olhar e o médico diz a gente perdeu ele daí tudo fica preto, ah, se a minha mente parasse de viajar e deixasse meus pés em paz, porque eles tão andando sem rumo nenhum, mas aqui a lua tá pela metade e laranja, e o céu preto e vermelho e puta que pariu o filho da puta do meu tornozelo tá quebrado, garrafa, rato e merda nos trilhos do trem, meu pai dizia que no banheiro do trem tudo vai direto pros trilhos, e o que é pior eu não sei, merda seca ou garrafa quebrada, tá lá o barraco onde eu vou poder enrolar uma toalha pra dormir em cima, por favor, porque aquilo ali nem é uma casa, mas agora é a minha casa, tô chegando,

tô chegando, quem tá de olho, quem tá vigiando, quem plantou armadilha, tô chegando, tô quase chegando agora, a porta não era pra abrir tão fácil assim sei lá eu digo sei lá tô precisando de um pó, tô precisando dar um teco, seu arrombado do caralho, o Chorão me dá um teco, o barraco nunca pareceu tão pequeno, a janela só dá vista pro escuro, e aqui dentro tá ficando cada vez mais escuro, e mais escuro que o escuro, e daí eu acordo me afogando até tocar na madeira. Sinto cheiro de macho aqui dentro, mas não tô vendo ninguém.

— Opa, tu não pode ficar aqui. Seu arrombado, eu tô dizendo que tu não pode ficar. Ô! Ô!

— Eu tô esperando o Chorão e o Josey Wales.

— O Clint Eastwood tá vindo junto? Quem mais tá vindo, Francis, a mula que fala?

— Primeiro. Eu fui o primeiro a chegar.

— Que nada, meu chapa, eu te vi noite passada. Tu não foi o primeiro nem o último.

— Quando é que tu... Tu tava no primeiro Datsun ou no segundo? Bam-Bam? Tô tão cansando que...

[CLICK]

— Tu ouviu isso, arrombado? Tu sabe o que que é um clique? Tu sabe a diferença dum clique prum tique?

— Tu tava no primeiro ou no segundo Datsun? Eu sei teu nome? Tu é o... o...

— Bicho, que é que tu ouviu nem faz um segundo? Clique ou tique?

— Claro que já faz mais de um segundo. Chorão? Diz pro Bam-Bam parar de tocar o terror pra cima de mim.

— Ô, seu arrombado, o clique que não faz nem um clique. Tu tá achando que eu tô de palhaçada?

— Não ouvi nenhum clique. Fumaça?

— Depois do tique vem o taque. Tu sabe o que vem depois do clique?

— Não ouvi nenhum clique.

— Não ouviu nenhum clique? Bom, depois do clique vem o bang, quanto tu quer apostar que vai acabar ouvindo essa porra?

— *Chitty chitty bang sitting on a fence.*

— Tu tá cheirado, ô pivete?

— Só tô tentando descolar uma grana.

— Que é que eles puseram na tua erva, rabo de lagarto?

— Ela mexe, ela mexe, ela mexe assim.

— Quantas carreirinhas eles te deram pra cheirar?

— Tu conhece o Josey Wales? Tu conhece o Chorão? Tu sabe se eles tão vindo?

— Tu é um cheirador, ô, arrombado. Seria melhor até que tu fosse viado.

— Cheirador é o caralho, eu só quero dar um teco. Só um teco. O Chorão tá vindo, e quando ele chegar ele vai me esticar uma carreirinha.

— Cheirador.

— Fala pro Chorão que...

— Ninguém chamado Chorão pintou aqui.

— Ele tá vindo, e quando ele chegar vai te dizer quem é que pode e quem é que não pode ficar aqui. Essa casa é dele! Tu vai ver só. Tu vai ver só.

— Casa? Onde é que tu tá vendo casa aqui?

Mato. Nada de madeira, nada de piso, nada de janela, só mato. Pendurados nos galhos de uma árvore, tamarindos e morcegos. Tamarindos no chão. Tamarindos na grama de um pro outro, tamarindo pra tamarindo pra tamarindo pra prato quebrado pra garrafa de Pepsi pra cabeça de boneca pra grama pra moita pro tapume de zinco. Um quintal,

o quintal de alguém. Alguém que grita assim que vê que eu tô deitado na grama do quintal de alguém. E ela grita e grita e eu consigo ver quem é.

— Tu não pode voltar aqui.

— Como assim? Mas eu voltei.

Eu tô procurando a madeira e as pedras e os pregos e o sangue seco, mas isso aqui não é o barraco, eu nem tô do lado de dentro de nada, e a mulher é a mulher com quem eu vivo, a mulher cujo nome eu não consigo dizer. Eu digo que sou eu.

— Sai do meu quintal, seu noia!

Mas eu não sou nenhum noia. Eu sou o homem que mora com você, como se você fosse a mamãe e eu fosse o papai. Então eu me dou conta de que eu não consigo me lembrar como ela é, e eu não consigo ver o rosto dela, mas eu sei que tô na casa dela. Na minha casa. A casa vermelha na Smitherson Lane, a quarta da esquina pra cá, a casa que tem uma cozinha interna que a maioria das pessoas aqui não tem, e precisa cozinhar na rua.

— Mas eu moro aqui, eu sou teu marido.

— Marido? Eu não tenho marido. Meu marido tá morto. Pra mim, ele morreu. Sai daqui agora.

Ela para de falar. Ela pega uma pedra. A primeira ela erra, e também a segunda, mas a terceira pega bem no meio das minhas costas.

— Que que é, ô cu cagado?

— Sai da porra do meu quintal! Estuprador! Estuprador! Tão tentando me estuprar na minha casa! Senhor, estão querendo comer a minha buceta! Estuprador!

Se tem uma coisa que o Papa-Lo simplesmente não tolera é um estuprador. É melhor tu matar dez mulheres que estuprar uma. A mulher com quem eu moro tá me tacando pedra e eu tô correndo em zigue-zague que nem um lagarto. Ela grita mais uma vez e a luz do sol cai sobre mim como a de um holofote. Olha ele ali. O sol manda seus demônios atrás de mim, do mesmo jeito que ele mandou demônios atrás do Judas Iscariotes.

Sai daqui, ela disse, e eu me virei para ver ela erguendo seu braço pra jogar mais uma pedra. Eu fiquei olhando pra ela, e não pisquei. Ela largou a pedra e correu pra dentro do quartinho que eu e ela deixávamos tão molhado que ela tinha que pendurar o colchão no varal pra secar. Não consigo ver nem ouvir eles, mas sei que eles tão vindo do outro lado do tapume. Eu olho por cima do tapume e vejo o Josey Wales e mais três caras vindo com ele que eu conhecia. Um é o Tony Pavarotti, mas os outros dois eu não sei os nomes. Me dá vontade de gritar que palhaçada é essa, afinal de contas, o irmãozinho nem apareceu lá na casa. Antes que eu pudesse falar que eu tava ali deu pra ouvir um pá pá pá na distância, e daí um pam pam pam no tapume de zinco, o último pam tirando um fino da minha orelha direita. Eu não sei por que, mas eu olhei mais uma vez pro Josey Wales ver que era eu e não um estuprador, mas ele olhou bem pra mim enquanto corria e deu mais um tiro. Quatro balas passaram pelo tapume e duas fizeram zip zip passando perto de mim. Eu corro pros fundos da casa e pulo o tapume, mas não caio onde achei que ia cair. Não é uma rua, mas uma vala funda que nem o caminho do inferno. Não consigo parar de cair. Eu tento rolar que nem o Starsky e o Hutch fariam, mas caio em cima do meu joelho direito e desabo no chão. Não tenho tempo pra gritar aieeee. Se eu correr pra esquerda, vou me embrenhar ainda mais pra dentro de Copenhagen City, e se eu correr pra direita, vou parar na cidade baixa.

Na cidade baixa, um monte de ônibus sem tempo pra esperar tá na rua. O sol tá tão alto que a luz só chega no topo dos prédios. Uns pivetes mais novos que eu passam correndo por mim com uma pilha de jornais na cabeça. O Cantor foi baleado! O empresário tá em estado grave! Rita foi pro hospital e já teve alta!

Jah vive.

Não.

BAM-BAM

Não te esconde bem debaixo do nariz deles, não te esconde bem debaixo do nariz deles, seu arrombado. Essa merda só funciona no cinema, e pistoleiro só consegue ver o que tá bem na frente do nariz dele. Também não vai te esconder no meio duma multidão porque tudo que precisa pruma multidão se transformar numa turba é alguém gritar olha ele aqui! Não é ele? que aí o que era “nós” vira rapidinho “eu” e “eles”. Mas ele tava com eles, ele era um deles, e agora tá todo mundo contra mim. Queria que o meu pai voltasse e que a minha mãe não fosse uma puta, e que o Josey Wales não tivesse tentando me encontrar. A noite de ontem bicho, puta merda. O Chorão foi o primeiro a picar a mula, e depois o Josey Wales, e depois não sei, eu peguei e saí fora. Não fiquei esperando pelo Demus. Não, grande. Só sei que eu nem tinha ido tão longe e a bala já tava cantando pra cima de mim, trrrá, trrrá, trrrá. Mandeí brasa, achando que era a polícia atrás de mim. Eu pegava a esquerda e a bala pegava a esquerda. Eu pegava a direita e a bala pegava a direita. Corri de volta pro Lixão e a bala ainda tava vindo atrás de mim. Me atirei num monte de lixo que fedia a merda e mijo e ovo podre e ainda por cima tava molhado. Molhado e fedido, e aquela molhaceira e aquele fedor no meu cabelo e na minha boca. Não mexi um músculo. O lixo fedido me serviu de abrigo, e me escondeu quando eles passaram. Não era a polícia.

O Josey Wales e o Chorão, os dois com a arma engatilhada.

— Tu acha que tu pegou ele? — diz o Chorão.

— Como assim se eu peguei ele? Quando é que tu me viu errar?

O Chorão deu uma gargalhada e ficou esperando. Um carro vermelho chegou e eles entraram. Agora eu não posso mais voltar pra casa. Vou ficar aqui nesse lixo até que o fedor molhado dele seque em mim. Não me mexi até ter certeza de que toda a cidade baixa de Kingston tinha ido dormir. Saí correndo do Lixão e passei pela área da feira, vazia. Perto daqui é onde mora o Shotta Sherrif. Eu vi uma loja que ou nunca fecha ou acabou de abrir, porque tá rolando o toque de recolher. Tudo que eu consigo ouvir no radinho de pilha é já foi tratado e liberado, mas será que ele vai conseguir fazer o show? E daí eu tenho certeza que o Josey errou. Aquele arrombado do caralho errou, eu sabia que eu tinha mais era que ter voltado lá e acabado com ele eu mesmo. Eu tinha mais era que ter voltado pra ter certeza. Puta que pariu, o cara atira oito vezes e mesmo assim ele erra. E agora ele tá vindo atrás de mim.

Eu preciso de pó, nem que seja meia carreirinha, um terço de uma carreirinha. Ontem de noite, no meio da noite, alguém jogou alguma coisa na minha cara e eu não consegui respirar. Não era água, água sai rápido, aquilo ficou na minha cara e depois foi escorrendo devagar, e entrou no meu nariz e na minha boca mesmo eu assoprando com força. Que nem saliva. Que nem se Deus tivesse dormido por cima de mim e babado toda a minha cara. Eu acordei me afogando e ele ainda tava por cima de mim, soprando seu bafo quente no meu nariz, mas não era Deus, era um cachorro. Tinha um cachorro lambendo a minha cara. Eu dei um pulo e gritei e dei uma bica no cachorro e fiquei olhando ele sair ganindo e correndo só com três patas. Agora eu tô num banco no National Heroes Park. Dizem que ele tá vindo, tá escrito bem ali naquele muro, naquele cartaz com o Cantor apontando pro céu, Smile Jamaica, entrada franca, domingo, 5 de dezembro, cinco da tarde. Ele tinha derrotado a morte que nem Lázaro, que nem Jesus. O pessoal no parque tava falando, já tinha gente chegando, passando por mim, o mendigo sentado no banco, e dizendo que tavam torcendo pra que a polícia viesse dar um jeito em mim,

pra que aquela gente de bem não tivesse que aturar aquele mendigo fedorento. Elas começaram a chegar de manhã bem cedo, as pessoas tão esperando por ele. Eu pisco e vejo eles saindo correndo do meio da multidão, vindo pra cima de mim. Parecem uns bebês, mas um tem três olhos e o outro tem dentes tão compridos que tão pra fora da boca, e um tem dois olhos mas não tem boca, e um tem asa de morcego. Ontem de noite, depois que eu despistei o Josey Wales, outras pessoas me perseguiram. Elas me perseguiram pela Duke Street todinha, até o parque. Não, ontem de noite eu tirei um cochilo nos trilhos do trem. Não, ontem de noite eu caí no sono ali no Lixão porque o Josey Wales tava atirando em mim, e eu só acordei porque alguém tacou fogo no monte de lixo que eu tava deitado. Eu não sei se já passaram duas noites que eu atirei nele ou só uma. Se bem que o jornal não ia levar dois dias pra falar pro mundo que o Cantor tomou tiro e sobreviveu. Que nem os pistoleiros conseguiram silenciá-lo. Tudo isso foi em um dia, não dois. Eu sei que a gente foi atrás dele no dia 3 de dezembro. Mas tem gente chegando no parque aos montes, de duas em duas, de quatro em quatro, então hoje deve ser dia 5.

O Josey Wales aparece na minha cabeça e eu me lembro de fugir dele, e eu me lembro de dizer pra mim mesmo não chora, não chora, não chora, seu viadinho, mas eu chorei mesmo assim porque eu não tava entendendo e ainda não entendi por que ele tava atirando em mim, quando ele tinha mandado a gente fazer aquilo, e aí pela primeira vez eu me lembrei dos outros, e fiquei pensando onde é que eles tavam. Ou será que o Josey Wales já tinha atirado em todos eles e só sobrou eu? E eu não sei se isso faz sentido pros grandes, mas pra mim não faz sentido. Não parei de correr nem quando eu já não conseguia mais ouvir o Josey Wales. Dei no pé do Lixão e corri e corri e corri até chegar na cidade baixa, pela Tower Street, de leste a oeste, passando pela loja de costura e pela lojinha síria e pelo supermercado libanês, tudo fechado até o fim das eleições gerais. A

Tower Street corta a Princess Street com seus pedintes, a Orange Street com suas vendedoras de porta em porta, a King Street com seus comerciantes e a Duke Street com seus advogados. Entro na Duke Street e corro para a escuridão. E daí eu me dou conta de que não é o Josey Wales que tá vindo atrás de mim, nem o Papa-Lo, nem o Shotta Sherrif, é ele. Ele derrotou a morte e agora tá vindo atrás de mim. Ele não tá nem vindo de verdade, ele tá bem abaixado em algum morro em algum lugar aí, armando uma arapuca, porque ele sabe que gente que nem eu já nasce burra, e ele sabe que eu vou acabar caindo direitinho nela. National Heroes Park. Hoje esse parque é dele, e qualquer um que puser o pé ali vai se render a ele. Ali e em toda Kingston. Em toda a Jamaica.

Um caldo grosso que nem saliva na minha cara, no meu olho e no meu nariz. Acordo me afogando no banco do parque, com merda de pombo no ombro. Não sei se eu caí no sono de novo e acordei, ou se da última vez que eu acordei era um sonho. As pessoas já tão aqui no parque esperando pra ver. Eu vejo e eu espero. Por eles, pela polícia, pelos pistoleiros do PTJ, pelos pistoleiros do PNP, por você. Ali pelas quatro horas já devia ter mais de mil pessoas, todas esperando, mas tem alguma coisa diferente aí. Essa gente não é do PTJ nem do PNP nem de nenhum outro P, são só homens e mulheres e irmãos e irmãs e primos e mães e irmãozinhos e irmãzinhas e guerreiros e eu não conheço nenhuma daquelas pessoas. Eu me levanto e vou andando pelo meio delas, por cima delas, em volta delas, que nem se eu fosse um fantasma. Ninguém encosta em mim, e ninguém sai da minha frente, elas simplesmente não estão me vendo. Não conheço ninguém que não tenha escolhido um lado. Não sei como elas são, ou o que passa pela cabeça delas antes delas dizerem qualquer coisa, pessoas que nunca usaram o verde do Partido Trabalhista da Jamaica ou o laranja do Partido Nacional do Povo. E tem cada vez mais gente, e a multidão tá cada vez maior, e as ruas que circundam o

parque tão a ponto de explodir, mas tá todo mundo esperando por ele, e tão cantando as músicas dele enquanto tu não vem.

A multidão é uma coisa só. Cedo ou tarde, um deles vai acabar me reconhecendo. Cedo ou tarde, algum desses cordeirinhos vai acabar dizendo olha ele ali! Olha o lobo ali! Sei lá como é que eles vão saber, mas eles vão saber. Mas eles não tão nem aí pra mim. Eu sou um inseto, uma mosca, um mosquito, até menos que isso. A Third World Band tá tocando, cercada por todos os policiais que existem na Jamaica, e uma mulher linda no palco fala como se ela fosse João Batista e o Cantor fosse Jesus, e ela faz a multidão dizer uuuh e aaah e iééé e o vestido dela é vermelho com laranja, e desce até o chão como se fosse a sarça ardente de Moisés, mas ela não tá falando pra eles, ela tá falando pra mim, dizendo ei, seu idiota, quem você pensa que é pra tentar derrubar a Tuff Gong?

A multidão avança pra frente e volta pra trás. Vão da direita pra esquerda e da esquerda pra direita de volta e eu tô tentando não ficar olhando muito e tô tentando fazer com que ninguém olhe muito pra mim, e dois moleques passam por mim, um deles fica me olhando demais, e o outro derruba um jornal. Tá escuro, mas as luzes dos postes iluminam as pessoas e, às vezes, o chão também. Era o *Daily News*. O Cantor é baleado. Ataque noturno de pistoleiros deixa o empresário dos Wailers, Don Taylor... tchf... alguém pisa no jornal, depois mais um, depois mais um, a multidão o engole e aí já era.

Eu levanto a cabeça e ele...

Não ele. Tu.

Tu tava olhando bem pra mim.

Tu tava no palco a uns cinquenta, cem metros de distância, longe pra caralho e mesmo assim tu tava olhando pra mim. Tu já tinha me visto bem antes de eu te ver. Só que tu não tava olhando pra mim. A única luz que tinha agora tava ali no palco, e eu tava escondido aqui no escuro.

Tu tava embalado numa camiseta preta toda coladinha, como se tu tivesse voltado do inferno, e eu não consegui ver tuas calças, não sei se é um jeans ou se é aquela de couro que quando o meu broto te vê usando ela suspira. Tu dá uma pirueta e uma luz no palco te ilumina balançando teus dreadlocks. Blue jeans. Tem tanta gente no palco que tu nem consegue dançar como tu tá acostumado. A mulher bonita, teu João Batista, tá de braços cruzados, mas ela tá sentindo as vibrações da música. Daí na esquerda eu vejo um fantasma e tento fugir. Saio correndo e bato no peito dum cara. Eu peço desculpa mas o cara nem tinha se ligado em mim, só tava captando as vibrações positivas. Olhei pra trás e o fantasma não era um fantasma, era só uma mina vestida de branco. A trombeta tocou, e tu não caiu. Não tô te ouvindo, eu tô ouvindo só as pessoas, e elas tão te ouvindo, e eu tô te vendo, mas tu me bloqueou de algum jeito, que nem se eu tivesse ficado surdo, e daí eu fiquei pensando como é que essa noite tava sendo pra quem é surdo, e se tu for mesmo começar uma revolução, se eles iam poder fazer parte dela.

Tu.

Tu disse que tu sempre soube, que tu tinha confiança que, no fim, o bem sairia vitorioso sobre o mal. Tu não tava falando de mim. Eu sei que tu não tava fazendo uma profecia sobre mim. Tu é um idiota. Tu esqueceu que tu é o leão e eu sou o caçador. Tu tá lá exibindo teus dreadlocks de novo. Daí eu que esqueço que mesmo tu sendo o leão e eu o caçador, eu tô na tua selva. A selva de concreto. Dou meia-volta pra me escafeder, mas ninguém se mexe pra eu sair. A multidão fica parada e depois me empurra. Daí eles começam a pular, e eu paro. Um pé esmaga meu pé, e depois mais um, e depois mais um, e se eu não começar a pular também eles vão continuar me pisando, um por um, até que eu esteja todo pisoteado.

É tu que tá fazendo isso.

Tu tá dizendo pra eles chegarem mais perto do palco e pisotear a Babilônia. Agora eu tô pulando enquanto tu canta pra eles sobre mim. Tu é o leão e tu é o caubói, e é tu quem vai *chase those crazy baldheads out of town*. Eu olho pro chão, mas o baixo tá prestes a me jogar no chão pras pessoas poderem me pisotear. E a guitarra vem pelo meio da multidão que nem uma lança apontada pro meu coração. Eu tava mesmo achando que fazia só um dia que a gente te meteu bala, mas quando parei pra pensar foram dois, e eu não sei se eu dormi no Lixão, ou na Duke Street, ou no parque, e nem quando a noite virou manhã e depois virou noite de novo, duas vezes. E onde é que eu andei um dia inteiro eu também não lembro. Mas não consigo pensar em nada agora porque tu tá me atacando e pra todo lugar que eu olho querendo fugir tem gente me bloqueando, e talvez eles devessem mesmo me bloquear porque o Josey Wales deve estar por aqui também, e o Papa-Lo também, e daí eu me dou conta de que era isso que tu tinha planejado desde o início.

Levantei a cabeça e tinha gente até em cima da árvore, e um deles deve ter uma arma apontada pra minha cabeça. *Agora que você conseguiu o que queria, você ainda quer mais?*, tu diz, e é pra mim que tu diz isso, é de mim que tu tá falando, e só eu sei o que tu tá querendo dizer, na real. *Tu acha que tu é o pica grossa, ô, arrombado? Tu acha que pode vir aqui e tomar o que é meu, seu cu cagado? Tu acha que tu pode eliminar a Tuff Gong? Tu acha que tu pode apagar Sua Majestade Imperial assim na moral? Jah vive, arrombado, e Jah tá vindo arrancar esse teu coraçãozinho de merda aí. Jah vai apontar o dedo dele pra tu e jogar um raio que vai te queimar inteirinho, até tu virar uma pilha de cinza que não vai mais servir pra nada, só pros cachorros sarnentos levantarem as patas e mijarem tudo em cima de tu pra tu acabar escorrendo pra dentro dos bueiros.*

Agora que você conseguiu o que queria, você ainda quer mais? Não. Eu não quero mais nada porque eu já vi eles, o bebê com asa de morcego, e o bebê com dois olho, mas sem boca, e cada vez mais fogo azul acendendo e

avançando em direção à plateia e eu tô louco pra gritar gente, cês não tão vendo isso? Cês não tão vendo esses demônio aí? Mas as pessoas tão olhando pra tu, e só pra tu. Alguma coisa resvala por cima do meu pé, e esfrega as escamas no meu tornozelo. Isso acontece de novo, e eu dou um grito, mas a guitarra grita ao mesmo tempo, abafando o meu grito. Talvez se eu, em vez de tentar correr, tentasse caminhar, eu consiga sair daqui. Então eu vou andando, abrindo caminho pela multidão, mas todo mundo tá pulando e agitando os braços e se esfregando uns nos outros e cantando e pra esquerda é a cidade alta, olhando pra esquerda eu vejo o Colégio Wolmer's para Meninos, ninguém ia me encontrar lá, então começo a ir pra esquerda, mas as pessoas continuam cantando e se mexendo e cantando e pulando tanto que nem tô conseguindo ver nada, mas eu continuo andando e andando e toda vez que eu acho que cheguei no fim do parque vem uma voz me dizer *Tu não vai pra lugar nenhum, arrombado* e daí tu canta *Assim disse Jah*, pra oficializar aquilo.

Eu vou conseguir chegar lá.

Não.

Assim disse Jah.

Nenhum cu cagado dum fantasma vai me pegar.

Eles vão te pegar, sim.

Assim disse Jah.

O Josey Wales vai me encontrar e vai me matar, e vai me matar bem rápido, porque eu sei de tudo. Ou talvez o Papa-Lo me encontre e me mate bem devagar, pra servir de exemplo pra tudo quanto é bandido.

Sim.

Assim disse Jah.

Ninguém pode matar a Tuff Gong.

Assim disse Jah.

Resolvo dar no pé. Vou caminhando, mexendo as pernas cada vez mais rápido, mas tua voz vai aumentando e aumentando e aumentando e daí eu

dou uma parada e olho e tu tá mais perto que nunca. Aquela afrouxada na linha pra enganar o peixe. E daí tu olha pra mim e eu não consigo mais me mexer. E os bebês com asa de morcego e o fogo azul cada vez mais perto, eu não consigo ver eles, mas eu sinto a presença deles, e eu não posso fugir porque tu tá olhando pra mim. Mas é melhor tu parar. Tu tá me ouvindo? É melhor tu parar. Não fui eu quem armou um plano pra te matar, eu tô cagando se tu tá vivo ou morto. Me deixa em paz, me deixa em paz, seu Rastafári nojento com essa cabeleira cheia de piolho. Tu tá olhando pra mim, eu sei, *assim disse Jah*. Tem tanta gente aí no palco que tu não consegue nem se mexer, o chefe da polícia de uniforme khaki, o branco com a câmera, o primeiro-ministro trepado em cima de uma Kombi, e tantos negros e tão negros que pareciam sombras vestindo roupas e dançando e remexendo no escuro. E tu cantando e o espírito da tua mulher cantando e todo mundo cantando e a plateia cantando e tua voz se escondendo debaixo disso tudo.

Eu olho pra tu e vejo tua boca se mexendo, cantando uma coisa, mas dizendo outra. *Olha pra cá, seu pivete da Babilônia, tu tá achando que pode ir contra a consagração de Sua Majestade Imperial, o Rei Haile Selassie? Seu fundamento está nos montes santos. Jah ama as Portas de Sião mais do que todas as moradas de Jacó. Coisas gloriosas se dizem de ti, ó cidade de Deus. Farei menção de Raabe e da Babilônia àqueles que me conhecem; eis que da Filístia, e de Tiro, e da Etiópia, se dirá: Este homem nasceu ali; e o mesmo Altíssimo a estabelecerá. Jah Rastafári! Olha pra cá, seu pivete.*

Eu olho. Só que tu não tá olhando pra mim. Tu não precisa olhar pra mim pelo mesmo motivo que Deus não precisa olhar pro homem. Se ele fizesse isso por um segundo, o olho do homem ia derreter dentro da sua cabeça e queimar até desaparecer, não sobrar um grão, um cisco, não sobrar nada. Isso não sou eu falando, isso é tu. Eu não sou mais eu, não pareço mais eu falando, parece tu, e não tem mais ninguém na multidão, só um monte de sombra, e não tem mais som saindo pelas caixas, só uma

lembrancinha, bem lá no fundo, da melodia. E tu ergue o microfone pra cima como se fosse uma tocha, e tapa os olhos mais uma vez, mas, mesmo assim, tu ainda tá vendo tudo. Eles pensam que tu tá dançando, mas tu tá mandando mensagens, foi tu mesmo quem disse isso. Comecei a suar frio e não parei mais, uma gota desceu as minhas costas que nem um dedo gelado e foi parar bem no meio da minha bunda.

E daí tu mexe teus braços e balança teu cabelo e fixa teu olhar em mim. Através de mim, por dentro de mim, atrás de mim, tu vai direto no meu coração e pega nele. Tu diz testemunha a obra do Rastafári. Testemunha ele transformar leão em caçador e caçador em caçado. Tu sabe que eu perdi a minha arma, a arma que quase te apagou. Tu sabe que mesmo que eu tivesse com uma arma eu não ia conseguir atirar. Tu sabe que eu não sou nada, que eu sou um homem morto. Tu sabe que eu me caguei quando a cobra passou pelos meus pés, tu sabe que tu pode mandar a multidão me derrubar e me engolir. Tu tá na selva, no mato, e acabou de sair ileso da tua audiência com Sua Majestade Imperial. Tu dá um passo pra frente e arregaça as mangas. A Babilônia tentou te derrubar na base da força, mas fracassou. Tu abre o primeiro botão da tua camisa, depois o segundo, o terceiro, e depois estufa teu peito que nem o Super-Homem. Tu aponta pra ferida no teu braço e pra ferida no teu peito. Tu faz a dança da vitória da guerra e abandona a tua caça, e todo mundo viu, mas só eu sei. Tô suando frio. Tu apontou pras tuas feridas que nem Jesus mostrando a marca da lança. Agora tem mais gente ainda no palco, e a mulher bonita pega o microfone de volta, mas não antes do vento soprar e o galo cantar, tu saca duas pistolas dos coldres mais rápido que o Cisco Kid, que o Marty Robbins, que o, que o, que o Homem Sem Nome. Tu joga tua cabeça pra trás e ri tanto que nem precisa mais usar o microfone. Tu ri de mim e daí tu para e fica sério de repente e olha bem pra mim, com fogo nos teus olhos. Eu fecho meus olhos até sentir que tu não tá

mais me olhando e daí eu abro e tu desapareceu. E eu sei que eu tô morto, só consegui correr quando vi que tu foi embora.

Mas o bebê com asa de morcego tá vindo atrás de mim. As pessoas tão se empurrando, tão se estranhando, e alguém ou alguma coisa me acerta bem no meio da cara. E depois levo mais uma, direto na minha barriga, e eu pensei que ia vomitar, mas acabei me mijando. Eu não chorei e não vou chorar. Agora eu já não tenho mais controle sobre nada que vai acontecer comigo, nem do meu mijo. Ele escorreu pelo meu pé e as pessoas foram me batendo e me estapeando e me chutando e foram me passando correndo e correndo me passando. Consegui sair do parque antes que o pessoal se desse conta de que tu tinha se mandado e não ia mais voltar, então a rua tava escura e deserta e eu não conhecia nenhum dos prédios do outro lado dela. Eu nem tinha visto o Tony Pavarotti, que é soldado do Josey Wales, até que ele estivesse bem na minha frente, até que o punho dele estivesse vindo com tudo na direção da minha cara.

DEMUS

Corri o dia inteiro até virar noite. Duas noites atrás eu tava correndo no meio dum sonho.

Uma vala tão fedida e cheia de lixo que nem os ratos queriam ficar muito perto. Subi correndo a Duke Street até a South Parade e peguei o primeiro ônibus que tava saindo. Não consigo lembrar se dei os cinco centavos pro cobrador. Só tinha quatro pessoas dentro do ônibus e só uma delas tava atrás de mim. Minha cabeça começou a doer, não muito forte, era mais um incômodo, que nem se um mosquito tivesse voado pela tua orelha e agora tivesse zunindo, indo pro topo da tua cabeça. Aquele zunido que te dá a impressão de que tem alguém te olhando pelas costas. Eu me viro e é um moleque de colégio. Se tirar o uniforme, ele não é mais velho que eu, eu acho. Mas ele não tava olhando pra mim. Ou só tava olhando pra mim quando eu virava as costas pra ele. Eu me viro de novo. Eu quero chegar ali nele e desenhar um telefone na cara dele com o meu canivete. Eu quero arrebentar a cabeça dele por ele ir pra escola, porque eu não tive a chance de ir todo de uniformezinho de khaki pra escolinha nenhuma. Mas ele é só um moleque. Eu viro de novo e escuto cascos de cavalo. O barulho dos cascos vai ficando cada vez mais alto e eu sei que é o ratatá do motor desse ônibus velho, mas eu tô ouvindo o barulho de cavalos. É aí que eu salto do ônibus, em Barbican, e desço por uma pontezinha até a vala debaixo dela, e fico ali.

Quando acordo, tem uma mão no meu saco. Uma mão apertando minhas calças com força, e me fazendo dar um pulo. Tudo que eu consigo ver é a mão se esticando de dentro de um monte de lixo, um monstro de

lixo feito de jornal e tecido e sacolas plásticas e comida estragada e merda. Eu berro e dou um chute bem na cara do monstro e ele cai de costas gritando. Parte do jornal cai dele e a cabeça de uma mulher aparece. Ela é preta que nem piche, e o cabelo dela tá duro de tanta sujeira e papel grudado e tem duas presilhas cor-de-rosa nele, e quando ela grita de novo eu só vejo três dentes, um tão comprido e amarelo que ela parecia uma vampira escondida debaixo daquele jornal. Ela ainda tava gritando quando eu procurei perto de mim e encontrei uma pedra e ameacei jogar. Ela levantou rápido, eu tinha me esquecido de como os loucos tão sempre em forma e são ágeis, e tão sempre prontos pra sair correndo, que é o que ela faz, e sai gritando pela vala até ir tão longe que se transforma só num risquinho, num pontinho, num nada.

Não sei dizer quando foi a última vez que eu comi. A última vez que tomei banho. Eu tava achando que se eu não pensasse em pó eu não ia querer cheirar um pó, mas agora eu tô pensando nisso e não tem nada que eu possa fazer pra parar. Mas aí eu escuto o barulho dos cascos mais uma vez. Meu coração começa a bater rápido, bum, bum, bum, e os cascos dos cavalos clop, clop, clop, e as minhas mãos e os meus pés vão ficando cada vez mais frios. Minha cabeça tá me dizendo sai daí, panaca, sai fora, e a vala toda tremeu. Mas era só um caminhão passando por cima da ponte. Eu tenho que continuar com fome. Se eu continuar com fome, vou pensar em comida. Se eu continuar com fome de pó, vou pensar em pó. Porque se eu ficar pensando no quanto eu tô com fome, eu nunca vou ficar pensando no Josey Wales dizendo *puta que pariu, quase que foi tu, seu otário, era pra ter sido tu se tu não tivesse cheirado aquela merda do Chorão*. Eu não vou ficar pensando nessa ponte, nem em como eu só queria ensinar pro irmãozinho lá, não pro Cantor, a não mexer com o Demus. Eu tô de saco cheio pra caralho de ser usado, primeiro pelo irmãozinho lá, depois pelo Josey Wales, *puta que pariu, quase que foi tu, seu otário, era pra ter sido tu se tu não tivesse cheirado aquela merda do Chorão*, e, antes

disso, por todo mundo naquela favela de merda que só pensa no que eles querem, e como é que vão me usar pra conseguir. Deve estar escrito na minha testa: pode usar porque esse aí é um otário, e o pior é que deve ser verdade. Tu não faz ideia de como o fedor dessa vala pode deixar o cara louco. Como ele pode fazer o cara começar a pensar um monte de merda horrível e nojenta, do tipo matar a merda dum bebê, ou estuprar uma merda duma garotinha, ou cagar na merda duma igreja, porque o fedor fede tanto que tudo que tu consegue pensar é que o fedor tá se infiltrando em você que nem água passando por um coador, e a essa altura do campeonato ele já tomou conta de tu. E tudo que tu quer é se lavar, eu só quero me lavar e tirar esse fedor de mim, mas a água que corre aqui na vala também fede. Não. Agora eu preciso pensar direito. Eu preciso pensar que nem um cara inteligente. Eu preciso sair de Kingston. Eu preciso ir embora. Eu preciso ir pra algum lugar, algum lugar de onde as pessoas nunca falam, algum lugar que nem Hanover, puta que pariu, quem é que sabe o que que tá rolando em Hanover? Hanover fica tão longe do resto da Jamaica que eu aposto que eles nem votam nas eleições. Eu vou pra Hanover e mudo meu nome pra uma coisa que nem Everton ou Courtney ou Fitzharold, um desses nomes que parece que eu fui criado por um pai e uma mãe. Eu ouço os cascos dos cavalos mais uma vez, e me levanto e corro. Eu corro na mesma direção pra onde correu a maluca, eu também devo estar maluco ouvindo casco de cavalo que nem se eu fosse um escravo fugitivo pelado com o meu senhor no meu cangote enquanto eu tento chegar no quilombo. É isso, talvez eu deva mesmo correr pro quilombo — mas quem é que corre prum quilombo em 1976? Mas quem é que ia me procurar lá? Isso parece uma boa ideia. Parece mesmo uma ideia excelente. Como se eu ainda tivesse bom senso. Pelo menos eu ainda tenho meu bom senso. Eu tava quase rindo de mim mesmo, ali, correndo pelo meio daquela vala, vendo tudo ficar escuro toda vez que eu entrava debaixo duma ponte e depois voltando pra luz quando eu passava por ela.

Eu corri e corri e corri até o ar começar a ficar salgado, e eu sentir que logo mais estaria perto do mar. Eu corri e corri até o sol ficar lá no topo e cozinhar as minhas costas, e depois vir descendo e descendo e descendo até chocar o céu mais uma vez com seu laranja, e depois sumir. E eu não parei, nem mesmo quando vi que eu tava descalço e que a água que eu tava pisando tava começando a ficar mais limpa.

Corri até a carcaça dum carango queimado, e quase parei pra me esconder nela até virar um esqueleto, mas continuei correndo. Nada me incomoda a menos que eu pense naquilo, então quando eu penso em comida a fome me atinge com tanta força que eu caio e saio rolando pelo chão. Então eu paro de pensar em comida. Correr me faz pensar que o toque de recolher vai começar logo mais, e daí eu vou poder sair de dentro dessa vala e ir pra algum lugar onde tem comida pra eu roubar ou água pra eu beber, mas em vez disso eu digo um palavrão porque lá tô eu pensando em comida mais uma vez e a minha barriga começa a roncar e uma dor me rasga por dentro. Isso é verdade, quanto mais você foge das coisas, melhor você se sente em relação a elas.

Passo pela carcaça dum caminhão, e só quando eu passo pela carcaça dum barco é que meu dou conta de que não tô mais dentro da vala. Mas também não tô no mar, apesar de que tô sentindo o gosto do sal e o cheiro das ondas. Eu tô com meus dedos afundados na areia e na lama, e perto de mim eu só vejo a mata fechada, umas árvores amarelas que parecem de plástico, com galhos um pouco encurvados pelas trepadeiras que descem até o chão que nem cobras. A areia tá gelada e molhada numa parte, e seca e quente noutra. Eu passo andando numa parte molhada e um buraquinho se abre e um monte de caranguejo sai correndo dali. Eu me inclino e fico olhando pra eles, a claridade tá diminuindo e o barulho do mar tá ficando mais alto. Eu olho pra cima e pra direita e vejo na minha frente um avião. Parecia que ele tinha caído e tentado levantar de novo, mas acabou preso numa teia de aranha. O avião ainda tava lutando, mas a

teia de plantas tava vencendo. Ele tava apontando pra cima, que nem uma cruz, e sua barriga ainda tava prateada e reluzente. Ele tava sem metade da asa esquerda, e a cauda tinha afundado na areia. Algas e flores marinhas tavam se enfiando pela cabine e saindo pelas janelas como se o mato fosse o verdadeiro passageiro. Tinha caranguejo por tudo quanto é lado. Parte de mim queria abrir a porta e ver se tinha um esqueleto de verdade ali dentro, e parte queria sentar no banco e esperar que o avião conseguisse se libertar e voar pra longe dali. Ouço um barulho vindo do mato, e galhos se quebrando como se porcos selvagens estivessem pisoteando tudo. Eu me viro e cinco seis sete oito Rastafáris tão me cercando, todos vestidos de branco.

– Mas que porr...

BAM-BAM

Eu gritei ai meu deus! Ei! Não não não não não não não não não não não!, eu gritava, mas não saía o grito porque tinha uma mordança tampando a minha boca, e a minha língua não conseguia empurrar ela pra fora, e o meu vômito subia e eu não conseguia engolir de volta e daí eu comecei a tossir e a me engasgar. O Josey Wales arrancou a minha regata de redinha e usou ela mesma pra me vendar, e tudo que eu tô vendo são tochas e sombras de homens e sombras nas árvores que parecem mãos enormes se levantando do chão, só que tudo borrado. Tá escuro e eu tento correr, mas meus pé tão amarrado junto e minhas mão também. A única coisa que eu posso fazer é sair pulando, daí eu saio pulando e o Josey Wales começa a rir. Eu não consigo ver ele, só escutar a risada. Só que daí ele balança a cabeça e sai de trás da árvore e eu vejo que é um homem, não uma sombra que tá ali. Daí o Chorão e o Tony Pavarotti me pegam e me levantam e eu não posso fazer nada, não posso dar soco, não posso dar porrada, não posso dar facada, não posso dar chute, a única coisa que eu posso fazer é ficar olhando pra eles com cara de mau, como se uma vez, só uma vez, aquele arrombado do Jesus Cristo tivesse me dado o superpoder que eu venho pedindo desde que tinha doze anos. Deixa eu cortar eles ao meio com a minha visão de raio laser, Jesus! Jesus! Eles me pegam e me levantam e me balançam e um, e dois, e três e me soltam e eu caio em cima da minha barriga, com a cara na lama e bem no meio da cova. Meu olho direito enche de lama e aquilo queima, e machuca, e eu não consigo tirar a terra do meu olho piscando. Eu me reviro e eles tão só me olhando lá de cima, e o Josey Wales tá olhando pra mim com um sorrisinho na cara, e a minha

fica preso e lá vem pedra! Pedra! Pedra por cima, por baixo, de tudo quanto é lado, e daí mais terra, só terra, vou virar, virar, tô quase virando de costas e me agachando tipo bebê pra poder respirar, eu devia ter comido a mulher que mora comigo, não, não ela, alguma outra mina, a vizinha que mora duas portas pra lá, alguma outra mina, uma branca, uma das Panteras, com a buceta rosa, eu vi que a buceta é rosa no livro secreto do meu pai que ele guardava debaixo da cama e pegava quando achava que eu tava dormindo e tocava uma bronha, fazendo barulho de macho, Jesus, meu pau tá tão duro que eu podia foder o chão, eu tenho que foder esse chão, foder, foder, foder, eu quero uma buceta, não, eu não quero uma buceta, eu quero foder, foder, foder, botar ela de quatro e dedar a xaninha e abrir o cuzinho e enfiar o pau nele e ele é apertado, parece que tem um pedaço de fígado enrolado na tua pica, grande que nem ficava a pica do teu pai quando ele comia a vadia da tua mãe, de costas pra ele, ela não tava nem aí quem tava dormindo e quem tava acordado, e quando ela sentava na pica do papai que nem se fosse o mastro da bandeira, ela ficava fazendo força pra se levantar, mas não conseguia se soltar dele, e ela não queria se soltar dele, ela deslizava de volta pra baixo e gemia que nem uma cadelinha bucetinha pica bolas bolas e eu nunca vi meu pai pelado e eu nunca vi ele comendo a minha mãe, talvez fosse algum outro homem, talvez o Funnyboy, não, ele é um viado que manda homem chupar a pica dele e depois atira e mata ele e eu nunca vou ir pra Cuba e eu nunca vou ir pra Barbados e eu nunca vou arrancar o S do peito do Super-Homem, e eu não consigo chorar pelo olho esquerdo, ele tá cheio de terra, e eu tô com a respiração curta porque o ar tá acabando, tá acabando, não consigo mais sentir terra nova caindo em cima de mim, só escutar, tá tão escuro, tão úmido e pesado, a terra tá pesada, eu não aguento mais não não não não não não não para para respira respira curto guarda guarda guarda o quê? Cava, cava, cava, joga, joga, joga, morrer, tu vai morrer, tu vai morrer, deixa eu morrer logo, não, tu não vai viver, tu vai morrer, respira mais

uma vez, não usa todo o ar, o ar tá úmido e carregado, alguém toca no meu nariz, parece que tem alguém tocando no meu nariz ah ah ah ah ah hhhhhh Jesus! Jesus! Jesuuuus respira uma, respira 1, respira 2, respira 3, respira 4, respira, respira, ci ci ci ci ciiiiiiiiinco, respira seis, respira se se se se seteoooooooooooooooooooooooooitoooooo res nnnnnnnn hhhhhhhhhh h hã hã hã hã hã h h h nove! Nooooooooooove noooo noooooooooooooo noooooo hhhhhhhhhh hhhhhhhhhh hhhhhhhhhh h hhhhhhhhhh hhh h não, papai, não quero o caminhão de bombeiro amarelo, eu quero o vermelho, o amarelo não é de verdade, papai, não, papai, eu quero um sacolé e um pirulito e um picolé e tudo quanto é doce e um lápis de cera roxo e vermelho também, rosa não, rosa é de menina, rosa é de menina, chiclete HubbaBubba não gruda nunca, nem quando tu estoura uma bolha gigantesca a maior bolha do mundo das bolhas e ciranda cirandinha vamos todos cirandar que merda, que merda, a gente...

SIR ARTHUR GEORGE JENNINGS

Deus pôs a Terra bem longe do céu porque nem ele aguenta o cheiro da carne morta. A morte não é uma ceifadora de almas, nem um espírito, ela é um vento sem calor, uma doença que se instaura lentamente. Eu estarei lá quando eles matarem o Tony McFerson. Estarei lá quando a Casa de Repouso Eventide estiver envolta em chamas. Ninguém tenta se salvar. Eu estarei lá quando o rapaz enterrado vivo fizer a passagem ainda achando que não está morto, e vou segui-lo quando ele for andando até a casa do Cantor de reggae. Eu estarei lá quando eles forem atrás do último camarada na cidade antiga. Quando os três forem ao encontro da justiça severa. Quando o Cantor, dançando com seus pés ressuscitados, tombar na Pensilvânia e seus dreadlocks se esparramarem pelo chão.

Aqueles que estão prestes a morrer conseguem enxergar os mortos. É isso que eu estou dizendo agora para você, mas você não pode me ouvir. Você pode ver que eu estou te seguindo, você fica se perguntando como é que eu estou andando se nem sequer parece que estou tocando o chão, e mesmo assim eu estou andando atrás deles, atrás de você? Eles seguiram você até ali onde o pântano se encontra com o mar, e você nem percebeu até que eles estavam todos à sua volta, bem do lado daquele avião reluzente com o piloto morto dentro dele com um monte de sacos de pó branco ao seu redor. Eles eram sete e você achou que eles eram os Cavaleiros do Apocalipse, mas eram apenas homens com facões que conseguiram te farejar pelo teu medo, homens que nem mesmo te perseguiram, simplesmente ficaram esperando até que você aparecesse no lugar certo. Eu sei que você está me vendo. Isso não é bom pra você.

Você acordou com aquele troço em cima de você, um monte de baba de demônio no seu rosto, como se alguém tivesse pegado você pelos pés e mergulhado a sua cabeça numa gelatina. Você tirou um pouco da baba da cara e ficou achando que tinha sido tudo um sonho, mas aquilo já estava dentro de você, você o respirou como se fosse um peixe. Você e o rapaz enterrado vivo e todos os outros que nunca vão se dar conta de que agora estão dormindo de costas.

Esse branco não faz sentido, ele não faz o menor sentido, é o que você está pensando. Eu estou te acompanhando feito uma viúva num funeral. Sua calça fica presa numa pedra meio enterrada no chão, rasgando o seu bolso esquerdo. Aqueles homens te fisgaram que nem um peixe, e a cada puxada que eles dão, o nó em volta das suas mãos vai ficando mais apertado. Eles te arrastaram por quilômetros e você foi se debatendo e se revirando, mas na última vez em que você se revirou, você acabou ficando em cima da sua barriga e as pedras no chão machucaram ainda mais, abrindo rasgos na sua barriga, e uma rocha vermelha toda pontuda arrebitou o seu joelho direito. Eles te arrastaram por ruas secretas, vielas esquecidas, caminhos tomados pelo mato e rios escondidos, até a caverna que leva às profundezas de Kingston, que só escravos mortos conhecem. Só um deles está arrastando você, e sem fazer muito esforço, ele nunca dá puxões, simplesmente te arrasta como se você fosse apenas um travesseiro cheio de penas, esponja e ar. Você não é nada pesado: ninguém com menos de vinte é. Tento abaixar minha cabeça em reverência enquanto marchamos, mas sempre que eu inclino minha cabeça ela cai, quebrando meu pescoço. Você se revira mais uma vez, e grama molhada corta seu rosto. Você esteve gritando por quilômetros, e o seu grito sempre morria numa mordalha, mas eu estarei lá para ouvi-lo.

Os Rastafáris justiceiros vestidos de branco cheiram à fumaça da ganja e ferro no sangue. Sete homens que não têm nada pra dizer, sete homens, e um deles te arrastou por uma corda pelo meio do mato, subiu esse

morro, desceu esse vale, depois subiu outro morro e esse tempo todo a miserável da lua não deu a menor atenção. Me pergunto como é que as calças deles continuavam tão brancas ali no meio do mato. Três dos sete tinham panos brancos enrolados na cabeça, como mulheres de uma tribo africana. Você está me vendo. Você tem esperanças de que eu consiga ler o que dizem seus olhos. Eu consigo e *eles não estão nem aí quando eu me viro e minha cara e meu nariz e minha boca ficam cheios de terra e grama que amargo que amargo que amargo não, puta merda, onde é que a gente tá indo, onde é que eles tão indo, minha cara vai ficar toda lanhada, e minha cabeça vai ficar parecendo a lua e a lua vai começar a sangrar e a cada passo a grama corta mais a minha pele e eles tão tudo andando pelo meio do mato como se não tivessem andando, como se ninguém andasse, como se todo mundo saísse flutuando pelo ar, pelo mato, as folhas cortam, ai.* Mas você não é o homem que eu estou esperando. Eu achei que fosse porque senti o cheiro dele em você, de leve, mas estava ali, e eu quase pensei que era ele até eu ver que era você. Muitos mais terão que sofrer. Muitos mais terão que morrer.

Estes caras não cantam música nenhuma enquanto te arrastam pelo meio do mato. Minha pele é tão branca quanto as roupas deles, mas eu estou sem roupas. Você não consegue parar de tentar gritar. Você está pensando se eu estou com eles ou não, se eles conseguem me ver ou não, e se eu não for real, então nada disso é real, e até mesmo essa procissão em direção à morte é apenas uma metáfora para qualquer outra coisa. Você nunca ouviu a palavra metáfora.

Mas você tem em você uma coisa que eu não tinha em mim. Você sabe quem são os homens que estão te levando. Talvez depois de tantos quilômetros sendo arrastado, você tenha conseguido separar seu id do seu superego, sua mente, que sabia que isso ia acontecer, e o seu coração, que nunca será capaz de aceitar. É o lado irracional do homem que se agarra ao último fio de esperança, que faz de tudo para permanecer vivo, que

tenta se pendurar no ar no meio de uma queda de uma sacada, pedindo a Deus alguma coisa na qual se segurar. Eu não sei quem são os homens que me mataram. Você olha para mim, e mesmo no escuro eu consigo ver que seus olhos queimam feito chamas.

Ele tá bem ali. Ele tá olhando pra mim e pra eles. Ele vem caminhando lá atrás, esquerda, direita, esquerda, direita, vários passos atrás deles, e olhando pra eles e olhando pra mim e olhando pro céu como se estivesse chorando e ele não fala com eles me ajuda, me ajuda, polícia assassino para não fica andando por aí como se tu não tivesse vendo o sangue e não fosse testemunha. Não tô entendendo, isso não faz sentido, como é que esse branco vai ficar aí e não vai aproveitar que é branco e dizer alguma coisa? Grita, corre, volta com uma arma, grita, corre, não fica só aí andando e não, eu não tava olhando pra tu enquanto eles tavam me arrastando pelo meio do mato, eu tava puxando de volta, dando pirueta e rolando pra ficar de costas, o mato roçando a corda queimou minha mão, rolei de volta pra ficar de barriga, não, de costas, não, de lado, não, de barriga e tô vendo que eles são dois, não, três, não, quatro, a gente tá subindo um morro porque a corda tá me puxando mais forte, e me machucando, e o branco tá me olhando, mas ele tá sem a cabeça e eu não consigo ver onde ela foi parar porque aqui é mata fechada, e o mato me corta, puta que pariu, Jesus, o branco sumiu, mas depois ele voltou, olha ele ali, ainda tá lá pra trás, mas tá sem a cabeça, não, ela tá pendurada como se ele não tivesse mais pescoço, e daí ele pega a mão dele e o que que ele tá fazendo? Ele tá colocando a cabeça de volta no lugar, tá rosqueando ela bem forte Jesus Cristo Jesus Cristo, puta que pariu, ele não é um homem, é uma mula sem cabeça, mas ele parece com um homem, e seus olhos não estão soltando fogo, e eu passo por cima dum arbusto e fico preso, parem de puxar, parem de puxar, eu grito na mordação, parem de puxar, e ele para de puxar e dois vêm pra cima de mim e não, não me chuta, e o outro senta o pé na minha lateral, não, não me chuta nem me empurra pra me virar, e eles dois são Rastas, seus dreadlocks parecem estar vivos,

como se fossem cobras, mas é fumaça, não cobra, e eles estão vestidos de branco e os dois carregam um facão na mão esquerda, não na direita, minha testa tá explodindo, não me cortem, por favor, não me cortem, e tá frio onde era pra estar meu dedinho, o do pé esquerdo, não o do direito, e minha mina tá chorando, ela tá chorando nesse instante, ela arrumou um outro homem pra cuidar dela, aquela arrombada daquela vadia, não, ela tá chorando, ela foi atrás do Josey Wales e perguntou pra ele cadê o meu homem? Que que tu fez com ele? Daí o Josey Wales pegou ela, e comeu e comeu ela e, se não fez ela de otária, deu dinheiro pra ela, tu tá me ouvindo? Eu também me deitei com Judas, branquelo, eu também, e o Rasta de branco me deu um chute e me soltou do arbusto, a lua tá branca, ela não tá sangrando mais, puta merda, meus punhos tão queimando, eles tão me arrastando por cima duma pedra bem no meio das minhas costas, e tá cortando e tá ralando e ficou presa nas minhas calças e eles tão puxando e puxando para, para, para, e eles puxam e rasgam e arrebetam e me arrastam morro acima e tchau pras minhas calças, e elas ficam pra trás, em cima da grama molhada que corta, e o branco desapareceu, e eles me arrastam e eu bato com a cabeça, bato no asfalto, eles me arrastam por uma estrada e vão me esfolando, para, para, para, entra cascalho na minha bunda, fica preso nas minhas costas, as pedras vão grudando e grudando, minha bunda tá molhada, bunda molhada é sangue, eu sei que é sangue, tá grudento, tem cheiro de ferro e de sangue, ô, branquelo, é sangue, me fala a verdade aí, seu arrombado, cadê tu? Eles me puxam pela estrada de volta pro mato e sobem mais um morro, Josey Wales, eu vou matar o Josey Wales, eu vou ai meu Deus Jesus Cristo Jesus Cristo Senhor Jesus eu não quero morrer, Senhor, ai Papai Jesus, eu não quero morrer, o branco voltou, o branco é Jesus, não, por que que tu não diz nada, olha, tem sangue escorrendo pela cara dele.

Eu falo demais. Eu sou o homem que ninguém escuta. E você, em breve, também será. Eles arrastam você pelo morro mais íngreme até agora, e seu corpo vai quebrando galhos e esmagando folhas e até eu

estou me perguntando por que é que a lua não escolhe do lado de quem ela está. Eles te colocam numa trilha que percorre as margens de um rio escuro, que rufa. Tenho alguma lembrança deste lugar, mas não sei se é minha. Eles arrastam você pela trilha por alguns minutos, e então param. Eu olho pra frente enquanto você tenta se virar pra fazer o mesmo. Quando você vê o que eu estou vendo, você abre tanto a sua boca que a mordada quase cai.

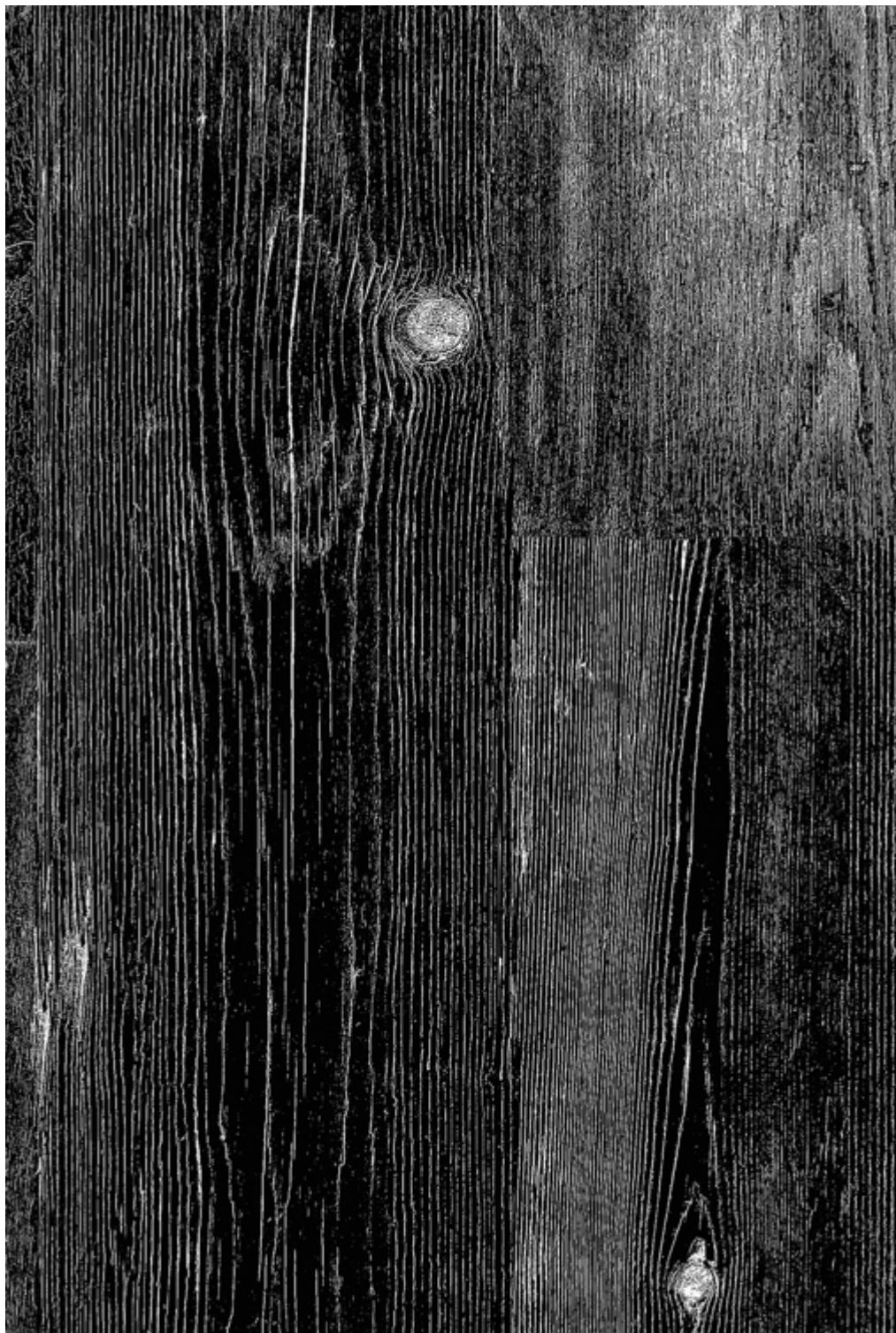
Uma fileira, uma barreira, um muro de Rastafáris, a maioria de branco, mas alguns vestindo roupas coloridas, escondidos pela luz da lua, todos numa fila, lado a lado, até se perder de vista, empunhando facas e facões e com metralhadoras penduradas nas costas. Homens ao lado de homens, homens intermináveis à direita e à esquerda, suas fileiras se estendendo tanto que desapareciam atrás dos contornos das montanhas, e prosseguiam. Um grupo de homens cercado uma montanha que eu conhecia, mas da qual não conseguia me lembrar. Não consigo parar de olhar para eles. Até esqueci de você. Eu quero dar a volta na montanha e ver onde a fila termina, mas sei que ela não faz isso. Eles estão isolando o topo da montanha do resto do país. Mas eles deixam passar os sete Rastas que estão arrastando você. Nenhum homem diz nada, exceto você, com seus gritos abafados. Eles arrastam seu corpo pela trilha por uns quinze metros e depois se viram bruscamente, todos eles, como pássaros mudando de direção de repente. O mato já está pela cintura, não há nenhuma trilha, mas eles parecem saber para onde estão indo. Eu vejo a árvore antes de você.

Eles param. O homem que estava puxando seu corpo solta a corda enquanto outros dois te erguem pelos braços. Eles tentam te colocar de pé, mas você vê a árvore na sua frente e desaba. Eles te seguram antes que você caia. Você espera até eles te largarem e tenta fugir pulando. Eles não correm atrás de você, nem ficam preocupados, apenas esperam que você caia. O grandão, que te arrastou por todo o caminho, te pega pelo teu

cinto e te suspende no ar. Ele te carrega como se você fosse uma boneca. O tempo acabou para apenas um homem naquele morro. Ele te segura de pé. A forca já estava lá. Já estava esperando você. Ele tenta colocá-la em volta do seu pescoço, mas você se contorce da esquerda pra direita, e do norte pro sul, gritando na mordaca. Você se retorce, e sacode, você se vira e olha pra mim. Mesmo no escuro eu consigo te ver piscando os olhos. Faz minutos que você grita, mas eu sou o único que sei que você está gritando para mim. Com uma das mãos, o Rasta grandão segura o seu pescoço e passa a forca. Ele a aperta. Pensei que eles fossem te colocar em cima de um caixote pra depois chutar e acabar com a tua vida. Mas o teu pescoço tá enrolado numa forca na ponta duma corda que passa por cima de um galho forte e desce pelo outro lado, onde dois Rastas, que enrolaram suas mãos nela, estão puxando. Fico me perguntando se você acha tão indecente quanto eu o fato deles terem ficado o tempo todo tão quietos, como se aquilo fosse uma coisa burocrática. Não haverá últimas palavras. Fico me perguntando se você está chorando agora. Fico me perguntando se você tem a esperança de que, de algum modo, o Cantor vai te ouvir implorando por perdão.

Mas isso é uma coisa que você precisa saber.

Os vivos, eles nunca escutam.



SHADOW DANCIN'

15 de fevereiro de 1979

KIM CLARKE

*Toda vez que eu entro num ônibus tem uma hora em que eu tenho certeza de que ele vai explodir. O lance é que como eu acho que a explosão vai vir dos fundos, eu sempre sento na frente. Como se sentar na frente fosse fazer qualquer diferença. Talvez seja por causa da bomba que explodiu naquele restaurante em Londres em fevereiro — eu tinha parado de acompanhar as notícias há meses, e liguei a tevê só pra ver aquela bosta. O Chuck dizia *você se preocupa demais, brotinho, é só não andar mais de ônibus*. Jesus Cristo, eu odeio brotinho, odeio, não suporto, dá vontade de dar um tiro, o que só faz ele me chamar disso cada vez mais. Ele diz que é porque ele consegue ver minha sobrancelha se erguendo antes de eu erguê-la eu mesma. E daí ele diz brotinho, é só não andar mais de ônibus se você não gosta de se sentir que nem uma sardinha. Eu não digo pra ele que não é isso que eu odeio.*

Sabe, chego a sentir a minha postura ficando mais reta quando caminho de volta pra casa. Voltar pra casa a pé tem disso. Eu gosto que as pessoas vejam que eu estou indo praquela casa, mas eu não gosto que elas fiquem olhando eu indo até lá. Elas não me veem como eu, mas sim como a mulher que está indo até aquela casa perto da praia que parece que foi tirada diretamente do *Havaí 5.0*. Uma casa que parece que não tem nada que fazer ali, e as pessoas ainda vão ficar pensando por que é que essa negra acha que tem algum motivo pra ir até lá, ainda mais com esse nariz todo empinado, como se a casa fosse dela. Primeiro eles vão me ver como se eu fosse *uma mulher* que foi até lá uma vez e teve que ir embora de manhã, levando seja lá quanto for que eu tiver cobrado. Depois eles vão

me ver como *aquela mulher* que sempre vai lá, e deve estar transando pacas com aquele branquelo, ou, pelo menos, sendo bastante discreta. Depois eles vão me ver, talvez, como a mulher dele, que vem e vai na hora que quiser. Depois eles vão me ver indo e vindo e carregando papéis e sacolas de compras e aí vão pensar, talvez ela tenha alguma coisa a ver com essa casa, talvez ela seja a empregada. Depois eles vão ver que eu saio usando umas roupas meio velhas, e depois eu volto, ou que eu saio pra dar uma corridinha, que é a última moda dos brancos nos Estados Unidos, e só daí é que eles vão começar a pensar que talvez ela realmente more ali. Ela e o homem branco. Não, o homem branco e ela. Boa tarde pro senhor também, Sr. Deixa-eu-empurrar-minha-carrocinha-bem-devagar-pra-poder-espiar-a-vida-privada-das-pessoas — circulando, doutor. Quebrei o salto de um bom sapato semana passada nesta rua — rua o caralho, isso é uma viela que sobe e desce o morro até aquela encosta na beira da praia onde só mesmo o Chuck ia querer morar. Ele e o Errol Flynn.

Chuck. Chuck chuck piuí, eu disse, quando ele veio falar comigo no Mantana's Bar, onde todos os expatriados e todo mundo que trabalha pra Alcorp Bauxite costumam ir porque é o único lugar onde o hambúrguer não tem gosto de presunto, que é do que os jamaicanos acham que eles são feitos. E daí ele tirou o chapéu de um jeito como se ele fosse um caubói e disse *olá, eu sou o Chuck*. Tem certeza que tu não é o Bill, de Vendas, que me deu olá não faz nem três dias? Eu pensei, mas não disse. Chuck. É tipo Chip, Pat, Buck ou Jack. Eu simplesmente amo esses nomes curtos de americano, eles me fazem pensar em torta de maçã e dinheiro fácil, e você consegue dizer de uma vez só, sem maiores esforços. Daí eles te dizem um alô, um olá, e aí, como é que tá, e de repente você sente a necessidade de dizer que não, eu não sou uma dessas garotas daqui que já vêm sem calcinha debaixo do vestido pra facilitar a tua vida, mas obrigada pelo uísque que eu não vou beber. Não sei em qual dessas duas

coisas eu penso mais, se sou eu transformando as horas em minutos esperando por ELE no Mantana's ou na vez em que o Chuck me disse olá e eu pensei beleza, você já me serve.

Lar doce lar. Presta atenção, Senhora Kim, a senhora está chamando essa casa de uma coisa que nem o próprio Chuck chama. Eu vou até a sala de estar agora, pensando em ônibus explodindo, e vou dizer Chuck, e ele vai dizer *oi? Qual é o babado, coelhinha?*, e eu vou me sentir segura, que nem um coelho dentro da toca. Não, é claro que não. Isso é só uma estupidez tirada dum livro idiota, pelo amor de Deus, para de pensar, Kim Clarke. Hoje ele ficou até mais tarde no trabalho, geralmente já estaria em casa a uma hora dessas. Geralmente eu já teria cozinhado o jantar a essa hora, numa boa, qualquer bosta que eu tivesse improvisado ali na hora, *caramba, brotinho, eu não sabia que arroz jamaicano levava pimenta*, ele disse ontem à noite. Olha só onde é que você foi parar com essa bosta de ficar pensando: tem gaivotas voando ali fora. Agora eu sou a mulher que mora perto das gaivotas. Eu odeio gaivota. Essas putinhas trazem as bundas sujas delas pra cá toda santa tarde sem ser convidadas, e ainda por cima tomam conta da minha varanda como se estivessem dizendo se manca, vadia, essa varanda agora é de nós. Não sei por que elas insistem em vir aqui, não tem comida lá fora e eu não tenho a menor dúvida de que jamais vou dar comida pra elas. E elas fazem barulho pra caramba, e são nojentas, e só vão embora quando veem o Chuck. Elas tão pouco se lixando pra mim. Eu sei o que elas estão pensando. Elas estão pensando a gente tava aqui primeiro, muito antes de você começar a dar pra esse cara aí, e a gente tava aqui antes dele também. Elas ficam ali, gritando, como se soubessem coisas sobre mim — deem o fora da minha janela senão o meu Chuck americano vai puxar o revólver americano dele e vai fazer pá, pá, que nem o Pepe Legal, e meter chumbo em vocês, sacou? Jesus Cristo, desde quando eu assisto desenho animado?

Hoje eu vou amar o cabelo dele. Eu vou pensar no cabelo dele, e em como ele é castanho, mas nunca um castanho todo uniforme, como fica mais avermelhado na barba, e como ele gosta de usar curto que nem um soldado, mas agora ele está deixando crescer porque eu disse meu bem, você daria um bom pirata, achando que aquela ideia sumiria do mesmo jeito que ela surgiu, mas ele gostou tanto daquilo que agora ele é o meu pirata sexy — eu nunca disse a ele que era sexy. Deve ter sido porque eu chamei ele de meu bem.

Sexy.

Sexy é o John — como é mesmo o nome dele? Como é o nome dele? *Os gatos*, General Lee, não o de cabelo castanho, ele tem muita cara de marido, o tal do John, puta que pariu, o tal do John.

Sexy. Quando o Luke Duke escorrega pra fora do carro, com uma perna pra dentro e a outra apertando a cobra dele, sou só eu que vejo ou outras mulheres também veem? Kim Clarke, sua tarada, sua nojenta. Ele nunca usa cueca, o tal do John. Schneider. *Os gatos* vai passar esta semana na parabólica, a única antena parabólica que eu conhecia era aquela grandona em cima do prédio da estação de tevê JBC, lá em Kingston, mas o Chuck tinha instalado uma no seu telhado.

Sim, hoje eu vou pensar em como eu amo o que ele vai fazer com o seu cabelo. Ontem eu amava como ele sempre tirava o chapéu quando entrava por uma porta, *sim, senhora*. Qualquer porta. Antes de ontem eu amava como ele me chamava de Senhora Kim sempre que eu ficava por cima quando a gente trepava. Não, eu não gostava, não gostava nem um pouco, o lance de me chamar de Senhora Kim, não a trepada, mas eu gostava dele gostar tanto daquilo, é claro que ele ia gostar daquela vadia preta que finalmente tinha feito ele perder as estribeiras — ele já devia estar ouvindo histórias sobre as mulheres jamaicanas dois anos antes de aterrissar aqui com seu kit de desenho técnico e seu pau duro. Os americanos chamam pau duro de barraca armada, o que não faz nenhum

sentido. Não. Ele é fofo. O cara é fofo, e gentil até não poder mais, e ele me levanta com as duas mãos como se eu fosse feita de papel, mas suas mãos são tão macias, ele é tão fofo que ele me levanta e me coloca no balcão da cozinha e sorri e diz *e aí, brotinho, tava com saudades?*, e eu penso naquilo algumas vezes, sim, eu tava com saudades, eu tava com saudades porque quando você não está aqui eu fico sozinha com meus pensamentos e eu odeio pensar, puta que pariu, que inferno, como eu odeio!

Deixa isso de pensar pro Chuck.

Deixa a mudança pro Chuck. Deixa que o Chuck decida o que levar e o que deixar pra trás. Eu gosto da segunda parte desse pensamento bem mais do que da primeira e putamerdaJesuscristo.

Ah, pera aí,

é um cano de descarga.

É um estouro de um cano de descarga.

Jesus Cristo. Respira, Kim Clarke. Inspira, expira, inspira, expira, inspira, expira. Essa é a terceira vez que eu me chamo de Kim Clarke sem antes parar pra pensar eu preciso me chamar de Kim Clarke, nem dizer depois olha só, acabei de me chamar de Kim Clarke. Só de pensar essas coisas eu tenho certeza de que cheguei num ponto em que nem preciso mais pensar em Kim Clarke, e nem naquele outro nome. Foda-se aquela pessoa. Viu só? Eu digo “foda-se” que nem um americano, que nem o Chuck, que ainda diz “rale-se” — que bonitinho. Chuck e os seus *filho da puta*, toda vez que ele assistia ao futebol americano segunda à noite era um tal de *filho da puta isso e filho da puta aquilo e onde é que tá a defesa, filho da puta?* Ninguém no jogo pode usar os pés, mas eles chamam de futebol. Eu adoro como os americanos podem simplesmente dizer que uma coisa é qualquer bosta que eles acham que é, apesar de haver provas claras em contrário. Que nem um jogo de futebol em que ninguém pode usar os pés, e que nunca termina. Da última vez que ele me fez ficar

sentada assistindo aquela bosta, eu disse *baby, só sexo deveria demorar tanto tempo assim* e daí ele disse que eu era a sua *putinha gostosa*. Eu também não gostei daquilo, era só mais um dos duzentos erros que os homens cometem todos os dias com suas mulheres, e ainda me fez pensar com quantas mulheres ele tinha feito sexo. Quer dizer, ele não é um cara feio. Não, ele é bem bonitinho. Não, ele é bonito. Olha, tenho certeza de que deve ter umas três mil jamaicanas que provavelmente me odeiam neste momento só porque eu estou com ele. Eu tenho o que vocês querem, suas arrombadas. Eu, Kim Clarke. Vem aqui tentar tomar ele de mim se tu é fodona.

Mentira. Eu sei que as jamaicanas não estão atrás de nenhum estrangeiro branco. A maioria nem consegue imaginar como eles ficariam pelados. Elas acham que homens brancos têm mais bolas que pau, o que só prova que elas nunca viram um filme pornô. Voltando pra casa no sol, às três da tarde, Montego Bay parece Miami. Você nunca esteve em Miami, Kim Clarke. Mas ainda assim, voltando pra casa, indo pra casa, eu torço pra que o Chuck não esteja lá. Essa foi dose. Essa não precisava, ele diria, e ele vem dizendo isso bastante nos últimos tempos, o que me faz pensar que tudo que sai da minha boca vem carregado de algum veneno. Não quero pensar nisso, eu só quero um tempo pra mim. Que coisa, de tanto eu ficar falando que nem novo-rico americano, agora não consigo me livrar desse jeito de falar dos ianques nem na minha própria cabeça. Pensa direito, por favor! Só espero que ele não esteja lá porque tudo o que eu queria era me sentar no divã e ficar ouvindo a minha própria respiração enquanto assisto *Wok with Yan* na tevê, e dou uma trégua pro meu cérebro porque isso tudo, esse lance de viver, de caminhar, de conversar, de sentar num lugar que ainda não é meu é difícil pra caralho. Existir é difícil. Não, não é. É viver que é difícil pra caralho. Às vezes eu digo palavrão.

Será que essas gaivotas tão ouvindo o que eu penso? É isso o que elas ficam fazendo lá fora? Ouvindo os meus pensamentos e dando risada. Será que aquele spray contra barata e mosquito funciona pra passarinho? Ou será que eles arrancariam a minha pele e a comeriam? Que bosta, como eu odeio essas drogas desses pássaros. Que bosta, não sei o que fazer com todos esses maneirismos do Chuck que eu ando dizendo ultimamente. Quando você vê já aconteceu, não é mesmo? Aquele momento em que um homem simplesmente assume o controle e passa a viver dentro de você.

O Chuck não tá em casa. Que gostoso esse sofá. Eu caio no sono no sofá o tempo todo, mas nunca caio no sono quando eu tô na cama. A maioria das noites eu fico só deitada no peito cabeludo do Chuck, escutando o coração dele batendo.

Eu preciso dar um jeito nesta casa, mesmo que a gente esteja indo embora. Mesmo que a gente esteja indo embora no final do mês que vem. Eu daria tudo pra ter dado no pé desse lugar em dezembro. Eu queria ter um Natal branco. Sempre sonhei com um Natal branco. Não, eu sempre sonhei com um Natal bem longe daqui. Quanto mais rápido eu sair deste país miserável, melhor. Quando o Chuck me contou que ele era do Arkansas, eu acho que perguntei se isso ficava perto do Alaska. Ele me perguntou se eu gostava de ursos polares ou de lenhadores, seja lá o que ele quis dizer com aquilo. Eu passei a mão na barriga dele e disse que eu já tinha o meu ursão que eu amava, mas ele não achou muita graça. Os homens americanos são estranhos. Não aguentam uma piadinha, e acham as merdas mais fodidas engraçadas. Olha eu pensando que nem americano de novo, merda fodida, eu tô pensando que nem ele. Hoje eu vou amar o seu cabelo. Eu vou afundar neste divã e fechar meus olhos e pensar no cabelo dele. E no que eu vou botar na mala.

Eles tão de saco cheio, tão realmente de saco muito cheio da palhaçada que é esse governo. Engraçado, esta casa fica longe da rua, bem perto do

mar, que faz barulho o tempo todo, e ainda tem essas vadias penas grasnando do outro lado da janela, mas, mesmo assim, os ruídos do trânsito dão um jeito de chegar até aqui. Que nem essa droga dessa buzina que interrompeu meus pensamentos. Mas eles tão mesmo de saco cheio, ele disse que eles disseram. Tá na hora de largar essa bosta de lugar, disse o chefe dele. Chega desse governo e desse Michael Manley tentando tirar dinheiro das empresas de bauxita como se elas já não fizessem o bastante para ajudar este país. *Porra, a Alcoa promoveu uma transformação nesta bosta desta ilha, tudo bem que eles não construíram a ferrovia, mas, com certeza, deram um uso bem lucrativo a ela. Sem contar as outras coisas, escolas, edifícios modernos, água encanada, instalações sanitárias, foi realmente um tapa na cara eles aumentarem os impostos depois de tudo o que a gente fez por este país. E esse tapa na cara foi o primeiro tiro, e o mundo inteiro ouviu, marcando a entrada da Jamaica no comunismo, guarde o que eu estou dizendo. Nacionalização é sempre o primeiro passo, como é que essa bosta dessa gente votou pro PNP continuar no governo é um mistério do caralho pra mim, brotinho.* Ele repete esse mesmo discurso com tanta frequência que eu já quase consigo recitar palavra por palavra, incluindo as metáforas confusas. E quanto àquele lago de rejeitos que vocês deixaram, que agora só serve pra bandido desovar cadáver, já que ali eles vão dissolver sem deixar rastros?, eu digo. Às vezes, até mesmo ele precisa ser lembrado que mais ou menos um metro ao norte daquela vagina existe um cérebro. Ainda assim, homens americanos também não gostam quando uma mulher é esperta demais, especialmente quando é uma mulher do Terceiro Mundo, que ele tinha a obrigação de civilizar. Esse sofá é mais macio do que eu me lembrava.

Já faz dois anos desde a eleição. A Jamaica nunca melhora nem piora, só fica encontrando novas maneiras de continuar na mesma. Você não tem como mudar o país, mas talvez possa mudar a si mesma. Não sei quem é que tá pensando isso. Pra mim, já chega de pensar, sinceramente.

Sempre que eu começo a pensar, acabo parando num ônibus que explode ou numa arma apontada pra minha cara. Caralho, sou eu quem tá tremendo desse jeito, não o sofá. Quer dizer, divã. Mas que droga, esse cara tá me fazendo mudar. Eu gosto de fingir que eu não gosto. Mas eu acho que não consigo enganá-lo. Ele parece estar celebrando algum tipo de vitória toda vez que consegue me convencer a fazer alguma coisa, porque, verdade seja dita, eu não deixo ele fazer isso com muita frequência. Isso soou meio agressivo. Espero que eu não seja agressiva. Nem lembro direito como é que ele conseguiu me convencer a sair com ele depois daquele olá. Isso nas palavras dele, não minhas.

Ficar tentando entender as coisas é perigoso. Te faz olhar para trás, e isso também é perigoso. Se você seguir nesse caminho, vai acabar chegando exatamente ao ponto de partida, aquilo que te fez tomar a primeira atitude. Eu não sei qual é, e juro que me joguei na droga do sofá justamente pra parar com essa bosta de ficar pensando. Eu queria que ele estivesse em casa. Bobinha, você acabou de dizer o contrário. Não faz nem cinco minutos, gata, eu tava com você, eu tava ouvindo tudo. As pessoas podem fazer isso? Elas podem querer estar com alguém o tempo todo, tá, na maior parte do tempo e, mesmo assim, desejarem ficar sozinhas? E não aos pouquinhos, tudo de uma vez? Ao mesmo tempo? O tempo todo? Eu queria ficar sozinha, mas eu preciso não ficar sozinha. Eu queria que o Chuck fosse um desses homens que entende isso. Geralmente, eu apenas ligo o rádio e deixo que ele preencha a casa com ruídos, pessoas, música, uma companhia pra quem eu não preciso me dar o trabalho de responder, e que, mesmo assim, continua ali. Eu queria poder fazer isso com as pessoas. Eu queria que as pessoas fizessem isso comigo. Será que existe um homem pra mim que não necessite que eu necessite dele? Eu não sei do que eu tô falando. Necessidade é o único motivo pelo qual eu estou aqui, nesta sala, neste momento. Não. Jesus, que vagabunda que eu sou! Hoje eu vou amar o cabelo dele.

Hoje eu vou amar todos os barulhos que ele faz enquanto dorme. O zurro, o assobio quando uma de suas narinas entope. As frases pelo meio. Os murmúrios. O ronco agitado. O resmungo. O peido americano. Aquela hora da noite, por volta das três ou quatro, quando eu posso perguntar qualquer coisa que ele responde, e é por isso que eu sei que ele não tem muita certeza sobre como sua família vai reagir quando conhecer uma mulher que nem eu, embora sua mãe seja uma senhora muito fofa, sério mesmo, ela é um amor de pessoa. Eu conheço todos os seus barulhos porque eu nunca durmo. Passo a noite em claro, durmo o dia inteiro. Tem vários nomes pra mulheres que nem eu. Mulheres que nem eu não dormem. Nós sabemos que a noite não é nossa amiga. A noite faz coisas, traz pessoas, te engole inteira. A noite nunca te deixa esquecer, e penetra nos teus sonhos só pra te fazer lembrar. A noite é um jogo no qual eu espero, fico fazendo contagem regressiva até ver aquele rosinha entrando pela janela e daí eu vou lá pra fora pra ver o sol nascendo sobre o mar. E eu me dou os parabéns por ter sobrevivido a mais uma noite, porque, vou te contar, isso acontece todas as noites. Todas as noites.

Noite passada, me dei conta de que eu seria capaz de matar qualquer um, até mesmo uma criança. Um menino, talvez. Uma menina, não sei. Só porque você não dorme não quer dizer que você não sonha, e isso é uma coisa que a minha mãe jamais me contou. Noite passada eu seria capaz de matar uma criança. Tinha um portão, e era só um portão enferrujado, mas eu sabia que eu tinha que atravessá-lo. A única maneira de progredir é atravessando. Quem disse isso? Eu tinha que atravessá-lo, se eu não fizesse aquilo eu ia morrer, seria cortada, rasgada com uma faca do pescoço até a minha vagina, gritando o tempo todo, eu tinha que atravessar aquela bosta daquele portão. E tinha essa criança no portão, uma dessas crianças que você vê nos filmes e não consegue dizer se é um menino ou uma menina. Acho que era branca, mas branca que nem um lençol, não como a pele. E o tempo todo eu tava vendo o despertador

prestes a marcar duas da manhã, e as quatro paredes me cercando, duas janelas de vidro, até mesmo o céu, lá fora, mas eu também via o portão, e eu conseguia ouvir o Chuck roncando, mas eu também conseguia ver a criança, e eu podia olhar pra baixo e ver carne viva onde deveriam estar os meus pés. Eu tinha arrancado meus pés de tanto correr. E eu queria atravessar esse portão e aquela criança tava bloqueando o caminho com um olhar — não ameaçador, mas confiante, pretensioso, debochado. O Chuck teria dito debochado. Daí eu peguei essa faca que eu tinha, e segurei a criança pelos cabelos e levantei ela e enfiei a faca no seu coração, e como o sangue era azul, eu não me senti mal de esfaqueá-la de novo e de novo e toda vez que a faca atravessava sua pele era como se sua carne fosse muito dura e a faca se curvasse numa direção diferente da qual eu tava apontando, e a criança gritava e ria e gritava, e a única coisa que eu pude fazer foi tirar a faca e cortar sua cabeça fora e jogar longe. E gritar enquanto eu corria na direção do portão. Daí eu acordei. Mas eu não tava dormindo.

Talvez eu devesse tomar um banho, ou algo assim. Quando o Chuck tava saindo pro trabalho, ele me perguntou o que eu ia aprontar hoje. Eu não devia ter dito a ele que nada, porque eu saí. Talvez eu devesse tirar essas roupas, ou, pelo menos, esses sapatos. Até mesmo um homem que diz *brotinho*, *eu não sei bosta nenhuma sobre moda* sabe que as roupas que eu uso pra sair não são as mesmas que eu uso pra comprar pão. E se ele visse sua mulher usando aquelas roupas, saberia que ela tava tentando impressionar um homem, e talvez até tivesse conseguido, mas saberia que aquele homem não era ele. Eu realmente devia pelo menos tirar essa blusa. Ou me deitar até que as gaiotas fossem embora. Se ele perguntar, talvez eu possa dizer que tinha me vestido daquele jeito pra ele, porque eu queria sair. *Mas brotinho, não tem nenhum lugar seguro lá fora*, ele diria. *Nem mesmo em Montego*. Eu diria que os jamaicanos abreviam Montego Bay dizendo Mobay, não Montego. Eu diria que eu quero sair, que eu

quero dançar, e ele diria *mas eu danço melhor que você* e eu fingiria que essa resposta não machucou. A verdade é que eu não quero sair pra dançar. Toda vez que eu peço, eu torço pra ele dizer não. Eu só queria que ele acreditasse que eu tô realmente interessada em fazer tudo com ele. Talvez ele estivesse trazendo amigos pra casa de novo, e aí eu teria um motivo para estar vestida deste jeito. Da última vez, ele trouxe quatro caras do trabalho, todos parecendo versões mais baixas e mais altas dele, todos com a mesma pele branca queimada. Um baixinho loiro, acho que seu nome era Buck, ou alguma outra coisa parecida com Chuck, disse *minha nossa, mas você é a bugrinha mais linda que eu já vi*. E eu que ficava incomodada quando os jamaicanos me chamavam de filé. Hoje à noite eu vou amar o jeito que ele dorme. Eu vou deitar em cima do seu peito largo e lambar os seus pelos e eu vou me abraçar com força nele pra que ele não possa ir embora sem mim. Eu tenho uma memória de ficar esperando que minha irmã dormisse pra então pegar a barra da sua camisola e enrolar bem na minha mão, pra que se algum fantasma viesse tentar me levar embora ele também a puxasse, e aí nós duas acordaríamos. Só que eu não tenho uma irmã.

Bosta. Mas que droga, ackee, como é que você conseguiu ir parar aí nas minhas costas pra eu me rolar por cima de você? Eu devo estar ficando ou velha ou maluca pra ficar andando pela casa com uma sacola cheia de ackees e depois nem lembrar mais disso. Velha e maluca. Talvez maluca e velha. Chuck adora ackee. Ele tá sempre pedindo *aquele negócio, meu bem, aquele negócio com ovo mexido, você sabe do que eu tô falando, que dá em árvore, que é bem docinho*. Comprei duas dúzias duma mulher que tava ouvindo no seu radinho de pilha um pastor americano com sotaque de caubói ficar repetindo que estamos no fim dos tempos. *Você sabia que estamos vivendo os últimos dias?*, a vendedora me disse. Não, mas eu sei que estamos em 1979, eu disse a ela, muito embora eu estivesse pensando no pastor, suando que nem um porco rosado, secando a testa com um

lencinho, arrumando o topete. Não era a resposta que ela tava esperando, então ela me castigou acrescentando cinquenta centavos ao preço. Acho que eu disse, sabe do que mais, queridinha? Pode ficar. Pega, daqui a umas semanas a única coisa que eu vou ter pra fazer com dinheiro jamaicano vai ser limpar o meu rabo. Gostei de dizer aquilo. Sou bem jamaicano. Eu não disse nada daquilo. Eu jamais chamaria alguém de queridinha.

Essa droga deste lugar tá silencioso demais, mas eu simplesmente não consigo suportar o rádio. Não quero ouvir as notícias. Desde que eu parei de escutar as notícias, ler jornais e assistir à tevê, minha vida parece muito mais feliz. A felicidade parece com uma coisa que você pode pegar e vender. Eu simplesmente não quero saber as notícias e não quero que ninguém me diga nada. Todas as notícias que eu fico sabendo vêm pelo Chuck, e nem assim eu gosto. Mas as notícias dele são diferentes. As notícias dele são sempre sobre alguém indo embora. Ele tá indo embora. A gente tá indo embora. Será que ele já comprou as passagens? Será que a gente vai precisar de passagens? Será que vai chegar um helicóptero, que nem se a gente estivesse no meio duma guerra, pra levar a gente embora daqui? Ele simplesmente vai pousar lá fora e o Chuck vai dizer *brotinho, não dá tempo de pegar nada, vamos embora de uma vez* e ele vai parecer muito triste, e não vai saber que era exatamente aquilo que eu queria, não levar nada, nem sequer uma toalha, nada que vá me lembrar de coisa nenhuma que eu esteja deixando pra trás, porque foda-se tudo, de verdade, foda-se tudo, eu quero chegar nos Estados Unidos o mais branco que uma folha em branco pode chegar, sem nenhuma lembrança de nada que eu deixei pra trás. Eu quero aprender a viver como uma pessoa diferente, e sair dando olá pra gente que eu não conheço. E o helicóptero não vai pousar até que a gente esteja bem longe, tipo em Buffalo, Nova York ou no Alaska, qualquer lugar em que eu nunca mais precise ouvir um sotaque jamaicano outra vez. Nunca mais.

Deve ter alguma coisa boa nessa droga desse rádio. FM: mais música, menos conversa. Eu queria que o Chuck estivesse aqui. Ele dança muito melhor do que eu, que sou uma verdadeira desgraça pra raça negra. É uma coisa e tanto um branco que sabe dançar. Ele me levou numa boate no nosso aniversário de namoro — seis meses, já. Ele queria comemorar nosso aniversário de seis meses. E ainda dizem que mulher é que é brega. Mas, enfim. Seis meses, a gente saiu pra dançar. Cinco, eu ganhei brincos. Quatro, ele tentou assar uma galinha e deu errado. Minha mãe teria dito que isso significa que ele não é um homossexual, meu bem. Sei lá, mas é que às vezes o Chuck é um pouco demais. Eu tô começando a gostar mais dele quando ele tá no trabalho. Não. Isso não é verdade. Agora mesmo eu tô adorando o cabelo dele, e hoje à noite vou amar o jeito que ele dorme.

De volta pro Mantana's, quando eu o conheci, eu tava naquele ponto em que tinha uma vozinha dentro de mim dizendo Deus, se vai acontecer alguma coisa, por favor, que seja agora. Eu tava de saco cheio de estar de saco cheio. Eu tava muito pronta pra ir embora. Meu chefe tinha colocado a mão no meu joelho naquele dia, já era a segunda vez? Não, terceira, e ele ainda me perguntou se eu gostava de trabalhar ali. E disse que ele sabia que, para mim, aquele emprego era ou vai ou racha, a minha última tábua da salvação. Como se vender umas bijuterias baratas numa loja superestimada dum *coolie* chamada Taj Mahal fosse o melhor que eu pudesse conseguir. Só que era, Kim Clarke. Você aceitou o trabalho assim que se deu conta de que eles não pensariam nem por um segundo antes de contratar outra pessoa. Montego Bay tinha que dar certo. Tinha que dar, eu não ia voltar pra Kingston de jeito nenhum.

Eu não fico pensando em Kingston. Eu quero ficar pensando no Andy Gibb. Quase tão bonitinho quanto o John de *Os gatos*. Andy Gibb: cabelo, peito, cabelo, correntes, cabelo, dentes, cabelo, cabelo. John Duke: sorriso, cabelo, jeans, cabelo de menina, *I just want to be your everything*, o Duke branco e grandão do Luke Duke descendo pela perna

esquerda das suas calças, Jesus Cristo, broto, você deve ser a mulher com a mente mais suja de toda Montego Bay. Mas não é “I Just Want to Be Your Everything” que está tocando no rádio. *Do it light, take me through the night, shawdow dancin’*. Eu sei o que eu quero. Uma noite em que eu não pense no Luke Duke quando o Chuck estiver dentro de mim, em cima de mim. Não, eu não penso nisso. Sim, eu penso. Eu devia ir preparar o ackee dele. Ele gosta de comer no café da manhã. Ele não vai achar ruim comer no jantar. Vou ficar pensando no quanto eu amo o cabelo dele.

Cedo ou tarde, ele vai acabar sabendo. Kim Clarke, você se acha tão esperta. O cara tá prestes a descobrir, se é que ele já não sabe. Hoje de manhã eu só peguei dez dólares. Foi o máximo que eu já peguei de uma vez só. Sexta passada, cinco. Quatro dias antes, seis, não, cinco, não, foi uma nota de cinco dólares e duas de um. Eu nunca pego os dólares americanos. Escuta, ele vai achar bonitinho. Qual esposa não pega dinheiro da carteira do seu marido? Eu não sou esposa dele. Eu vou ser esposa dele. Não, vocês estão morando juntos. É o que as pessoas fazem nos tempos modernos, estamos em 1979. Eu realmente preciso ir cozinhar. Tenho certeza de que ele não sabe. Quer dizer, que tipo de homem sabe quanto dinheiro tem na sua carteira?

Um americano.

Todos eles passam pelo Mantana’s. Os brancos, eu quis dizer. Se o cara é francês, ele acha que pode passar batido te chamando de puta, mas dizendo *putain*, como se a macacada não fosse entender o sotaque. Assim que ele te enxerga, ele joga as chaves do carro no teu pé, dizendo você aí, estacione meu carro *maintenant! Dépêche-toi!* Eu pego as chaves e digo sim, patrãozinho, e daí vou até o banheiro feminino, jogo na privada mais cagada de todas e puxo a descarga. Se é inglês, e tem menos de trinta, então ele ainda tem seus dentes, e vai ser sedutor o bastante pra te levar prum quarto, mas estará bêbado demais pra fazer qualquer coisa. Mas ele

não vai dar muita bola pra isso, e nem você, a menos que ele vomite em cima de você e ainda deixe algumas libras em cima da cômoda, porque aquilo tinha sido muito, muito horrível. Se ele é inglês e já passou dos trinta, você passa a noite inteira só assistindo os estereótipos se empilhando à sua frente, desde a velocidade ao dizer o miiiiiiinha caaaaaaara, deeeeeeiixa eeeeeeeu ffffffffaaaaalaaaaaaaar beeeem deeeeeevaaaaaagaaaaaar contiiiiiiiiiiiigo, jáááááá queeeeeeee vooocêêêêêê éééé ummmmmmm taaaaaaaanttttttinhhooooo preeeeeeeetaaaaaa, até aqueles dentes horrorosos, passando pela xícara de chocolate quente antes de dormir. Se for alemão, ele vai ser magro e saber meter, quer dizer, de um jeito meio mecânico, mas tudo vai acabar muito rápido porque ninguém consegue fazer aquela língua dele parecer sexy. Se o cara é italiano, ele também sabe meter, mas provavelmente não tomou banho, acha que existe uma coisa chamada tapa afetuoso e vai deixar dinheiro mesmo se você disser pra ele que não é uma prostituta. Se for australiano, ele vai simplesmente se deitar e deixar você fazer todo o trabalho, porque até nós, lá em Sydney, sabemos qual é a fama das jamaicanas. Se for irlandês, vai fazer você rir, e vai dizer as coisas mais nojentas do mundo de um jeito muito sexy. Mas quanto mais você fica, mais ele bebe, e quanto mais ele bebe, bem, pra cada um dos sete dias da semana você arruma um tipo diferente de monstro.

Mas os americanos. A maioria deles perde muito, muito tempo mesmo só pra tentar te convencer de que eles são iguais a todo mundo. Eu sou apenas um rapaz comum. O próprio Chuck tinha se apresentado dizendo pra mim que ele era *apenas mais um cara de Little Rock*. Quando eu perguntei por que alguém ia querer ser apenas mais um, ele não soube responder. Mas tem algum charme num homem que diz, sem você perguntar, que ele é isso aí mesmo que você tá vendo, nada menos e, certamente, nada mais. Talvez eu não seja muito exigente. Talvez eu simplesmente gostasse do fato de que exista um homem que tá na dele

numa boa. Eu acho até que ele não me acha tão bonita assim. Tá, é claro que ele acha, foi ele quem veio falar comigo e disse *olá*, e disse no momento perfeito também, logo depois que o francês foi expulso gritando onde é que estão as chaves do meu carro, sua *putain*, e o italiano tinha ido dançar com alguma americana estúpida que veio sozinha pra cá porque economizou por vinte e seis meses e, que droga, essa vadia gordona hoje vai F.O.D.E.R. O italiano não era bem o negão fortão de pau grande sobre o qual ela tinha lido nos livros de Falconhurst, mas sua pele era meio morena, então ele servia.

É claro que toda noite eu tava lá. Eu me mudei pra Montego Bay em janeiro, e fui morar no quartinho dos fundos duma casa com a cozinha compartilhada que um casal de aposentados costumava alugar para estudantes. Mas eu vivia no Mantana's. Ouvei falar da boate no meu primeiro dia de trabalho. Bom, eu entreuevi duas pessoas falando no trabalho, porque nenhuma daquelas vagabundas daquelas *coolies* da joalheria falava com os negros que trabalhavam lá, a não ser pra nos lembrar de que elas eram amigas de policiais e que se um mísero pingente desaparecesse, a gente ia passar o fim de semana inteiro sendo estuprada na cadeia. Mas enfim, eu entreuevi que o Mantana's era *o lugar que tava na crista da onda, e eles só te deixam entrar lá se você for da cor certa, que, graças a Deus, não é preta*. Quem diria que preta, no fim das contas, seria a cor certa? Duas semanas depois de me mudar pra cá, vestindo apenas uma camiseta branca, um jeans da Fiorucci e sapato de salto, eles me deixaram entrar. Passei bem na frente duma daquelas *coolies*, a que tinha o nariz de gancho e o cabelo comprido, que tava prestes a dizer alguma coisa pra mim, mas aí ela viu que eu tava olhando e se deu conta de que nunca seria capaz de viver com aquilo. Eu quase disse pra ela que tem gente que gosta mais de chocolate do que de curry.

Mas assim que eu entrei, a música e todo o resto não era nada como eu tinha imaginado que seria. O DJ tava tocando “Fly Robin Fly” e os

brancos tavam dançando que nem brancos. E os não brancos, quase todas mulheres, olhavam umas pras outras com a cara feia, porque só mesmo uma cara feia pra esconder o fato de que todas estavam vestidas igual. Brancos, por favor, venham aqui me salvar porque eu não sei mais onde procurar. Eu tava com a sensação de que tinha me arrastado até o final do meu país e tudo o que me restava fazer agora era me atirar. Ou sair voando. Quem é que eu vou ser nos Estados Unidos? A Samantha ou *A feiticeira*? Aquela mulher que fica berrando em *One day at a time*? Eu quero correr bem pro meio de uma cidade e jogar meu chapéu pro ar que nem a Mary Tyler Moore, *you're gonna make it after all*. Jesus Cristo, eu tô muito pronta pra ir embora.

Eu tô muito pronta pra ir embora.

Eu quase me esqueci. Eu passei a mão nele três vezes, debaixo do sol, sentindo cada ranhura do carimbo. É o carimbo que deixa tudo real. E o carimbo tinha um cheiro bom, sim, eu cheirei. Ver não era suficiente pra que ele se tornasse real. Tocar fez ele se tornar real, mas o cheiro deixou tudo mais real ainda. Tem cheiro de papel americano nos meus dedos, elementos químicos prestes a evaporar. Eu quase me esqueci. Kim, tenta esquecer de tudo que tem a ver com isso. E para de sorrir desse jeito, machuca suas bochechas. Mas se você não sorrir, você vai chorar.

Você tá fedendo. Você precisa se lavar. Lavar essa tinta dessas drogas dos seus dedos. Como é que você foi esquecer? Ele vai chegar em casa em algumas horas e eu ainda não me lavei. Gata, vai lavar a... chega. É isso que eu vou fazer. É isso que vai acontecer. Eu vou tomar um banho. Vou cozinhar pro cara o ackee dele. Ele vai me levar lá pra cima e vai me comer. Não, nós vamos transar um com o outro. E daí nós vamos acordar juntos, e ele vai — não, a gente só vai embora daqui a três semanas. Eu vou fazer as malas. Vai, broto, vai se lavar que tu tá fedendo.

Todo dia ele traz pra casa alguma coisa do trabalho. Um pouco eu acho que é pelo jeito que esses americanos são criados. Eles guardam as

coisas. Tipo, o Tony Curtis ou o Tony Orlando aparece no Mantana's e todo mundo vai pedir um autógrafo, que é ele assinar o nome num guardanapo. E eles vão se agarrar naquilo, e guardar como se nunca mais fossem ver o Tony Curtis de novo. Agora o Chuck começou a trazer coisas pra casa, guardando elas como se precisasse garantir que elas estivessem seguras. Não sei do que ele tá protegendo uma xícara de café. Nem cinco caixas de elásticos, uma foto da Farrah Fawcett, uma foto do Presidente Carter, ou uma caixa cheia de bebidas, como se eles não tivessem álcool nos Estados Unidos. Ou uma escultura de um Rastafári segurando seu pênis ereto, com a cabeça maior do que a sua cabeça de verdade. Esse homem deve estar se sentindo o próprio Noé salvando uma estátua dum Rastafári com um pau enorme na sua arca. Se ele vai salvar aquela bosta daquela estátua e não tá planejando me salvar, eu juro por Deus que eu mato ele.

Vou tomar um banho e depois vou cozinhar ackee com bacalhau. Não, ackee com porco curado no sal, não com bacalhau. E com tomates. Kim Clarke, vai te lavar que tu tá fedendo. Nem pensa, só larga isso tudo na cozinha e vai te lavar. E escova os dentes. E engole só um pouquinho de Listerine. Talvez seja igual pros homens. Será que é? Talvez, não sei. Insira o que você acha que eu deveria estar sentindo bem aqui: _____ pra que eu possa sentir. Eu não sinto nada. Talvez eu devesse sentir alguma coisa sobre o fato de eu não sentir nada, mas eu também não sinto nada disso. Que tipo de mulher você é, Kim Clarke? Toda vez que você lambe seus lábios, você sente o cheiro e/ou o gosto dele. Pelo menos lava ele da tua boca, sua nojenta.

Eu consigo imaginar ele me chutando pra fora de casa. Seria como num daqueles filmes em que todo mundo fala italiano. Ele me arrasta pra fora da minha casa, da sua casa, de casa, e eu tô no chão gritando e implorando e rastejando e berrando. Chuck, vai, não me põe pra fora, vai, não me põe pra fora, eu te imploro. Eu ando de quatro por você. Eu faço

comida pra você, dou um filho pra você e chupo teu pau mesmo que tu não tenha lavado antes, vai! Vai! E ele vai olhar pra mim e perguntar mas que diabos você quer dizer com vai? Que língua de selvagem ignorante é essa em que vai significa a mesma coisa que por favor? Um pau tu sabe que é um pau, ele vai dizer, porque vai soar como uma coisa selvagem, como se ele não tivesse parado nem um segundo pra pensar naquilo, pra que ele possa ser o furioso sem deixar de ser o esperto, enquanto eu tô no chão choramingando vai, vai, vai, e me perguntando se não dava pra eu ter feito que nem fazem em *Dallas*, dizendo querido, isso não é o que você está pensando.

Eu devia tomar banho, escovar os dentes, me lavar bem com sabonete. Mas aí eu não vou ficar limpa demais? Tão limpa que vai parecer suspeito? Nós chegamos naquela fase em que eu não preciso mais pentear meu cabelo nem usar batom nem perfume, e nem ligo se ele me pegar coçando meu rabo e depois mexendo a panela com a mesma mão. Agora ele solta um peido quando ele bem entende, o que eu realmente não gosto. O peido dos americanos é mais fedido, tem cheiro de quem come muita carne. Você pensa “cuidado com o que deseja” quando finalmente consegue fazer um homem se sentir à vontade com você. Só daí você percebe quanta coisa durante o começo do namoro era onda. Onda não, chinfra. Por quanto tempo ele sustentaria aquele teatro e, se fosse por mais tempo do que ele esperava, será que ele me daria um pé na bunda e partiria para a próxima nativa olhando distraída para dentro do seu copo? Graças a Deus a pele negra não marca. Uma negra consegue esconder marcas na pele. Talvez seja por isso que os homens achem que é mais fácil bater numa negra. Você pode acompanhar de perto a relação entre um homem e uma mulher branca na pele dela. Sua idiota, só diz pra ele que você não quer nada hoje. Inventar uma dor de cabeça, diz que tá nas regras, ele odeia, especialmente quando você chama de regras, diz que parece que tem que ter regra pra comer tua buceta.

Sobrou alguma foto das que eu tirei pro passaporte?

Será que tem água quente nos Estados Unidos?

Sua vadia burra, claro que eles têm água quente lá. E eles nem precisam ligar o aquecedor e ficar esperando. Talvez eu deva colocar uma tampinha inteira de Pinho Sol na água. Jesus Cristo, Kim Clarke, é o suor dele que tá no teu corpo, não pus. Olha, patrão, esse é todo o dinheiro que eu tenho, você já tá com o meu relógio aí, já tá até com a correntinha que ele me deu semana passada. Agora eu vou ter que dizer pra ele que ela caiu no ralo da pia ou algo assim. Me dá a droga do meu passaporte. Como assim eu ainda tenho uma coisa de valor? Não sei do que você tá falando.

Ah.

Deixa eu te falar uma coisa, pode vir do Polo Sul ou do sul de St. Catherine, vocês, homens, são todos iguais. *Não responde pro homem, Kim, vai lá e resolve isso. Aqui? No teu escritório? Tem gente ali fora é claro que tem gente ali fora. Ele quer que todo mundo ali fora escute e saiba o que tá acontecendo. Como é que eu vou saber que você vai me dar meu passaporte depois? Não irrita o homem, sua idiota, tu tá esperando por isso faz dois anos, quase dois anos, mas, ainda assim, é um monte de tempo, e ele pode simplesmente pegar e rasgar a papelada toda bem na tua frente — será que eu tenho mais alguma foto que eu tirei pro passaporte? — eu realmente não gosto quando as pessoas tiram fotos de mim, será que eu fiquei com os negativos? Um monte de fotos na parede, um monte de branca pelada, duas negras, apertando seus peitos. Ah, não é pra tirar meu vestido? Jesus Cristo, espera aí, não, eu mesma posso abaixar minha calcinha, muito obrigada. Kim, para de olhar pra esses calendários e lembra de fingir que está sendo um troço do outro mundo quando ele meter em você, Ai, ai, ai meu Deus, tu nunca me disse que tu era tão grande Grande que nem uma banana podre, não acha, Miss Dezembro? Tu vê ele botando pra fora o tempo todo, pra tudo quanto é mulher que passa por aquela porta pedindo*

uma coisa que não é pra elas terem. Será que eu vou ter tempo de comprar ackees e me limpar depois disso? Talvez eu possa ir até aquele hotel do outro lado da rua e me enfiar no banheiro deles pra lavar esse filho da puta de mim. Shh, Kim Clarke, fecha os olhos e pensa no Arkansas. Ah hah ah hah ah hah. Na porta dele tá escrito TABELIÃO DE NOTAS e JUIZADO DE PAZ de trás pra frente. Quando um homem está atrás de você, não dá pra saber o que ele vai fazer. Que bosta, não tinha visto que tinha metido o miserável do meu dedo na almofadinha do carimbo. Que ótimo, agora tem tinta roxa na ponta dos meus dedos enquanto esse cara continua me comendo por trás e tudo que eu consigo ouvir é o som dos corpos batendo. Talvez eu devesse roubar esses carimbos falsificados só pro caso de eu precisar de um outro passaporte. Tá quase gozando? Um ano, cinco meses, dezessete dias, onze horas e trinta minutos pra terminar desse jeito. É disso que precisa pra finalmente conseguir o passaporte, o visto, a passagem pra fora desse cu cagado dessa Babilônia — eu peço a Deus pra esse cara gozar logo. Fecha os olhos e fica pensando em bola de feno rolando, Kim Clarke. No Arkansas, não, no “Arkansá”, eu adoro o jeito que eles dizem. A gente vai estacionar nossa perua no topo duma colina e Laura Ingalls e Mary Ingalls e aquela outra pequenininha que vive caindo na grama vão vir correndo na nossa direção, porque àquela altura a gente já vai ter três filhos, todas meninas, tá, talvez um menino, mas só um. Meu Deus, que bom que eu tomo pílula. Torcer pra esse filho da puta não me passar gonorreia. Tô ouvindo que tem gente parando na porta do escritório dele pra escutar. Nenhum dedo tocou nenhuma tecla de nenhuma máquina de escrever nos últimos sete minutos. Eu vinha contando os segundos e olhando pro relógio na parede. E também pra Miss Abril, Miss Maio, Miss Setembro e Miss Agosto, não apertando seus peitos, mas afastando eles — talvez se eu me empolgar que nem num filme pornô ele goze mais rápido — será que o Chuck sabe que eu sei que ele guarda todas aquelas Hustler debaixo do cofre que fica dentro da gaveta secreta atrás da sua escrivaninha no escritório? Um

*monte de Screw atrás da sacola de golfe? As Penthouse no mesmo lugar onde ele guarda as gravatas porque ele quer que eu encontre essas pra aprender umas dicas na coluna da Prostituta Feliz? Isso sempre leva mais tempo do que você pensa. Engraçado como é o sexo que me faz pensar de novo que nem jamaicana, não, Kim Clarke, você não vai pensar no que isso faz de você. O filho da puta me comeu por sete minutos. Ninguém do lado de fora digitou uma única tecla. Ele me deu o passaporte e eu abri de novo pra olhar pra minha foto com um visto carimbado na testa. Era um visto B1B2. Eu ia começar a xingar dizendo que eu tinha pago por um *green card*, mas daí eu pensei que era melhor eu ficar com o que eu tinha e deixar que o Chuck fizesse o resto — quem sabe o que esse filho da puta não ia querer que eu fizesse em troca de um *green card*.*

Kim Clarke, sua mentirosa.

Tu tá mentindo agora. Um monte dessas coisas realmente aconteceu. Mas você não disse nada pro cara, você nem sequer gemeu. Você simplesmente levantou a saia e abaixou as calcinhas e rezou para que ele não tivesse sífilis. E ele tava meio nervoso, tanto que foi justamente aí que você se deu conta de que você provavelmente tinha sido a única mulher que tinha caído no papo dele, e que ele mal podia acreditar na sorte que tinha dado. Você não tava contando os segundos, tava batendo nas costas dele pra que ele pudesse manter um ritmo e, quem sabe, não pensasse na esposa, e quando ele finalmente gozou você ficou com pena dele, porque ele sabia que você teria que sair por aquela porta e passar por todos os seus funcionários. E você não olhou mais pro passaporte desde então, porque se você fizesse isso, até mesmo aquela foto de merda faria você perguntar a si mesma se aquilo tinha valido a pena. Valeu a pena, Kim Clarke? Sim, sim, sim, que droga, e não me pergunta de novo. Eu daria pra ele de novo, e meteria o pau dele na minha boca. Eu teria até lambido o cu dele, nós estamos em 1978. É 1978 e uma mulher precisa saber que, às vezes, a única maneira de progredir é atravessando. Quando eu cheguei

em Montego Bay eu sabia que, seja dentro de um avião ou de uma caixa, eu ia dar o fora desse lugar. Você chegou a pensar que tinha me conquistado, não é mesmo, Jamaica? Pensou que tinha me conquistado. Pois bem, pode dar um beijo aqui nesse meu cu cagado. Que bosta, deixei um monte de marca de dedo roxa na geladeira — será que eu vou ter que lavar muito pra esse negócio sair?

Tô esperando pela água mais uma vez. Parada debaixo do chuveiro escutando a tubulação tossir. Que bosta de país. Todo dia falta água exatamente quando você precisa dela. Eu queria que tivesse um rio perto aqui de casa pra que eu pudesse me lavar que nem uma mulher do campo. Mas que maravilha, na única tarde que eu preciso tomar um banho. Tirar esse homem de mim antes que o meu homem chegue em casa. Por que é que eu não consigo sentir mais nada? Por que é que eu não sinto mais nada? Meu coração acelera quando eu tô tentando cozinhar um prato diferente. Talvez se eu me socar bastante, ou bem forte, o sangue vai preencher o buraco onde era pra estar a minha consciência. Você não tá entendendo, EU QUERO sentir alguma coisa. Eu quero que o meu coração bata depressa porque a culpa tá se instalando com força, e não vai dar trégua. Sentir culpa pelo menos significaria alguma coisa. Quantas vezes vou precisar me lavar até me sentir limpa? O que é que eu não daria pra que a água voltasse agora? Por favor, antes dele voltar pra casa. Não? Então vai se foder. Quando ele chegar, eu vou estar com o jantar pronto e vou ficar mexendo no cabelo dele como se eu nem tivesse pensando naquilo, e ele vai adorar. Talvez eu cante “Dancing Queen”, ele sabe que eu amo essa música, ou talvez Andy Gibb. Talvez “Shadow Dancing” toque no rádio e eu o puxe da cadeira e diga baby, dance comigo, e ele vai dizer Kim Clarke, não, brotinho, tem certeza que você tá bem? E daí eu simplesmente vou mostrar o visto pra ele.

Não, essa é uma ideia terrível. Você já tinha dito a ele que tinha um visto, sua otária, e ele também nem perguntou. Se você mostrar pra ele

agora, ele vai ver que ele só foi carimbado na semana passada. E ele ainda não tinha dito que você ia com ele sem sombra de dúvida. Mas por que ele teria que dizer? A gente não estaria morando junto se ele fosse de uma hora pra outra simplesmente levantar e ir embora. Será que ele fica praticando qual despedida me faria chorar menos? Qual não me faria querer matá-lo? Ele fica praticando na frente do espelho? Kim Clarke, se você tivesse o mínimo de bom senso, você já estaria grávida a essa altura. Se eu parar de tomar a pílula hoje, será que vou estar grávida até o dia em que ele tá planejando ir embora? Hoje eu vou amar o cabelo dele, e perguntar quando eu devo começar a fazer as malas.

Kim Clarke, você tá cometendo um erro. Kim Clarke, cala a boca e sai desse chuveiro. Preciso alisar o meu cabelo. Será que eu faço isso aqui ou deixo pra fazer nos Estados Unidos? No fim das contas, tudo se resume a isso. Será que eu faço aqui ou deixo pra fazer quando eu for pros Estados Unidos? Jesus Cristo, que é que eu vou fazer no dia que eu ficar cansada daqueles treze canais de tevê? No dia que eu ficar cansada de flocos de milho no café da manhã, de flocos de milho não, de Sucrilhos. No dia que eu ficar cansada de olhar pra cima e ver prédios que batem nas nuvens. No dia que eu ficar cansada de jogar fora um pão só porque ele tá ali há quatro dias, e eu quero um pão novo. No dia que eu ficar cansada de Twinkies, Halston, Lip Smackers, L'eggs e tudo que a Revlon faz. No dia que eu ficar cansada de dormir direto até de manhã e acordar sentindo cheiro de café e ouvindo os pássaros cantarem, e o Chuck dizendo dormiu bem essa noite, brotinho? E eu vou responder sim, querido — em vez de ficar a noite inteira olhando pro escuro, escutando a droga do tique-taque do relógio, porque assim que eu cair no sono, essas coisas todas vão ficar pra trás. Achei que a gente tinha parado com esse negócio de pensar, Kim Clarke. Sério, o pensamento é uma vadia muito da traiçoeira. Porque todos os pensamentos te levam até aquele mesmo pensamento, e você

nunca mais vai voltar para aquele pensamento, tá me ouvindo? Nunca mais. Só as idiotas caminham para trás.

— Eu amo este país. Vocês têm tanta sorte e nem fazem ideia do quanto. Mas o primeiro-ministro de vocês é um bosta, como é que esse teu povo votou de novo nele?

— Dá pra parar de chamar de “esse teu povo”?

— Desculpe, brotinho, você sabe o que eu quero dizer.

— Não, eu não sei o que você quer dizer. Eu não votei nele.

— Mas...

— Para de falar “esse teu povo” como se eu fosse a representante de todo o povo da Jamaica.

— Puxa vida, é só uma expressão.

— Então se expressa melhor!

— Mas que droga, você vestiu a calcinha ao contrário, foi?

— Sabe como é esse meu povo, todo dia é aquele dia do mês.

— Desisto. Estou indo pro trabalho.

Ei, você aí, no espelho. Você mesma, Kim Clarke, admite que era mais fácil quando você fingia que tava puta com ele. Mas o que é que tu faz agora, sua vadia burra? Tu nunca fica braba com ele, nunca dá o menor motivo pra ele sequer pensar em te largar e ir embora. Tu nunca é a vadia que fica enchendo o saco, isso é coisa de mulher branca.

— Bom, tomara que esse seu humor esteja melhor quando eu voltar.

— Tomara que tu pare de falar esse monte de bosta quando tu voltar.

Às vezes eu acho que ele gosta quando eu sou brigona. Sei lá. Uma mulher deveria saber quando fechar a boca e deixar o cara pensar que ele venceu. Eu nem sei direito o que isso quer dizer. Eu achava que sabia o que os homens americanos queriam. Quando ele te leva pra jantar no Kentucky Fried Chicken, isso é um “encontro”. Mas se ele só aparece de vez em quando pra transar, então ele só está “saindo comigo”. Ou eu estou “dormindo” com ele. Que doideira, se ele só vem aqui pra fazer

sexo, a última coisa que eu quero que ele faça é que fique aqui pra dormir comigo. Tem como fazer um homem amar você com mais força?

A empresa tá indo embora depois de trinta anos na Jamaica, ele me disse no nosso “encontro” na semana passada. A mineradora Alcorp finalmente encheu sua barriginha de bauxita e agora tá fazendo as malas pra dar no pé. Chuck disse que *é por causa desse imposto sobre a bauxita, que é apenas o primeiro passo para a nacionalização, que é, por si só, o primeiro passo para o comunismo.* Eu disse esse medo que vocês, ianques, têm do comunismo parece as senhorinhas do interior com medo da mula sem cabeça. *O que é isso?*, ele perguntou. É tipo o bicho-papão, eu disse. Ele deu aquela risada bem alta.

— Nós temos que sair daqui antes que isso se transforme em Cuba.

Eu dei aquela risada bem alta.

— Talvez eu saiba de alguma coisa que você não sabe, Kim.

— Não, você deve ter ouvido alguma coisa que eu não ouvi. Não é a mesma coisa.

— Caramba, mas que língua que você tem!

— Quando eu tô usando ela contigo tu não reclama.

— Brotinho, sabia que você é uma putinha gostosa?

Será que os homens se casam com putinhas gostosas? Eu preciso arrastar ele até um lugar onde ele precise me apresentar pra alguém, pra eu poder ouvir do que ele me chama, ver onde é que ele me coloca. Jura, como se eu realmente quisesse saber isso. Kim Clarke, a tua vida não é nada além de uma série de planos B. Eu devia estar feliz de ter um homem que me faz massagem nos pés. Um homem grande, um homem enorme, uma montanha. Um metro e noventa? Mais? Deve ser no mínimo isso. Olhos cinza, lábios tão finos que parece que alguém simplesmente fez um corte no meio do seu rosto. Seu cabelo é encaracolado, agora que ele tá deixando crescer. Peito largo, braços grossos, ele trabalhava com as mãos antes de sentar naquela escrivaninha onde hoje ele trabalha e come. Seus

cabelos são castanhos na cabeça, mas ruivos acima do pênis, e brotando das suas bolas. Às vezes eu preciso parar tudo que eu tô fazendo só pra ficar olhando.

— O que você tá fazendo?

— Não tô fazendo nada.

— Se você continuar olhando pra ele desse jeito, ele vai se encolher de medo de você.

— Eu tô esperando que ele entre em chamas.

— Os homens negros não têm pelos pubianos?

— Como é que eu vou saber?

— Sei lá. Quer dizer, você é uma mulher moderna, não?

— Com mulher moderna você quer dizer puta?

— Não, com mulher moderna eu quero dizer que você passou meses indo no Mantana's. E se divertindo.

— Como é que tu sabe como é que eu me divertia por lá?

— Eu tava ligado em tudo que rolava no Mantana's muito antes de você me ver lá, Kim. Mas, falando sério, você nunca dormiu com um negro? Nem com um jamaicano?

Se liga, presta atenção em quais situações esse homem me chama de brotinho e em quais ele me chama de Kim. Isso é importante, Kim Clarke. Homens se casam com os seus brotinhos. Sim, eles fazem isso. Talvez eu devesse ficar feliz que já faz um tempo que ele não me chama de putinha gostosa. Quando foi a última vez? Não consigo lembrar. Faz um esforço. Não, não consigo lembrar. Preciso fazer com que ele vá além do eu te amo, mas só o suficiente pra usar numa despedida entre lágrimas, pra depois já virar eu te amo tanto, vamos nos casar aqui e agora, pra que você já possa viajar pro Arkansas como a Sra. Chuck. O Arkansas não é um daqueles lugares em que eles odeiam os negros? Se eu conseguir fazer ele se casar comigo, será que eu consigo fazer ele se mudar pra Nova York, ou pra Boston? Não pra Miami, eu quero ver neve. Ontem eu enfiei a

minha cabeça dentro do congelador por uns quatro minutos pra ver como é que deve ser o inverno, e quase fiquei com a cabeça presa lá dentro. Peguei um monte de raspas de gelo e fiquei segurando até que o frio começasse a queimar e a dor chegasse na minha cabeça. Enrolei aquilo como se fosse uma bola e joguei na janela. A bola ficou grudada por um segundo e depois caiu, e eu comecei a chorar.

— *Baby, eu nunca deixo nada por conta do acaso.*

Fiquei pensando se ele estava se referindo a mim. Ele não queria correr o risco de que eu fosse embora e nunca voltasse ao Mantana's, embora eu estivesse lá todas as noites. Procurando. Ou se aquilo queria dizer que ele já tinha comprado as passagens, ou que a empresa já tinha lhe dado as passagens para os Estados Unidos. Passagens. Passagem. Só deram uma pra ele vir pra cá, porque dariam duas pra ele ir embora? *Charles, Charles, a gente não pode ficar dando passagens pra todo mundo que se apaixona pela fauna local, você está achando que isso é o* Ao sul do Pacífico? Ah, Kim Clarke, para de pensar, vai por mim, você vai ficar louca. Lá no grupo de jovens da igreja eles diziam que se preocupar era uma forma pecaminosa de meditação, porque você tá escolhendo não confiar em Deus. Quando eu tava no ginásio, uma coisa que eu gostava de pensar era que eu tinha certeza de que eu ia pro céu, e não nenhuma daquelas meninas nojentas que deixavam os meninos passarem a mão nelas porque elas diziam que as tetas delas tavam crescendo muito depressa e eles diziam a gente não acredita em vocês. Tive que me mudar aqui pra Montego Bay pra garantir que nunca mais encontraria nenhuma daquelas vagabundas por aí (não, não foi por isso, para de mentir, como se isso fizesse a menor diferença agora). Pelo menos eu não tive uma bosta dum filho pra fazer minhas tetas despencarem até meus joelhos, Jesus Cristo, como eu odiava aquelas vagabundas.

Será que eu devia fazer as malas? Faz.... Kim, sim, Kim Clarke. Eu te desafio a fazer. Faz a tua malinha, usa a mesma maletinha roxa que veio

contigo aqui pra Montego Bay. Faz a mala agora. Eu devia mesmo comprar uma mala nova pra ir pros Estados Unidos. Fico me perguntando se ele vai querer levar essas toalhas. Só faz uma semana que eu comprei. Fodam-se as toalhas, a gente devia deixar tudo aqui e nem olhar pra trás. Não vá acabar virando a mulher de Ló, Kim Clarke.

Do it light do it through the night. Esse DJ gosta mesmo do Andy Gibb. Eu queria estar ouvindo “You Should Be Dancing” agora. Isso é o que eu queria estar ouvindo. Baby, vamos sair pra dançar, eu vou dizer assim que ele atravessar aquela porta. Daí a gente vai sair pra dançar, não no Mantana’s, talvez no Club8, e quando ele ficar bem bêbado eu vou dizer baby, eu sei que você ainda não me falou nada, mas eu já fiz o favor de começar a fazer as nossas malas. Como é que vocês americanos falam? Pró-ativa. Viu, eu estava sendo pró-ativa porque vocês, homens, sempre ficam esperando até que seja quase tarde demais pra fazer qualquer coisa, inclusive pedir a mão de alguém em casamento. Não, não vou dizer isso. Homem nenhum gosta de pensar que tá sendo pressionado a se casar. E quando ele começar com os seus ses e os seus mas, eu vou tirar o pau dele pra fora e mostrar pra ele que eu aprendi exatamente o que era pra eu aprender quando ele botou uma cópia de *The Opening of Misty Beethoven* pra gente assistir.

— Sei lá, eu não esperava que as mulheres jamaicanas fossem que nem as negras americanas.

— Você não esperava que a gente também fosse negra?

— Não, bobinha, eu não esperava que vocês fossem tão conservadoras na cama. Juro pra você, se você cresceu no Arkansas, você fica com uma impressão totalmente diferente.

— Por que você sempre usa o plural pra falar de mim?

— Talvez porque eu tenha uma quedinha por mulheres negras.

— Arrã. E eu, por acaso, sou a representante oficial das negras?

— Ouvi dizer que o Mick Jagger também gosta.

— Tu tá ouvindo o que eu tô dizendo?

— Mas eu tô com tudo e não tô prosa, né não, boneca?

— Do que que tu tá falando?

Pensando bem, o único outro homem que tinha passado perto da minha buceta era um branco. E americano também. E, não, é melhor eu nem pensar nisso. Alguma coisa espantou as gaivotas. Quanto tempo faz que elas se foram? Nem me dei conta de que estava pensando em voz alta. Elas só teriam ido embora se... melhor dar uma conferida na sala.

— Ah, oi, meu bem.

— Hã. Ah, Chuck.

Ele responde com um enorme sorriso.

— Não sabia que você tava aqui. Eu nem ouvi você chegando.

— Sério? Achei que você tava com alguém aqui. Estava tirando os sapatos pra me juntar a vocês...

— Eu tô sozinha.

— Mesmo? Falando sozinha que nem uma maluca?

— Pensando em voz alta.

— Ahhhh. Pensando em mim?

— Não acredito que você entrou em casa e eu não ouvi nada.

— É a minha casa, baby, não preciso fazer um estardalhaço só porque eu entrei nela.

Não, essa não doeu, deixa pra lá, Kim Clarke.

— Eu ia começar a cozinhar o jantar.

— Adoro que os jamaicanos dizem cozinhar o jantar em vez de fazer o jantar.

— Qual a diferença?

— Bem, você pode simplesmente ferver um macarrão com queijo e pronto, você fez o jantar.

— Você quer macarrão com queijo?

— Quê? Não, baby. Eu quero o que você for cozinhar. O que é que você vai cozinhar?

— Não acredito que você simplesmente entrou desse jeito.

— Isso tá te incomodando? Pode ficar tranquila, querida, ninguém vai se animar de vir até aqui pra te atacar. O que tem pro jantar?

— Ackee.

— Jesus amado.

— Dessa vez vou fazer com porco curado no sal.

— Como é esse porco curado no sal?

— Tipo uns nacos grandões de bacon.

— Eu adoro bacon. Bom, então vai lá terminar de cozinhar que eu vou voltar aqui pra este exemplar do *Star* que eu tava lendo. Vou te contar, esse negócio é um sarro, não é aquela desgraça que é o *Daily News*.

Espero que ele não comece a me contar o que tá escrito no jornal. Tá ficando cada vez mais difícil escapar quando ele vem me contar as notícias. Ele gosta mais de contar elas pra mim do que eu gosto de ouvir. Terça-feira passada eu vi que ele tava vindo falar comigo na cozinha e eu disse que já tinha lido o jornal, achando que aquilo ia fazer ele calar a boca, mas o tiro acabou saindo pela culatra. Assim que ele ouviu aquilo, o cara quis *discutir* as notícias. Eu não consigo suportar as notícias. Na maioria das vezes, eu não quero nem saber que dia é hoje. Eu juro que um segundo depois de ouvir alguma coisa, ou quando me dou conta de que tô prestes a ouvir alguma coisa, meu coração simplesmente começa a bater mais forte e a única coisa que eu quero fazer é correr pro meu quarto, enfiar minha cabeça debaixo do travesseiro e gritar. Mesmo quando eu tô na feira, tudo o que eu preciso é ouvir um vendedor dizendo mas tu não ouviu sobre a fulana de tal?, pra eu sair correndo dali. E sem comprar nada. Eu não quero saber de nada. Não quero bosta nenhuma de notícia. O que os olhos não veem, o coração não sente. Eu conheço ele, sei que ele vai passar por aquela porta — esquenta esse óleo, Kim Clarke, esquenta,

que daí, assim que ele entrar, tu joga a cebola e a cebolinha e o PSSSSSSHHHHHHHH vai abafar o que ele disser. Daí eu vou dizer quêêêêêê? E ele vai repetir, e eu vou dizer quêêêêêê?, e jogar um pouco de água pra que o óleo faça mais barulho e, quem sabe, o assuste e ele esqueça do assunto. Eu queria que aquelas gaivotas ainda estivessem aqui, porque daí ele sairia correndo lá pra fora pra espantar elas e eu poderia fazer uma daquelas perguntas idiotas, tipo, eles têm gaivotas lá nos Estados Unidos? Uma dessas perguntas que os brancos adoram responder com um sorriso, um leve aceno de cabeça e aí então a resposta. Eles têm bicicletas lá no teu país? Eles andam com elas pela estrada? Vocês assistem *Os monstros* nos Estados Unidos? Vocês assistem *Mulher Maravilha*? Qual a altura da Estátua da Liberdade? Vocês têm estradas com pista dupla lá?

Respira fundo, Kim Clarke. Tá tudo correndo bem. Você tá feliz.

— Tinha uma coisa engraçada no *Star* de hoje — ele diz, entrando.

— Querido, tem certeza que você não quer trocar de roupa pra ficar em casa?

— Você é minha mãe, agora?

Ele sorri.

— Foi tu quem espantou as gaivotas?

— Elas tavam te incomodando de novo?

— Não mais que o de sempre. Que tipo de gaivota vocês têm lá no Arkansas?

— As mesmas que eu te falei há três dias.

— Ah. É que o meu cérebro é que nem uma peneira, assim que a informação entra, ela sai.

— Parece mais com um cu do que com uma peneira.

— Mas tu tá te achando, hein?

— Adoro quando você fica brava.

— Ha ha. Bom, se esse óleo respingar em você eu vou dizer que tu achou o que esse teu cu cagado tava procurando.

— Fala mais.

— Me passa a cebola e a cebolinha.

— Onde?

— Naquela cesta em cima do armário perto dessa porta aí do seu lado... cuidado porque eu acabei de encerar o chão... tá escorregando.

— Eu sou um cara ligeiro.

— Arrã.

— Broto, você picou essa cebola muito rápido. Toda mulher jamaicana sabe cozinhar assim?

— Sim. Todas as que não são umas inúteis. Ou seja, nenhuma jamaicana aqui de Montego Bay sabe cozinhar assim.

— Você tá querendo que eu pare de ir no Mantana's?

— Ha.

— Ei, brotinho, deixa eu te contar uma coisa.

— Querido, eu não consigo lidar com nada que tem no jornal ultimamente. Esse *Star* aí só tem humilhação e escândalo e mulher branca mostrando os peitos na página três. O que você roubou do trabalho hoje?

— Eu não roubei. Um vaso, só um vaso, mas é um vaso verde, parece esmeralda, eu acho.

— Você devia me comprar uma esmeralda.

— Kim.

— Quer dizer, eu nasci em novembro, que é o mês do topázio, mas foi você quem começou com esse papo de esmeralda e...

— Que bosta é essa, Kim?

— Eu não quero ouvir merda nenhuma daquele cu cagado daquele *Star*, Chuck.

— Quê? Eu não ia falar nada do *Star*, eu ia falar da Alcorp.

— O que que tem a Alcorp?

— Hoje nós recebemos um memorando. A empresa vai encerrar suas operações dentro dum cronograma mais acelerado do que estava originalmente previsto... quer dizer, projetado.

— Você pode traduzir isso pra mim?

— Vamos embora semana que vem.

— Ah. Puta merda. Isso é uma coisa boa.

— É uma bosta, na verdade.

— Não. É uma coisa boa que a garagem já esteja limpa! Ainda tem tanta coisa pra fazer! Mas, ah, como você diz, que se dane, né? O que não couber nas malas a gente deixa pra trás, né?

— Nós quer dizer a empresa, Kim.

— Claro que não tem ackee nos Estados Unidos, então é melhor você comer tudo quando eu terminar aqui.

— Nós quer dizer a chefia e os funcionários.

— É melhor eu caprichar aqui porque essa vai ser a nossa última ceia, haha, perdão, Jesus, por essa.

— Eu tenho que fazer as malas.

— Fazer as malas, sim, que coisa, você não vai acreditar, mas eu tava olhando praquela minha malinha roxa toda feia não faz muito tempo.

— As minhas malas. Eu não vou ter lugar pra todas essas porcarias que eu trouxe lá do escritório.

— Será que eu devia botar meus jeans na mala? Eu tava mesmo pensando nisso. Quer dizer, eu sei que nós não vamos levar nem as toalhas nem os panos porque isso é coisa de favelado. Mas será que levo os jeans? Quer dizer, você sabe quanto eu amo esses da Halston, ou melhor, quanto você ama quando eu uso esses da Halston.

— Muita coisa vai ficar por aqui.

— Sim, mas colocar uma toalha na mala, que coisa de caipira! Quer dizer, a gente não tá indo pra Mocho. Seria que nem botar uma escova de

dentes na mala. Eu quero comprar uma escova nova lá nos Estados Unidos. Eu sei que isso parece idiotice.

— Meu Deus, Kim.

— E pasta de dente. Vocês têm aquelas em gel nos Estados Unidos, naquela embalagem tamanho família que tem uma tampinha de apertar.

— Não achei que as coisas fossem chegar nesse ponto.

— Vai dar tempo de eu alisar meu cabelo? Que isso, o DJ tá tocando Andy Gibb de novo? Essa música tá em primeiro lugar nas paradas ou algo assim? Dá pra simplesmente ligar e pedir?

— Kim.

— Beleza, deixa o cabelo assim, mas ó, se eu parecer uma maluca no avião a culpa é tua. Eu vou deixar você falar tudo por mim.

— Tá bom, tá bom, Kim.

— Na alfândega, pra não dar problema.

— Kim.

— Jesus Cristo, você sabe mesmo como soltar uma bomba no colo duma mulher. Pelo menos ninguém vai poder dizer que a gente fugiu.

— Mas o que...

— Lençóis, a gente leva ou deixa?

— Hã?

— Bicho, vou te falar que eles não servem pra droga nenhuma.

— Eles não vão...

— Vamos deixar todos os brancos, menos o de algodão egípcio. Aquele a gente vai levar, tá me ouvindo? Pensando bem, é melhor você deixar que eu faça a sua mala, porque vocês, homens, também não sabem fazer mala.

— É tudo culpa desse teu Manley aí. É ele que tá fodendo com tudo com essa... essa...

— Acho que você devia levar todas as suas calças de gabardine, mas os ternos Kariba, não, a gente não vai querer que o teu pessoal nos Estados

Unidos pense que o filho deles virou um socialista.

— E agora...

— E aquela camisa azul, pra quando a gente for sair pra dançar. Tem um Studio 54 lá no Arkansas?

— Não vou pro Arkansas. Nunca mais volto pro Arkansas.

— Ah. Ok. Bom, tanto faz. Ha, eu quase disse tanto faz, desde que eu esteja com você, mas aí eu lembrei que ouvi essa droga dessa frase num filme semana passada. Ou será que foi no *Dallas*? Você acha que foi no *Dallas*? A Pamela Barnes diz umas coisas assim.

— Puta merda, até parece uma retirada de tropas. Eu disse pro Jackman, aqui é Montego Bay, não é Saigon, seus filhos da puta.

— Será que eu aviso na joalheria? Sabe, eu não cheguei a me demitir, eu simplesmente parei de ir trabalhar.

— Eles chegaram a fretar um avião.

— Que se fodam, não, fodam-se, que nem você diz. Quer dizer, eu nem me demiti, eu simplesmente não fui mais, lembra? Você achou tão engraçado...

— Fretaram uma bosta dum avião como se fosse um resgate de emergência.

— Pois é, pra que avisar eles agora? Eu vou ter que aturar todas aquelas outras viúvas no avião, mas fodam-se, né? Adoro quando você diz fodam-se.

— Kim...

— Tem muita coisa pra fazer. Como é que você me dá essa notícia assim, do nada? Como é que eles te deram essa notícia assim, do nada?

— Kim...

— Mas, enfim, vamos lá. Quando...

— KIM!

— O QUÊ?

— Ah, baby. Brotinho, o que a gente viveu aqui foi muito bacana, mas...

— Quê.

— Eu te mando dinheiro, quanto você quiser, o que você quiser.

— Quê.

— Você pode ficar aqui o quanto quiser. Já está pago até o final do ano.

— Quê.

— Eu achei que. Quer dizer, enfim. Quer dizer, isso foi muito bacana, baby, foi mesmo, mas você não tava achando que...

— Quê.

— Você sabia. Quer dizer, eu sei que você não... Baby...

— Beleza, pode ir sozinho lá ser resgatado de emergência. Deixa a passagem pra eu entrar nos Estados Unidos pela porta dos fundos. Não, eu não tô puta com isso. Não muito.

— Baby, não...

— Para de me chamar de baby e diz o que tu quer dizer, caramba.

— Faz cinco minutos que eu tô tentando te dizer.

— Dizer o quê? O quê, Chuck? O quê?

— Você não... Você... não vai comigo.

— Eu não vou com você.

— Não, você não vai. Quer dizer, você já devia saber.

— Eu já devia saber. Eu já devia saber. Certo, eu já devia saber. Não, peraí, deixa eu falar que nem tu, eu já devia saberrrrrrr.

— Jesus Cristo, Kim, o fogão!

— Eu já devia saber.

— Kim!

O cara me empurra pro lado e desliga o fogão. Tem fumaça por toda parte. Eu só consigo ver ele, de costas pra mim, com fumaça subindo

pelos dois lados da sua cabeça, como se estivesse saindo de suas orelhas, que nem num desenho do Pernalonga.

— Qual é a graça? Qual é a graça?

Kim. Kim. Kim, você já devia saber.

— Para de rir de mim, que bosta. Jesus Cristo, Kim, eu não cheguei nem a tirar a minha aliança. Eu não entendo como é que você pensou, porque é que você ia dar como certo que... quer dizer, você tava lá no Mantana's. Todo mundo sabe o que rola no Mantana's. Todo mundo. Quer dizer, eu nem cheguei a tirar a minha aliança. Ah, bicho, olha só que bosta, estragou o jantar.

— Estragou o jantar.

— Tá tudo bem.

— Estragou o jantar?

— Tá tudo bem.

A aliança, a aliança, a bosta da aliança, que nem a bosta dum brinde, um brinquedo que vinha de graça dentro numa caixa de Cracker Jack.

— Baby, você sabe quanto eu gosto de você.

— Qual é o nome dela, da tua esposa branca?

— O quê?

— A esposa branca, a mulher que tu tá chifrando pra comer uma xaninha preta escondido.

— Ela não é branca.

— Eu preciso dum cigarro.

— Você não fuma.

— Eu quero um cigarro.

— Brotinho...

— Eu disse que eu quero a porra dum cigarro, então me dá a porra do cigarro, seu cu cagado!

— Ok, ok, broti...

— Não me chama dessa merda, nunca mais me chama desse jeito arrombado.

— Desculpa, tá aqui o cig...

— Tá esperando eu esfregar no cu pra acender?

— Esse isqueiro era do meu pai...

— Eu lá tenho cara de que vou roubar essa merda desse teu isqueiro?

— Kim, eu sinto muito.

— Todo mundo sente muito. Todo mundo sente pra caralho. Sabe o quê? Tô cansada de todo mundo sentindo muito. Eu queria que tu não tivesse sentindo muito. Eu queria que tu dissesse não que tu sentia muito, que eu que era uma idiota. Que a gente tava brincando de casinha aqui porque era bonitinho, mas que agora tu tem que voltar pra tua branca lá nos Estados Unidos.

— Ela não é branca.

— Eu preciso me deitar.

— É claro, baby, sem pressa, sem...

— Para de falar que nem se tu fosse a porra dum médico. Ai, tadinho do Chuck, nunca imaginou que era isso que ia acontecer, né não? Quantas vezes tu ensaiou essa porra? Duas? Três? Quando tu tava vindo pra cá? Eu merecia pelo menos uns quatro ensaios.

— Kim...

— Para de me chamar desse nome. Que tal se a gente apertasse as mãos agora e dissesse foi bom fazer negócios com você?

— Escuta, não tem...

— Ou você prefere preencher um cheque e deixar em cima da mesa?

— Eu nunca te chamei de prostituta.

— Sim, porque você gosta tanto de mim! Papo furado de homem branco cu cagado.

— Isso não tem nada a ver com preto ou branco, minha mulher...

— Ah, eu acabei gostando tanto de você! A gente acabou gostando tanto de você, minha cara, tanto de você...

— Ela é mais preta que você.

— Mas o que que é isso, o concurso da buceta mais preta?

— Kim.

— Cala a boca! Tu não tem o direito de me dizer que não tem motivo qualquer coisa cu cagado!

— O quê? Você não tá falando coisa com coisa.

— Me leva pro estrangeiro.

— Quê?

— Me leva pro estrangeiro.

— Do que você tá falando?

— Me leva pro estrangeiro, caralho. Me deixa na primeira parada de ônibus.

— Kim, você não tá falando nada com nada.

— Olha, eu preciso ir. Caralho, eu preciso muito ir. Eu tô muito pronta pra ir. Chuck, por favor, eu faço qualquer coisa. Eu tô muito pronta pra ir. Eu tô pronta pra caralho pra ir. Eu tô muito pronta pra ir...

— Ir pra onde? Eu não tô te entendendo, Kim, solta a minha camisa, que bosta é essa? O que foi que deu em você? Kim, Kim, solta. Kim. Solta. Puta merda!

— Ugh...

— Desculpa. Desculpa. Eu... olha o que você me fez fazer. Kim, é sua...

— Cala a boca, por favor.

— Mas você tá sangrando. Deixa eu...

— Não encosta em mim, caralho. Só me dá a droga do jornal.

— Mas você nunca lê o *Star*, você odeia as notícias.

— Para de falar comigo como se você me conhecesse. Tu não me conhece, tá ouvindo? Não me conhece. Me dá vontade de vomitar. Esse

papinho meio de namorado, meio de papaizão, essa postura paternal do meu pau amigo. É isso que eu sinto, eu sinto vontade de vomitar bem aqui nesse teu piso de merda. Eu nem gosto de ackee. Me dá aquele jornal ou eu, ou eu, ou eu vou começar a gritar.

— Baby...

— Por favor, por favor, por favor, por favor, por favor, cala a boca. Só cala a boca. Eu vou botar minha cabeça no lugar.

Pego o jornal e vou até o banheiro e bato a porta. Aliança no dedo. Como se eu nunca tivesse visto nenhuma aliança no dedo dele. Eu tinha visto a aliança no dedo dele. Não, eu não tinha. Eu não quis enxergar. Desgraçado filho duma puta.

— Tu é um desgraçado filho duma puta.

Calma, Kim Clarke. Calma. Você não pode nem gritar isso porque você não tem motivo. Tenta lembrar por que foi que Deus te guiou até a casa dele. Lembra por que Deus te guiou até o quarto dele, então pode voltar lá pra fora pra amar o cabelo dele. Diz pra ele que tu não precisa ser a esposa dele, que pode ser o que ele quiser que tu seja. É distância que ele quer? Tu é uma mulher jamaicana, tu sabe manter distância. Vai lá pra fora e diz sim, baby, eu entendo. Você tem essa vida aqui e aquela vida lá, mas essas duas vidas não podem se misturar, você sabe disso. Mas olha pra gente, olha só pra gente, a gente misturou duas vidas aqui e deu certo, e a gente nem mora num país tão grande quanto o teu. O Sr. Bonzão tem uma esposa nas montanhas e uma mulher nos bares. A esposa nunca vai descer, a mulher nunca vai subir, e assim o homem mantém o equilíbrio. Eu posso te ensinar. E eu não preciso viajar pra lá num avião da Alcorp. Eu não preciso morar no Arkansas. Eu não preciso montar uma casa... A gente não precisa, ah, cala a boca, mulher. Você pode se adaptar. Isso não faz de você uma mulher, mas sim uma bactéria. O cara enganou você. Deus ri toda vez que você rouba de um ladrão. O cara te enganou direitinho. Como se você quisesse montar uma casinha de boneca no

Arkansas. Você só queria uma saída. Uma luz. Você só queria uma carcunda para montar e ir embora e agora todo mundo naquela sala sabia disso. Vai lá pra fora e ama o cabelo dele. Você já tem o passaporte e o visto. Mas com ele eu teria uma... uma o quê? Broto, você precisa pular fora desse caldeirão fervendo antes que seja tarde demais. Você acha que tá segura, mas levanta sua saia que você vai ver os círculos concêntricos fazendo a mira num certo lugar. Você acha que essa mesma marca já sumiu da tua testa? Você acha que eles pararam de procurar por você?... Não. Eu vou sair daqui e vou amar o cabelo dele. Hoje era a noite que era pra eu amar o cabelo dele. Mas você estragou o ackee. Você sabe quanto ele ama ackee, e você estragou o ackee. Talvez vocês devessem sair para dançar, dizer pra ele que é a última vez antes dele ir embora. Da gente ir embora. Eu tava pronta pra aterrissar na Terra de Deus ao lado deste homem, e abraçar com toda força os valores americanos.

Sabe do que mais...

Cala a boca

Só cala a boca

Tu tá parecendo dois negrinhos americanos numa comédia de tevê dizendo “cala a boca você”.

Que merda, eu nem fumo.

— Kim, tudo bem aí dentro?

— Não entra aqui.

— Você já pôs um curativo no rosto?

— Não entra aqui.

Eu já devia saber. Que porra ele tá pensando, que todas as mulheres do Mantana's ficam antecipando esse momento desde a primeira vez que pisam na boate? Com certeza, todas menos eu. Não consigo lembrar de nenhum outro homem de lá. Quer dizer, eu lembro deles, mas não dos seus dedos. Tadinha da Kim Clarke, já chegou no Mantana's cega pelo próprio objetivo. Tadinha da Kim Clarke, o papaizinho e a mamãezinha

não estavam lá pra te ensinar que, às vezes, quando um homem e uma mulher chegam numa encruzilhada, acontece dos dois terem objetivos diferentes, e também não disseram que se você facilita pro homem, ele te faz de gato e sapato. Tadinha da Kim Clarke. Você sabia que a Alcorp tava fechando suas portas e se preparando pra ir embora antes de você conhecer o Chuck. A Alcorp tava se preparando pra ir embora, e você tava preparando o seu bote. Em alguém. Em todo mundo. Em qualquer um. Como se faz pra um homem amar você com mais força? Será que todos os homens que vão no Mantana's têm uma aliança ou a marca de uma no seu quarto dedo? Pensa rápido, Kim. Muito rápido.

— Kim.

— Eu tô bem. Só não entra aqui.

— Ok.

Fica quieta. Fica quieta que encontrará a paz. Não acredito que vai ser justamente agora que a Escola Dominical vai servir pra alguma coisa. Não, você não vai pensar em Deus agora. Talvez eu leia o jornal, no fim das contas, talvez eu leia o *Star*, O Jornal do Povo. Eu não sei por que ele lê isso todos os dias, a não ser que seja pra lembrar a si mesmo de como os jamaicanos são idiotas, será que é isso? Mesmo assim, eu sei o que aconteceu em Little Rock. Essa idiota aqui tava prestando atenção na aula de história quando o professor falou sobre direitos civis e Martin Luther King.

Os três valentões: Guarda-costas, Guarda Nacional e Guardas de Segurança vivem um triângulo amoroso. O Star apurou... A Miss Jamaica dá à luz a gêmeos... Pamela, a voluptuosa, lúbrica e bem fornida Garota da Página 3, está estudando para se tornar aeromoça e adora os longos braços da lei... Escassez de farinha com fermento em Hanover. O Star apurou que lojistas realizam "venda casada" com um inseticida da marca Baygon, obrigando os consumidores a comprarem um frasco para cada quilo de farinha... Fantasma Agride Coveira no Cemitério de May Pen. Eulalee

Legister estava cuidando de sua vida quando... A Ameaça Comunista está de volta por St. Mary?... Conheça as eliminadas e classificadas para o Miss Jamaica 1979. Shelly Samuda, Miss Marzouca, Arlene Sanguinetty, Miss Bobcat, Jacqueline Parchment, Miss Hunter Segurança, Bridget Palmer, Miss Supermercados Sovereign, Kim-Marie Burgess, Miss Ammar's

Kim-Marie Burgess, Miss Ammar's

Kim-Marie Burgess, Miss Ammar's

Kim-Marie Burgess, Miss Ammar's

Stacey Barracat, Miss River Road Serviços de Limpeza. Concurso de beleza é uma tremenda bobagem. Violência doméstica termina em lesão corporal dolosa. O juiz Patrick Shields, numa sentença proferida hoje... Quatro mortos em tiroteio em Jonestown... Horóscopo para quem é de Áries, e nasceu entre 19 e 24 de abril: você vai ser guiado por suas emoções... Isso é o que você andou perdendo por quase dois anos. Vire a página.

UM ANO DEPOIS, UM SHOW PARA ERGUER A COMUNIDADE

...de volta, depois de um exílio de quatorze meses após um atentado contra sua vida, no dia 3 de dezembro de 1976. O show foi aberto por Sua Majestade Real Asafa Wosen, o príncipe coroado da Etiópia... estamos colhendo os frutos de um trabalho cuidadoso de dois anos, disse o ativista político do PTJ, Raymond "Papa-Lo" Clarke. Chega de guerra e sofrimento nas ruas, é hora de unificação. A renda do show será revertida para diversos projetos na comunidade, para começar, vamos construir um banheiro público decente e uma nova ala para a Clínica de West Kingston, disse o principal ativista do PNP, Roland "Shotta Sherrif" Palmer. Essencial para a iniciativa foi a presença da estrela do reggae que veio até a ilha após uma ausência de quase dois anos.

Chega. Pare de ler, Kim Clarke.

Desde o começo do ano houve trezentos assassinatos que, segundo especulações, tiveram motivações políticas.

Pare de ler, Kim Clarke.

Na foto: Ativistas políticos apertam as mãos durante os preparativos para o show.

Não olhe, Kim Clarke.

Da esquerda para a direita: ministro da Juventude e dos Esportes, Sr. _____, ativista político do PTJ, Raymond Papa-Lo Clarke, ativista político do PNP, Roland Shotta Sherrif Palmer. Kim Clarke, pare de olhar, pare de ler, pare de procurar. Não olhe para: a regata branca do Papa-Lo, seus peitos estufados como se fossem seios. Não olhe para: as calças khaki do Shotta Sherrif, que nem as de um estudante, que nem as de um soldado. A foto é em preto e branco, mas você sabe que é khaki. Não fique olhando pros rostos deles, pros rostos que tão olhando pra câmera, pros rostos que tão olhando pros lados, e pros rostos que tão olhando além de tudo que tá nesta droga desta foto. Ao lado do Papa-Lo tem uma mulher. Ao lado da mulher tem um homem. Atrás do homem tem um outro homem de óculos escuros. Você conhece o tipo, não é mesmo? Ele não tá se escondendo de você, você é que tá se escondendo dele. Feche o jornal agora, Kim Clarke. Lá está ele, no fundo, sem sorrir, sem olhar, sem concordar com paz de cu cagado nenhuma. Ele não tá interessado em paz, tá interessado em você. Dois anos fugindo e ele te encontrou. Sua otária. Ele te encontrou.

– Kim, o que tá acontecendo?

Kim?

Kim?

Dois anos correndo numa linha reta que acabou se transformando num círculo. Vá andando até o portão. Não tem nada te impedindo. Não tem nada te obrigando também, mas você vai andando até o portão mesmo assim porque não tem mais nada pra fazer. Vá andando até o portão e passe a mão na sua barriga que nem se você estivesse grávida. Ignore os fogos de artifício, embora ainda esteja muito no começo de dezembro pra

já estarem soltando fogos. Olhe pro homem, seu rosto já escurecendo às oito da noite, vindo na sua direção, e você não consegue se mexer. Ele tá olhando pra você, te despindo, te testando. Ouça os gritos vindos lá dos fundos e a sirene da polícia vindo da rua e de repente uma arma apontada pra sua cara. Assim que você começou a correr, você nunca mais parou. Você pôs suas coisas numa maletinha roxa e fugiu do dia 3 de dezembro de 1976, que se foda esse dia criado pelo Senhor com todas as coisas horríveis que aconteceram nele. Você achou que ia fugir pros Estados Unidos, mas seu homem já tinha planejado fugir de você, até o último pagamento do aluguel. E quanto a esse outro homem, o homem na foto. Ele saltou das páginas do jornal e apareceu bem na sua frente. Ele tem um nome — não leia.

Sua bobinha. Você não fugiu do dia 3 de dezembro de 1976, você mergulhou bem no meio dele. Você nunca chegou a conhecer o dia 4 de dezembro, você não conhece o dia 20 de abril, tudo o que você conhece é o dia 3 de dezembro. Esse dia nunca vai acabar até que ele venha para acabar com tudo. O dia 3 de dezembro está vindo atrás de você, é o que a foto diz. Nós temos contas para acertar, a foto diz. Montego Bay não pode fazer nada pra impedir, e nem os Estados Unidos. Eu tô vindo te pegar, Nin — não a chame desse jeito, nunca a chame desse jeito, porra. Esse é o nome de uma mulher morta, numa cidade morta. Continue correndo porque ela está morta. Agora acende o teu cigarro com o isqueiro que ele quer de volta e não devolve a menos que ele te peça. Acende o cigarro e dá uma tragada. Tosse, tosse mais, e mais alto. Dá mais uma tragada. Puxe a fumaça até que seu coração comece a bater tão devagar que se você colocasse a mão no peito poderia contar as batidas. Agora pegue o cigarro e queime a cabeça dele. Atravesse a página, queime até que o jornal se incendeie e jogue em cima da cama.

— Kim, que diabos está acontecendo?

Que o fogo abra um caminho por entre as batidas e os gritos e os berros e os xingamentos e as tentativas de arrombar a porta, que não vai ceder, e por entre o cacarejo dos travesseiros e os chiados dos lençóis de seda e as gargalhadas das cortinas de poliéster, fique olhando as chamas subirem como se estivessem debaixo de uma saia, expondo escandalosamente a janela.

Que o fogo crie uma passagem segura. A única maneira de progredir é atravessando.

BARRY DIFLORIO

Acaba de dar merda no Irã. Bom, na verdade, a merda já tinha estourado em janeiro, mas os destroços só estão começando a nos atingir agora. Tá dando merda no mundo inteiro. Caos e desordem, desordem e caos, e eu repetindo isso sem parar, como se as duas coisas tivessem algo a ver uma com a outra, Sodoma e Gomorra, Gomorra e Sodoma. Essas fotos de família vão na minha mochila, não na minha pasta. Preciso tirar as fotos de dentro da pasta e dar aquele arquivo pra Sally retalhar, mas será que eu não deveria tirar umas fotos dele antes disso? Jesus Cristo, acho que peguei a febre do Nixon. Passei tanto tempo dizendo pras pessoas que a vida não é a merda dum filme do James Bond, que sinto falta da época em que a minha era. O que eu realmente queria fazer era me recostar nesta cadeira, tirar meus sapatos e meias e ficar imaginando onde vai dar merda primeiro. Enquanto isso, uma merda totalmente diferente ia estourar na Iugoslávia. E o moleque da Otan nem sabia de nada. Ele é o chefe da merda da CIA e ele não sabia de nada.

Lindon Wolfsbricker. Eis aí um nome que você sabe que os pais perderam um tempão pensando que porra de nome eles iam colocar antes de Wolfsbricker. Sério, parece um nome de alguém com fetiche por nazismo. Wolfsbricker é o embaixador americano na Iugoslávia. Não me pergunte como ele conseguiu, mas, de algum modo, o Sr. Embaixador pôs as mãos numa diretiva interna da Companhia. Uma diretiva do Serviço Clandestino pra todos os chefes de estação, em todos os cantos do mundo, orientando pra que se mantivessem todas as principais operações em segredo dos embaixadores. A primeira coisa que eu pensei foi: fala

sério. Quer dizer, faz mesmo muito sentido. Alguns embaixadores conseguem seus cargos porque são amigos do presidente, e um bom cargo, num bom lugar, onde você pode fazer o seu nome, como, vamos dizer, o Chipre, vai preparar o caminho pra uma vaga de senador, de governador ou até de vice-presidente. Alguns conseguem seus cargos porque o presidente não suporta o desgraçado, e que melhor maneira de manter o camarada e a ameaça em potencial que ele representa fora do seu caminho do que alocá-lo na União Soviética ou em algum lugar para o qual ninguém está dando a mínima, tipo Papua Nova Guiné? De todo modo, um babaca ambicioso com sede de poder é o tipo de pessoa que não deve ser mantida informada o tempo todo sobre qualquer coisa, porque, antes de mais nada, ela é um tremendo pé no saco. E então aquele caipira do Wolfsbricker liga pro almirante Tunney putaço porque estão escondendo informações dele, uma violação de ordens presenciais que datam de dezessete anos atrás, aliás.

O Wolfsbricker deixa claro pro almirante que a CIA está proibida de atuar na Iugoslávia até que a ordem seja revogada, e ele não tava brincando. Ele disse que não era pra ninguém ir até os escritórios ou conduzir qualquer operação em Belgrado, ou em qualquer outra cidade da Iugoslávia. O Sr. Embaixador tava muuuuuuito puto. O pior é que ele tava xingando o diretor sobre uma coisa da qual ele não fazia a menor ideia. Ouvi dizer que o almirante ficou tão furioso que ele cuspiu sua água morna com limão nas calças. Ligações começaram a ser feitas por todo o mundo para descobrir quem sabia sobre aquela diretiva, e quem a havia autorizado. É claro que, quando eles me ligaram, eu simplesmente disse que a Companhia estava passando por uma transição do Sr. Bush para o almirante Tunney, e que eu apenas cumpria ordens. De quem? Não do Clandestino, senhores, se é isso que vocês estão me perguntando. Eu não faço as regras, eu apenas garanto que elas sejam cumpridas. Engraçado que eu soube, no momento em que disse essas palavras, que jamais

chegaria à diretoria, uma coisa que vai irritar muito mais a minha mulher do que a mim.

Mas, bom Deus, estamos em 1979 e, só pra variar um pouquinho — e pra melhor —, a Jamaica é o único lugar que não está indo pro buraco. Bem, pelo menos não hoje. Nosso voo pra Argentina é semana que vem, e a Claire está feliz pela primeira vez em anos. *Nós vamos precisar aprender a falar espanhol agora?*, pergunta o meu menorzinho, e daí eu lembro que já faz três anos que não estamos num país que fala espanhol. A julgar pelo número de ligações que ela está fazendo este mês falando tudo em espanhol, ela está avisando todas as piranhas das suas amigas que está chegando. Engraçado que, pra alguém que não consegue parar de falar sobre quanto odeia a Jamaica e quanto quer voltar para Vermont, ela não tenha mencionado Vermont sequer uma vez. Será que o novo cara vai querer este peso de papel? Eu com certeza não quero... ou será que sim? Estou muito disperso hoje. Merda, no que é que eu tava pensando mesmo? Wolfsbricker. Iugoslávia. O almirante injuriado. Pô, quer dizer, a Companhia tava, de fato, descumprindo a lei.

Meu filho ia gostar deste apontador. A merda do escritório não vai dar falta de um apontador, e mesmo que desse, eu tô pouco me fodendo. Como se alguém aqui na Jamaica estivesse prestando atenção nisso. É o lugar mais desleixado em que eu já... isso não é verdade, era muito, muito pior no Equador. Definitivamente, tô ficando mais irritado, e eu não sei por quê. Talvez seja porque a gente tá voltando pra merda da Argentina. Eu não desgosto da Argentina; na verdade, vai ser legal sentar num café ao ar livre e ficar olhando pras argentinas gostosas na rua, só pra variar um pouco. Mas puta merda, este país. Eu não quero ser o décimo milésimo homem branco a me apaixonar por este país. Eu não vou me apaixonar. Mas se eu fosse, o mínimo que eu devia fazer era passar o resto da minha vida fumando maconha em Treasure Beach, com todos os outros hippies e vagabundos.

Uma noite tranquila na Jamaica, o único lugar do mundo onde as coisas realmente estão tranquilas neste momento. Porque o Irã, meu bom Jesus, e pensar que a gente quase foi parar lá uma vez. E ainda tem essa merda desse matuto na presidência. O Louis me disse que, depois de xingar a Companhia pra caralho, chegando até mesmo a nos chamar de desgraça nacional, ele mal sentou aquele seu rabo caipira na cadeira e já nos deu mais ordens que o Ford, e quase tantas quanto o Nixon. É claro que ele não vê as coisas desse jeito. Esse sofre de um ataque permanente de consciência. Não sei por que esse cara quer salvar meia dúzia de negros que vivem no estrangeiro, deve ser porque ele não consegue fazer merda nenhuma pelos crioulos que vivem no seu próprio país. Sim, claro, vamos enfraquecer as bases do apartheid, é bem tranquilo, você só precisa ter um par de sapatos vermelhos para bater os calcanhares. Enfraquecer as bases pra quê? O Congresso Nacional Africano recebeu dinheiro dos soviéticos durante anos porque, adivinha só, apesar de tudo, a bosta do comunismo é mais progressista na área social do que nós. Ele quer aplicar uma injeção letal no apartheid e se livrar daquele maníaco nazista do Ian Smith na Rodésia. Eu conheço dois dos caras que trabalhavam com o CHEFÃO que baixaram a guarda e foram pegos pela merda da polícia secreta da Rodésia. Vou te dizer, o cara precisa ser muito incompetente pra conseguir ser pego por uma polícia secreta africana. Três dos nossos pegos por esses idiotas, e o quarto cara entregue pelo próprio CHEFÃO. Rapaz, aqueles sul-africanos ficaram mesmo orgulhosos com aquilo. A gente nem tinha que estar na merda da África, deixa isso pros ingleses e praqueles merdas daqueles belgas e praqueles desgraçados daqueles portugueses que, puta merda, ainda não ficaram bons nesse negócio de colonialismo apesar de fazerem isso há tanto tempo. Jesus Cristo, Barry, alguém que te ouvir falando assim pode acabar pensando que você tá se transformando num liberal. Mérito do Louis, que, na pior das hipóteses,

foi quem me fez acordar e enxergar como as coisas realmente são. Ou talvez tenha sido o William Adler.

A Sally não sabe se vão realocá-la também. Minha secretária desenvolveu uma quedinha por mim. É ótimo saber que alguém fez isso. A patroa já tá ensinando espanhol pro Aiden. O Timothy nem se lembra de já ter falado. Bicho, ele ficou muito bravo quando soube que a gente ia embora. Que onda errada, ele disse, jogando o garfo no prato. Já era ruim o suficiente que ele estivesse se recusando a comer comida americana e só quisesse saber de caranguejo e inhame e porco curado no sal e fruta-pão. Eu tive que mostrar pro pestinha quem é que manda aqui. Coitado, ele acha que eu não sei nada sobre sua namoradinha jamaicana, caramba, eu soube na hora que ele disse pro Aiden que os bonequinhos de super-herói eram muito onda errada — e isso que os bonequinhos eram dele. O pestinha acha que sabe o que é o amor. Amar alguém é se acomodar, é isso que essa merda é, na verdade.

O Louis Johnson, que era meu compadre em 1976, foi mandado de volta pra América Central. Acho que a Escola das Américas tá precisando de um apoio moral este ano. Temos que continuar expandindo nosso exército pra erradicar as forças do socialismo e do comunismo, e de qualquer outro ismo que surgir na próxima semana. Engraçado que nós nunca gostamos muito um do outro, na verdade eu não suporto esse desgraçado espancador de esposa, mas agora ele me liga o tempo todo. Ele vem com essa conversa de que é porque ele precisa ouvir um pouco mais de inglês. Eu poderia dizer bom, se você parasse de quebrar a sua mulher a pau talvez vocês pudessem conversar sobre alguma coisa, mas achei que poderia soar meio cafona. Mas a gente tá falando dos Serviços Clandestinos aqui, do qual ele faz parte, e eu não, e que foi quem realmente fodeu com tudo. Ele acha que foi o almirante Tunney, um homem que, na melhor das hipóteses, tem um conhecimento não mais que superficial do que acontece na Companhia. O Tunney é um funcionário

público, eu disse a ele. Só tá matando tempo ali. Além do mais, quem é que confia num homem que bebe água morna com limão em vez de uísque, ou até mesmo café? Só falta daqui a pouco ele começar a mijar sentado. Não, senhor, foi o Nixon quem realmente fodeu com tudo aqui na CIA. Ele nunca confiou na Companhia, pra começo de conversa. Mesmo assim, tem que respeitar a simplicidade da sua visão de mundo, na qual o planeta é habitado por pessoas que ou estão a seu favor ou contra, e puta merda, eu nem cheguei a conhecer o cara.

Porque o problema com aquela ratazana era o seguinte: não dá pra criar uma bosta numa cultura de vigilância e depois reclamar quando as coisas vazam. Com isso você vai ter tanta gente vigiando que nem consegue saber direito quem tá vigiando quem. Pior ainda dar esse cargo pra um veterano da Baía dos Porcos, que nós sabemos como são competentes. Agora, uma coisa precisa ser dita sobre o Louis: ele se recusa a manter qualquer coisa em segredo. Fiquei sabendo que o secretário de Defesa anda espionando o Kissinger. Difícil acreditar que o Kissinger não saberia. Escutas na Casa Branca e no Camp David. O Kissinger em pessoa andou grampeando seus próprios aliados e funcionários, incluindo a mim, imagino que pra conter vazamentos, e mesmo assim eles continuam acontecendo. O problema é que eles escolheram alguém que tanto eu quanto o Louis conhecíamos muito bem. Putz, quando o Louis me ligou, chegava a estar soluçando no telefone de tanto que ria. Chip Hunt. *Putz que la merda, Diflorio, esse aí é um merda capaz de transformar uma merda numa merda fodida pra caralho. Bicho, Jesus Cristo, como é que ele consegue? Ele sozinho arruinou com tudo no Uruguai. Você acha que o Tricky Dicky escolheu o Chip porque andou lendo os livrinhos de espionagem dele?* De qualquer jeito, a história acaba aí, e, além do mais, isso já faz mais de seis anos, e foi essa cultura criada pelo próprio Nixon que acabou comendo espetacularmente seu rabo. E quando ele caiu, ele levou praticamente todo mundo junto.

Engraçado, quando o Bill Adler me ligou naquele dia em 1976, eu disse que ele era o culpado pela morte do Richard Welch na Grécia. Falei alguma besteira sobre ele ter vazado nomes de funcionários da Companhia, pondo sua segurança em risco, mas era tudo conversa fiada. Ele sabia, e eu sabia, mas eu precisava dizer mesmo assim. Foi o merda do Nixon quem matou o Richard Welch, dizendo pra gente espalhar um monte de merda na Grécia que acabou provocando o estouro da guerra da Turquia contra o Chipre. E pior ainda, deixando aquela merda toda vazar. Quando eu vi, pronto, o Richard Welch e a coitada da sua esposa tinham sido assassinados. Puta que pariu. Jesus Cristo, ele era chefe de estação. O merda do Nixon tentou arruinar com o FBI também, assim que o Hoover bateu as botas. Mas puta merda, quem é que dá a mínima pra isso em 1979?

Eu pensei ou disse isso em voz alta? Não tem ninguém aqui, tá fazendo uma noite bem tranquila em Kingston. Eu preciso muito voltar pra casa. Num minuto a Claire reclama que vamos ter que nos mudar e, no minuto seguinte, tá ligando pra todas as suas amigas em Buenos Aires, como se elas fossem mesmo suas amigas, pra perguntar se a escola americana ainda é boa. Enquanto isso, eu tô tentando me lembrar quem é que eu ainda conheço na Argentina, e com quem eu ainda gostaria de falar. Meu Deus, como seria bom voltar pros velhos tempos, quando era só eu me encontrar com quem quer que fosse para garantir que o presidente não sujasse suas mãos, dizer a ele o que ele precisasse saber sobre a situação, dar alguma grana e prometer aos filhos da mãe de dedo leve que certamente arrumaria uns brinquedinhos novos pra eles. E se eles fossem realmente bons, poderíamos até pensar numa viagemzinha de lazer para Fort Bragg.

Meu Deus, é uma coisa e tanto sentir falta dos dias em que os planos realmente funcionavam. Quando eu estava na Argentina, fiquei sabendo por um agente baseado em La Paz que finalmente tínhamos pegado o

Che. Eu nem sei direito por que eu tô pensando no Che Guevara. Eu tava pensando na Argentina, e em quanta coisa mudou desde 1967. Do jeito que a Claire tá falando no telefone, parece que ela tá simplesmente voltando pra um lugar que suas amigas mantiveram quentinho pra ela todo esse tempo. Esta é a minha esposa, sempre partindo do princípio de que tudo tá exatamente igual desde a última vez que ela viu. Acho que ela só tá feliz porque a gente tá dando o fora da merda da Jamaica. Quando ela me disse que ela e a Nelly Matar trocaram umas farpas, meu chapa, ela ficou putaça quando eu acrescentei a palavra *finalmente*. Esses sírios aqui da Jamaica são muito hipócritas, além de vulgares pra caramba. Quer dizer, eu sei que eles são só comerciantes, mas os chineses não eram assim.

— Eu só perguntei se a loja Matar's Pegue & Pague, na Cidade Baixa, era da família dela. Quer dizer, não vejo nada de errado nisso, é um negócio honesto. Mas por algum motivo ela achou aquilo uma grande ofensa.

— Nem consigo imaginar por quê.

— Ah, faça-me o favor, Barry. Ou você é dono de uma loja ou você é esnobe. Não dá pra ser as duas coisas. Além do mais, se eu precisar falar pra ela só mais uma vez que aqueles chapéus que ela usa foram feitos pra serem usados num grande prêmio de turfe, eu vou acabar arrancando aquele troço da cabeça dela.

Sempre pensando nos outros; essa é a minha esposa. Eu sou apenas um contador. Um cara preocupado com a eficiência. É por esse motivo que um monte de filho da puta acha que pode jogar qualquer merda pra cima de mim. Quer dizer, eu entendo, ninguém que esteja buscando uma informação crucial jamais pensaria em perguntar pro Barry Diflorio. Mas tem uma outra coisinha que a patroa aparentemente não sabe: a Argentina ainda tá no meio de um circo de horrores.

Quando os egípcios pegavam um agitador, eles tinham o costume de tirar toda a sua roupa, amarrá-lo de quatro, cobri-lo com mijo de cadela e

soltar um monte de cachorros em cima dele, para que eles achassem que ele era uma cadela no cio e comessem o cu do infeliz. E esse Xá era pior. Mas aí, no dia 4 de fevereiro, deu merda. O Roger Theroux me ligou. Na melhor das hipóteses, o Bill Adler era um agente medíocre, mas o Roger não tava pra brincadeira, talvez fosse o nosso melhor agente autenticamente americano. Eu conhecia alguém em Washington que conhecia tanto o Roger quanto a mim, que me perguntou se eu gostaria de ver o seu relatório sobre o Irã. O Theroux disse umas coisas muito diferentes do que a Companhia havia dito ao Carter. Ele tava lá, nas ruas, e disse que era como Cuba em 1959, mas pior, porque tinha tudo a ver com religião.

Dá pra entender por que um relatório como este não faria sentido pro Carter, ou pra qualquer outra pessoa. Religião? Revoluções são provocadas por liberais, hippies, comunistas, aquela merda do Baader-Meinhof, e essa tava sendo provocada por religião? Peraí, estamos em 1979, caralho. Metade dos jovens sauditas e iranianos estão morando em Paris, usando jeans apertados e dando mais a bunda que a bichona americana padrão, como é que a religião se fortaleceu mais uma vez? E aí o Roger Theroux foi sequestrado.

Bateram bastante nele. Já de cara saíram acusando que ele era da CIA, montaram um júri fajuto que o condenou e o sentenciou à morte em menos de um mês. Graças a Deus ou a Alá, talvez, o Roger conhecia bem o Corão. Quando finalmente falei com ele, ele disse Barry, eu exigi um encontro com o merda do mulá. Quando o pau no cu finalmente deu as caras, porque, vou te contar, ele demorou, eu disse olha, você pode falar quanto quiser, mas não está escrito em lugar nenhum no Corão que isso que vocês fizeram é permitido. Se vocês fizerem, vocês estarão indo contra a vontade do seu Deus e Profeta. Eles o soltaram. E mesmo com tudo isso, Washington recebeu a informação com surpresa dois dias atrás. O cara

tem que se perguntar: como é que uma coisa consegue ser surpreendente e inevitável ao mesmo tempo?

Acho que ela não andou lendo nada sobre a Argentina. Provavelmente, o melhor a fazer é não falar nada por enquanto; além do mais, estou seguro de que seus amigos não foram muito afetados por essas coisas. Será que ela vai sentir falta da casa, pelo menos? Com certeza ela se esforçou muito pra deixá-la como está, mas ela sempre foi assim. Mesmo que só fosse passar dois dias num hotel, ela precisava reorganizar tudo, deixar do seu jeito. Estou tentando pensar do que é que vou sentir falta, fora o jerk de frango. Puta merda, Barry Diflorio, três anos e você ainda parece que chegou aqui no Barco do Amor. Talvez eu devesse contar pra ela. Que desde 1977 não temos notícia de nenhum dos poetas que ela costumava convidar pra jantar. Nem do bailarino, ou daquele homossexual de cabelo branco, Umberto, que ela achava um comunista tão charmoso. Consigo imaginar ele vestido de branco, dos pés a cabeça, até o seu último instante.

Quando aquela bomba explodiu aquele apartamento em Buenos Aires em 1978, por um segundo eu pensei que tinha sido o Las Casas. Mas ele está de novo aqui na Jamaica, provavelmente pra terminar o que não conseguiu em 1976, e só Deus sabe o que seria isso. O que eu sei é que não é pra tocar nele. O pior é que ele sabe disso. E ninguém vai entrar no meu lugar, embora alguém, certamente, vá entrar no lugar do Louis. Até onde eu sei, já era até pra ele ter chegado há alguns dias. Não sei se o fato de eu nem saber o nome dele é mérito dos Serviços Clandestinos ou incompetência da agência. Pelo menos, alguém ainda acha que não seria muito esperto encerrar as operações na Jamaica agora. Com este país nunca dá pra saber. Com esta gente. Às vezes parece que eu tô falando das Filipinas.

Eu ainda quero saber quem foi que escreveu aquele maldito relatório e quem foi que o autorizou, ou se esse nosso presidente é tão bunda-mole

que eles precisaram alterar bastante o conteúdo dele. *Não está em situação revolucionária, nem mesmo pré-revolucionária.* Jesus Cristo. Daí, três dias atrás os rebeldes finalmente derrotaram as tropas do Xá e todo mundo ficou olhando, perplexo. Todo mundo menos o Roger Theroux.

E eu fiquei olhando pra um escritório que eu nunca mais vou precisar ver, pensando até que ponto eu conto as coisas pra patroa. É com o Umberto que ela vai ficar mais abalada, faz semanas que ela liga pra sua casa, convencida de que ou eles se mudaram, ou ela anotou o número errado. Chegou um ponto em que ela me perguntou se eles teriam dado um número errado a ela de propósito, e eu realmente não soube o que responder. O mais estranho é que quando ela pergunta sobre ele pros outros amigos, eles não têm nada a dizer. Qual é, é tão estranho que ninguém diga nada. Nem mesmo os Figueroas, que moravam pertinho, na mesma rua. Mesmo se eles não soubessem exatamente o que tinha acontecido com ele, que alguma coisa aconteceu eles sabiam.

É a política que orienta as políticas. Pensei nisso a semana toda. Nisso e no Bill Adler. Ele me ligou de novo faz dois dias. Que engraçado, ele e o Louis. Ele estava particularmente puto de ter finalmente sido expulso do Reino Unido.

— Como assim, Bill? Pode até ser que o pau dos Estados Unidos seja pequeno, mas esses inglesinhos não se cansam de se esticar por cima do oceano só pra chupá-lo.

— Bom argumento. Eu sabia que só tava matando um tempo ali, mas tinha esperanças, você sabe.

— Péssima conduta, até mesmo prum ex-agente.

— Ex não. Eu fui demitido.

— Tanto faz. Que tal Santiago?

— Ouvi dizer que faz muito sol no verão. Sério, Diflorio, o Brzezinski não vai achar essa conversa tão interessante quanto o Kissinger.

— Talvez não, mas você não ficou sabendo? Estamos cortando custos em todas as partes. Quem estiver achando que alguém vai tirar os grampos do seu telefone tá fodido. Falando em cortar custo, como é que vai...

— Como é que vai esse disco arranhado que não para de pular, caralho?

— Tá nervosinho, é?

— Tá sendo um fevereiro bem filho da puta, caso você não tenha percebido. Todo mundo tá nervosinho.

— O que você quer, Adler?

— Por que você acha que eu quero alguma coisa?

— Oh, querido, você me ligou porque estava se sentindo só?

— Nunca conheci ninguém no meu ramo que não estivesse, Diflorio. Mas enfim, você é um...

— Contador. Sabe, se nós vamos ser amigos, você precisa mesmo parar de me chamar de...

— Contador?

— Não, de Diflorio.

— Não seja tão puxa-saco, Diflorio, não combina com você.

— Se você soubesse o que combina comigo você me chamaria de Bar, ou Barry, ou Bernard, que nem a minha sogra. Agora, pela segunda vez, o que é que eu posso fazer por você?

— Você viu essas coisas sobre o Irã?

— Disco music é uma merda?

— Só estava puxando um assunto.

— Não, você está jogando conversa fora. Ouvi dizer que o John Barron está escrevendo uma continuação pro seu livro da KGB.

— Que ótimo, pelo amor de Deus, precisamos mesmo desentocar todos esses agentes infiltrados da KGB.

— E os traidores que os apoiam.

— E quem seriam? Tipo aquele Bill do livro dele? Eu li que eu sou um alcoólatra mulherengo que tá sempre quebrado.

— Então você leu?

— É claro que eu li. E tô surpreso que você leve esse falsário tão a sério.

— O livro dele é mais interessante que o seu, pra dizer o mínimo.

— Vai se foder. Tô escrevendo mais um, a propósito.

— Tenho certeza que sim. Você ainda tem a vida de, pelo menos, umas mil pessoas pra destruir. Por sinal, como é que vai o seu amigo Cheporov?

— Quem?

— Boa. Muito esperto. Mas, caralho, Adler, até o *Daily Mail* sabe que você anda falando com o Cheporov.

— Não sei de quem...

— Edgar Anatolyevich Cheporov, da Agência de Notícias Novosti, em Londres. Ele é da KGB. Vá em frente. Eu vou ficar aqui sentado, enquanto você finge que tá chocado, que não sabia de nada. Só lembra que vai ser difícil me convencer de que você tá chocado sem eu conseguir olhar pra tua cara.

— O Cheporov não é da KGB.

— E eu uso calcinha, não cueca. Vocês dois tão em contato desde 1974, pelo menos.

— Eu não conheço ninguém da Novosti.

— Bill, meu chapa, você vai precisar se esforçar um pouquinho mais. Primeiro você diz que não o conhece, depois você diz que ele não é da KGB. É melhor a gente dar uma parada pra você organizar suas ideias. Se você não sabia que o Cheporov era da KGB, ou você é muito burro ou muito ingênuo, ou talvez você só esteja precisando muito de dinheiro. Quanto é que a inteligência cubana tá te pagando? Um milhão?

— Um milhão? Você não conhece Cuba.

— Mas, meu Deus, como você conhece. O que você quer, seu pau no cu?

— Informação.

— Quanto você tá querendo? Um baú cheio? Não foi exatamente isso que você disse pra KGB quando tentou se prostituir pra eles?

— Eu não tô pedindo informação, seu babaca, tô dando. Talvez alguma coisa até diga respeito a você, seu viadinho cria de Yale.

— Não é minha culpa você ter saído a nado daquele buraco na Flórida. Tacoma? Não importa o que você tá vendendo, pode ter certeza que não vou comprar merda nenhuma. Essa conversa tá sendo gravada.

— Sim, isso a gente já tinha deixado bem claro.

— Sem problema, vão servir como provas mais lá na frente.

— Quando eu me entregar?

— Quando a gente te pegar, caralho.

— Vocês, contadores, não conseguem pegar nem resfriado.

— Diz o agente secreto que foi pego tentando colocar um microfone escondido numa embaixada às cinco da manhã.

— Você sabia que você está no *Livro dos horrores*?

— O que é o *Livro dos horrores*?

— Não posso te confirmar se é disso mesmo que eles chamam, se é que chamam de alguma coisa. O maior arrependimento que eu tenho na vida, juro por Deus, é ter publicado meu livro antes dessa merda ter aparecido.

— Não sei do que você tá falando. E um dia nós vamos achar o informante pra quem você vaza todas essas coisas.

— Vocês ainda vão demorar muito?

— Menos do que você pensa. Essa ligação já tá longa pra caralho. Tem certeza de que você pode pagar por ela? Eu tenho que desligar pra fechar tudo aqui, Bill.

— Ah, é, você tem que fazer suas malas e se despedir. Maravilha. Coitado do presidente Ford. Ele tava na merda da Comissão Warren e

não sabia que a gente não tinha contado tudo pra ele.

— Do que é que você tá falando agora?

— O *Livro dos horrores*. Quem foi que deu esse nome? Você deve estar se perguntando.

— Não tô não. Eu juro por Deus, Adler, às vezes nem parece que você tá falando comigo. Parece que nós somos duas garotinhas e você tá falando sobre um dos rapazes só pra que ele possa ouvir. Nem faz tanto tempo assim que você saiu da Companhia e já tá que nem um desses malucos que acham que foram abduzidos por alienígenas só pra que eles enfiassem um consolo no seu rabo. Jesus.

— Talvez não seja exatamente um livro. Talvez seja um arquivo.

— Um arquivo. Na CIA. A CIA tem um arquivo, e confidencial ainda por cima. Como é que você conseguiu esse emprego?

— Não insulte minha inteligência, Diflorio.

— Eu não preciso, caralho.

— Eu tô falando de um arquivo que o Schlesinger compilou pro Kissinger, o mesmo relatório que ele apresentou pro Ford no Natal de 1974.

— Você tá me falando sobre 1974. Bicho, eu odeio ter que te dizer isso, mas nós temos um novo presidente, e nem ele vai conseguir ser presidente por muito tempo se as coisas piorarem. O Irã tá nas notícias em todo o mundo, e o coitado do William Adler só agora veio tentar vender uma merda que todo mundo já tinha cagado em 1974.

— O Kissinger apresentou uma versão que deu uma boa disfarçada nas partes mais suculentas. O arquivo original do Schlesinger ainda tá voando por aí, e eu ouvi dizer que é um negócio peculiar.

— Bom, você já sabe a minha opinião sobre as suas opiniões, Adler. Tá ficando sem material pra escrever, amigão?

— Você é um lixeiro, Diflorio. O único motivo pelo qual você não tá interessado é que você não é importante o suficiente para estar

interessado. O memorando do Schlesinger tem tudo que você espera: cada detalhezinho que o americano médio acha que saiu direto de um romance de espionagem. A análise da última merda do Tom Hayden. Quem o Bill Cosby tá comendo. O uso de LSD para controlar a mente. Assassinatos por toda a parte, Lumumba no Congo, por exemplo, um monte de coisa sobre o seu amigão Mobutu...

— Corrigindo: amigão do Frank.

— Bom, eu vivo confundido você, ele e o Larry Devlin, os rapazes latino-afro-americanos.

— O número de tentativas de assassinar o Castro autorizadas pelo Bobby Kennedy em pessoa.

— Você sabia que estão pressionando o Haviland para ele se aposentar?

— Quem?

— O Haviland. O cara que treinou nós dois. Quer dizer, desculpa, esqueci que você se treinou sozinho.

— Você entendeu que se o público americano, ou até mesmo o Carter, puser as mãos neste livro seria o fim da Companhia? Seu trabalho simplesmente derreteria.

— Juro por Deus que, às vezes, eu não sei se você é um retardado de merda ou se você só finge na tevê. Em que mundo você acha que vive, Adler? Você é o único agente que parece não saber o que tá acontecendo na merda do planeta. Você tá pensando que seus amiguinhos da KGB tão numa missão humanitária, é isso?

— Ex-agente, lembra? E você não sabe o que eu penso.

— Ah, eu sei exatamente o que você pensa. Originalidade nunca foi o seu forte.

— Eu já devia imaginar que você ia cagar pra esse *Livro dos horrores*. Você é o pior de todos. Tudo bem se você aprovasse o que o seu governo

anda fazendo, mas você não tá nem aí. Você só bate o ponto e desconta os cheques.

— Eu adoro que você ache que me entendeu direitinho. Este é um dos seus piores defeitos, Adler, achar que consegue ler as pessoas muito bem, quando você não consegue ler merda nenhuma.

— É mesmo?

— É mesmo. E sabe por quê? Porque com toda essa conversa de *Livro dos horrores*, de revelar pro coitadinho aqui que o governo dele andou se metendo num monte de merda fodida, e fracassando muito na tentativa de chamar a minha atenção, nunca te ocorreu que talvez eu não esteja interessado porque fui eu quem escreveu essa porra?

— Como é? O que foi que você disse? Você tá de sacanagem?

— E eu tô lá interessado em te sacanear? Sim, seu pau no cu, foi esse bibliotecário de merda aqui quem escreveu esse troço. O quê, você tava achando que o secretário de Defesa tinha escrito aquilo sozinho? Sabe, primeiro eu tinha ficado me sentindo menosprezado quando vi que não aparecia no seu livro nenhuma vez. Daí eu percebi que você não tem a mais puta ideia do que eu faço, não é verdade? A mais puta ideia. Porque se você tivesse, você não teria me feito perder seis minutos e meio com isso. E agora que você caiu aí da sua rede e tá no chão, agradeça ao seu Deus comunista que eu não sou o filho da puta que eles mandaram atrás de você. A propósito, a tua cafeteira Sunbeam tá quebrada e a vista do teu apartamento é uma bosta. Diz pro Fidel que você quer vista pro mar.

É claro que o filho da puta bateu o telefone na minha cara. E nunca mais ligou. Suspeito que ele nunca mais vá me ligar novamente.

Que se foda esta mesa. Que se foda este escritório. Que se foda este país. Que se foda este ano também. Tô indo pra casa.

PAPA-LO

Sequestrar o Mick Jagger e faturar dois milhões. Eu e o Tony Pavarotti, a gente tá num carro, subindo e descendo uma estrada que tem mais curva que um rio, e que passa bem do ladinho do mar, agitado pelo vento e pelas ondas. O Josey Wales não veio. O Ford Cortina vai passando bem pertinho do meio-fio. Embica pra esquerda, e depois pra direita, e uma onda bate nas pedras e salpica espuma por todo o para-brisa. É dessa distância que a estrada tá do mar, dessa distância que a gente tá do mar, e mesmo assim o Pavarotti tá dirigindo na maior das tranquilidades.

O Tony Pavarotti e o seu nariz de Pavarotti. Não lembro nem da mãe nem do pai dele, não lembro dele quando ele era criança, nem dele fazendo as coisas que os moleques costumam fazer, nem se metendo nas encrencas que os moleques costumam se meter. É quase como se ele fosse o parceiro do mocinho, aquele camarada foda que aparece do nada no meio do filme e começa a andar e falar como se a gente tivesse esse tempo todo esperando por ele. O Tony Pavarotti simplesmente é quem ele é, e você precisa pensar bem no que você quer antes de ligar pra ele. Ele vai ficar de bobeira o dia inteiro na janela de um edifício velho, ou a noite inteira em cima de uma árvore, ou nas montanhas de lixo do Lixão, ou atrás de uma porta pelo tempo que for necessário pra que ele vire uma sombra e possa eliminar seu inimigo há cem metros de distância. Ele até trabalha pro Josey Wales, mas nem o Josey Wales tem o que é preciso pra que o Tony fique o tempo todo do seu lado, e ultimamente tem muita gente andando o tempo todo do lado do Josey. A gente não tem se falado. Quando eu fico em casa, fico do lado de dentro, e quando eu saio, é pra

fora do país. Eu não vou bater na porta dele. Mas o Tony Pavarotti é um homem que serve a todos os homens e também a nenhum, e hoje, pelo dia inteiro, ele tá trabalhando pra mim, no banco esquerdo, dirigindo por essa estrada fininha, estreita demais pra esse mar tão furioso.

Fiquem sabendo duma coisa: a cadeia é a faculdade do favelado. Barulho de porta batendo e barulho de tranca fechando. A Babilônia veio me pegar dois anos atrás — já faz dois anos isso? Procuro sempre me lembrar de todas as vezes que a Babilônia veio pra cima de mim. No camburão que me levou pra cadeia, um policial cuspiu na minha cara (ele era novinho), e um outro, quando eu disse ô, arrombado, teu cuspe ainda tá fedendo a chiclete, me deu uma coronhada com tanta força na cabeça que só fui acordar na cadeia quando jogaram água em cima de mim. Os dois morreram antes do final de 1978 graças ao homem ao meu lado, que trouxe eles para mim assim que eu saí. Fiquem sabendo bem disso, minha gente boa e decente, a Mama-Lo não ensinou seu filho a andar de cabeça erguida só pra levar cusparada que nem cachorro com sarna. Disso o Papa-Lo aqui nunca se esqueceu. E do mesmo jeito que nunca me esqueci, eu sempre cobreí. A gente levou os dois até os cafundós de Copenhagen City, onde só tem urubu, e a merda dos ricos é despejada no mar, e um deles começou a choramingar que a mulher não trabalhava e que tinha três filhos pra sustentar e eu disse pior pra eles, já que agora o arrombado do pai deles vai morrer.

Mas deixa eu voltar a falar sobre quando me meteram na cadeia. Mesmo que você conseguisse sair de fininho e driblasse o sistema, barra de ferro não dá pra driblar. Ferro é ferro, e ferro é mais forte que um leão. O aço não se dobra. As barras dizem não dá pra tu sair, relaxa e sossega, e se você tava planejando viajar algum dia, é melhor dar um tapinha na sua cabeça e dizer pra ela começar a viagem aí dentro. Deve ser por isso que as pessoas acabam lendo livros que elas jamais leriam de outra maneira, e a escrever eles também. Mas, além disso, as barras dizem ninguém pode

entrar aqui e te impedir de aprender, e o aprendizado é mais ou menos que nem uma aparição que vem te visitar dentro da tua cabeça, e talvez a cadeia sirva pra deixar teu espírito tranquilo pra que você esteja preparado pra ouvir o que ela tem a dizer, porque ninguém, cavalheiros — ninguém mesmo —, consegue aprender coisa nenhuma se não tiver preparado pra escutar.

O carango passou num buraco, mas o Tony Pavarotti nem percebeu. Eu queria não ter me assustado que nem um homem que não sabe dirigir. O Pavarotti é o único homem que eu conheço que dirige de luvas, que cobrem suas palmas mas deixam os dedos à mostra, e são vazadas em cima de cada uma das juntas, do punho e nas costas das mãos. Couro marrom. O sol vai se escondendo antes da gente chegar na baía. Ele não tem culhão pra testemunhar as coisas que os homens fazem às escuras. Agora, a lua, ela é uma companhia melhor, especialmente quando tá cheia e gorda e profunda, como se tivesse acabado de tomar um banho de sangue. Você já viu a lua nascendo alguma vez? Eu queria perguntar pro Tony Pavarotti, mas acho que ele não ia responder. Você não faz esse tipo de pergunta prum cara desses.

Eu puxo dois cigarros do meu bolso e dou um pra ele. Ele o enfia na boca e eu acendo. Estamos indo pela Palisadoes, depois do aeroporto, naquele trecho que leva até Port Royal, onde o James Bond jogou o camarada pra fora da estrada em *007 Contra o Satânico Dr. No*. A gente segue esse caminho até chegar num forte construído antes de gente como eu desembarcar aqui nos navios negreiros. No terremoto de 1907, metade dele afundou na areia, mas se você passa bem rápido de carro parece que o forte tá se erguendo de dentro dela. Você vê os canhões saindo pela areia e fica imaginando como devia ser alto e imponente quando o Nelson andava mancando à sua volta. Aquele Nelson que ensinam a gente no ginásio, junto com o Almirante Rodney, que salvou a Jamaica dos franceses. Quem é que vai salvar a Jamaica agora?

Seguindo por essa estrada você vai sair em Port Royal e no Fort Charles, que todo mundo conhece. O que pouca gente sabe é que esse matagal na beira da praia esconde outros dois fortes, incluindo esse. Estico minha cabeça pela janela e fico olhando a última nesga de sol ficar laranja, depois rosa, depois nada, e escuto o mar rugindo que nem uma fera selvagem, apesar do barulho do motor do carro. Eu e o Tony Pavarotti vamos dirigindo até o forte escondido, por entre o sol que se põe, a lua que nasce e as sombras que desaparecem. A gente faz uma curva fechada à esquerda e se enfia pelo meio duns arbustos cheios de espinho e passa por cima de um baita buracão. Eu me seguro na porta que nem um homem que não sabe dirigir. A gente passa por um morro que parece o cume duma montanha, porque chegando lá no topo ele vira um barranco que desce direto até a praia. A gente desce por uma trilha toda acidentada, vira à esquerda e depois à direita, e eu ponho a mão pra dentro bem na hora que os espinhos dos arbustos arranham a janela — era pra eu estar sangrando agora. E a gente desce e desce e desce. O carro embica mais uma vez pra esquerda, depois pra direita, e depois sai voando — a gente vai capotar agora, não tem jeito, mas como é que esse cu cagado tá tão tranquilo e não diz nada, só fica ali segurando o volante como se fosse um piloto de corrida? O carro começa a derrapar e eu tô quase gritando ei!, mas aí a gente freia. O Tony Pavarotti diminui a velocidade do carro até quase parar quando a gente chega naquela tripinha de praia que leva até a entrada do forte. Sem portão, a gente passa direto. Kingston, agora, é só um lugar que fica do outro lado do oceano.

O carro para. O Tony abre sua janela e escorrega pra fora num só golpe, bem ao seu estilo. Ele vai pela direita, eu pela esquerda, e nós dois chegamos ao mesmo tempo no porta-malas. Ele enfia a chave na fechadura e a tampa se abre num pulo. Se o primeiro pivete pudesse, ele teria gritado por causa daquela penumbra porque, com certeza, aquilo era

o máximo de luz que ele tinha visto nas últimas três horas. Eu tava espumando de raiva quando enfiei eu mesmo os últimos dois no portamalas, porque eu tinha contas pra acertar com eles há muito tempo, quase dois anos, mas agora eu não tô sentindo mais raiva nenhuma, e tudo que eu tenho pra puxar o primeiro pra fora são as minhas duas mãos. Eu puxo o camarada pelo colarinho, e vejo que ele é leve que nem uma pena. As algemas nas suas costas estão grudentas de sangue, e seus punhos estão brancos onde era pra estarem pretos que nem a sua pele. Ele tá cheirando a merda e ferro. O moleque tá se debulhando em lágrima, então o rosto e os olhos dele tão tudo vermelho, e o nariz dele tá cheio de ranho escorrendo. O que o Tony Pavarotti tirou lá de dentro tava na mesma, os dois fedendo e tudo molhado do próprio mijo.

No caminho até aqui eu fiquei me preparando pra perguntar pra eles vocês tão lembrando dessa praia, seus arrombados? Tão lembrando de quando vocês puxaram suas armas pro Cantor porque algum outro chapa deu o cano em vocês e vocês quiseram vir cobrar dele? Vocês não sacaram na mesma hora que ele tinha marcado a fuça de cada um de vocês? Que vocês tavam todos mortos no instante em que apontaram suas armas pra ele? Era melhor vocês terem apontado pra Deus duma vez. Eu tinha mesmo todas essas coisas pra dizer praqueles dois, mas agora, naquele forte onde espanhóis e britânicos e jamaicanos tinham morrido há muitos e muitos anos, o que me lembrava que um dia, em breve, eu também estaria morto, eu não tinha nada pra dizer. E o Tony Pavarotti nunca, jamais, dizia nada.

Mas eles tavam dizendo coisa pra caralho. Mesmo com a mordança eu conseguia entender cada letra e cada palavra e cada frase. Cada piscada dos seus olhos vermelhos e furiosos que expelia uma lágrima. Pelo amor de Deus, Papa, vai, eu não tenho nada com isso, olha só pra mim, eu ainda tô pobre. Pelo amor de Deus, Papa, vai, até o Cantor já me perdoou. Pelo amor de Deus, Papa, vai, eu só sei da corrida de cavalo,

não sei nada sobre a emboscada no meio da noite. Eu tô implorando, Papa, vai, me joga no mar que eu vou nadando que nem uma sereia até Cuba e nunca mais volto pra Jamrock. Mas eu tava cagando. Foi um monte de maluco que emboscou o Cantor no meio da noite. Foi um monte de maluco que puxou arma pra ele na praia porque acharam que ele tava metido numa vigarice que fizeram lá nas corridas de cavalo que ele não tinha nada a ver. Um passarinho me contou que eram todos o mesmo camarada. Um outro passarinho me contou que eram duas entidades diferentes. Mas mesmo sobre isso eu fiquei sem ter o que dizer. Eu tava cagando. Eles tinham aberto um talho entre mim e o Cantor, um corte que ia sarar, mas que ia deixar uma cicatriz. Tem gente que vai ser castigada por ter puxado arma, e gente que vai ser castigada por ter atirado também. O diabo, que tá lá, parado, na porteira do inferno, pode se dar o trabalho de separar quem é quem. Tudo isso eu fico pensando em dizer praqueles dois, mas não digo. Eu sou o Papa-Lo, o maior e mais magnífico Don da favela. Eu podia muito bem ser o Tony Pavarotti, também. Ele já tá arrastando o primeiro pelo meio do mato, em direção à areia negra da praia.

O xis da questão, a parte complicada, era trazer ele de volta, não pra valer, só pra fazer cair a primeira peça do dominó. Trazer ele de volta pra fazer esse show, embora a gente já estivesse falando de coisas maiores que aquilo. Melhores que aquilo. Sei lá, irmãozinho, vários lances, Jamaica, tu tá pronta pra isso? Minha cabeça tá cheia de esperança, mas não tá nada tranquila. Ela tá tão intranquila que a única coisa que me dá um fresco é me lembrar que o desgraçado do Papa-Lo nunca tá tranquilo. Quer dizer, o que faz sentido na Inglaterra não faz muito sentido aqui. Inglaterra é Inglaterra, e Londres é Londres, e quando você tá numa cidade grande daquele jeito tu começa a pensar mais alto, a falar mais grosso, e começa a fazer grandes planos, e aí quando tu volta pra Jamaica tu fica se perguntando se não deixou as coisas subirem DEMAIS à tua cabeça.

Tem muita gente que tá ali, atolada na merda, e mesmo assim acaba escolhendo o ruim, que já conhece, em vez do bom com o qual pode apenas sonhar, porque, afinal de contas, quem é que sonha, além dos malucos e dos otários? Às vezes a guerra acaba porque você esquece por que tava brigando, às vezes você fica cansado de brigar, às vezes as pessoas que morreram voltam nos seus sonhos e você não consegue lembrar o nome delas, e às vezes você acaba se dando conta de que aqueles com quem você supostamente deveria estar brigando nem eram seus inimigos, pra começar. Olha pro Shotta Sherrif.

A praia é uma faixa de areia que se estende até o mar. Ali ela se transforma num monte de pedra que fica rolando e sendo arrastada pelo mar e cacarejando que nem o fantasma de uma mulher quando as ondas vêm por cima. *Quéquéquéquéquéqué.* O Tony Pavarotti arrastou o pivete até o lugar em que o mar toca na areia e chutou ele atrás dos joelhos pra que ele caísse como se fosse fazer uma oração. Que é o que ele faz. Veloz e enlouquecido, como se ele nem tivesse terminado de dizer uma palavra e já fosse correndo dizer outra. *Quéquéquéquéquéqué.* O pivete tá vestindo uma cueca branca que tá amarela na frente e marrom atrás. O Tony Pavarotti, uma camisa militar azul marinha, com dragonas e muitos bolsos, e calças de gabardine dobradas acima dos coturnos, um pouco pra cima demais da panturrilha. Ele segura a cabeça do moleque bem devagar, com as duas mãos, e ele é quase delicado, quase como se tivesse tomando cuidado. O pivete confunde a delicadeza do toque com misericórdia. Ele começa a chorar de novo, e a cabeça dele balança demais. Tony segura a cabeça dele mais uma vez. *Quéquéquéquéquéqué — pá.*

O moleque que eu tô segurando grita na mordança, mas ele também amolece o corpo e eu tenho que arrastá-lo até a praia. A água ainda não pegou nas suas calças, então eu sei que esse molhado é porque ele se mijou de novo. Tony deixou o carro ligado e eu podia jurar que tava ouvindo o rádio, mas provavelmente eram só as pedras.

Quéquéquéquéquéqué. Eu vou puxando o moleque e coloco ele bem do lado do outro corpo, e empurro ele pra baixo pra ele cair de joelho. Deixei ele ficar com seu calção verde. Eu faço ele ficar parado, mas ele se mexe bem quando eu puxo o gatilho. Pá. Pá bem na lateral da frente, saiu arrancando um olho. Ele se contorceu e caiu. O Tony Pavarotti apontou pro mar, e eu disse não, deixa eles aí.

A cadeia te faz lembrar que o que torna dois homens irmãos não é o sangue, mas o sofrimento. E quando dois homens sofrem juntos, feito irmãos, a sabedoria também chega pros dois ao mesmo tempo. Porque eu tive uma ideia diferente ao mesmo tempo que o Shotta Sherrif, e quando a gente parou e se deu conta de que tinha tido a mesma ideia, a gente levou aquela ideia pra Inglaterra e se deu conta de que o Cantor tinha tido aquela mesma ideia também. Na verdade, ele era o mais sábio de todos nós, porque já governava sua própria casa sob aquela ideia há muito tempo, um lugar onde inimigos podiam se encontrar que nem amigos, mesmo que estivessem se atracando que nem animais selvagens fora dali. Tem gente que acha que nosso objetivo era fazer aquele show, ou fazer um branquelo do PNP apertar a mão dum branquelo do PTJ, como se desse pra curar câncer com uma vacina. Até eu sabia que aquele show não significava coisa nenhuma, e isso que fui eu mesmo, em pessoa, quem fez o Seaga subir no palco.

O Shotta Sherrif tava no palco, mas depois ele desceu e começou a seguir o Mick Jagger, que ficava andando pra cima e pra baixo e trocando ideia com todo mundo e curtindo o som como se ele não soubesse que aquele lugar tava coalhado de maus elementos. O tempo todo sorrindo com aqueles dentes dele. *Vamo sequestrar o Mick Jagger e pedir dois milhões de dólares de resgate*, disse o Shotta Sherrif, de brincadeira, mas depois ele ficou olhando pro Mick Jagger sumindo e reaparecendo no meio da multidão e eu sabia que ele tava começando a levar aquilo a sério. O branquelo tinha baixado a guarda e tava rindo que nem um filho de

político, falando sobre a passagem da banda por Mai-ã-mi. O Shotta tentou consertar o que tinha dito com um hahaha, mas o Cantor tinha ouvido e fuzilou ele com um olhar que faria o Moisés de *Dez Mandamentos* ter inveja. De todo modo, deixa eles pensarem que ele só voltou pra cantar suas canções de amor porque tinha gravado um disco bonito. Deixa ele dormir enquanto a gente trabalha que nem o Nicodemos. Porque quando eu e o Shotta Sherrif terminamos de planejar o show, a gente não parou de se falar, e seguimos falando até agora. O sol tá se pondo.

O Tony Pavarotti tava dirigindo o carango quando começou a tocar uma música no rádio. *Do it light, do it through the night, shadow dancing*. Eu conheço essa música. Minha mulher adora, diz que é um camarada chamado Gibb quem canta. Eu pergunto a ela como é que ela sabe e ela dispara, *Tu acha que tua mulher é ignorante?* Eu racho o bico, porque tinha dançado com sombras a tarde e a noite inteira, bem como diz na canção. Mesmo em plena luz do dia a gente procurava a escuridão. Levou quatro dias pra pegar todos os caras envolvidos no golpe das corridas que tinham puxado arma pro Cantor. Uma noite pra meter eles numa cela que, até pouco tempo atrás, eu, o *Don* de todos os *Dons*, era o único homem em Copenhagen City que não sabia que existia. O Josey Wales ainda tem que me explicar essa direito.

De manhã cedinho nós pegamos os dois primeiros, mas só porque foram os que pularam na frente e os que tavam fazendo mais barulho. O primeiro deles veio nos contar sobre o fantasma de um homem pelado envolto numa cortina de chamas azuis e com dentes compridos de tubarão que tinha se alimentado da carne deles a noite toda e tapado suas bocas pra que não pudessem gritar. O fantasma tinha dado tapa no rosto e soco na cara deles uma, duas, três, quatro vezes, que nem uma britadeira. Os dois tavam mesmo com os olhos bem inchados e molhados. O primeiro camarada ficou apontando pro peito dele dizendo que o fantasma tinha

comido o coração dele, embora seu peito não tivesse marca nenhuma. O segundo não parava de choramingar sobre a cobra que tinha comido a cabeça dele por dentro até sair pelo seu olho esquerdo, olha o buraco aqui, ele dizia, apontando pro olho. Os dois vieram com o mesmo papo furado sobre o diabo ter cuspidado na cara deles quando eles acordaram. Eles não paravam de falar, então a gente teve que encher a boca deles de pano antes de jogar eles dentro do porta-malas. Quando a gente arrastou eles até o carro, eles nem resistiram. A gente levou os caras até uma parte da praia de Hellshire que agora tá fechada com uma placa de Acesso Proibido. Eles vão andando por vontade própria, o que me incomoda. Eu não gosto de ver gente assim tão disposta pro que vai acontecer em seguida, então eu empurro o cara da cobra na cabeça e ele tropeça. Mas mesmo assim ele não diz coisa nenhuma, simplesmente levanta e segue andando.

O Tony Pavarotti coloca a mão no ombro do primeiro, pra empurrar ele pra baixo, mas os dois se ajoelham bem rápido e fecham os olhos, sussurrando o que parecem ser orações. Quando o camarada da cobra na cabeça abre os olhos, eles estão úmidos, e ele balança a cabeça como se estivesse dizendo vamos lá, acaba logo com isso, eu não aguento mais. O Tony Pavarotti caminha até as suas costas e atira nos dois bem rápido. Até o mais casca-grossa dos bandidos chora que nem um bebê implorando por sua vida, mas aqueles dois moleques ficaram quietinhos. Fiquei me perguntando que tipo de vida eles tinham vivido, pra estar tão prontos assim pra morrer. Fantasma vestido com fogo azul é o caralho, eu quero só ver quem é que vai vir me acordar no meio da noite.

Quando a noite caiu, fomos buscar os outros dois. Minha hora tá chegando, o tempo tá passando cada vez mais rápido e eu sei que eu tô ficando pra trás, mas é foda. Nem fodendo o Josey vai deixar isso acontecer com ele. Ele vai correr mais rápido que o próprio tempo e vai dizer olha só, seu arrombado, eu te venci, te dei uma surra que nem tu

deu em mim em 1966. Essa merda toda ele vai deixar pra mim, porque ele segue cagando pro Cantor. O Josey tem se encontrado com o cubano, que tá de volta, muito embora aquelas bombas todas e toda aquela dinamite dele não tenham feito o PTJ vencer em 1976.

Muitos mais terão que sofrer. Muitos mais terão que morrer. Quando a Babilônia veio me pegar pra me tirar do caminho dos caras que queriam atirar no Cantor sem que eu pudesse impedir, ela também pegou o Shotta Sherrif. Gente dos dois lados começou a pensar que nós, os *Dons* de todos os *Dons*, já não servíamos mais pra porra nenhuma. Coloca um cachorro e um gato junto e já traz o balde pro sangue. Eles acharam que se pegassem nós dois, um cara de Copenhagen City e outro de Eight Lanes, nos trancassem na mesma cela e jogassem fora a chave, a gente ia ser obrigado a se matar. Agora, teve mesmo uma coisa que morreu na cadeia, teve uma coisa que morreu de verdade.

No primeiro dia um ficou só evitando o outro, que nem um leão e um tigre que estivessem juntos na mesma selva. Eu fiquei numa cela na ala leste, onde encontrei homens leais e dispostos, já que sempre tem uma boa quantidade de gente da favela morando na cadeia. O Shotta Sherrif ficou na ala oeste, com os camaradas leais a ele. A gente sempre sabia onde o outro tinha andado e o que o outro tinha feito, e nenhum dos dois dormia sem deixar pelo menos um par de olhos vigiando. Não demorou muito pros presos começarem a bolar seus planos. Um dos meus homens, agindo por conta própria, passou a faca num dos homens do Shotta. O Shotta Sherrif mandou uma mensagem dizendo que ia atacar um dos meus em retaliação. Respondi que nunca tinha atacado ele, então por que é que ele ia me atacar? Ele mandou outra mensagem dizendo que um dos meus homens tinha usado uma faca de mesa pra fazer um corte em forma de telefone na cara do outro quando eles tavam no pátio, fazendo exercícios. Respondi pro Shotta Sherrif que ele devia me dizer o nome desse cara.

Treetop. Era esse o nome que tava na mensagem que voltou. Na próxima vez que estamos todos no pátio eu vou andando até o Treetop e digo juventude, faz tempo que tô de olho em você, querendo te dar uma promoção, deixa eu ver a tua faca.

— Com certeza, Papa — ele diz.

— Tu vai ter que me mostrar do que tu é capaz furando um daqueles arrombados do PNP — eu digo, segurando a faca dele e testando pra ver se é afiada.

— Papa — ele diz — enquanto tu tá indo eu já tô voltando. Já furei um de lá na terça-feira. Tu qué que eu dê um jeito no Shotta Sherrif também?

— Tá cheio de vontade, né? Não, juventude, não é pra tu fazer isso, mas presta atenção — eu digo, e enterro a faca bem no meio do pescoço dele, e depois vou subindo pela garganta. Daí eu dou mais três facadas no pescoço dele enquanto meus homens fazem uma barreira. Depois vai cada um prum lado, deixando o arrombadinho espirrando sangue no chão e se contorcendo todo, que nem uma galinha sem cabeça.

O Shotta Sherrif mandou uma mensagem mais tarde, dizendo que tinha chegado a hora da gente conversar. Quando o gato e o cachorro se matam entre si, só quem ganha é a Babilônia. Eu apresento esse argumento, e vou desenrolando. A Babilônia é um país, é um sistema de merda, é o opressor, e tá infiltrada na polícia. A Babilônia ficou cansada de esperar, então pôs o chefe dos cachorros e o chefe dos gatos numa jaula pra que eles se matassem rapidinho, só que uma vibração diferente saiu daquela jaula. Uma vibração positiva.

Depois daquilo, eu e o Shotta Sherrif começamos a jogar dominó o tempo todo enquanto a Babilônia ficava só observando, mas os únicos olhos que ela tinha eram os da polícia. Eu ouvi os argumentos dele, ele ouviu os meus e, juntos, criamos um argumento novo. Eu saí primeiro da cadeia e, em janeiro, eles soltaram o Shotta Sherrif. A primeira coisa que ele fez foi se encontrar comigo. Naquela noite, 9 de janeiro de 1978, as

peessoas que tavam do meu lado e as pessoas que tavam do lado dele baixaram suas armas, acenderam velas e cantaram *we ain't gonna study war no more*. Naquela mesma noite, o Jacob Miller lançou uma nova canção, um petardo Rasta, um tremendo sucesso chamado “Peace Treaty Special”, que chegaria rapidamente até o topo das paradas. Vibração positiva. Mas aprendam o seguinte, gente boa e decente, não tem coisa que não se resolva ou com uma injeção ou com uma arma. Porque algumas coisas você cura, e em outras você atira.

Agora, vejam só quais foram os últimos movimentos da Babilônia. Dia 5 de janeiro, quatro dias antes da gente acender velas e cantar. Eu tô me sentindo bem porque o ano mal começou, e ainda era muito cedo para sentir o peso dele sobre os ombros. Mas quando o novo ano chegou, ele encontrou a Wang Gang sem armas. São uns folgados do caralho, esses caras da Wang Gang. Foi uma invenção do Peter Nasser que ele não conseguiu mais controlar depois que se expandiu para fora de Copenhagen City. Sim, eles ainda estavam por aí, e ainda se recusavam a receber ordens de gente como eu ou o Josey. Mas, no final de 1977, a Wang Gang já não tinha mais arma nenhuma, porque até o Peter Nasser se deu conta de que não devia botar arma na mão de homens que ele não podia controlar. Daí alguém falou pra eles que se eles prometessem que usariam as armas para moer uns moleques do PNP em duas das oito ruas de Eight Lanes para enfraquecer o centro, a Wang Gang podia ficar com um carregamento de armas que apareceria como num passe de mágica na velha baía de St. Catherine.

Esse alguém simplesmente abandonaria um carango com o porta-malas cheio de armas, e tudo o que eles tinham que fazer pra ficar com elas era ir lá pegar, e depois usar pra tocar o terror num território do PNP. Como de costume, a Wang Gang não foi pedir conselho pra ninguém. Eles começaram a pensar grande, já que esse alguém que passou a informação tinha contatos nas Forças Armadas. Chegaram a prometer empregos de

verdade pra eles no atracadouro, a maioria na parte de segurança, onde eles poderiam dar um uso pras suas armas. Não existe carona de graça na Jamaica, mas a gangue fechou o acordo e, na manhã seguinte, bem cedinho, duas ambulâncias do Exército foram até a área da Wang Gang buscar quatorze pivetes.

As duas ambulâncias levaram eles pro leste de West Kingston, bem depois de Port Henderson, do outro lado da ponte, passando as quatro praias de Portmore e subindo o morro do penhasco. Quando eles chegaram em Green Bay, o motorista disse pra eles saírem da ambulância e esperarem ali mesmo. Um outro caminhão tava vindo com as armas — nenhum deles se lembrou de que o Exército tinha dito que as armas estariam num carro, não num caminhão. Os moleques viram e esperaram. Um soldado se aproximou e começou a falar com o líder dos moleques. Ele e o soldado entraram no mato, quando os outros moleques escutaram apenas um tiro, como se tivesse sido dada a largada numa corrida. Dali em diante, foi um furdunço.

O camarada do Exército jamaicano já veio abrindo fogo de longe. O soldado correu pra cima dos moleques e começou a disparar a metralhadora, enquanto um outro grandalhão que tava escondido no mato apareceu e começou a fazer também seu ratatatatatá que nem se ele tivesse numa guerra. Um moleque que conseguiu fugir correndo e acabou topando num outro soldado teve a cabeça estourada e caiu no chão, enquanto um outro se enfiou pelo meio dos espinheiros que rasgaram toda a sua pele até ele chegar no mar. Cinco morreram baleados, vários outros ficaram feridos e um ou outro conseguiu pular no mar, e foi salvo por pescadores. O resto se dispersou. Um soldado apareceu na tevê e disse que os moleques tinham invadido a área de prática de tiro bem no meio de um treinamento, no final da tarde. Pras câmeras de tevê e pros microfones do rádio, o ministro disse, “Não morreu nenhum santo em Green Bay”. Três dias depois do show, a gente organizou um protesto pra

reclamar que as pessoas que vivem na favela ainda cagam e comem no mesmo lugar, e a polícia da Babilônia veio descendo o cacete e matou três pessoas, incluindo uma mulher. O mesmo ministro, mais uma vez:

— Se este ano alguém matar um policial, os responsáveis por isso serão caçados como cães.

Muitos mais terão que sofrer. Muitos mais terão que morrer. Na minha primeira semana na cadeia, a Babilônia me cobria de porrada o tempo todo. Eles não tavam atrás de nenhuma informação, não queriam me transformar em cagoete. Eles só tavam se revezando pra me mostrar quem é que mandava ali. Desde que um deles veio sozinho e eu dei um chute que fez as bolas dele irem parar na cabeça, os policiais nunca mais vieram pra cima de mim um de cada vez. Dali em diante, eles começaram a vir de dois em dois, três em três, uma vez vieram até em quatro. Parecia que eles tinham apostado pra ver quem me fazia gritar primeiro. Eu marquei o nome dos três primeiros, Watson, Grant e Nevis, que vieram de mansinho, no meio da madrugada. Quando eu ouvi o barulho do portão, eles já tavam me batendo com o cassetete. Essa é pelo Roderick, um disse. E pela viúva dele. Só não esqueçam que se vocês me matarem, alguém vai dar um jeito em vocês, eu disse, e cuspi um dente lá do fundo. Provavelmente já tava podre de cárie mesmo. Depois daquilo, recebi visitas de outros policiais quase toda noite durante uma semana, sempre com um dos três primeiros se comportando como o guia de uma excursão.

Noite passada vieram quatro, e dois ficaram me segurando de cara pro chão, que fedia ao meu próprio mijo. Eles dobraram uma toalha com um sabonete dentro dela, e ficaram se revezando me batendo nas costas e cantando um, dois, três indiozinhos. Eu tava ficando de saco cheio daquilo, então eu disse pro Grant e pro Nevis pararem com aquela merda antes que eu ficasse puto de verdade. Eles ficaram loucos que eu sabia o nome deles, mas isso só fez com que eles piorassem ainda mais a coisa pro

meu lado. Dois dias depois, os dois pediram pra tirar uns dias de folga. A mulher do Grant talvez nunca mais vá enxergar com o olho esquerdo, e o filho do Nevis quebrou um braço e uma perna. O Nevis veio na minha cela me dizer que ele ia pessoalmente me matar. Eu disse pra ele que eu sentia muito pelo filho dele, mas que agora a gente tinha que tomar muito cuidado pra que o hímen da filha de treze anos que ele tinha não acabasse sendo arreventado pelo chapa errado. É sempre muito engraçado quando um negro fica branco. Quando eles finalmente me deixam voltar pra área em que meus homens tavam esperando por mim, todo mundo tava com cara de funeral e cochichando à minha volta. Primeiro eu pensei que eles tinham ficado sabendo do filho do Nevis e tavam achando que eu tinha ido longe demais, ou quem sabe estivessem só demonstrando respeito. Mas aí eu peguei um jornal da mão de um deles e bem ali, na primeira página, tava o Cantor.

Noite. Eu e o Pavarotti estamos atrasados. Não tenho relógio, mas eu sei contar o tempo que passa. Sei fazer isso desde moleque. Além disso, meu avô tinha me ensinado a contar o tempo que nem um homem de Colón. Peraí, ele não era meu avô, ninguém na favela tem avô. Ele era só um velho que tinha dado o azar de ser o único a chegar naquela idade, que cantava a música do homem de Colón. *Um dois três quatro, o homem de Colón tá voltando. Um dois três quatro, o homem de Colón tá voltando. Um dois três quatro, o homem de Colón tá voltando, batendo a pulseira do relógio na barriga, bam bam bam. Pergunta pra ele que horas são, ele vai olhar pro sol, batendo a pulseira do relógio na barriga, bam bam bam.*

O Pavarotti me deu uma olhada à queima-roupa — eu não tinha me dado conta de que tava cantando em voz alta. Mas enfim, era de noite, sete e meia, mais ou menos, mas a gente tava perto do mar, então não tinha nada tapando o sol enquanto ele ia fugindo. O Tony Pavarotti tava dirigindo muito devagar, e eu não dizia pra ele ir mais rápido e a disco music ia preenchendo o espaço e nos livrando da obrigação de conversar.

Eu costumava achar que a disco music tinha um lance muito de arrombado, mas daí parei pra ouvir as letras. A gente ia mesmo dançar com as sombras. A gente ia dançar com as sombras assim que a luz fosse embora. O que é feito no escuro não pode jamais voltar à luz.

A gente ia dirigindo tranquilamente ao lado do mar e eu ia pensando sobre como a ideia do segundo show surgiu na Inglaterra. Porque, em 1977, tava tudo em pé de guerra. O que o show pedia era uma unificação do amor, então a gente cobrou dois dólares pela “seção da amizade”, cinco dólares pela “seção do amor” e oito pela “seção da paz”, assim, se você fosse um branquelo ou uma branquela de pele queimada e quisesse vir, você poderia vir tranquilamente, embora muito provavelmente isso não fosse acontecer de jeito nenhum. Homens brancos de pele queimada não querem a paz, eles querem que a Jamaica se torne o estado número cinquenta e um dos Estados Unidos, eles se dariam por satisfeitos até se ela virasse apenas uma colônia.

Fizemos aquele show porque não importa se você é verde ou laranja, tem lugares que ainda não têm banheiro, e os nossos filhos tão sobrevivendo a paulada, pedrada e tiro pra morrer por causa de um copo d’água. Fizemos o show porque a cada três pessoas, uma nunca conseguiu trabalho, e isso não é só na favela. Fizemos o show porque a Babilônia tava vindo pra cima de todos nós. O Cantor tava de volta, mas tinha coisas nele que tinham mudado. Antes ele já saía te abraçando sem nem te conhecer direito, agora ele fica um ou dois segundos parado, depois acena com a cabeça ou apoia a mão no queixo e abre um sorriso. Antes ele terminava uma frase que tu tinha começado, agora ele espera que tu termine e fica te olhando bem no fundo dos olhos, sem dizer nada. Podem ter certeza de que eu não tive nada a ver com o que aconteceu em dezembro de 1976, mas eu sei que agora ele dorme com um dos olhos abertos, e às vezes esse olho tá olhando pra mim. Eu e o Tony Pavarotti

deixamos o mar pra trás, e agora tamo indo na direção de McGregor Gully.

O show. Acabei não vendo o show pela paz em 1976. Mas vi muito bem a guerra que rolou logo depois dele. Então, no dia 22 de abril, eu tava nesse show. Eu tava em cima do palco. Eu vi quando o Seaga e o Manley deram as mãos por cima da cabeça do Cantor. As pessoas tão sempre procurando por sinais e por milagres, mas os sinais não sinalizam coisa nenhuma e não tem nada de milagroso num milagre. Um cara que eu nunca vou esquecer é o Tosh. No começo, eu achei que aquele chapa ia foder com o nosso show. Eu ficava achando que ele gostava de me torrar o saco até que eu finalmente entendi qual era a dele. Mas mesmo quando eu entendi qual era a dele e achei que a gente tava numa boa, mesmo assim eu achava ele meio descaralhado das ideias, talvez porque dos três, ele era quem mais se fodia com a Babilônia, principalmente com a polícia. Menos de um mês antes do Cantor voltar, um fiscal da alfândega parou o Tosh no aeroporto, deu um chá de cadeira nele e sussurrou no ouvido dele *Tô louco pra achar um motivo pra te meter uma bala*. Eu nem curtia muito ficar por perto dele porque esse tipo de camarada só atrai coisa negativa. Foi o Cantor quem quis ele por perto, e quem convenceu ele a vir. Não me meto em assunto de família. Já faz quase um mês e eu ainda me lembro do Tosh. Foi ele quem fez com que ninguém jamais se esquecesse daquilo. Pouco antes do show ele disse que *não ia tocar porra nenhuma, porque todo mundo que se metesse naquele show ia acabar morrendo*. Daí o cara sobe no palco naquele calor que fazia, apesar de já ser de noite, vestido de preto dos pés à cabeça, como se ele fosse um oficial, como se fosse um agente da CIA trabalhando pros Rastafáris. A primeira coisa que ele diz é *praqueles cu cagados tirarem aquela merda daquela câmara da cara dele. É o som e o poder das palavras que destrói as barreiras da opressão e acaba com a violência e faz com que a igualdade impere. Agora, o que nós temos é um sistema que é um sistema de merda, e*

que governa esse país há muito e muito tempo. Quatrocentos anos desse mesmo papo de sinhozinho de que o preto é inferior, e que o pardo é superior, e que o branco é superior, e eles mandam nesse país de preto há muito e muito tempo. Mas eu cheguei fazendo o chão tremer e trazendo raios e trovões pra destruir as barreiras da opressão, acabar com a violência e fazer com que a igualdade impere entre o povo negro humilde.

Fiquei paralisado, que nem um molequinho que vê pela primeira vez um cadáver dum malaco. Mesmo com toda aquela vibração Rastafári pulsando na minha mente, eu nunca tinha pensado nos pretos, nem mesmo quando eu passava de carro pelas fazendas de escravo que ainda tavam de pé. A última coisa que ele disse foi:

Se vocês quiserem ir pro céu, o problema é de vocês. Eu vou ficar aqui por um bilhão de anos.

O Mick Jagger se rebolava todo, que nem uma cabra bêbada, olhando de longe, como um pai orgulhoso. Eu e o Tony Pavarotti vamos dirigindo pela estrada. Faz quanto tempo que eu perdi a noção do tempo? Tô me sentindo que nem quando eu durmo e acordo dentro dum avião que ainda tá voando. O Tony Pavarotti não diz nada.

— A gente já pegou a saída pra McGregor Gully?

Ele faz que sim com a cabeça, bem que nem eu lembrava. Talvez eu só estivesse cansado. Consertar as coisas é trabalho duro. Mais duro que o crime. McGregor Gully sempre tem cheiro de merda e de vazamento de produto químico. Tem gente vivendo aqui, mas eu mandei um recado faz dois dias dizendo que era melhor que as pessoas não dessem as caras quando eu viesse. Mas elas podiam voltar quando eu fosse embora.

A polícia não ia conseguir encontrar nenhum daqueles moleques, mas eu ia. Por dois anos eu fiquei vendo e esperando. Fiquei vendo os arrombados tudo se escondendo enquanto eu esperava que o Cantor voltasse pra dar um jeito neles. Um dos camaradas tava escondido em Jungle, e era a mãe quem escondia ele. Puta que pariu esse papo de amor

materno. Tá cheio de camarada que mata mulher comemorando o Dia das Mães por aí. Daí a mamãezinha escondeu o filhinho por mais de um ano dentro de um armário, até que ela mesma já estivesse de saco cheio daquilo. O Besta Selvagem ficou mais de um ano todo encolhido dentro dum armário junto com pão e barata e queijo e rato. Só saía à noite, como se fosse o Conde Drácula. Aquele arrombado viajou muito. Se tu quer se esconder bem debaixo do nosso nariz, tudo bem, mas não me vá ser otário de mandar a tua mãe comprar cocaína. Foi o Josey quem me deu a dica.

Sete e quarenta e cinco da manhã. A Babilônia ainda tá dormindo, como ela sempre dorme quando o assunto é justiça. Mandeí um recado dizendo que tinha chegado a hora de dar um jeito naquele arrombado. Otário do caralho. Mandeí dois chapas tirarem ele de dentro do armário e trazerem ele e a mãe dele também. Ouvi ela gritando que não tinha ninguém ali, apesar de ninguém ter perguntado nada pra ela. Deus meu, mulher é muito otária. Quando levaram o moleque e a mãe dele até o meu portão, ele tava todo se piscando porque tava muito sol, e a pele dele tava branca dos pés à cabeça. Eu não queria que nenhum dos dois maculasse o meu lar com suas presenças, então saí na rua. A mãe tava choramingando não mata meu filho, não mata meu filho. Eu também não tinha nada pra dizer pra nenhum dos dois. Mas eu queria que aquele pivete soubesse quanto ia custar o que ele tinha feito, e como ele ia pagar. Aquele ano dentro do armário tinha feito ele parar de crescer. Ele tava que era só pele e osso, e olhava pra mim meio de lado, que nem um lagarto, e depois olhava de volta pro chão. E isso que esse era o pivete que os caras chamavam de Besta Selvagem. Fiquei olhando pra ele naquela regata de redinha e naquela bermuda jeans, cortada muito em cima, e pra casca de ferida no seu ombro direito. O Besta Selvagem me olhou de novo, e eu fiquei olhando bem pra ele, prestando bastante atenção, e daí eu fechei o punho bem depressa e meti um soco bem no meio da fuça da mãe dele.

Ela cambaleia pra trás e ele grita. Seguro ela pela frente do vestido antes que ela fosse muito pra trás e dou mais um, dois, três socos bem no meio da cara dela. Os lábios dela ficaram inchados que nem um tomate, os joelhos se dobraram, e eu deixei ela despencar na rua. Juntei meus dedos e dei um tapão no lado direito do rosto, depois no esquerdo, depois no direito de novo, depois no esquerdo. O Besta Selvagem começou a berrar pela mãe dele, eu aponteí um dedo e um dos meus deu uma coronhada com a arma nas bolas dele. As pessoas começaram a parar pra assistir. Deixa elas assistirem. Deixa elas lembrarem como é que o Papa-Lo disciplina. Cobri ela de tapa de novo, esquerda, direita, esquerda. Uma mulher gritou vai, Papa, para de bater nela, por misericórdia, e eu larguei a vagabunda e fui até o meu parceiro e peguei a arma dele. Fui andando até a mulher, encostei a arma na cabeça dela e disse tu quer misericórdia? Deixa eu te mostrar a porra da misericórdia. Eu dou misericórdia pra ela se tu se oferecer pra ser castigada no lugar dela. A mulher se afastou.

Volto até a mulher e chuto ela duas vezes. Daí eu pego ela pela mão esquerda e vou arrastando de lado até o pátio da casa dela, e geral vem junto. O moleque berra pela mãe. Ela não tá se mexendo, então eu digo pruma mulher trazer a porra dum balde de água. Ela sai correndo e volta com o balde rapidinho. Eu despejo o balde na mulher e ela sacode a cabeça e tosse e grita. Eu pego ela pelos cabelos e levanto sua cabeça para que ela possa olhar pra minha cara.

— Tu tem meia hora pra sumir daqui, sacou? E eu nunca mais quero te ver e nem ouvir falar de você, sacou? Se eu te vejo, eu te mato, mato teu irmão, tua mãe e teu pai e todos teus filhos, morou? Trinta minutos pra tirar esse teu cu cagado do meu território, senão vou apagar teu filho e te fazer assistir, porra.

Daí eu me virei pras pessoas.

— Escuta aqui: não é pra ninguém ajudar ela, não é pra ninguém nem falar com essa vadia, se não quiser se mandar daqui rapidinho.

Joguei aquele pivete de merda na cela junto com os outros camaradas que tinham atirado no Cantor. Um deles já tinha enlouquecido, e ficava falando sozinho e cagando nas calças, enquanto repetia que o rádio dentro da cabeça dele não tava acreditando que ele tinha morrido. Ele falava dia e noite, e de manhã ele contava sobre o fantasma de um homem pelado envolto em chamas azuis e com dentes compridos de tubarão que tinha se alimentado da carne dele a noite toda e tapado sua boca pra que ele não pudesse gritar. E depois que o fantasma tava satisfeito, ele abria a boca e cobria o rosto dele com uma cusparada tão grossa que parecia gelatina. Eu disse ô, arrombado, tu sabe por que é que tu vai morrer mais cedo? E ele só disse Jah vive, Jah vive, Jah vive.

Três da tarde eu falei pro pessoal que tava cercando a casa da mãe pra tirar tudo lá de dentro e tacar fogo no meio da rua. O Besta Selvagem dentro da cela suplicando e implorando e berrando e chorando e dizendo que ele tinha sido recrutado pelo Josey Wales, e que o branco que tinha treinado eles era da CIA. Um homem da CIA que usava calças marrons e óculos escuros mesmo quando era de noite levou eles até a mata fechada lá em St. Mary, *devia ser St. Mary, porque a gente ia pro oeste e subia os morros, e foi lá que ele mostrou pra gente como carregar e engatilhar uma M16 e uma M9. Aponte o cano do fuzil numa direção segura. Puxe o ferrolho e destrave a alça de manejo, não, puxe a alça de manejo e destrave o ferrolho. Empurre a alça de manejo pra frente. Coloque o seletor de SEGURANÇA em fogo, não, coloque o seletor de fogo em SEGURANÇA. Dê uma olhada na câmara para se assegurar de que ela tá vazia. Insira o carregador, empurrando pra cima até que ele encaixe no corpo da arma. Empurre para cima a chave na parte de baixo do carregador pra se assegurar de que encaixou. Empurre o retém do ferrolho pra baixo pra liberar o ferrolho. Acione o assistente pra se assegurar de que o ferrolho está no lugar e travado. O cara que falava que nem o Ligeirinho nos ensinou como usar o C-4, saca? Tem que moldar que nem massa de vidraceiro, né? Aí depois tu*

enfia uns fios na massa e naquele bagulho mecânico, o detonador, e daí o fio precisa ser comprido pra fazer o troço explodir e aí tu aperta e bum, hombre. E como eles tavam me dando cocaína e heroína, eu tava sempre louco pra matar gente e foder mulher, homem e até cachorro, mas quando era heroína o pau não ficava duro, não importava quanto você quisesse comer uma mina. Às vezes eles nos trancavam num quartinho apertado pra passar a noite inteira na fissura porque esses jamaicanos de merda não têm foco, não têm espírito, não se dedicam, não são que nem os bolivianos nem os merdas dos paraguaios que tinham aprendido muito mais em duas semanas do que vocês, seus imbecis do caralho, iam aprender em dois anos. E o jamaicano que veio voando lá de Wilmington na terceira semana, com duas maletas camufladas do Exército, tocou no ombro do branco e disse calma, parcêro, relaxa, meu irmão, a gente tá fazendo a revolução, enquanto ia andando com o Josey e o Ligeirinho, que só falava inglês quando queria que a gente soubesse que ele ainda tava puto com o que tinha acontecido com os Porcos da Baía. O Josey conversava com ele em espanhol. Sim, ele sabia falar espanhol, é verdade, eu ouvi ele falando. Ele não tava contando vantagem, geral ouviu ele falando. Já fazia um mês que a gente tava treinando dia e noite vestindo uniforme de soldado e uma noite o Josey entrou no quartinho e simplesmente deu um tiro na cabeça dum moleque porque ele disse que não ia fazer aquilo. O Josey vai embora com o Ligeirinho e os dois ficam de papo um tempão. Depois de todo aquele papo que eles trocaram a gente saiu no meio da noite pra pegar um carregamento no porto, que tava cheio de arma mesmo, inclusive essa que eu tô vendo aí na tua mão, Papa. Tu também tem arma daquele carregamento. E o branco ficava dizendo se vocês quiserem salvar a Jamaica do caos, vocês vão ter que fazer o trabalho de Deus. Salvar a ordem do caos. Salvar a ordem do caos.

Salvar a ordem do caos.

Salvar a ordem do caos.

Salvar a ordem do caos.

Salvar a ordem do caos.

Salvar a ordem do caos.

O Tony Pavarotti dá uma coronhada nele.

A primeira vez que eles me deram cocaína eles me transformaram no homem que eu sempre quis ser, Jah sabe, eu arregaçaria o meu rabo e deixaria um branco comer meu cu por mais uma carreirinha. Jah sabe. Diz isso pro júri, eu disse, dando uma cortada, pra ele parar com aquela porra daquele papo de arrombado, sem esquecer que o que ele disse tinha me deixado perplexo. Metade das coisas que saíram da boca dele, não só o que ele tava dizendo, mas também como ele tava dizendo, não tinham vindo de Copenhagen City.

Aquele papo de CIA, aquilo era bobagem, principalmente porque eu conhecia todos os brancos que tinham vindo aqui com o Peter Nasser e nenhum deles disse que era da CIA. Mas aquele pivete não parecia ter a capacidade mental de inventar uma mentira daquelas. Que nem quando uma criança pequena abre a boca pra falar, mas o que sai parece o que você ouve na tevê. Aquilo me fez pensar um pouco mais, afinal de contas, o Cantor tinha mesmo cantado que Rasta não trabalha pra CIA. Tudo o que eu sei sobre a CIA é que eles são americanos e gostariam mais que o PTJ ganhasse a eleição do que o PNP, porque o comunismo em Cuba tá tão foda que já tem mãe matando seus bebês por lá.

Mas por que a CIA estaria levando ele tão a sério, a ponto de querer matar ele? Afinal de contas, ele não é político, e não tem um governo em suas mãos. Por que não mandar o James Bond ou algum outro agente especial em vez de três otários completos da favela? Perguntei pro Josey Wales sobre que porra eles conversavam, e ele perguntou se eu era tão burro que não sabia que quando um moleque tá se afogando ele se agarra na primeira tábuia que tá passando, o que soava como algo que eu poderia ter dito. Então ele pegou o carro e foi embora, como se ele fosse muito grande pra ficar perdendo tempo com aquele papo de criança. Decidi que

não ia falar nada sobre como ele tinha acabado de me chamar de burro, como se não tivesse sido eu quem o salvou de 1966 com as minhas próprias mãos. E sobre como ele sempre foi folgado, mas ultimamente tinha passado um pouco dos limites comigo, como se eu não tivesse coragem de botar aquele chinesinho malcriado no lugar dele. Eu fico olhando pra ele e penso naquelas coisas, mas eu não digo. Eu pergunto como é que eu posso ter certeza de que ele não tem mesmo nada a ver com o tiroteio, já que tem tanto nego dizendo que ele tá envolvido, e ele disse irmãozinho, se eu tivesse tentado matar o Cantor, aquele arrombado estaria morto.

Acredito ou não acredito? Não sei. Tem um monte de preto que não curte o Cantor, mas a maioria deles usa terno e gravata e trabalha na Duke Street. O que não me agrada é essa coisa nova que tem na cara dele, e esse chiado que ele faz com os dentes que diz que ele não tá nem aí se eu acredito ou não nele. Eu coço a cabeça pra tentar me lembrar quando foi, em que ano, que mês, dia e hora, que esse maluco me botou pra trás e começou a se achar mais foda que eu. E quando foi que os malandros da favela se deram conta disso. Fui o último a saber que os malandros não se chamam mais de malandro. Agora é malaco. E eles não andam mais em gangue, agora é bonde. E agora eles falam por telefone com os americanos. Uns dias atrás eu mandei, pelo Tony Pavarotti, uma mensagem pro Cantor e pro seu empresário. Vamos nos encontrar em McGregor Gully, eu disse, pra fazer justiça de uma vez por todas.

A gente se enfiou bem fundo em McGregor Gully, tão fundo que até o fedor mudou. O Besta Selvagem e os outros dois chapas foram amarrados e amordaçados porque eu não suportava ficar ouvindo eles falar. O Tony Pavarotti chuta cada um dos camaradas nos joelhos e eles desabam no chão. Tem dois homens junto com ele. Do outro lado, três mulheres e três homens que me obedecem. O veredito deixa pra eles, o julgamento deixa pra mim. Então a gente escuta o barulho de dois veículos parando um

pouco antes das quatro luzes se apagarem. Meus dois parceiros saem primeiro do carro. Depois, o Cantor e seu empresário fazem o mesmo.

Se o mundo diz que todos devem ter um julgamento justo, vamos fazer um julgamento justo, muito embora impere no mundo a justiça da Babilônia, que nos trata que nem animais. McGregor Gully é um buraco. É uma fossa no meio da favela que era pra escoar a água da chuva, evitando alagamentos, mas como o caminhão de lixo da Babilônia não passa na favela, todo mundo joga lixo na fossa, e daí quando chove, os mesmos favelados acabam inundados de água e lixo e merda. É tanto lixo que chegou a formar um muro de lixo. Eu pensei que o tribunal ia dar seu veredito rapidinho só pra sair do meio daquele monte de rato e merda, mas aqueles homens e mulheres sentaram em pedras e troncos de árvore e levaram aquilo a sério. Fiquei olhando pra cara deles e eles olhando pra minha. Eles nem olharam pro Cantor e pro seu empresário. Assim que o Besta Selvagem viu o Cantor, ele começou a gritar e chorar e uivar que nem se tivesse baixado um santo nele, e eu disse pro Tony Pavarotti fazer ele calar a boca, e daí ele deu mais uma coronhada nele.

— Estes três homens estão aqui porque estavam na Hope Road, e tentaram cometer um assassinato — eu disse.

— Não fui eu, Papa, não fui eu...

— Cala essa merda dessa tua boca, pivete. As pessoas viram você, e tem uma aqui que é testemunha. Mas eu sou um homem benevolente. Não vou fazer justiça com as minhas próprias mãos. Os tribunais da Babilônia são uma palhaçada, então a gente montou o nosso próprio júri. O povo vai ser o júri. O povo é que vai julgar, e daí vai ser um julgamento das pessoas feito pras pessoas, e ninguém vai poder dizer que o Papa-Lo tá tocando o furdunço pra cima de geral que nem se ele fosse o Deus do Velho Testamento. A gente vai fazer isso direito. Não tem justiça na Babilônia, senhoras e senhores de bem. A Babilônia não prende nenhum dos verdadeiros bandidos porque a Babilônia tem outros planos. Mas me

escutem só. Agora, vocês ouçam a testemunha, e vocês ouçam os acusados, porque até mesmo eles têm o direito de se defender, afinal de contas, esse é um lugar onde a gente tem que provar que eles são culpados, não onde eles tem que provar que são inocentes. Isso é muito mais do que eles merecem, e muito mais do que eles teriam no sistema de merda que a Babilônia criou chamado Corte de Armas. Isso se eles sobrevivessem até lá. A polícia teria metido bala e matado eles muito antes de chegarem no tribunal. Até porque, no fim das contas, é a própria Babilônia quem tá puxando esse gatilho. Você, Sr. Empresário, me conta o que aconteceu naquela noite.

— Bom, o que eu posso dizer é que estou olhando pra um deles bem agora. Mas os principais não estão aqui. Não estão mesmo.

— Quem não tá aqui?

— Ele não tá aqui.

— Quem?

— Mas esse aí tava. E aquele ali também. E... traz ele pra perto da luz. Ele também.

— O Cantor tem alguma coisa a dizer?

— Eu falo por mim e pelo Cantor, já que só eu e ele estávamos na cozinha.

— Entendi.

— Interessante isso que o rapaz acabou de falar.

— Que que ele disse? Continua.

— Bom, talvez você não saiba, mas eu já fui soldado do Exército dos Estados Unidos. Servi de 1966 a 1967. Isso era bem quando a crise do Vietnã estava a todo vapor.

— O Jimmy Cliff chegou mesmo a gravar uma música chamada “Vietnam”.

— Hã? Ah, sim, com certeza. Mas como eu tava dizendo, por causa disso eu estou bem por dentro de todas as movimentações da CIA. Por

causa disso eu sei que se você vê qualquer diplomata, consultor ou funcionário da embaixada, qualquer branco de terno muito longe de New Kingston, com certeza ele é da CIA. Na verdade, eu não confiaria em nenhum branco que você encontrar em qualquer lugar exceto Negril ou Ocho Rios. Mas enfim, no dia em questão...

— O dia não está em questão.

— É só uma expressão. É como... enfim, tudo que eu queria era curtir uma merecida sessão de relaxamento num conhecido estabelecimento jamaicano quando tive que ir embora às pressas pra pegar um voo para Miami, a trabalho. Voltei no dia seguinte, que era o quê, 6 de dezembro? É, acho que era isso mesmo. Então deixa eu ver. Primeiro eu voltei até o estabelecimento pra dar uma conferida numas coisas. Depois fui até a House of Chen pra comer um curry de cordeiro...

— Que que isso tem a ver com...

— Já vou chegar lá, cavalheiros. E senhorita. Senhoritas. Então eu fui até a House of Chen, na Knutsford Boulevard, pra comer um delicioso curry de cordeiro. Dali eu fui até o Sheraton pra buscar o dono da gravadora, mas ele não tava lá. Eu tava num carro alugado, então eu o devolvi, e fui no meu próprio carro até o número 56 da Hope Road. Eu sempre paro meu carro debaixo do toldo, que foi o que eu fiz. Eu ouvi que a banda estava ensaiando, então é claro que eu procurei por ele, mas ele não tava lá, ele tava na cozinha. Então eu fui até a cozinha, e lá estava ele, comendo uma toranja. Enfim, eu e ele tínhamos assuntos a tratar e, bom, nem Deus sabe quanto tempo fazia que eu não comia uma toranja. Daí eu disse que adoraria comer um pedaço de toranja e ele fez um gesto pra eu me aproximar. Assim que eu me estiquei pra pegar a fruta, nós dois ouvimos um som que parecia com o de um rojão. Senhoras e senhora. Senhoras. É claro que eu não dei muita atenção praquilo que ambos pensamos se tratar de fogos de artifício, porque tava perto do Natal. Acho que ele disse alguma coisa do tipo mas quem é o cu cagado que tá

estourando um rojão no meu quintal? Alguma coisa assim. Mas antes que ele pudesse terminar aquela frase, quando a gente viu, veio mais ratatatata. De repente, eu só senti como se alguma coisa tivesse me queimado. Depois mais uma vez, depois mais uma, tudo tão rápido que chegou a parecer que tinha sido tudo de uma vez só. Eu nem percebi que eu tinha sido baleado. Você não sente que levou um tiro, você simplesmente sente suas pernas queimando, depois elas perdem a força e você ainda tem tempo de pensar por quê? Só sei que eu caí por cima dele e ele disse Selassie I Jah Rastafári. Foi tudo tão rápido. Foi muito, muito rápido.

— Se você foi baleado pelas costas, como é que você sabe quem atirou em você? — perguntou uma mulher.

— Acho que desmaiei. Quando recuperei a consciência, eu ainda tava na cozinha. Eles atiraram em mim. Estou morto, ou algo assim. Eu ouço as pessoas dizendo isso. Como eles acham que eu morri, ninguém quer ir me pegar porque, como você sabe, Rastafáris não encostam em cadáveres. Todo mundo seguia achando que eu tava morto. A polícia me jogou no banco de trás do camburão porque achou que eu tava morto. No hospital, a enfermeira chegou a olhar pra mim e dizer esse aqui tá morto. Eles já estavam até me levando pro necrotério e, esse tempo todo, eu podia ouvir todo mundo dizendo essas coisas a meu respeito e não podia fazer nada. Imagina só. Agradeço a Deus pelos bahamenses. Um médico bahamense vinha passando e disse deixa eu dar uma olhada, e disse pra eles que eu ainda tava vivo. Quatro tiros, senhores. Um perto da base da minha coluna — é um milagre que eu esteja andando hoje, graças aos médicos em Miami. Bom, milagre mesmo foi eu não ter me conformado com o que os médicos e enfermeiras jamaicanas tavam me dizendo.

— Se o Cantor tiver alguma coisa a acrescentar, pode começar...

— Eu falo pelo cantor.

— Ele sabe quem tentou matá-lo?

— É claro que sabe. Alguns ele conhece pessoalmente.

— Quem deu o tiro?

— Tiros.

— Tiros. Ele viu qual desses aqui deu os tiros?

— Os três, com certeza. Mas onde estão os outros?

— Os outros estão mortos.

— Mortos?

— Mortos.

— Isso seguramente não é verdade. Eu vi pelo menos dois deles no show pela paz. Um deles, inclusive, estava bem perto do palco.

— Eu não sei do que tu tá falando. Nós temos esses três aqui, e todos confessaram.

— Inclusive aquele com a mordança na boca?

— Os outros dois disseram que ele tava envolvido.

— Eles me obrigaram, capitão! — disse o Besta Selvagem. — Eles e o Josey Wales e a CIA, eles usaram os poderes deles pra... pra me hipnotizar! Eles ameaçaram me matar.

— Posso ouvir o que está com a mordança? — disse o empresário.

— Essa ideia não é muito boa.

— Lamento, mas preciso insistir.

— Insistir? Que que isso quer dizer?

— Quer dizer que nós dois vamos embora se não ouvirmos o que ele tem a dizer.

— Tony, tira aquela coisa da boca dele.

O Tony tira a mordança. O moleque começa a babar, e fica com o olhar perdido no meio da noite, como se ele fosse cego.

— Meu jovem, juventude, o que você tem a dizer em sua defesa? Tu. Tu, mesmo, moleque. Tu não tá vendo que a gente tá te dando uma chance?

Que baita otário, aquele moleque. Ele olha pro empresário e diz:

— Eu tô conseguindo entender tudo bem direitinho. Tô conseguindo entender direitinho, direitinho, Levítico e Números e Deuteronômio.

— Nada de bom vai sair dessa boca — eu digo, e faço um gesto pro Tony Pavarotti colocar a mordança de volta.

— Você viu algum dos caras que estão aqui?

— Nós vimos aquele lá de trás, que não tá falando nada — diz o empresário.

— Esse aqui, a mãe tava escondendo ele fazia um ano. Bem debaixo do nosso nariz.

— A CIA nos passou a perna. Eu nem me lembro direito de nada. Só quando minha mãe me disse que eu tinha atirado... foi só aí que eu fiquei sabendo, e mesmo assim eu não lembro, Jah sabe.

— Espera um minuto. Eu conheço esse aí. Eles chamam ele de Besta Selvagem. Ele é de Jungle. Pertinho ali de onde a gente se criou. Ele estava sempre por lá, tanto que eu raramente andava por lá e mesmo assim eu sei quem é.

— Foi a CIA, a CIA e o Josey Wales, e aquele outro cara que fala que nem jamaicano e que nem americano. Que nem você. Por que ninguém acredita em mim?

— Tony, fecha a matraca desse arrombado. E o Besta Selvagem? Tu via ele lá pela casa?

— Uma ou duas vezes, mas nunca dentro da casa, sempre do lado de fora do portão, perto da entrada. Uma vez a gente chegou a sair pra conversar com ele e com os chapas dele.

— A gente?

— Nós. A gente que você tá vendo aqui. Saímos na rua pra conversar com ele e com o amigo dele, mas eles disseram que eram de Jungle, e que tinham assuntos a tratar com o amigo do Cantor, não com o Cantor.

— Entendo. O que eu sei é que eu nunca autorizei ninguém a incomodar o Cantor. Não era pra ninguém ir na casa dele sem a minha

permissão. Pior ainda se estivessem mendigando alguma coisa dele.

— Acho que não era esse o caso.

— É isso que eu tô dizendo! A gente não tinha ido atrás dele! A gente não tinha ido pegar o Cantor. Eu mesmo tinha ido pra pegar o amigo dele. Eu e o Demus.

— Tony, eu não te disse pra amordaçar esse pivete? Quem é esse Demus?

— É um de nós. E tem o Chorão, e o Fumaça, mas não tem o Faísca. E o Josey.

— Fecha o bico dele.

— O Josey? — diz o empresário.

— Já chega, tô de saco cheio de papo furado — eu digo. — Tá na hora de mais uma testemunha. Senhorita Tibbs?

Uma das mulheres se apresenta.

— Você botou essa mulher como jurada e testemunha? — pergunta o empresário. Pelo jeito, ele adorava falar. E rir quando não era hora.

— Senhorita Tibbs? — eu disse, e ela ficou de pé e olhou à sua volta duas vezes, mas não olhou para o Cantor.

— Eram dez, não onze horas. Eu tinha acabado de fazer minhas orações e louvado ao rei, e quando olhei pela janela eu vi o Datsun branco cantando pneu. Eu vi quatro homens saindo de dentro dele, incluindo aquele que tá lá atrás. Sim, eu vi pela janela, com meus próprios olhos. Eles saíram do Datsun e correram em toda as direções, que nem quando você de repente joga uma luz em cima dum bando de barata. Alguém perguntou praquele ali, atrás do Besta Selvagem, não o maluquinho, o outro. Alguém perguntou pra ele onde é que tá a tua arma? E ele disse que não sabia, talvez tivesse deixado cair quando eles tavam fugindo da Hope Road. Ouvi ele dizendo Hope Road com meus próprios ouvidos. No dia seguinte, a namorada dele foi embora do prédio e eu nunca mais que vi ela.

O próximo não esperou que eu pedisse pra ele se levantar. Ele simplesmente ficou de pé e disse vocês todos me conhecem como o cara que tem permissão pra andar por Copenhagen City e por Eight Lanes também. Fui eu quem chegou pro Shotta Sherrif e disse esses malucos aí que atiraram no Cantor, ninguém em Copenhagen City se responsabiliza por eles. O Papa-Lo jamais teria autorizado esse tipo de merda...

— Olha essa boca.

— Esse tipo de baboseira, eu quis dizer. Eu disse então, Shotta, tu sabe que eles não tão mais no território do PTJ, né? Então dá uma vasculhada no teu próprio território, ou além, que tu vai acabar encontrando os caras. Eles encontraram um doidão escondido no meio do mato lá longe, em St. Thomas. O cara tava com a arma dele dentro da cueca. Perguntei pros parceiros do Shotta como é que eles tinham encontrado o camarada, e eles disseram que a polícia sabia onde ele estava desde que tinha pegado um ônibus que ia pro interior.

— E quanto ao chapa que atirou pessoalmente nele? O mesmo bandido que também atirou em mim?

— Ele tá morto, eu tô te dizendo.

— O camarada que atirou em mim quatro vezes?

— Morto.

— Lamento, mas vou respeitosamente discordar. Ele estava no sho...

O Cantor toca no ombro do empresário.

— Ah. Tá bem. Melhor assim, eu acho. Pode continuar.

O empresário fechou o bico. Eu pensei que o Cantor ia começar a falar. Eu tava torcendo pra ele começar a falar. Mas, pra mim, ele já tinha dito o bastante. Ele sabia quem tinha atirado nele. Eu sabia quem tinha atirado nele.

O Josey Wales.

Todos os outros camaradas naqueles dois carros eram figurantes, extras, partes do corpo, mas não o coração e nem a cabeça. A gente não

fala nada, mas a gente diz muita coisa. Eu olho pra ele, e vejo que ele tá decepcionado comigo mais uma vez. Mas ele certamente conhece o mundo, e também o céu e os planetas, e ele sabe que essas não são as únicas coisas maiores que um zé-ninguém da favela que tá tentando transformar algo ruim em algo bom.

O Josey Wales.

Só que o ruim é quase dois metros maior que o bom, eu quero dizer pra ele. Se você não consegue pegar o Harry, pegue pelo menos a camisa dele e fique com ela, eu quero dizer pra ele. Eu sou um velho, e quando você fica velho, todas as suas armas só atiram bala de festim, eu quero dizer pra ele. Ele tá olhando pra mim, e tá vendo o homem que apontou uma arma pro seu coração.

O Josey Wales. Eu tava torcendo pra que o cara estivesse entre esses três aqui, embora soubesse que isso não iria acontecer. É claro que ele reconheceria o cara que tentou matar ele, mesmo que ele estivesse ali apenas em espírito. O empresário foi baleado pelas costas, mas o Cantor levou um tiro no peito. Mas até isso me deixou perplexo. Por que é que alguém ia querer dar um tiro no Cantor? Até os moleques que foram enganados na vigarice das corridas de cavalo tinham bronca do amigo, não do Cantor. Ele olhou pra mim e eu olhei pra ele e nós dois sabíamos que tinha certos camaradas pra quem nenhum de nós podia olhar. Eu queria matar o Besta Selvagem, trazê-lo de volta à vida e matá-lo mais uma vez. Pelo menos umas sete vezes, até que o Cantor estivesse satisfeito. Mas isso não traria satisfação nenhuma. E aquele julgamento já tinha virado uma piada. Eu tô querendo ir embora antes mesmo dele querer ir embora.

— Eu não atirei nele. Eu atirei na esposa — disse o Besta Selvagem.

Até o empresário ficou quieto depois dessa. A fossa ficou totalmente em silêncio, enquanto todo mundo olhava feio pro Besta Selvagem. Ele falou aquilo como se aquilo quisesse dizer alguma coisa, como se aquela fosse a última tábua em que ele pudesse se agarrar. Foi bem nessa hora

que eu lembrei que o camarada tinha me dito uma vez Papa, eu não matei aquela mulher, eu só estuprorei ela. O moleque ao seu lado começou a rir.

— Foi o Bam-Bam quem atirou na esposa, não tu — ele disse.

— Não, eu é que atirei nela.

— Onde? — perguntei.

— Na porra da cabeça. Onde mais? É, bem no meio da cabeça.

O outro, não o maluquinho, começou a rir. Bem lá no fundo, mais fundo que o meu coração, eu quase quis rir junto.

— Tu atirou na cabeça da esposa e mesmo assim não matou ela? A CIA te treinou por quase dois meses e tu não conseguiu matar nem uma mulher? Que que aconteceu com tudo aquilo que a gente vê nos filmes? Que treino de merda foi esse que oito ou nove malucos de metralhadora não conseguiram matar um homem? Que tava desarmado. Dez patinhos dentro dum estúdio?

Daí minha mulher diz mas Papa, tu é um pensador.

Eu olho e acho que vejo ela de pé no topo da fossa, mas não tem nada lá, nem mesmo uma árvore. Um vento frio sopra pela vala. Eu podia jurar que eu tinha visto ele pairando sobre as nossas cabeças por um segundo e depois mergulhando, mas vento não tem cor. Aquela música começou a tocar no rádio e mergulhou na fossa também. *Do it light. Do it through the night. Shadow.* Eu e o Tony Pavarotti vamos dentro do carro. Não, eu tô num táxi com três chapas, mas nenhum deles é o Tony Pavarotti. Não, o Tony Pavarotti se foi. Não, ele tá bem do meu lado. Não, ele tá ali, atrás dos três jurados. A gente tá em McGregor Gully, e ele tá bem ali. Ele tá olhando pro escuro, a gente não tá dentro dum carro. O Cantor tá bem ali, ele e o empresário. Fala, empresário, diz alguma coisa cheio de chinfra, num momento inoportuno, pra que eu saiba que você ainda tá aí. Eu não atirei no Cantor, eu atirei na esposa, ainda dizia o Besta Selvagem. Eu tava me sentindo como se tivesse me afastado por um tempo e agora estivesse voltando pruma discussão que tinha ido muito longe desde que

eu tinha saído. Só que eu não tinha ido a parte alguma. Eu tô bem aqui, e lá em cima o vento tá soprando pra cima e pra baixo que nem um fantasma, e às vezes eu vejo e às vezes não, e eu fico me perguntando se sou o único que tá e não tá vendo o vento pairando sobre a fossa como se fosse um espírito prestes a sair voando.

— Chega dessa merda. Como vocês declaram eles? Culpados ou inocentes?

Toda a fossa declarou eles culpados. Olhei pra todos eles, do primeiro ao último, e comecei a contar. Um... três... cinco... sete... oito... nove. Nove? Olhei de novo e vi oito. Pisquei e entre o fechar e abrir do olho eu tive a certeza de que eram nove, e o nono se parecia com Jesus. Não, com o Super-Homem. Não, com um agente da CIA. Pisca, Papa, pisca de novo, pisca até sumir. Pisca até sumir e depois conclui o julgamento.

— Esta corte decidiu...

— Isso aqui não é uma corte, seus cu cagado.

— Esta corte decidiu que vocês são culpados.

— Vocês não são uma corte, seus cu cagado. Eu quero justiça.

— Esta corte decidiu que vocês são culpados.

— Vocês são tudo uns palhaço. Tu e ele e ele também. Obrigam as pessoas a fazer o que vocês querem e aí...

— Vocês estão condenados à morte. Esta é uma corte civilizada.

— Os bacana tudo se livram, e os pobre é que sofrem.

— Todo mundo tá sofrendo agora por tua causa.

— Ele não tá sofrendo. Ele é tipo um Leão do Sião, agora.

— Tony, traz esse puto pra cá.

Tony enfia a mordança de volta no Besta Selvagem e o arrasta até lá. Ele nem perdeu tempo tentando fazer o camarada andar, simplesmente foi arrastando pela camisa que nem se ele já fosse um cadáver, as pernas tropeçando pelo chão. Ele tava trazendo ele na minha direção, mas eu aponte pro Cantor com a cabeça. Achei que as mulheres iam embora,

mas elas ficaram pra ver. Fui caminhando na direção do Cantor pela primeira vez. Ele sabia o que eu ia fazer. Ele podia dizer que sim ou que não com um movimento de cabeça, mas ele precisava dizer. O cara que tinha sido injustiçado era quem tinha que fazer justiça agora. O empresário saiu do caminho, porque aquilo era entre mim e o Cantor. Ele olhou pra mim, eu olhei pra ele por um segundo e vi um clarão e ouvi um estouro e um tiro e um chiado. Eu tô na estrada com três caras, mas nenhum é o Pavarotti. O Cantor fica aparecendo e desaparecendo, que nem uma tevê com o sinal ruim, e seus olhos estavam em chamas. Eu balanço a cabeça. Não tô mais sentindo o vento. Uma brisa gelada, como se a gente estivesse no mar. Eu balanço a cabeça. Eu olho pra ele e ele olha pra mim. Nas minhas costas, enfiada nas minhas calças, minha arma. Eu puxo a arma das minhas costas, seguro ela pelo cano e dou ela pro Cantor. Fico esperando que ele pegue a arma da minha mão. Eu fico olhando pro Besta Selvagem e pro Cantor. A mão dele não se mexe nem um centímetro. Ele nem faz que não com a cabeça. Ele vira e sai andando, e o empresário vai saltitando logo atrás dele. Eu não queria que ele fosse embora sem ver que o Papa-Lo tinha feito aquele pivete encarar a justiça. Ele parou por um segundo quando eu puxei o gatilho. Em algum lugar, em algum baile, o DJ acaba de dizer *People, are you era-eh-dy?* O Cantor não se virou quando o corpo do Besta Selvagem caiu que nem um saco de batata no chão e eu enfiei a arma de volta nas calças. O Besta Selvagem ficou deitado ali no chão e o buraco na parte de trás da sua cabeça gargarejava sangue que nem se fosse um bebê vomitando. O vento girando e girando e girando, que nem tornado americano.

A gente tava perto da praia, e eu sentia o cheiro do sal do mar. Mas McGregor Gully não fica perto do mar. O Cantor e o empresário foram embora. Quando foi que eles pegaram o carro? Eu pisquei e eles tinham ido embora. Balanço a cabeça mais uma vez. Eu olho e vejo ele numa cama no país dos brancos, e um quarto numa casa no fim de uma longa

estrada que vai lá em cima nas montanhas, um lugar que parece saído dum livro de contos de fadas. E eu pisco de novo e tem um outro chapa vindo na minha direção, não, não é o Cantor, esse chapa é só pele e osso e ele é preto. Ele vem direto em mim e seu bafo tem cheiro de maconha e comida e ele fede e ele diz *Cadê o anel? Cadê o anel de Sua Majestade Imperial? Eu sei que tu tá vendo. Eu sei que tu tá vendo que ele tá usando. Onde é que ele meteu esse cu cagado desse anel? Eu quero ele agora, ele não pode voltar pra Terra com ele, tá me ouvindo? Eu quero essa porra desse anel. Eu tenho direitos sobre ele, eu tenho direitos sobre a consagração de Sua Alteza Imperial Rei Menelik filho de Salomão que reinou em Israel e jorrou o fogo da criação dentro do ventre da Rainha de Sabá*, ele diz, e ele tá falando comigo, e eu nem tô olhando pra ele, e o vento tá ficando mais frio, e mais alto, e mais forte, que nem uma tempestade, mas não é uma tempestade, é o mar, e eu balanço a cabeça com muita, muita força, e tudo desaparece e McGregor Gully começa a ficar mais claro novamente. Minha arma roçando as minhas costas, ainda quente do tiro, o cano apontando pra baixo do cinto, dois camaradas do júri laçaram os outros dois pivetes como se eles fossem bezerros que eles estivessem levando de volta pra fazenda, e mesmo assim as mulheres ainda tão lá, assistindo. Fiquei assistindo elas assistirem. Eu queria saber por que as mulheres queriam ver as maldades que os homens iam fazer. Talvez se elas não tivessem testemunhando aquilo, seria como se o julgamento não tivesse acontecido.

Mas Papa, tu é um pensador, diz minha mulher.

Eu a escuto, mas não consigo vê-la. Eles laçam os dois pivetes e levam eles pro meio do mato. Sem batuque, sem cerimônia, sem música. Eles jogam a outra ponta da corda por cima de dois galhos da mesma árvore. Que é que esse branco tá fazendo aqui? Por que que ele tá atrás deles, olhando pra eles, e por que é que ele se virou e olhou pra mim? Quando ele olha pra mim, o vento fica gelado. Os dois camaradas de pé em cima

de dois banquinhos tão tremendo e gritando. Eles tão tremendo tanto que os banquinhos tão balançando, e toda vez que eles balançam, eles gritam. Aquele que não é o maluquinho tá achando que tudo que ele precisa fazer é contrair o pescoço, basta tensionar todos aqueles músculos que quando o banquinho cair ele não vai morrer. Eu não sei como é que eu sei o que ele tá pensando, mas é exatamente isso que ele tá pensando, e eu sei. Mas e esse branco olhando pra eles, ele fica olhando pra corda e fica olhando pra mim e eu quero pular na frente dele e gritar quem que tu é, branquelo? Quem que tu é? Tu tava seguindo o Cantor? Como é que tu conseguiu chegar aqui? Mas eu não posso falar nada, não posso dizer uma palavra porque ninguém mais parece estar se comportando como se um branco de repente tivesse aparecido na frente deles. Ninguém mais tá vendo ele. Não sei por que, mas ele olha pra eles e me encara. O Tony Pavarotti não perde tempo. As mulheres assistem. Talvez ele seja um encosto.

O Tony Pavarotti chuta o primeiro banquinho e o cara despenca meio metro, mais ou menos. O cara fica se retorcendo e se afogando e se balançando tão forte que ele derruba o banquinho do outro cara, que também despenca pra sua própria morte. Eles ficam se balançando e se retorcendo e a corda vai rangendo e eu olho pra eles, e eu olho por entre os dois, para o branco, e o meu pescoço começa a queimar e cortar e sangrar e o sangue bombeia no meu crânio que nem um balão se enchendo cada vez mais de água. Eles ainda tão se contorcendo. Isso é culpa dos filmes de caubói. As pessoas acham que uma morte por enforcamento acaba rapidinho, mas um enforcamento em que o pescoço não quebra pode demorar muito, muito tempo. Tava demorando demais, e as mulheres começam a andar de costas de volta pro escuro. A cabeça dos dois chapas tava inchada, lotada de sangue. Os pulmões tinham parado de sentir fome de ar, e os dois tinham parado de se retorcer. E nenhum dos dois tava morto ainda. Eu sei. Eu não sei como é que eu sei,

mas eu sei. Eu sei de sentir isso de dentro deles, e de fora deles, e só de olhar pro pescoço deles.

O branco ainda tá ali. O encosto branco. Eu pisco e ele tá no carro comigo. Eu e os outros dois camaradas que eu conheço, mas não consigo lembrar quem são, e a gente tá numa estrada, numa ponte sobre o mar, mas não é o Pavarotti quem tá dirigindo, é um outro chapa. Eu conheço o maluco, porque ele tá fazendo piada sobre aquele cavalo idiota que eu comprei fazia um ano e ainda não tinha conseguido vencer nenhuma corrida. E aquilo não fazia sentido porque só fazia uma semana que eu tinha comprado aquele cavalo. Mas quando eu falo ninguém me escuta porque eu também tava falando dentro daquele carro, e eu podia me ver falando dentro daquele carro, e eu podia me ouvir falando sobre o cavalo e dizendo pra mim mesmo mas você comprou o cavalo faz uma semana.

Os corpos agora balançavam ao vento, mas fora isso estavam imóveis. Todo mundo tinha ido embora, as mulheres tinham ido embora, os homens tinham ido embora, a noite tinha ido embora, o céu tava cinza e as gaivotas tavam gritando. E eu não conseguia mais ver o branco. A gente tava no carro. Agora a gente tava no carro, mas o carro tava parado já fazia um tempão. A gente tava indo pra McGregor Gully. Não, a gente tava voltando do jogo de futebol, eu só tava pensando em corrida de cavalo porque o Lloyd tava no carro, e ele é treinador de cavalo. Não, é 22 de abril de 1978. Nunca me esqueço do dia de um enforcamento. Não, é 5 de fevereiro de 1979, nunca me esqueço do dia daquele jogo idiota, porque era o dia que eu tava conversando com o Lloyd sobre o jeito que ele adestrava os meus cavalos.

Não, pera. Volta a fita. Minha cabeça não tá legal.

As nuvens tão cinzentas e pesadas, vem chuva por aí.

Trevor, por que que tu sempre dirige rápido desse jeito quando entra na porra dessa ponte, seu cu cagado, tu tá fugindo da luz do dia?

Sabe como ele é, patrão. Ele não se aguenta pra sair de Portmore.

Não se aguenta, é? Como é que chama essa daí, Claudette ou Dorcas?
Haha, sabe como é, patrão, essas minas de Portmore são tudo umas vampiras.

Quem sabe tu para de oferecer teu pescoço pra elas e passa mais tempo com os teus moleques, pra variar?

Boa ideia, patrão! Muito boa.

Por falar em mulher, como é que só tem homem nesse carro? Porra!

A gente pode voltar e ir atrás de duas coisinhas chamadas Claudette e Dorcas, patrão.

Nada feito, não quero pegar as sobras do Trevor. Aquelas minas tão arrebetadas. Não servem pra mais nada agora.

Ô, patrãozinho, tu é muito piadista.

Papa, como é que tu me diz uma coisa dessa? E é Lerlene e Millicent, não Claudette e Dorcas.

Claudene e Dorcent.

Lerlent e Millicene.

Haha.

Vocês tão tudo louco. Lloyd, me ajuda aqui.

Putamerda. Patrão. Papa.

Irmãozinho, por que que tu tá parando?

Patrão... olha.

Que porra é essa?

Eles tão em quatro, patrão. A Babilônia. Tem três motos paradas e quatro polícias. E listra vermelha, ainda por cima. Paramos?

Não. Alguém viu se a gente passou por algum carango estacionado? Logo mais alguém deve estar vindo aí atrás.

Não lembro de carro nenhum.

Então o que é que tá atrás da gente? Puta que pariu. Lloyd, a gente tá muito longe da fábrica de zinco?

Uns cem metros, patrão.

Mas a gente não tem pra onde correr.
O carro que tava vindo atrás da gente parou, patrão.
Quantos policiais tem ali? Não aqueles três, quantos estão saindo do carro?

Ninguém tá saindo do carro. A gente vai parar?
Diminui um pouco. Merda caralho buceta.
Se tu não parar eles vão comer esse carro na bala.
São só quatro malucos em três motos.
Quatro malucos com AK47, Papa.
Dá meia-volta.
Vão pegar a gente rapidinho, patrão.
Pegar a gente pra quê? A gente não tá com nada aí no carro.
Qualquer coisa que a gente fizer vai ser desculpa pra eles nos encherem de chumbo, patrão, aquele ali tem um megafone.

Pera aí. Eu conheço ele.
Pode ir parando o veículo e ir descendo com as mãos pra cima.
Trevor, Trevor, para o carro. Mas não desliga o motor.
Isso é uma blitz de rotina. Saia do carro com as mãos pra cima.
Papa, não sai do carro. Não sai do carro.
Isso é uma blitz de rotina. Sai do carro com as mãos pra cima, ô cu cagado.

Papa, não tô gostando disso, bicho. Não sai do carro.
Escuta, a gente não vai falar de novo, sai dessa porra desse carro, Papa-Lo.

O que que é isso, senhor policial?
Papa, eles sabem que é tu?
Policial, o que que é isso?
E eu lá tenho cara de que vou ficar dando papo pra tu? Tu e o teu pessoal aí têm que evacuar desse carro.

Irmãozinho, mete uma ré.

Por cima do carro que tá atrás da gente? Tu é burro ou qual é? Papa, que é que tu quer fazer?

Quem mais tá trepado? Eu tô com meu 38.

Eu não.

Nem eu.

Eu só treino cavalo, patrão.

Merda.

Papa, tu não vai gostar nem um pouco se a gente tiver que te dizer de novo pra tu sair.

Papa?

Saiam do carro. A gente tá saindo, policial. Olha, a gente...

Não falo com nego da tua laia. Sai do carro e vai ali pra perto daquele matagal. Isso, aquele lá do outro lado da rua, imbecil.

Pega leve aí, meu irmão.

Ô, arrombado, não sou teu irmão. Tu acha que eu tenho medo de tu?

Tu devia ter medo de...

Trevor, calaboca. Onde você quer que a gente vá, policial?

Tu é surdo ou o quê, ô cu cagado? Tu quer que eu fale bem devagarinho? Te afasta do carro pra gente poder revistar. Pega a esquerda e vai andando até chegar na frente daquele matagal do outro lado da rua.

Papa, Papa, tu acha que eles...

Calaboca, Lloyd, baixa tua bola.

Senhor Papa-Lo, o senhor quer saber por que nós te paramos essa noite?

Não quero saber de nada que tem a ver com a Babilônia.

Bom, então eu acho que essa noite nós vamos ter que te ensinar a ter boas maneiras.

Tu que sabe, policial.

Sargento, tu não vai acreditar nisso aqui.

Dentro do carro?

Dentro do carro. Eles têm um rádio.

Um rádio? Num carro de favelado? Será que funciona? Liga aí. Peraí, aumenta... mais alto. Que coisa. E aí, cabo, tu sabe dançar disco music? Spoon it right, spoon it through the night, shadow dancing.

Haha, a música não é assim, sargento.

Ah, e tu sabe como é que é a música, agora? Nós fomos no Turntable Club ontem de noite, é?

Ontem de noite? Mas tinha o toque de recolher, sargento.

Fecha essa matraca. Enquanto isso, inspetor, tu não quer dar uma geral nesses quatro aí? Jogo rápido, e não esquece de revistar o saco e o rabo que esses bandidos da favela acham que a gente é burro e não vai mexer ali. Primeiro o Papa-Lo. Isso aí, cara, spoon it right, spoon it through the night, shadow dancing, blá blá blá, spoon it more, spoon it more-more-more, shadow danceeeng, blá blá blá. Isso aí, meu chapa, tem que saber fazer esses passinhos de disco music, a mulherada adora. Inspetor, algum desses caras aí tá dançando que nem na música?

Não, sargento, mas se tu olhar bem rápido quem sabe eles dão uma reboladinha.

Cabo, mais alguma coisa aí no carro?

Coisa nenhuma, sargento. Coisa nenhuma. Coisa nenhuma além desse revólver calibre 38 que alguém achou que ia esconder debaixo do banco do carona.

Mas que caralho, um 38? Escondido no chão? Isso não é coisa tua, é, Papa? Não um cidadão honesto, trabalhador, que nem tu. Tá, sério, de quem é essa arma, da tua mãe? Inspetor, dá uma averiguada nessa arma enquanto eu e o soldado aqui vigiamo os quatro. Esse 38 é quente?

Tão quente quando a barriga da minha mulher grávida, sargento.

Putá que pariu. Um 38. Agora, olha só o que eu tô pensando, colegas. Esse 38 que a gente tem aqui. Esse aqui. Tô aqui pensando se por acaso não é o mesmo 38 que o Papa-Lo e os seus cupincha usaram pra meter bala na polícia.

Difícil dizer, inspetor.

Pô, bicho, tu não lembra? Quando o Papa-Lo e os três cupinchas dele meteram bala na polícia no que era pra ser uma simples blitz de surpresa? Vocês quatro, mão pra cima.

Não lembro disso.

Então faz bastante força pra lembrar. Inspetor, tô vendo que tu já tá sacando o que é que eu tô falando. Tu não lembra quando o Papa-Lo meteu bala na polícia com esse mesmo 38 e a coitada da polícia não teve escolha a não ser meter bala de volta?

Quando que ele fez isso?

Agora. Atira!

Ele dá o tiro com o meu próprio 38 e a bala abre um buraco no meu lábio e arranca dois dentes e esfola e queima minha língua e começa a deixar entrar ar e sair sangue pela minha nuca, mas a gente tava enforcando dois caras, sim, a gente tava enforcando dois caras, e o profeta Gade me perguntando onde é que tava a porra daquele anel, como se eu fosse ficar prestando atenção no que que o Cantor usava nos dedos, as balas vão descendo que nem um zíper abrindo o meu peito, uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete, oito e o Peter Tosh lá, na casa dele, ajoelhado depois que uma bala atravessou a boca duma mulher e arrancou seus dentes, e o Leppo foi lá e encostou a arma na testa do Tosh e pá e pá de novo, meteu mais duas balas no cara do rádio, uma no outro cara que tava bem atrás dele, onde ficaria para sempre, mas sou eu que tô levando tiro, sou eu que tô formando um rio de sangue e mijão no meio das pernas e, Carlton, eu tô te vendo, Carlton, curtindo um som enquanto a tua mulher tá dando a buceta escondido pro cara que vai te matar, Carlton! E o Cantor não tem mais cabelo e ele tá numa cama e tá levando uma injeção dum branco que tem um símbolo de Hitler queimando na testa, uma bala arranca meu dedo e me marca que nem Jesus Cristo, na minha palma esquerda, não sinto dor, só queima rapidinho, meu corpo tá com

uns vinte focos de incêndio, e eu tô sentindo o vento me atravessando, tô ouvindo meu corpo assobiar, o Trevor e o Lloyd tão fazendo a dança das balas, eles se torcem e retorcem e se viram e se contorcem e gritam e tosse e se sacodem como se estivessem tendo convulsão, as balas fazem eles pularem e eu tô pulando também, tentando desviar dos tiros como se fossem fogos de artifício distantes, meu pescoço tá lavado em sangue, não consigo abrir a boca, o anjo da morte tá sentado no ombro do Cantor, o anjo é um homem branco, eu já tô vendo ele, eu sei disso, agora tô vendo ele em cima dum palco, que nem o Seaga e o Manley, e prometendo um monte de coisa boa prum monte de gente pobre, e daí o meu pescoço quebra e eu me vejo fazendo a dança das balas como se eu estivesse assistindo uma peça de teatro sentado na plateia alta, e eu vou subindo e subindo cada vez mais, e lá do alto eu vejo a ponte e o mar, e vejo os sete carros que tão vindo que nem mosca, e os polícias tudo saem dos carros e vêm andando e mandando bala, um, dois, três tiros, e eu tô no chão, afundando no asfalto, e um outro polícia dá dois tiros, toma essa, arrombado, quero ver se tu é foda agora, e daí um outro polícia e um outro polícia e mais um pá pá pá, levanta e atira na gente agora, arrombado, marginal, e um polícia tá no rádio dizendo adivinha só em quem é que a gente tá dando um jeito, e mais polícia vem, e todo mundo tá prestando seu tributo, e veio um e mirou no meu pescoço e pá, e veio um e mirou no meu joelho e pá, e veio um e mirou no meu saco e pá, e como é que não passava nenhum carro ali, só carro da polícia, e eles tinham fechado a rua bem lá atrás, eles sabiam que eu tava vindo, tem algum cagoete na favela que falou pra eles que eu tava vindo, e a fuça do Trevor tava comida de bala, e o peito e a barriga do Lloyd tavam tudo arreganhado, e a minha cabeça tava aberta no meio e o meu coração ainda tava batendo e um outro polícia se inclinou pra baixo e disse isso é pelo Sebert e atirou bem no coração e o coração explodiu e morreu e daí ele se levantou e voltou pro carro dele e os outros polícias voltaram pros carros

deles e eu continuo subindo cada vez mais alto, mas eu ainda tô na estrada, e eu tô vendo os carros tudo em fila, e os polícias saem dirigindo com a sirene ligada pras pessoas saírem da frente, e eles seguem, que nem um bicho gigante, uma cobra sirene, e eles vão subindo até o bairro onde fica o prédio do Ministério de Segurança e eles ficam dando volta no quarteirão e rindo alto, e eu tô conseguindo ver tudo que acontece em tudo que é parte, e lá pra baixo e lá pra cima, e o que aconteceu dez anos atrás, o Peter Nasser com a primeira arma, 1966 quando eu acolhi o Josey Wales e quando eu matei aquele estudante por engano e o que tava acontecendo naquele lugar triste, como se eu pudesse fazer qualquer coisa pra mudar aquilo, e se eu gritar bem alto corta o dedão, deixa pra lá, corta o dedão, não fica dando ouvido praqueles Rastafáris cu cagado que tão sugando teu sangue naqueles cachimbos deles, corta o dedão e não deixa nenhum nazista chegar perto de tu, mas aquele branco tá ali do outro lado da estrada, aquele branco que eu conheço e não conheço, e ele tá olhando pro mato que tem ali na margem, um brejinho, e dentro do brejinho tá nadando o motorista, e não tem sangue de tiro, que bom, nenhum crocodilo vai avançar nele, e ele nadou e nadou e nadou e um barquinho de pescador viu ele e ligou o motor pra ir buscar, e ele subiu no barquinho e começou a se sacudir e choramingar que ele é só um taxista, e os pescadores vão embora, e eu não tô mais na fossa, não tô mais proclamando uma sentença em um julgamento, eu não tava mais na fossa mesmo, aquilo tinha acontecido há mais de ano, tudo tinha acontecido há mais de um ano, e tudo aconteceu entre o tiro na minha cabeça e o tiro no meu coração, em um segundo, todas as últimas coisas que eu tinha feito na minha vida reprisaram na minha cabeça ao mesmo tempo, e aconteceram lá atrás, e aconteceram agora, e aconteceram uma depois da outra e também todas ao mesmo tempo, mas além disso tudo ainda tinha o Trevor vazando sangue, e tinha o Lloyd sentindo a morte crepitando em sua garganta, e tinha eu, cavalheiros. Tinha eu.

ALEX PIERCE

Do it light, do it through the night. Essa merda tem que dar certo. Tira essa bosta dessa música da cabeça, puta merda, mas que caralho. Se você continuar com essa merda você vai acabar dando uma mexidinha, uma rebolada, ou vai — sei lá, caralho, qualquer merda — e ele vai acabar percebendo e você vai acabar numa porra numa cena do crime, com o contorno do giz à sua volta, morou, neném, porque você acordou com essa bosta dessa música balançando a bunda suada dela dentro numa calça de poliéster na sua cabeça. Eu sabia que, cedo ou tarde, o branquelo aqui acabaria pagando caro por ser o único branco que sabia dançar. O lado direito do meu cérebro tá dizendo pelo menos você foi fisgado por um negócio um pouco melhorzinho que o “Disco Duck”. Pelo menos talvez eu ainda esteja dormindo. Eu devo estar. Vou bater os dedos no travesseiro. Quatro significa que eu estou sonhando, cinco que estou acordado. Um, dois, três, quatro, cinco.

Filha da puta.

Mas e se eu estiver sonhando que isso é real? E se eu estiver num sonho dentro de um sonho? Li em algum lugar que é isso que acontece quando você morre. Esquisito pra caralho, Jesus Cristo. Respira devagar. Ou nem respira. Não, respira devagar. Não, ele vai notar, ele vai saber que você não tá dormindo. Espera, eu sei o que é isso. Quer dizer, tem que ser, bicho, você só tá tendo uma bad trip. Você só tá no meio de um revertério, e é isso que você merece por não ter ido buscar o pó na esquina da 42 com a 8, que foi onde o carinha da 41 com a 5 me mandou. Mas pera lá um pouquinho, eu não tô viajando. Eu nunca fico doidão na

Jamaica. A Jamaica por si só já é uma viagem e, Jesus Cristo, chega de ficar pensando tanto nas coisas. Desse jeito, daqui a pouco você vai começar a pensar em voz alta — será que eu disse alguma coisa? Jesus Cristo, Jesus Cristo, Jeesusscriiiiiisto, chega, porra, chega, Alex Pierce. Sossega o facho agora mesmo, sossega essa M.E.R.D.A. desse facho. Fecha os olhos e tenta alcançar aquele sonho que te escapou pelos dedos, vai lá e se agarra nesse sonho, e quando você acordar não vai ter um cara sentado na beira da sua cama. Melhor ainda, não vai ter um cara abrindo a sua porta, entrando no seu quarto bem quando você tava acordando, porque, na real, você nem dormiu, você não tava mesmo conseguindo dormir naquele quarto que parecia uma câmara de tortura. Nenhum cara entrando, indo até a janela pra abrir as cortinas, procurando alguma coisa na sua camisa — não olha, caralho, não olha — e sentado na sua cama. Nenhuma série de cliques e clagues e tiques e taques. Feche os olhos. Simples assim, isso vai dar certo, ISSO VAI DAR CERTO.

Estou no Hotel Skyline. Eu tinha me hospedado há dois dias, embora estivesse em Kingston há cinco meses e na Jamaica há oito. Oito meses desde que a Lynn tinha me dado um ultimato, ou a Jamaica ou ela. Que filha da puta, eu até esperava que ela não entendesse meu trampo, mas eu imaginava que ela fosse demonstrar um mínimo de respeito pelo que eu tinha que fazer. Não é que ela não gostasse. Porra, eu levaria numa boa até se ela odiasse meu trampo. Odiar, pelo menos, seria alguma coisa. Mas, puta merda, ela tinha sido tão indiferente que aquilo me deixou louco, e o pior de tudo é que ela estava me dando um ultimato sobre uma coisa para a qual ela não estava nem aí. Sim, eu tô dando um jeito de jogar a culpa toda em cima dela. Mas, juro por Deus, eu pensei que ela tivesse dito o livro ou eu como se estivesse jogando verde, só pra ver o que eu ia dizer.

E isso é o mais foda: qualquer uma das duas respostas teria sido satisfatória. O que eu penso disso agora? É, eu tô meio que odiando ela

por ela não me odiar. Eu a odeio por ter entrado no meu escritório lá no Brooklyn, tá bom, no meu quarto, que tinha aquela mesa com os pés de madeira, e dito hoje é seu dia de sorte, meu bem. Você pode optar entre esse seu livro sobre a Jamaica que não tá indo a lugar nenhum, ou esse relacionamento, que também não tá indo a lugar nenhum, porque alguma dessas duas coisas tem que dar em alguma coisa. Eu disse, Jesus Cristo, você andou ouvindo muito *Slow Train Coming*? Você não podia ter escolhido uma hora pior pra começar a gostar de Bob Dylan. Ela disse que eu era babaca e paternalista, e que eu tinha que responder a pergunta dela. Eu disse que eu tinha lido bastante sobre um lance novo na psicologia que eles tão chamando de chantagem emocional, e que por isso eu me recusava a responder aquela pergunta. Ela olhou bem pra mim e disse bom, então a sua resposta tá bem aí, e saiu do meu quarto, do nosso quarto. Jesus Cristo, eu daria qualquer coisa pra ter levado um tapa, talvez eu devesse ter dado um tapa nela.

Não sei o que eu tô pensando. Que eu devia ter escolhido ela, beleza, nossa felicidade teria se transformado num ato de vontade, e a gente teria deixado passar mais dois anos pra só então admitir que a gente tava morrendo de tédio um do outro, mas talvez eu merecesse aquilo, me transformar no maridinho entediado e satisfeito, se esforçando pra produzir uma gravidez por pena, quem sabe daí eu não tivesse acordado com um marmanjo sentado na beira da minha cama olhando pro chão. Entediado no Brooklyn, isso seria engraçado. Ei, Dear Abby, eu já tinha arrumado uma solução e eu ainda nem tinha um problema.

A verdade é que eu voltei pra Nova York sabendo que tinha um buraco do tamanho do Terceiro Mundo no meu peito, e eu também sabia que ela nunca o preencheria, mas, mesmo assim, tentei fazer com que ela o preenchesse. E talvez eu me ressentisse por ela jamais ter tentado, por ter feito todo aquele drama sobre como ela não conseguia ser a Mulher Maravilha, e terminado comigo no meio de uma choradeira, e depois

ainda ter escrito uma música ruim à la Carly Simon a meu respeito. Eu pus no lugar dela uma garota que me tratava da mesma maneira que a Jamaica, minha outra garota, me trata, o que significa que o que a gente tem pode até ser legal, mas você está se enganando se acha que algum dia eu vou me envolver além de um certo ponto com você. Talvez eu tenha me apaixonado por ela pelo mesmo motivo que eu me apaixono pela Jamaica o tempo todo. Eu sabia desde o começo que não ia dar certo, mas isso não me impediu de ir adiante do mesmo jeito. Por quê? Puta merda, não sei. Se eu faria do mesmo jeito se eu soubesse o porquê? Porra, provavelmente.

Enquanto isso, tem um marmanjo sentado no canto esquerdo da minha cama, olhando pro chão. Eu acho que ele tá olhando pro chão. Eu só levantei a minha cabeça uma vez, e me caguei na mesma hora que eu fiz aquilo — com certeza ele tinha percebido. Talvez não tivesse. Tem um marmanjo sentado tão de leve na minha cama que eu mal sentia sua presença ali, a não ser pelo fato de ele estar em cima do lençol, que agora está esticado e prende a minha perna direita perto das suas costas. Só Deus sabe onde está a minha perna esquerda, mas deixa ela paradinha lá. Deixa lá. Você vai ficar bem. Bicho, você tinha que ter voltado a dormir, esse era o plano, lembra? Beleza, é só fechar os olhos e fingir que está dormindo até que você durma de verdade, e quando você acordar ele vai ter ido embora. Pare de achar que não vai dar certo, seu cagão, você ainda nem tentou. Só fecha os olhos. Com tanta força que vai escorrer uma lágrima. Fecha com força e conta os segundos, 12345 — muito rápido, muito rápido pra caralho — 1... 2... 3... 4... 5... 6... — mais devagar, mais devagar, e quando você abrir seus olhos ele vai ter sumido. Ele vai ter sumido — não, ele ainda tá aqui.

Ele ainda tá aqui. Olhe pra ele com $\frac{3}{4}$ dos seus olhos fechados. Ele acendeu uma luz? O pau no cu acendeu a luz? Quem é que acende a luz, caralho? Não, não olha. A calça é preta, não, azul-marinho, tenho certeza

de que é azul-marinho, e a camisa também é azul. Ele é careca? Ele tá segurando a cabeça com as mãos? É branco? Mulato claro? Ele tá segurando a cabeça com as mãos? Quem é que usa camisa azul-marinho combinando com a calça — não olha. Será que ele vai embora se eu roncar? Que merda. Talvez eu deva me virar. Todo mundo se vira na cama, se eu não me virar ele vai saber que eu não tô dormindo. Mas e se quando eu me virar ele tomar um susto e fizer alguma coisa? Minha calça jeans ainda está na cadeira perto da mesa, a mesa na qual eu não estou conseguindo trabalhar. A carteira tá quase caindo do bolso. Passe de ônibus, camisinha, trinta paus, não, cinquenta, por que é que eu estou revisando tudo que tem na merda da minha carteira? Uma embalagem vazia de Kentucky Fried Chicken, um rango que é cultuado em Jamdown, cadê a merda da minha mochila? Será que ela tá nos pés dele? É pra ela que ele tá olhando, será que ele tá fuçando nela? Alex Pierce, seu covarde de merda, levanta e fala que porra é essa, meu chapa, tá achando que esse quarto é teu?

Como é que é? Ah, puta merda, irmãozinho, pensei que era o meu quarto.

Parece o teu quarto isso aqui?

A gente tá num hotel, bicho, o que é que tu acha?

Me pegou nessa.

Bicho, eu fiquei muito doidão ontem de noite, caralho, nem sei como é que eu cheguei aqui em cima, e na real a culpa é tua por não ter trancado a tua porta, deixando o caminho aberto prum bebum que nem eu entrar. Ainda bem que tu não é uma gostosa, senão já teria acordado com o meu pau enfiado em você, e ele ia ficar aí até domingo.

Ainda bem que eu não sou uma gostosa.

Não mesmo?

Tá, você precisa dar o fora — puta merda, com quem eu tô falando? Eu só pensei ou eu falei isso? Ele não se mexeu. Ele não tá se mexendo. Ele

ainda não tá se mexendo.

Coloca tua cabeça no lugar, bicho, porra. Coloca no lugar. Respira devagar, respira devagar. Talvez eu devesse cutucar ele com o pé. Quer dizer, esse hotel é um lugar seguro. Talvez ele esteja hospedado no 423, foi só um engano, sério, e talvez eu tenha deixado a porta aberta, ou talvez o hotel estivesse sendo muito sovina e dando a todos os hóspedes a mesma chave achando que ninguém jamais teria um motivo para descobrir, porque todo mundo sabe que brancos que viajam atrás de diversão para um país de Terceiro Mundo, onde ninguém jamais vai fazer nenhuma pergunta, nunca vão voltar bêbados pro hotel.

Deus, eu queria poder parar de pensar. Volta a dormir, bicho, volta a dormir que quando você acordar pra valer ele não vai mais estar aqui. Isso vai ser que nem... que nem... sabe como é que vai ser? Que nem deixar uma janela aberta quando você vê que tem uma lagartixa na sala. Por favor, feche os olhos. Ao lado da embalagem do Coronel Sanders, a surrada máquina de escrever que é pesada demais. Será que se eu sussurrar quanto ela vale ele vai pegar e ir embora? É bem típico de um escritor achar que um ladrão vai dar alguma importância pra livros. Jesus Cristo. O Mannix já teria pegado esse abajur pra bater no cara a essa altura. Pega esse troço pela base e bate bem na nuca dele. A vida não se move a vinte e quatro quadros por segundos. O Barnaby Jones teria tentado fazer alguma coisa. A *Police Woman* teria tentado fazer alguma coisa, e ela nunca fazia nada.

À minha esquerda, a mesa, à minha direita, o banheiro, e no meio disso tudo, o marmanjo. O banheiro tá a um metro e meio daqui. Um metro e oitenta, não pode ser mais que dois metros. A porta tá aberta. Será que tinha uma chave? Tinha que ter uma chave, toda porta de banheiro tem uma chave, não, nem todas. Eu vou simplesmente saltar dessa cama, tirar o meu pé praticamente debaixo dele e dar um pulo, talvez correr na direção da porta — eu conseguiria entrar no banheiro antes dele me

pegar. Seriam uns dois passos, no máximo três. O piso é acarpetado, então eu não vou escorregar. Ela tá bem ali, a porra da porta do banheiro tá bem ali, e tudo que eu tenho que fazer é correr até lá e bater a porta, segurar a maçaneta com força se não tiver uma chave, e tem uma chave, tem que ter uma chave, tem que ter uma, senão, porra, eu vou... fazer o quê, mesmo?

Eu tava quase me levantando pra começar a correr quando ele joga o corpo pra trás e prende a bosta do meu pé debaixo da bunda dele, e ele vai ter tempo suficiente pra me acertar com aquele facão, porque certamente ele é jamaicano, então o filho da puta deve estar com um facão na mão, ele vai ter tempo suficiente pra me acertar na coxa pra que eu não possa correr, e ele vai acertar aquela artéria que eu ouvi falar, aquela que se você corta, você sangra até morrer em questão de segundos, e não tem nada que ninguém possa fazer a respeito — por favor, não deita em cima do meu pé, seu filho da puta. Talvez eu devesse simplesmente dar um pulo, como se eu estivesse num filme de terror e tivesse acabado de acordar de um pesadelo, e chutar bem forte as costas dele, ou melhor, a lateral, e enquanto ele tenta fazer o que quer que esses vagabundos costumam fazer, se recuperar do susto, procurar pela arma, qualquer coisa, eu corro direto pra porta bem na minha frente, que vai estar aberta, porque foi por onde ele entrou, saio correndo pelo corredor vestindo a minha cuequinha e começo a gritar estupro tiro socorro polícia qualquer coisa porque a verdade é o seguinte: ele só podia estar ali por engano.

Irmãozinho, tu tá me ouvindo? Tá na hora de tu pensar em descolar um berro pra tu.

Berro?

Berro. Acho que uma Beretta combina com tu.

Que porra é essa? Não, Padre, eu não quero uma merda duma arma. Você sabe o que sempre vem junto com uma arma? Gente morrendo.

Mas é essa a ideia, grande.

Gente errada morrendo.

Depende de quem tá na frente e de quem puxa o gatilho.

O que é que eu vou fazer com uma arma? Porra, pra que é que eu preciso duma arma?

Melhor tu perguntar quanto tempo eu demoro pra te arrumar uma dessas, e se ela é fácil de usar.

Beleza. Quanto tempo tu demora pra me arrumar uma dessas?

Tá na mão.

Putá mer...

Toma aqui.

Quê? Não, porra. Não.

Irmãozinho, pega o berro.

Padre...

Segura esse berro, tô te falando.

Padre...

Irmãozinho, pega isso e vai aprendendo a usar.

Não, Padre, eu não quero porra nenhuma de arma, Jesus Cristo.

Eu disse que tu tem que querer?

Os homens jamaicanos adoram se comunicar por meio de enigmas. Um dia eu queria dizer pra ele olha só, Padre, todo esse monte de charada não te deixa nem um pouquinho mais inteligente. Mas aí eu perderia meu melhor informante em Kingston.

Quanto tempo faz que a gente se conhece?

Não sei, uns dois, três anos?

Eu já te disse alguma coisa que não fazia sentido?

Não.

Então, pega essa arma. Ou uma faca. Pega alguma coisa, irmãozinho.

Por quê?

Porque depois da terça vem a quarta. E o que tu faz na terça muda o tipo de quarta que tu vai ter.

Jesus Cristo, Padre, você não consegue falar direito uma vez na sua vida?

Tu achou que eu não ia descobrir? É eu quem falo tudo que tá rolando pra tu, lembra? Eu sei tudo que tá rolando com todo mundo. Até com tu.

Por favor, não se estica mais na cama, não rola em cima dela, não encosta na minha perna, ele tá de pernas cruzadas? Ninguém cruza as pernas, só as bichonas dos britânicos cruzam as pernas. Ele tá olhando pra mim agora, eu tô sentindo aquele lance quando sua nuca começa a formigar porque você sabe que tem alguém olhando pra você. Agora comecei a sentir uns espasmos nela também, e essa merda não vai parar. Como é que ele tá olhando pra mim? Inclinando o pescoço que nem um cachorro que tá te achando muito estranho, ou que nem aquelas criancinhas jamaicanas que ficam me olhando sem entender direito o que está acontecendo e se perguntam se Jesus voltou mesmo, por que ele tá usando um jeans tão apertado? Será que ele vai esticar o braço e me pegar pelas bolas? Será que ele consegue me ver por baixo dos lençóis?

Irmãozinho, tu tá sabendo que tu ferrou com tudo? Tu tá sabendo que tu ferrou com tudo legal? Eu nem queria estar falando com tu, agora.

Que que foi agora? Sobe aí, irmão, tá chovendo. Vou dizer pra recepção te deixar subir.

Eu gosto quando Jah decide me dar um banho.

Isso é ridículo, Padre. São nove e meia da noite. Eu mal tô te ouvindo com esse monte de trovão.

Segunda passada, quando tu veio falar comigo, tu disse Padre, eu só queria fazer uma pergunta pro homem. Eu disse pra tu, tu pode perguntar, mas, um, talvez ele não responda e, dois, se ele responder pra tu, tu não vai gostar da resposta. Tu lembra disso?

Claro que eu lembro disso, foi pra mim que tu disse que era pra ter cuidado com o que eu fosse perguntar pro Papa-Lo.

Ah, não é do Papa-Lo que eu tô falando. Não foi só pra ele que tu fez pergunta esse dia.

Hã? Tu tá falando do Shotta Sherrif? Não foi você quem armou aquela, fui eu.

Eu tô falando do maluco do PTJ, irmãozinho. Tu falou com o Josey Wales.

Sim. E qual é o problema? Ele tava lá. Eu perguntei se ele topava jogar um pouco de conversa fora comigo, ele disse que sim, daí eu perguntei.

Eu também disse pro camarada que a minha boca ia ter que fechar logo, logo, porque eles começaram a sentir cheiro de cagoete em mim. Irmãozinho, eu só tô falando a verdade, não tem nada de cagoete em mim.

Eu sei que tu não é cagoete. Entra aí, irmão.

Eu também disse pra tu que nem todo mundo em Jamdown vira idiota quando vê gente branca. Não vai lá na favela sem o teu passaporte da favela.

Padre...

Não vai sem o teu passaporte da favela, eu disse pra tu.

Padre, tu não acha que isso tudo é papo-furado?

Eu disse pra tu não ir pra certos territórios antes de ter certeza de que certas pessoas estariam avisadas. Eu disse pra tu não ir pra certos territórios a menos que eu fosse junto com tu.

Padre filho da puta, eu demorei um tempo pra entender que ele não era exatamente quem ele dizia ser. Mas aí eu fiquei pensando que a única maneira de ter acesso às informações que vêm do topo é sendo da ralé. Faz sentido, um informante está sempre na posição mais baixa, não importa aonde você vá. Eu não imaginava que eles seriam sempre a mesma pessoa, exatamente o mesmo chapa, em qualquer país que você for. Parte rato, parte mentiroso, parte apenas um fodido patético manco duma perna que sabe que ele só é importante se ele disser que é importante. Especialmente esse aqui, que falava num fluxo interminável, como se ele próprio tivesse escrito o Deuteronômio sozinho. Passaporte da favela meu cu, os marmanjos de Eight Lanes com quem eu acabei falando achavam que aquele cu cagado era a maior piada da favela. O

Padre tá achando que o papo mole dele vale alguma coisa aqui em Eight Lanes? Tu acha que tu só pôde vir até aqui porque o Padre disse que tu podia ou veio junto com tu? Sabe por que chamam ele de Padre?

Ele me disse que era porque ele é o único homem que pode andar por Copenhagen City e por Eight Lanes.

Porra, tu tá te brincadeira que ele disse isso pra tu? Ô, tu ouviu só o que o Padre disse pra ele, irmãozinho?

É mentira?

Não, bicho, nem tudo é mentira, mas não é porque ele não tem o poder de Jesus, o arrombado tá sempre falando que vai te dar cinco fatias de pão e dois peixes.

Hã?

O Padre circula em todas as favelas porque ele é o único chapa de quem nem os cagões têm medo. Por que tu acha que chamam ele de Padre?

Bom, porque...

Escuta essa, branquinho. Fazia muito tempo que o Padre queria ser um malaco, e dos grandes. Muito tempo. Ele chegava pro Don todo dia e dizia Don, porra, tu não me descola uma arma aí? Tu não me descola uma arma? Tu não tá vendo que eu nasci pra ser bandido? Bom, o Shotta Sherrif ficou de saco cheio daquele arrombado amolando ele todo dia e deu uma arma pra ele. Aí tu nem sabe o que que o pivete fez. O moleque meteu a arma na cueca e de repente cabum! Ele atirou no pau dele. É um milagre ele não ter morrido.

Eu perguntei uma vez pro Shotta se ele tinha tirado a trava de segurança de propósito, mas até hoje ele não me respondeu.

É um milagre que ele não tenha se matado depois dessa. Quer dizer, se tu não consegue meter na buceta, pra que é que tu quer viver?

O irmão ainda tem língua.

Que é que tu disse?

Eight Lanes. Isso era verdade, o Padre não tinha agitado porra nenhuma pra mim em Eight Lanes. Eu só perguntei pra senhorinha nervosa do Conselho de Igrejas da Jamaica se eu podia falar com algumas das pessoas que tavam por trás daquele acordo de paz. Ela fez uma ligação e quando eu me dei conta ela tava dizendo você pode ir lá embaixo amanhã. Os jamaicanos sempre falam desse jeito: ou as coisas ficam aqui em cima e lá embaixo, ou lá em cima e aqui embaixo. Não era nada parecida com Copenhagen City, isso com certeza. Você vai se enfiando pelas vielas do mercado e, se você conseguir não ficar tonto com todas aquelas coisas, barracas de madeira cheias de bananas e mangas e ackees e toranjas e jacas, e vestidos cheios de babados e gabardine para fazer calças e, não pisque, senão você pode perder, papéis de enrolar cigarro, e reggae pulsando, sempre pulsando, músicas que você nunca vai ouvir no rádio, talvez você seja capaz de atravessar a pé quase toda Lane Number One de Eight Lanes.

Mas toda rua tem uma esquina, e em toda esquina tem de quatro a seis caras que tão o tempo todo no seu limite, prontos para entrar em ação. Como eles me deixaram em paz eu concluí que, a essa altura, graças ao Cantor, eles já tavam acostumados a ver gente branca perambulando pelo seu território. Ou melhor: ninguém faz nada sem a autorização dos Dons. Não tem nada no mundo como a visão de quatro moleques famintos, loucos pra te dar um bote, presos por uma coleira invisível. O Padre tava tão preocupado em me alertar sobre Copenhagen City que nem passou pela sua cabeça que eu pudesse ir até Eight Lanes. Ele só falou nisso um dia antes de eu vir até aqui. O Padre acha que eu tô comendo na mão dele. Ele também acha que eu sou um americano estúpido que só tá vivo por causa dele. Mesmo assim, vai saber. Ter vindo aqui pode ter sido uma grande estupidez.

E pensar que eu me esforcei tanto pra não ser colocado no mesmo balaio que aqueles filhos da puta da Costa Norte com suas camisetas

escrito *Jamaican Me Crazy*, mas quantas vezes você pode dizer irmão, eu conheci a verdadeira Jamaica? Eu tava aqui com os Stones quando eles tavam gravando *Goats Head Soup* no Dynamic Sounds, embora eu não tenha nada a ver com o fato do disco ser uma merda. E de 1976 em diante, o Peter Tosh já não pedia mais insistentemente pra que eu fosse embora quando ele me via na mesma sala. E você tinha que estar lá quando eu disse pro Cantor que a sua versão de “And I Love Her” era o cover dos Beatles que o Paul McCartney mais gostava.

Então, não, eu não tenho medo de mergulhar nas favelas de Kingston. Mas, meu Jesus Cristinho, barra pesada é uma coisa, aquilo ali já era outra história. E é o tipo de coisa que parece que você nunca viu antes, apesar das centenas de vezes que você já viu. Eu já tinha tentado traçar paralelos antes disso, mas você simplesmente não consegue quando está lá. Você passa por aqueles garotos na esquina e não te ocorre levantar a cabeça e dar uma olhada nos arredores. Daí você passa pelos garotos e vê os homens jogando dominó. O cara de frente pra mim tinha puxado o braço bem lá atrás, se preparando pra bater com força na mesa, provavelmente ganhando o jogo, e ele tinha um sorrisinho no rosto, mas ele me viu, e daí a velocidade do braço diminuiu, e ele simplesmente colocou a peça de dominó na mesa, bem delicado, como se a jogada em si fosse tão fraca que ele estivesse com vergonha que um branco visse aquilo.

Você segue em frente e fica se perguntando se não acabou de virar a atração do lugar. Você já esperava que as pessoas fossem ficar olhando pra você, até mesmo encarando, mas tem uma coisa que você não esperava, que é essa coisa do cinema. Tudo começa a se mover em câmera lenta e os seus ouvidos escutam o silêncio como se estivesse no volume máximo, e você se pergunta se a música tinha parado de tocar em algum lugar, ou se algum vidro tinha se quebrado, ou se duas mulheres levaram um susto, ou se estava tudo em silêncio o tempo todo. E você passa pela primeira casa, não, não é uma casa, talvez alguém more aí, mas definitivamente isso não

é uma casa, e você tenta não olhar além das três crianças que estão na entrada. Mas você acaba olhando mesmo assim, e se pergunta como é que ela é tão iluminada? Tem um espaço entre as casas ou ela não tem teto? Mas a parede é azul, e você fica se perguntando quem foi que teve a ideia de pintar uma casa como aquela.

O menorzinho, vestindo uma camiseta amarela do Starsky & Hutch que ia até o joelho, sorriu, mas as duas meninas, ambas mais velhas, já tinham sido ensinadas a não fazer aquilo. A que estava no primeiro degrau, que dava quase na rua, levantou o vestido pra mostrar que estava usando uma bermuda jeans por baixo. A porta atrás deles está tão maltratada pelo tempo que parece um destroço de um naufrágio, mas procuro não olhar muito pra ela, também, porque a menos de um meio metro dali tem uma mulher na escada, penteando o cabelo da maior das meninas no degrau de baixo. E entre as três crianças e a mulher — mãe? — há um muro de tijolos com tantos tijolos faltando que parece um tabuleiro de xadrez. Alguém tinha começado a pintar de branco, mas desistiu no meio. É um troço que te surpreende negativamente, porque foi o PNP quem ganhou a eleição, e essa é uma área do PNP. Eu esperava que sua própria favela fosse um pouquinho melhor, mas ela era pior do que a área do PTJ. E pior é sempre um conceito relativo em Kingston, e — puta que pariu, tem a porra dum marmanjo sentado aí na minha cama e eu aqui pensando na porra duma favela que fica a dez quilômetros daqui.

Que merda, bicho, senta direito, não te deita ainda mais na cama. Você já tá aqui há, o quê, uns dez minutos agora? Você tá dormindo? Eu já fiz isso, apoiei minha testa nas minhas mãos e meus cotovelos nos joelhos, mas geralmente eu não durmo, eu fico viajando, eu sei lá. Que se foda, eu vou me virar. Qual é o pior que pode acontecer? Ele levar um cagaço de alguns segundos até se dar conta de que eu ainda tô dormindo. Seria perfeitamente normal eu me virar, ele acharia estranho se eu não me

virasse um pouquinho. Será que não? Eu queria ver o rosto desse merda. Ele tá coçando atrás da cabeça, e agora eu tô vendo que ele é careca, e suas mãos parecem de mulato, talvez meio vermelho. Ou será que é o sangue acumulado ali? Eu vou me virar e dar um chute nas costas dele. Sim, é isso que eu vou fazer.

Não. Eu só queria acordar na bosta do meu quarto de hotel e pedir uma bosta numa xícara de café, que seria uma merda, porque esse é um hotel de quinta categoria que acha que os americanos são burros demais pra saber que gosto um café de verdade deveria ter, o que é meio verdade se você sempre bebe aquela merda até a última gota, mas eu ia beber do mesmo jeito porque eu precisava manter a minha boca ocupada enquanto eu transcrevia essa porra dessa fita de ontem que talvez nem tenha nada de muito suculento nela.

E daí eu vou pegar minha mochila e vestir meu jeans e pegar um ônibus e ficar olhando pras pessoas pensando puta merda, tem um branco no ônibus, só que elas não iam pensar desse jeito, e eu ia simplesmente cuidar da droga da minha vida, e descer na parada de ônibus em frente ao *Gleaner* e conversar com o Bill Bilson, mesmo ele sendo um tremendo fantoche na mão do PTJ e do governo americano, que vivia passando um monte de besteira praquele cara do *New York Times*. Mas no fundo ele é um cara legal, e está sempre disponível pra dar uma declaração anônima, e tudo o que eu queria era perguntar pra ele: se o Josey Wales não conseguia lembrar que dia o Cantor foi baleado (e que tragédia, aquilo), como é que ele me disse que atiraram nele bem quando ele ia alcançar uma toranja pro empresário dele, sendo que ninguém sabia desse detalhe além do Cantor, do seu empresário e de mim, já que eu fui a única pessoa com quem eles falaram sobre isso. Quer dizer, não que seja um segredo ou algo assim, mas é o tipo de detalhe que um entrevistado só deixa escapar depois que você já fez o longo e duro trabalho de fazer com que ele se sentisse à vontade.

É claro que não vou mencionar a toranja, só o fato desse Don aparentemente conhecer muito bem os mínimos detalhes dessa tentativa de homicídio, embora eu não deva trazer esse assunto à baila. Da última vez que eu perguntei ao Cantor quem tentou matá-lo ele olhou pra mim, sorriu e disse que aquilo era confidencial. Eu também não falei sobre isso com o Josey Wales porque, sei lá, da última vez que eu conferi não tinha BICHINHA DE MERDA tatuado na minha testa.

Merda, não tô conseguindo pensar direito. Não foi isso que aconteceu. Quer dizer, isso ainda não tinha acontecido, eu tava chegando em Eight Lanes, procurando pelo Shotta Sherrif, não pelo Josey Wales. Por que caralhos eu tô pensando no Josey Wales? Ele nem é o tipo de camarada em quem as pessoas costumam pensar, e eu aposto o que você quiser que ele prefere desse jeito. O Josey Wales é Copenhagen City. Isso foi depois, Alex Pierce. O que você ouviu em Eight Lanes te levou até Copenhagen City, só para esclarecer alguns pontos. Mas, primeiro, eu estava em Eight Lanes. E se eu estava em Eight Lanes, era pra ver o Shotta Sherrif. Eu queria saber se o acordo de paz ainda tava de pé, levando em conta os diversos assassinatos ocorridos em Orange Street e Pechon Street na semana anterior, quando um molequinho do PTJ atirou num molequinho do PNP por causa da sua namorada. E também sobre aquele último confronto com a polícia no qual os camaradas de preto e vermelho ficaram com um carregamento de armas e munições do tipo que você não encontra nem com a Guarda Nacional dos Estados Unidos.

É claro que eu jamais poderia perguntar uma coisa dessas. Depois de passar pelo comitê de boas-vindas que me abriu o jogo sobre o Padre, eu o encontrei sentado debaixo da luz de um poste, esperando por mim. Irmãozinho, eu tava esperando por tu há um tempão. Comunicação na favela, mais ultrapassada e ao mesmo tempo mais avançada que o telefone. Ele tava sentado ali, num banco de metal tirado de um bar de verdade, há dez metros de distância da esquina de onde eu tinha vindo, fumando um

cigarro, tomando uma Heineken e assistindo ao jogo de dominó. Parecia ser o tipo de chapa pra quem você chega e pergunta e aí, tu conhece esse camarada chamado Shotta Sherrif?

— Sabe, esse não é o tipo de lugar em que as pessoas esperam ver um banco desses.

— Nem a segunda vinda de Jesus Cristo. Com um gravador.

— Peguei. O pessoal diz muito isso.

— Como assim pegou?

— Deixa pra lá.

Ele também sabia que eu tinha vindo falar sobre o acordo de paz. Aconteceu que ele e o Papa-Lo acabaram parando no xilindró ao mesmo tempo, bem quando um bando de facínoras tentou apagar o Cantor, e como qualquer grupo de homens razoáveis que seja colocado junto no mesmo lugar, eles começaram a conversar. Quando você vê, já tinha um acordo de paz, e até o Jacob Miller fez uma música sobre ele — tá, não era muito boa — e o Cantor voltou pra oficializar o negócio com um outro show. Eu queria saber qual tinha sido realmente o pontapé inicial do acordo, e se ele já tinha ido pras cucuias a essa altura. Perguntei a ele sobre o que tinha acontecido uma noite antes do exército matar aqueles moleques em Green Bay, que era a origem desse acordo de paz em primeiro lugar. Ele sabia quem era o Junior Soul? Nunca dá pra ter certeza se existe mesmo um pistoleiro com o nome de um cantor de doo-wop, mas, se ele existisse, com certeza o Shotta Sherrif teria ouvido falar dele. Quer dizer, ele também é fundamental pro surgimento deste acordo de paz, bom, quer dizer, de um jeito meio atravessado.

— Não, grande, sei não. Quem é? Não é dos cara lá do PTJ?

— Eles disseram que o Junior Soul era um facínora do PNP.

— Facínora?

— Um homem escuso.

— Escuso?

— Deixa pra lá. Então quer dizer que ele não era daqui?

— Nunca teve ninguém aqui com esse nome, ô, Menino Jesus.

E isso meio que foi fim de papo com o Shotta Sherrif. Antes de eu perguntar pra ele se eu podia falar com mais alguém, ele me segurou, olhou em volta pra ver se tinha alguém nos observando e disse esse acordo tem que dar certo, juventude. Tem que dar certo. Ele tava praticamente implorando. Fiz umas perguntas bestas pros homens dele, tipo assim se eles sabiam que a mulher que cantava “More More More” tinha sido atriz pornô, e depois fui embora.

O Padre me arrumou uma pessoa que ajudou ainda mais uns dias depois. Ele me levou até uma viela bem miserável, fedendo à merda, na metade de Kingston comandada pelo PTJ, pra me encontrar com um dos caras que tinha conseguido escapar de Green Bay. Era a primeira vez que eu conheceria um membro da Wang Gang. Ele me levou a um bar a cinco metros dali e simplesmente começou a falar. Corria o papo de que esse tal de Junior Soul tinha se metido em Southside, que era área do PTJ, ficando amigo dos caras da Wang Gang, e dado essa barbada de que o exército não tinha homens suficientes pra guardar uma construção que ficava lá em Green Bay. O Junior Soul botou eles em contato com uma Mata-Hari no Hotel Kingston, que disse pros garotos que em breve eles receberiam suas armas, além de trezentos dólares americanos cada, e depois trepou com três ou quatro deles pra selar o acordo. O Padre me contou sobre esse Junior Soul, mas o sobrevivente me contou sobre Sally Q, um apelido que não era nada jamaicano. Coitado, provavelmente não tinha nem dezessete anos, embora fosse meio velho pros padrões jamaicanos pra estar sentindo gostinho de buceta pela primeira vez.

Então esse tal desse Junior Soul tinha aparecido no dia 14 de janeiro, ele lembrou, quer dizer, ele lembrou depois que eu dei pra ele a minha carteira de Marlboro, setenta paus e uma fita cassete do Gerry Rafferty que eu nem lembrava que tava na minha mochila. Ele chegou com duas

ambulâncias, *o que me deixou meio cabreiro*, disse o garoto, mas dizer pra um malaco novinho que existe um lugar cheio de armas e que tudo o que ele precisa fazer é ir até lá pegar é como dizer pra um viciado que tem um pouco de heroína largada dentro duma lixeira num beco. Ele disse alguma coisa e, puta que pariu, era uma informação crucial, mas eu não consigo lembrar o que era. Tenho que checar minhas anotações. *A gente era quase tudo Rastafári, não do partido trabalhista*. Era isso. *A gente nunca se meteu com esses lances de política, morou? E ninguém manda na gente, a gente trabalha pros dois lados, morou?* Mas já era janeiro, tinha acabado de passar o Natal, e todo mundo sabia que ninguém na favela tinha dinheiro, e o que é pior, a Wang Gang tinha queimado todas as pontes com as outras gangues de Kingston.

Daí eles começaram a construir uns prédios de apartamento lá e tavam procurando uns locais pra ficarem de guarda, mas eles não te davam a arma, era tu que tinha que arrumar a tua arma. Eu tava sabendo que aquilo não tava certo desde o começo, mas quando a mãe do filho do chapa lá na zona norte diz pro chapa que o bebê precisa de comida, e quando a mãe do filho do chapa lá na zona sul diz que o teu filho tá precisando de uniforme pra escola, o camarada não pensa em certas coisas. Mas aí esse maluco das armas botou a gente em contato com o soldado e, sei lá, soldado não costuma ser tão rápido no gatilho, sabe como é? Se ele fosse um polícia eu ia chamar o Junior Soul de cu cagado e ia dar um cacete nele também. Mas a gente nunca tinha tido problema com soldado, desde que ficasse longe deles. Como eu disse, a gente nunca se meteu nessas coisas de política. Mas sei lá, quando o soldado disse que a gente tinha que ficar tudo parado ali, perto daqueles alvo, eu me joguei no chão como se eu tivesse desmaiado, antes até deles começarem a atirar. Eu saí me arrastando pelo meio dos espinheiros, e ainda por cima eu tava de pé descalço. Acho que eu só fui soltar a respiração depois que eu saí daquela área do exército e entrei no canavial. Os marmanjos tinham helicóptero pra procurar pela gente, e é um milagre que eles não

tenham me encontrado, porque aquele monte de espinho cortou meu pé tão feio que eu deixei um rastro de pegada ensanguentada até chegar num lugar seguro. Mas eu conhecia bem Green Bay. Eu salvei a vida de quatro camaradas porque guiei eles pra fora do mato, pelo meio do canavial, tem que agradecer Jesus que a cana cresceu tanto pra gente poder se esconder do helicóptero, e ainda levei até a cidade baixa, lá no colégio Sister Benedict. Um de nós deu um jeito de sair pelo outro lado, pro mar, e dois pescadores puxaram ele pra fora da água. Daí, pela primeira vez na vida, a gente chamou a polícia. Na maioria das vezes eles iam ficar felizes de vir nos matar, mas se tem uma coisa que faz o sangue da polícia ferver é quando os soldados fazem isso antes deles, já que a única coisa que polícia odeia mais que bandido é soldado. Tu acredita nessa, irmãozinho? Foi a polícia quem veio proteger a gente!

Quanto mais eu dava bebida pro cara, mais ele falava, e quanto mais franco ele era, menos as coisas se encaixavam. As Forças Armadas da Jamaica não tinham ficado exatamente de bico fechado sobre o caso. Na verdade, eu conheci o comandante do exército, que parecia ser um cara bem decente, apesar de um pouco tosco. Aqueles marmanjos eram todos da Wang Gang, ou antigos membros e aliados da Wang Gang que tinham se infiltrado na área de prática de tiro da FAJ e atirado contra meia dúzia de soldados que estavam treinando naquela manhã. Talvez eles estivessem ali para se vingar por eles terem patrulhado sua comunidade com uma mão tão pesada. Ou talvez tivessem ouvido falar que tinha um arsenal cheio de armas novinhas em folha com pouca gente pra protegê-lo. De qualquer maneira, eles tiveram o que mereciam *por vir aqui em plena luz do dia, como se fossem caubóis*. Exceto... exceto que você não pode chegar mandando bala se você não tem arma nenhuma, se você foi até ali justamente pra roubar umas armas, caralho.

Mas voltando ao escritório do Bill Bilson, quando eu disse pra ele que eu tinha trombado com um dos camaradas que tinha escapado do

massacre em Green Bay, de repente ele ficou superinteressado em saber quem era. É só um camarada, eu disse. Sabe como é, depois de um tempo eles têm todos a mesma fuça, eu completei. Era um clichê preconceituoso, eu sei, mas como os jamaicanos acham que, lá no fundo, todo branco é meio racista mesmo, aquilo foi convincente o bastante pra fazê-lo mudar de assunto. Mas enfim, daí ele me mostrou essas fotos dizendo que alguém tinha colocado na sua caixa de correio. Alguém? Quem é que tá sendo evasivo agora, eu pensei em falar, mas não falei. Em vez disso, fiquei olhando pros cinco corpos esparramados na areia. Dois numa foto, dois em outra, e todos os cinco numa foto que não tinha mais nada além das sombras dos soldados olhando pra eles, e não tinha nenhum soldado em nenhuma das fotos. Só um dos mortos tava usando sapatos. Pouco sangue, talvez a areia tivesse chupado tudo, não sei. Não é como se fosse a primeira vez que eu estivesse vendo um cadáver na Jamaica.

— Ei, Bill, qual é a dessas fotos? A FAJ sabe que você tá com elas?

— Já devem saber a essa altura. Mas também não sei se não foram eles mesmos quem vazaram.

— Ah, é? Me fala o que você ouviu.

— Não, me fala você o que você ouviu.

— Hã? Não, bicho, você primeiro. Com certeza teve alguma nota oficial. Quer dizer, isso faz quase um ano.

— Nota oficial? Soldado não divulga nota oficial. Agora, o teu amigo major...

— Ele não é meu amigo, meu chapa.

— Melhor tu dizer isso pra certos bandidos, então. Mas enfim, o major não divulgou uma nota oficial, mas ele disse que um grupo de assaltantes tentou atacar um contingente de oficiais da FAJ na sua área de prática de tiro em Green Bay. Talvez os bandidos estivessem pensando que, se aquilo era uma área de tiro, devia ter armas em algum lugar.

— Quem disse que eles eram bandidos?

— Eles eram todos de West Kingston.

— Isso é frase dele ou tua?

— Haha. Tu não é fácil, não, hein, rapaz? Enfim, ele disse que eles simplesmente baixaram lá na área deles bem no meio do dia, como se fossem caubóis. A FAJ não teve escolha a não ser atirar de volta.

— Você não precisa ter levado um tiro primeiro pra poder atirar de volta?

— Como assim?

— Nada, meu irmão. Só jogando conversa fora. Então esses caras atacaram ao meio-dia, certo? Ele disse meio-dia?

— Arrã.

— Hm. Mas...

Eu não estava entendendo. Quer dizer, vamos lá, a coisa toda tava mais escancarada que uma stripper gorda abrindo as pernas na minha frente. Ou ele é burro mesmo, ou talvez só esteja assumindo aquela postura o que os olhos não veem o coração não sente que os jamaicanos costumam adotar quando se veem bem no meio de uma questão política. O major divulgou uma nota dizendo que a gangue os atacou ao meio-dia, e eles atiraram de volta. Mas eu tô olhando pra foto, olhando pras sombras da foto, e todas as sombras que aparecem nela são compridas e alongadas. Não tem sombra alongada ao meio-dia. Essa porra aconteceu de manhã, qualquer velho cego, senil e semirretardado consegue ver isso aí. Mas eu fiquei olhando pras fotos por tempo demais. Ele percebeu que eu tinha olhado muito tempo, e ele não ia esquecer que eu tinha interrompido a minha pergunta no meio. Os jamaicanos te olham de um jeito específico quando eles finalmente sacam que você é um daqueles branquelos que se ligam nas coisas. E eles ficam te olhando daquele jeito um tempo, porque eles tão se perguntando quanto tempo faz que você tá ligado, e também se eles não andaram falando demais. Se tem uma coisa da qual os jamaicanos ainda têm muito orgulho é do seu incrível talento em manter a guarda

sempre alta, nunca deixando escapar nada. Nunca entregando nada, mesmo que elas queiram te foder ali mesmo, que mal consigam esperar por isso.

Tá, não sei como eu trouxe a Aisha pro meio disso aqui. Talvez porque eu esteja na cama. Talvez porque eu esteja na cama com um filho da puta sentado na beira dela. Eu só queria ainda usar meu relógio pra dormir. Irmão, você não pode simplesmente roubar alguma coisa e ir embora, caralho? Porra, quem é que para pra dar uma descansada bem no meio dum roubo? Ah, Jesus, não, por favor, não, por favor, não senta, Jesus, ele vai sentar no meu... ele tá em cima do meu pé. O filho duma égua sentou o rabo magrelo dele no meu pé. Ele tá se virando, puta merda. Tudo escuro, agora. O escuro vai ficando vermelho conforme a luz vai forçando sua passagem pelas minhas pálpebras. Abre devagar... não, seu idiota. Eu quero ver ele atirando em mim rapidinho? Talvez fosse melhor se ele abrisse um buraco na minha cabeça bem no meio duma frase. Talvez eu devesse morrer pensando alguma coisa inteligente. Essa é a parte em que eu penso sobre o céu e essas merdas? Minha mãe luterana ficaria orgulhosa. Será que ele acha que eu tô dormindo? Cadê o outro travesseiro? Será que ele vai colocar em cima da minha cabeça e atirar? Eu sou muito covarde, eu sou covarde demais, eu sou covarde pra caralho. Puta merda. Abram, seus olhos de merda. Ele não tá olhando pra mim. Ele ainda tá olhando pro chão. Puta que pariu, pra onde é que você tá olhando, seu filho da puta? Pra alguma mancha no carpete que parece Jesus? Achei que essas coisas só apareciam no forro do teto. Pra mancha de porra dos nojentos que dormiram nesse quarto antes de mim? Eu torço muito pra que eles tenham lavado os lençóis. Nunca dá pra saber com um hotel afastado da Half Way Tree Road.

Se você descer essa rua duas quadras, virar à esquerda na Chelsea e caminhar até o Chelsea Hotel, na outra esquina, tem um aviso bem ali na frente que diz que sob nenhuma circunstância dois homens adultos

poderão alugar um quarto. Acho que se você for um pedófilo, por outro lado, tudo tranquilo. Não sei por que tô pensando nisso, não sei por que é que, de repente, eu queria que esses lençóis estivessem bem lavados. Imagina só o tipo de lençol que ia te fazer pensar na palavra lavado. Não, bem lavado. Jesus Cristo, vai logo embora, seu filho da puta. Pelo menos não vou ficar lembrando de como eu fui um covarde de merda nisso tudo, deitadinho na cama, torcendo pra que nada caísse da minha mochila, ou que o meu pé esquerdo parasse de tremer, ou talvez ele só estivesse formigando por ter ficado dormente, como é que eu vou correr todo loco pra dentro do banheiro se meu pé tá dormente? Correr todo loco. Agora eu tô me preocupando em jamaicano. Ô, irmão, bem que tu podia ser um pervertido, né? Tu não pode apalpar minhas bolas de uma vez e depois ir embora?

Então, um soldado atirar nuns meninos em Green Bay no comecinho de 1978 foi o que levou ao nascimento do acordo de paz. A polícia promove um tiroteio menos de um ano depois, e as pessoas já tão falando como se fosse o seu fim. Geralmente quando um bandido tá andando por uma área neutra e a polícia ou o exército aparece de repente com armas, é uma cilada, que às vezes parte dos comparsas do próprio bandido. Foi o que aconteceu com uns capangas do PNP uns anos atrás (pelo menos segundo o que o Padre diz), e o que deve ter acontecido com esse marmanjo sobre o qual eu tentei falar com o Papa-Lo. Esse encontro foi o Padre quem arrumou, e sabe lá Deus o que eles pensaram de mim, afinal de contas eu cheguei lá que nem um fodido que era conhecido do Padre. De todo modo, eu não tava conseguindo entender aquela matança, já que o Padre tinha me dito que um dos termos do acordo de paz era que ninguém entregasse ninguém à polícia.

Porra, o próprio ministro meio que deu risada quando eu mencionei o assunto pra ele. Ele disse que aquilo era *em off* antes de eu começar a gravar, como se ele tivesse visto algum babaca falando aquilo num filme

semana passada, mas depois simplesmente repetiu aquilo que já tinha dito à imprensa, que aqueles homens seriam caçados que nem cães. Note que em geral são os cães quem caçam, não que são caçados, mas acho que analogia é uma coisa que você pode fazer como bem entender. Ele foi esperto o bastante para perceber que eu tava dando uma de espertinho e esse foi o fim daquela entrevista. O ministro só sabia falar abobrinha, de qualquer modo, com aquele cabelo idiota penteado pra trás com tanta força que ele chegava a andar mais reto.

Estou divagando. O lance é que uma parte importante desse acordo de paz, segundo o Padre, era que ninguém mais entregasse ninguém pra gente como o ministro. Mas, mesmo assim, eis aqui um homem morto, um pistoleiro, perdão, um ativista político, e sabendo como funcionavam as coisas no setor de inteligência da polícia, não existia a menor chance da Babilônia ter encontrado aqueles marmanjos por conta própria. A polícia jamaicana não seria capaz de encontrar um outdoor no meio da Half Way Tree com uma mulher pelada com as pernas abertas dedando a buceta e dizendo olha pra cá, Babilônia, a menos que alguém dissesse a eles onde procurar. Assim como o Padre, esse cara podia andar pelos territórios do PTJ e do PNP. Ao contrário do Padre, esse cara era muito influente, talvez o número dois ou três do Papa-Lo. Mas isso seria uma coisa e tanto, não é mesmo? Que Kingston tivesse chegado ao ponto em que um bandido tão graúdo pudesse tomar um porre com os mesmos homens cujos amigos ele talvez tivesse matado. Se você conversar com o Bill Bilson, o John Hearne, com praticamente qualquer jornalista, intelectual e pessoa de pele clara que more da Crossroads pra cima, todos vão ter um jeito diferente de perguntar quanto tempo isso vai durar, mas não porque estejam realmente preocupados. Os suspiros gigantes e as cabeças balançando tão querendo dizer isso me deixa furioso, mas, na verdade, o que eles tão dizendo é que nem isso consegue nos fazer dar a mínima. Por que é que eu tô pensando nessa merda desse acordo de paz? Nem era um

documento de verdade. Exceto que o Papa-Lo e o Shotta Sherrif voaram até Londres só pra falar sobre ele com o Cantor. Não que qualquer uma dessas coisas fosse novidade, mas puta que pariu, quem é que sabia como é que as coisas tinham passado de esperançosas para desesperadoras em apenas um ano?

Na verdade, eu sei. O Papa-Lo sabe, mas ele não fala. O Shotta Sherrif sabe, mas sabe quando uma pessoa para de te contar uma piada ou uma história porque ela se dá conta de que você já sabe o fim? Só que eu não sei, na real.

Tem um marmanjo vestido de azul-marinho sentado na beira da minha cama. Eu já tinha me encontrado com o Papa-Lo. Pouco antes desse show pela paz, eu fui até Copenhagen City com o Padre. Lá eu vi um homem grande se fazendo parecer ainda maior ao abrir bem os braços e sair abraçando todo mundo, e eu não sou o tipo de cara que fica sem graça com facilidade, mas fui pego meio de surpresa pelo abraço de urso que o cara me deu. Aqui tá todo mundo seguro! Aqui a gente só lida com paz e amor!, ele dizia, e depois ele perguntou cadê o Mick Jagger, será que ele não arrumou mais xaninha preta do que podia dar conta? Levei dois minutos inteiros pra sacar que a fama de Mick ia muito além do Studio 54.

— Você ouviu *Some Girls*? São os Stones de volta à velha forma.

— Ouvi, sim.

E fim de papo. Corta pra alguns dias atrás. Eu nunca tinha visto um homem tão grande parecer tão pequeno. Ele não teve nem forças pra xingar o Padre de cu cagado por ele ter trazido de novo aquele branquinho. Ele não queria falar sobre o chapa que tinha sido baleado pela polícia. Ele não queria falar sobre a polícia. Ele tava fazendo aquela coisa que os velhos costumam fazer, quando eles já sabem muita coisa e, finalmente, chegam a um ponto em que já entenderam como todas as coisas do mundo funcionam. Você vai entendendo como as pessoas são, e

como todo mundo é tão baixo, e vil e repugnante, como somos todos uns animais, na verdade, e esse é um conhecimento que as pessoas adquirem com uma certa idade. E não precisa ser muito avançada, porque na verdade o Papa-Lo nem é tão velho assim, ninguém fica velho na favela. Acontece na idade em que você finalmente entende uma coisa. Não sei o que é, mas é uma coisa profunda e triste e, dali em diante, você de repente se dá conta de que não tem mais por que continuar tentando. Mas como eu tava dizendo, de um ano pro outro ele tinha isso no olhar, e aquilo fazia ele parecer exausto. Não, exausto não, esgotado.

— Por que a polícia matou o teu número dois?

— Por que rosa é vermelha e violeta azul?

— Não entendi.

— O Y é uma letra toda errada, com um rabo comprido. Corta o rabo e tu fica com um V. V de vagabundo, e tu é um vagabundo.

— Como é que mataram ele?

— Dois ou três chapas armados, pelo que ouvi dizer.

— Você acha que foi o PNP que delatou o teu chapa?

— Quê?

— O PNP. Que eles entregaram teu chapa pra polícia. E por que a polícia não respeitou o acordo de paz?

— Tu é todo piadista, hein, ô, branquinho? Quem foi que te disse que a polícia assina acordo? E que lero é esse que foi o PNP que entregou ele?

— Talvez você tenha razão.

— Haha, branquinho, tu vai ver se eu tenho ou não razão.

Ele tinha razão. O Shotta Sherrif olhou pra mim quando eu mencionei a morte do número dois. Ele olhou pra mim exatamente do mesmo jeito que o Papa-Lo.

— Tempo ruim pra mim é tempo bom pra alguém, meu rapaz. Tempo ruim pra mim é tempo bom pra alguém.

— Quem foi que entregou o número dois pra polícia?

— Tu falou com o Josey Wales desde que chegou aqui?

— Só encontrei com ele uma vez.

— Ele mora lá na outra ponta. Pergunta pra ele do número dois.

— O Josey Wales?

— Eu já nem fico sabendo de mais nada que rola nas ruas. A paz acabou.

— Paz entre quem? Posso te perguntar o que isso significa? Posso te fazer mais algumas perguntas? Papa?

Acho que não. Não precisei ir atrás do Josey Wales, foi ele quem veio atrás de mim. Bem quando eu tava saindo pelo portão do Papa-Lo, não me pergunte por que eu tava andando de costas quando saí de lá, mas eu tava saindo de costas e trombei em dois caras. O careca não disse nada, nem mesmo olhou pra mim e já tava me segurando pelo braço e me arrastando rua abaixo. O Don vai falar agora contigo, disse o outro marmanjo, maior, mais forte, com dreadlocks curtinhos. Mas não é o Papa-Lo que é o Don? Uma pergunta que eu não fiz. O careca de azul, o marmanjo dos dreads de vermelho, os dois andando ao meu lado em sincronia perfeita, parecia um desenho animado. E as pessoas na rua todas virando a cara. Quando a gente passava, elas simplesmente olhavam pro outro lado, e isso foi com quase todo mundo. Todo mundo virou a cara, só duas mulheres e um homem mantiveram contato visual, ficaram me encarando de um jeito que nem parecia que tavam mesmo olhando pra mim. Como se eu fosse um fantasma, ou um forasteiro sendo expulso da cidade. Nesse sentido, é como se todas as cidades jamaicanas fossem vilarejos do interior. Eles me levaram até a casa do Josey Wales e me fizeram entrar pela porta da frente, mas ninguém me disse onde sentar. Um calendário da Esso tava pendurado sobre uma das três grandes janelas da sala de estar. Aquelas eram as únicas janelas que eu tinha visto que não tavam cravejadas de tiros. Tinha cortinas em todas elas, vermelhas, com

um padrão floral amarelo, o que significava que tinha uma mulher morando com ele.

— Belas cortinas.

— Tu tá fazendo muita pergunta, branquelo.

— Hã, eu não...

— Palavreando por todos os lados com esse seu caderninho preto.

Você escreve tudo nele?

Eu tinha ouvido falar que o Josey Wales tinha seu inglês em alta conta.

— Onde é que você aprendeu a falar desse jeito?

— Onde é que você aprendeu a cagar?

— Hã?

— Você tá deixando as perguntas inteligentes pro final?

— Desculpa, eu... eu... eu...

— Voce... você... você...

Esse tempo todo eu só tava vendo uma cabeça enrolada numa toalha, numa pessoa que tava sentada num sofá virado de costas pra mim. Aquilo era um Don de verdade, bicho, desses que ficam com um broto sentado quietinho bem do seu lado. Mas de onde é que a voz dele tava saindo?

— Essa tua boca grande ficou sem palavra rapidinho. Senta aí, branquelo.

Eu sentei na cadeira de jantar perto da porta.

— Que foi, as pessoas não sentam na sala de estar no seu país?

Levantei e fui até a sala de estar, se é que dava pra chamar disso, já que era menor do que a sala de espera de um médico. Na verdade, o sofá era cinza, e ainda tava coberto de plástico. Não tinha um broto sentado bem do seu lado. A primeira coisa que eu vi foi a regata de redinha, e depois das mãos grandes tirando a toalha da cabeça. Ele passou a toalha nos cabelos mais algumas vezes e depois a jogou para trás. Talvez ele tenha uma dessas mulheres que junta as coisas que ele deixa atiradas por aí. Josey Wales. Ele é um marmanjo grande, de fato, mais claro que o Papa-

Lo, mas seus olhos são mais puxados do que eu estava esperando, quase como os de um chinês. Sua barriga tá começando a empurrar o tecido da regata de redinha, que é o uniforme da juventude da favela, muito embora eu ache que essa ele só usa em casa. Quando um bandido jamaicano sobe na vida, a primeira coisa onde isso se faz notar é no seu guarda-roupa. Se ele coloca um pé pra fora de casa ele tá sempre vestindo uma camisa, ouvi dizer, como se pudesse ir parar num tribunal a qualquer minuto.

— Você tá sempre pronto pra escrever aí com essa sua caneta?

— Sim.

— Conheço alguns homens que se comportam exatamente assim com uma arma. Dois deles tão aí na frente da minha casa neste momento.

— E você, não?

— Nada de bom pode sair duma matraca que nem a sua. Você não acha que precisa melhorar nesse aspecto a seu respeito?

— Como assim?

— Você precisa ser mais rápido. Melhorar os reflexos, acho que é assim que se diz.

— Não estou entendendo.

— Agora mesmo, bem quando eu acabei de dizer que nada de bom pode sair dessa sua matraca.

— Isso eu ouvi, Sr. Wales.

— Só o juiz me chama de Sr. Wales. Josey.

— Ok.

— Bem quando eu estava dizendo que nada de bom pode sair dessa sua matraca...

— Eu ouvi.

— Tu tá com alguma coisa enfiada no teu cu? É por isso que você fica me interrompendo desse jeito? Como eu estava dizendo, bem quando eu estava dizendo que nada de bom pode sair dessa sua matraca, eu vi que

— você se retorceu todo. Arregalou os olhos, como se você não estivesse esperando que uma coisa dessas fosse sair da boca de um Don.

— Não é verda...

— É verdade sim, irmãozinho. Mas foi apenas um segundo, tão rápido que a maioria das pessoas não perceberia. Mas nenhum dos meus três nomes é maioria das pessoas. Você provavelmente nem se deu conta disso.

— Não, e olha que é o meu corpo.

— Gente como você não vê muita coisa. Estão sempre anotando alguma coisinha nos seus caderninhos. Você já tava com a sua matéria escrita antes mesmo de descer daquele avião. Agora você só tá acrescentando uns detalhes aleatórios pra poder dizer olha só, Estados Unidos, é assim que as coisas funcionam na Jamaica.

— Você não conhece todo mundo. Nem todo jornalista é assim.

— Você é da *Melody Maker*?

— *Rolling Stone*.

— Então o que é que você ainda tá fazendo aqui quase um ano depois?

Você gosta tanto assim de buceta preta?

— Quê? Não, não, eu tô trabalhando numa matéria.

— Você levou um ano pra escrever uma matéria sobre o Copper?

— Copper?

— Copper. Você nem sabe o nome do cara sobre quem você tá fazendo esse monte de perguntas. Copper, o chapa que interpretou errado o acordo de paz.

— Então existe um documento?

— Você não é o cara mais esperto que a *Rolling Stone* já mandou pra cá.

— Bom, também não sou o mais burro.

— Por que a *Rolling Stone* ia mandar um marmanjo pra ficar mais de um ano aqui? Que assunto poderia ser tão quente assim?

— Ah, na verdade eles não me mandaram.

— Aí sim. Na verdade, você nem trabalha pra *Rolling Stone* merda nenhuma. Nem pra *Melody Maker*, nem pra nenhuma dessas outras revistas. O *New York Times*, sim, poderia manter um repórter aqui por um ano inteiro, mas não uma revista que adora colocar viado na capa. Acho que você só tá aqui por causa de buceta preta. Que tal essa menina, Aisha? Tá te tratando bem? A buceta dela ainda é apertadinha que nem o buraco duma agulha?

— Ai, meu De...

— Parece que eu sei mais sobre você do que você sobre mim, branquelo.

— A Aisha, ela... não é minha namorada.

— É claro que não. Um branquelo como você não faria esse tipo de uso de uma mulher negra.

— Eu não faço esse tipo de uso de nenhuma mulher.

O Josey Wales ri como se tivesse dado um espirro, como se o riso saísse raspando por entre seus dentes. Diferente do Papa-Lo, que joga sua cabeça para trás e manda a gargalhada lá do fundo do seu barrigão.

— Essa resposta foi maneira, juventude. Maneira pacaralho.

— Posso fazer isso a semana inteira.

— Porra nenhuma, tu vai embora hoje mesmo.

— Era uma piada. “Posso fazer isso a semana inteira.” Eu digo alguma coisa engraçada, você ri, e eu digo que posso ficar a semana inteira contando piadas engraçadas. É de um programa de te... deixa pra lá.

— Por que você tá perguntando por aí pelo Copper?

— Bom, eu...

— Você foi falar até com aquele baixinho idiota do Shotta Sherrif.

— No fim ele não disse muita coisa.

— Por que é que esse aí teria alguma coisa pra dizer? Ele nem conhecia o cara assim tão bem.

— Vocês dois eram amigos?

— O Josey Wales ama todo mundo.

— Eu quis dizer do Copper, não do Shotta Sherrif. Ele tava bem envolvido com o Conselho de Paz, não tava?

— Ah, você acha que sabe alguma coisa sobre o Conselho de Paz, é? Aposto que você não sabia que ele era uma piada. Paz. Só tem um tipo de paz que vem aqui pra favela. É muito simples, tão simples que até mesmo um retardado pode aprender. Até mesmo um branco. No mesmo segundo que você começa a falar de paz pra cá e paz pra lá e vamos falar sobre paz, os bandidos abaixam suas armas. Mas sabe o que acontece depois, branquelo? Assim que você abaixa suas armas, a polícia levanta as dela. É uma coisa perigosa, a paz. A paz te emburrece. Você se esquece que nem todo mundo assinou o acordo de paz. Tempo ruim pra mim é tempo bom pra alguém.

— Hã? Eu podia jurar que eu já ouvi... Você tá dizendo que o acordo de paz foi uma má ideia?

— Não. Foi você quem acabou de dizer isso.

— Então o que você tá dizendo?

— O Copper é de Wareika Hills, praticamente no interior. Ele não entendia como Kingston funcionava. Daí ele veio aqui pra Copenhagen encontrar seu velho amigo, o Papa-Lo, e depois foi tomar um rum com seu outro velho amigo, o Shotta Sherrif, e tudo tava tranquilo pra ele enquanto ele estivesse ou no território do PTJ ou do PNP.

— Mas em maio ele foi até Caymanas Park, que é...

— Terra de ninguém.

— E pior, ele foi sozinho.

— Esse lance de paz transformou ele num tremendo otário. Esse é o problema com a paz. A paz faz com que você fique descuidado.

— Como a polícia sabia que ele tava lá?

— Você acha que é muito difícil encontrar um pistoleiro?

— Mas eles vieram em bando, não eram só dois policiais corruptos que tinham perdido grana numa corrida arranjada.

— Foi uma emboscada. Você gosta de filmes de caubói?

— Em geral acho tudo uma merda. Eu tenho sangue Sioux.

— Sangue o quê?

— Sioux, tipo Cherokee. Tipo Apache.

— Você é índio?

— Tenho sangue.

— Saquei.

— Sabe quem foi que armou essa armadilha pra ele? O Copper.

— Talvez ele próprio tenha se armado aquela armadilha.

— Mas algumas pessoas disseram que ele era o número dois do Papa-Lo, e que talvez pudesse se tornar o número um algum dia.

— Um homem que nem morava em Copenhagen City porque tinha medo de tiro? Quem disse isso?

— Um monte de gente. E agora que ele está morto...

— E ele morreu, veja só, por causa dos mesmos tiros dos quais ele se escondia. E daí que ele tá morto? Todo mundo na favela é substituível. Até mesmo eu.

— Entendi. Como você acha que o Cantor vai reagir a tudo isso?

— E eu lá tenho cara de babá do Cantor?

— Não, eu quis dizer... Ainda tem amor entre vocês dois?

— Não sei o que você quer dizer com isso, mas aquele chapa passou por muita coisa. As pessoas precisam deixar ele descansar. Precisam deixar ele quieto, deixar ele descansar.

— Mas ele deve ser mesmo muito dedicado à causa, pra voltar e fazer um outro show, especialmente depois do que aconteceu da última vez.

— Haha. Ninguém nunca mais tentar fazer coisa nenhuma com o Cantor.

— Aposto que ninguém achava que alguém tentaria fazer alguma coisa da primeira vez.

— Da última vez um pivete tinha deixado outro pivete tramar uma vigarice nas corridas de cavalo na casa dele. Ele não vai deixar uma merda dessas rolar de novo. Ninguém vai dar tiro no peito dele dessa vez porque não vai ter ninguém dando facada pelas costas.

— Pera aí, você acha que eles tinham ido lá pra pegar o amigo do Cantor? Que foi tudo por causa daquela corrida arranjada?

— Eu não tenho nada a dizer sobre o Cantor.

— Mas você tava falando sobre o amigo dele, não sobre ele.

— Certas árvores já tinham sido cortadas há muito tempo.

— Agora você falou que nem o Papa-Lo.

— É isso que acontece quando as pessoas começam a desaparecer. Elas passam a viver na sua memória.

— Às vezes eu falo que nem o meu pai.

— Às vezes eu aplico castigo que nem o meu.

— Ah. Sério?

— Sim, branquelo. Tem um ou outro marmanjo na favela que ainda tem um pai. Tem um ou outro que ainda tá até casado com a mãe deles.

— Não foi o que eu quis dizer.

— Tudo que você disse de importante até agora não saiu da sua boca.

— Ah.

— O Papa-Lo é o motivo pelo qual a gente vive bem aqui na favela. O Papa-Lo é o motivo pelo qual, quando eu puxo aquela descarga, eu não preciso mais olhar pra minha merda. Pra você isso é tão normal que você nem pensa mais nisso, né não, branquelo? Depois que você puxa uma alavanca, você nunca mais precisa olhar pra sua merda de novo. Sim, graças ao Papa-Lo, as pessoas da favela tão vivendo bem mesmo. O Papa-Lo e o Cantor são a mesma coisa. É por isso que a mesma coisa vai acontecer com o Cantor.

— Perdão?

— Tá perdoado.

— Você não é fã dele, pelo que entendi.

— Gosto mais do Dennis Brown.

— Ele parece ter acreditado nessa trégua.

— Tu já foi preso alguma vez, branquelo?

— Não.

— Que bom. Porque depois que te colocam na cadeia, a polícia te toma tudo na base da porrada. Não é só cassetete na cara ou chute nas costas ou soco que te arranca dois dentes pra que você não possa mais comer direito e quase decepe a língua tentando. Nem só quando eles pegam dois fios elétricos, enrolam um nas tuas bolas e outro na cabeça do teu pau e enfiam na tomada. E isso é só o primeiro dia, e nem é o pior que te acontece na cadeia. A pior coisa que tem na cadeia é como eles controlam o teu próprio tempo, todas as tuas datas, até o teu aniversário. É um negócio e tanto quando tu não consegue mais saber se é quarta ou sábado. Você perde a noção. Você perde o contato com o que tá acontecendo do lado de fora, no mundo real. Você sabe o que acontece quando você não sabe mais a diferença entre dia e noite?

— Me diz.

— Preto vira branco. Em cima vira embaixo. Gato e cachorro viram amigos. Pensa um pouco nisso: esse acordo de paz foi feito entre duas comunidades ou entre dois homens que ficaram na cadeia por muito tempo?

— O que você pensa sobre...

— Não tô aqui pra pensar.

— Não, eu quis dizer sobre o Cantor.

— Tu continua pensando que eu deveria estar pensando no Cantor.

— Não, eu quis dizer no segundo show pela paz, ano passado. Talvez ele ache que tem um papel fundamental nesse processo de paz.

— O primeiro show foi pela paz. Esse foi por banheiros.

— Hã?

— Tu trabalha pruma revista e não sabe nada de nada? Tu mais parece que trabalha prum jornal jamaicano.

— Mesmo assim, voltar depois de dois anos, depois deles quase terem matado ele.

— Eles quem?

— Eu... eu... não sei. Os assassinos.

— Que nem num filme do Bruce Lee.

— Os matadores.

— Que nem num filme do Clint Eastwood.

— Eu, eu não sei quem eles são.

— Ha, o Papa-Lo parece que sabe. Eu tenho uma pergunta sobre o Cantor que talvez só você, um estrangeiro que estudou, saiba responder. Você é estudado?

— Sim.

— Essa pergunta só um homem estudado pode responder. Você sabe o que significa artifício literário?

— Sim.

— Então, quando o Cantor levou um tiro no peito, uma bala que tava endereçada pro coração dele, você acha que ele interpretou aquilo apenas como um tiro no peito, como qualquer outro, ou como se aquilo tivesse um outro significado, ainda mais profundo? Um artifício literário.

—Artifício. Você quer dizer um símbolo?

— Tipo isso.

— Você tá me perguntando se ele pensou que quase levar um tiro no coração significava...

— Todas as coisas que um tiro no coração pode significar.

— Como é que você sabe que o tiro foi quase no coração?

— Foi o que eu ouvi.

— De quem?

— Da mística natural que paira no ar.

Quando eu falei pro Padre que tinha conversado com o Josey Wales, ele tava debaixo duma chuva e se recusava a entrar. Sabe quando mesmo no escuro você sabe como é que uma pessoa tá olhando pra você?

Tem um marmanjo vestido de azul sentado na beira da minha cama. O Sid Vicious morreu há dois dias. Ninguém sabe de bosta nenhuma, mas rola o papo de que a mãe dele deu heroína praquele merda, bem quando ele tinha acabado de sair de uma clínica de desintoxicação. O rock ficou doente e morreu na cidade de Nova York. Foi encontrado pelado, na cama, com os braços e as pernas abertas, com uma atriz que, provavelmente, também tava pelada. Tinha vinte e um. Mas também, que se foda o punk. Nosso único ponto em comum era o álbum *Two Sevens Clash*. Minha mãe ficaria orgulhosa, Deus sabe que não era a melhor das ideias a pessoa ser um audiófilo quando o hit do momento era o Hawkwind. Mas o Sid Vicious morreu há dois dias. Meses após ter matado sua namorada. É muita gente morrendo. Apenas quatro pessoas sabiam que o Cantor quase tinha sido baleado no coração. O Cantor, seu empresário, seu cirurgião e eu, porque eu tive muita sorte e o peguei num dia bom, em que ele não tentou me dar uns tapas por estar o dia inteiro perseguindo ele pelas ruas de Londres. Apenas três pessoas sabiam que ele tava comendo um pedaço de toranja, e que tinha dado metade da fruta ao seu empresário. Apenas duas pessoas sabiam que o Cantor tinha dito Selassie I Jah Rastafári, e eu só sabia disso porque tinha pegado ele num dia bom em Londres.

Putá que pariu, tem um filho da puta vestido de azul sentado na porra da beira da merda da minha cama. E eu tô começando a me sentir que nem o personagem que é assassinado no Jogo da Vida prestes a dizer pro assassino pra ele pegar a porra da arma dele e acabar logo com isso. Putá que pariu, acaba com isso de uma vez.

Minha perna esquerda tava dormente. Eu andava falando com um monte de negros e, no fim das contas, todos tinham meio que virado o mesmo e também nenhum na minha cabeça. Tem um homem careca vestido de azul sentado na beira da minha cama, alisando sua cabeça, alisando sua cabeça de mulato claro lustrosa de suor. Sua camisa é azul-marinho. A merda da minha perna esquerda ficou dormente debaixo da bunda dele. Olha pro teto, Alex Pierce. Conta os sulcos no gesso, procura Jesus. Tem um Jesus ali. Procura uma cruz. Procura a Itália, procura um sapato, procura pelo rosto de uma mulher. O marmanjo na minha cama puta merda uma arma ele tá armado o filho da puta tá armado ele tá apontando ela pra cabeça dele depois pra mim depois pra cabeça dele ele tá querendo dar uma de Hemingway por que é que esse filho da puta entraria justo no meu quarto pra se matar eu não vou servir de plateia caralho Jesus não puxa essa merda desse gatilho e espalha essa bosta desse teu cérebro nos meus lençóis limpos eles tão sujos puta que pariu de merda de porra de pentelho caralho mas porra eles são meus e eu não quero essa bosta desse teu sangue e do teu cérebro em cima deles ah ele não vai atirar em si mesmo ele vai atirar em mim puta que pariu coração para de bater ele vai escutar, ninguém consegue escutar um coração batendo sim ele consegue ele vai te ouvir ah merda ah merda ah merda, ele tá girando a arma como se pensasse que ele é um caubói em *Matar ou Morrer O Facínora Os Filhos da puta da Katie Elder* pelo menos vou morrer como um verdadeiro jamaicano isso não foi engraçado caralho isso não foi nem um pouco engraçado que se foda eu não vou morrer hoje eu não vou morrer hoje para de girar essa arma que nem se você fosse um pistoleiro que nem se você tivesse acabado de ouvir aquele *Gunfighter Ballads* todo arranhado de tanto tocar que tem na casa de todo jamaicano eu não vou morrer hoje minha mãe não vai ter que ir até o Aeroporto St. Paul em Minneapolis pra reconhecer meu corpo na porra dum caixão ou, pior ainda, até Kingston pra ficar espalhando cartazes perguntando

VOCÊ VIU ESTE HOMEM? Indo no Dick Cavett pra falar sobre o coitado do filho dela e sobre a terrível burocracia jamaicana que não presta nenhuma assistência, e sobre como é uma tremenda conspiração, só pode ser, ou talvez estivessem tentando encobrir a cagada de alguém, talvez tenha sido alguma grande incompetência que tenha levado seu filho, e ela sabia que alguma coisa tinha acontecido, alguém tinha feito alguma coisa, e ela moveria céus e terra pra descobrir a verdade, mesmo que a polícia, o ministro, e mesmo que o embaixador não erguessem um dedinho para ajudá-la, eu me tornaria uma lenda, e ela se tornaria uma daquelas velhas arruinadas, abandonada pelos filhos (ela costumava ser a melhor mãe do mundo até ficar obcecada por um fantasma), e as únicas coisas que restariam seriam seus cigarros e a sua missão, a missão de descobrir a verdade. Ela também vai aparecer no *60 Minutes* e vai voltar no Cavett, e quando todo mundo começar a esquecer, ela... daí eu não sei o que ela vai fazer.

Jesus Cristo, por favor, faz ele ir embora. Por favor, eu fecho os meus olhos, fecho pelo tempo que você quiser, mas faz com que ele tenha ido embora quando eu abrir. Você quer que eu reze? Porque eu rezo, eu juro por Deus. Juro por Deus. Juro por você. Ah, que se foda. Não vou ficar pensando em como é o céu. Porra, quem é que faz uma coisa dessas? Eu não vou fazer. Eu vou pegar e vou dizer pra ele que se você me matar aqui e agora, eu vou olhar bem no fundo dos seus olhos e vou ficar gravado na sua mente até o fim dos seus dias. Eu juro que eu vou te assombrar que nem um filho da puta, eu vou te assombrar tanto que os exorcistas vão olhar pra você e vão dizer puta merda, filho, não tem nada que eu possa fazer por você. Eu vou chamar aquela mina que enfia o crucifixo na buceta dela, a Linda Blair, e também aquela filha da puta que cometeu assassinatos em série em Amityville, e eu vou arrancar um pedaço do teu cérebro e nós três vamos morar aí, e te comer por dentro, que nem um câncer. Eu vou te assombrar, seu filho da puta. Eu vou te fazer gritar aí eu

tô vendo o capeta quando você estiver na igreja e vou te deixar cego e fazer você comer sua irmã, e vou fazer você falar sozinho o tempo todo, porque só você e eu vamos saber que você tá falando comigo. E eu vou te fazer sair da ponte e cair com o teu carro na bosta do mar e, mesmo assim, você não vai morrer, porque eu não vou te deixar morrer, eu vou te deixar viver cem anos pra te assombrar pra sempre e sempre que você tomar um banho eu vou escrever meu nome no espelho e um dia você vai ler *prepare-se para chupar rola no inferno* no teto e eu vou fazer a tua cama tremer e os teus cotovelos coçarem e você vai se coçar tanto que as pessoas vão pensar que você usa heroína e nenhum cachorro vai chegar nem perto de você porque eles conseguem sentir quando um espírito tá vivendo sem pagar aluguel na tua cabeça, então é melhor você desistir, é melhor você levantar e sair andando desse quarto agora mesmo, ou, eu juro por Deus que eu vou. Eu vou. Eu vou.

O telefone toca.

Ele pula.

Eu pulo.

A arma para no meio dum giro, depois cai no chão.

Ele me olha e vê que eu tô olhando pra ele.

Se abaixa pra pegar a arma chuta ele chuta ele.

Chuto ele nas costas e chuto mais uma vez na nuca.

Rola agora pra sair da cama — ele pega o meu pé.

Porra, me solta, caralho, ele tá me escalando.

Dou um soco, ele segura minha mão e não solta.

Tento sair da cama, tento dar um grito — uma das mãos no meu pescoço.

Um aperto. Eu tô vermelho, eu tô vermelho, eu tô cada vez mais vermelho, tem um ganso gordo vermelho sentado em cima dos meus olhos. Tosse tosse mão segura meu pescoço aperta esmaga o pomo de adão ele não tá nem aí eu não consigo socar, não consigo chutar, eu

arranho e arranho ele nem tá tentando me impedir de arranhar suas bochechas seu rosto ele me enche de tapa como se eu fosse uma vadia, como se eu fosse uma vadia de merda, tosse ele tá sentado no meu peito eu não consigo respirar não consigo respirar é como um alicate Jesus Cristo Jesus Cristo ele segura minha mão direita como se eu fosse uma vadia burra, uma vadia tão burra, uma vadia tão burra, eu sou uma vadia tão burrinha não consigo me mexer meu pescoço tá preso cabeça tá pegando fogo cabeça tá explodindo cabeça tá ficando leve ficando escuro não eu preciso falar com ela dizer pra ela que eu sabia que ela ia me largar no dia que eu a conheci que merda esse negócio de ver toda a sua vida passando na frente dos seus olhos não vai demorar agora relaxe primeiro os pés, relaxe primeiro os pés, deixa que, pelo menos, te encontrem em paz, que porra é essa o telefone tá tocando, eu dou um pulo, ele pula, mas não solta meu pescoço, e vai virando, devagar, a mão que segura minha mão, e espalma a mão sobre a minha mão, e me dá na cara com a mão e as juntas e o punho e eu dou tapa se é pra apanhar que nem mulher vou bater que nem mulher ele não tá falando nada meus dedos tão escorregando, seus dedos no meu pescoço não tão me estrangulando, só tão me segurando ele tá procurando por ela puta merda a arma a arma a arma ele olha pra ela eu olho pro abajur, uma porra dum abajur pesadão, a toalhinha de crochê, a Bíblia da Gideon, Jesus Cristo, o abridor de cartas de cortesia do hotel em cima dos papéis de carta ele se vira de costas e vira de volta e não tem arma? Não tem arma? Não tô vendo a arma nem prestei atenção quando eu peguei a ponta afiada escura por que é que ele não diz nada ele tá quase me sufocando eu seguro com força o abridor de cartas ele no meio do estrangulamento eu no meio dum golpe na direção do seu pescoço, meu punho bate bem no queixo dele parece um soco meus dedos escorregam ah, merda, não, entrou bem fundo. Ele olha pra mim com aqueles olhos arregalados debaixo das sobrancelhas levantadas, e ele não tá tocando nele, no abridor de cartas enfiado no seu

pescoço o sangue começa a escorrer e depois jorra que nem uma torneira aberta seus olhos tão fazendo aquele movimento de quem não tá acreditando no que o resto do corpo tá fazendo. Sem falar nada, ele não fala nada, só se contorce, ele sai rolando de cima de mim, por cima da cama, pra fora da cama, ele vai andando até a porta, o joelho direito dobra, ele fica de pé, o joelho direito dobra, ele cai no chão.

JOSEY WALES

Eu já sei: tem três coisas que jamais deveriam voltar. Uma é a palavra dita. A segunda eu esqueci em 1966. A terceira é segredo. Mas se eu fosse acrescentar um número quatro a essa lista, seria ele. Quantas balas precisam errar seu coração e se alojar no seu braço pra você concluir que sua casa não é mais sua casa? A bala no braço, nenhum médico poderá remover porque eles sabem que se mexerem nisso você nunca mais tocará guitarra. Eu tava bem sentado na confortável poltrona que minha mulher tinha acabado de limpar quando o telefone tocou. Quantas balas? Cinquenta e sete, talvez? Dizem que ele disse, mas ninguém sabe quando ou pra quem, que o culpado pelos cinquenta e seis tiros na casa devia ser morto com cinquenta e seis tiros também. Só que agora ele precisa explicar melhor essa profecia. Ele quis dizer cinquenta e seis balas pra cada um dos caras, cinquenta e seis multiplicado por oito? Ou cinquenta e seis dividido por oito, o que me obrigaria a fazer uma divisão enorme, e eu não tô com tempo pra ser inteligente desse jeito.

 Ou talvez ele estivesse pensando nessas cinquenta e seis balas pro camarada que tava por trás de tudo, o pica grossa, o Don Dada. Tu nem imagina como eu tô de saco cheio de toda essa conversa fiada de feiticeiro, vidente e pai de santo. Se o cara começa a dizer hoje que ele é Rasta, na semana que vem já vai estar fazendo profecia. E ele nem precisa ser muito inteligente, é só ele saber um ou dois versos da Bíblia que falem do enxofre e do fogo dos infernos. Ou simplesmente dizer que tirou aquilo do Levítico, porque ninguém lê o Levítico. Sabe como é que eu sei disso? Ninguém que vai até o fim do Levítico tem como levar aquele livro a

sério. Esse livro da Bíblia é doido pra caralho, até mesmo pra um livro que já é cheio de doideiras. Não se deite com homem como você se deitaria com mulher, beleza, com esse argumento eu posso concordar. Mas não comer caranguejo? Nem mesmo junto do delicioso, macio e doce inhame assado? E por que matar um homem por causa disso? E vai por mim, a última coisa que qualquer marmanjo que estupre a minha filha vai querer é se casar com ela. Como é que ia querer? Eu ia cortar ele pedacinho por pedacinho, deixando ele vivo o tempo todo, e depois ia obrigar ele a me assistir dando o pé dele pra um cachorro de rua comer.

Lembro quando, no ano passado, numa dessas festas pra celebrar o acordo de paz que pipocaram em West Kingston que nem piolho, um Rasta veio com uma conversa fiada sobre a marca da besta e quem tá carregando ela por aí. Não tem nada que deixe um Rasta mais em chamas do que falar sobre o Armagedom. Aí o Rasta disse:

— Ô, irmãozinho, eu não compro nada que não seja fresco, não, porque tudo que vem dentro de embalagem agora carrega a marca da besta. Aquele código de números dentro do quadrado branco, com aquelas linhas pretas, sabe?

Eu tava tentando prestar atenção num cara que tava arrastando a asa pra minha mulher, que tava mesmo muito gata debaixo da luz do poste, cheio de gente dançando à sua volta, incluindo alguns chapas de Eight Lanes que não sabiam que tinha um anel no dedo daquele broto. Nem esquentei a cabeça — ela sabia como lidar com esse tipo de homem —, ela vai tratar esses marmanjos pior do que eu trataria. Mas ideia de Rasta tem sempre esse troço: mesmo quando tu sabe desde o começo que é um baita dum papo furado, tu sempre acaba sendo fisgado.

— Código de barra? — eu disse. — Mas o código de barra tem um monte de outros números, e eu tenho certeza que não vi nenhum 666 até agora.

— Quer dizer que tu procurou?

— Não, mas...

— Não vem com esse papo de mas pra cima de mim, irmãozinho. Escuta só. Ninguém na Jamaica tem o poder da besta. Eles apenas comem o que a besta dá de comer. Tu nunca notou que os números sempre começam com zero zero zero? Isso é tipo ciência decimal. Números inteiros, números naturais e números duplos. Isso quer dizer que a soma dos números nos códigos de todo o mundo sempre dá 666.

Eu me afastei do camarada porque a pior parte daquilo tudo é que tava começando a fazer algum sentido. E nada nessa festa pra celebrar a paz tava fazendo o menor sentido: nem os Rastafáris das Doze Tribos, cuja pele ia ficando mais branca a cada mês, nem o palavreado do PTJ e do PNP, nem o povo de Copenhagen City e Eight Lanes jogando dominó junto e se abraçando e se beijando e todo cheio de amorzinho pra lá e pra cá como se eu não tivesse matado teu irmão, teu pai e teu vô três anos atrás. O que é paz? Paz é eu assoprando a testa da minha filha quando ela sua durante o sono. O nome disso aqui não é paz, o nome disso é impasse. Foi o Doctor Love quem me ensinou essa palavra.

O Doctor Love acaba de pegar um avião pra Miami dizendo que ele tinha um presidente pra eleger. Foi bem pra onde eu acabei de mandar o Chorão. Quem sabe o que aqueles dois tão tramando, já que ambos se deram conta de que gostam mais de livro do que de mulher? O Doctor Love disse hermano, *aqueles filhos da puta de Medellín querem te testar, sim, querem te testar de novo, o que você esperava, muchacho? Semana passada eles roubaram um bebê morto do necrotério, abriram o bucho e arrancaram as tripas que nem um peixe, rechearam ele de cocaína e fizeram uma garota embarcar no avião com ele pra Fort Lauderdale — no dia seguinte à sua quinceañera. Mais pesado que filme pornô, hein?* Eu, particularmente, tava ficando um pouco cansado de ser testado. Eles sabiam e eu sabia que o dia 3 de dezembro tinha sido um teste muito idiota. Eu dei a eles uma mensagem, mas eles me disseram que queriam

um corpo. Um cadáver é um cadáver, por mim tá tudo bem. O que não tá tudo bem é um cu cagado arrombado que fala espanhol ficar tirando onda com a minha cara que nem se eu fosse um molequinho novato que eles podem ficar testando e retestando o quanto eles quiserem.

Em dezembro de 1976, o Cantor tava dando seu show no parque enquanto eu perdia meu tempo na porra da Jamintel Communications porque eu precisava fazer uma ligação internacional só pra ouvir o Doctor Love e algum idiota discutindo em espanhol, mas não em espanhol cubano, de modo que eu não entendi a maior parte, mas dava pra ver que ele tava putto. E eu aqui pensando com quem esse arrombado do caralho pensa que ele tá falando, como se eu não soubesse o que *hijo de puta* quer dizer? O que ele tava pensando que eu ia fazer, começar a chorar e dizer eu sinto muito, patrãozinho, eu vou fazer melhor da próxima vez, eu juro? Que nem uma puta que acabou de apanhar do seu cafetão? Eu tava quase chamando aquele *maricón* de cu cagado quando o Doctor Love me disse termina o serviço, *muchacho*, só termina o serviço. Então o sírio jamaicano, o cubano e o colombiano, todos eles querem um corpo, embora nenhum deles tenha se dado conta de que eu dei a eles algo melhor do que um corpo. Na mesma semana, o Peter Nasser me ligou e:

— Qual é o problema desses cu cagado desse teu povo aí da favela?

— Essa não é a primeira vez que eu te escuto falando em “teu povo”.

— Eu não falei “teu povo”, eu falei “esse teu povo aí da favela”. Qual é o teu problema, ô, cu cagado? Vocês tavam em quantos, nove?

— Oito.

— Oito chapas entram com tudo no O.K. Com, o quê, quatorze armas? E nenhum deles acerta nenhum tiro?

— Eles acertaram bastante tiro, sim.

— Como é que você se sente sendo o primeiro homem na história a atirar na cabeça de uma pessoa e ela não morrer? Responde essa, patrão.

— Eu não sei o que é que tu tá querendo dizer com “você”. Ou tu é tão otário que acha que os camaradas não grampeiam os telefones?

— Quê? Você acha que tá num filme de espião? Quem é que vai querer grampear um cu cagado que nem você?

— Mesmo sem saber o que tu tá querendo dizer com “você”, tenho certeza que ele, quem quer que ele seja, não mirou na cabeça de ninguém.

— Ele, quem quer que ele seja, não mirou em nada que não fosse ou parede ou teto, pelo jeito. Não, patrãozinho, esse tipo de confusão e palhaçada só acontece em comédia. Imagina só, os caras disparam centenas de balas e não conseguem matar um homem. E isso com uma porra duma metralhadora, será que é tão difícil assim de usar? Achei que o Louis tinha ensinado pro teu povo como lidar com essas coisas.

— Não sei quem é Louis e, com certeza, não sei quem é esse “teu povo” que tu tá falando.

— Não me amola, Josey Wales. Eu disse pra ele, olha, não faz sentido tentar ensinar nada que exija um mínimo de inteligência pra essa crioulada da favela, eles vão acabar fudendo com tudo. Minha vó cega seria capaz de acertar um alvo melhor do que você. Do que todos vocês oíto. Não sei nem por que eu tô perdendo meu tempo falando com você.

— Também não entendi, já que nenhuma dessas pessoas de quem você tá falando mora aqui.

— Então por que que eu tô gastando essa grana toda de telefone, hein? Fala pra mim.

— Também sei não, patrãozinho.

— Como é que é? Tu sabe com quem tu tá falando? Tu sabe com quem tu tá falando seu cu cagado, seu merdinha, seu...

— Merdinha? Abaixa tuas calça e olha pra tu ver onde é que tá a merdinha.

Desliguei na cara dele. É uma merda quando você percebe que, apesar de ser o único que não estudou numa boa escola ou num colégio

estrangeiro, você é a única pessoa naquela sala com bom senso. Eu queria muito dar uma lição naquele sírio ignorante boca-suja que falava tudo errado. Já era ruim o suficiente que um bando de homem e mulher considerasse o Cantor um profeta, mas se a gente matasse ele, ele ia ser promovido a mártir. Desse jeito o mundo inteiro ficou sabendo que, adivinha só, o profeta é apenas um homem como qualquer outro, ele ainda pode levar um tiro, como qualquer outro — e como qualquer outro homem neste país, nem mesmo ele tá a salvo. Eu derrubei aquele homem de cima de um pedestal com um tiro, e agora ele voltou a ter o tamanho de uma pessoa normal. Eu não falei nada disso pro Peter Nasser. Você tem que olhar além do homem, abaixo da pele dele, olhar pra pele real pra saber que, apesar de toda a brancura (no rosto de um homem que não vai à praia porque até um bronzeado faz ele parecer negro), o Peter Nasser não passa de mais um neguinho ignorante de merda. Mas, pelo menos, ele vinha me chamando de patrãozinho ultimamente. Eu preciso perguntar pra minha mulher quando foi que eu me transformei num branco que vai beber no Mayfair Hotel. Caralho, puta que pariu, eu odeio quando um homem me deixa tão puto que eu começo a falar palavrão. Só gente ignorante fala palavrão.

Eu disse pro Doctor Love, que também me ligou naquela noite, que eu já tinha provado coisas suficientes pra todo mundo em 1966, e que se eles tavam pensando que aquilo era algum tipo de escola, onde eles precisam ficar aplicando teste e mais teste, Medellín podia muito bem voltar a usar aqueles viados das Bahamas. Mas daí, como dizem os Rastafári, eu fui atingido por um outro argumento. Se o Cantor tivesse se tornado um mártir, isso seria um tremendo problema, mas seria um problema deles, não meu. O Peter Nasser estaria tão ocupado se cagando nas calças enquanto tentava matar um mito que ele não teria tempo de ficar me incomodando com essa conversa fiada porque, verdade seja dita, tanto ele quanto eu sabemos que já ficaram muito pra trás os dias em que um

político dizia pra eu pular e eu respondia é pra já. Agora, quando um político diz pra eu pular, minha mulher responde ele não pode falar agora, mas eu anoto seu recado. Que otário, o que ele pensou que ia acontecer depois que ele desse uma arma pra um cara inteligente, que ele ia devolver? Nem o Papa-Lo era tão otário.

Então eu resolvi deixar minha mente trabalhar nesse novo argumento. No dia 8 de dezembro de 1976, chegaram as notícias de que ele e todos os outros tinham sobrevivido. A Babilônia tava em peso no hospital e, além do mais, àquela altura eu já tinha chamado o Tony Pavarotti, porque o Chorão não era o chapa ideal pra nada que exigisse aquele tipo de habilidade. Mas eles já tinham cuidado dele na sala de emergência, e já tinham mandado ele de volta pra casa. Só o empresário ainda tava no hospital, e não fazia muito sentido concluir esse serviço. Então eu e o Tony Pavarotti dirigimos até o número 56 da Hope Road, esperando ver polícia. Mas polícia não quer dizer nada quando tudo o que você precisa é de um tiro. Além do mais, eu podia fazer uma ligação e eles desapareceriam em sessenta segundos. Mas quando a gente chegou no 56, parecia uma cidade fantasma. A garagem tava vazia, e todas as janelas, escuras. Nem um único policial. Eu ri e o Pavarotti olhou pra mim como se estivesse prestes a fazer uma pergunta. Enquanto isso, o Peter Nasser tava tão descuidado que parecia até um daqueles programas de tevê em que as pessoas competem pra ver quem faz mais besteira. Aquele imbecil daquele merda deixou a porra duma mensagem com a minha mulher, dizendo que *se o profeta cumprir a meta, primeira página na certa: vai meter uma bronca esperta*. Uma das poucas vezes que eu ouvi o Tony Pavarotti rindo na minha vida foi quando eu li aquela mensagem em voz alta. Minha mulher não tava entendendo porra nenhuma, então ela deixou a gente sozinhos na sala de estar. Com o Tony Pavarotti ali na sala, eu fiquei me perguntando se eu não tinha cometido um erro ao ter mandado o Chorão limpar o que a gente tinha acabado de fazer. Em vez dele fazer

aquilo ele mesmo, ele ligou pros Rastas que nem se fosse uma mulherzinha que tá sempre cagada de medo. O pior é que ele fez isso do meu telefone. Eu fiz uma ligação.

— Voou o passarinho?

— Meu chapa, por que que tu tá me ligando?

— Eu não gosto de repetir pergunta.

— Se foi. Eles deixaram o empresário no hospital e levaram ele pro morro dos branco.

— E a polícia?

— Um foi no carro com eles, uns outros foram lá pra casa dele. Tem gente das Doze Tribos de vigia pelo morro todo. E um branquelo...

— Que branquelo?

— Um branquelo com uma câmara. Ninguém sabe de onde ele veio, mas ele diz que tá com a equipe de filmagem. Mas enfim, já falei tudo que eu tinha pra falar.

— Não, tu não falou tudo ainda, inspetor.

— Já encerrei minha cantoria.

— Encerrou o caralho, canarinho, tu mal tá começando.

— Nem mesmo Jesus vai poder subir aquele morro essa noite.

— E quanto ao show?

— Escolta pesada da polícia pra ir e pra voltar.

— E no dia seguinte?

— Aí não sei.

— Desembucha, arrombado.

— No dia seguinte supostamente ele pega um voo. Vai embora de jatinho particular.

— Quando?

— Cinco e meia ou seis.

— Da manhã ou da tarde?

— O que que tu acha?

— Pra onde?

— Ninguém sabe.

— Um jatinho vai decolar e ninguém sabe pra onde ele vai? Patrão, tu tá achando que todo favelado é idiota de novo?

— Senhor, eu tô dizendo, ninguém sabe. Nem o delegado de polícia sabe. Ele não sabe nem que o Cantor tá planejando pegar esse voo.

— É confidencial?

— Mais do que a cor da calcinha da rainha. A gente só sabe porque nosso homem que tava no carro com eles fingiu que tava dormindo e ficou ouvindo eles conversando. O empresário branco dele disse quando eles tavam subindo o morro que assim que ele terminasse o show...

— Então confirmou. Ele vai fazer o show?

— Não, não tem nada confirmado. Eles só tavam pensando nas possibilidades. Mas enfim, o empresário disse que assim que ele terminasse o show, ele tinha um avião pronto pra ele no aeroporto, mas bem cedo, antes do aeroporto abrir.

— Aeroporto Norman Manley ou Tinson Pen?

— Manley.

— Pro exterior. Você tem como passar um rádio pros seus homens lá no morro?

— Sim, bicho, mas por que eu faria...

— Passa um rádio pros seus homens lá no morro. Agora.

* * *

Seis da manhã e o aeroporto tá parecendo o começo de um filme de caubói. A única coisa faltando é o vento assobiando e uma bola de feno rolando. O céu tá rosa. Eu e o Tony Pavarotti tamo esperando na escadaria que leva até a varanda onde as pessoas vão pra acenar pros aviões. Alguém achou que seria uma boa ideia fazer essa parede que nem

um tabuleiro de xadrez, com buracos por onde dá pra passar o cano de um rifle. A sombra da parede nos mantém no escuro. O Pavarotti troca de posição e se mexe, ele não tá gostando nem um pouco daquele ângulo. Mas o avião já tava na pista, só esperando. O Pavarotti se aquietou, segurou o gatilho com a mão direita e pôs o olho esquerdo na lente do rifle.

Lá no final da pista tem dois jipes das Forças Armadas Jamaicanas de prontidão, com quatro ou cinco soldados posicionados atrás deles, dois deles com binóculos. Eu vi eles assim que passei pela varanda das despedidas. Ver aqueles soldados de sentinela me fez pensar no Cantor descendo o morro dos brancos. A expressão no seu rosto quando ele acordou e não viu nenhum policial. Provavelmente ele mandou dois ou três Rastas na frente pra ver se a rua tava segura, o que queria dizer que ele e seu braço direito iam descer o morro sozinhos. Sem soldado pra ficar observando de binóculos. Sempre dá pra contar com duas coisas em relação à polícia: (1) se você depositar um dinheiro numa conta num banco ou num bolso de trás, tudo pode acontecer, e (2) eles sempre se vendem barato. Mas com soldado, você nunca sabe. Eles tão ali de prontidão, talvez estejam mesmo vigiando, mas sempre tem a probabilidade de estarem só esperando. Será que o piloto espera que eles se aproximem?

— O negócio é apagar ele antes dos soldados se aproximarem.

O Pavarotti concorda com a cabeça.

6:02. Todo mundo tá esperando pelo Cantor, menos o sol. Por um segundo, parecia que eu tava esperando pelo começo de um desfile, que nem naquelas imagens granuladas do assassinato do Kennedy em Dallas, que sempre aparecem na tevê em novembro. Todo mundo tá esperando pelo Cantor. Não só eu, não só os soldados, não só o Tony Pavarotti ou o avião, mas também o Peter Nasser, o Doctor Love, e alguém por trás de um número de telefone do cartel de Medellín para o qual eu mesmo

nunca liguei. Mas aí eu fiquei pensando. Tá todo mundo esperando pra ver o próximo movimento dele, ou o meu? Quem é o verdadeiro bobo da corte nesse episódio? As pessoas tão esperando pra ver o próximo movimento de quem? E se as pessoas dizem pra você pular e você pula, será que elas param de te mandar pular, ou te desrespeitam pra sempre porque você não agiu que nem um homem e disse vai se foder, homem que é homem não pula pra ninguém. O problema de provar que você é capaz de alguma coisa é que, em vez de te deixarem em paz, as pessoas nunca param de te pedir para provar que você é capaz de outras coisas ainda mais difíceis. E vai virando uma palhaçada, até se transformar num programa de comédia. Ou simplesmente numa piada.

O Tony Pavarotti dá um tapinha no meu ombro. Ele tá aqui. Ele e um outro Rasta vão andando até o avião. Não tem mais nada se movendo além da poeira que eles levantam ao caminhar. O aeroporto ainda tá vazio, e só vai abrir depois das sete. Eles olham ao redor enquanto caminham, e avançam devagar, parando por um segundo e se mexendo no seguinte. O Cantor olha pro avião, esquadrinhando tudo de uma ponta a outra, enquanto o outro Rasta vem andando de costas, para ter certeza de que não tá vindo ninguém atrás deles. Ambos veem os jipes do exército, e param. O Cantor olha pros jipes e pro avião. Ninguém se mexe. O Tony Pavarotti tá ajustando a mira, acompanhando os dois. Seu dedo desliza sobre o gatilho. O Cantor fica olhando pros soldados e diz alguma coisa pro Rasta. Eles começam a andar de novo, mais devagar, e param bem na frente do avião. Talvez eles estejam esperando que alguém saia. Eu me lembro de que o Tony Pavarotti não precisa que eu dê nenhuma ordem pra ele. Eu escuto um clique.

— Para.

O Pavarotti olha pra mim e depois pros dois, que agora correm em direção ao avião.

— Nem perca seu tempo.

Eles correm até o avião e fecham a porta eles mesmos.

Eu encerro as duas ligações que recebo no dia seguinte com a mesma frase. Se você quer tanto assim que ele morra, mate você mesmo.

Estou sentado agora na minha sala de estar, esperando pelo telefone tocar. E é melhor que ele toque logo. Assim que ele começar a tocar, eu vou poder parar de pensar. É hora de agir, não de pensar. Fico me perguntando se ela pagou a conta do telefone. Era pro telefone tocar três vezes antes de eu ir pra cama. Nem mesmo o amanhã virá antes do meu telefone tocar. Sentado, esperando pelo telefonema, o Cantor vem à minha cabeça mais uma vez e eu fico com vontade de dizer um palavrão. Esse cara nunca vai saber quanto eu estive perto de acabar com ele. Duas vezes. Nem que eu deixei ele ir embora porque eu sabia que assim que ele embarcasse naquele avião, ele nunca mais voltaria. E mesmo assim, em 1978, lá estava ele, desembarcando de um avião e causando um tremendo rebuliço na alfândega. Nesses dois anos, o Peter Nasser aprendeu a não vir mais pra cima de mim latindo que nem um cachorro, e começou a falar comigo que nem gente. Ele tinha até começado a me chamar de patrãozinho o tempo todo, o que me fez parar pra pensar se o sabonete com fenol não tinha clareado a minha pele. Eu até parei de usar, o que deixou minha mulher muito feliz, pois ela parou de se sentir como se estivesse dormindo num quarto de hospital. Não sei dizer se ele ficou mais surpreso pelo Cantor estar de volta pra fazer mais um show ou por eu contar pra ele que eu já sabia.

— E essa besteirada desse acordo de paz, tu tem alguma coisa a ver com isso?

Estamos no clube de strip-tease Lady Pink, e ele tá gostando um pouquinho demais daquilo. Nenhuma das putas que o Chorão costumava comer parece estar mais aqui. Pelo jeito, elas perderam o interesse de se masturbar com garrafas de Pepsi em cima do palco assim que ele perdeu o interesse nelas. Mas a nova leva incluía uma mulatinha, então é claro que o

lugar tava cheio. A cafetina nos levou até uma sala no segundo andar e perguntou se a gente queria que chupassem nosso pau ou lambessem nosso cu. Eu disse hoje não, mas o Peter Nasser não ia desperdiçar a chance de ganhar um “faveloquete”, que foi como ele chamou aquilo, e ficou olhando em volta como se a gíria fosse pegar. Ele queria falar de negócios mesmo com a puta ali chupando o pau dele, mas eu disse meu chapa, dois homens com o pau de fora não podem ficar na mesma sala, que papo é esse? A última coisa que ele ia querer era que alguém chamasse ele de bicha, então antes que ele perguntasse alguma coisa, eu disse que tava indo lá fora. Eu disse me procura em quinze minutos, mas quando eu voltei em oito ela já tava saindo da sala, cuspendo e xingando o branquelo cu cagado que tinha gozado na boca dela.

— Sabe do que que eu tô de saco cheio? Dessa porra desse acordo de paz. Agora até o Jacob Miller escreveu uma música sobre isso. Tu já escutou? Quer que eu cante?

— Não.

— Acordo de paz meu cu.

— Da próxima vez, fala pros soldados não atirarem.

— Soldados? Do que tu tá falando, de Green Bay? Tudo isso é por causa de Green Bay? Tu não viu as notícias? Não morreu nenhum santo em Green Bay.

— Engraçado, né? Eles não eram tudo do teu distrito eleitoral? Um deles até me disse que foi um cara chamado Junior Soul que pintou na área deles dizendo que tinham umas armas de graça pra eles pegarem.

— Não sei de nada sobre Junior Soul nenhum.

— Mas pelo jeito todo mundo acha que eu sei. Eu pergunto pras pessoas quem é que ia ter um nome desses aqui na favela? Parece nome de cantor da Motown.

— O que que tu sabe sobre... deixa pra lá.

— Talvez tenha alguma coisa no ar.

— Uma mística natural?

— Tu sabia que ele tá voltando? Justo agora, por causa dessa baboseira desse acordo de paz, ele, entre todas as pessoas, tá voltando.

— Ele já não tava aqui naquela bosta daquele show pela paz? Não foi o suficiente? Ele não mora em Londres agora? Será que ele quer instalar pessoalmente aqueles banheiros na favela?

— Então se você tivesse colocado aqueles banheiros na favela, ele não teria um motivo pra voltar, no fim das contas.

— Mas é claro, Josey Wales, porque é o meu partido que tá no poder. Você parece... patrãozinho, porque é que tu tá rindo?

“Ma Baker” tava tocando. Eu conseguia identificar mesmo com a multidão gritando e fazendo piada e dizendo palavrão e berrando pra mulher arreganhar a xaninha. Não me dei o trabalho de explicar pra ele porque que “Ma Baker” me fazia rir.

— Nada, patrãozinho. Tu acha mesmo que o Cantor voltou só por causa de uns banheiros?

— Bom, não por causa dos banheiros, exatamente, mas pelas instalações e acessórios, ou sei lá como chamam esses troços que os favelados tão choramingando que eles precisam agora. Podem choramingar à vontade. Quem mandou votar num governo cu cagado socialista? Duas vezes. Não dá pra entender. Até que ponto uma piroca tem que estar enfiada no meio do teu rabo pra tu perceber que tem um sodomita te fodendo?

— O Cantor não tá voltando pra consertar a porra dum banheiro.

— Então ele tá voltando por causa dessa merda desse papo de paz. Espero que você saiba que isso tem deixado o pessoal mais lá pra cima muito preocupado. Muito preocupado. Tu sabe quantos cubanos vieram pra Jamaica na semana passada? E agora aquele embaixador de meia-tigela do Erik Estrada tá desfilando por aí que nem se ele fosse o dono do lugar.

— O Cantor se encontrou com o Papa-Lo e o Shotta Sherrif ao mesmo tempo.

— Porra, e quem é que não sabe disso? Todo mundo se encontrava lá no número 56 da Hope Road, até aquela porra do teu primeiro-ministro ia tanto que parecia que ele despachava de lá.

— Os três se encontraram na Inglaterra um pouco antes do show pela paz.

— E daí? Já faz quase um ano que teve o show pela paz. E daí?

— Tu acha que três dos homens mais poderosos que já saíram da cidade baixa de Kingston se juntaram só pra falar de um show pela paz?

— Pra mim, parece o máximo que esses três conseguiriam fazer.

— O show pela paz foi só um benefício adicional.

— Vou fazer de conta que você sabe o que isso significa.

— Papo sério. Mas eu também vou fazer de conta que o gênio das finanças que é o teu chefe sabe o que realmente gera a inflação.

Ali. De novo. O Peter Nasser foi pego de surpresa e corrigiu sua reação, mas usando só os olhos dele, pra que eu não percebesse. Coisa de sírio.

— Que é que esse arrombado desse vira-lata tá querendo, fundar um terceiro partido? Que seriedade toda é essa agora?

— Tu não parecia interessado um minuto atrás.

— Patrãozinho, abre essa porra desse bico, meu irmão. Caralho.

— Já existe um programa pra depois do show pela paz. Um plano, pode chamar de agenda.

— Que tipo de agenda?

— Será que tu tá preparado pra uma notícia dessa? Um governo Rasta.

— Quê? Que foi que tu disse, ô cu cagado?

— E tu vai ficar sabendo quando um monte de Rasta lá da Inglaterra de repente vier tudo pra cá. Uns já vieram. Pera lá um pouquinho, moleque, tu nem sabia que o Papa-Lo tava virando Rasta? Ele parou de

comer porco há meses. Tem frequentado direto os encontros das Doze Tribos.

— Só vou acreditar quando ele parar de pentear o cabelo.

— Quem te disse que todo Rasta tem dreadlocks? Jesus Cristo.

Precisei me lembrar de não fazer ele parecer tão burro.

— Como é...

— Mas enfim, tu quer ou tu não quer saber que ideia que os Rastafári honorários foram trocar com os Rastafári de verdade lá na Inglaterra?

— Sou todo ouvidos, patrãozinho.

— Sei que um deles, não sei bem quem, disse a ideia é envolver a filosofia Rastafári na sociedade, nas suas políticas e raízes mais profundas.

— Ele disse exatamente essas palavras?

— E eu lá tenho cara de recepcionista?

— Obaaa! Então eles se encontraram pra falar sobre o show pela paz e acabaram falando sobre o governo. Que nem todo maluco que senta em toda varanda de toda casa em toda Jamaica. Essa é a grande notícia?

— Não, irmãozinho. Eles se encontraram pra falar sobre um novo governo e acabaram falando sobre um show pela paz.

— Quê?

— Tu não ouviu esse relógio bater, né não? Nem tinha se ligado que o relógio era o Big Ben. Escuta só o plano dos caras: organizar uma nova oposição juntando os dois lados da favela, e criar um partido pro povo se livrar de todos vocês em nome do Rastafári.

— É a Revolta dos Mau-Mau na Jamaica?

— Quê?

— Mas os cu cagado dos Rasta não querem ir tudo pra Etiópia? Por que é que eles não pintam a porra dum barco de vermelho, preto e verde e vão tomar no cu? Batiza ele de Black Star Liner 2 ou uma merda dessas.

— Os Rasta de Londres não sabem merda nenhuma sobre a Etiópia. Os chapas de dread em Londres conheceram o Rastafári pelo reggae,

patrãozinho. Pra eles, o lugar onde nasceu o reggae é o verdadeiro lar dos Rasta. De repente, todos os Rastafári da Inglaterra tão entrando na faculdade de administração e concorrendo a uma cadeira no Parlamento, e mandando seus filhos pro colégio, até mesmo as meninas. Por que tu acha que eles tão tudo fazendo isso? A Inglaterra não quer eles lá. Pra onde tu acha que eles vão?

— Merda.

— A cidade baixa tá dividida, patrão. Tu devia saber, foi tu quem dividiu.

— Eu não dividi porra nenhuma.

— Tu acha que tu não faz parte do teu partido, então? Foram vocês dois quem dividiram. Eu só apliquei a lei que vocês criaram. Mas o que tu achou que ia acontecer depois do show pela paz? Que é que acontece quando as pessoas se juntam?

— Acaba a divisão.

— Sim sinhô, e essa é só a primeira etapa. Se as pessoas se juntam pra fazer as pazes, isso significa que em breve elas vão se juntar pra fazer política. As pessoas já tão até escolhendo que Don pode ser o primeiro-ministro de cada área. Isso quer dizer que acabou pra vocês.

— E tudo isso aconteceu naquele encontro em Londres?

— Pode crer.

— Mas, patrãozinho, esse encontro já faz um ano.

— Isso mesmo.

— Tu esperou um ano pra me contar isso?

— Não pensei que tu precisava saber.

— Tu não pensou que eu precisava saber. Josey Wales, desde quando eu te pago pra tu pensar, seu cu cagado? Eu tenho cara de que se eu precisasse de alguém pra pensar eu ia chamar logo um neguinho? Me responde isso.

— Acho que tu não vai gostar da minha resposta — eu disse, e fiquei olhando ele corrigir sua primeira reação só com os olhos mais uma vez.

— Seu arrombado do caralho. Filho duma cadela sarnenta. Tu tá querendo me dizer que tem todo uma seita Rastafári secreta migrando pra cá mesmo com toda essa gente indo embora daqui nesse exato momento? Tu tem ideia de quantos podem já estar aqui a essa altura? Tu pensou nisso?

— Não, patrãozinho, quando precisa de alguém pra pensar eu sempre deixo pra tu.

— Merda, merda, puta merda. A eleição já é no ano que vem. É na merda do ano que vem, caralho. Cu cagado puta que pariu. Tu sabe pra quanta gente eu vou ter que ligar agora? Não acredito que tu esperou um ano pra me contar isso. Vai se foder, eu não vou me esquecer disso, viu, Josey Wales?

— Que bom. Porque tu adora esquecer das coisas quando te convém. O Papa-Lo só é o chefão hoje em dia porque tu achou melhor esquecer. Mas isso é entre tu e o Papa-Lo.

— Claro, porque tu agora só quer saber das tuas viagens pra Miami. Tu acha que o ministro não tem olhos? Bom, antes de você começar a se achar muito importante, é melhor tu te lembrar de que tu tá num cargo comissionado.

— O que isso quer dizer?

— Tu não disse que queria pensar? Descobre aí.

Mas eu já tinha descoberto muito tempo antes dele ter que me fazer aquele monte de pergunta. Eu tinha descoberto no dia 8 de dezembro de 1976. Eu tinha descoberto antes do Cantor entrar naquele avião que ele ia voltar com novos argumentos e um novo poder. Aquele sírio ignorante de pau pequeno não tinha se dado conta de que certos cães tavam obedecendo a outros donos agora, e que até mesmo esses caras já tavam tratando ele como criado.

Eu fiquei olhando para aquele idiota narigudo e me lembrei de uma coisa que eu tinha aprendido na catequese muito tempo atrás. Aquele camarada já tinha recebido toda a sua recompensa. Ele não tinha mais nenhum lugar pra onde ir, nem mesmo pra baixo. Ele achava que podia levantar a voz só porque algumas pessoas ainda achavam que sua pele branca dava a ele a autoridade de falar com quem ele quisesse do jeito que ele quisesse, principalmente com gente que não conhecia a palavra autoridade. Que bom pra ele que nesse momento tá rolando essa onda de bom samaritanismo. O Doctor Love tinha me falado um troço muito antigo no ano passado, pra manter meus amigos perto e meus inimigos ainda mais perto. Aquele troço era mais velho que cagar sentado, sim, mas sempre que você sobe mais um degrau na vida essa dica fica atual novamente. No fim das contas, o caçador nunca atira no passarinho que voa baixo.

O Peter Nasser pagou três caras do aeroporto pra ficarem de olho em qualquer Rastafári falando *cockney* que desembarcasse no Norman Manley, especialmente à noite. Por algum motivo, ele não pensou que a revolução dos Rastas fosse desembarcar por Montego Bay. Eles também tinham que correr até o único orelhão do aeroporto e ligar pra ele a cada duas horas. Daí ele quis que eu fosse, ou mandasse o meu melhor homem pra Londres, pra encontrar o Cantor e fazer alguma coisa com ele durante a turnê ou as gravações. Eu perguntei se ele achava que aquilo era um filme do James Bond e se ele também queria que eu matasse a rainha da beleza que saía com ele, porque seria uma pena matar a mulher mais bonita do mundo. Eu ri no telefone porque se não fosse isso eu teria começado a falar um monte de palavrão por esse homem estar mais uma vez me fazendo perder o meu tempo. Além do mais, o Cantor tinha ido embora pra sempre. Se você der uma experiência de quase morte a um homem, você fará mais do que quase matar ele. Você vai arrancar ele do chão com as suas raízes e destruir o seu lar de tal modo que ele nunca

mais vai conseguir viver em paz novamente. A única maneira do Cantor voltar pra valer seria dentro de um caixão.

Mas aquilo tinha sido em 1978, e eu tava de saco cheio de 1978. Quando o velho americano foi pra Argentina em janeiro, um outro americano veio e tomou seu lugar. A música era nova, a letra era a mesma de sempre. Ele se apresentava como Sr. Clark. Só isso, Sr. Clark. *Clark, sem o E no fim*. Ele achava aquilo engraçado, então ele dizia toda vez que a gente se encontrava. *Clark, sem o E no fim*. Ele já conhecia o Doctor Love, mas também parecia que todo americano que andava por Kingston usando uma camisa branca suada com a gravata folgada no colarinho conhecia Luis Hernán Rodrigo de las Casas. Era abril de 1978, e a gente tava em Morgan's Harbour, aquele hotel pra gente branca que tem em Port Royal. A gente tava olhando pra Kingston do restaurante praticamente vazio. Bom, eles estavam olhando. Eu tava observando. Eu tava com dois estrangeiros, que já tavam sentindo o espírito pirata tomando conta deles da ponta da cabeça à ponta do pau. É uma coisa e tanto pra se assistir, o sentimento que toma conta de um branco sempre que você leva ele até Port Royal. Você se pergunta se é o mesmo espírito que tomava conta deles quando eles desembarcavam pela primeira vez numa ilha desconhecida. Eu aposto que sim, e que já era assim desde os tempos de Cristóvão Colombo e da escravidão. Tem alguma coisa no ato de desembarcar de um navio que faz com que um homem branco se sinta livre para dizer e fazer o que ele bem entender.

— O Barba Negra chegou a fazer seus saques e pilhagens por esses lados, camarada?

— Só conheço o Henry Morgan, só, sinhô. E na Jamaica se tu fala em camarada a gente já pensamos que tu é comunista.

— Ah. Ops.

Já fazia tempo que eu falava feio de propósito, tão feio que o Doctor Love tinha que traduzir duas vezes. Pelo menos esse aqui não era que nem

o Louis Johnson, segurando aquele memorando de cabeça pra baixo e fazendo de conta que tava lendo só pra mostrar pros brancos que os neguinhos não sabiam ler, uma coisa que eu ainda não esqueci. Mas daí ele disse:

— Riquinho desse teu povo, pobrezinhos, vocês nem sabem que estão à beira da anarquia.

— Não entendi. Se a gente somos rico, como é que a gente podemos ser pobre? Diamante é que é coisa de rico.

— Mas é exatamente isso que vocês são, meu rapaz, diamantes em estado bruto. Tão brutos quanto esta ilha. Tão selvagem, e tão linda. E tão precária. E por precária eu quis dizer que vocês estão se equilibrando na corda bamba. E com isso eu quero dizer...

— Precário?

— Isso. *Exactamente. Exactamente*, não é isso, Luis? O Luis e eu, a gente se conhece há muito tempo. Tempo demais, pelo jeito. Nos conhecemos há alguns *estados latinos* antes desse aqui, né?

— Tu também tava naquele fiasco da Baía dos Porcos?

— Quê? Hã? Não, não. Isso foi antes de eu entrar. Bem antes de eu entrar.

— Bom, quem sabe um dia esse teu povo lá vai descobrir um veneno que funcione no Fidel.

— He-he-he-he, você é mesmo um rapaz muito perceptivo, até mesmo astuto, não é mesmo? O Luis tem te dado as notícias?

— Não. Os jornais têm me dado as notícias.

Alto lá, Josey Wales. Nada deixa esses americanos mais possessos do que perceber que eles tavam errados a seu respeito. Lembra de dizer pelo menos uma vez um *sem crise, bicho* e esticar bem esse bicho, tipo assim: biiiiiichooooooooo antes de ele ir embora, pra que ele vá embora pensando que encontrou o bicho certo. Pela primeira vez eu queria ter dreadlocks ou saber dar aqueles pulinhos trocando de perna sem sair do lugar que os

Rastas dão, mesmo quando não tem nenhuma música tocando. Como eu passei o tempo todo assistindo o Doctor Love balançando a cabeça pra concordar com tudo que aquele camarada tava dizendo, eu quase esqueci que a maior parte do tempo ele tava tentando me dizer que a Jamaica tava em guerra. Uma guerra maior do que em 1976, ele disse, na primeira vez que ele falou em 1976.

A Guerra Fria, ele disse.

— Você sabe o que a gente quer dizer com Guerra Fria?

— Guerra não tem temperatura.

— Hã? Ah, não, filho. Guerra Fria é um termo, uma figura de... é só um nome pro que tá acontecendo aqui. Sabe do que mais? Eu tenho uma coisa aqui... Olha isso aqui.

O branco pegou um livro de colorir. Quando você fica se fazendo de bobo com os americanos, você logo aprende que qualquer coisa pode acontecer, mas com essa até eu tinha ficado meio chocado.

— Que isso?

Eu tava segurando de cabeça pra baixo, porque não precisava virar de cabeça pra cima pra ler que o título era *Democracia é para nós!* O americano ficou me olhando segurar o livro de cabeça pra baixo e eu sabia exatamente o que ele tava pensando. *Olha, Luis, compadre, eu sei que você sabe o que tá fazendo, mas tem certeza de que a gente pegou o cara certo?*

— É um manual de instruções, isso é o que ele é. Luis, ele sabe o que... eu... estou querendo dizer... olha. Posso pegar aqui um segundo? Obrigado. Deixa eu ver, deixa eu ver, deixa eu ver... ah! Páginas seis e sete. Tá vendo aqui na página seis? Este é o mundo numa democracia. Tá vendo? Gente no parque. Crianças correndo atrás do caminhão de sorvete, talvez tenha alguém comendo um Twinkie ali atrás. Olha, tá vendo aquele camarada lendo um jornal? E tá vendo aquela gata? Gostosa, né? Usando minissaia. Não sei o que essas crianças tão

estudando, mas elas tão indo pra escola. E todos os adultos que tão nessa imagem têm o direito de votar. Eles têm o direito de decidir quem governa o país. Ah, sim, olha o tamanho desses prédios. Isso é por causa do progresso, dos mercados, da liberdade. Isso é o livre mercado, filho. E se alguém nessa imagem não gostar do que tá acontecendo, ele sempre pode dizer isso.

— Tu quer que eu pinte esse desenho, patrão?

— Quê? Não, não. Vamos fazer o seguinte. Eu vou te dar uns livros desses pra você distribuir na escola que vocês têm lá. Nós temos que ensinar essas coisas desde pequeno, antes que esses filhos da puta desses comunas recrutem os moleques. Um bando de anormais, isso é o que eles são, esses comunistas. Você sabe por que é que tem tanta bichona no meio deles? Porque gente normal que nem eu e você, nós reproduzimos. Os comunistas não, eles são que nem os pederastas, eles recrutam.

Ou que nem qualquer igreja americana que vem até aqui, eu penso, mas não digo. Em vez disso, eu digo:

— Boto fé, patrão, boto fé.

— Bom, muito bom. Você é um bom homem, Sr. Wales. Eu sinto que posso contar coisas pra você. É o seguinte, o que você vai ouvir agora é informação confidencial. Nem o Kissinger foi informado ainda. O Luis mesmo vai ouvir isso pela primeira vez. Ei, Luis, aposto que você não sabe qual é o negócio que tá dando mais dinheiro em Berlim Oriental agora. Aborto tardio. É isso mesmo que você ouviu, algum açougueiro arranca o bebê de uma garota grávida de cinco, sete, às vezes nove meses, e corta a garganta dele assim que o pescoço sai pela buceta. Você acredita numa merda dessas? As coisas estão tão ruins que as mulheres estão preferindo matar seus filhos do que deixar que eles nasçam na Alemanha Oriental. As pessoas na Alemanha Oriental precisam entrar em filas pra tudo, que nem no livro, Sr. Wales. Precisam entrar na fila pra comprar sabão. Sabe o que elas fazem com esse sabão? Vendem pra comprar comida. Elas estão tão

fodidas que não conseguem nem beber uma xícara decente de café, então a bosta do governo mistura o que eles têm lá com chicória e centeio e beterraba e chamam essa coisa de Michkaffee. Parece alguém espirrando, né? Eu pensei que já tinha ouvido de tudo. Dá um nó na cabeça do cara, vou te contar. Um nó na cabeça. Você bebe café, Sr. Wales?

— Não sinhô, eu sou do chá.

— Melhor pra você, meu rapaz, melhor pra você. Agora, tá vendo este rico deste país que vocês têm aqui? Vai virar uma Cuba, ou até pior, uma Alemanha Oriental, em menos de dois anos se esse processo não for revertido agora mesmo. Eu vi quase acontecer no Chile. Eu vi quase acontecer no Paraguai. E só Deus sabe o que vai acontecer na República Dominicana.

Algumas daquelas coisas eram mais ou menos verdade. Mas esses caras da CIA, eles simplesmente não conseguem resistir. Quando eles acham que você tá acreditando neles, é como se mentir se transformasse numa droga. Não, numa droga não, num esporte. Vamos ver até que ponto eu consigo mentir pra esse neguinho ignorante aqui. Do canto do meu olho eu fico olhando ele olhando pra mim, pensando que eu era justamente o cara que ele esperava que eu fosse. O Louis Johnson foi embora muito impressionado que um homem que não sabia ler era esperto daquele jeito. É claro que ele me achava esperto que nem um cachorro muito bem treinado, ou um macaco, e vivia falando comigo sobre alienígenas pra ver se eu, como ele dizia, comprava aquela conversa. Mas o Sr. Clark aqui tava tão sério que eu cheguei a olhar pro céu pra ver se ele ia ficar cinza só pra acrescentar um temperinho naquela história.

— O que estou tentando dizer é que o seu país está numa encruzilhada. Os próximos dois anos serão cruciais. Podemos contar com você?

Eu não sei que tipo de baboseira o camarada tava esperando que eu respondesse. O que ele esperava que eu dissesse, que eu embarcava nessa?

Será que eu devia dizer sim, senhor, Capitão, que nem um pirata, já que a gente tava em Port Royal? O Doctor Love me fuzilou com um olhar, depois fechou os olhos e balançou a cabeça pra cima e pra baixo. Era seu jeito de dizer vai, diz pra esse idiota o que ele quer ouvir, *muchacho*.

— Eu embarco nessa, meu sinhô.

— Fico feliz de saber. Do caralho.

O Sr. Clark se levanta para ir embora, dizendo que o carro vai levar ele de volta ao Mayfair Hotel, onde ele está ficando até que seu apartamento esteja pronto. Ele deixa dez dólares americanos na mesa e começa a andar, mas daí ele volta e se inclina para falar no meu ouvido esquerdo.

— Por sinal, eu notei que você tem feito algumas viagens pra Miami e pra Costa Rica ultimamente. Você é uma formiguinha trabalhadora, não é mesmo? É claro que o governo norte-americano não tem interesse nenhum nas atividades entre a Jamaica e os membros da sua diáspora. Se você tiver consideração em nos assistir, nós honraremos estes arranjos. Traduz isso pra ele, pode ser, Luis?

— Pode deixar, Sr. Clark.

— Clark, sem o...

— E no fim — eu digo.

— *Hasta la vista!*

Eu olho pro Doctor Love.

— O nome real dele é Clark?

— Meu nome real é Doctor Love?

— Ele diz “eu” em vez de “nós”.

— Também percebi, *hombre*.

— Eu devia prestar atenção nisso?

— Sei lá, porra. Vai na fé, bicho. Vocês já abriram a caixa com os seus presentinhos?

— Achei que americanos diziam lembrancinhas.

— E eu lá pareço um desses ianques de merda?

— Como é que tu espera que eu responda essa, Doctor Lee Brim Coringa? De qualquer jeito, aquela caixa já foi aberta há muito tempo.

Ele tá falando sobre um outro carregamento, que chegou do mesmo jeito que o último, em dezembro de 1976. Dentro duma caixa grande escrito Equipamento de Som/Show pela Paz, deixada no cais pra que eu, o Chorão, o Tony Pavarotti e mais dois caras esvaziássemos. A gente ficou com setenta e cinco M16. Vinte e cinco a gente vendeu pruns maluco de Wang Sang Lands que andavam numa fissura por arma de fogo ultimamente. O Chorão deu a ideia da gente ficar com toda a munição. Eles que arranjem suas próprias balas, ele disse.

Parecia que a gente tava se preparando para a guerra, apesar de todos os outros estarem se preparando para a paz. O Papa-Lo saltou fora da nuvem cinza em que ele mesmo havia se colocado desde que o Cantor tinha levado tiro. Era a cara dele botar a culpa toda em si mesmo, já que levar toda a culpa era o exato oposto de levar todo o crédito. Dizer pro Cantor que aquelas coisas só aconteceram porque ele tava na cadeia, senão elas jamais teriam acontecido. O Papa-Lo pegou um foguete e foi embora desse planeta há tempos, ele podia muito bem se juntar aos Porcos no Espaço, dos Muppets. O problema é que tem cada vez mais gente embarcando nessa mesma nave. A febre do acordo de paz tomou conta da favela de tal modo que o cara que matou meu primo veio até mim no final da primeira Festa da União de braços abertos como se estivesse esperando um abraço. Eu chamei ele de viado e saí andando.

A febre do acordo de paz chegou longe, até Wareika Hill, de onde um maluco que nem o Copper saiu pela primeira vez em anos, como se ele tivesse esquecido que todos os policiais da Jamaica tinham uma bala engatilhada com seu nome. Quando até o Copper desce do morro pra comer, beber e se divertir, é hora de começar a pensar em se mudar prum outro país.

O Papa-Lo até veio na minha casa me perguntar por que que eu não tava dançando ao som do *riddim* da paz, e dizer que já tava mais do que na hora dos pretos escutarem o que o Marcus Garvey tinha planejado pra gente esse tempo todo. Eu nem perdi meu tempo perguntando se ele sabia mesmo alguma coisa sobre o Marcus Garvey ou se aquilo era uma ideia que algum Rasta de merda lá de Londres tinha botado na cabeça dele. Mas os olhos dele, quando eu vi, tavam molhados. Suplicantes. E eu percebi uma coisa sobre aquele homem e o que ele tava fazendo. Ele já tava vendo muito além das nuvens, muito além da favela, muito além do tempo e do seu lugar no mundo. Aquele homem tava pensando no que escreveriam na sua lápide. No que as pessoas diriam sobre ele muito tempo depois que os últimos nacos de carne apodrecessem em seus ossos. Esqueça as sete vezes que ele foi parar na cadeia por homicídio e tentativa de homicídio só pra depois sair de lá pela porta da frente. Esqueça que antes dos brancos e do Doctor Love aparecerem, era ele quem ensinava a molecada a atirar. Esqueça que tanto ele quanto o Shotta Sherrif operam dentro de limites que eles próprios delimitaram. Ele quer que na sua lápide esteja escrito que ele unificou as favelas.

As pessoas acham que eu cultivo certa animosidade com o Papa-Lo. Eu amo muito esse chapa, e eu diria isso pra qualquer um que me perguntasse. Mas aqui é a favela. Na favela não existe essa coisa chamada paz. A única coisa que existe é este fato: o poder que você tem de me matar só pode ser detido pelo poder que eu tenho de matar você. Tem gente que vive na favela que só consegue enxergar o mundo dentro desses limites. Desde que eu era um molequinho, tudo que eu via tava fora deles. Eu acordava olhando pela janela, ia pra escola e passava o dia inteiro olhando pela janela, eu ia até a Maresceaux Road e ficava parado bem ali naquele tapume que separava o Colégio Wolmer's para Meninos do Colégio Mico. Era apenas um tapume de zinco que a maioria das pessoas não sabia que separava Kingston de St. Andrew, a cidade alta da cidade

baixa, aqueles que tinham daqueles que não tinham. Pessoas que não têm um plano esperam pra ver. Pessoas que têm um plano veem e esperam pelo momento certo. O mundo não é uma favela, e uma favela não é o mundo. As pessoas na favela sofrem porque tem gente que vive pra fazer elas sofrerem. Tempo bom pra mim é tempo ruim pra alguém, também.

É por isso que o PTJ e o PNP não vão chegar nem perto desse acordo de paz. Não há como a paz acontecer quando há tanto a se ganhar com a guerra. De qualquer jeito, quem é que ia querer a paz, quando isso não significaria coisa nenhuma e você continuaria pobre? Isso foi o que eu achei que o Papa-Lo tinha entendido. Você pode direcionar os homens para a paz o quanto você quiser. Pode trazer o Cantor e fazer ele cantar pra levantar dinheiro pra construir um novo banheiro público na favela. Você pode ir balançar seu esqueleto em Rae Town ou em Jungle e fazer amizade com um maluco que matou seu irmão não faz nem um ano. Mas um camarada só pode ir até onde a coleira não puxa ele de volta. Até que o dono diga chega dessa merda, a gente não tá indo pra lá. A coleira da Babilônia, a coleira do código de honra da polícia, a coleira da Corte de Armas, a coleira das vinte e três famílias que mandam na Jamaica. Essa coleira foi puxada duas semanas atrás, quando aquele arrombado daquele sírio do Peter Nasse tentou falar comigo em código. Essa coleira foi puxada na semana passada quando o americano e o cubano vieram querer me ensinar sobre anarquia com um livrinho de colorir.

Esses três homens me transformaram num homem ocupado. O Sr. Clark fala sobre Cuba do mesmo jeito que um homem que não aceita que sua mulher não quer mais ele. E ele não vai deixar que isso aconteça com a Jamaica, seja lá o que ele acha que isso significa. Estranho o cara querer foder com um país onde ele nunca nem morou. Talvez ele devesse esperar pelo menos um ano pra então se perguntar se valia mesmo a pena comprar um cartão de Dia dos Namorados pra esse país. Eu vou dizer pra você, se você começa a andar demais com esses brancos, de repente você

começa a falar que nem eles. Talvez seja por isso que agora o Peter esteja me chamando de patrãozinho. Um político tosco que fica o dia inteiro esperando por uma ligação do aeroporto sobre a chegada do apocalipse Rastafári. Um americano que responde a um americano que responde a um americano que só quer usar esse país como uma etapa pra chegar em Cuba. E um cubano que mora na Venezuela que quer que esse jamaicano ajude os colombianos a mandar esse navio cheio de cocaína pra Miami e distribuir nas ruas de Nova York, porque os bahamenses eram um bando de bichas que começaram a transformar o pó que eles tinham em crack e vender aquela merda por lá. E pior ainda, aqueles viadinhos não tinham muita sede de sangue. Três homens que queriam que o quarto, eu, fosse moldando 1979 pra ficar do jeito que eles queriam. De minha parte, eu tô ficando de saco cheio de fazer o que outros querem, incluindo o Papa-Lo.

Mas o Papa-Lo tinha ficado todo energizado com essa sua nova missão de justiça. Aquilo corria em suas veias que nem uma vitamina dos Flintstones. Eu imaginei que ele estaria rezando cinquenta e seis atos de penitência pra cada uma das cinquenta e seis balas disparadas em Hope Road. Pouco antes do segundo show pela paz, eu dei o Besta Selvagem de mão beijada pra ele. Disse pra ele que o Besta Selvagem tava escondido no armário da casa da mãe dele, que ficava a cinco casas de distância da dele, mas não disse que ele já tava se escondendo ali fazia dois anos. O cara recebeu aquela notícia puxando o ar com a boca. Não deu pra entender se ele tava querendo demonstrar dor ou dando um suspiro. Ele e o Tony Pavarotti e uns outros chapas marcharam até aquela casa como se ele fosse Jesus disposto a botar ordem no templo. Ele ia transformar aquilo num espetáculo, pra que o povo, a favela e até o Cantor vissem que ele tava se vingando duma coisa que ninguém pediu pra ele se vingar. Arrastou o moleque e a mãe dele pra fora de casa e começou a dar uma surra na coitada, que já tinha mais de quarenta, bem na frente de todo mundo.

Pode dizer o que quiser sobre um moleque que tentou matar o Cantor, mas uma mãe que só queria proteger seu filho é uma história muito diferente. Só que o Papa-Lo precisava mostrar pras pessoas que ele tava fazendo alguma coisa. O problema é que ele tava querendo tomar uma providência sobre uma coisa que já tinha acontecido há muito tempo, e que não podia mais ser mudada. Ele tentou fazer dela um exemplo, destruindo sua vida e expulsando ela de sua casa do jeito mais humilhante possível, mas tudo que ele conseguiu com aquilo foi fazer dele mesmo um exemplo. Ficou parecendo um escravo que age de forma violenta só pra impressionar seu sinhozinho.

Daí o Besta Selvagem começou a gritar que tinha sido a CIA quem tinha obrigado ele a fazer aquilo. A CIA e um pessoal de Cuba, o que não fazia o menor sentido, já que todo mundo sabe que os cubanos são comunistas, e jamais se relacionariam com ninguém dos Estados Unidos. Como se o Papa-Lo soubesse mais sobre a CIA do que qualquer outro jamaicano. Daí o Besta Selvagem começou a gritar que aquilo tinha sido tudo ideia minha. Eu fiquei olhando o Papa-Lo me olhando pra ver se eu ia piscar. O Besta Selvagem ficou gritando aquilo por tanto tempo que ele começou a se perguntar se não deveria acreditar. Afinal de contas, na Jamaica, quando não foi bem assim, também não fica muito longe. Sério, foi exatamente isso que ele me disse quando veio bater na minha porta um dia depois de eu ter dito pra ele onde procurar pelo Besta Selvagem, com dois pivetes tão novinhos que suas armas escorregavam de dentro da cueca. Olhei feio pros dois e os dois desviaram o olhar, o que tava à esquerda do Papa parecia uma garotinha que não conseguia parar quieta de tão nervoso. O outro mudou de ideia e tentou me encarar. Marquei ele. O Papa-Lo batia o pé no chão, como se já estivesse de saco cheio.

— Se não foi bem assim, também não fica muito longe — ele disse.

— Que que o Besta Selvagem acha que ele tá dizendo agora? Tu não conhece o ditado sobre o cara que tá se afogando?

— O cara que tá se afogando não tem tempo de inventar uma história com tanta detalhação.

Eu tive que me segurar pra não dizer pra ele que detalhação até era uma palavra, mas que não se usava daquele jeito.

— E eu não tenho tempo pra ficar explicando por que tu não pode confiar num imbecil que nem o Besta Selvagem. O marmanjo tinha dois anos pra se mandar pro lugar mais longe possível, mas o máximo que ele conseguiu chegar foi no armário da mãe dele?

— Mas tu sabia direitinho onde que eu ia encontrar ele, irmãozinho.

— A mãe dele ia no supermercado toda semana e sempre voltava com uma sacola cheia de coisa. Pra que tanta comida se só tem ela morando ali? Tu acha que ela tava no Exército da Salvação? A pergunta que tem que ser feita aqui é como é que você, o Don de todos os Dons, não se deu conta disso?

— Eu não tenho como ver o que tá acontecendo em todos os lugares ao mesmo tempo, meu irmão. Por sinal, não é pra isso que eu te pago?

— Ah. Bom, então não fica me fazendo essas pergunta idiota sobre o Cantor se tu já sabe a resposta.

— Sério? Então por que que tu tá demorando tanto pra responder? Já que tu...

— Se eu tivesse tentado matar o Cantor, eu não teria errado nenhuma daquelas cinquenta e seis balas.

Sempre fale inglês correto quando você quiser fazer um homem saber que aquela conversa está encerrada. O Papa-Lo sai andando com aqueles molequinhos pulando em volta dele. Pouco depois disso, ele fez o Besta Selvagem ser julgado por um tribunal fajuto em McGregor Gully pra provar pra si mesmo que ele ainda era capaz de administrar sua cota de castigos violentos. Tem gente que diz que o Cantor esteve lá pessoalmente para assistir, o que me pareceu uma atitude muito estranha, já que agora o mundo inteiro tá de olho em tudo o que ele faz, mas a única pessoa em

cuja palavra eu confio é o Tony Pavarotti, e ele não fala nada. Daí ele encontrou alguns dos caras envolvidos naquela vigarice das corridas de cavalo e levou eles até o forte pra fazer eles virarem comida de peixe. Tinha uma coisa que eu queria perguntar: como é que você tem todo esse sangue nas suas mãos se você tá numa missão de paz?

Minha sala tá ficando escura. Eu continuo esperando o telefone tocar. Meu filho mais velho passa por mim segurando uma coxa de frango. Ele já tá tão parecido comigo que eu tive que me cutucar só pra ter certeza de que era eu mesmo.

— Ô, moleque, o que é que tu tá fazendo aqui, e não lá junto da tua mãe? Ei, eu tô falando contigo.

— Pô, pai. Sem sacanagem, tem hora que não consigo lidar com ela.

— Que que tu fez pra coitadinha desta vez?

— Ela não curtiu um papo que eu dei sobre tu.

— Uma coisa que eu falei sobre você. E não fala curtiu, fala gostou.

— Pô, pai.

— Que é que tu falou pra tua mãe?

— Haha, que até bandido cozinha melhor que ela.

— Hahahahahaha, tu não é fácil mesmo, moleque. Mas só que é verdade. Nunca vi mulher pra ser inimiga da cozinha que nem essa. Talvez seja por isso que a gente não ficou muito tempo junto. Tu tem sorte que ela nunca te deu um tiro.

— Quê? E a mamãe lá sabe o que fazer com uma arma?

— Tu esqueceu quem que era marido dela? Que é que tu acha? Mas enfim, tá meio tarde pra tu ficar andando aí pela minha casa que nem se tu fosse um encosto.

— Mas tu tá acordado. Tu sempre tá acordado a essa hora.

— Ah, então tu tá vigiando teu pai agora, é?

— Tô não...

— Tu mente tão bem quanto tua mãe cozinha.

Não sei como é que eu não vi que aquilo ia acontecer. Fiquei olhando praquele garoto, só fazia um ano que ele tava no ginásio, não tinha nem feito doze anos ainda. Ele tava tentando se mostrar valente, me encarando, olhando bem nos meus olhos e franzindo a testa um pouco, porque ele ainda não sabe que você precisa demonstrar cada vez menos emoção no seu rosto à medida que você vai envelhecendo. É a primeira vez que ele tá fazendo aquilo, ele sabe, e eu sei, o filho tentando vencer uma disputa de encarada com o pai. Mas um menino é um menino e não um homem. Ele não vai conseguir, não ainda. Ele desvia o olhar primeiro, e volta a me encarar o mais rápido possível, mas ele acabou de perder aquele round, e ele sabe.

— Tô esperando uma ligação. Vai incomodar o teu irmão — eu disse, e fiquei assistindo ele sair andando. Não vai demorar pra acontecer o contrário.

Um dia, meu filho, você vai ter aprendido o suficiente, e vai ter visto o suficiente para que você tenha a última palavra. Mas não esta noite. Uma pessoa que eu não queria que me ligasse pra me incomodar esta noite é o Peter Nasser. Agora já faz dois meses que eu avisei ele sobre o Apocalipse Rastafári e ele ainda tá ou nervoso pra caralho ou dando a alguma daquelas idiotas do Lady Pink os piores sete minutos da vida dela. O ponto sobre o Cantor já tinha sido provado, pra ele, pra Jamaica, pra Medellín (e Cali), mas ele simplesmente não deixava aquilo pra lá. Por quê? Porque mesmo que o Cantor não quisesse ser a nova voz do seu partido, movimento, seja lá como você preferir chamar, ele seria uma coisa muito mais importante: o dinheiro. A essa altura, já tinha três mil famílias recebendo um pouquinho de dinheiro todos os meses por causa do Cantor, até mesmo a família do moleque que tinha atirado nele. Falando em levar tiro, eu tomei o susto da minha vida na vez que abri o *Gleaner* e vi uma foto dele. Bem do seu lado tava o Faísca.

Desde aquela noite, quando o Chorão parou o carro perto do Lixão e jogou o Faísca pra fora, eu nunca mais tinha visto ou ouvido falar dele. Era um outro desses caras que eu não tinha me dado conta que era mais esperto que o Chorão, se não fosse mais corajoso também, esperto o bastante pra me fazer pensar com cuidado em quem eu ia deixar viver. Tão esperto que ele foi o único que sacou na hora que depois de fazer o que a gente tinha feito não tinha mais volta. Eu gosto quando um chapa consegue ler o que tá nas entrelinhas. Mas o Faísca devia saber que ele não tinha nada com o que se preocupar, a retaliação chegaria pros estúpidos, não pros espertos. Se eu tivesse falado com ele eu teria dito irmãozinho, fica frio. O mundo fica mais inteligente com você aqui. Mesmo assim, ele aproveitou que o vento tava soprando a favor e deu no pé, saltando do carro que nem um cachorro que é solto no mato. E o Lixão nem era onde ele ia descer. O Chorão descobriu onde a maioria dos marmanjos se escondeu, e aqueles que ele não conseguiu achar, os Rastas encontraram. Ninguém tava falando sobre eles, já que a única evidência de que os Rastas tavam envolvidos naquela caça foi o Demus pendurado no galho de uma árvore nas Montanhas John Crow, com os olhos e lábios já devorados pelos urubus quando foi encontrado. Mas ninguém sabia dizer onde o Faísca tinha se metido. Nem a mulher dele, mesmo depois de ter sido estapeada três vezes e ter o pescoço apertado até quase estrangular. Vou te falar, aquilo só me fez admirar ele ainda mais. Tá aí um camarada que é um verdadeiro desaparecedor.

Mas daí, quase um ano depois, o Papa-Lo veio pisando forte até a minha casa, mais puto que o normal. Não só puto, mas tão perplexo que tava quase vesgo.

— Ele levou aquele arrombado com ele na turnê? Dá pra imaginar uma coisa dessa? Ele deu um visto praquele cu cagado.

— Calma, aí, bicho, tu não viu que já são cinco horas?

Era mesmo o final da tarde, e tava muito tranquilo na favela.

— Não entendi coisa nenhuma. Talvez ele seja mesmo que nem o profeta. Se bem que eu acho que nem Jesus faria uma loucura dessa, e olha que ele adora confundir os sábios.

— Pra quem que o Cantor deu visto agora?

Só podia ser do Cantor que ele tava falando.

— Eu tava desacreditando até que eu vi aquele arrombadinho escondido atrás dele que nem se fosse um franguinho todo apavorado. O Faísca. Eu disse o Faísca.

— O Faísca? Sério?

Quem sabe onde foi que o Faísca se escondeu por quase dois anos? Na Costa Sul, com os hippies? Em Cuba? Onde quer que ele tenha se escondido, ele simplesmente brotou no número 56 três dias depois do Cantor voltar pro segundo show. Sem arma, sem sapato e fedendo a mato. É claro que o Cantor sabia exatamente quem ele era, embora eu tenha certeza quase absoluta de que ele não tinha visto ninguém. Não sei o que eu admiro mais, se a coragem ou a burrice dele, mas o camarada simplesmente foi andando pela Hope Road, passou pela segurança e, quando eles viram e pularam em cima dele, ele se jogou aos pés do Cantor bem quando ele tava saindo da casa e implorou pelo seu perdão. Me mata ou me salva, foi o que ouvi dizer que ele disse. É claro que todas as pessoas que tavam naquela casa queriam matar ele. Elas nem tinham que se preocupar em ocultar aquele cadáver.

Talvez tenha sido muita sorte do Faísca que o Papa-Lo não estivesse lá. Ou talvez ele tivesse sorte porque o Cantor sempre enxergava muito na frente. Ou talvez o Cantor achasse que qualquer homem com o olhar vazio de quem fumou rabo de lagarto, cheirando a bosta de vaca e mato, com sapatos que se desmancharam depois que abriu um furo no dedão não tivesse como se rebaixar ainda mais. Ou talvez ele seja mesmo um profeta. O Cantor não só perdoou como acolheu ele rapidamente, trazendo ele pro seu núcleo mais íntimo, e inclusive levando o chapa junto

quando ele saía da Jamaica. O Papa-Lo não sabia de nada disso até ver aquela foto no *Gleaner*.

Pela primeira vez em anos, eu tive que parar para pensar com mais cuidado sobre o Cantor. O Papa-Lo tava puto da vida com uma situação que ele não tinha nenhum controle. Depois que o Cantor tinha abençoado o camarada, quem é que ia se atrever a lançar uma maldição? O Faísca se tornou intocável. Ele nunca mais voltou pra Copenhagen City, nem pra Jungle, nem pra Rose Lane, e passou a morar na mesma casa em que tinha tentado matar as pessoas que viviam ali. Quando ele não tava lá, tava viajando pelo mundo.

Já tava ficando tarde, e eu ainda tava do lado do telefone, esperando ele tocar três vezes. Essas pessoas sabiam o que eu pensava sobre fazer as coisas na hora. Eu odeio muito cedo e também odeio muito tarde. Na hora quer dizer na hora. Um desses camaradas tem quatro minutos. O outro tem oito. O outro tem doze.

— Mas não é possível, todos os meus filhos viraram assombração esta noite?

Minha mais novinha, a menina, tá na porta bocejando e esfregando os olhos. Ela tá equilibrada numa das pernas e coçando a batata da perna com o outro pé. Sua camisetinha da Mulher Maravilha salta aos olhos, mesmo no escuro. A mãe dela tinha feito duas tranças em seus cabelos antes dela ir pra cama, e aposto que ela ficaria fula da vida se visse aquela garotinha andando pela casa de noite e puxando suas calcinhas como se estivesse se coçando. Ela nunca vai perder essas covinhas, que nem sua mãe jamais perdeu. Pelo menos ela é clarinha que nem a mãe. Meninas pretas não têm futuro na Jamaica, apesar de toda essa baboseira aí de Black Power. Quer dizer, olha só quem acabou de ganhar o Miss Universo.

— O encosto colou tua boca, menininha?

Ela não diz coisa nenhuma. Em vez disso, vem caminhando até mim, ainda puxando as calcinhas, e para bem no meu joelho. Minha garotinha esfrega os olhos mais uma vez e olha pra mim como se quisesse ter certeza de que era eu. Ainda em silêncio, ela segura minhas calças e começa a me escalar, subindo pelos meus joelhos para se acomodar e dormir no meu colo. Será que ela puxou esse espírito livre da mãe dela ou de mim?

Como é que os bandidos faziam o trabalho deles antes de inventarem o telefone? Eu mesmo até já me esqueci como é que as notícias circulavam. Faltam três minutos pra primeira ligação. De repente, lembrei de uma outra ligação. É claro que eu sabia o porquê. É o que o Doctor Love chamaria de *déjà vu*. Tinha acontecido justamente quando todas as pessoas sensatas encheram o saco dessa bobajada toda de paz e amor. Mais ou menos na mesma época em que o Copper desceu o morro como se as pessoas, eu inclusive, fossem esquecer o tremendo arrombado que ele costumava ser antes do acordo de paz, estuprando as mulheres dos caras que ele tinha acabado de matar. Até mesmo o Papa-Lo, que era o Senhor Mato-Qualquer-Um-Que-Estuprar-Mulher, deixou o Copper passar batido e subir pra Wareika Hills. Tempo bom pra mim é tempo ruim pra alguém, e as pessoas tão prestes a conhecer o tempo ruim chegar num nível que o novo americano chama de massa crítica. O que a massa crítica faz é o mesmo que uma mulher que apanha do marido faz. Sim, as coisas tão ruins, mas não mude nada se elas tão funcionando pra você. Esse tipo de ruim a gente conhece. O bom? Claro que o bom é bom, mas o bom era algo que ninguém conhecia. O bom é que nem um fantasma. O bom não te dá esmola. A Jamaica vai de mal a pior por causa desse tipo de serviço mal-feito. Então, quando certas pessoas tão quase tendo um ataque de pânico por causa de todas essas vibrações positivas que ameaçam destruir a próxima eleição, principalmente quando elas tão vendo o que vai sair disso aí, meu telefone começa a tocar. Minha mulher anotou um recado, e era apenas uma palavra.

— Copper.

— Mais alguma coisa? Ele disse mais alguma coisa?

— Não, só Copper.

Por mim, sem problemas. Eu odeio aquele barrigudo de merda desde a primeira vez que eu vi ele, mas a trégua não tinha transformado o Copper num idiota. Ele sabia que tava seguro lá em cima do morro e em Copenhagen City, e até em Eight Lanes. Mas ele não tava a salvo da polícia. O Copper não ia se meter a brincar num parquinho que ele não conhecia. Então, numa *jam session* em Rae Town num domingo, eu disse a ele ô Copper, tu que mora lá no morro, quando foi a última vez que tu comeu peixe frito?

— Eita, bicho, pra te falar a real pra tu, faz um tempão que eu não papo uma coisinha dessa.

— O quê? Pô, bicho, aí não dá. Amanhã, amanhã a gente vai direto pra praia pra comer uns peixe e umas massa frita.

— Eita. Sério que tem massa frita? Eles fritam a massa no mesmo óleo do peixe? Tô achando que tu é o diabo pra ficar me tentando desse jeito.

— Um inhamezinho assado, um milho assado coberto de coco ralado, umas dez panqueca de farinha de mandioca, cinco fumegando de tanta pimenta, cinco frita no mesmo óleo que eles frita o peixe.

— Meu Deus, bicho.

— Pede prum dos teus homens te levar até Fort Clarence.

— Aquela praiazinha metida à besta? Que papo é esse?

— Vou deixar o teu nome na porta. Vai nessa, faz de conta que tu nem gosta disso. Um monte de peixe e massa frita pra comer, e tu ainda vai poder passear pela praia da Babilônia sem nenhum polícia por perto.

— Bicho, se tu fosse uma mina eu me atirava de joelho e casava com tu agora mesmo. Mas, irmãozinho, não posso fazer uma merda dessa. Assim que eu botasse o meu pé na rua já ia ter três polícia caíndo em cima de mim. E nem vão me pedir pra levantar as mão.

— Bicho, usa a tua cabeça. Os polícia se acha muito esperto. Tu acha que eles não tão esperando que o bandido vá tentar enganar eles saindo pela porta dos fundos?

— Bom...

— Bom nada. O melhor lugar pra se esconder é bem debaixo do nariz.

— Essa ideia parece uma merda.

— E eu lá tenho cara de quem fica dando ideia de merda por aí? Tu quer que os polícia te pegue, te mete pelo esgoto. Vai pra Trench Town, vai pra Maxfield Park Avenue. Agora, se tu quer ir pra praia em paz, vai dirigindo pelas rua que tu tem medo de ir. Porra, se liga no bizu depois desse tempo todo tu ainda não sabe como é que polícia pensa? Eles nunca vão esperar, nem num milhão de anos, que tu vá sair dirigindo pela Harbour Street em plena luz do dia. Por isso mesmo não vai ter patrulha lá.

Quem é guloso numa coisa geralmente acaba sendo guloso em todas. Eu disse pro Copper procurar pela Janie, uma *coolie* que tem um quiosque de peixe frito na praia. Ela tem duas filhas crescidas que são metade *coolie* chamadas Betsy e Patsy. Se você levar qualquer uma delas pro banco de trás do seu carro, você vai ganhar uma sobremesa. Naquela mesma noite, eu acordo o inspetor com uma ligação. O Copper nem chegou na praia.

Um minuto.

Quarenta e cinco segundos.

Vinte segundos.

Cinco.

Eu atendo o telefone no primeiro toque. Ansioso demais.

— Sim?

— Tua mãe nunca te ensinou a ter modos? Gente decente diz alô.

— E?

— Tá finalizado.

— Jesus sabe que tu tá roubando as palavra dele?
— Mas meu Jesus, Josey Wales, não me diz que tu é um homem temente a Deus.
— Não, eu só gosto do Evangelho de Lucas. Onde?
— Na ponte.
— Cinquenta e seis vezes?
— Tu acha que eu sou aquele cu cagado daquele Conde da Vila Sésamo, chefia?
— Dá o teu jeito aí pra sair no jornal que ele levou cinquenta e seis tiros. Tá me ouvindo?
— Sim sinhô.
— Cinquenta e seis.
— Cinquenta e seis. Ah, e mais uma coisa, eu...
Eu desligo. A porra da ligação tinha tomado os quatro minutos inteiros. Ele não vai ligar de volta esta noite.
Quarenta e três segundos.
Trinta e cinco segundos.
Doze.
Um.
Menos cinco.
Menos dez.
Menos um minuto.
— Tu tá atrasado.
— Foi mal, chefia.
— E?
— Chefia. Bicho, eu nem sei como é que eu vou te contar pra tu.
— A melhor maneira é tu contar pra mim.
— O chapa desapareceu, chefia.
— Ninguém desaparece. Ninguém desaparece a menos que você faça ele desaparecer.

— Ele sumiu, chefia.

— Que porra é essa que tu tá falando, ô, idiota? Como é que ele sumiu? Ele tem visto?

— Sei não, chefia, mas a gente procurou por toda parte. Na casa dele, na casa do broto dele, na casa do outro broto dele, no Centro Comunitário de Rae Town, onde ele trabalhou um tempo, até na casa do Cantor, onde ele montou um escritório do conselho. A gente tá de tocaia em tudo que é rua esperando ele desde ontem.

— E?

— Nada. Quando a gente baixou na casa dele, tudo tava lá, menos um gaveteiro, que tava limpo. Limpinho, limpinho, não tinha nem teia de aranha.

— Tu tá me dizendo que um imbecil dum Rasta conseguiu escapar de dez bandidos? Assim, do nada? Que foi, tu mandou avisar que tava indo pegar ele?

— Não, chefia.

— Bom, é melhor tu encontrar ele.

— Sim, chefia.

— Mais uma coisa.

— Fala, chefia.

— Encontra quem foi que vazou esse lance e mata. E, irmãozinho: se tu não encontrar ele em três dias, eu te mato.

Eu espero ele desligar.

Caralho puta que pariu.

Merda.

Não sei se isso eu disse ou pensei. Mas ela ainda tá dormindo, meu joelho empapado de baba. Tristan Phillips, o Rasta que tava efetivamente desenhando o mapa da paz e presidindo o Conselho da União, simplesmente sumiu. Assim, do nada. É o tipo de marmanjo que tá no mesmo balaio do Faísca. Vivo ou morto, ele tinha realmente desaparecido.

E levando em conta o quanto ele é burro, o Peter Nasser não ia sacar patavina. De repente, me dei conta de que eu tava sentindo falta duma ligação que não veio. De um homem que nunca se atrasa. Nunca mesmo.

Cinco minutos atrasado.

Sete minutos.

Dez minutos atrasado.

Quinze.

Vinte.

Tony Pavarotti. Atendo o telefone e só escuto o sinal de linha, mas quando coloco de volta no gancho ele toca.

— Tony?

— Não, é eu, Chorão.

— Que que tu quer, Chorão?

— Ô, tá com formiga na calcinha uma hora dessa?

— Como é que tu sabia que eu tava acordado?

— Todo mundo sabe que tu não dorme. Tu tá baratinado agora.

— Quê? Quer saber duma coisa? Tá muito tarde pra eu te perguntar que que isso quer dizer. Mas enfim, desocupa a linha, tô esperando uma ligação.

— De quem?

— Pavarotti.

— Quando que era pra ele ter batido o fio?

— Onze horas.

— Ele não vai te ligar, mestre. Se era às onze que o irmão ia ligar, ele tinha te ligado às onze. Tu sabe como ele é.

— Eu tava pensando a mesma coisa.

— Por que tu pediu pra ele te ligar tão tarde?

— Mandei ele fazer um servicinho de limpeza lá no Four Seasons.

— Coisa pequena dessa e ele ainda não te ligou de volta? Tô surpreso que tu não mandou dois camaradas atrás dele...

— Não me diz o que que é pra eu fazer, Chorão.

— Porra, tá mesmo cheia de formiga essa tua calcinha.

— É dose quando eu não posso confiar nem no único homem confiável de Copenhagen City.

— Ai.

— Ai? Tu aprendeu essa com teus novos amiguinhos americanos?

— Talvez. Olha. Talvez tenha acontecido alguma coisa e ele tenha ficado baixado. Tu conhece ele, ele não vai te ligar até que tenha terminado o serviço de vez. Nunca.

— Sei não.

— Eu sei. Enfim, como é que todo mundo tava por dentro das mudança dos plano e eu não? Quase fiz papel de idiota lá na frente daquela puta colombiana lá.

— Bicho, quantas vezes vou ter que te dizer pra não falar dessas coisas no telefone?

— Vai tomar no rabo, Josey. Nosso negócio é erva. Quando tu me mandou pra cá tu me disse que a gente ia trabalhar com erva, tu não me disse nada sobre essa irmã branquinha dela.

— Meu irmão, já te disse isso quatro vezes. Erva dá muito trampo, e ocupa muito espaço. Além do mais, os ianques tão plantando a erva deles agora, e não precisam mais da nossa. A irmã branquinha ocupa muito menos espaço e rende sete vezes mais grana.

— Sei não, bicho. Não curto esses cubano, bicho. Os comunista já eram ruim, mas esses que vêm dos Estados Unidos são pior pra caralho. E nenhum deles sabe dirigir.

— Cubanos ou colombianos? Chorão, eu realmente não tô podendo me ocupar contigo e com eles agora.

— Principalmente aquela mulher, tu já sacou que ela é pirada, né? Ela é que manda na porra toda. Ela é malucaça. Maninho, ela chupa uma buceta a noite inteira e mata o broto no dia seguinte.

— Quem te disse isso?

— Eu sei disso.

— Chorão, eu te ligo amanhã do Jamintel. Numa noite que nem a de hoje pode ter dois ouvidos num telefone. Enquanto isso, te diverte um pouco aí. Tem coisa pra caralho prum cara que nem você se divertir por aí.

— Opa, que que tu tá querendo dizer?

— Eu tô querendo dizer o que eu disse, ô, cu cagado. E não faz merda que nem semana passada no Miramar.

— Que que tu queria que eu fizesse? O cara me agarrou...

— Que que tu acha que eu faço com o Pavarotti?

— Espera até amanhã de manhã. Se ele não falar contigo, logo, logo alguém vai te falar dele.

— Boa noite, Chorão. E não confia naquela vadia colombiana. Eu só me dei conta semana passada que ela é só um trampolim pra onde a gente realmente quer ir.

— Ah. E onde que é isso, juventude?

— Nova York.

SIR ARTHUR GEORGE JENNINGS

Tem uma coisa diferente pairando no ar agora, uma brisa perversa. Uma malária. Muitos mais ainda terão que sofrer, e muitos mais terão que morrer, dois, três, cem, oitocentos e oitenta e nove. Enquanto isso, eu vejo você rodopiando como um dervixe, por cima da música e por baixo dela, pulando para tudo quanto é lado no palco, sempre aterrissando no dedão do pé dentro da tua Brutus. Anos atrás, numa partida de futebol, um jogador usando tênis de corrida com travas de ferro — quem é que joga futebol com travas de ferro? — pisou na sua chuteira e rasgou seu dedão. Quando você era criança, você quase arrancou ele fora com uma enxada. Um câncer é como uma rebelião, uma célula que vira a casaca e se revolta contra o corpo, e ainda seduz outras partes de você para que elas façam o mesmo. Eu vou dividir as suas partes e vou conquistá-las. Eu vou destruir os seus membros, um por um, e vou envenenar os seus ossos porque, sério, tudo que eu sou é escuridão. Não importa quanta gaze sua mãe enrolou em você, nem quanto talco medicinal Gold Bond ela aplique, seu dedão nunca vai sarar.

E agora tem uma coisa diferente no ar. Três brancos bateram à sua porta. Cinco anos atrás, o primeiro te avisou para não ir embora. No final de 1978, o terceiro — eles sempre sabiam onde te encontrar — te avisou para não voltar. O segundo veio trazendo presentes. Você nem lembra mais dele agora, mas ele veio como se fosse um dos três Reis Magos, trazendo uma caixa embalada que nem um presente de Natal. Você a abriu e deu um pulo de alegria — alguém sabia que todo maluco que vem da favela queria ser O Homem que Matou o Facínora. As botas eram

marrons, de pele de cobra, levemente avermelhadas; alguém sabia que você amava botas quase tanto quanto suas calças de couro marrom. Você calçou a direita e soltou um grito como aquele garoto que arrancou seu pé tentando rachar um coco no meio. Você tirou a bota, jogou pro lado e ficou olhando seu dedão espirrar sangue a cada batida do seu coração. O Gilly e o Georgie sempre tinham facas à mão. Uma incisão na costura e uma puxada na pele da bota e lá estava: um fio pontiagudo de cobre, uma agulha perfeitamente reta que fez você pensar na Bela Adormecida.

Tem uma coisa diferente no ar. No pé de Wareika Hills, um homem chamado Copper sai de casa e fecha o portão. Uma noite azul escura ia passando depressa. Ele dá dois passos, mas não consegue dar um terceiro. O homem chamado Copper cai e cospe o que restou de sangue que já não estava jorrando pelo seu peito e barriga. O pistoleiro larga a M1, depois muda de ideia, pega de novo e corre até o carro que já estava em movimento.

Você está no estúdio com a banda, trabalhando numa música nova. Os relógios marcam o tempo no horário da Jamaica. Os espectadores dão duas tragadas na maconha de boa qualidade e passam pra esquerda. O som de duas guitarras se mistura, um se enroscando no outro como numa briga de cobras. O novo guitarrista com os dreads mais curtos, o roqueiro que ama Hendrix, despluga sua guitarra. Você o fuzila rapidamente com os olhos esbugalhados.

— Não vai embora! Eu não tenho muito tempo.

Tem uma coisa diferente no ar. O Don chamado Papa-Lo volta pra casa depois das corridas de cavalo num táxi que vai pela estrada com as janelas abertas. Alguém faz uma piada e o vento salgado do mar abafa sua gargalhada. Sem desvios bruscos, apenas uma curva suave, a estrada se transforma numa ponte que se ergue e os conduz até os três carros da polícia que estão bloqueando a passagem lá embaixo. Ele sabe que eles sabem quem ele é antes mesmo do seu motorista parar. Eles sabem que

ele sabe que eles sabem, antes mesmo deles gritarem BLITZ DE ROTINA. Ele sabe antes deles chegarem que mais carros virão por trás. O policial número um diz pra ele se afastar do veículo pra eles poderem revistar. Pega a esquerda e vai andando até chegar na frente daquele matagal do outro lado da rua. O policial número dois encontra o seu 38. Os policiais número 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15 e 16 atiram. Alguns vão dizer que foram quarenta e quatro, outros que foram cinquenta e seis balas, o número exato de cartuchos encontrados no número 56 da Hope Road naquela semana em dezembro de 1976.

Você está jogando futebol em Paris, naquele campo verde em frente à Torre Eiffel. Você joga com qualquer um que estiver a fim, que nesse momento são uns garotos brancos encantados com a sua presença e um jogador da seleção francesa. Sua equipe, mesmo fazendo turnê todos esses anos, nunca se acostumou com isso, com essas cidades que nunca dormem. Eles já estão atirados pelos cantos embora a tarde esteja apenas no começo. Os franceses não jogam futebol como os ingleses. Não têm esse negócio de apenas um jogador ser a estrelinha do time. Esses garotos jogam em grupo, muito embora a maioria deles nem se conhecesse. Um deles calcula mal uma jogada, pisa com força no teu dedão direito e arranca a unha dele.

Tem uma coisa diferente no ar. O camarada que mandou me matar paga sessenta dólares por dia pra Wang Gang passar atirando em duas das oito ruas de Eight Lanes. As duas mais próximas do mar. São duas ruas muito degradadas, com seus tapumes de zinco enferrujado e esgoto a céu aberto. A gangue passa em intervalos aleatórios ao longo do dia, abrindo fogo com todas as armas, em todas as direções. Uma torrente de balas. Uma chuva.

Você está em Londres. Corta fora esse dedão, corta fora de uma vez, diz o médico, sem nem olhar no seu rosto. Enche as botas com pano, com algodão, com argila, e bico calado. O quarto tem um cheiro de

antisséptico jogado por cima de merda, pra encobrir o fedor. E de ferro, como se alguém no quarto ao lado estivesse polindo panelas de aço. Mas se os Rastas já estavam achando que o seu dedo doente era uma maldição de Deus, o que você acha que eles diriam de um dedo amputado? Você está em Miami. O médico removeu o tecido canceroso e enxertou um pouco de pele do pé esquerdo. Foi um sucesso, ele disse, mas não com essas palavras, você não consegue lembrar das palavras exatas. Mas ele disse que o seu câncer sumiu, que você não tem câncer. E toda noite que você bate seu pé com força no palco pra esmagar a Babilônia, sua bota direita se enche de sangue até quase a borda.

Tem uma coisa diferente no ar. O Tony McFerson, o representante do PNP no Parlamento, e seu guarda-costas estão encurralados em August Town. Bandidos do morro, aliados de Copenhagen City, descem e abrem fogo pra cima dos dois. Eles revidam os tiros. Os bandidos abrem buracos na porta do carro e na janela, e as balas ricocheteiam no para-brisa. Os bandidos disparam muitos tiros, de longe, protegidos por cercas, mato e arame farpado. Sirenes, polícia, os bandidos batem em retirada, o som das suas pegadas desaparecendo a cada passo. Os pneus dos carros levantam o cascalho do chão, patinando até a roda parar. As sirenes param, coturnos pisam o chão, os policiais vão chegando mais perto, fazendo mais barulho. O Tony McFerson é o primeiro a levantar, com um tremendo esforço, um sorriso largo no rosto e um suspiro de alívio que dava pra ver a uns trinta metros de distância. A terceira bala atravessa seu pescoço de lado, explodindo a medula e matando tudo do pescoço pra baixo antes que seu cérebro percebesse que ele está morto.

Você está em Nova York. É dia 21 de setembro. Todo mundo sabe que você sempre foi o primeiro a acordar e o último a ir dormir, especialmente quando estava no estúdio. Ninguém tinha se dado conta de que fazia um ano que você não fazia nenhuma das duas coisas. Você acordava queimando, o colchão tinha chupado um quilo de água pela tua pele, mas

você ouvia o ar-condicionado zunindo ali por perto. Você lembra da dor no lado direito da cabeça e lá vem ela. Agora você se pergunta se essa dor não era apenas um pensamento até que você pensasse nela. Ou talvez a dor já estivesse em você por tanto tempo que ela tinha se tornado uma parte invisível do corpo, como um sinal na pele escondido no meio dos dedos do pé. Ou talvez você tivesse dito um nome feio, como diriam as velhas lá dos morros. Você não sabe que é dia 21 de setembro, você não tem nenhuma memória do segundo show já na noite seguinte, você não faz ideia de onde está nem de quem está aqui com você, mas, pelo menos, você sabe que está em Nova York.

Tem uma coisa diferente no ar. A Icylda diz pro Christopher coma toda sua comida, você acha que carcaça de frango é barato? O moleque dela engole três garfadas de uma só vez e sai correndo pela porta. Ele para e pega o disco no balcão, um *dubplate* quentíssimo prensado naquele mesmo dia. Só lembra que você tem trabalho amanhã, diz Icylda, mas depois ri e o espanta porta afora. Os garotões na Gold Street estão todos na chinfra, vestindo calças de gabardine e camisas de poliéster, e os brotinhos estão umas teteias naqueles jeans apertados, blusinha e coisa e tal. Depois de tocar uma do Tamblins, o sistema de som está soltando um peso novo, a nova do Michigan & Smiley, mas o Christopher tinha um troço novo do Black Uhuru que ia arrebentar o salão. Rapazes e garotas num espaço pequeno, se esfregando uns nos outros enquanto o som dos graves faz o peito tremer. Quem é que trouxe rojões pra festa? Não eram rojões, era chuva pesada bate bate batendo no zinco. Mas ninguém tá ficando molhado, a Jacqueline diz em voz alta bem quando duas balas abrem um buraco no lado direito do seu peito. Seu grito desaparece em meio a todos os outros. Ela olha para trás uma vez, sombras vindo do mar, a estrela de cinco pontas que aparece quando uma metralhadora atira. O DJ leva um tiro no pescoço e cai. As pessoas estão correndo e gritando, e pisoteando as garotas que caem no chão. Estão caindo, uma, duas, três.

Outros homens estão vindo do mar, mas usando cores e luzes noturnas. Eles se espalham e fazem disparos em leque. A Jacqueline salta sobre os tapumes de zinco e corta os joelhos, e desce correndo a Ladd Lane ainda ouvindo os gritos atrás dela. Ela esquece que tem sangue jorrando do seu peito e cai no meio da rua. Duas mãos a levantam do chão e a levam embora.

Chove bala pra cima do zinco, e os camaradas que estão na Gold Street só têm duas armas. Mais homens vêm pelo mar, alguns outros pela terra, as três saídas estão bloqueadas. O barulho da chuva de disparos acorda os policiais que estavam dormindo a poucas quadras dali, e eles pegam suas armas e se trancam atrás de uma porta com um cadeado. O Rastafári não tem pra onde correr, e os homens estão vindo. Atrás dele, pessoas vão caindo como numa onda, lentamente. O Fat Earl está no chão, vomitando sangue. O Rastafári se joga em cima do Fat Earl, que ainda não está morto, e rola por cima dele pra se sujar de sangue. Quando os pistoleiros chegam até lá, eles acham que é ele quem está morto, e só atiram no Fat Earl. Os homens armados voltam para o mar.

Você está correndo em volta de um lago no Central Park. O país é outro, mas sua equipe é a mesma, e por um segundo você se sente como se estivesse de volta a Bull Bay antes do sol nascer. Uma corrida nas areias negras da praia, um mergulho na cachoeira, talvez jogar um futebol, abrindo seu apetite para um café da manhã todo feito pelo Gilly, só esperando você voltar. Mas você ainda está em Nova York, e a umidade já tomou conta de tudo. Você levanta sua perna esquerda, alargando um pouco o passo, mas sua perna direita se recusa a se mexer. Seu quadril gira — mas que porra é essa? —, mas sua perna direita simplesmente não se mexe. Levanta sem pensar. Não funcionou. Levanta pensando, então. Não funcionou também. E agora é a sua perna esquerda que não quer se mexer. Suas duas pernas pararam de funcionar, mesmo depois de você ter xingado elas três vezes de cu cagado. Seu amigo está vindo logo atrás de

você, e você se vira para chamar ele, mas seu pescoço gira cerca de meio centímetro e trava. Nada de fazer que sim nem que não com a cabeça. Um grito se perde no caminho entre sua garganta e seus lábios. Seu corpo está começando a inclinar e você não consegue pará-lo. Não, ele não está inclinando, está desabando, e você não consegue esticar seus braços para frear a queda. O chão bate com força em você, primeiro no seu rosto.

Você acorda na Essex House. Suas mãos e seus pés se recuperaram, mas o medo persiste. Fraco demais para se levantar da cama, você não sabe que eles mentiram pra sua esposa há poucos minutos, fazendo com que ela fosse embora dali. Você acorda e sente o cheiro de sexo, fumo e uísque. Você vê e espera, mas ninguém escuta, ninguém vê, ninguém vem. Seus ouvidos acordam para ouvir seus amigos correndo até o quarto, seus amigos cheirando metros e metros da branquinha, seus amigos comendo groupies, seus amigos comendo prostitutas, seus amigos comendo amigos, Rastafáris estuprando o sagrado cachimbo cerimonial com crack. Homens de terno, subindo rápido dentro da organização, homens de negócios bebendo seu vinho; seu quarto virado num templo, só esperando que Jesus viesse expulsá-los. Ou algum profeta. Qualquer profeta. Mas você afunda na cama agradecido por, pelo menos, ainda poder mexer seu pescoço. Moleques do Brooklyn passando pra lá com suas armas, moleques do Brooklyn passando pra cá com seus paus, as chamas do Rastafári estão apagadas. Você não tem forças pra ficar de pé, não tem boca para xingar, então você sussurra *por favor fecha a porta*. Mas ninguém te escuta, e a Essex House vai enchendo tanto até que explode, e os amigos acabam todos espalhados pela 7ª Avenida.

Tem uma coisa diferente no ar. Uma evolução às avessas. Homens, mulheres e crianças na favela de Rose Town começam seu dia levantando e andando, às vezes correndo, da escola pra casa, de casa pras lojas, das lojas pros bares de rum. Ao meio-dia, todo mundo senta pra jogar dominó, pra almoçar, pra fazer seu dever de casa, pra fazer fofoca sobre a

piranha lá da Hog Shit Lane. De tarde, todo mundo se acomoda no chão da casa. No fim da tarde, eles se arrastam de um cômodo ao outro pra comer o jantar sentados no chão, que nem bicho. De noite, todo mundo deita no piso, mas ninguém dorme. As crianças deitam de costas e ficam esperando as balas choverem sobre o zinco como se fosse granizo. O tráfego de balas é intenso, passando assobiando pelas janelas, atravessando tetos, abrindo buracos nas paredes, nas luminárias, e em qualquer oratório que ficar de pé. Enquanto isso, o camarada que me matou está na tevê; Michael Manley e o PNP precisam definir a data da eleição agora.

Você desmaia em Pittsburgh. Nunca é bom ouvir um médico usar uma palavra que termina em oma. Pois a tal da oma tinha pulado, saltado e virado cambalhota do seu pé pro seu fígado, pulmões e cérebro. Eles te bombardearam com rádio em Manhattan, e seus dreads caíram. Você foi pra Miami, e depois pro México, praquela clínica que não conseguiu salvar o Steve McQueen.

Quatro de novembro. Sua mulher providencia um batismo na Igreja Ortodoxa Etíope. Ninguém sabe que seu nome agora é Berhane Selassie. Você agora é cristão.

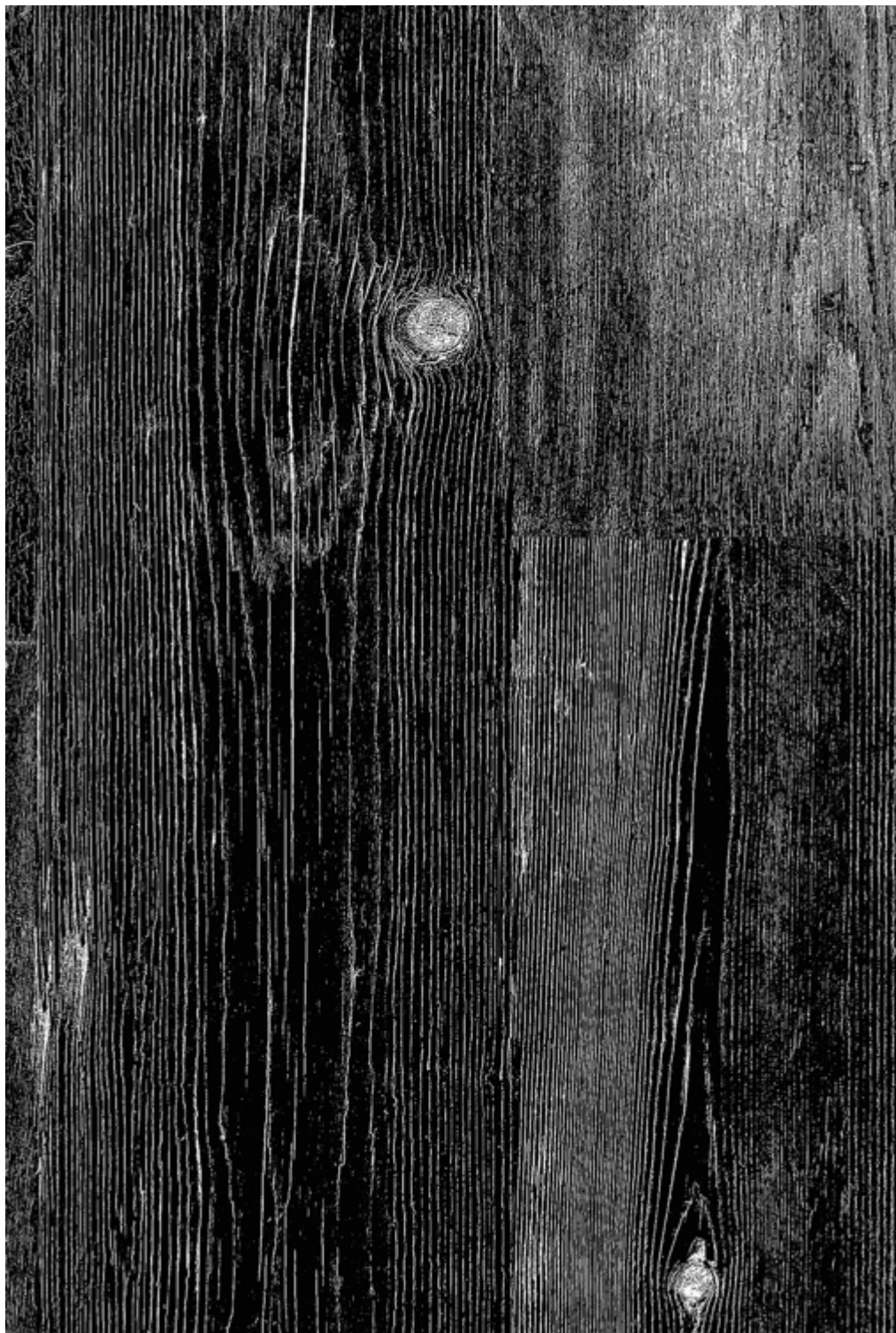
Tem uma coisa diferente no ar. Numa parede da cidade baixa de Kingston: FMI — Foi Manley, Idiota. Eleições gerais marcadas para o dia 30 de outubro de 1980.

Alguém está te levando de carro pela Bavária, perto da fronteira com a Áustria. Um hospital brota da floresta como mágica. Há montanhas ao fundo, com neve no topo, como a cobertura de um bolo. Você conhece o bávaro alto e gelado, o homem que ajuda aqueles que perderam suas esperanças. Ele sorri, mas seus olhos são tão afundados em sua cabeça que eles desaparecem sob a sombra das sobrancelhas. O câncer é um alerta vermelho de que todo o corpo está em perigo, ele diz. Graças a Deus que

a comida que ele proíbe, os Rastafáris já não comem há muito tempo. O sol nasce trazendo uma nova promessa.

Tem uma coisa diferente no ar. Novembro de 1980. Um novo partido vence a eleição, e o homem que me matou sobe no pódio com seus irmãos para governar o país. Ele estava esperando por isso há tanto tempo que ele sobe as escadas correndo e tropeça.

O bávaro desiste. Ninguém fala em esperança, ninguém fala em mais nada. Você está em Miami e não se lembra do voo. Dia 11 de maio, seus olhos abrem, você é o primeiro a acordar (que nem nos velhos tempos), mas tudo que você vê são as mãos cobertas de veias de uma mulher velha e seus joelhos ossudos. Uma máquina de plástico cheia de cabos enfiados em você é o que te mantém vivo. Você sente como se já estivesse dormindo, provavelmente por causa dos remédios, mas, de repente, alguma coisa muda e você sabe que, pra onde quer que você vá dessa vez, não tem mais volta. Do lado de fora da janela vem uma coisa que parece com aquela música do Stevie Wonder, “Master Blaster”. Nos dois céus, na cidade de Nova York e em Kingston, coloridos de branco pelo sol do meio-dia, ouve-se um trovão e um raio estala entre as nuvens. Parece uma tempestade de verão, três meses mais cedo. A mulher acordando em Manhattan e a mulher sentada na varanda em Kingston, as duas sabem. Você se foi.



WHITE LINES/KIDS IN AMERICA

14 de agosto de 1985

DORCAS PALMER

Tu sabe como essas minas são, elas vêm até aqui, pros Estados Unidos, e ainda se comportam que nem umas vagabundas lá de Gully. Tô de saco cheio dessas minas. Eu falei isso pra uma dessas putinhas de merda que tavam trabalhando com a Sinhá Colthirst. Escuta aqui, sua putinha de merda, eu disse, enquanto tu tá nesse emprego aqui, e morando debaixo daquele teto lá, é melhor tu passar a chave nessa tua xaninha, tu tá me entendendo? Passa a chave na xaninha. É claro que a vadia não me escutou, e agora ela tá grávida. E é claro que a Sinhá Colthirst mandou ela embora — com a minha recomendação, é claro. Já imaginou? Um neguinho fedido correndo pra lá e pra cá? Na 5ª Avenida? Não, senhor. Os brancos iam fazer uma dessas coisas de branco que eles fazem, dar um escândalo, tá louco.

— Ela prefere ser chamada de Dona Colthirst ou Senhora Colthirst?

— *Ela prefere ser chamada de Dona Colthirst ou Sinhá Colthirst? Mas como tu é certinha! Eles vão gostar rapidinho de tu. Cara, às vezes nem eu sei qual que ela prefere. Desde que ela começou a ler aquela revista Ms, ela vem dizendo que o nome dela é Madame Colthirst, meu amor. Mas eu só chamo de Sinhá.*

— Sinhá? Que nem nos tempos da escravidão?

Pela primeira vez ela parecia não saber o que responder. Já faz três meses que eu tô na Agência de Empregos Deus Abençoe, e toda vez que eu venho aqui ela tem uma nova história sobre alguma vadia favelada que engravidou quando trabalhava sob sua responsabilidade. O que eu não entendo é por que ela sempre acha que eu sou a pessoa pra quem ela deve

contar essas coisas. Eu não tô querendo ser compreensiva nem simpática, eu só quero a porra dum emprego pro cara que me aluga aquele muquifo não me botar pra fora do meu apartamento de alto padrão, que fica no quinto andar e só dá pra subir de escada, e que tem uma privada que quando eu puxo a descarga parece que tá matando alguém, e ratos que agora tão começando a se sentir como se pudessem simplesmente sentar no sofá pra assistir tevê comigo.

— Tenta não falar essas coisas de escravidão perto dos Colthirst. Esse povo de Nova York que mora na Park Avenue fica todo nervosinho com esse tipo de comentário.

— Ah.

— Pelo menos tu tem um desses nomes bíblicos que eles adoram numa jamaicana. Eu consegui um emprego até pra um homem na semana passada, dá pra imaginar uma coisa dessas? Provavelmente foi porque o nome dele era Ezequias. Vai saber. Talvez eles achem que ninguém que tem um nome tirado do livro sagrado vai roubar deles. Tu não é ladrona, é?

Ela me pergunta isso toda semana, sempre que eu venho buscar meu pagamento, mesmo já fazendo três anos que tô aqui. Mas desta vez ela tá me olhando como se realmente quisesse ouvir uma resposta. Os Colthirsts claramente não são clientes comuns. Onde é que tá a minha professora do ginásio agora para eu poder falar para ela de todas as portas que eu abri na vida só de saber como falar corretamente? A Dona Betsy está olhando para mim. Com um pouco de ciúmes, claro, mas toda mulher tem isso dentro de si. Um pouco de inveja também, porque eu tenho o que, em um concurso de beleza, chamariam de boa conduta, afinal de contas, eu estudei na Havendale St. Andrew. Orgulho, é claro, porque ela tem alguém que finalmente poderá usar para impressionar os Colthirst, tanto que ela provavelmente deve ter contado alguma mentira sobre a última garota só para que ela fosse demitida. Mas pena também, isso com

certeza. Ela tá se perguntando como uma garota como eu tinha ido parar ali.

— Não, Dona Betsy.

— Bom, muito bom, maravilhoso demais.

Não me pergunte por que eu tava caminhando pela Broadway depois da 55^a porque não tinha nada rolando, nem naquela rua, nem na minha vida. Mas às vezes, não sei, caminhar por uma rua de Nova York... bom, não faz seus problemas ficarem mais fáceis de resolver, mas dá aquela sensação de que você pode simplesmente seguir andando. Não que eu tenha problemas. Na verdade, eu não tenho coisa nenhuma. E eu aposto com quem quiser que o meu nada é maior que o seu nada sob todos os aspectos. Às vezes eu fico preocupada porque não tenho nada com o que me preocupar, mas isso deve ser alguma dessas baboseiras psicológicas que só servem pra me fazer pensar que tô ocupada. Talvez eu só esteja entediada. As pessoas aqui têm três empregos e estão procurando pelo quarto, e eu nem estava trabalhando.

Sendo assim, eu caminhava. Até eu sei que isso não faz nenhum sentido, muito embora explique por que essas pessoas estejam sempre caminhando, mesmo pra ir pra algum lugar que daria pra chegar de metrô. Você fica mesmo se perguntando se alguém trabalha nesta cidade. Por que tem tanta gente na rua? Então eu tava descendo a Broadway, vindo lá da altura da 120^a. Eu sei lá, mas tem um ponto em que você já caminhou tanto que não tem mais nada a fazer além de seguir caminhando. Até quando, eu não sei. Eu sempre me esqueço, e quando vejo, me pego caminhando de novo. E além do mais, eu tava a poucas quadras da Times Square, e Deus sabe que você só precisa de dez minutos na Times Square para começar a sentir saudades daquele lugarzinho pitoresco que é West Kingston. Não que eu odiasse West Kingston. Mas enfim, eu tava caminhando pela Broadway e procurando pelos doidões e pelos exibicionistas e por tudo que eu sempre vi na tevê, mas nunca via

aqui (a não ser pelos mendigos, e nenhum deles se parecia com o Gary Sandy disfarçado). A plaquinha não conseguia se destacar entre os dois restaurantes chineses na 51^a. A agência de empregos se chamar Deus Abençoe era o suficiente pra deixar bem claro que era comandada por jamaicanos, mas, se isso não fosse, o provérbio logo abaixo, “*A Palavra Branda Desvia o Furor*”, que não tinha nada a ver com porra nenhuma, certamente seria. A única coisa que faltava era acrescentar um INTERNACIONAL ao nome. Mas eu tava me achando se eu pensava que podia falar mal de um lugar que existia pra ajudar perdedores que nem eu, afinal de contas, não dá pra ficar ligando pra sempre pro seu ex americano no Arkansas pra pedir dinheiro, uma hora ele vai acabar te dizendo beleza, eu vou te mandar essa grana, mas se você ligar mais uma vez pra minha casa e ameaçar falar com a minha mulher, eu vou simplesmente ligar pra Imigração e você vai ver se esse teu rabo de crioula trambiqueira não vai estar sentado na porra do próximo avião pra Jamaica, levando um daqueles sacos plásticos transparentes que eles dão pra quem é deportado no Aeroporto JFK, pra que todo mundo saiba que marca de absorvente você usa. Eu não quis dizer pra ele que a palavra crioula não tinha tido o impacto que ele estava esperando, nem puta, ou pistoleira, já que nenhuma delas fere a sensibilidade de uma garota jamaicana. Mas, pois é, eu não tava na posição de ignorar nenhum lugar chamado agência de empregos. A última grana que ele me deu tava quase no fim.

— Tu sabe por que é que eu tô te dando esse emprego? Porque tu é a primeira garota que apareceu aqui que tem modos.

— Sério, Dona Betsy?

Nós também já tínhamos tido aquela conversa. Ela é dona de uma agência de empregos que coloca principalmente mulheres negras, a maioria imigrante, dentro dessas casas de gente muito fina pra cuidar de seus filhos muito pequenos ou de seus pais muito velhos — que, para a

minha surpresa, tinham as mesmas necessidades. Em troca por aguentarmos qualquer merda, o que às vezes significava meter literalmente a mão na merda, eles não faziam nenhuma pergunta sobre imigração ou situação trabalhista. Ou seja, todo mundo ganha. Quer dizer, duas pessoas ganham, eu só fico com o dinheiro. Sei lá. Você pedir uma grana pro seu chefe é uma coisa, mas o seu patrão estar louco de vontade de dar esse dinheiro pra você é muito sensacional.

O primeiro cliente pra onde ela me mandou era um casal branco de meia idade em Gramercy, ocupado demais pra dar atenção pra mãe velhinha de um deles, fedendo a cocô de gato e falando sobre os coitadinhos a bordo do USS *Arizona*. Ela ficava sozinha num quarto com o termostato regulado pra 10 graus o tempo todo. A primeira vez que eu me encontrei com o casal, a esposa nem me olhou direito, e o marido ficou me olhando por tempo demais. Ambos estavam totalmente vestidos de preto, e usavam os mesmos óculos de armação redonda, que nem os do John Lennon. Ela disse pra parede às minhas costas ela está ali, faça o que tem que ser feito. Por uma fração de segundos eu me perguntei se eles queriam que eu matasse a mulher. E que mulher? No quarto não tinha nada além de travesseiros e um lençol dobrado empilhados em cima da cama. Eu tive que chegar mais perto pra ver que havia uma velhinha no meio da cama. O fedor de mijó e merda quase me fez ir embora, mas aí eu lembrei que as remessas de dinheiro do Arkansas tinham sido interrompidas.

De qualquer modo, durei três meses lá, e não era grandes merdas. Quando você tá morando com um homem, sempre chega um momento em que ele começa a pensar que pode andar pelado pela casa. A primeira vez que ele fez isso dava pra ver que ele tava torcendo pra que eu ficasse muito chocada e surpresa, mas a única coisa que eu vi foi um outro idoso pra cuidar. Na quinta vez, ele disse que a esposa tinha ido ao encontro das mulheres dos veteranos de guerra e eu disse então você tá precisando de

ajuda para encontrar suas cuecas? Na sétima vez, ele ficou balançando o negócio na minha frente e eu comecei a rir tão alto que solucei. Sua mãe, de dentro do quarto, começou a perguntar aos berros qual era a piada, e eu contei pra ela. Olha, eu não tava nem aí. Ela riu também, dizendo que o pai dele era igualzinho, sempre fazendo uma cena quando ninguém tinha comprado nenhum ingresso pro espetáculo. Daquele dia em diante, a mãe sempre soltava umas piadinhas quando eu tava por perto, tinha até ficado um pouco impertinente. Um pouco impertinente demais pra um cara que ficava balançando a piroca. Eu me demiti antes que ele me demitisse, e disse pra Dona Betsy que eu não tinha problema nenhum em meter a mão na quantidade de merda que fosse, mas não queria nem passar perto de pinto branco enrugado. Ela ficou impressionada por eu ter dito aquilo tudo usando o inglês padrão, até mesmo quando perguntei se aquilo era uma casa de meretrício com uma vovozinha para cuidar como benefício adicional.

— Tu deve ter feito o ginásio no Imaculada — ela disse.

— Holy Childhood — eu respondi.

— Dá na mesma — ela retrucou.

No dia que o John Lennon foi assassinado, eu tava levando o meu segundo trabalho para passear no parque. Era uma outra velha, cujo esquecimento ainda não tinha chegado ao ponto em que ela se esquecia que se esquecia. Eu já tinha levado ela pra passear no parque e tava prestes a ir pra cama, quando, de repente, ela começou a dizer que queria ir até o edifício Dakota e não parou mais de falar naquilo. Ou a gente ia andando até lá ou ela teria um ataque histérico, o que geralmente acabava com ela gritando que um monte de gente esquisita e uma negroide tinham feito ela de refém.

— Eu quero ir, mas que droga, você não pode me impedir — ela disse.

Sua filha olhou para mim como se eu estivesse escondendo o Valium da mãe. Então, ela simplesmente saiu andando e deixou nós duas pra trás.

Passei a noite inteira na frente do Dakota com ela e com outras duas mil pessoas, mais ou menos. Acho que a gente cantou “Give Peace a Chance” a noite toda. A certa altura eu também comecei a cantar e cheguei até a chorar. Ela morreu duas semanas depois.

Na semana seguinte eu fui a uma boate jamaicana no Brooklyn chamada Star Track. Não me pergunte por que, eu não gosto de reggae e eu não danço. E Deus sabe que essa comunidade nunca me serviu pra nada. Mas eu tava com a sensação de que eu simplesmente tinha que ir até lá, porque eu não conseguia tirar todas aquelas mortes da cabeça. O lugar era um prédio velho com três andares, parecia um desses prédios antigos de tijolinho marrom. Quando eu entrei, tava tocando “Night Nurse”, do Gregory Isaacs. Alguns homens e algumas mulheres ficaram me olhando de cima a baixo, como se o trabalho deles fosse avaliar todo mundo que passava pela porta, que nem num faroeste. Eu sentia de vez em quando o cheiro de fumaça de ganja ou de charuto. Se eu ficasse ali por tempo suficiente, alguma jamaicana certamente ia achar que tinha me reconhecido, o que me parecia a pior coisa que podia acontecer. Porque em algum ponto a vadia ia me perguntar o que eu andava fazendo e, antes que eu respondesse, ela ia me contar o que ela fazia e onde ela morava e quem é que tinha engordado pra caramba e quem é que tava procriando que nem a porra dum coelho.

A certa altura, o Rasta que tava de olho em mim desde que eu entrei escorregou pro meu lado no balcão do bar e me disse que eu tava precisando de uma massagem nas costas. Nessa hora você deveria ignorá-lo pra que ele fosse embora, bem como tinham te ensinado a fazer. Só que os meninos também tavam nessa aula esse dia. Pelo menos vamos dar uma olhada nesse cara, disse alguém na minha cabeça que tinha uma voz muito parecida com a minha. Sim, ele tinha dreads, mas eles claramente tinham sido feitos num salão de cabeleireiro. Sua pele era clara, quase como a de um *coolie*, e os lábios eram grossos, e ainda muito rosados, apesar das

tentativas incessantes de escurecê-los com cigarros por todos esses anos. O que é que o Yannick Noah tá fazendo aqui, eu teria perguntado se achasse que ele sabia quem era. Ele me perguntou se eu achava que o Cantor ia se recuperar, porque parece que a coisa tá preta. Eu quase perguntei pra ele que tipo de jamaicano usa uma frase tipo a coisa tá preta. Na boa, eu não queria falar sobre o Cantor, eu disse. Eu não queria mesmo. Ele continuou falando com aquele sotaquezinho jamaicano que ele deve ter aprendido com seus pais, talvez com seus vizinhos. Eu nem precisei ouvir ele abreviando Montego Bay por Montego em vez de Mobay pra saber que ele não era jamaicano de verdade. Ele se entregou na hora que perguntou se eu tinha gozado. Ele deixou o número dele na mesinha de cabeceira enquanto eu tava dormindo. Parte de mim já tava preparada pra ficar ofendida se encontrasse dinheiro debaixo do bilhete, mas parte de mim meio que tava torcendo pra que fossem, pelo menos, uns cinquenta paus.

Estamos em 1985 e eu não quero ficar pensando em como eu tenho trepado sem nenhum compromisso com *jamericanos* e limpado a bunda de velho pelos últimos quatro anos, mas trabalho é trabalho e uma vida é uma vida. Mas enfim, então a madame lá me colocou com os Colthirsts que, pra variar, tinham um idoso que precisava de cuidados. Eu sei lá. Limpar as partes de uma mulher era uma coisa, mas limpar as partes de um homem era uma coisa totalmente diferente. Tudo bem, um corpo é um corpo, mas nenhuma parte do corpo de uma mulher pode ficar dura e cutucar o meu vestido. Mas também, quem eu queria enganar? O cara provavelmente não cutucava coisa nenhuma desde antes do Nixon ter se revelado um criminoso. Mesmo assim, era um homem.

Comecei no dia 14 de agosto. Ficava no número oitenta, do lado leste da 86^a, entre a Madison e a Park. Décimo quinto andar. Bati na porta e um cara parecido com o Lyle Waggoner abriu. Eu fiquei ali parada, que nem uma idiota.

— Você deve ser a nova garota que eles contrataram pra limpar a minha bunda — ele diz.

CHORÃO

Alguém puxou meu lençol. Fiquei olhando pra mim, meu peito inflando, meu peito desinflando, alguns pelos, dois mamilos, meu pau dormindo em cima da minha barriga. Olhei pra esquerda e ele tava todo enrolado no lençol, que nem uma lagarta três dias antes de virar borboleta. Não fazia frio, era só a manhã que tava fria. Ele tava deitado ali como se alguém tivesse concordado que ele podia ficar, ou estivesse cansado demais para discordar. Primeiro eu pensei que ele era só um *cucaracho* com o cabelo pintado de loiro, mas ele me disse que ele tinha sangue cem por cento branquelo correndo naquelas veias, primo. É manhã, de acordo com o que informa o relógio do lado da cama, no lado dele. Do outro lado da janela não tinha nada no céu pra comprovar a veracidade da informação. O azul-marinho do Brooklyn. As luzes dos postes jogando a escuridão pra dentro dos becos onde homens são mortos, mulheres são estupradas e uns otários são assaltados e ainda levam tapa na cara, que é o pedágio que se paga por ser um vacilão.

Três semanas atrás, numa noite de sábado, se liga só nessa parada. Eu tava voltando pra casa pelo caminho mais curto com um branquelo magrinho, todo musculoso por debaixo da camiseta com as mangas cortadas, mas não do tipo malhado de academia, era mais do tipo seco de tanto fumar crack, e ele vinha andando um passo atrás de mim, que nem a mulher de um muçulmano. Nenhum dos dois falava nada, era só a Deniece Williams cantando *Let's hear it for the boy* atrás duma janela fechada no segundo andar, com um varal cheio de calcinhas penduradas na saída de incêndio. *Mas dá só uma olhada nessas bichonas aqui*, diz um

crioulo, saltando de um beco como se fosse um pedaço do reboco da parede despencando no chão. Vocês escolheram o beco errado pra ficar de viadagem, seus queima rosca do caralho. O branquelo craqueiro começa a andar pra trás bem devagar, e eu digo pra ele parar. Ele continua o movimento, então eu viro a minha cabeça e olho pra ele. Para, eu repito. O branco faz um som que parece o silvo de uma cobra e alguma coisa me diz que o crioulo tá prestes a cair em cima de mim. Desvio pra esquerda da mão que segura a faca, puxo ele pra baixo com a minha mão esquerda, dou um giro com o corpo e jogo a mão direita pra cima. Meu punho acerta bem no nariz. O crioulo começa a gritar, mas não antes de eu acertar uma joelhada no seu saco, tomar sua faca, pegar seu punho esquerdo, encostar numa tábuia que fechava uma janela e crucificar o filho da puta. O crioulo já tá berrando quando eu digo pro branquelo *Agora você pode correr*. Ele começa a gargalhar. A gente sai correndo, e se tocando, e rindo, e ficando de pau duro, e parando e quando eu vejo a língua dele tá na minha boca antes que eu possa dizer que não faço aquilo. Quando chegamos no meu prédio, subimos os degraus pulando de dois em dois. O cinto já afrouxa no último lance de escadas, as calças caem no chão, as cuecas vão no joelho e o cu vira pra cima. Você não tem medo do câncer gay? Ele cospe e enfia. Não, eu digo.

Faz três semanas.

Hoje.

Manhã cedo. Meus pés já tão no chão. De um jeito ou de outro, o sol logo vai sair. Lés-nordeste. Puxa essa ponta das cobertas que ele vai rolar pro lado. Ele vai cair no chão, mas, pelo menos, vai parar de roncar. Esse moleque se enrolou como se tivesse se protegendo de alguma coisa, mas do quê? Puxei, puxei com força, estiquei, puxei com força, puxei com mais força, estiquei, puxei com força e nisso tudo o viado do moleque nem acordou. Tenta lembrar da cara dele. Cabelo castanho, barba ruiva, todo peludão. Um monte de pelo ruivo cobrindo o peito branquinho que

nem o de uma criança. Ah, então você é um menino muito levado, não é?, ele dizia toda vez que enfiava bem fundo. Finalmente consegui rolar ele pra fora das cobertas e agora ele tá deitado de costas. Nem isso o acordou. Ele dormindo parece que tá morto. Ontem não tinha nenhum livro do Bertrand Russell na Strand. Pouca gente sabe que eu sou um pensador. Quem sabe eu abro uma janela. Quem sabe eu volto pra cama e acaricio o peito cabeludo dele e os mamilos e enfio a minha língua no umbigo dele e vou descendo e acordo ele com uma chupada. Ontem à noite ele veio com uma ideia e acabou se deparando com outra coisa. Não vá pensando que só porque o cara tá dando o rabo ele é que nem uma putinha. Eu fiz ele calar a boca e mostrei pro que servia o meu cu. Eu te amo — não foi isso que eu quis dizer, eu disse.

Chuta os pés dele e chuta ele pra fora daqui.

Deixa ele e pode ser que ele ainda esteja aqui quando você voltar.

Deixa ele lá e volta pra uma casa tão limpa que até as baratas foram embora. Chuta os pés dele e chuta ele pra fora daqui.

Deixa ele aqui e cheira uma carreirinha com ele quando você voltar. Ele não te pediu dinheiro.

Tem um ponto rosa no céu, no lés-nordeste. O sol definitivamente tá saindo agora. O *cucaracho* rola pro lado e deita de costas mais uma vez. Faz de conta que isso é um filme. Essa é aquela parte em que você tá se vestindo, o garoto acorda (mas o garoto pode ser uma garota) e um de vocês diz baby, eu tenho que ir. Ou fica na cama e faz a tua bagunça, o lençol na cintura do cara, mas cobrindo os peitos da mulher. Nunca vai haver uma cena de um filme num quarto como esse. Sei lá. Eu podia voltar pra cama agora, me enfiar debaixo do braço direito dele e ficar ali por cinco dias. É. Faz isso. Faz agora. Hoje pode ser justamente aquele dia que não precisa de mim para acontecer. Faz isso. Isso aí não é um moleque, isso aí é um homem. Esparramado na cama como se tivesse dando as boas-vindas a tudo e não tivesse preocupado com nada. Fiquei

pensando no que me aconteceu ontem à noite. Se o cara é foda o cara não leva pau no rabo. Só que eu não sou foda, eu sou muito pior. Se o cara é foda não deixa o outro saber que tá comendo ele gostoso, porque daí ele vai perceber que tá no controle da situação. É melhor ficar de pé ou se curvar pra que ele possa vir por trás e invadir. Gemer um pouco, suspirar, dizer pra ele mais forte, filho da puta, que nem uma branquela sendo comida por um negão num filme pornô. Mas o que você quer mesmo é gritar e berrar e uivar, sim, eu li *O uivo*, seu branquelo de merda, tu acha que só porque eu sou preto e favelado eu não sei ler? Mas isso não tem nada a ver com a ignorância de nenhum branquelo, tem a ver com você querendo muito uivar e se esgoelar, mas você não pode uivar e se esgoelar porque uivar e se esgoelar é o mesmo que se entregar, e você não pode se entregar, não prum outro homem, não prum homem branco, não pra homem nenhum, nunca. Enquanto você não se esgoelar, você não é a mulher. Você não nasceu pra isso.

Você sai da prisão pensando a Bíblia que se foda, um buraco é só um buraco. Dá pra fazer um depósito ou uma retirada ou deixar alguma coisa lá dentro. Ou você é o cara que faz o depósito, ou você é o banco. De qualquer jeito, na prisão você tá sempre com alguma coisa enfiada no seu cu, pois quando você tá atrás das grades seu rabo é apenas mais uma rota comercial. Um cu sai da ala leste e leva mercadorias até um cu da ala oeste. Destino: um detento no sul que ou tem dinheiro ou tem outras mercadorias. Uma bucha de cocaína, um pacote de balas de menta Wrigley's, uma barra de chocolate Hershey, Snickers ou Milky Way, ganja, haxixe, um bip, pasta de dente, pílulas para emagrecer, Frontal, Percocet, açúcar, aspirina, cigarros, isqueiros, tabaco, uma bola de golfe recheada com tabaco ou cocaína, papéis de seda, fósforos, Lip Smackers, lubrificante, uma seringa com uma borracha fincada na agulha, quinze bilhetes da loteria. Três anos na cadeia e uma pica é só mais uma coisa que você vai enfiar no seu cu. O cara deitado na cama não tinha sotaque

de nova-iorquino. Não pense em encontrá-lo de novo. Um pau é só uma pica. Que que é isso, eu nem lembro mais como é uma buceta. A última vez foi em Miami, quando comi a Griselda Blanco. Eu tenho que ir pro aeroporto.

Seis e quinze. Em nove horas o Josey vai estar num avião vindo da Jamaica. Em doze a treze horas vai estar aqui. A gente vai até uma casa no Brooklyn que ele avistou lá da Jamaica. Tem uma boca de fumo em cada esquina aqui em Nova York, e uma boca de fumo é uma boca de fumo, mas ele quer ver essa boca de fumo específica. Ele quer ver quem tá comprando e quem tá vendendo o crack, pra poder se reportar pessoalmente pra Medellín. Isso foi o que ele disse no telefone. Perguntei se aquela linha era segura. Ele riu por três minutos e disse faz teu trabalho e para de ver tevê. Nova York tem que estar fechadinha, que nem Miami, ele disse, mas ele não disse que ele não acreditava que eu fosse capaz de fazer aquilo. Eu só queria me mudar pra baixo do braço daquele homem e ficar morando ali. Ele disse que tava vindo pra Nova York pra dar uma desopilada da Jamaica. Mas é a Jamaica que precisa dar uma bela desopilada do Josey Wales. Um cara do bando andou pelo Brooklyn duas semanas atrás e me trouxe novidades sobre o que vai rolar em maio.

A Páscoa veio e já foi, e Rema, o calombo nas costas de Copenhagen City, pra variar tava causando problemas. Ninguém sabe onde o Lixão termina e Rema começa, mas, pelo menos uma vez por ano, eles estufam o peito pra dizer que eles querem mais. Eles querem mais é largar a barra da saia de Copenhagen City, e ficam achando que podem fazer exigências e ameaçar se juntarem ao PNP. Montanhas de lixo ao norte, o mar ao sul, mas eles não comem nenhum dos peixes que conseguem pescar. Noite de sábado, nove horas, talvez dez, e talvez ainda fizesse calor. Homens jogam dominó, mulheres lavam roupa nos fundos, debaixo da bica. Meninos e meninas jogam queimado. Seis carros vêm descendo a rua e então se espalham, três pra esquerda, três pra direita. O Josey e outros cinco caras

saltam pra fora do primeiro carro. Mais quinze caras saltam dos outros cinco, todo mundo de M16 na mão. O Josey e o bando dele descem varrendo a rua na bala, e homens, mulheres e crianças saem gritando e correndo. Um homem e uma mulher correm pra casa, mas o Josey os segue de perto e mata os dois bem na porta. Um cara abre fogo e atira em todos que jogavam dominó, dois homens tentam fugir mas acabam presos no meio da dança das balas. Mulheres pegam seus filhos e correm. O bando ia de casa em casa, tapume em tapume, enfiando a mão por cima do zinco e ratatata. Onde é que estavam os homens agora? Dezenove caras armados correndo e atirando, gente correndo pra tudo quanto é lado enlouquecida que nem formigas. O Josey Wales caminhando, ele nunca corre. Ele olha prum alvo, pondera, caminha lentamente em sua direção e mata. Os caras do bando fazem um desenho com os buracos de bala no zinco. Alguém acerta um moleque. A mulher grita alto demais, e chora por tempo demais, então o Josey Wales se aproxima dela e encosta a arma na parte de trás da cabeça dela. O Josey e seu bando vão embora de Rema deixando doze mortos. A polícia dá uma geral em Copenhagen City e apreende duas armas, mas isso é tudo. Ninguém pode encostar no Don.

O Josey tá vindo pra Nova York. Não sei se ele já tinha vindo antes, ele nunca me disse. O irmãozinho dele lá no Bronx toma conta da cidade alta. Duas ervilhas da mesma vagem, eles se conhecem desde 1966. O irmãozinho vendia fumo desde 1977, mas expandiu os negócios com a cocaína antes que ela virasse a esposa branca dele. Ele tá traficando pesado pra caralho: cento e trinta toneladas de ganja, dez toneladas de pó. O Bronx é a base dele, e do Bronx ele manda o produto pra Toronto, Filadélfia e Maryland. Não conheço ele direito, e o Josey não precisa que eu trabalhe com ele. Ou talvez ele tenha dito pro Josey não manda aquele cara pra cá. Quando o bando dele precisa de uma mula, ele manda buscar

lá em Kingston, Montego Bay e St. Ann. Os caras me chamam de porra loca, mas nunca na minha cara, ele diz pro Josey.

O Josey tá vindo pra Nova York. Isso tem a ver comigo. Não, não tem a ver comigo e nem com o homem que tá na minha cama. Quando um jamaicano vem pra Nova York, ele desaparece. Ele vai fazer uma aliança com um outro favelado do Bronx, pra que os dois possam construir uma nova Jamaica entre a Boston Road e a Gun Hill. Eu tô fora. Eu quero desaparecer, foi por isso que eu troquei Miami por Nova York. Ele só vai chegar de noite, eu não tenho nenhum lugar pra ir. Três carreirinhas e meia de pó esticadas bem ali na mesa do café. Um homem bem ali, deitado de costas, na cama. Suas mãos tão atrás de sua cabeça, e ele tá olhando pra mim. Semana passada no East Village, um estacionamento nos fundos de um prédio residencial. Um moleque branco todo convencido esparramado numa espreguiçadeira, como se a praia ficasse a uma quadra dali. Cabelo castanho, barba ruiva, pelos vermelhos cobrindo seu peito branquinho, e bermudas azuis que ele tinha enrolado tão pra cima que primeiro eu pensei que ele tava usando um biquíni. Eu tô tomando um banho de sol, ele disse. Eu perguntei se ele queria dizer que se deitar daquele jeito debaixo do sol ia deixar ele mais limpo. Ele puxou um cigarro de um maço de Newports e me deu outro.

— Não é daqui, é?

— Hã?

— Você não é daqui.

— Ah. Não.

— Tá procurando alguma coisa?

— Ah... não...

— Então como é que você vai saber se você encontrou?

TRISTAN PHILLIPS

Eu vi o olhar que você me lançou, Alex Pierce. Não, não esse que você tá me lançando agora, não esse que parece uma coruja olhando pra uma lanterna; aquele que você me deu quinze segundos atrás. Eu conheço esse olhar. Agora já faz um bom tempo que você vem me estudando cuidadosamente, quantos meses, uns seis? Sete, talvez? Você sabe como é a prisão, todo mundo perde a noção do tempo, mesmo com um calendário pendurado em cima da privada. Ou talvez você não saiba. Sinceramente, pelo que eu escuto do Jimmy, o veterano do Vietnã, a prisão é que nem um campo de treinamento do Exército. É mais tédio que qualquer outra coisa. Não tem nada pra fazer além de ver e esperar. Você não tá esperando por nada, mas você descobre que nem precisa, é só ficar esperando até esquecer por que você tava fazendo aquilo que daí não sobra nada além da espera em si. Você deveria experimentar.

Nesse momento, eu tô pensando quantos dias até que eu tenha que cagar um pacote com crack pelo meu cu e passar pro bolso dum guarda pra eu comprar mais um mês com meus dreads. Semana passada mesmo um moleque disse pra mim mas Rasta, como é que tu tá esse tempo todo com os teus dreads aqui na cadeia? Eles devem achar que tem umas quinze facas escondidas aí. Aí eu mandei pra ele, perdão, eu *disse* pra ele — às vezes eu esqueço que você tá gravando isso — que eu passei anos convencendo os poderes vigentes de que se um irmão muçulmano pode ficar com o chapéu dele e pintar a barba de vermelho, então eu tinha o direito de ficar com meus dreads. Quando isso não funcionava, eu dizia o que eles queriam ouvir; com o tanto de piolho e carrapato que tem ali, só

de tocar já se corre o risco de pegar Doença de Lyme. Aí, você fez de novo, jogou aquele olhar mais uma vez. Aquele olhar de “que pena.” Aquele olhar de “que pena que ele não nasceu com o cu pra lua,” — não, “que pena que ele não teve as oportunidades”, talvez eu pudesse ter me tornado uma outra pessoa, quem sabe até mesmo você. O problema, é claro, é que se eu fosse você eu teria passado a vida inteira esperando pra falar com um homem feito eu. Não me pergunta sobre a vida na porra da favela, eu já esqueci essa porra toda faz tempo. Você não dura dois dias em Rikers se não aprender a esquecer. Porra, aqui tu esquece que tu não devia tá chupando pau por aí. Então, não, eu sou a pessoa errada pra você perguntar como é que era morar na favela. Não é como se eu tivesse nascido lá.

O ano de 1966? Tu vai mesmo me perguntar sobre 1966, irmãozinho? Não, grande, não falo nada de 1966, não. Nem de 1967 também, não.

Mas falando sério, Alex, a biblioteca da prisão é foda pra caralho. Eu fui em muita biblioteca na Jamaica, e nenhuma delas tinha a quantidade de livros que eu vi aqui em Rikers. Um deles era um livro chamado *Middle Passage*. Foi um *coolie* chamado V.S. Naipaul quem escreveu. Irmãozinho, o cara disse que West Kingston é um lugar tão fodido que não dá nem pra tirar uma foto de lá, porque a beleza do processo fotográfico mente pra você sobre como as coisas são feias de verdade por ali. Ah, você leu? Vai por mim, até ele entendeu tudo errado. A beleza na forma que ele escreveu essa frase também mente pra você sobre a feiura de lá. É um lugar tão feio que não deveria jamais inspirar nenhuma frase bonita.

Mas como é que você vai querer falar de paz se você não sabe o que foi que deu início à guerra, pra começo de conversa? Que tipo de jornalista você é se você não quer saber o que rolou nos bastidores? Ou talvez você já saiba. De qualquer maneira, não dá pra falar de paz nem de guerra e nem de como foi que Copenhagen City virou o que ela é se você não sabe nada sobre um lugar chamado Balaclava.

Imagina isso, branquelo. Duas bicas. Dois banheiros. Cinco mil pessoas. Sem privada. Sem água encanada. Casas que o furacão rasgava no meio só pra depois as metades grudarem de volta que nem se fosse um ímã que estivesse mantendo elas unidas. E olha só o que tinha em volta: o maior depósito de lixo de Bumper Hall, o Lixão, onde agora construíram uma escola secundária. Os açougues, despejando sangue pelas ruas, que corria direto pra fossa. A maior estação de tratamento de esgoto da cidade, pra que a cidade alta pudesse mandar pela descarga toda a merda deles diretamente pra nós. O maior cemitério público das Índias Ocidentais. O necrotério e as duas maiores maternidades das Índias Ocidentais. O Coronation Market, o maior mercado público do Caribe, quase todas as funerárias, o petróleo, os trilhos do trem e a garagem dos ônibus. E... mas por que foi que você veio aqui, Alex Pierce? O que você realmente quer saber, e por que você tá me fazendo perder meu tempo com essas perguntas que o Serviço de Informação da Jamaica poderia responder? Ah. Entendi. Entendi o teu método. Quando foi a última vez que você esteve na Jamaica? Não, por nada, você só parece o tipo de cara que ou nunca esteve lá ou que não pode mais voltar. Como é que é isso? Sinceramente, eu não sabia até que eu disse isso só pra ver o que você ia fazer. Agora eu sei como é que é. Quantos pauzinhos você teve que mexer pra chegar até aqui em Rikers, hein, Pierce? Quer saber? Não precisa me contar. Eu vou acabar descobrindo do mesmo jeito que eu acabei de descobrir como é a tua relação com a Jamaica. Pergunta aí o que tu quer perguntar.

Irmãozinho, tu sabe que eu venho da área dos Rastafáris, por que que tu tá me fazendo essa pergunta? Você acha que o PTJ ia ajudar a parte de Balaclava que era dos Rasta ou do PNP? Você é tão retardado assim? Mas enfim, o arroz da Uncle Ben's é duro pra caralho. Mas esse dia, cara. Puta merda.

Mas quer saber de uma coisa? Nem era tão ruim assim em Balaclava, dependendo de onde você morasse, ou com quem. Não era como se todo dia morresse um bebê ou alguém tivesse o rosto devorado por ratos, qualquer coisa desse tipo. Quer dizer, também não era nenhuma maravilha. Não era mesmo. Mesmo assim eu me lembro de algumas manhãs em que eu simplesmente saía de casa e me deitava na grama, aquela grama verdinha e pura, e ficava olhando os beija-flores e as borboletas dançando sobre mim. Eu nasci em 1949. Eu sempre tive a sensação de que quando a minha mãe me deu à luz ela já tava a caminho da Inglaterra e simplesmente me jogou pra fora do navio. Eu nem fiquei chateado que tanto o Papai quanto a Mamãe deram no pé, mas eles precisavam ter me feito com essa cara de *coolie*? Até meus irmãozinhos Rasta tiravam sarro dizendo que quando o Black Star Liner finalmente chegasse pra levar a gente de volta pra África, eles iam ter que me cortar no meio. Cara, o que você sabe sobre como as coisas funcionam na Jamaica? Às vezes eu acho que ser metade *coolie* é pior do que ser viado. Uma mulatinha olhou pra mim uma vez e disse que triste que depois de me dar um cabelo tão bonito, Deus tinha me amaldiçoado com uma pele daquelas. A vagabunda me disse que a minha pele escura só servia pra que ela lembrasse que meus antepassados tinham sido escravos. Então eu disse eu tenho pena de você também. Porque a tua pele clara só servia pra me lembrar que a tua tataravó tinha sido estuprada. Mas, enfim, Balaclava.

Domingo. Meu colchãozinho era de uma cama hospitalar que alguém tinha jogado fora. Eu já tava acordado, mas foi como se o barulho tivesse me acordado. Não me pergunte se eu senti ou ouvi primeiro. Foi como se num segundo não existisse nada, e no segundo seguinte, um rugido. Daí a minha xícara caiu do banquinho. O rugido ficava cada vez mais alto e, de repente, veio o barulho de uma coisa que parecia um avião voando muito baixo. As quatro paredes tremeram. Eu me sentei na cama e quando fui olhar pela janela, a parede simplesmente foi triturada. Uma boca de ferro

gigante tava mastigando e arrancando minhas paredes. Ela simplesmente estraçalhou a minha parede com suas mordidas. Gritei que nem uma menina. Pulei pra fora da cama segundos antes da boca de ferro mastigar mais zinco e, junto com ele, terra do chão, minha cama, meu banquinho e parte do telhado que eu tinha construído com minhas próprias mãos. Agora que o teto tava perdido, as duas paredes que sustentavam ele começaram a vir abaixo. Saí correndo antes da coisa toda desabar, e a boca de ferro continuava me perseguindo.

Não, eu também não quero falar sobre Wareika Hill. Porra, de onde é que tu tá tirando essas perguntas?

Bicho, tu quer saber sobre 1966 ou 1985? Te decide aí e para de fazer pergunta que tu já sabe muito bem a resposta. Tu veio aqui pra falar sobre o Josey Wales. É disso que todo mundo quer falar desde maio. Pera lá um pouquinho, tu não tá sabendo? Eu tô em Rikers e tô sabendo de tudo, e tu é um desses figuras da imprensa e tu não sabe de nada?

Fiquei sabendo que eu e o Josey Wales morávamos perto um do outro, mas eu só fui conhecer o cara dez anos depois. Mas ele era do PTJ, e depois que o PTJ me botou pra fora de Balaclava, eu nunca mais me meti com essa gente até o acordo de paz. De qualquer jeito, preciso dar graças a Selassie I Jah Rastafári. Se não fosse por ele, eu não saberia o que fazer. Mas, enfim, pouco tempo depois da queda de Balaclava, haha, sacou? Enfim, depois da queda, a Babilônia me prendeu. Nem lembro onde que foi. Turntable? Neptune Bar? Aquele que sabe fazer o bem e não o faz, comete pecado, é o que sempre dizem. A merda é que eu só tinha cinco dólares no bolso e uma garrafa de Johnnie Walker. Acho que eu peguei um ano pra cada dólar, né?

Daí eu saí da Penitenciária Geral, quando, em 1972? E a Jamaica era um lugar totalmente diferente. Ou, pelo menos, tinha um partido diferente no comando. Até a música que você ouvia era diferente. Se bem que, pensando bem, talvez não fosse tão diferente assim. Mas, em 1972, se

você era jovem e queria alguma coisa, um emprego, uma casa, porra, até alguns tipos de mulher, você tinha que falar primeiro com duas pessoas, o Buntin-Banton e o Pano de Prato. Eles eram os Dons mais pica grossa do PNP em Kingston, talvez em toda a Jamaica. Quer dizer, eu saí e fui falar com todos esses caras, o Shotta Sherrif, que descansa em paz, o Escocês, o Tony Flash da S90, esses caras todos vestidos que nem os pica grossa, cheios de mina gostosa e bandida, e eu perguntei de onde é que tá vindo toda essa grana? Eles disseram é melhor tu fazer a parceria aí com o Buntin-Banton e o Pano de Prato e pegar um trampo lá no Gully Works Project. Pelo menos era uma grana decente, principalmente levando em conta que você não precisava nem usar a cabeça. Quer dizer, a única coisa com que você tinha que se preocupar era com a polícia. Isso até a polícia matar o Buntin-Banton e o Pano de Prato. Engraçado, quando os malacos tavam por aí eu tinha um trabalho decente, mas assim que eles mataram os malacos, eu virei um malaco. Mas o lance é o seguinte, apesar dos caras do PNP serem violentos, eles não eram muito ambiciosos. Bandido bom é bandido que pensa pequeno. O Shotta Sherrif virou o chefão de Eight Lanes, e ele tinha um braço-direito que provavelmente é quem tá no comando agora, acho que chamavam ele de Funnyboy. Nem consigo mais lembrar direito. Mas enfim, tudo que esses caras conseguiam fazer era proteger seu território pra não perder espaço pros malandros do PTJ. Mas os malandros do PTJ, cara. Aqueles caras tinham muitas ideias. O Josey Wales já tava falando com os colombianos bem antes deles perceberem que ficariam de saco cheio dos bahamenses. Ah, e tem uma coisa que muita gente não sabe. Ele sabe falar espanhol. Eu escutei ele falando no telefone uma vez. Só Deus sabe quando foi que o figura aprendeu a falar espanhol.

Os dois lados, PNP e PTJ, perceberam que tinham uma coisa em comum. A Babilônia tava nas ruas, à caça, e não importava se você fosse

um bicho com listras ou com manchas. Depois de Green Bay todo mundo se ligou nisso, não só os bandidos.

Eles não te enchiam muito o saco se você fosse do PNP. Mas a polícia e os soldados saíam matando geral. Vou te contar quando eu topei com o Rawhide. Tu não conhece o Rawhide? E tu tá escrevendo um livro sobre a Jamaica? O Rawhide era inspetor da Força Policial da Jamaica, e guarda-costas particular dos políticos importantes. Não sei o nome verdadeiro dele. Sei que a gente foi no Two Friends, uma boate que ficava na cidade baixa, bem lá pra baixo, no píer, e todo mundo tava curtindo em alto astral, de cuca fresca, sem nenhum grilo rolando, ninguém querendo dar tiro em ninguém, todo mundo bebendo e trocando ideia e se esfregando nos brotos porque a música nova do Dennis Brown tava arrasando na pista. Quando de repente pinta na área ninguém menos que o Rawhide. A bandidagem não tinha medo de ninguém, mas todo mundo sabia que o Rawhide também não tinha. E o amigão chegou apavorando no estilo do momento: um revólver pendurado de cada lado como se o nome dele fosse mesmo Rawhide e uma M16 na mão.

Agora, todo mundo sabe como é que a banda toca com o Rawhide. Se ele te encontrar com uma arma, você tá morto. Simples assim. Sem fazer nenhuma pergunta, ele te mata, ratatata. Eu puxei a arma que tava na minha cintura com os dois dedos, como se fosse a fralda de um bebê, pus um braço em volta da cintura da minha garota como se tivesse dançando com ela e enfiei a arma no meio dos peitos dela.

Lola! O nome dela era Lola. Ela era... Por que tu tá rindo? Ah. Tá certo. De qualquer forma, achei que tu tava querendo saber sobre o acordo de paz. Rapaz, tu tem um talento pra mudar de assunto. Mas me diz uma coisa, Alex Pierce, por que que esse assunto te intriga desse jeito? É essa a palavra: por que que esse assunto te intriga tanto? Sinceramente, olhando agora pra trás, esse acordo de paz era que nem uma manchinha de merda na cueca, que sai na primeira lavagem.

O Shotta Sherrif foi quem veio falar comigo pra eu ser o presidente do conselho de paz. Primeiro ele e o Papa-Lo e um outro cara foram tudo pra Inglaterra pra convencer o Cantor a voltar e fazer um show pra levantar uma grana pra favela. Agora pergunta pra mim por que é que com todo esse monte de político que ia na favela todo dia a gente ainda precisava fazer um show pra levantar dinheiro? Mas enfim, ele sugeriu meu nome pra ser o presidente e ninguém se opôs. O Shotta Sherrif, bicho, eu nunca tinha visto ele ficar tão triste quanto no dia em que ele me deu a arma, parecia que eu tinha decepcionado o cara ou algo assim. Mesmo eu andando no meio da bandidagem, ele sempre me dava coisas que não eram de bandido pra fazer, como organizar as festas e os funerais, e algumas vezes até me mandou falar com um ou outro político que passou pela favela. Uma vez uns brancos vieram com uma câmera pra fazer uma matéria sobre o Coronation Market e ele só disse Tristan, meu *cooliezinho*, vai mostrar o mercado pra esses brancos, e conversa com eles. Eu não sabia do que ele tava falando, mas quando a mulher virou a câmera pra mim eu entendi que ela não queria só que eu mostrasse o Coronation Market pra ela, ela também esperava que eu falasse sobre ele. Eles me deram um microfone, que nem se eu fosse o apresentador do *Soul Train*. O Shotta Sherrif, bicho. Esse cara era de outro mundo. Ele era...

ele era...

Eu... Eu...

para de gravar.

Para essa porra. Para essa porra agora.

Onde é que tu vai? Senta o rabo aí... e deixa eu te contar uma história. O Cantor tava pronto pro segundo show pela paz. A luz tava pronta, o microfone, o palco, tudo, o Cantor foi até fazer uma segunda passagem de som. Eu tava no escritório e recebi uma ligação do Josey Wales dizendo que uma das caixas com equipamentos de iluminação ainda tava no porto, e que eles precisavam dela no palco agora. Daí eu liguei pro ministro da

Segurança Nacional pra ele liberar a caixa. O Wales mandou um dos marmanjos do PTJ pra buscar o equipamento, esse maluco que diz que o nome dele é Chorão. Se tu passa um minuto com esse cara já dá pra sentir que ele tá atuando, tem alguma coisa nele que não tá ali, alguma coisa nele que tu sabe que tudo que tu tá vendo dele é aquilo que ele tá querendo mostrar. Até quando ele diz sim parece que ele tá se apresentando pra uma plateia. Só sei que eu tava numa reunião quando alguém me disse que aquela caixa de equipamentos nunca tinha chegado no palco, muito embora eu tivesse toda a documentação dela bem em cima da minha mesa. Quando alguém disse que um monte de marmanjo em Copenhagen tava desovando as armas velhas deles com a Wang Gang porque armas novinhas em folha tinham aparecido de repente, eu olhei direto pro Chorão, e ele nem piscou. Acabei com a reunião mais cedo e lembrei todo mundo que parte do dinheiro do show ainda não tinha aparecido.

— Chorão, um segundo — eu disse, e ele parou.

— Que é que tá pegando, seu cu cagado?

— Do que é que tu tá falando? — ele disse.

— Que papo é esse do equipamento de iluminação? Tu sabia que tinha arma lá?

— Phillips, não foi tu quem me mandou lá buscar? Tu tá perguntando pra mim?

— Não te faz de engraçadinho, ô, arrombado, não combina contigo — eu disse. Ele retorceu a cara que nem se tivesse sentido um cheiro ruim. Daí ele me disse:

— Olha, irmãozinho, tu tá fazendo esses teus shows pela paz aí, vai dar um agito nisso, eu não vou te impedir. Eu também tô no meu lance pela paz, só que lá de onde eu venho, paz não se soletra desse teu jeito.

Daí ele foi embora. Engraçado, acho que ele não teria falado daquela maneira com nenhum outro cara na favela. Até hoje eu não sei se ele tava

tentando me mostrar que era perigoso ou inteligente. Ele definitivamente não tinha gostado de eu ter dito pra ele parar de se fazer de engraçadinho.

Mas chega de falar desse arrombado. Me fala a verdade, Alex Pierce. Por que é que tu não pode voltar pra Jamaica?

JOHN-JOHN K

Quanto ao servicinho, aquela vadia colombiana malucaça tinha sido muito específica. Mata ele devagar, e deixa bem claro que, embora não tenha sido ela quem armou essa emboscada, os crioulos de Biscayne Bay até Kendal West tinham que aprender a respeitar a mamajama — nas palavras dela, não minhas, já que aquela mulher-macho *chicana* nunca aprendeu a falar inglês direito. E era isso, eu tinha que passar aquela mensagem enquanto o filho da puta sangrava até a morte. E ela também disse um monte de outras merdas que eu também não entendi, talvez porque ela não lembrasse direito da mensagem original. A vagabunda passou esse tempo todo se comportando como se as ordens viessem dela, quando ela era apenas a porra duma secretária. Mas que se foda a Griselda Blanco. Eu tô em Nova York e tá tudo do caralho por aqui.

Se liga nessa, eu tava em Chicago, depois de ter prometido pra uns marginais de lá que eu nunca mais ia voltar, porque a última vez que eu apaguei alguém, cinco anos atrás, tinha sido uma zorra. Era um mafioso de Southside que tinha se transformado numa dívida pesada que a máfia queria cobrar. Convidei os caras pra ir no Denny's pra falar de negócios. Eles disseram que tal quinhentos paus pra você e pro seu comparsa, o Paco, apagarem esse cara chamado Eustace. Eustace? Esse cara é viado?, o Paco perguntou. O cara da máfia não respondeu. Era muito simples: toda terça-feira, às nove e dez, sua esposa saía de casa pra ensaiar com o coral, enquanto ele se enfiava no porão, com seu próprio projetor, um charuto numa das mãos e o pau na outra, enquanto batia uma bronha assistindo a coleção completa de *Cherry Poppers*. O Paco deu pra trás

porque ele disse que era ladrão, não assassino. Eu já tava na metade da escada que dava no porão quando o cara me ouviu, mas com uma das mãos segurando a rola e a outra enfiada num lugar que a maioria dos homens nem pensaria em colocar, ele ficou sem mão pra sacar a arma. Eu não conseguia parar de atirar. O barulho foi tão alto no começo que eu nem ouvi a esposa gritando. Ela correu e eu corri atrás dela, rezando pra ela não chegar na porta. Ela chegou, e saiu correndo porta fora. Daí foi isso, a gente correndo pela Martin Street, ela de camisola e uns chinelinhos de coelho, gritando como se a garganta dela tivesse sido cortada ao meio, e eu atrás dela. Meti um caroço nela no meio da rua, bem quando duas peruas passavam. Uma parou, então eu atirei no vidro traseiro e não parei de atirar até que ela arrancou e foi bater numa árvore a uns vinte metros dali. Com a merda feita, eu tive que ir embora de Chicago.

Mas aí, depois de deixar a poeira baixar seis meses em Nova York, recebi uma ligação. Parece que a notícia tinha se espalhado. Tinha sido meio desajeitado e zoneado o lance lá com o Southside, mas tinha dado certo. Os danos colaterais tinham sido meio pesados, mas também nada demais. Eu era jovem, mas não era estúpido. Eu era convencido, mas queria ouvir, e esse esquema era uma barbada. Um judeuzinho que tinha trabalhado os últimos dez anos nos livros-caixa da máfia de repente tava sofrendo um exame de consciência. Vai saber, tudo que os caras tinham era um monte de fotos dele entrando no prédio dos Federais e saindo de lá três horas depois. De qualquer jeito, o hebreu tinha pedido as contas. E eu tava prestes a atirar num rato dentro de uma banheira, era esse o meu nível de tédio quando eu recebi a ligação.

Dia 14 de dezembro, quatro da tarde. Número duzentos da 7ª Street, na parte judia do Bronx, embora aqueles crioulos jamaicanos que falam engraçado e nunca mexem com ninguém já estivessem se infiltrando na cidade alta. Dois andares e um sótão. Eu venho arrombando fechaduras

desde que tenho sete anos de idade. O problema era a escada, eu tava torcendo pra que os degraus fossem daquele tipo cafona acarpetado, o que encobriria os rangidos. Eles não me passaram nenhum detalhe, tipo quantas peças tinha a casa, então eu teria que fazer aquilo do jeito mais difícil.

A primeira porta era um armário de toalhas e roupas de cama, puta que pariu, quem é que tem um armário desses bem do lado da escada? A segunda porta era o banheiro, a terceira porta parecia ser de um quarto, então eu entrei, me sentindo levemente estranho com o peso extra do revólver. Vazio. Andei pelo corredor e abri a última porta. Tinha um rapaz sentado na cama, encostado na cabeceira, como se tivesse esperando por mim. Sem sacanagem. Ele ficou olhando bem pra mim e eu não consegui atirar. Daí eu me dei conta de que ele não tava olhando pra mim, e nem pra coisa nenhuma. O guri tava olhando para o vazio, e tocando uma bronha. Que troço bizarro. Se eu atirasse nele, eu acordaria a casa inteira.

— Eles dormem no sótão, agora — disse o rapaz. Sabe esse negócio dos velhos sempre quererem deixar o termostato em dez graus?

Não deu uma semana e o *New York Post* já tava falando dum novo Filho de Sam. Daí o Paco ligou e me disse pra ir visitar ele em Miami. Foda-se Nova York e todo o resto da porra dos Estados Unidos, aqui é que nem Gomorra. Aqui eles congelam diamante e usam como cubo de gelo. Eu peguei o primeiro voo.

Daí a gente tava no Anaconda, e eu me dei conta de que as notícias sobre aquele servicinho de Nova York tinham se espalhado, os relatórios da polícia falando em duplo homicídio, marido e mulher mortos enquanto dormiam, ambos com tiros na cabeça. Eu tava no Anaconda pra dar uma conferida na vida noturna, e lá estava a Donna Summer no camarim junto com outras pessoas que pareciam famosas. Um cara chamado Baxter, que

eu sabia que era gente fina, veio falar comigo. E aí, seu filho da puta, veio aqui pra pegar um bronze?, ele riu e depois me olhou bem sério.

— Mandou bem lá em Nova York.

— Tu tá ligado que eu preciso agradecer aquela vagabunda. O Paco sabe que tu tá aqui?

— Foda-se aquele *putito*.

— Então isso é um não.

— Que que tu tá fazendo aqui, John-John? Na moral.

— Só curtindo. Um irmãozinho me trouxe lá de Nova York, a barra tava muito pesada em Nova York, vim aqui correr atrás duns rabo de saia, numa boa.

— Ah, é? Bom, então melhor tu ir procurar isso daí numa outra boate, dá um pulo na Tropic City, lá no fim da rua.

— Qual o problema desse aqui?

— Um antigo segredo chinês.

— Hã?

— Olha, eu só tô te dando essa dica porque eu gosto de você.

— Quê? Essa merda dessa música tá alta pra cacete.

— Tá vendo aqueles cubanos lá atrás? Seis caras numa mesa grande?

— Tô.

— A gente vai apagar os filhos da puta.

— Como é que tu sabe que eles são cubanos?

— Meu chapa, olha praquelas jaquetas. Os colombianos, pelo menos, têm um pouquinho de classe. Enfim, a gente tá na cola deles faz um tempinho, mas eles nunca tão junto. Agora que a gente pegou eles tudo junto aqui nesse mesmo lugar, vou te dizer que é que nem quando a tua gata chupa teu pau e lambe o teu rabo na mesma noite. Dois caras que tão ali na mesa atravessaram a chefona, e ela não deixa esse tipo de merda passar batido. Vai rolar um massacre de My Lai pra cima desses filho da puta aí. Bota as tuas ideia no lugar e sai de fininho, cara. Xispa.

— Podes crê, irmão, falou e disse.

Fui correndo até o bar e o Paco tava lá com uma vadia, as duas mãos em volta do seio esquerdo, como se fosse um sutiã.

— Cara, a gente tem que se mandar, a merda vai feder, já tô sentindo o cheiro.

— Gozado tu falar de cheiro. Tu quer cheirar? A gente pode dar uns tecos nos peitos da Charlene aqui, o que é que tu acha?

— Cara, vamos embora.

— Vai tomar no teu cu, JJK. A Donna Summer tá aí. Tá rolando o papo que o Gene Simmons e o Peter Criss tão comendo uma gata chinesa num quartinho lá nos fundos. Bicho, fica frio, fica frio, tu não tá vendo que eu tô ocupado?

— Eu tô com cara de quem tá de onda? A merda vai feder, irmãozinho, é melhor tu parar de enfiar o dedo na buceta dessa puta aí e ouvir o que eu tô falando.

— Quem tu tá chamando de...

— Fica fria, princesa, ele é uma bichinha, não sabe como tratar uma dama.

— É, eu não sei o que fazer com... Paco, que porra é essa?

— Caralho, qual é o teu problema?

— Trombei com o Baxter.

— Baxter? Aquele viado tá aqui? Que se foda ele, bicho, eu...

— Ele veio aqui fazer um servicinho, seu idiota. Ele e uns outros doze.

— Caralho! Por que aqui? Eles vão estragar uma boate bacana pacas.

— Sei lá, alguma merda entre os cubanos e os colombianos. Eles vão meter bala numa mesa inteira.

— Puta merda, melhor eu dar um toque no meu chapa.

— Faz o que tu tem que fazer, eu vou picar a mula.

Fui pra rua e deixei o Paco que, eu acho, foi lá falar pros chapas dele que a merda ia feder. Primeiro eu achei que eu tinha ficado surdo ou algo

assim. Menos de cinco minutos depois que eu saí, as pessoas começaram a correr de dentro da boate, mas ainda não tinha rolado nenhum tiro. O alarme de incêndio tocou, disse o Paco quando saiu.

— Tu falou pro teu chapa se mandar?

— Sim. E que bom que eu fui lá porque ele tava com cinco primos de fora.

— Um? Cinco? Uma mesa com seis cubanos?

— É, como é que tu sa...

— Seu idiota do caralho. Seu filho da puta retardado do caralho.

Reservei uma passagem pra Nova York no dia seguinte. Eles tavam esperando por mim assim que eu saltei pra fora do táxi no aeroporto. Quatro homens, um deles num terno marrom com o colarinho da camisa todo desbeijado por cima, três de camisas havaianas, uma vermelha, uma amarela e uma rosa choque. Não fazia nenhum sentido resistir. Eles me levaram pra bem longe, lá em Coral Gables, depois de passar por estradas vazias, sem nada além de árvores, placas e postes ainda retorcidos pela última tempestade tropical e duas boates adormecidas no meio do dia. Eles passaram pelo antigo ginásio da cidade, um prédio abandonado de dois andares com um Mustang estacionado na frente.

— A gente precisa te levar vivo, mas isso não quer dizer que a gente precisa te levar inteiro — disse o Rosa Choque.

— Isso é por causa de ontem de noite?

— Arrã.

— Quem fez essa merda aí foi o meu chapa, o Paco, morou?

— Não conheço Paco nenhum. O Baxter falou que tinha te passado o bizu.

— Então porque é que tu não vai lá cobrar o Baxter?

— Já tive uma conversa com ele. Bem de pertinho.

— Ah. E o teu chefe, ele vai...

— Quem é que sabe o que aquela *loca* vai fazer?

Eu perguntei aquela bem alto, mas como ninguém no carro respondeu, acho que ninguém me ouviu. Fiquei assistindo a Flórida ganhar novas cores pela janela do carro.

— Já estamos em Coral Gables?

— Nada.

— Se ela quer me matar, por que ela não manda vocês fazerem essa merda e depois me jogar pros crocodilos ou algo assim?

— Ela respeita muito os crocodilos, é por isso. Agora, cala essa porra dessa boca. Esse teu sotaque de Nova York tá me deixando maluco.

— Chicago.

— Tanto faz. Chegamos.

Ali ainda parecia muito com Coral Gables. Eles embicaram o carro na entrada da casa bem quando dois meninos sem camisa passaram, um correndo atrás do outro com uma pistola d'água. A rua estava sonolenta e vazia. Do outro lado da rua, um Chevy azul esperava atrás de um Mustang. Eu sou de Nova York e de Chi-Town, eu acho que eu nunca vou conseguir entender os subúrbios com essas merdas dessas ruas largas, uma casa, dois carros, três árvores, tudo igual até o final da rua e exatamente a mesma coisa do outro lado. A casa era tão igual à casa do lado e à casa do lado dessa que parecia até de propósito, como se os *chicos* e as *chicas* ali estivessem se esforçando um pouquinho demais para serem americanos. Só que essas casas eram totalmente sem graça, e gigantescas pra caralho. Todas com escadas tão grandes na frente que dava a impressão que você ia chegar sem fôlego lá em cima. Todas tinham telhas espanholas e estavam pintadas em tons pastel. O dessa era azul. Dá pra perceber isso bem rápido em Coral Gables, a diferença entre uma mansão, que sempre tem alguma classe, e uma casa muito grande, e mais feia que a cara de um adolescente cheio de espinhas. Uma coisa de mau gosto, que parece estar sempre gritando é isso aí, seus filhos da puta, eu tenho dinheiro, eu vou comprar essa merda dessa casa agora mesmo.

Era um caminho longo até chegar na entrada. Tinha palmeiras dos dois lados, como se tivesse uma plantação de coco no terreno. Até que a casa não era das mais cafonas. Em vez de uma porta da frente, tinha um arco de pedras e vários janelões, para que você pudesse enxergar a sala de estar do lado de fora. Aquela casa era classuda. O cara do terno marrom apontou pra porta da frente, o que me aliviou um pouco. Quem sabe eles só quisessem conversar, ou, pelo menos, conversar primeiro. Civilizados, refinados, talvez por viver num continente os colombianos tivessem um pouco mais de classe do que aqueles merdas daqueles cubanos. Só o cara de terno marrom vem junto comigo.

Tem alguém cozinhando. Eu estava com fome. Não lembro quando parei de andar, mas o Terno Marrom me empurrou com tanta força que eu quase caí.

— Puta merda.

O Terno Marrom me ameaça com uma coronhada.

— A dona não gosta que falem palavrão na casa dela — ele disse. À esquerda tinha outro arco de pedras que dava numa sala onde um garotinho com uma cabeça enorme cheia de cabelo preto assistia a uma música sobre a letra I na *Vila Sésamo*. Bacon e panquecas. A gente foi seguindo o cheiro do bacon e das panquecas.

JOSEY WALES

Marginal não faz anotação em caderninho. Isso é uma coisa que eu tenho certeza tanto quanto eu tenho certeza que o sol lá fora só vai ficar mais e mais quente. Você anota na sua cabeça e treina a sua cabeça pra lembrar. Perdoar e esquecer são palavras que não estão no meu dicionário. Não que eu não perdoe, se eu nunca perdoasse ninguém ia ter um rio correndo vermelho do National Heroes Park até o porto de Kingston. Mas lembrar, esperar e só então agir é como eu funciona. Aquele viado do Boy George acaba de perguntar no rádio você mexe com dinheiro sujo? Eu mexo com tudo que é sujo.

O Chorão tá em Nova York me dizendo que tá velho demais pra dançar break. Ele simplesmente não era o tipo de cara pra ficar em Miami, e eu já sabia disso desde quando ele tava na Jamaica. O Chorão gosta de pensar que ele é um pensador, mas aquele maluco não pensa, ele só leu uns livros. Que nem tem uns moleques aí que acham que são adultos e experientes, mas nunca fizeram grandes merdas. Eu pedi pro Chorão fazer uma coisa. Manter a conexão entre a Jamaica e Griselda Blanco. Ela precisava que o bagulho chegasse rapidinho em Miami para poder mandar pra Nova York. A gente levava o bagulho de Kingston até Miami ou pela Costa Norte ou por Cuba.

Mas o Chorão tem esse lance que ele simplesmente não consegue se dar bem com nenhuma mulher, ou melhor, que ele não consegue aguentar uma mulher mandando nele. Se bem que a Griselda não é uma mulher. Ela é um vampiro que arrancaram o pau cem anos atrás. Ela perdeu a paciência com ele, e quando uma pirada dessas perde a paciência com

você até o malandro mais fodido da Jamaica foge correndo, porque, puta que pariu, sua arrombada, sem sacanagem, tu é foda pra caralho. Foi questão de meses para ela mesma matar o Chorão.

Mas na igreja eles falam sobre o dom do discernimento. Não é uma coisa só do pastor e dos crentes, mas de qualquer um que acha que pode segurar essa bronca. No mesmo instante que eu conheci a Griselda Blanco eu soube que ela era uma selvagem, que não tinha muito bom senso, mas que tinha determinação suficiente para nocautear um touro. Assim como eu, ela sabia que certo e errado eram apenas duas palavras inventadas por algum otário e que o que realmente importa é o que você deve pra mim e o que eu devo pra você. O problema é que ela ainda não sabia o que fazer com aquilo, e às vezes, o neguinho ignorante acaba sendo a colombiana feiosa, que é muito burra pra se dar conta que eu tô negociando tanto com Medellín quanto com Cali — e, pelo menos, os moleques de Cali são conhecidos por terem alguma coisa na cabeça.

Discernimento. Eu sempre fui capaz de ler um cara só de olhar para ele. Manja o Chorão? Tem anos que eu sei que o cara não apenas come outros caras como também dá pra eles e, não importa o que ele diga, ele ainda lamenta ter saído da cadeia. Tem anos que eu devia ter matado ele por isso, mas eu me pergunto: por quê? Prefiro ficar assistindo ele comer uma buceta atrás da outra como se a viadagem fosse uma coisa concentrada na porra dele, e que, se ele esporrasse o suficiente, uma hora ia acabar expulsando a necessidade de enfiar um pau no seu rabo. Eu não sei muito sobre essas coisas, e eu não leio a Bíblia. Mas se tem uma coisa que eu sei é quando um homem tá mentindo pra si mesmo. É uma coisa e tanto de se ver. O que será que ele anda aprontando em Nova York? Não posso mandar um chapa ficar seguindo ele porque esse chapa descobriria. E tem certas coisas que só o Chorão pode fazer.

Ontem a minha mulher perguntou como é que eu tinha conseguido um visto pra ir pros Estados Unidos, e riu. Ela tá certa de rir. Mas esse ano eu

tenho coisas pra fazer. Não consigo lembrar quando foi a última vez que eu dei bola pro que acontece nas ruas de Kingston. O PTJ queria muito comandar o país, e agora eles conseguiram. Pois que aproveitem. Outras ruas precisam da minha atenção agora, e tudo o que eu preciso fazer é observar. Marginal não faz anotação. Marginal escreve tudo dentro da cabeça.

O Eubie tá no Bronx. As pessoas não conseguem entender por que é que eu dou moral pra esse irmãozinho. Pessoas, nesse caso, quer dizer o Chorão, que não suporta ele. Difícil de gostar de um homem que corta seu cabelo a cada duas semanas, que fala sobre como ele passou sete anos inteiros numa escola metida à besta e sempre usa terno de seda, não importa como esteja o clima. Mas tem uma coisa que ninguém manjou ainda: se as pessoas acham que você é um cafetão, ninguém vai pensar que você é um traficante. O Eubie foi pra escola, e isso faz ele achar que tem classe. E ele tem, um pouquinho. O moleque tava na faculdade de direito de Columbia, mas largou o curso quando entendeu melhor como a lei funcionava. O Eubie tá muito bem no Queens e no Bronx, e eu deixei ele ficar com Miami no lugar do Chorão. Só que eu não contei pro Chorão, então ele me ligou naquela semana.

— Irmãozinho, que porra é essa?

— Tu tá com cara de quem tá precisando de uma mudança. Miami é muito cidade do interior pra tu, tu tem que ir pra Nova York. Cheio de livro em Nova York. E parque que abre de noite também.

— Que é que tu disse, ô, cu cagado?

— Eu disse o que eu disse, ô, arrombado. Vou te mandar pra Manhattan, talvez pro Brooklyn.

— Não conheço essas bocas.

— Então compra a porra dum atlas e aprende, ô cu cagado.

Irmãozinho, tu sabe que eu tenho um sexto sentido pra essas coisas, e eu não confio nesse chapa, ele dizia toda semana, usando quase sempre as

mesmas palavras. Mas o Chorão não é um pensador, ele só leu uns livros, enquanto o Eubie sim, pensa, e pensa alto. Ele saiu de Columbia pra vender fumo porque não tinha nada que a faculdade pudesse lhe ensinar sobre ganhar dinheiro que ele já não soubesse. Ele é esperto até demais. Cinquenta toneladas de fumo e cinco da branquinha em apenas um ano. Eu sei, ele sabe e o Chorão sabe também, e é por isso que ele não o suporta. O cérebro daquele cara estava nos deixando ricos. Mas o cérebro daquele cara ainda precisava do meu fornecimento e, embora eu tenha certeza de que ele já tentou contatar o Escobar em pessoa, eles jamais confiariam num cara tão liso que nem ele. Eu não tava nem aí por ele ter feito aquilo, na boa, eu até esperava que ele fizesse, mas não falei pro Chorão. O Chorão me ligou uma outra vez pra me dizer que o Eubie devia ser o único homem da Jamaica que ia na pedicure, e que ele devia ser uma bichona ou algo assim, o que me fez rir tanto que o Chorão começou a dizer que ele não tinha contado piada nenhuma. Eu disse pro Chorão ficar frio. Eu não disse pra ele que o Eubie, quando não estava ele mesmo matando por aí, tinha dois irmãos — e de sangue — que já tinham eliminado mais de cinquenta caras pra ele, isso os que eu sabia. Com certeza tem um nome pra esse tipo de gente que nem o Eubie, mas isso é coisa que só médico da cabeça sabe.

Marginal não faz anotação. Em vez disso, eu lembro de nome do mesmo jeito que algumas pessoas lembram dos grandes homens. Eu faço uma lista e lembro dela que nem se fosse uma música, uma cantiga de ninar. Se as pessoas soubessem, ninguém me levaria a sério. Então eu mandei o Chorão e um moleque buscarem um equipamento na Flórida e depois enfiei ele num outro carro pra ir pegar outras coisas na Virgínia e até em Ohio. Mas a polícia parou um dos carros na Virgínia Ocidental. Não demorou pros moleques começarem a meter bala em D.C., Detroit, Miami, Chicago e por toda Nova York.

E mesmo com tudo isso, o moleque não largava o pé do Eubie.

— Esse cara é uma boneca, olha só como ele fica se vestindo com as cortinas da mãe dele. Vou falar pra tu, Josey, guarda minhas palavra, esse maluco vai se virar contra tu.

— Tu tá falando sério? Ele não é o único cara que eu tô de olho, Chorão.

— Porra, que é que tu disse?

— Eu disse o que eu disse. Por que é que o maluco lá do Queens tá me dizendo que as remessas tão tudo falhadas entre tu e o Eubie? Não tem contato em Nova York?

— Tem nada falhado, aquele cu cagado só tem que aprender a esperar.

— Tu acha mesmo que ele vai esperar? Que porra deu em você?

— Qual é que é?

— Irmãozinho, tu tá achando que a gente monopolizou Nova York? Os Ranking Dons, o Blood Rose Crew e os Hot Steppers tão brigando por cada centímetro nas ruas, e olha que isso são só os jamaicanos. Se tu não fornecer, eles vão atrás dum outro fornecedor, simples assim. Aí depois, graças a gente que pensa que nem você, eu tenho que vir pra Nova York pra colocar tudo em ordem de novo. Pelo amor de Deus, Chorão, tu tá dizendo que eu vou ter que ir pra Nova York? Ou quem sabe eu deixo o Eubie cuidar do Queens também e te trago de volta pra Jamai...

— Não! Não, Josey. Não, bicho. Eu não... não posso fazer isso. Eu tava só...

— Tu tava só o quê? Não deixa esse maluco do Queens me ligar de novo. Eu não entendi nem metade do que aquele viado tava dizendo.

— Tá, irmãozinho, eu vou resolver esse lance — disse o Chorão. Mas ele não me disse que tava preocupado, não com os negócios, mas porque um cara novo tinha pintado na sua área, e era um figura do mesmo bando que tentou invadir sua área em Miami. As pessoas se esquecem de que quando o PTJ venceu a eleição em 1980, muita gente veio rapidinho pros Estados Unidos. Agora eles fazem parte da Blood Rose, dos Hot Steppers

e, principalmente, dos Ranking Dons, e eles disputam território na bala, que nem se ainda estivessem em Kingston. Aquela, mais uma vez, era uma situação em que era preciso pensar, e o Chorão não era um pensador, ele só tinha lido uns livros.

Tem mais uma coisa. Na verdade eu nem pedi nada de mais, mas eu disse pro Chorão ô, tu lembra daquele arrombado do Tristan Phillips? Aquele do conselho de paz com o Papa-Lo, o Shotta Sherrif e o Cantor? Aquele que desapareceu que nem mágica quando eu mandei não um, mas dois chapas pra dar um jeito nele? Ele tá morando no Queens agora, e eu queria que tu aplicasse um chá de sumiço nesse irmão. Antes que ele faça alguma coisa do tipo se juntar com aquela gangue do PNP, apesar de ter sido justamente ele que apareceu na tevê americana falando sobre o movimento pela paz.

Em 1982 eu mandei o Chorão dar um jeito nele. Disse pra ele comprar uma passagem de avião e ir pra Nova York, depois descolar uma arma pra encerrar aquele capítulo da história jamaicana. Uma semana depois, eu recebo uma ligação não do Chorão, mas sim do Benny, um dos moleques que trabalhava pro Chorão, com a mensagem de que o serviço tava feito. Nem me esquentei de perguntar pro Chorão se ele tava muito chapado quando deu o meu número praquela merdinha. Pior ainda era ele pensar que podia falar comigo desse jeito: *O Chorão disse pra dizer pra tu que o chá de sumiço tá aplicado. Falou.* Foi por isso que eu nem me esquentei. Porque se eu perguntasse por que é que tu fez isso, seu cu cagado, ele ia dizer *fiz o quê?* Não porque ele era um arrombado, mas porque ela ia jurar por Deus que não lembrava. Beleza, tanto faz, eu deixei pra lá porque o Phillips tava morto e aquele capítulo tava encerrado.

Numa quinta-feira, duas semanas atrás, um dos meus homens que tinha acabado de sair de Rikers me perguntou se eu conhecia um tal de Tristan Phillips, porque ele disse que ele sabe tudo a meu respeito. Eu perguntei, como assim sabe, tu não quis dizer *sabia?* Ele disse não, Josey,

esse irmãozinho não tá morto, não, ele tá em Rikers, e só puxou dois dos cinco anos da sentença que deram pra ele por roubo à mão armada. Ele tava em Attica, mas transferiram ele pra Rikers. E agora ele tá com os Ranking Dons.

Eu posso mandar apagarem ele, diz o meu homem, mas eu respondo deixa o cara. Na sexta-feira eu ligo pro Chorão.

— Tu sabe quem que eu encontrei outro dia? A mãe do filhinho do Tristan Phillips, ela veio lá de longe até a área do PTJ atrás de dinheiro, ela disse que o Tristan tinha simplesmente dado no pé e largado ela e não mandava nenhuma grana pro bebê. Estranho, né? — eu disse.

— É, estranho — ele disse.

Então agora eu tô fazendo minha mochila pra ir pra Nova York. Não pretendo ficar muito tempo. O Eubie já cuidou de tudo. Vejo o meu moleque vestido no seu uniforme da escola me olhando da porta.

— Porra, papai, de onde é que tu tá vindo? Tu tá chapado?

— Deu pra ficar espiando homem agora? Vai pra escola, juventude.

— Escola é um cu cagado.

— Tu tá achando que eu sou desses pais que deixam os filhos falarem palavrão na frente deles?

— Não, papai.

— Que bom. Então é melhor tu endireitar essa tua fuça e levar esse teu cu cagado de volta pra escola. Tu acha que o Colégio Wolmer's para Meninos é de graça?

— Toda educação é de graça, papai, então nem vem com essa.

— Tu sabe o que mais que é de graça? Uma porra duma coronhada na tua cabeça pra tu parar com essas respostinhas. Então é melhor tu levar esse teu cu cagado pra porra do teu ginásio antes que eles fechem o portão.

— Papai, como é que eu vou saber o que...

— Saber? Saber o quê? Tu tá falando da tua educação? Achei que era pra escola que tu tava indo, como é que eu ainda tô vendo essa tua fuça feia aí? Cada dia que passa tu tá mais parecido com a bruaca da tua mãe.

Eu sorrio junto com o moleque pra ele não achar que eu tô dando muita pressão nele, mas ele tá com dezesseis anos, e eu ainda me lembro de como era ter dezesseis anos, então eu tô ligado nos desejos que tão brotando nele. Essa mania de ficar respondendo tá começando a mudar de meio bonitinho pra meio perigoso. Parte de mim ainda se derrete toda quando eu vejo esse merdinha estufando o peito. Ele se vira pra ir embora quando eu digo:

— Na próxima viagem, sério.

O moleque não sorri nem faz nada, só acena com a cabeça uma vez e sai, e eu fico olhando a mochila azul se afastando de mim. Daqui a um ano, talvez dois, eu não vou mais ter forças para segurar ele.

TRISTAN PHILLIPS

Tu tá mentindo pra mim. Não tinha Two Friends em 1977? Só foi abrir em 1979? Então onde foi que eu topei com o Rawhide, no Turntable? Não, grande, não dá pra imaginar de ter sido no Turntable, até o primeiro-ministro costumava ir lá. Os bacanas e os abonados tudo se misturando com os de classe média pra achar que tavam se conectando com a cultura do povo, tu sabe como é. Tem certeza? Como é que tu tem tanta certeza? Pra um marmanjo que diz que não vai pra Jamaica desde 1978 tu sabe coisa pra caralho sobre 1979. Tu também me disse que tava escrevendo um livro sobre o Cantor, mas que é que tudo isso tem a ver com o Cantor? Tu tá ligado que o maluco morreu em 1981, né? Ou tu tava com a cabeça enfiada no cu até agora? Tu deve achar que eu nasci de dentro duma vaca. Tu tá escrevendo uma história de terror, onde o fantasma do Cantor fica assombrando a mansão de Rose Hall? Pensando bem, se tu tá mesmo escrevendo sobre o Cantor, por que caralhos tu tá falando comigo? Porra, Pierce, tu tá achando que eu sou idiota?

Desculpa por me fazer perder meu tempo? Que porra é essa, senta aí, Pierce. Olha só pra você, eu faço uma perguntinha e tu já fica aí todo se peidando e querendo arrastar teu rabo pra fora daqui. Essa deve ser a primeira coisa interessante que te acontece hoje. Olha só como a tua fuça tá ficando toda vermelha, que nem um porco se engasgando. Caralho, senta aí, Alexander Pierce. Beleza, que tal a gente fazer assim: tu não me conta por que é que tu quer saber sobre o movimento pela paz e sobre o Josey Wales, e sobre o Papa-Lo e sobre o Shotta Sherrif e eu não te conto quando eu acabar descobrindo. Que é que te parece? Numa nice?

O conselho de paz tinha até escritório. O Cantor abriu sua própria casa pra isso, ficava no primeiro andar, nos fundos. A gente se dava tão bem que as pessoas costumavam achar que a gente era irmão. De certo modo, a gente era mesmo irmão. A gente tinha saído de uma favela na Jamaica. Muita gente não sabe, mas eu também costumava ser grandão nesse lance de música aí. Eu tocava com uns moleques lá na casa do pai do primeiro-ministro — perdão, ex-primeiro-ministro. E me criei com o melhor amigo do Cantor. Eu sempre achei que era esperto, mas, sei lá, talvez o Cantor fosse mais esperto. Algumas pessoas têm essa coisa, talvez seja um lance da favela, que mesmo que um outro homem não te destrua, você acaba destruindo a si mesmo. Todo homem que nasce na favela nasce com isso, mas, de algum modo, o Cantor tinha se curado. Se tu olhar pra nós dois, tanto um quanto o outro é mais esperto que a favela, mas só um de nós conseguiu sair de lá. Algumas pessoas tão destinadas a foder com tudo, mesmo quando elas são espertas o bastante pra saber que não deveriam.

Mas aí o Cantor me deu um aposento pra montar o escritório para o conselho de paz. Eu ainda tava tentando entender o que que a gente ia fazer, mas a primeira coisa era recolher todo o dinheiro do show pela paz. Uma tarde o Papa-Lo mandou o Josey Wales até a casa pra deixar parte da grana das vendas dos ingressos do portão leste. O Cantor tava lá fora, perto da porta, ele tinha acabado de jogar futebol. O Josey Wales estacionou seu Datsun branco e saiu, e o Cantor ficou olhando pra ele enquanto ele ia passando, e depois olhou bem pra mim pela janela do escritório. Irmãozinho, vou te dizer uma coisa: se desse mesmo pra lançar raio pelos olhos, tipo aquele moleque no gibi dos X-Men, ele teria me mandado pro reino dos céus junto com a casa e tudo. Então, assim que o cara foi embora, o Cantor veio seco no escritório. Antes que eu pudesse perguntar qual é que é ele disse quem era esse cara aí? Eu disse o Josey Wales, irmãozinho, ele é líder comunitário em Copenhagen City, tipo o número dois do Papa-Lo. Bicho, no pouco tempo que eu tava ali tinha

dado pra conhecer muito bem o Cantor, eu já tinha visto ele perder a compostura um ou duas vezes. Mas eu nunca tinha visto aquele — ou qualquer outro — homem ficar tão furioso a ponto de começar a tremer. Ele não conseguiu nem falar por alguns minutos, porque todas as palavras chegavam na boca dele ásperas demais pra sair. Eu só fiquei ali sentado, assistindo o Cantor bufando e se engasgando, de tanto que ele tava furioso. Ele disse:

— Tristan, eu conheço aquele figura. Ele teve aqui bem na noite que eu tomei tiro.

Tu quer saber quando é que eu soube que esse lance de paz não ia durar? Daquele momento em diante.

Então eu fui pro Canadá pra conversar sobre o conselho de paz com algumas organizações, e dei um alô pra um irmãozinho em Toronto. Ele começou a me contar um monte de coisas sobre o show, tanto que eu disse, meu chapa, até parece que tu tava lá. Ele disse não, bicho, é que eu vi na tevê, no canal que tem uma programação cultural. Fiquei me perguntando como é que as pessoas no Canadá tavam assistindo ao show, já que não tinha vindo ninguém de lá conversar comigo sobre os direitos de transmissão, só pra depois ficar sabendo que uma empresa chamada Copenhagen City Promotions tava vendendo uma gravação para emissoras de tevê em Toronto, Londres e Mississauga. Então é claro que eu liguei pro Papa-Lo na mesma hora e disse cara, que porra é essa? Ele disse que não sabia nada sobre gravação nenhuma, que ele tinha ficado o tempo todo de olho no Mick Jagger. Mas por que é que alguém ia dar o nome de Copenhagen City Promotions para uma empresa se eles não eram daquela área? Daí ele disse talvez seja da Copenhagen original, lá no estrangeiro, que nem se eu tivesse nascido com idiota escrito na minha testa. Nem perdi meu tempo dizendo pra ele que não tinha nenhuma equipe de gente branca filmando o show. Olha, tanto ele quanto eu sabíamos quem é que tava por trás disso. Daí ele disse talvez tenha sido o

Shotta Sherrif. Eu ri e ia botar o telefone no gancho, mas antes de desligar eu falei coloca uma coleira no Josey Wales senão eu vou fazer isso por você. A rádio WLIB de Nova York queria que eu voltasse como convidado no programa de entrevistas deles, então eu falei pro Papa-Lo que eu tava mudando meu voo de Toronto pro JFK. Assim que desliguei, mudei de ideia e fui pra Miami. Tinha muito jamaicano em Miami que ainda nem ouviu falar do conselho, e além do mais eu podia falar com a rádio por telefone.

Quatro dias depois eu tava em Miami. Fui dar um alô pro meu irmãozinho A-Plus, dos tempos de Balaclava. Quando bati na porta do mano e ele abriu, ele tava gritando que nem uma garotinha. Foi isso mesmo que tu ouviu. Ele tava pronto pra sair correndo porque tinha certeza que tinha um encosto querendo encarnar nele. Um encosto é tipo um fantasma, aliás. Vou te dizer, o cara não sabia se se mijava ou se cagava. Ele se grudou em mim que nem se eu fosse uma criança, e tu conhece as regras, marginal não dá abraço. Principalmente em outro homem. O cara me abraçou e disse Jesus Cristo, Tristan, que é que tu tá fazendo aqui? Como é que tu escapou daquela?

— Escapei do quê? — eu perguntei.

— Como assim, irmãozinho? O maluco acabou de falar pra todo mundo que tinha te apagado.

— Quê? Do que é que tu tá falando, ô, cu cagado?

— Do Chorão, aquele quatro olho que é braço direito do Josey Wales. Faz nem dois dias que ele disse que tinha viajado lá pra Nova York pra te desencarnar.

— Desencarnar? A-Plus, tu tá achando que eu sou um encosto?

— Pode crê, eu tava pensando bem isso.

— Irmãozinho, não só o arrombado não me matou como eu nunca fui pra Nova York.

— Quê?

— Não, grande, eu mudei de ideia quando me dei conta que podia conversar com esse pessoal da rádio pelo telefone. Além do mais, tinha muita gente em Miami esperando pra ouvir falar do conselho de paz.

— Irmão, irmãozinho, que bom que tu pintou aí, porque eu já tava pra pegar dois chapas e ir lá dar uma lição naquele arrombado.

— Peraí, como assim? Ele ainda tá em Miami?

— Sim, bicho, ele tá com aquele palavreado dele na casa dum chapa que mora na 30^a com a 46^a. Tu sabe onde que é o Lincoln Memorial Park?

— Sei, bicho. Que maquinário tu tem aí?

O A-Plus me mostrou uma submetralhadora Thompson e uma pistola nove milímetros. Eu peguei a pistola e ele ficou com a submetralhadora, e a gente foi dirigindo até o Lincoln Memorial. Daí a gente estacionou o carango a duas quadras de distância, e fomos andando até o quintal do amigo do cara. Tu conhece essa parte de Miami? Tudo casa de um andar com uma varanda do lado e às vezes umas janelas de vidro. Um monte de grama morta e poeira seca é o que eles chamam de gramado. Essa casa, com um carango todo amassado bem em cima do gramado, podia muito bem ficar em East Kingston. Mas enfim, a gente foi invadir a casa, o A-Plus pela frente, eu pelos fundos. Claro que o arrombado tinha deixado a porta aberta. Claro que eu ouvi perfeitamente a voz do Chorão, vindo pelo lado esquerdo do corredor. Dei dois passos e lá estava ele, de costas pra mim, mijando na privada. Eu pulei em cima do moleque, empurrando ele por cima da privada, arrebrandando a cortina do chuveiro e fazendo ele bater na parede. Ele bateu bem de fuça, e com tanta força que ficou zonzo. Os óculos dele caíram do rosto. Antes que o moleque pudesse fazer qualquer coisa eu encostei a arma bem na cabeça dele e fiz ele ouvir o clique. O Chorão começou a tremer tanto que quase derrubou a arma da minha mão. O cara ainda tava mijando. Eu disse:

— Ô, arrombado, já imaginou se eu desço do avião em Miami só pra descobrir que eu tô morto e que a turma em todos os canto do mundo tá

sabendo, menos eu? Tu já imaginou uma coisa dessa?

— Ai, ai, não sei de nada não, Tristan, como é que tu vai tá morto se tu tá bem aí?

— Ah, tu não sabe? Mas, irmãozinho, não era tu quem tava aí falando pra turma que tu tinha me matado? Quando é que tu me matou? Semana passada? Ontem?

Nessa hora o amigo dele entrou no banheiro com as mãos pra cima e o A-Plus atrás dele, com a metralhadora apontada pro pescoço.

— Então, Chorão, meu chapa, me conta aí como é que tu me matou, porque, rapaz, vou te dizer uma coisa, eu não tô me sentindo nem um pouco morto.

— Quem que disse que eu tinha matado tu, patrão? Quem que mentiu pra tu?

— Só tô querendo entender como é que tu te precipitou desse jeito. Porra, irmãozinho, me mata primeiro se tu vai sair por aí te exibindo que me matou.

O arrombado não disse nada. Ele começou a chorar e o outro cara começou a chorar também. Se bem que não era bem um choro o que eles tavam chorando. Eles tavam mais é se lamentando. É claro que o moleque que eu não mato hoje é o marmanjo que vai me matar amanhã, então eu encostei a arma na cabeça dele pra atirar. O outro cara deu um berro e começou a implorar pra eu não matar o Chorão. Quer dizer, ele realmente começou a implorar e suplicar, de joelhos, o que era meio demais, mas mesmo assim. Eu ainda não consegui superar aquele marmanjo ter chorado e implorado tanto, como se o Chorão fosse o filho dele, ou alguma coisa do tipo. Antes de eu abaixar a arma, o Chorão olhou rapidinho pro cara. Eu nunca tinha visto um homem tão furioso na vida. A gente deu umas coronhadas nos dois e depois foi embora.

Tu levou muito numa boa isso tudo que eu acabei de contar, Alex Pierce. Tu tá te mijando atrás dessa mesa aí? Se bem que alguma coisa me

diz que tu não te assusta tão fácil.

Medo do quê? De retaliação? Vai por mim, o Chorão é a última pessoa no mundo que viria atrás de mim. Mas nesse meio-tempo a polícia matou o Copper. E depois o Papa-Lo. Tu precisa entender uma coisa. Essa paz era entre a favela do PTJ e a favela do PNP. A polícia nunca assinou acordo nenhum, nem o PTJ e nem o PNP. Só que a polícia na Jamaica é conhecida por não ter absolutamente nada na cabeça. Acho que tu é muito novo pra ter visto esses filme antigo. Tu já viu algum filme dos Keystone Kops? Já? Bom, as forças policiais jamaicanas são composta por um monte de Keystone Kops. Tanto o Copper quanto o Papa-Lo eram bem espertos pra saber que a polícia tinha muita conta pra acertar na rua pra fazer parte dum tratado de merda daqueles. Mas eles também eram burros demais pra encontrar um cara que nem o Copper, que tava fugindo deles há dez anos. Tu tem cabeça, Alex Pierce, com certeza tu já deve ter entendido aonde eu quero chegar com isso. Mas enfim, daí o Jacob Miller teve o acidente de carro. O Shotta Sherrif logo se deu conta do que tava rolando e pegou um daqueles cinco voos para Miami. Mas daí ele roubou a cocaína do irmão dum figura da Wang Gang e fugiu pro Brooklyn. Mas aí, quem diria, um chapa do figura da Wang Gang de Nova York foi atrás dele e matou ele no Starlight Ballroom. Meteu bala nele ali mesmo, na boate. De repente, todo mundo que tinha se envolvido no conselho de paz tava morto, menos uma mulher e eu. Se por descuido ou de propósito, eu não ia esquentar a cabeça pra tentar descobrir. Peguei um voo pra Jamaica pro enterro do Copper, depois peguei outro de volta pra cá. E não, eu nunca mais voltei.

DORCAS PALMER

Daí eu tava sentada olhando pra esse cara que tava sentado olhando pra mim vai fazer uma hora agora. Sei que eu tô esperando as instruções da Dona, ou Sinhá, ou seja lá como essa tal dessa mulher Colthirst prefere ser chamada, mas ele tá sentado ali como se também tivesse esperando suas instruções. As costas retas, as mãos no colo, a cabeça virada pra frente, que nem o C-3PO. Eu poderia dizer que aquilo fazia ele parecer um cãozinho de apartamento, mas daí, por eu ser mulher, isso faria de mim uma vaca. Deve ser uma coisa e tanto, de um outro nível, quando você sabe que pode deixar as pessoas te esperando pelo tempo que você quiser. Eu sempre fiquei pensando que isso deve ser uma dessas táticas de meia-tigela pra demonstrar poder, pra mostrar pras pessoas o lugar delas. Eu que assino os teus cheques, vem aqui beijar meu rabo. O cheque tá aqui, agora para esse táxi e me espera por quatro horas. Que país de merda. Pensando bem, é o dinheiro dela. Se ela quer me pagar pra eu não fazer nada, eu recebo por hora e só apresento a conta depois. Sinceramente, esse homem parece mesmo com o Lyle Waggoner. E eu assistia as reprises do programa da Carol Burnett toda semana. Alto, com o cabelo preto, grisalho nas laterais, e um queixo que parecia ter saído diretamente de um galã de desenho animado. Um minuto sim, outro não, ele olhava pra mim, mas desviava rapidinho quando via eu olhando pra ele.

Quem sabe eu digo que preciso mijar só pra ver se consigo sair dessa sala? Ou melhor, eu preciso fazer xixi. Bom Deus, eu não suporto essa palavra, xixi. Nenhum homem com mais de dez anos deveria usar essa palavra. Toda vez que eu escuto um homem dizendo isso, tudo que eu

consigo pensar é que só um pau pequeno faz xixi. Ele me olhou de repente, talvez porque eu comecei a rir. Deus, tomara que eu não tenha dito isso em voz alta. Agora não tem mais nada pra fazer a não ser fingir que eu tava tossindo. A Dona/Sinhá acaba de levantar a voz na sala dela, provavelmente pra falar com o marido ou sei lá com quem. O Lyle Waggoner olha pra porta dela e ri, balançando a cabeça o tempo todo. Que tipo de homem usa calças cor-de-rosa? Um corajoso? Um homossexual? Bom, se ele fosse um homossexual não haveria filhas e netas, eu acho. Camisa polo branca lindamente esticada pelos bíceps e músculos do peito. Sinceramente, o Lyle Waggoner não seria expulso de uma dessas orgias de amor livre se ele aparecesse por lá. Aposto meu próximo pagamento que ele usa cueca slip, e sunga quando vai à piscina. Você até poderia dizer que ele era um tiozinho bem bonitão, ou até mesmo um pão, que é como as garotas americanas chamam esses caras com quem elas nunca vão trepar. Eu queria que a Dona/Sinhá saísse de uma vez daquela bosta daquela ligação porque senão, cedo ou tarde, eu ia começar a pensar em voz alta, e não ia me dar conta até que o Lyle Waggoner aqui comesse a apontar pra mim, em choque.

Talvez eu devesse dar uma olhada na casa. Eu até me levantaria pra fazer isso, mas alguma coisa me diz que o Lyle Waggoner ia gritar não toque nisso assim que eu comesse a mexer meus pés. Essa parece ser uma daquelas casas em que você sabe que não tem nenhuma moedinha ou botão perdido dentro daquele vaso em cima da mesa. Que é de vidro, é claro, mas não é a mesa de jantar. Tanto eu quanto ele estamos sentados em cadeiras de madeira com um encosto arredondado e almofadas fofinhas. O tecido, bege e marrom, lembra padronagens persas. Os quadros de sempre pendurados nas paredes, três velhas brancas vestidas até o pescoço, dois homens brancos, todos com aquela cara azeda que os brancos sempre têm nas pinturas. Outras duas cadeiras, uma à esquerda e uma à direita, iguais às que estamos sentados. O tapete é igual às cadeiras.

A mesinha de café tá cheia de revistas *Town & Country* espalhadas por cima dela, a única parte do cômodo que parece levemente bagunçada. Um sofá roxo com os pés imitando as garras de um animal do mesmo jeito que a banheira que eu tenho lá em casa. É uma daquelas salas de estar que você sempre vê naqueles anúncios na contracapa da revista do *New York Times*. Na parede à esquerda tinha uns quadros muito pirados.

— Aquele do meio é um Pollock — ele me diz.

— Na verdade, é um de Kooning — eu digo.

Ele me dá uma encarada e concorda com a cabeça.

— Bom, eu não sei direito as coisas que minha família compra, embora aquele ali já esteja aqui há um bom tempo. Pra mim, parece que uma criança comeu todos os seus lápis de cor e vomitou em cima da tela, se você quer saber.

— Ok.

— Você não concorda.

— Não dou muita bola pra opinião das outras pessoas sobre arte, senhor. Ou você gosta ou não gosta, e me parece meio burro ficar esperando que todo mundo goste quando você podia simplesmente aproveitar o fato de ter mais espaço pra você no museu, justamente por que tem um idiota a menos te dizendo que a filha de quatro anos dele poderia ter pintado aquilo.

— Pela madrugada, onde foi que eles te encontraram?

— Senhor?

— Ken.

— Sr. Ken.

— Não, só... deixa pra lá. Você acha que a Sinhá Ocupadinha ali algum dia vai lembrar de demonstrar respeito pelo tempo das outras pessoas e SAIR DA PORRA DO TELEFONE?

— Acho que ela não ouviu o senhor.

— Eu te disse que o meu nome é... não importa. Provavelmente você não tem como saber isso, mas enfim, você sabe se a minha nora pediu especificamente por uma empregada negra?

— Não tenho acesso a esse tipo de informação, senhor.

— Ken.

— Sr. Ken.

— Só estava aqui pensando, já que a Consuela, pelo menos eu acho que o nome dela era Consuela, roubou praticamente tudo que ela conseguiu carregar pra fora daqui.

— Ok.

Com certeza não existia nenhuma empregada jamaicana chamada Consuela.

— Eu achei que ela foi engenhosa. Tudo o que ela roubava ela colocava primeiro debaixo da mobília, certo? Digamos que hoje ela vá roubar os lençóis. Ela escondia debaixo da cama. No dia seguinte, ela arrastava pra baixo da cadeira perto da porta do quarto, no outro dia ia parar debaixo da mesinha no corredor, depois da poltrona na sala, depois da outra poltrona, e assim ela ia até chegar no aparador perto da porta. Desse jeito, fazendo cada coisa se movimentar um espaço por dia dentro da casa, ela sempre tinha alguma coisa perto da porta pra levar embora. Eu disse pra ela aquela chicana montou uma porra duma rota de contrabando bem no meio da nossa casa! Você sabe o que ela me disse? Ela disse esse tipo de linguajar é inaceitável no Norte, papai, como se eu não tivesse nascido na merda de Connecticut. Por isso que achei que ela já tava por aqui com as porto-riquenhas.

— Jamaicana.

— Não me diga. Eu já estive na Jamaica.

E tudo que eu consegui pensar foi ah Meu Deus, lá vem, mais um branco vai me dizer quanto ele gostou de Ocho Rios, mas que teria gostado ainda mais se não tivesse toda aquela pobreza em volta. E como o

país é tão lindo e as pessoas são tão amistosas e mesmo com toda aquela tragédia todo mundo ainda conseguia sorrir, principalmente aquelas criancinhas de cu cagado. Se bem que ele tinha mais cara de quem ia pra Negril.

— Sim, em Treasure Beach.

— Cumé?

— Perdão?

— Desculpe, Treasure Beach?

— Você conhece?

— É claro.

A verdade é que eu não conhecia. Eu mal tinha ouvido falar de lá. Fiquei me perguntando se era em Clarendon ou em St. Mary, uma dessas paróquias pra onde eu nunca ia porque a gente não tinha nenhuma vó que ainda morasse no interior. É mais um desses lugares que você precisa ser um turista pra ter ouvido falar, que nem Frenchman's Cove e uns lugares assim. Enfim.

— Quase intocada, disse a pessoa que foi lá justamente pra tocar o lugar. Vamos dizer assim; não tinha ninguém usando uma camiseta escrito *Jamaican Me Crazy*. Perguntei pra um chapa de camisa branca e calça preta se ele podia me trazer uma Coca e ele disse pega tu mesmo, ô, cu cagado. Imagina só. Me apaixonei pelo lugar à primeira vista. Mas enfim, você...

A Sinhá finalmente saiu da sala agarrada na bolsa, arrumando o cabelo.

— Papai, você faria a gentileza de mostrar a casa para a Senhorita Palmer? Mas veja se não vai se cansar dessa vez, hein?

— Perdão, Senhorita Palmer, mas você está vendo a porra duma criança aí atrás de você? Ali na porta, em algum lugar?

— Papai.

— Porque eu não faço a menor ideia de quem é essa criança com quem ela tá falando.

— Ah, pelo amor de Deus, *Papis*. De qualquer jeito, o seu filho está subindo pelas paredes do novo apartamento só porque eu quero comprar um micro-ondas, dizendo que é muito caro. Então eu preciso sair voando. Mostre onde fica a cozinha pra ela, *Papis*, e, Senhorita Palmer, você se incomoda se eu te chamar de Dorcas?

— Não, madame.

— Bacaninha. Os produtos de limpeza estão debaixo da pia, não exagera muito em nada que tem amônia, o cheiro demora muito pra sair. O jantar é geralmente às cinco, mas hoje você pode pedir uma pizza, só não peça do Shakey's porque elas são muito salgadas. O que é que eu estou esquecendo... hmmm. Não sei. Enfim, tchau, tchau, *Papis*.

Ela fecha a porta, deixando eu e seu pai dentro da casa. Será que eu digo pra ele que eu não sou uma empregada, e que a Deus Abençoe não é uma agência de empregadas?

— Acho que houve um engano.

— E você vem dizer isso pra mim? Mas meu filho casou com ela mesmo assim, então é isso aí.

Ele se levanta e vai até a janela. Como ele é alto. Quanto mais eu fico olhando pra esse homem mais eu fico me perguntando por que eu tô aqui. Acho que eu podia afirmar, com certeza, que nunca chegaria o momento em que eu teria que limpar a bunda desse homem, ou colocá-lo na cama depois de trocar seus lençóis mijados. Ele era um homem muito alto e agora tava se inclinando sobre a janela, uma perna reta, a outra dobrada como se ele tivesse tentando abrir o vidro. Acho que eu nunca tinha visto um outro idoso que ainda tivesse uma bunda.

— Você já é a segunda em um mês. Fico pensando quanto tempo você vai durar — ele disse, ainda olhando pela janela.

— Desculpe, senhor, mas eu não sei por que eu estou aqui.

— Você não sabe por que está aqui.

— A Deus Abençoe não é um serviço de empregadas, senhor. Talvez seja por isso que a outra garota não deu certo.

Ele vira e se encosta na janela.

— Não sei nada sobre essa Deus Abençoe e, por favor, por favor, por favor pare de me chamar de senhor.

— Sr. Ken.

— Acho que isso é o melhor que eu vou conseguir. Que horas são? Você está com fome?

Dei uma olhada no meu relógio.

— Meio-dia e cinquenta e dois. E eu trouxe um sanduíche, Sr. Ken.

— Você joga alguma coisa?

— Como é?

— Eu só estava brincando. Mesmo assim, eu gostei muito mais do seu cumé do que o seu como é. Uma das poucas vezes que eu senti que tinha uma jamaicana de verdade aqui em casa.

Eu disse pra mim mesma isso é uma isca, não morde, é uma isca, não morde, isso é uma isca, não morde.

— Então o que é que eu sou se não uma jamaicana de verdade, Sr. Ken?

— Não sei. Alguém querendo dar um golpe. Ou apenas atuando. Eu vou descobrir logo, logo.

— Não sei de nada disso, senhor, já que a sua filha claramente ligou pra agência errada. Eu não faço serviço de empregada.

— Ah, por favor, relaxe, aquela pistoleira idiota acha que todo mundo aqui é empregada. Tenho certeza de que foi meu filho quem ligou pra sua agência, não ela. Geralmente ela me ignora, mas como eu tenho falado muito com o meu advogado ultimamente, ela deve estar meio preocupada. Eu vou mudar meu testamento. De algum modo, ela convenceu o meu filho de que eu cheguei a um ponto em que eu preciso que alguém tome conta de mim.

—Por quê?

— Isso você vai ter que perguntar pro meu filho. Mas enfim, estou entediado. Você conhece alguma piada?

— Não.

— Ah, pelo amor de Deus, você é mesmo assim tão séria e fechadona? Tudo bem. Eu te conto uma piada, então. Você parece estar precisando. Ok, lá vai. Por que os tubarões nunca atacam gente preta?

Eu já ia dizer olha só, essa jamaicana aqui sabe nadar, quando ele disse:

— Porque eles confundem com merda de baleia.

E aí ele riu. Não uma gargalhada, só uma risadinha. Fiquei pensando se eu deveria agir que nem um negro americano e sair gritando que ele tinha me ofendido, ou se devia deixar que o silêncio fosse tomando conta, até matar aquele momento.

— Quanto tempo uma mulher branca demora pra cagar? — eu disse.

— Uau. Eu... eu... não sei.

— Nove meses.

Ele ficou vermelho imediatamente. Um longo segundo em silêncio, e depois ele caiu na gargalhada. Ele riu tanto que quase teve um troço, ofegando e tossindo, e com os olhos molhados. Eu não tinha achado aquilo tão engraçado.

— Ai, meu Deus, ai meu Senhor.

— Mas enfim, Sr. Ken, eu preciso ir. Seu filho precisa ligar pruma agência de empregadas e...

— Não, não, não, de jeito nenhum. Você não pode ir embora agora. Responde rápido, por que os negros têm as palmas dos pés e das mãos brancas?

— Não sei se eu quero saber.

— Eles estavam de quatro quando Deus os pintou.

Ele ri de novo. Eu tento não rir. Mas meu corpo começa a tremer antes mesmo da risada sair. Ele vem caminhando na minha direção agora, rindo

com tanta força que seus olhos quase desaparecem.

— De quatro, é? — eu disse. — O que você faz se estiver sendo estuprada por um monte de brancos?

— Ó, céus, o quê?

— Nada. A menos que você esteja com medo de ser fodida por uma espinha.

Sua mão tava no meu ombro agora, e ele tá rindo com tanta força que eu acho que tinha feito aquilo para se apoiar.

— Espera aí, eu tenho uma pra você, e é uma piada de branco dessa vez. O que uma branca e um absorvente interno têm em comum?

— Não sei. As duas chupam sangue?

— Não, as duas são metidas!

Agora é a minha mão que tá no ombro dele e sou eu quem não consegue parar de rir. Nós dois paramos de rir e começamos de novo. Não sei em que ponto minha bolsa despencou do meu ombro e caiu no chão. Nós dois nos sentamos em poltronas uma de frente pra outra.

— Por favor, não vai embora — ele disse. — Por favor.

JOHN-JOHN K

Três portas depois, a cozinha era puro cheiro, chiado e estalo de bacon. Os armários de madeira escura ocupavam todas as paredes, e um deles estava aberto mostrando várias caixas de cereais. Um homem, não muito diferente do Terno Marrom, estava sentado na cabeceira da mesa, como se fosse o Papaizão, ou alguma merda desse tipo, lendo o jornal e sublinhando ele com uma caneta vermelha. Tinha dois garotos, um de cada lado dele, o que parecia mais velho com um bigode que ele andava passando muita vaselina. Até que ele era bem bonitinho, e eu podia jurar que ele piscou pra mim, mas ele tinha orelhas de abano que nem as do Alfred Neuman, da *Revista Mad*. O outro garoto me fez querer não ter tido um pai que me chamava de frutinha toda vez que eu tentava deixar o meu cabelo crescer quando eu tinha doze anos.

— Yuca! Yuca! Yuca!

— Arturo! Quantas vezes eu já te disse pra não gritar na mesa — ela disse.

Suas costas pareciam ter sussurrado cada palavra. O suéter colado ao corpo tinha deixado ela cheia de pneuzinhos, parecida com o homem da Michelin, mas as calças brancas enganavam bem, aquela aura cafona de gente rica que podia comprar, mas jamais vender um barco. Ela tinha o cabelo preso num coque com tanta força que parecia que as sobrancelhas estavam puxadas para trás quando ela se virou. Olhos escuros, carregados no rímel logo de manhã cedo, e seus lábios brilhavam mais do que os de uma adolescente que exagerou no Lip Smacker.

— Você é baixinho.

— Cumé? Desculpa, eu não entendi.

— Não entendeu? Que foi, eu gaguejei, por acaso?

O garoto mais velho deu um suspiro. Você está nos matando, Mami, ele disse. Ela sorriu.

— Gostou, guapo?

— Sim, Mami, a rapaziada toda transa muito esse barato.

— Não vem com essas gírias de merda pra cima de mim.

O garoto mais velho suspirou mais uma vez enquanto o outro estendeu seu prato pedindo mais yuca.

— Você, senta aí pra tomar café — ela disse, apontando a frigideira pra mim.

Eu meio que fiquei parado. Não entendi direito o que ela quis dizer, até que o Terno Marrom me empurrou, ou melhor, me deu um soco com as duas mãos nas costas. O garoto mais velho olhou uma vez pra mim e depois desviou o olhar, o mais novo comia um negócio que parecia peixe e o homem não disse nada, e não tirou sequer uma vez seus olhos do jornal. Pega um prato pra ele, ela disse pra ninguém. O homem se levantou e pegou um prato no armário, e depois voltou para o jornal. Ela jogou uma colherada de yuca no que eu entendi que era o meu prato e um chouriço tirado de uma frigideira incandescente.

— Você é o filho da puta que fodeu meu esquema — ela disse.

— Desculpa?

— Lá vem você de novo com essas suas desculpas. Tá precisando usar o troninho?

O mais novo riu.

— A força vai bem?

— É como é que vai essa força, Mami! Porra!

— Meus *muchachos*, vocês sabem que não falo inglês muito bem. Mas se eu digo pra eles que eu sou uma mulher de negócios americana eu preciso soar mais americana, né? Bola pra frente.

— Só, Mami...

— Mas enfim, você, sim, você, eu tô falando contigo. Você é o viadinho que estragou minha matança.

— Foi sem querer. O teu moleque lá...

— Aquele moleque já foi.

— Já era, Mami!

— Já era. Aquele moleque já era. Ficou muito descuidado. Sempre acontece quando você dá um trabalho prum negro-negro. Sem disciplina, sem nada, tudo que eles fazem é ficar falando deles mesmos e blá blá blá e bli bli bli e blu blu blu. Que foi que ele te disse?

— Nada, na real. Disse que ia exterminar uma mesa cheia de *chicanos*...

— Olha essa merda dessa boca, *putito*.

— Desculpa. Disse que ele e os caras iam apagar uns cubanos na boate. Me deu o toque pra eu picar a mula dali. Falei pro Paco, meu chapa, que a gente tinha que se mandar. Ele disse que ia avisar o chapa dele. Achei que era um segurança ou alguém assim, não um...

— Já chega. A tua versão da história não é muito... interessante. Sabe o que é interessante? Fazia seis meses que aqueles *maricones* não ficavam juntos no mesmo lugar. Seis meses, branquiço.

— Branquelo, Mami, pelamordedeus...

— Já chega desse comportamento na mesa — ela disse, e apontou pro garoto. Ele fez um beijo bem rápido.

— Voltando a você. Você sabe o que eu sou? Eu sou uma mulher de negócios americana. Você acaba de me custar muito dinheiro. Pilhas e pilhas de dinheiro. Agora, o que eu quero saber é o que você pensa em fazer a respeito.

— Eu?

Mordi um pedaço de yuca. Pensei que se aquela ia ser a minha última refeição, fazia algum sentido que fosse o café da manhã. O som da tevê

finalmente invadiu a sala, alguma coisa sobre um enorme gorillillillillilaaaaa! O homem ainda estava absorto no jornal. Eu nunca pensei que em Miami acontecesse alguma coisa interessante o suficiente para que alguém fosse sentar e ler sobre aquilo. Mas essa yuca era da boa. Não que eu já tivesse comido yuca antes, mas aquilo era comida caseira, e isso provavelmente quer dizer que era boa, mesmo que a comida da minha mami fosse uma merda.

Ela me deu um tapa com força. Disse alguma coisa sobre eu não estar prestando atenção, mas aquele tapa me pegou de surpresa. Enfiei a mão dentro do meu casaco tão rápido que eu nem lembrava que não tava armado. Antes que o meu rosto começasse a arder do tapa, antes que a Grisela desse um passo para trás e puxasse uma panela quente cheia de óleo pronta para jogar em mim, antes que eu pudesse levantar derrubando a cadeira de costas no chão, antes mesmo que eu pudesse chamar ela de desgraçada filha duma puta cadela sarnenta chicana, eu ouvi os cliques. Cinco, dez, quinze, tudo ao mesmo tempo. Eu não lembrava de ter visto os Camisas Havaianas entrando na cozinha, mas lá estavam eles. E o cara de terno marrom. E o cara na mesa da cozinha. E o garoto mais velho, todos olhando pra mim com a mesma testa franzida, todos apontando suas armas pra mim, 9 milímetros e Glock e até um revólver de tambor com um cabo de mármore branco. Levantei as mãos.

— Senta — disse o homem na ponta da mesa.

— Vocês têm que aprender a respeitar essa mamajama — ela disse.

O Camisa Havaiana Cor-de-Rosa dá um envelope de papel pardo a ela. Ela rasga pra abrir e tira uma foto de dentro. A Griselda riu com força, até perder o fôlego, e começou a se sacudir toda. Aquela porra deve ter deixado ela satisfeita pra caralho. Ela entregou a foto pro homem na mesa que a olhou com a mesma frieza com que lia o jornal. Ele jogou pra mim. A foto deu algumas piruetas no ar e aterrissou, quase retinha, com perfeição, bem na minha frente.

— Parece que *los* crocodilos preferem caçar sua presa, *no*? Acho que da próxima vez eu vou dar pra eles um filho da puta vivo, não morto.

Era o Baxter. Os crocodilos só não tinham comido a cabeça dele. Tenta não vomitar, se você ficar repetindo que não vai vomitar, você não vai.

— Qual a moral de apagar o Baxter?

— Passar um recado. Quem tem ouvidos que ouça, era o que dizia a irmãzinha *no*, como é que eles chamam aqui? Convento? Arrã. O Baxter fodeu com tudo, e você também. Mas os meus meninos andaram investigando por aí, sabe? Corre o boato de que você fez um servicinho em Nova York que até a polícia achou que foi perfeito.

Eu quase ri. Todo mundo sabia que eu era desleixado. Esses garotos de Miami têm que ser muito ruins de jogo pra eles acharem que eu era um especialista.

— Vou te dizer o que você vai fazer pra mim.

* * *

Eu devo ter apagado por horas quando fui puxar um ronco. Não fazia ideia de que tinha alguém na cama até que:

— Não, eu não sei o que eu vou fazer pra você.

O michê de cabelo grisalho da noite passada. Meu Deus, só espero não ter trazido essa bichona aqui pra casa e depois desmaiar debaixo dele. Mas ele ainda tá aqui, então ou ele gostou ou não conseguiu achar minha carteira e quer ser pago. Ou talvez ele não tenha nenhum outro lugar pra ir. Bicho, olha só que confusão, eu no chão, só de camiseta, essa vagabunda colombiana aparecendo nos meus sonhos dando aquelas suas instruções cagadas, e eu nem lembrava do meu voo de Miami pra Nova York. Deixa eu ver, pousei às sete da noite. Fiz o check-in no hotel em Chelsea às nove (porque você quer ir pra Chelsea? O Camisa Havaiana

Cor-de-Rosa me perguntou. Eu não perguntei pra ele por que os olhos dele se arregalaram quando eu disse Chelsea), descolei esse michê usando um calção apertadinho de corrida e uma camiseta dos Ramones todo cheio de atitude no Meatpacking District, às onze e doze.

— Ahn... E agora?

— Você disse que queria que eu fizesse uma coisa pra você. A menos que você me pague um extra, eu tenho que ir embora.

— Você tem que ir embora? Tá tão bacana assim no porto que você não quer perder o agito?

— Porto? Você tá por fora, hein, cara? Naquele lugar se tu cair no chão tu pega tétano, ou qualquer coisa assim. Além do mais, ninguém mais vai lá agora que começaram a chamar aquela merda de câncer gay de AIDS. Eles também andaram fechando uns banheiros públicos por aí.

— É mesmo? Bom, e se a gente fizesse o seguinte: você tira essas suas calças, espera, porra, espera só um pouquinho. Primeiro, tira a merda da minha carteira da porra do teu bolso de trás, porque essa coisa que eu tenho aqui na minha mão, sabe, essa coisa que eu acabei de puxar debaixo da cama, não vai mostrar uma bandeirinha escrito “bang” quando eu puxar o gatilho.

— Ai, papi!

— Não vem com esse papinho de papi pra cima de mim. Isso mesmo, bom garoto. Da próxima vez que você pegar a carteira de um cara, não fica esperando pra fazer o café da manhã, seu retardado. Agora, quanto àquela coisa que você vai fazer.

Eu deitei de costas e joguei as pernas para cima. Segurei as duas com meus braços e me abri que nem uma florzinha.

— É melhor tu usar bastante saliva.

Tá, eu não tava esperando um dossiê nem nada disso, mas ela foi tão superficial falando do jamaicano que ele automaticamente se transformou num mistério. Primeiro, eu perguntei por que ela não me deixava terminar

o servicinho do Baxter, mas ela disse não, que eu precisava primeiro fazer por merecer (sim, eu notei que ela disse primeiro, o que deixava claro, mesmo de forma sutil, que ia ter uma segunda e talvez uma terceira, e sabe-se lá mais quantas vezes). Eu tinha um jamaicano pra apagar em Nova York, e hoje seria aquela chance que aparece uma vez na vida pra fazer aquilo direito, esse drama todo dela, não meu — e isso que, Jesus, eu que sou uma bicha. Ela não era muito boa fazendo descrições físicas, tanto que só me falou que ele era negro-negro e provavelmente estaria armado. O Terno Marrom completou me dando seu endereço e descrevendo seu modus operandi costumeiro. Um dia em 1980 ele simplesmente tinha aparecido com um cubano de merda que dizia que se chamava Doctor Love e era isso. A Griselda não trabalhava com nenhum cubano de merda, até porque ela tava tentando matar todos eles, de modo que as ordens para trabalhar com cubanos e jamaicanos devem ter vindo de Medellin. Ele chegou lá como se já fosse o dono de Miami, propondo um esquema que colocava a Jamaica como a melhor rota entre a Colômbia e Miami, principalmente agora, com os viados dos bahamenses cagando sua conexão e usando seu produto. A Griselda descobriu que os jamaicanos também andavam trabalhando com o cartel de Cali, e isso era uma merda fodida pra caralho. Mas Medellin não tinha problemas com os jamaicanos, e até demonstrava respeito à sua hierarquia. A mulher tinha trabalhado com eles, que era uma coisa que ela não gostava, mas pra qual não podia dizer não. Só pelo jeito dela falar dava pra ver que ela não tava curtindo aquele bando no caminho dela, controlando os carregamentos que saíam da Colômbia pros Estados Unidos e atacando os moleques que vendiam crack em pequenas quantidades nas ruas. Ele disse que o jamaicano tinha sido treinado pela CIA, o que provavelmente era papo furado, mas, mesmo assim, era uma coisa com a qual eu devia ter cuidado.

De qualquer jeito, ele tá em Nova York agora, e alguém quer que ele suma. Ela não disse quem, mas deixou bem claro que não era ela. Eu tô só

passando a mensagem, ela disse. Não importava muito pra mim, sinceramente, eu nunca quis saber por que alguém queria fazer alguém sumir, desde que tivesse disposto a pagar por isso, tudo bem. Mas aquilo era estranho, mesmo depois de me dar aquela missão ela ainda queria que eu ficasse pra conversar com ela. Ela expulsou todo mundo. E continuou falando dele. Sobre como ela tinha ouvido que ele não lidava bem com piadas, e nunca sabia direito quando alguém tava brincando com ele ou falando sério, e o resultado disso é que uma vez ele atirou num cara porque o cara disse que os lábios grossos dele eram perfeitos pra chupar seu pau. Sei lá, branquiço, você acha que os jamaicanos acham graça nos Jeffersons? Em *Um é pouco, Dois é bom, Três é demais?* Vou te dizer uma coisa, aquele cara nunca ria de nada.

Mas enfim, alguém queria ele morto, e não era por causa dos negócios — como se ele fosse bom pros negócios. A ordem pra essa execução tinha vindo do alto escalão. Quanto mais alto o escalão, menos sensato é o motivo. A Griselda calou a boca, o lábio inferior dela começou a tremer, a expressão no rosto dela mudou quando ela ia começar uma frase, e depois mudou de novo quando ela desistiu de falar. Alguma coisa ali não tava legal pra ela, uma coisa sobre a qual ela queria falar, mas não podia. Tava fora do seu alcance. O fato de alguns fantasmas estarem voltando da Jamaica pra pegar esse cara em Nova York. Quem queria ele morto tava pouco se lixando pra forma como seria feito, mas eu tinha um dia e uma noite pra fazer aquilo — a noite de hoje, pra ser mais específico. Sempre é mais fácil matar alguém em casa, o alvo tá com a guarda baixa. Ela disse que ele provavelmente chegaria em casa tarde da noite. A casa provavelmente estaria cheia de capangas, então talvez fosse melhor fazer aquele serviço como um sniper.

Tanto faz, eu só queria entrar lá, matar ele e dar o fora. O michê tava ficando nervoso, ainda olhando pra minha carteira e por cima do meu

travesseiro. Eu tive que guardar a arma, mas agora eu não tinha mais certeza do que o viado queria fazer.

— E aí, tu vai me comer, ou qual é?

JOSEY WALES

Eu tava olhando minha mulher fazendo a minha mala numa mochila da Adidas quando o telefone tocou. Eu tava quase indo embora, mas ela me lançou aquele seu olhar de tá-achando-que-eu-sou-tua-empregada?

— Alô?

— Irmãozinho, espero que tu tenha colocado pelo menos três frutas-pão, umas dez sardinhas e um balde de arroz e feijão nessa tua mala pra mim, morô?

— Eubie. Qual é que é, meu chapa?

— Tu sabe o jeito. Tudo azul, numa nice, morô?

— Maneiro, irmão, é isso aí, mas às vezes o cara tem que mandar ver.

— É o que eu digo. Cumé que tá o irmãozinho?

— Na boa, cara, na boa.

— Bicho, eu sei que tu não curte voar de avião. Tu tem passaporte e visto? Não dá pra vir pra cá de ônibus, morô?

— Eubie, tá tudo numa nice.

— Maneiro. Aí, Josey, tu nunca veio pra Nova York?

— Não, irmãozinho, só Miami. Quem é homem de negócios não tem tempo pra tirar férias, morô?

— Normal, normal. Como é que tá a esposa?

— Ela ia adorar te ouvir chamando ela de esposa. Faz um mês agora que a desgraçada tá me enchendo o saco perguntando quando é que a gente vai casar que nem as pessoas lá da cidade alta, não esse papo de favela de só de juntar os trapos. Você anda trocando ideia com ela?

— Haha, não, fera. Mas irmãozinho, a Bíblia diz que o cara que encontrar uma esposa encontrou uma coisa boa.

— Você tá chamando minha mulher de coisa, Eubie?

— Eu, não. A Bíblia. Vai reclamar com Deus essa daí. Se bem que não dá pro cara levar a sério tudo que tá na Bíblia, morô?

— Morei, Eubie. O cara não precisa ir pra Universidade de Columbia pra saber disso.

— Opa. Enfim, já vai fazer dez anos que eu tô morando em Nova York e nem eu entendi direito essa porra ainda. Vai ser muito interessante saber o que tu vai achar daqui. *Nova York, bem como eu tinha imaginado, com os arranha-céus e tudo o mais...*

— Que que é isso que você tá cantando, Os Jeffersons?

— Stevie Wonder, meu irmão. Vocês aí na Jamaica tão ligados que o irmãozinho não gravou só “Master Blaster”, né?

Dois minutos de ligação e essa é a segunda vez que o Eubie está tentando me chamar de burro.

— Vocês aí na Jamaica? Não fode, tu chegou aí semana passada e já tá viajando na maionese?

— Haha, essa foi boa, Josey Wales, essa foi boa.

Minha mulher me lançou aquele olhar de com-quem-é-que-tu-tá-falando-porra? Ela sabe o que eu penso do Eubie mesmo sem nunca ter visto ele. O lance com o Eubie é que, ao contrário de todo mundo aqui, que precisou se criar em West Kingston, o Eubie não tinha nascido na favela. Ele já tava pronto antes da gente se conhecer. Ele já tinha o Bronx e o Queens fechadinhos com Medellín antes mesmo de eu ter pensado em deixar Miami praquela arrombada da Griselda Blanco, que, no fim das contas, gostava mesmo é de trabalhar com os bahamenses. E ele já vinha recrutando alguns dos melhores caras de Copenhagen City desde 1977. O engraçado é que eu mal lembrava dele. Ele não vinha de Balaclava, nem de Country, ou de Gaza, mas sim de uma boa casa, com dois carangos na

garagem, e tinha tido acesso à boa educação também. Deu pra perceber isso na primeira vez que ele veio me visitar e ficou olhando pra todo mundo como se estivesse no zoológico. E ele tava suando debaixo daquele terno de seda, mas não tirava aquele lencinho branco no bolso dele pra secar o rosto. Muita gente entra nessa vida porque é o que dá pra fazer, e aí você segue nela até se dar bem. Mas eu sei lá. Se eu fosse ele, e tivesse vindo de onde ele veio, de jeito nenhum eu ia entrar nessa vida. O Eubie é o único marmanjo que eu conheço que só tá nessa por um motivo: porque ele quer. Mais que isso, acho que pra ele é que nem sair correndo atrás de buceta pra uns desses moleques daqui. Um cara com muita ambição, que tem pouco a perder. Ao mesmo tempo, apesar de ser um cara que, em questão de dois minutos, se apresenta que nem um homem da cidade grande, ele ainda usa aquele lenço branco porque ninguém nos Estados Unidos sabe que aquilo significa que ele tem mais medo de Obeah do que algumas pessoas têm do diabo.

— Aí, Eubie, tu não conseguiu esperar pra ouvir minha voz mesmo sabendo que logo mais eu tô aí ou tu tá me ligando pra me dar algum toque?

— Caralho, Josey, alguém já te disse que tu tem a língua muito afiada?

— Minha mãe.

— Hah, bom, eu te liguei mesmo pra te falar uma coisa. Uma coisa que eu... Bom, enfim, irmãozinho, no momento que tu disser que isso não é da minha conta, eu simplesmente vou fechar a minha matraca sobre essa parada.

— Que parada, bicho?

— Bom, eu tentei entrar em contato com aquele teu chapa, o Chorão, sobre essa parada, mas não consegui falar com ele e...

— Que parada?

— Quer dizer que o Chorão não te ligou? Eu achei que tu ia me dizer que esse esquema tava resolvido há muito tempo. É só que quando eu tava

no Bronx, e fiquei sabendo sobre a parada lá no Brooklyn, eu pensei, esse lance não é comigo, isso daí é com esse maluco desse Chorão. Mas como eu disse, eu liguei pra casa dele, no número que tu me deu um tempão atrás, e não tinha nenhum Chorão lá. Ele trocou de telefone?

— Que parada?

O Eubie fez uma pausa. Com certeza ele não tinha medo de mim, então eu sabia que ele não tava nervoso. Ele tava só ganhando tempo, espichando aquela conversa. Ele quer que eu saiba que ele sabe de alguma coisa que eu quero saber, mesmo que eu ache que não queira.

— Bom, quando uma coisa dessas acontece só uma vez, não quer dizer nada. Às vezes um viciado vai andando de bairro em bairro pra tentar descolar o máximo de pedra que conseguir, saca? Isso não é nada. Mas quando seis malucos vêm lá do Brooklyn até o Bronx, alguma coisa deve tá rolando.

— Tu tá me dizendo que seis caras do Brooklyn vieram comprar contigo hoje? Talvez eles não soubessem onde encontrar o bagulho por lá.

— Que papo é esse, Josey Wales? Quando um noia tá na fissura, vai por mim, o filho da puta sempre sabe onde encontrar. Impossível ele não ter um contato perto de onde ele mora. A proximidade é essencial pro sucesso, irmãozinho, mas é claro que eu só tô te dizendo o que tu já sabe. Mas enfim, um dos meus caras pegou um desses craqueiros e perguntou o que que ele tava fazendo lá longe no Queens, e ele disse que não tava conseguindo mais comprar nada em Bushwick.

— Que é que rolou em Bushwick?

— Não é o teu chapa Chorão que manda lá em Bushwick?

— Que é que rolou em Bushwick, irmãozinho?

— O cara disse que de repente dois trafica começaram a cobrar o dobro do que cobravam, assim, do nada. Eu sei que tu sabe que a gente tá construindo uma relação de lealdade aqui, e que a gente sempre tá atrás de novos clientes, mas como eu não lembrava de tu ter dito nada sobre

aumentar os preços, eu fiquei surpreso do preço ter subido desse jeito lá no Brooklyn. Quer dizer, não faz nenhum sentido, a gente tinha fixado os preços justamente pra não ter muito movimento de um bairro pro outro.

— Hmmm.

— E outra coisa, juventude. Parece que tu tem uns trafica que também usam o bagulho. Não sei se é assim que as coisas funcionam em Miami, mas aqui isso é sempre, sempre ruim pros negócios. Um dos noia disse que não tava conseguindo encontrar o trafica, então ele entrou na boca achando que alguém podia ter uma pedra pra vender pra ele e encontrou os dois trafica fumando crack. Os dois! Quer dizer, puta que pariu como é que tu deixa os teus dois trafica dentro da boca enquanto do lado de fora tem uma fila de gente tudo se coçando pra fumar uma pedra? E como é que tu vai confiar num craqueiro pra fazer uma transação comercial? E se eles não tão roubando da própria mercadoria, de onde é que que eles tão tirando essas pedras? Josey?

— Tô te ouvindo.

— Ô, irmãozinho, eu só tô te dizendo o que eu acho. E quando um cara precisa sair do seu bairro só pra comprar duas ou três pedras, a gente tem um problema. Deixa eu te falar, lá no Bronx eu sempre operei no limite, mesmo na época que eu só tava passando fumo. Lá em 1979 eu comecei o meu negócio, mas levei mais a sério que qualquer loja porque eu sabia, desde criancinha, que eu nunca ia crescer se não fizesse a minha base direitinho. Eu nunca aliviava se pegava alguém de sacanagem. Menos ainda se fosse meu irmão. Tu sabe o que eu disse pro último cara que fez merda? Eu dei uma escolha, eu disse pra ele juventude, vamo fazer o seguinte. Tu pode escolher qual olho tu quer perder, o direito ou o esquerdo. Se tem uma roda meio solta no teu carro, cedo ou tarde ela vai cair e todo mundo vai morrer. E o que vale pro Bronx também vale pro Queens.

Eu ainda não tava acreditando que o cara tinha me chamado de juventude.

— Quem foi que contratou eles, foi tu ou foi o Chorão? Quer dizer, o Chorão tinha que ter se ligado nisso e dado um jeito de resolver rapidão, mas, pensando bem, é o Chorão, né? Bom, tu deve saber o que tu tá fazendo.

— É.

— Mas vou te falar, a última vez que eu vi um chefe de boca começar a usar, não demorou muito pra eu precisar abotoar o paletó do malandro. Porque o lance é o seguinte, Josey, a cocaína é diferente do crack. Cheirador, pelo menos, tem alguma classe, e mesmo se não tiver classe nenhuma, pelo menos dinheiro ele tem. Ainda dá pra lidar com essas coisas que nem cavalheiros. Mas com crack? Esse maluco chupa o teu pau e arranca o coração do próprio filho pra fumar uma pedra. Não dá pra deixar esse tipo de gente vendendo teu produto. Não, juventude. De jeito nenhum. Mas tu e o Chorão se conhecem há muito tempo, né?

— Nem tanto assim.

— Ah.

— Bom, eu sei lá. Como eu disse, tu deve tá ligado no Chorão. Mas tu devia pelo menos dar um confere no que tá rolando na tua boca lá em Bushwick. Tu sabe que eu enfrento toda situação sempre com uma injeção e uma arma na mão. Ou eu vou te curar ou acabar com o teu sofrimento. Se tu precisar que eu dê um jeito em Bed-Stuy, Bushwick, ou qualquer outro lugar, é só tu me dar um toque. Eu vou precisar de mais uns caras pra ir comigo, mas mesmo assim eu...

— Eu já te disse, Eubie, que tá tudo certo. Te mete no que tu conhece. Mas enfim, eu bato um fio quando eu pintar aí.

— Hã? Ah, sim, claro. Me liga.

Desligo o telefone. Minha mulher ainda tá olhando pra mim. Eu bato um fio pro Chorão, e o telefone toca e ninguém atende. Eu sei que ela tá

me olhando porque ela sabe quando eu tô ficando puto. Já tô até ouvindo ela dizendo pra eu não ficar daquele jeito na frente do único filho decente que ela ainda tinha. Eu olho pra ela olhando pra mim.

— Tá tranquilo, broto, para de me olhar desse jeito — eu digo.

CHORÃO

Você não vai atender?

— Não.

— Você não tinha que buscar um amigo no aeroporto?

— Eu te contei isso? É só mais tarde.

— Então desliga a campainha, pelo menos. É aquela coisa ali...

— Eu sei onde fica a porra da campainha. Cadê o K-Y?

— Sei lá, ali na cama, em algum lugar.

— Onde?

— Sei lá, já disse. Talvez você esteja deitado em cima. Ou talvez esteja debaixo desse travesseiro embaixo de você. Quer saber? Vira aí. Vou ser obrigado a dizer mais uma vez, não sei qual o problema de usar cuspe. Os jamaicanos são muito frescos com saliva.

— Que papo é esse? Cuspir num homem é falta de respeito.

— É só água. Tipo, você não cuspiria no meu cu e depois lamperia?

— Deusulivre. Não.

— Por causa do cu ou do cuspe? Você sabe que quando você chupa um cu você chupa saliva do mesmo jeito, né?

— Como é que tu vai lamper teu cuspe? Depois que saiu da tua boca já era, não é pra voltar nunca mais.

— Haha. Vira aí.

— Quê?

— Você me ouviu. Vira aí.

— Eu gosto desse jeito. Tu vai mais fundo.

— Mais fundo meu rabo, você só não quer olhar pra mim.

É noite no quarto. Eu me viro. A cama é muito macia, e eu tô afundando e ele tá em cima de mim, me imprensando nos lençóis. Afundando. Ele me chamou de inibido, mas eu não sei o que isso quer dizer, apesar de ele ter dito com um sorriso. Ele tá me olhando firme, sem desviar. Hoje é uma terça-feira, um dia todo amarelado. Ele ainda tá me olhando — meus lábios tão secos? Meus olhos tão vesgos? Ele tá achando que eu vou ser o primeiro a desviar o olhar, mas eu não vou desviar o olhar, eu não vou nem piscar.

— Você é lindo.

— Nem começa.

— Tô te falando, não é todo homem que fica bem de óculos.

— Para com essa merda, moleque. Homem que é homem não fica falando essas coisas, isso é...

— Viadagem? Eu sei, eu já ouvi nas outras sete vezes que você disse. Bicho, você ia amar os porto-riquenhos. Eles também não acham que chupar pau ou comer cu quer dizer que eles são gays. Só se é você quem dá o cu, aí você é uma bichona.

— Tu tá chamando o irmãozinho aqui de bichona, seu cu cagado?

— Ah, não, você é louco por buceta.

— Eu gosto de buceta.

— Cara, a gente vai trepar ou eu vou ter que ser o Harry Hamlin do teu Michael Ontkean?

— Que porra é essa que tu tá falando?

— Quer chutar quantas vezes eu tive essa mesma discussão nos últimos dois anos? Isso é muito cansativo, eu tô de saco cheio de viado enrustido. Principalmente de vocês, negros. Eu só quero fazer isso duma vez.

Fico de boca fechada. Esperando por ele. Mas ele já tá chupando meu mamilo direito e depois o esquerdo, com mais força, como se fosse arrancar. Começou a doer e eu tava quase dizendo puta merda, tá machucando, mas aí ele lambeu. Ficou mexendo a língua, acariciando e

lambendo o mamilo. Eu estremeci. Eu quis implorar pra ele lambe o direito só pra eu parar de tremer um pouco. Senti um círculo de cuspe quente no meu mamilo que ele assoprou até ficar gelado e secar. Ele precisa parar de me fazer de mulher. Não é o jeito que ele me fode, é o jeito que ele assopra o meu mamilo.

— Que coisa, se solta, seu viado. Se você continuar com isso preso na sua garganta desse jeito você vai acabar se engasgando.

— Quê?

— Não dá pra você ser frio pra caralho e sentir prazer com seu corpo ao mesmo tempo. De uma das duas coisas você tem que abrir mão. Acho que é melhor eu ir embora e quando você se decidir você me liga.

— NÃO. Quer dizer, não.

Ele volta pra minha boca antes de eu poder dizer que marginal não dá beijo. Ele chupa minha língua, desliza seus lábios sobre os meus, sua língua sobre a minha, faz ela dançar, e me obriga a retribuir. Ele tá me fazendo pensar que nem uma bichona.

— Ah, olha só pra você, rindo que nem uma garotinha. Talvez você ainda tenha esperança.

Lábio em cima de lábio, lábio virado de lado lambendo minha língua, língua em cima de língua, debaixo de língua, lábios chupando minha língua e aí eu abro meu olho e vejo os dois olhos dele fechados com força. Os gemidos vêm dele, não de mim. Subo as mãos e aperto seus mamilos, mas não com muita força, eu ainda não sei muito bem o limite entre o que dá tesão e o que dói. Mas ele geme e agora ele tá passando a língua pelo meu peito e vai descendo pros meus mamilos e pro meu umbigo deixando uma trilha molhada e gelada, embora sua língua esteja quente. Será que Nova York tá me vendo fazer isso? *Eu tô vendo daqui, tu tá vendo também? Um BAITOLA de cuzinho apertado, meu bem.* O lado de fora da janela fica no quinto andar, mas eu sei lá. Alto demais pra um limpador de janelas ou pros pombos ou pra qualquer um que subisse num muro,

embora não tivesse ninguém subido em muro nenhum. Ninguém pode me ver, só o céu. Mas aquele voo da Air Jamaica vai passar bem ali e o Josey vai me ver. O cara faz cócegas no meu umbigo com a pontinha da língua e eu seguro sua cabeça. Ele olha pra cima por um segundo e sorri e o seu cabelo se enfia por entre os meus dedos, tão fino, tão macio, tão castanho. É um cabelo que você precisa falar que nem branco pra poder descrever.

— Volta pra cá, viado.

Eu queria dizer que eu já tava aqui, mas ele engole o meu pau e não é isso que acaba saindo da minha boca. Ele fala alguma coisa sobre prepúcio. Ele puxa para baixo, olha pra cabeça quando cai de boca e eu dou um pulo. *Vocês de capuz são muito sensíveis, né?* Ele lambe e chupa só a cabeça e depois engole até o final, até bater de cara nos meus pentelhos. Pra cima e pra baixo, me fodendo, e eu sinto os lábios e a língua dele e o topo da garganta e o molhado e o quente e o vácuo da sucção e quando ele solta e chupa e solta e chupa e solta e chupa e eu não consigo parar de agarrar os ombros dele quando ele puxa o prepúcio pra baixo. É a visão, o branco descendo no preto e depois subindo, o branco descendo e depois voltando pra cima dando uma viradinha e uma lambidinha com aquela língua cor-de-rosa. Terceira vez que eu agarro o ombro dele e aperto. Até que enfim ele para. Mas daí ele me pega pelos tornozelos e puxa o meu cu pra cima e enfia a língua nele. Eu não fico pensando no quanto eu não gosto daquilo, no quanto aquilo só parece que tem uma coisa molhada molhando meu rabo. Ele me deixa com as pernas para cima, sai rolando da cama e pega uma camisinha. Eu ainda não sinto diferença entre encapado e no pelo, que por sinal é justamente o nome duma marca de camisinha, não entendo por quê. Eu sei que a gente tá a cinco andares do chão, mas e se alguém passa aí na janela justamente agora e me vê com as pernas viradas pra cima? Isso vai mesmo acontecer mais uma vez. Ainda não dei meu cu o suficiente pra não pensar que isso vai mesmo acontecer. Ainda não dei meu cu o suficiente pra não pensar que tem um outro pau

duro no quarto, e não é o meu. E tudo que eu quero é pegar nele e apertar e puxar e talvez chupar, algum dia. E agora ele tá passando lubrificante no meu cu com os dedos e, pela primeira vez, eu não tô pensando nas trepadas da cadeia, se bem que quando eu digo que não tô pensando nas trepadas da cadeia, eu tô pensando nas trepadas da cadeia, e ele tá mesmo esfregando essa coisa no meu cu, e tá me fodendo gostoso com os dedos e ele enfia mais fundo e toca em alguma coisa que me faz dar um pulo e não, eu não fico imaginando que é assim que mulher se sente quando eu meto gostoso, porque que se fodam as mulheres e que se fodam suas bucetas, e que se foda esse papo de tentar deixar de ser bichona, pelo menos aqui, agora, a cinco andares do chão. E que se foda esquentar a cabeça com o homem branco ficando por cima, porque eu nunca tinha visto problema nenhum do branco ficar por cima até eu vir pros Estados Unidos. Se eu pensasse que nem um crioulo talvez eu esquentasse a cabeça com o homem branco ficando por cima, e talvez eu quisesse ficar por cima dele, embora eu ainda fosse querer que ele me comesse. Graças a Deus que não sou eu quem tem que ficar de pau duro.

O telefone volta a tocar.

— Você vai se abrir algum dia, meu bem?

— Quê? Ah.

— Por que você tá sempre tão nervoso? Preciso te falar, meu bem, essa coisa toda sobre os jamaicanos serem tão tranquilos vai virando cada vez mais um mito pra mim. Só tô dizendo.

— Eu não tô nervoso.

— Olha, se você estivesse grudado no teto eu poderia ficar pendurado só com o dedão enfiado na tua bunda

— Haha.

— Arrá, o segredo é te fazer rir, então. Ou te comer no escuro. Você não teve esse problema no escuro.

— Em todos os filmes que eu vi, as pessoas sempre trepam no escuro. Na tevê também.

— Quando foi que caiu a ficha pra você que nem todo cara nos Estados Unidos parece o Bobby Ewing?

— Eu gosto do escuro.

— Santa mudança de assunto, Batman.

— Tu que mudou de assunto, eu não.

— Sabe, a única pessoa que poderia te ver por aquela janela é o Super-Homem. Você pode escolher acreditar nisso ou não. Eu tenho que dar uma mijada, já volto.

Tive que tapar a boca com a mão pra não dizer não demora. Eu ainda não consigo parar de pensar que o Josey vai aparecer naquela janela do nada, tipo uma dessas pichações que dizem Kilroy Esteve Aqui. E sabe o que mais, eu vou dizer eu tô nos Estados Unidos e eu posso fazer o que eu quiser, então que se foda o que vocês vão dizer, ou, como dizem os americanos, beija meu rabo. Tá tudo certinho no Lower East Side, e eu já resolvi pessoalmente aquele negócio lá em Bed-Stuy, e também nem precisei ligar praquele idiota do Eubie, e se ele não ficar ligeiro, logo mais eu vou tomar o Bronx pra mim também. Na verdade eu não preciso do Bronx e daqueles negros de merda, eu tenho os brancos em Manhattan pagando três vezes mais. E quando aquele avião finalmente pousar ele vai ver que o Chorão é quem manda em Nova York, e tudo que ele pediu pra fazer eu fiz direitinho, então me deixa quieto, porra, e não vem na minha casa e nem olha debaixo dos meus lençóis, mas se tu olhar debaixo dos meus lençóis, pelo menos não diz nada. Puta que pariu, que que eu ainda preciso provar pra tu, caralho?

A barra pesou. É só isso. A barra pesou.

Ele sai do banheiro com o pau duro e torto pra esquerda, já vestindo uma camisinha. Os brancos têm uma área de pele mais branca bem no formato das cuecas que eles usam. E ao redor do pau dele só tem bola e

sarça ardente. Fico me perguntando se homens deveriam ser delicados. É a delicadeza que faz isso parecer viadagem. Eu não tinha me sentido daquele jeito até agora. Não no Mineshaft, no Eagle's Nest, no Spike, no New David's Theater, no West World, no Bijou 82, no The Jewel, na livraria da Christopher Street, no Jay's Hangout, no Hellfire Club, no Les Hommes, na livraria da Ann Street, no Ramrod ou no Badlands, e jamais no Ramble, nunca com o homem de negócios que depois voltava pra esposa, ou com o ciclista, ou com aquele estudante hippie de cabelo comprido, ou com o *guapo* e o *muchacho* e o *mariconcito*, ou com o crente, nem com a bicha louca que deixava os vinte centímetros aparecendo debaixo do jeans, ou com aquele cara que um outro cara chamava de almofadinha, ou com o homem grisalho que passeava com seu cachorro, nem com aquele que parecia ser um homem normal, que fazia coisas normais e nada mais. Alguns vieram atrás de mim assim que eu baixei meu calção, outros me levaram pra casa, os que tinham da branquinha, apesar que ninguém aqui nos Estados Unidos entende quando eu falo branquinha, então eu digo talco, ou farinha, ou pó, ou falo em dar um teco, ou chamo essa merda de cocaína mesmo. Um traficante pode afanar o seu próprio produto. Em casa, ou num parque, eu abaixava o calção e eles cuspiam ou usavam lubrificante e me comiam e às vezes eu esperava eles gozarem e às vezes eles deixavam eu gozar primeiro e depois pra tocar uma bronha e gozar na minha bunda. Mas isso tudo ainda parecia coisa de homem, se agarrando e se comportando que nem homem. Na cama, e toda macia, parecia que a gente era umas bichonas. A gente tava falando que nem umas bichonas. E daí? Talvez a gente fosse umas bichonas.

— Tu vai ficar aí tocando uma bronha o dia inteiro? — eu disse.

O telefone tocou bem naquele momento. Ele olha pro telefone e depois olha pra mim olhando pro telefone. Ele pensa em dizer alguma coisa, mas não diz. O telefone ainda tá tocando. Eu espero ele parar, então ele sobe na cama e me pega pelos tornozelos. O telefone parou de

tocar e minhas duas pernas tão pra cima. Imagino que o telefone vá tocar mais uma vez, porque se aquilo era mesmo tão importante, ele ou ela ia ligar de novo. O telefone não toca. Ele tá passando lubrificante no pau dele. O telefone não toca. Eu quase quero que ele diga aqui vai e, mesmo que ele não tenha dito, eu dei uma risadinha mesmo assim, que nem uma garotinha. Ele sorriu, olhou bem nos meus olhos e se enfiou dentro de mim, não muito rápido nem muito devagar, mas com firmeza e sem parar, e aquele segundo de dor desapareceu no momento em que ele encaixou aquele pau torto dele e me acertou no ponto certo.

Tava mijando no banheiro quando a porra do telefone tocou de novo.

— Alô?

Merda. O cara na minha cama atendeu o telefone.

— Alô? Vamos tentar mais uma vez: alô? Só um segundinho. Acho que é pra você.

Cinco segundos depois eu atendo o telefone.

— Alô?

— Quem era esse viado aí?

— Quem? Do que que tu tá falando?

— Do que que tu acha que eu tô falando, ô, cu cagado? Por acaso foi um encosto que atendeu o telefone aí?

— Não, Eubie.

— Então quem que é esse daí?

— É o meu chapa que mora aqui no andar, ele veio aqui em casa porque ele queria... ouvir um som do... tu conhece o Phill Collins?

— E tu deixa ele atender teu telefone comercial?

— Pera lá um pouquinho, Eubie. Eu não deixei ele atender coisa nenhuma. Eu saí do banheiro e vi que ele já tinha atendido. Então qual é que é, fera? O que tá rolando?

— Não fala essas gírias de americano comigo.

— Então não fala comigo que nem se eu fosse um moleque. Tá acontecendo alguma coisa?

— Pode apostar que tá acontecendo alguma coisa, já é a terceira vez que eu tô te ligando, irmãozinho.

— Bom, agora tu me pegou.

— Com certeza peguei uma coisa aí.

— Que que tu quer dizer com essa porra?

— Enfim, mudança de planos. Eu que vou buscar o Josey, não tu, e...

— Porra nenhuma. O Josey ia me falar se tivesse mudado os planos.

— Então, por favor, vai lá pro aeroporto pra tu me ver buscando ele. Quanto mais gente, melhor, é o que eu sempre digo. Outra coisa, o Josey não quer ir de novo pro East Village, ele quer ver o que tá rolando lá em Bushwick.

— Bushwick? Mas tem algum motivo pra ele querer ir pra Bushwick assim, do nada?

— Tem algum motivo pra tu achar que eu sou vidente, assim, do nada? Se tu tem um problema com o Josey, fala com o Josey.

— Eu ia levar ele no Miss Queenie's primeiro. Melhor comida jamaicana de Nova York, bem no meio de Flatbush, no Brooklyn.

— Chorão, o Josey Wales tem cara de quem ia pegar um avião lá da Jamaica, onde ele pode comer comida jamaicana o tempo todo, só pra vir comer uma imitação cagada aqui? Tu é idiota ou tu só tá te fazendo de idiota?

— Ô, quem é que tu tá chamando de...

— Pego ele às nove e meia. Encontra a gente em Bushwick.

DORCAS PALMER

Talvez algumas pessoas tenham experiências diferentes, mas eu nunca encontrei um homem que dissesse “só estou curioso” sem ter alguma outra intenção. Você mora sozinha? Só estou curioso, sim, esse foi o começo de uma noite fabulosa. Mas reconheço que a idiota que trouxe ele pra casa pra começo de conversa fui eu. Por quê? Porque depois de ter ido pra cima do cara naquela boate jamaicana com a música muito alta porque ele não parecia jamaicano, depois de ficar com esse cara e dar um motivo no estacionamento pra ele levar aquilo adiante, eu não quis ir pra casa dele porque que tipo de vagabunda faria uma coisa dessas?, como teria dito a diretora do Imaculada Conceição. Levei o cara pra casa e apareceram imediatamente outras sete mãos nele, uma em volta do meu pescoço, uma já dentro da minha calcinha, me vasculhando, talvez porque ele achasse que um clitóris fosse saltado pra frente, que nem um pau. Engraçado como bafo de cerveja é uma coisa que só fica sexy num bar. Eu disse que eu tinha mudado de ideia e ele me pegou pela garganta e começou a apertar. Segurei as mãos dele, mas isso só fez ele apertar mais forte, dizendo a gente não vai ter um problema aqui, vai? Eu disse não, baby, eu só quero ir lá no quarto botar uma roupa mais confortável. Você sabe, que nem fazem nos filmes.

— Onde é que fica o bar, então, pra eu me fazer um drink?

— Você não vai ter tempo pra isso, gatinho.

Então eu entro no banheiro e encontro uma coisa que me faz sentir bem mais confortável. Eu lembro de ter andado quase até o fim da Gun Hill Road só pra encontrar aquilo. O dono da loja olhou pra mim e

perguntou colheita de quê eu ia fazer com aquilo. O homem tinha se sentado numa das cadeiras de mesa de jantar que eu tinha na sala. Não tinha problema, eu só precisava andar uma ou duas quadras e uma outra cadeira igual àquela estaria esperando por mim. Danos colaterais. Ele tava inclinado pra frente, puxando as únicas peças de roupa que ainda tava vestindo, meias que não combinavam entre si. O facão cortou o ar com tanta velocidade que eu quase perdi o controle. Ele atravessou com facilidade o arco superior da cadeira e parou no encosto. O cara deu um pulo, mas não muito rápido. Ele fez o que os homens acham que eles têm que fazer, e se aproximou de mim, me provocando e rindo como se achasse que, por ser uma mulher, eu tava com medo. Não foi o golpe do facão que fez ele se cagar nas calças, foi o fato de que eu era capaz de me recompor e dar um novo golpe com muita rapidez, como se eu fosse dublê num filme do Bruce Lee. Uma garota precisa de um hobby, que nem minha mãe diria. Eu fui pra cima dele com o facão e comecei a gritar sai agora da minha casa, seu cu cagado! Ele começa a dizer calma, baby, calma e eu começo a gritar estupro! Sai da minha casa, cu cagado. Eu erro um golpe de propósito e acerto meu vaso caríssimo com o facão, só que o vaso não valia merda nenhuma, e eu só quebrei pra mostrar pra ele que aquela vadia maluca não tava de brincadeira. Ele ainda tava indo embora muito devagar. Posso pelo menos pegar as minhas roupas?, ele disse, mas eu continuava gritando e correndo atrás dele, dando golpes de facão pra direita e pra esquerda como se eu tivesse abrindo caminho no meio do mato. Ele correu até a porta e saiu xingando uma vadia maluca filha duma puta pelo corredor. Não faço ideia de quem ele tava falando. Fiquei pensando em quanto eu era mais jamaicana naquela época, e em quanto eu não passo de uma americana histérica hoje em dia. E...

— Tá bom, não me conta, eu não preciso saber.

— Saber o quê?

— Juro por Deus que o meu primo Larry, que tem Alzheimer, presta atenção nas coisas mais tempo que você.

— Ai, me desculpe.

— Não, não desculpo. E agora eu vou ter que te contar uma piada.

— Pelo amor de Deus, Sr. Ken, chega de piada de crioulo.

— Ah, não, bom Deus, chega disso. Essa é sobre Alzheimer. É engraçado, as pessoas que têm o A fazem piada com as pessoas que tem o C, como se não lembrar que você está doente fosse, pelo menos, algum tipo de vantagem.

— E você tem o A ou o C? Ou o P ou D? Na minha família na Jamaica todo mundo tem o D.

— D?

— Diabetes.

— Ah, claro. E o P é de Parkinson? Às vezes eu queria ter uma doença medieval, tipo tuberculose ou disenteria.

— O que é que você tem?

— Não vamos transformar isso num dramalhão assim tão rápido, tá bom? Porque daí eu vou me sentir como se eu estivesse vivendo dentro da televisão da minha filha. Pra falar a verdade, essa cena aqui podia ser bem menos *Imitação da Vida* e bem mais *As Viagens de Gulliver*.

Ele caminha até a porta e pega seu chapéu e cachecol.

— Vamos lá.

— Quê? Vamos aonde? Pra Lilliput? A pizza já deve estar chegando.

— Ah, eu nunca como essa merda. Eles deixam ali na escadaria do prédio e depois cobram da tua conta. Vamos bater em retirada desse lugar, estou com a porra do saco muito cheio.

A verdade é que eu queria muito ir embora. Toda aquela mobília dos tempos de escravidão que você via que tinha sido produzida poucos anos atrás estava me dando nos nervos. Em algum lugar naquela casa, a Sinhá Colthirst tinha todas as edições da revista *Victoria*. E provavelmente todas

da *Redbook* também, pra quando ela tivesse vontade de fazer ela mesma a cobertura de um bolo.

— Pra onde a gente vai?

— Só Deus sabe. Talvez você me leve pra jantar no Bronx. Mas então, pelo que eu entendi, você já leu o Swift.

— Na Jamaica você lê *As Viagens de Gulliver* na escola quando tem doze anos.

— Minha nossa. Que surpresa ela revelará nos próximos quarenta minutos? *Quem procura informação quer saber*. Vamos lá.

Esse cara não tava brincando sobre o Bronx. Não sei por que eu não disse nada, nem quando a gente saltou do táxi assim que ele chegou na Union Square nem quando entrou no metrô e pegou a linha 5, que ia de volta na direção de onde a gente tinha vindo. Sentamos juntos num banco de três lugares perto da porta. Eu não queria levantar a cabeça pra ver se alguém tava me olhando. Agora o trem tava pichado por dentro também. Até a gente chegar na 96^a, a maioria das pessoas que tava no vagão era branca, homens velhos e mulheres que provavelmente não tinham que ir a lugar nenhum, e crianças de uniforme escolar sem pressa de chegar em casa. Entre a 110^a e a 125^a a maior parte dos brancos tinha descido, deixando os latinos e alguns dos negros. Lá pela 145^a quase só tinha negros. Nenhum desses grupos resistiu à tentação de olhar pra gente. Eu só queria estar vestida de enfermeira, e que ele não parecesse com o Lyle Waggoner. Talvez os homens negros estivessem pensando que aquele homem devia ter alguma coisa especial pra poder ficar com uma negra. Ou talvez estivessem se perguntando será que ele tá vindo até aqui só pra comer uma garota de programa? O pior é que a gente tava indo pra 180^a, então eu tinha que ficar sentada ali esperando até que não tivesse mais nenhuma pessoa pra olhar pra nós dentro do metrô.

— Você mora por aqui?

— Não.

— Só estava perguntando.

— Você sabe que não é seguro estar nesse trem, indo pra esse lugar, a essa hora do dia, né?

— Do que você está falando? Não são nem cinco da tarde.

— São cinco da tarde no Bronx.

— E?

— Você tem uma tevê?

— As pessoas escolhem do que elas vão sentir medo neste mundo, Dorcas.

— As pessoas que moram em Park Avenue podem decidir se hoje elas estão a fim de sentir um pouquinho de medo. Para o resto de nós, isso significa não vá até o Bronx depois das cinco da tarde.

— Então, por que é que você está indo?

— Eu não estou indo. Você está indo. Eu só estou seguindo você.

— Ah, foi você quem me falou do jerk de frango na Boston Road, e eu te disse que eu não como comida jamaicana desde 1973.

— Acho que é a vida, né? Todo branco tem que viver o seu próprio *Coração das Trevas*.

— Não sei com o que eu deveria estar mais impressionado, se com o fato de você ser uma pessoa tão lida ou com o fato de você estar engrossando cada vez mais o seu tom comigo conforme a gente vai se afastando da 5ª Avenida.

— O que você vai me dizer depois dessa, Sr. Ken? Nossa, você fala inglês muito bem? Os americanos não leem no ginásio? Quanto ao meu tom, já que a minha contratação foi um engano, acho que o senhor pode ficar bem sossegado que amanhã o senhor não vai ver nem a mim nem a ninguém da minha agência.

— Uau, seria um erro de proporções desastrosas — ele disse, não pra mim, mas para o que quer que ele estivesse olhando pela janela. Dei uma

conferida dentro do vagão pra ver se alguém estava assistindo àquela conversa.

— Acho que eu sei o que o senhor está fazendo — eu disse.

— Sério? Me conta.

— Essa coisa aí que o senhor tem claramente lhe deu uma sentença de morte. O senhor não precisa mais ter medo de coisa nenhuma, então o senhor pode fazer o que quiser.

— Talvez. Ou talvez, Freud, eu só queira comer a porra dum jerk de frango com inhame, e tomar um ponche de rum, e esteja cagando pra essa tua psicologiazinha de meia-tigela aí. Você já pensou nisso, caralho?

Dois homens olham para nós.

— Perdão. Eu já tenho que escutar essa merda do meu filho e da minha nora. Não preciso ouvir de novo, principalmente de alguém pra quem eu tô pagando.

Três homens e duas mulheres olham pra nós.

— Bom, obrigado por dizer pra todo mundo que eu sou uma prostituta — eu disse.

— O quê? Do que você está falando?

— Todo mundo ouviu o senhor.

— Ai. Ah, não.

E então ele se levanta. Eu abro bem a minha bolsa e fico pensando se minha cabeça cabe inteira ali dentro.

— Olha, pessoal... eu, hã... sei o que vocês devem estar pensando.

— Você tá falando sério? Eles não estão pensando coisa nenhuma. Senta aí.

— Eu só queria dizer que a Dorcas aqui, ela é minha mulher, não uma prostituta.

Eu sei que, dentro da minha cabeça, eu gritei. Não sei se eu também fiz isso em público, mas na minha cabeça, com certeza, eu tinha gritado.

— A gente está casado há, o quê, quatro anos, meu bem? E eu tenho que dizer, é sempre como se fosse o primeiro dia, não é mesmo, princesa?

Não consigo entender se ele tá fracassando muito em defender minha reputação ou se tá realmente curtindo fazer aquilo. Enquanto isso, eu tô olhando fixamente pra todo mundo que tá fazendo muita força pra não olhar. Uma velha tá rindo e cobrindo a boca com a mão. Eu queria rir também pra deixar bem claro que eu não faço parte daquela piada, mas a risada simplesmente não vem. O engraçado é que eu nem tô puta com ele. Ele tá pendurado na barra e vai balançando junto com o trem, quase como se estivesse prestes a começar a dançar. O trem para em Morris Park.

— Essa é a nossa parada.

— Ah, é? Mas aqui é Morris Park. Achei que nós estávamos indo para Gun Hill Road.

— A gente desce aqui.

Saltei assim que as portas se abriram e não esperei por ele. Eu nem olhei pra trás. Eu quase queria que ele ficasse lá dentro, que fosse pra merda da Gun Hill Road o quanto ele quisesse. Mas eu ouvi sua respiração vindo atrás de mim.

— Meu Deus, essa foi boa.

— Você acha divertido ficar constrangendo as pessoas?

Fico parada ali na plataforma, esperando um pedido de desculpas, porque eu já vi isso nos filmes, e é isso que você tem que fazer.

— Talvez você deva perguntar a si mesma por que é que você fica constrangida com tanta facilidade.

— Cumé?

— Adoro quando você fala jamaicano.

— Tu tá falando sério?

— Ah, puta que pariu, Dorcas. Você não conhecia nenhuma pessoa dentro daquele trem, você nunca mais vai ver nenhuma delas e, mesmo

que você visse, nem ia lembrar da cara delas, então, quem é que dá a mínima para o que eles pensam?

Ai meu Jesus Cristinho, eu odeio quando não sou eu quem tá dizendo as coisas que fazem sentido.

— A gente devia esperar pelo próximo trem.

— Que se foda. Vamos andando.

— Você quer andar. Pelo Bronx.

— Pois é, é isso que eu vou fazer.

— Você sabe que eles acham um cadáver no Haffen Park quase todo dia.

— Você quer falar de cadáver com um veterano?

— Você sabe que aqui o crime não é que nem aparece no *Police Woman*, né?

— *Police Woman*? Qual foi a última vez que você assistiu tevê?

— A gente não pode sair andando pelo Bronx.

— Não se preocupe, Dorcas, na pior das hipóteses eles vão pensar que você está me ajudando a descolar um pouco de heroína.

— Você disse heroína?

Isso ia ser fabuloso, eu, a imigrante com uma documentação questionável andando pelo Bronx, à noite, com um homem branco estranho claramente fora do seu elemento, totalmente embriagado por aquele sentimento do eu-sou-invencível-eu-sou-um-homem-branco.

— Então você não vai nem ligar pra sua família?

— Eles que se fodam. A ruga que a minha filha vai ganhar de tanto se preocupar com isso, especialmente depois de ter feito face-lift, vai valer muito a pena.

TRISTAN PHILLIPS

Ah, então tu pode voltar pra Jamaica quando tu bem entender? Papo sério? Tu tá falando que nem esses caras que dizem que podem parar de usar heroína quando eles bem entenderem. Fica esperto, Alex Pierce, que a Jamaica pode muito bem entrar pelas tuas veias e fazer o mesmo efeito dessas coisas escuras e docinhas que não são lá muito boas pra você. Mas chega desse papo enigmático. O lance é o seguinte, a menos que tu soubesse onde me procurar, tu não tinha a menor chance de me encontrar. Sim, eu sei, tu tá querendo saber sobre o fracasso do processo de paz, mas então me diz uma coisa, como é que tu vai aprender qualquer coisa sobre isso se desde 1978 tu não vai mais pra Jamaica? Tô surpreso que tu tenha ouvido falar dele, já que tu não tava na ilha quando isso aconteceu. Tu vai falar com a Lucy também, né? Irmãozinho, tu não tá falando sério. A Lucy é a chave de tudo. Eu e ela somos as únicas duas pessoas do conselho de paz que ainda tão vivas. Tu vai ter que ir atrás dela lá na Jamaica, juventude. Já parou pra pensar como é que nós dois ainda estamos vivos e todos os outros morreram? Claro que não, até agora tu achava que eu era o único. Mas lembra que, em teoria, era pra eu estar morto também. Todo mundo foi assassinado e, dependendo da pessoa com quem tu falar, isso inclui o Cantor. Me diz uma coisa, tu já ouviu falar de alguém que foi infectado com câncer?

O que eu ainda não entendi é por que que tu tá tão fissurado nesse assunto. Tu tá tratando disso como se fosse O Dia que a Jamaica foi pro Furdunço, como se ela tivesse mesmo qualquer outro lugar pra ir. Aí, qual era o teu lugar favorito na Jamaica? Trench Town? Que tipo de gente

escolhe Trench Town como lugar favorito? Tu tem sorte de ser branco, hein? Deixa eu te perguntar um troço, tu acha que Trench Town é o lugar favorito de alguém que mora em Trench Town? Tu acha que tem alguém sentado de cócoras dizendo porra, isso que é vida? Turista é mesmo um bicho engraçado.

Ah, tu não é turista. Nem precisa dizer: tu conhece a verdadeira Jamaica. Tu tinha uma namoradinha lá? Aisha. Belo nome, parece uma coisa que o cara diz quando goza. E aí, ela era comportadinha ou chupava a tua rola? Haha, eu não ligo, branquelo, eu sou um homem do mundo. Do Terceiro Mundo, mas ainda assim. Quanto tempo a gente ainda tem hoje? Ilimitado? Em Rikers? Bicho, que pauzinhos foram esses que tu mexeu? Mesmo assim, melhor a gente voltar pro assunto, não é verdade?

Antes do Cantor me falar sobre o Josey Wales eu nunca tinha suspeitado daquele camarada. Mas aí aconteceram umas coisas, e depois mais umas coisas, e aí tu começa a enxergar os sinais, mesmo que tu nunca tenha gostado muito de igreja. Quer dizer, se ele realmente quisesse matar o Cantor, ele teria finalizado o serviço na noite seguinte. Ele devia ter uma outra coisa em mente ali. Quer dizer, porra, o cara tava andando pelo quintal do Cantor dois anos depois como se nada tivesse acontecido. Um cara que tem um culhão desses é melhor tu não ficar no caminho. Agora, seria fácil dizer que a paz tava fadada ao fracasso porque isso faz parte da natureza do favelado. É, isso parece uma coisa inteligente pra se dizer, mas você precisa entender — sabe quando a esperança é uma coisa tão nova e diferente que chega a ter até uma cor? Tipo uma coisa que tu deixa lá, quieta, no fundo da cabeça, porque tu sabe que ela nunca vai acontecer e aí, de repente, parece que vai acontecer mesmo? É como se tu descobrisse que pode voar de verdade. A gente não nasceu de dentro de uma vaca, não é ingênuo, como tu diria. Ninguém ali era idiota. Todo mundo sabia que esse lance da paz tinha noventa por cento de chance de fracassar, mas, cara, aqueles pareciam ser os melhores dez por cento das

nossas vidas. Quase dava pra pegar com a mão. E quando o Shotta Sherrif disse pra mim que eu é quem tinha que presidir esse conselho de paz, foi como se alguém tivesse olhado pra mim e, pela primeira vez, visto alguma coisa diferente do que eu via. Eu...

Eu...

Eu me perdi de novo.

E daí, num piscar de olhos: o Copper tomou tiro, o Papa-Lo tomou tiro. Primeiro eu pensei que era só a polícia acertando as contas agora que a gente tinha baixado a guarda. Ou pior: partidos políticos que nunca quiseram realmente a paz tavam acabando com ela a tempo das próximas eleições. Mas a gente já falou sobre a inteligência da polícia. E os políticos também não iam querer que as pessoas soubessem que eles tavam exterminando a paz. Tu tem que investigar melhor. Polícia mata bandido porque quer se vingar. Mas além de ter um cadáver pra exibir pra cidade baixa, eles não ganhavam nada matando um zé-ninguém. Tu precisa pensar. Quem é que tá melhor agora do que tava antes dessas mortes? Só um homem.

O cu cagado do Josey Wales.

O Papa-Lo tá morto e agora ele é o Don de Copenhagen City. O Shotta Sherrif tá morto e os bandos do PNP em Nova York foram se desmobilizando desde então, incluindo o meu. Todo mundo em Nova York tá cheirando, fumando e injetando a branquinha, e os colombianos precisam de um cara que tenha o talento de espalhar ainda mais essa merda pelos Estados Unidos. E até mesmo levar pra Inglaterra, pelo que eu ando ouvindo. Quando ele tirou o acordo de paz do caminho, ele prestou um favor tão grande a certos políticos que eles vão passar o resto da vida retribuindo. Depois que ele matou o movimento do povo de Jah, os americanos não tinham mais motivo pra temer que a gente fosse virar a nova Cuba. Não posso falar com certeza, mas aposto que agora tem gente do alto escalão, talvez no controle da guarda costeira, ou da imigração, ou

da alfândega, uma merda dessas aí, fazendo vista grossa pra certos barcos e aviões e navios porque um homem deu pra eles a Jamaica de bandeja em 1980.

Meu chapa, se eu soubesse por que gente que nem eu acaba na cadeia, gente que nem eu jamais acabaria na cadeia. Fica à vontade pra escrever isso no teu primeiro parágrafo, e pode chamar de sabedoria da favela ou algo assim, uma dessas coisas que vocês, brancos, gostam de escrever sempre que se empolgam demais quando conhecem um negro envolvido em atividades escusas. Pois é, seu Alex Pierce, eu também li, muito mais que você. Cara, gente como eu deve te deixar de pau duro, né? É só botar um jornalista branco atrás do seu próprio Stagger Lee pra ele pirar a cabeça, mesmo. Isso tudo porque tu não tem uma história tua pra contar? Tá, isso não tem nada a ver contigo, tu tá aqui pra contar a história, não pra ser a história. E mesmo assim, alguma coisa me diz que essa é a tua história, não a minha. Tu tem interesse em saber de alguma coisa que aconteceu depois de 1978? Que tal 1981? Rolou muita coisa, o Cantor foi conhecer o tal do Paraíso e eu fui conhecer a tal da Attica. Quê, tu acha que os caras vêm pra Rikers porque eles escolhem? Rikers tu tem que merecer, bicho.

Mas enfim, mesmo sabendo que aquele viado do Chorão não ia vir atrás de mim de novo, isso não queria dizer que o Josey Wales ia fazer o mesmo. Por sinal, tu já se encontrou com esse cara? Não? Tu tá falando sobre o processo de paz e tu nunca se encontrou com... deixa pra lá. Como eu nunca sabia direito o que ele tava pensando, eu comecei a andar com os Ranking Dons. É simples: o Bando do Trovão, que é o Josey Wales, é Copenhagen City, e os Ranking Dons são Eight Lanes. E como eu fazia parte de Eight Lanes desde aquele dia em que eles passaram um rolo compressor por cima de Balaclava, pra onde mais eu ia correr? Não, bicho, uma guerra política não termina só porque você muda o campo de batalha. Eu precisava de segurança, eles precisavam de um cérebro,

porque aqueles retardados não conseguiam nem saber direito quem tava vendendo em que rua, ou em que rua você corria o risco de levar chumbo do Eubie Brown e do seu Bando do Trovão.

Sem crise, irmão, troca aí a tua fita.

Mas enfim, vou dizer uma coisa sobre o Bando do Trovão e sobre o Eubie, e até sobre o Josey Wales. Talvez eles matem uma fileira inteira de pessoas no cinema só pra pegar um cara, mas, pelo menos, eles têm alguma classe. Ou talvez o Eubie tivesse alguma classe. Ou talvez ele simplesmente soubesse usar um terno de seda sem parecer um cafetão. Agora, o meu bando? Tudo uns neguinho fudido filho da puta. Que nem uma vez que o patrão ficou sabendo que um marmanjo de Jamdown que morava na Filadélfia tinha descolado um carregamento brutal de maconha, mas, embora ele fosse de Copenhagen City, ele não tinha a proteção do Bando do Trovão porque o otário achava que não precisava. Daí o patrão mandou a gente pra Filadélfia.

O cara tava tão desligado que a gente simplesmente foi entrando na casa dele. Nem tinha trancado a porta. Ele não tava se comportando muito que nem um cara que supostamente tinha uma grande quantidade de fumo. Eu lembro de dizer pros Ranking Dons que se aquele carregamento fosse do Eubie, ia começar uma nova guerra em, pelo menos, um dos cinco distritos. Mas eles tavam convencidos de que aquele cara era independente, como se o cara simplesmente tivesse tropeçado e caído em cima duma carga de maconha. De todo jeito, o cara viu a gente e subiu correndo as escadas pra pegar uma arma, porque ele não ficava como uma na cinta. Eu pensei quem é esse amador? Será que os Ranking Dons tinham me mandado pro lugar certo, porque esse cara não parecia estar escondendo nada de valor. Daí o idiota de merda que tava comigo disse talvez isso aí seja aquele lance de psicologia reversa, sabe qual é, que nem se ele tivesse agindo como se não tivesse escondendo nada, que daí a gente ia embora achando que ele tava limpo. Odeio admitir que aquilo

fazia algum sentido. Daí a gente amarrou ele e começou a dar uns tapas, dizendo pra ele entregar o carregamento senão aquilo só ia piorar. Antes que eu pudesse começar a descrever como é que ia piorar, o idiota de merda vai lá e dá uma coronhada bem na boca do cara. Puta que pariu, qual é o teu problema?, eu digo pro idiota, só pra ver ele sorrindo pra mim que nem um idiota. O maluco tem que falar, ele disse. Como é que ele vai falar se tu tá quebrando a coisa que ele precisa pra falar, seu idiota retardado de merda?, eu digo e ele fica quieto, não sem antes me lançar um longo olhar, como se esse tipo de merda me assustasse.

E se ela não tivesse gritado, eu nem ia ficar sabendo que ele tinha uma esposa. Ela tentou correr, mas você não consegue ir muito longe com um bebê nas mãos. A gente fez ela sentar numa cadeira e eu fiquei segurando o bebê, porque aquele idiota de merda queria deixar ele ali mesmo, no chão frio. Perguntei mais três vezes pro cara sobre o carregamento de maconha, e mais três vezes ele me respondeu que não tinha maconha nenhuma. Eu sabia que ele tava mentindo. Por que é que ele diria a verdade? Afinal de contas, a coisa ainda nem tinha apertado. O idiota de merda tava esse tempo com a mão na virilha, olhando pra esposa do cara. Ele usou o pé pra levantar a saia dela e ver sua calcinha verde. Verde? Por que é que não é rosa?, ele disse. Eu tava ficando de saco cheio daquela casa, daquele cara, daquela mulher e daquele idiota de merda, até daquele bebê que tava dormindo no meu ombro, quando o idiota de merda disse ô, juventude, sente só, vou levantar a bunda dessa arrombada pra cima e meter na buceta dela, tá ligado? Antes de eu dizer qualquer coisa ele já tinha tirado as calças e tava com a mão dentro da cueca, se apalpando. Tu é um desses americano nojento que chupa os outros cara? Por mim tudo bem se tu chupar, desde que tu não me faça gozar antes de eu comer teu cu. Ah, sim, e isso quer dizer: nada de beijinho.

— Tu não vai estuprar ela — eu disse pro idiota de merda.

— Como assim? E quem que vai me impedir, tu?

Ele falou aquilo como se tivesse me chamando pra briga. Eu fiquei pensando que merda, esse idiota de merda vai estuprar essa coitada na frente do bebê dela e eu não posso fazer nada porque tudo, desde o carro até o hotel, tá no nome dele. A mulher grita e ele dá um soco na cara dela.

— Qual é o teu problema, ô, cu cagado?

— Não tem problema nenhum, tô só mostrando pra esse broto que o silêncio é de ouro.

Ele baixou a cueca e disse tu vai abrir as tuas perna e arregaçar essa buceta ou eu é que vou ter que te arregaçar? A mulher começou a chorar e olhar ou pra mim ou pro bebê, não dava pra saber.

— Irmãozinho, levanta as calças.

— Vai se foder. Vou levantar quando a piroca tiver mole.

— Tu vai estuprar a mina na frente do homem dela?

— Deixa ele assistir pra aprender como é que se trata uma mulher.

— Irmãozinho, eu disse que ninguém vai estuprar ninguém.

Aí ele aponta a arma pra mim. Cala boca, ele diz. Ela pergunta se ele tem camisinha e ele diz esse bagulho de camisinha é um plano pra acabar com os preto. E, além disso, disse que a camisinha tirava ele do clima.

Olhei pra ele forçando a mulher a abrir as pernas, depois pro homem olhando pra mim, depois pro bebê. Tá no porão, atrás da estante de livros, ele disse. Mas eu só tenho cinco sacos, ele disse. Acho que ele disse por favor depois disso, mas a mulher tava choramingando enquanto o idiota de merda apertava os peitos dela. Daí ele jogou ela no chão.

— Irmãozinho...

— Vai tomar no seu cu.

— Tu é idiota? Vamos pegar esse fumo e cair fora. Ele não pode ligar pra polícia. Mas se tu estuprar essa mina, a polícia vai vir, e eles vão nos encontrar antes da gente chegar na divisa do Estado.

— Daí a gente mata eles.

Ele diz isso assim, como se não fosse nada. Olha, eu não tenho problema nenhum em metralhar uma boate cheia de arrombado, mas eu não vou matar uma família a sangue frio só porque eles tomaram a decisão errada de achar que podem vender drogas.

— Quantas vez tu já puxou cadeia, seu otário?

— Quem tu tá chamando de otário?

— Eu disse quantas vez tu já puxou cadeia, ô, cu cagado?

— Uma só, e eu não volto mais.

— Só que se tu estupra ela, eles te prendem por estupro. Se tu mata ela, eles te prendem por homicídio. Porque não sei se tu te deu conta, mas o único de nós dois que tá usando luva aqui não é tu.

Ele olha pra mim como se eu tivesse levado ele pruma armadilha, mas a única pessoa que tu pode culpar pela tua burrice é tu mesmo. Principalmente levando em conta que ele tava se comportando como se fosse o Don dos Dons desde que a gente tava no carro.

— Agora, por que que tu não levanta essas calça e vai pegar a maconha?

Ele desce até o porão e volta com quatro sacos, mais ou menos do tamanho desse papel aí onde tu tá escrevendo. Dessa vez sou eu quem dá uma coronhada nele. Eu digo pro irmãozinho olha só, não mente pra mim senão eu vou ter que ir embora dessa sala deixando esse cara aí pra fazer o que ele quiser com a tua mulher. Ele começa a chorar, o coitado, provavelmente não tinha ideia de onde ele tinha se metido. Se a mulher dele ainda ficasse com ele depois dessa, o amor não é só cego, ele é surdo, burro e estúpido também. Ele diz tem mais um saco no quarto. O idiota de merda encontra o saco debaixo da cama, junto com três armas que ele claramente ia ficar pra ele. Eu não tava nem aí pra elas, e nem perdi meu tempo dizendo pra ele que arma era muito fácil de rastrear. Além disso, alguma coisa me dizia que aquele casal não ia prestar queixa na delegacia. Bizarro, né? Com o Josey Wales, pelo menos, se ele dissesse que tinha

cinco sacos na casa, pode acreditar que tinha cinco sacos na casa. Só que em vez disso você tem os Ranking Dons, que não conseguiam se coordenar nem pra sair por uma porta aberta.

Mas sabe de uma coisa, Alex Pierce? Toda vez que eu menciono o Josey Wales, tu dá um pulo. De levinho, mas é o suficiente. Ah, é um tique nervoso? O Seaga tinha um tique nervoso. Tu dá um pulo. Acho que eu descobri por que tu veio aqui me ver. Todo mundo que sabia disse que, a certa altura, o Josey Wales quis me ver morto, mas ele claramente não tá mais atrás de mim. A grande pergunta, então, é como foi que tu descobriu que tinha um preço pela tua cabeça?

CHORÃO

Eu disse que eu peguei a vagabunda filha duma puta tentando chupar o pinto do meu menorzinho por uns trocados. Aquela mesma bezerra que tava bem ali, na porta. Tu acha que eu sou cego, caralho? Ele só tem doze anos. Essas filhas da puta dessas craqueiras só ficam oferecendo essas bucetas fedidas delas aí pelo bairro, e vocês tinham dito que iam dar um jeito nelas, que elas não viriam pra cá porque o negócio de vocês era quase oficial e coisa e tal. Bom, vocês podem beijar esse meu rabo preto. E outra coisa...

Bushwick. O sol tinha se posto há muito tempo, mas em Bushwick as coisas tavam sempre quentes pra caralho. A mulher tá parada bem na minha frente. Consigo sentir o cheiro de alho nela. Sombra no olho, mas sem batom. Cabelo estilo *jheri curl* ainda secando. Barriga que parecia um muffin saindo por cima dos seus jeans. A gente tá na rua, mas ela fica apontando pruma craqueira que foi caindo fora meio correndo, meio andando.

— E você nunca disse que ia transformar aquele lugar numa boca de fumo. Cansei dessa merda. Esses prédios são da prefeitura, não são seus.

Ela não mora nesse prédio. Ela mora numa daquelas casas do outro lado da rua, uma tripa de casinhas de tijolo à vista que deixa Bushwick parecido com o Bronx. Três moleques negros e uma menina tão consertando uma bicicleta bem na frente da sua grade de ferro, só que a grade de ferro não tá protegendo um gramado, só concreto. Cinco casas do outro lado da rua e todas elas têm cercas. A gente tá na frente do meu prédio, o setor de operações fica no terceiro andar. Muita viatura

começou a passar aqui na rua, então agora a gente tem que esconder o peso aqui dentro e só dar pros traficantes o suficiente pra eles venderem de pouquinho em pouquinho — nunca o bastante pra polícia se incomodar. Melhor desse jeito, pelo menos dá pra controlar. A prefeitura reformou esses prédios pra abrigar mendigos, mas a gente veio também. Eles ficam de bico fechado, e eu faço isso valer a pena. E pra eles ficarem de bico fechado, eu lembro o síndico que se a polícia estourar o setor de operações, ele não vai mais receber a parte dele. Tá cheio de síndico no Brooklyn querendo receber a parte do negócio que eu posso dar pra eles. Mas Bushwick é uma merda. East Village nunca me deu nenhum problema, mas Bushwick me arruma um diferente toda semana. Ainda por cima eu já subi tudo isso dessa rua e não vi nenhum olheiro e nenhum vapor.

Duas quadras praticamente desertas depois, tava lá o olheiro, sentado no meio-fio com um rádio portátil enorme tocando “Freaks Come Out At Night”. Molequinho novo, nem cabia direito dentro dos tênis, que ainda tavam limpos demais. Ele não tinha ou os tênis ou aquele rádio na semana passada. Não me viu chegando até que eu tivesse bem na frente dele.

— Se manda daqui, seu viado, eu não tô trabalhando — ele diz, sem nem levantar a cabeça. Então eu digo:

— Levanta a cabeça, ô, arrombado.

O moleque salta pra fora dos seus quinze anos.

— Sim senhor, senhor! Sim senhor, senhor!

— Tu tá achando que isso aqui é o Exército?

— Não, senhor!

— Que que tá rolando aqui?

Ele olha pro chão, como se tivesse com medo de me falar alguma coisa que eu não ia gostar.

— Irmãozinho, teu trabalho é ficar esperto. Eu não atiro no mensageiro. O que que tá rolando aqui nesse negócio?

Ele ainda tá olhando pro chão, mas murmura alguma coisa.

— Quê?

— Nada, bicho. Faz dias que não tá rolando nada por aqui.

— Papo furado. Então todos os viciados trocaram o crack pela heroína, assim, da noite pro dia? Não tem como esse mercado ter sumido desse jeito.

— Bom...

— Bom o quê?

— Bom, o cara ficou cansado de passar o bagulho pros viciado e os viciado sempre voltando lá, daí ele me disse pra fazer um troço meio sem pé nem cabeça, porque ninguém tinha nada naquele beco. Eu fiz o meu trabalho direitinho, eu consigo reconhecer um viciado a um quilômetro de distância. Eu me aproximo deles como quem não quer nada e digo ô, tem coisa boa lá em Bushwick, se tu tiver na pilha de uma heroína, ou duma pedra, ou qualquer merda dessas, e aí eles balançam a cabeça e antes deles dizerem alguma dessas merda que branco fala eu só aponto o beco ali atrás daquele prédio onde eles escondem a droga.

— Tu sabe onde eles escondem a droga?

— Todo mundo sabe onde eles escondem a porra da droga. Ninguém vai lá pra não dar problema contigo. Mas enfim, geralmente tem dois ou três vapor aqui pra levar os viciado até o beco e vender o bagulho, mas agora já faz quatro dia que as pessoas volta dizendo que eu pisei na bola porque não tem nenhum vapor na rua. Nenhum traficante também. Teu soldado ficou tão de saco cheio dessa merda que ele pulou fora e pegou um trampo de verdade em Flatbush.

— E pra onde é que foram os vapor?

— Sei lá. Sei que eles não têm mais ninguém pra levar lá no beco. Os traficante não tão mais traficando.

— Que porra eles tão fazendo?

— Acho melhor tu dar uma olhada na boca.

Fiquei olhando praquele moleque se fazendo de valente e pensando se dava uma coronhada nele ou se promovia ele. O Josey tá vindo pra cá em menos de cinco horas, e vai foder com tudo.

— Ô, e como eu não tenho que ficar prestando atenção nos comprador, eu fiquei prestando atenção em outras coisa. Faz dois dias eu vi um Pontiac passando bem devagarinho, e aposto que aqueles crioulo era dos Ranking Dons. Eles já tão de olho nesse lugar porque eles sacaram que a segurança tá fraca.

— Tu tá vendo muito, hein, ô, merdinha?

— Foi isso que pagou meu pisante.

Fiquei olhando praquele moleque e já tava pensando que ia precisar que ele me ajudasse a dar um jeito em Bushwick antes que o Josey chegasse. Eu não tinha nem me dado conta que aquela desgraçada tinha vindo atrás de mim.

— Primeiro aquela bezerra fedorenta entrou pelo portão da minha mãe de vestido levantado e sem calcinha e perguntou pro meu filho mais novo se ele queria comer a buceta dela por dois contos. Que bom que eu sempre corro pra janela quando escuto barulho no meu portão. Quando eu vejo, tem três vagabundos achando que aqui é uma boca de fumo por causa dessas merda que tu tá fazendo aí no seu prédio.

Era o meu prédio. Onde a gente escondia a droga. O segredo mais mal guardado em toda cidade de Nova York. Tijolo vermelho da cor do barro lá da Jamaica, duas janelas viradas pra fora em cada peça. Uma saída de incêndio no meio. Três degraus até a entrada que tinha uma cúpula, como se o lugar fosse chique, mas as únicas pessoas ricas que moraram algum dia em Bushwick produziam cerveja. Eu e o Omar já estávamos esperando do lado de fora fazia dez minutos e, apesar dessa mulher, que mora bem na frente, do outro lado da rua, saber que eu tava aqui, nenhum traficante ou soldado tinha saído até agora. E o moleque tinha razão, não tinha vapor em lugar nenhum.

— Omar, dá uma olhada lá dentro. Descubra se tem dois moleque cu cagado aí.

— Certo.

O Omar olha pros dois lados. Hábito. Daí ele passa correndo pela craqueira acocada na porta da frente, que se abre com um empurrãozinho. Era um mau sinal da porra. Eu tava quase dizendo pra ele puxar a arma, mas nem precisei. Lá em cima, na rua, tem um Dodge sem rodas, equilibrado em cima de quatro tijolos. As crianças que tavam consertando a bicicleta desaparecem na estação de metrô. E aquela mulher berrando que apesar dela não dar a menor pelota pra nenhum crioulo que resolver ser empreendedor, afinal de contas, um negócio é um negócio, e se algum crioulo ou branquelo idiota quiser gastar o dinheiro dele naquela merda, tudo bem, mas ninguém tinha avisado pra ela que aquilo ali era uma boca de fumo. E quem é que montava uma cracolândia bem do lado do lugar onde vendia crack? Eu tava quase mandando ela tomar no cu, porque assim que um viciado descola uma pedra ele tá louco pra fumar aquela merda o quanto antes, sem demora, então um lugar seguro onde ele possa fumar ali perto, que ainda tem mais coisa pra ele comprar, significa duas vezes mais dinheiro. Além disso, eles não precisam se preocupar com a polícia encontrando droga ou cachimbo com eles. Mas eu não tava a fim de explicar essas coisas praquela piranha como se ela fosse a diretora da minha escola.

O Omar tá na porta balançando a cabeça. Só me caiu a ficha de que o moleque tinha razão e que eles tinham mesmo abandonado a boca de fumo e tavam na cracolândia quando eu vi ele balançando a cabeça.

Dois quarteirões a oeste, na esquina da Gates com a Central. Os únicos dois edifícios nos quais ninguém tinha tacado fogo, ou que não tinham sido queimados por acidente naquela quadra. Agora em praticamente todas as quadras de Bushwick tem um desses, uma casa ou um prédio de apartamentos, ou uma construção antiga que alguém tinha queimado

inteirinha pra receber o seguro, já que ninguém jamais venderia uma casa em Bushwick. A gente tá na esquina da Gates com a Central. A cracolândia.

— Jamaicanos de merda, ficam aí se achando os maiorais. Vocês não são os maiorais. Vocês não conseguem nem controlar as merdas que vocês fazem. Vocês são uns merdas, vocês tudo. Vocês tinham era que me contratar pra tocar esse negócio de vocês aí, porque vocês não conseguem tocar merda nenhuma sozinhos. E...

Eu arranco o resto da frase da boca dela com um tapa, e ela dá um passo para trás. Ela sacode a cabeça e quase grita, mas meu punho atinge sua boca antes que alguma coisa possa sair de lá. Eu pego ela pela garganta e aperto até ela começar a fazer barulho de pato.

— Olha só, sua gorda de merda, eu tô de saco cheio desse teu zumzumzum no meu ouvido que nem a porra dum mosquito. Tu não tá ganhando teu dinheiro toda semana? Tu prefere o dinheiro ou tu prefere morrer? Qual dos dois tu prefere? Qual dos dois? Arrã. Foi o que eu pensei. Agora sai da minha frente antes que eu resolva usar essa tua barrigona de merda pra treinar tiro ao alvo.

Ela se levantou e saiu correndo. Eu comecei a entrar na cracolândia e o Omar e o moleque vieram atrás de mim.

Alguém tava usando uma placa de Condenado como mesa. Nem precisei procurar muito. Um dos meus traficantes tava deitado num colchão na sala principal, bem à esquerda da merda da entrada. Ele parecia ter acabado de pipar uma pedra, o cachimbo pendurado nos dedos, prestes a cair, mas ele se dá conta e o segura. Não consigo ver seus olhos.

— Ô, arrombado. Tu tá consumindo do teu próprio produto?

— Ô, qualé quiééééé, irmãozinho? Tu veio dar uma pipada? Tem nada não. Eu não sou egoísta, irmão, eu divido contigo.

— Ô, arrombado, quem é que tá fazendo a segurança da boca se tu tá aqui?

— A boca?

— A boca. O lugar onde fica guardado o bagulho que era pra tu tá cuidando. O lugar de onde era pra sair o bagulho pras mão dos vapor. Cadê os vapor, por sinal?

— Os vapor? Vapor... quê... como é que é... tá, tu quer dar uma pipada ou... porque eu vou fumar se tu não quiser.

Então ele me olha como se achasse que eu ia tomar aquilo dele.

— Tu tá ligado que tu fodeu com tudo, seu moleque? Agora eu vou ter que arrumar vapor, traficante, soldado, tudo novo, e tudo em menos de quatro horas porque a porra do meu trafica virou usuário.

— Trafica virou usuário...

Ele diz aquilo como se quisesse fazer um eco, mas também como se estivesse com sono.

Eu nem me dou o trabalho de olhar pra dentro da cracolândia, mas a mesma mulher que tinha tentando chupar o pau daquele menino enfiou a cabeça na sala como se conhecesse ele. Ou a mim. Eu aponto a arma pra ela e ela nem se assusta, só olha pra cima e pra baixo e volta pra escuridão. O Omar tá na janela. A prefeitura tinha interditado o lugar, mas os viciados tinham arrancado as tábuas. Só o meu trafica deitado no colchão com o seu isqueiro.

— Cadê o teu número dois? — eu pergunto.

— Quem?

— Quer saber? Levanta, antes que eu te meta um caroço aqui mesmo.

Ele olha pra mim. No começo ele me encara, mas depois os olhos dele parecem meio vazios, ou talvez aquela fosse a primeira vez que ele tava olhando feio pra mim.

— Nenhum viado com chupão no pescoço tem moral pra mandar em mim.

Eu olho bem nos olhos dele quando levanto minha arma e abro um buraco bem no meio da sua testa. Ele ainda tá olhando pra mim quando cai de volta no colchão. A mulher vem até o corredor e olha mais uma vez, se agacha e pega o cachimbo dele. Eu aponto a arma pra ela.

— Se manda, porra, antes que eu atire.

Ela se vira e sai tão lentamente quanto chegou. Puxo ele pra mim e coloco ele como se estivesse agachado. Dobro seus braços sobre suas pernas e empurro sua cabeça pra baixo pra parecer que ou ele tá dormindo ou enfrentando uma *bad trip*. Duas pedras caem do seu bolso. Eu ponho o cachimbo, o isqueiro e as pedras no meu bolso. O Omar tá do lado de fora, me esperando.

— Omar, acha aquele outro trafica. E traz aquele olheiro pra mim agora.

JOHN-JOHN K

Caralho, eu queria que isso já tivesse acabado. Ou, pelo menos, queria não ter conhecido aquele viado daquele cubano. Ou que não tivesse trombado com o Baxter. Ou ido naquela porra daquela boate. Ou que aquele filho da puta não tivesse me dado mais um motivo pra ir pra Miami, em primeiro lugar. Porque daí eu estaria em Chicago, procurando aquele filho da puta que, posso apostar, não sentiu a minha falta nem por um minuto. Oi, querido, voltei, e sinto muito. Ah, é? Nem vi que você tinha ido embora, você trouxe um nitrito de amila aí pra gente? E ficaria por isso, não é mesmo? A verdade é essa, não tem jeito. Porra, como é que isso foi acontecer? Será que isso é tudo que precisa pra você sentir falta de alguém — o filho da puta não sentir falta de você? Se bem que teve aquela vez. Aquela vez em que...

— Papi, você vai me descolar um do verdinho ou qual é? Também vou precisar de uma grana pro táxi pra voltar até o meatpacking district.

Eu dei quinze paus pra ele. O garoto me olhou com uma cara estranha e depois enfiou o dinheiro no bolso esquerdo. Ele puxou as calças pra cima e ficou resmungando viado pão-duro de merda. Se isso tivesse acontecido há um ano, eu teria dado um soco bem no meio da fuça dele. Ele cambalaria, andando para trás, e tropeçaria nas suas próprias calças. Daí ele despencaria com tudo, batendo a cabeça no meio da queda naquela mesinha lateral bem ali. Mesmo com ele tonto, eu ia pegar o moleque com as duas mãos, arrastar até a saída de incêndio e deixar pendurado por cima da grade. Viado pão-duro de merda, é? Vou te mostrar quem é o viado pão-duro de merda. Eu ia puxar ele de volta, mas

só depois que tivesse se mijado nas calças. Mas eu fiquei frio e deixei ele ir embora.

Não existe nenhum livro ensinando a ser capanga, mas se existisse, eu seria a ilustração do capítulo Como Foder Com Tudo. O sujeito tem que ser frio, não, gelado mesmo, liso pra caralho e um pouquinho psicopata. Eu não era. Eu sou a bichinha favelada de Chicago com a pele macia e um temperamento fodido, que tinha se dado bem num esquema que eu não tinha nada que ter me metido. Tinha rolado um roubo de carro e um assassinato meio desleixado no West Side, mas entre uma coisa e outra tem um espaço em branco, uma nuvem em vez duma lembrança. Antes desse cara, eu nunca tinha tido um motivo pra lembrar dum número de telefone. Mas que se foda isso também. Aquele filho da puta provavelmente tava em casa ignorando as minhas ligações.

Tá ficando tarde. Eu sei disso porque a Griselda me ligou há trinta minutos, bem quando eu tava ocupado pra caralho pensando naquele viado pra dizer *chico*, tá ficando tarde, enquanto dizia pro filho dela desligar aquela merda daquela tevê e comer o seu tamale.

O jamaicano. Aqueles bostas daqueles Camisas Havaianas da Griselda tinham me dado o endereço certo. Eu duvidei por um segundo, mas principalmente porque eu não sabia porra nenhuma sobre Flatbush. E aqueles caras eram uns perdedores de merda. Lado leste da 18ª, apartamento 4106, quarto andar de um prédio de tijolo vermelho de seis andares de altura, sem elevador. Janela virada pro leste pra ter uma vista do sol nascendo. Ela deixou pra mim a tarefa de descobrir se ele tava em casa ou não. A boa e velha Nova York, a rua inteira só tinha prédios de seis andares sem elevador, por duas quadras. Pelo menos o dele ainda tinha o toldo azul da entrada. Pensei em ficar ali na calçada do outro lado da rua até escurecer, porque, afinal de contas, um branco todo arrumadinho não ia chamar nenhuma atenção. Os outros prédios eram provas de que os negros de Nova York simplesmente não se preocupavam

com estética. Estética. Olha só pra mim, falando que nem um viadinho de merda.

Um branquinho relativamente bem-arrumado com o cabelo loiro bem curtinho, usando uma jaqueta do exército comprada em brechó. Eu quase trouxe a maleta pesadona que eles me ofereceram, uma que vinha com a porra duma Uzi fornecida pelo Camisa Havaiana Cor-de-Rosa porque, claro, é assim que eles fazem as coisas em Miami. Ele curtiu muito ficar me explicando o que eu tinha que fazer. As ordens eram pra usar a arma e depois deixar ela ali, ao estilo mafioso. Mas como eu ia apagar só um cara, e não um grupo étnico inteiro, preferi minha pistola nove milímetros. Tá bom, minha pistola e uma AMT, uma garota precisa estar sempre prevenida. Jesus Cristo, tudo que eu queria era um descanso dessa minha febre gay devastadora, que parece que só piora quanto mais eu fico nessa cidade de merda. A AMT é pra caso você precise chegar perto, *muchacho*, disse o Camisa Havaiana Cor-de-Rosa. Talvez essa coisa de *gaydar* seja mesmo verdade, porque se eu passasse mais uma noite em Miami aquele *pendejo* ia estar com o pau enterrado até as bolas na minha bunda. Mas pode ter certeza disso. Lá no hotel, quando eu vi a Uzi, eu disse porra, quem é que eu vou matar, um Kennedy? Agora não tinha nada pra fazer além de esperar.

Chicago. Ele tava em casa, não tava? Agachado num canto do apartamento e sem atender a porra do telefone, tá aí um cara que odiava uma cama. Talvez ele estivesse agachado que nem um pássaro no pé da cama do seu pai tentando imaginar como matar ele, *você faz serviço voluntário?* Olha, eu sei que eu fui descuidado. Descuidado e imprudente, e eu nem pensei a maior parte do tempo. E meio estúpido também. Isso que as pessoas vêm me alertando há anos pro fato de que eu supostamente tenho pavio curto, até mesmo meu pai, que ainda por cima achava que eu não tinha nem tamanho pra ser agressivo daquele jeito.

Meu segundo serviço, em Southside, ainda por cima, quando eu fui apagar o picareta que alterava os livros-caixa da máfia na esquina da 48ª com a 8ª. Aquela merda não saiu conforme o planejado, isso pra dizer o mínimo. O homem era tão gordo que as balas simplesmente se acomodaram na banha enquanto aquele monstro ria. Demorei um pouco, ainda mais depois que ele me chamou de bichinha ui ui, pra me dar conta de que era só atirar na cabeça. Mas mesmo assim a bala atravessou seu olho esquerdo e a parte de trás da sua cabeça, espirrando sangue na cama e na parede, e o marmanjo continuava rindo e não parava.

Eu continuei atirando e chegando mais perto até que só tinha sobrado a base do pescoço e um pouco de cabelo solto. Mas a risada me perseguiu até a 8ª, eu simplesmente não conseguia fugir.

Quando voltei pro meu apartamento, eu senti um puta frio e comecei a tremer, e aquela risada ainda tava em mim. O Rocky tocou em mim e eu peguei aquele moleque com força e prenei ele contra a parede. Depois soltei e deixei que ele tirasse a minha roupa como se eu fosse uma criança, e me carregasse até o banheiro e me fizesse cafuné enquanto a banheira enchia de água morna. Calma, baby, calma, foi tudo que ele disse aquela noite. Aquela moleque de merda, aquela merda daquele moleque, era a última coisa que eu precisava pensar agora, quando deveria estar trabalhando.

E agora eu tô surtando aqui em Flatbush. Agindo que nem um idiota por causa dessa bichinha de merda que me deixou de quatro, desse moleque que era mais gelado que a meia-noite por ter se envolvido com um chapa que mata gente, porque, cedo ou tarde, ele acabaria matando aquela pessoa, aquela onde tudo começou, aquela que deixou ele desse jeito. Ah, vai tomar no cu. Eu vou encher todo mundo de chumbo, meter bala em todos aqueles atletas e todos aqueles moleques que me pegaram olhando prum outro cara no chuveiro, e principalmente aquele que

arrancou a minha toalha, mostrando que, puta merda, eu tava de pau duro.

Se eu continuar pensando essas coisas, não vou conseguir fazer isso direito. Não tem nada que eu possa fazer além de esperar a Griselda ligar de novo. Ou quem sabe algum dos Camisas Havaianas vá aparecer, porque ela deve ter mandado pelo menos um para se assegurar de que eu fiz o serviço direitinho, sem deixar rastros. Talvez fosse o Camisa Havaiana Cor-de-Rosa, que tava um pouco mais ligado nas boates do que o normal, e talvez ele me deixasse em paz se eu chupasse o pau dele. Quer dizer, mesmo um boquete ruim faz um homem fechar os olhos, torcendo pra que ele melhore. Eu só precisava de um segundo pra pegar essa arma, arrebentar a cabeça do cara pelo queixo e ver seu sangue espirrando no teto. Às vezes eu ainda queria estar em Chi-Town, arrombando carros.

A uns três metros daqui, uma cabine telefônica.

— Alô?

— Rocky? Porra, onde é que tu tava? Tu não vai me atender, caralho?

— John-John.

— Eu te liguei. Mais de uma vez.

— Eu tava precisando muito dormir.

— Pelo jeito tu teve um dia agitado pra caralho.

— Não, na verdade não. Fiquei procurando o cartão de aniversário que eu tenho que mandar pro Papai. Eu faço isso todo ano. Por que você me ligou, John-John?

— O quê? Hã? O que você quer dizer?

— Eu sempre sou muito claro sobre o que eu quero dizer. Por que você está me ligando?

— Bom, porque sim.

— Eu acabei de assistir a um episódio deprimente de *M*A*S*H* e outro ainda mais deprimente de *One Day at a Time*. Depois disso era ou *Lou Grant* ou cama. Se bem que esse episódio era sobre uma mina histérica e

suicida, mas também era só a parte um, do *One Day at a Time*, isso. O que você quer?

— Quê? O que eu quero? Eu não quero coisa nenhuma.

— Eu preciso mesmo dormir.

— Então vai dormir, porra.

— Hã? Tu tá com algum problema, não tá?

— Eu não tô com problema nenhum. Só que é mesmo uma beleza, né?

Como alguém que não faz nada o dia inteiro pode estar tão cansado.

— E eu aqui pensando que a minha madrasta tinha morrido. E, quem diria, ela tá aqui no telefone falando comigo.

— Foda-se a tua madrasta.

— Tu tá com saudade de mim, né?

— Porra, não me faz rir. Que pergunta idiota pra caralho.

— Arrã, idiota. E também vai te fazer sentir que nem uma boneca se você disser sim.

— Você que é a boneca.

— E você claramente tem doze anos de idade. De qualquer jeito, eu tô pouco me lixando.

— Você tá pouco se lixando se eu sou uma bicha?

— Não, eu tô pouco me lixando pra essa conversa. Mais alguma coisa?

— Por que é que tu tá tão...? Quer saber? Não, porra, não, Rock.

— Bom, então boa noite.

— Boa noite. Espera! Quer dizer, espera.

— O quê?

— Hã... hum... Hã... hum... cê... tu ficou com alguém?

— Não é da sua conta.

— Puta merda, Rock, que porra é essa?

— Não, a resposta é não. Não sei que diferença isso faz, a gente não tá junto nem nada. E você pode fazer o que você quiser. Você ficou com alguém?

— Não.

— Não vejo por quê. Tu tá em Nova York, terra dos viados, dos velhos e dos viajantes, e tu ainda é bem novinho. De qualquer jeito, tô indo pra cama.

— Não é tua cama essa cama.

— Boa noite.

— Espera.

— Que foi agora, meu Deus? Tu tá querendo fazer sexo por telefone? Tu quer que eu fique dizendo ai papai, me fode, pra você tocar uma até gozar? Me fode, ai, me fode com esse teu pauzão, ai papai, aah, goza na minha cara, me fode que nem se eu fosse uma putinha, ai...

— Pelo amor de Deus, tu não consegue me dizer uma coisa legal uma vez na vida?

— Desculpa. Eu... uau, esse bocejo foi grande. Onde a gente tava?

— Boa noite.

— Te vejo de...

Foi bom desligar na cara daquele viado. Foco. Estou do outro lado da rua, esperando pra executar esse jamaicano. Só que eu ainda não sei exatamente como. Eu não sei nem se isso é serviço pra uma pessoa só, na verdade não deveria ser, quando tem tanta coisa em jogo. Eu nem sei se ele vai estar sozinho em casa. Faz horas que ninguém nem entra nem sai, acho, mas não tenho certeza porque ainda tá muito claro pra acenderem as luzes. Eu vou mesmo entrar lá sem tem a menor ideia do que vou encontrar, como se isso não fosse parte do plano de merda da Griselda desde o começo. É pra eu eliminar o cara, mas se o cara também me eliminar, porra, isso já seria um bônus. São só oito horas. Mesmo que ele esteja lá, não deve estar dormindo. A melhor coisa a fazer seria esperar ele sair e executar ele na rua. Mas se ele for mesmo o que ela diz que ele é, nenhuma chance dele sair sozinho pela rua, que talvez seja o motivo pelo qual esses caras de Miami me deram essa Uzi no fim das contas. Isso já

estava ficando complicado pra caralho. Não tinha nada pra fazer além de esperar até uma hora razoável pra entrar. Acoplar o silenciador. Arrombar a fechadura, descobrir onde ele está e executar. Talvez você só precise pensar como profissional para ser um profissional. Gelado, tipo o Homem de Gelo.

Em vez disso, tudo que eu tenho é coragem. Não era nem pra eu estar matando esse cara, no fim das contas, eu só tava tentando sobreviver mais uns dias. Jesus Cristo, que tipo de assassino tem assuntos mal resolvidos com o pai? Dez anos atrás, um 7-Eleven de esquina, em Chicago. No dia anterior eu tinha andado vinte quadras até encontrar um deles. Suando dentro da jaqueta de couro do gordo babaca do meu pai. No dia anterior, quando eu tava só observando o lugar, um cara mais velho tava no balcão ouvindo um programa de entrevistas no rádio. Dessa vez era uma mina com uma camiseta marrom escrito Virginia É Para Os Panacas, dançando enquanto ouvia “Love Train” no rádio. Ela nem se deu o trabalho de olhar pra mim quando eu entrei. Bem no final da prateleira de revistas, *Penthouse*, *Oui*, *Fórum Penthouse*, *Cartas da Penthouse*. Eu gostava da *Hustler* porque tinha um monte de rolas, muito embora eu ainda não soubesse que eu gostava de rola, mas, atrás dessas tinha a *Honcho*, *Mandate*, *Inches*, *Black Inches*, *Straight to Hell*. Mas a *Blueboy* não tava lacrada e não tinha ninguém naquele corredor. Por um instante eu me perguntei quem é que tava respirando que nem o Darth Vader, até que me dei conta de que era eu mesmo. Há vinte quadras de distância, ninguém ia descobrir, né? Tinha um cara dizendo pra ela que aquele lance no Irã tava realmente ficando fora de controle e que era melhor o Presidente Bubba fazer alguma coisa. Na capa da revista, o chapéu de caubói que o garoto usava fazia sombra em tudo, exceto em seus lábios molhados meio que beijando o cigarro. Edição de março de 1979 da *Blueboy*. FORAS DA LEI: Marginais Sempre Dispostos a Amar.

Doente, foi disso que meu pai me chamou no dia em que o cara mexeu nas minhas coisas procurando por dinheiro pra comprar cigarro e um refri e uns salgadinhos pra inchar ainda mais aquele seu barrigão. Eu só queria estar lá quando ele encontrou as *Super Nova Cocks*, *Super Hung Cocks*, *Cock Tease*, *Cock Hungry* e *Super Surge Cocks*, aquela que tinha o Al Parker parecendo um Jesus todo bombado. Será que ele vomitou por causa dessa? Será que ele balançou a cabeça e disse eu sabia que tinha alguma coisa que não tava me cheirando bem nesse moleque? Será que ele sentou e folheou algumas? Então eu finalmente voltei pra casa, sem a menor paciência de ficar aturando ninguém, muito menos aquele perdedor, só pra encontrar o cara andando de um lado pro outro na sala de estar, segurando a revista da capa rosa, *Super Nova Cocks*, e gritando seu viadinho nojento de merda! Seu viadinho nojento de merda! Tem um lugar todo especial no inferno pra gente que nem você. Não acredito que o meu filho, o filho de uma pessoa normal, tá aí queimando a rosca com um outro viadinho. Tu deve ter puxado isso do lado da família da sua mãe. É isso que tu faz, sua bichona, fica comendo rabo a noite inteira?

— Você entendeu tudo errado, papai. Geralmente é o meu rabo que eles comem. A noite inteira.

— Que merda tu disse aí?

— Você não sabia, papai? Eu tenho o rabo mais gostoso de todo East Side. Os caras fazem fila que dá volta no quarteirão pra me comer, principalmente os negões. Uma vez um negão me arregaçou tanto que eu nem consegui...

— Eu devia...

— Você devia o quê, coroa?

Meu pai veio pra cima de mim, mas eu não tinha mais dez anos de idade. Ele era maior, com certeza, e mais gordo também, mas eu vinha esperando aquilo há dez anos.

— Eu devia...

— Você devia era voltar pra merda do seu quarto pra assistir *Tudo em Família* e não se meter na minha vida, caralho. Você quer dois contos pra comprar um Fritos?

— Passei por ele pra ir até o meu quarto, mas ele me pegou pelo braço e me puxou de volta.

— Eu devia era matar você pela desgraça que tu tá trazendo pra essa família.

— Tira essa mão de mim, caralho.

— Tu vai morrer queimado, tu vai...

— Tira essa mão de mim, caralho.

— Eu devia...

— Puxei a Beretta de dentro do coldre. Porra, pode crer, eu já andava armado a essa altura, só pro caso de algum motorista que estivesse dentro de um daqueles carros resolvesse dar um escândalo. Papai deu um pulo para trás, levantando as duas mãos durinhas pra cima, tipo um caixa de banco num assalto.

— Tu devia o quê, seu filho da puta? Eu tô com cara de que tenho medo de você?

— Seu, seu...

— Eu sou um desses caras que você acha que conhece e, por isso, acha que pode ficar xingando desse jeito o tempo todo. Eu tô indo pra merda do meu quarto e vou dormir. Tu nunca mais entra lá, tu tá me ouvindo?

— Eu quero que você saia da porra dessa casa, tu não passa dum marginalzinho de merda.

— E você é um merda que não foi nem capaz de criar um homem, criou uma bichona. Vai contar isso lá no teu próximo jogo de bridge com o Sr. Costa. Por sinal, sempre que ele subia pra ir no banheiro eu chupava o pau dele.

— Cala essa porra dessa boca.

— E eu me engasgava todo, porque o pau dele é muito grande.

— Eu quero você fora da minha casa.

— Ah, eu vou mesmo, velhote. Tô indo. Enchi o saco desse lugar e desse monte de merda que tu é. Tu tá querendo dinheiro?

— Não quero esse teu dinheiro de bicha aí.

— Tu que sabe. Talvez eu use pra comprar o meu próprio Jim Beam de viado, então.

— Você é o diabo em pessoa.

— E você é um perdedor de merda.

Fui até o meu quarto. O cara balbuciou alguma coisa.

— O que foi que você disse?

— Me deixa em paz.

— Que porra você disse, caralho?

— Você se acha muito esperto, né? Eu posso até ser um perdedor de merda, mas é você que todo mundo vai achar que é um lixo ainda pior do que eu. A Lisa teve tanto trabalho com você, tu quase matou ela quando nasceu.

Jesus Cristo, puta que pariu, eu não preciso dessa merda. Não preciso, mas não preciso mesmo. Eu só quero dar o fora dessa cidade. Eu nem tinha me dado conta de que tava de novo na cabine telefônica até que o telefone parou de tocar.

— Rocky, sou eu. É... hã... eu... eu tô em Nova York e eu... eu... eu quero... eu quero hã... eu...

— Deixe sua mensagem. *Bip*.

Bati o telefone no gancho.

DORCAS PALMER

Agora já tá muito escuro pra usar *tá ficando* escuro como desculpa pra ele ir embora. Uma outra Dorcas Palmer, uma mais esperta, estaria se perguntando como diabos ela foi terminar seu dia com um homem dentro do seu apartamento. Pensando bem, quem se importa? Um homem pode aparecer no apartamento de uma mulher sem se preocupar com o que os vizinhos pensam. Além do mais, eu não conheço meus vizinhos. Mas se ele acha que essa noite vai acabar que nem numa comédia francesa, comigo na cama, os lençóis cobrindo meus peitos e ele dando um sorriso satisfeito enquanto fuma um cigarro, ele acaba de cometer um erro lamentável. Ele tá olhando a vista dos prédios da minha janela. E eu aqui pensando que a minha vista era uma merda.

Eu conheço essa parte, eu já vi *Dinastia*. Eu deveria perguntar se ele aceita um drink. Acontece que eu só tenho uma vodca barata, porque eu nunca desenvolvi um gosto pra bebida alcoólica, e um resto de suco de abacaxi que eu não posso garantir que não esteja estragado. Além disso, oferecer um drink não é só uma forma cifrada de dizer você gostaria de me comer agora? O que não vai acontecer, apesar dele se parecer muito mesmo com o Lyle Waggoner, e eu ouvi dizer que o Lyle já posou pra *Playgirl*. O que é triste é que eu realmente gostaria de vestir algo mais confortável. Usar esse monte de tweed em pleno verão tá me dando uma coceira fodida. E meus pés têm um limite muito rígido de cinco horas usando salto antes de começarem a gritar ô sua vagabunda do cu cagado, tá tentando nos matar? Eu rio meio alto demais e ele se vira e olha pra

mim. Quando um homem sorri, é como se ele estivesse dando uma entrada numa compra. Não venda nada pra ele.

— Eu sei que eu prometi que não diria nada sobre você voltar pra casa — eu disse.

— Então não diz. Você tem ideia de quantas pessoas eu conheço que são incapazes de manter uma promessa?

— Parece problema de gente rica.

— Perdão?

— Você me ouviu.

— Eu juro que um dos motivos pelos quais eu não posso ir embora...

— Não pode?

— Não posso. É que você vai ficando cada vez mais atrevida conforme o tempo vai passando. Só Deus sabe como você vai estar ali pelas dez.

— Não tenho muita certeza se isso é um elogio.

— Na verdade, nem eu. Acho que a gente vai ter que esperar até as dez pra ver.

Eu queria dizer alguma coisa sobre a empáfia daquele homem em invadir meu espaço e monopolizar meu tempo, partindo do princípio que eu não tinha nada melhor pra fazer, mas aí ele diz:

— Mas, pensando bem, você deve ter coisa melhor pra fazer do que ficar divertindo um velho feito eu.

— Eu já te disse duas vezes que você não é velho. Talvez você deva mendigar algum outro elogio agora.

Ele ri.

— O sol já se pôs. Você tem algo pra beber aqui?

— Vodca. Um resto de suco de abacaxi, e sei lá.

— Você tem gelo?

— Com certeza posso providenciar.

— Então você tem o que beber. Eu quero uma vodca com suco de abacaxi, ou qualquer outra coisa que você tiver na geladeira.

— Tu tá com algum problema na mão? A vodca e os copos ficam no balcão.

Ele olha pra mim, assente com a cabeça e ri. Puta que pariu, como eu amo isso, ele diz. Tô começando a me perguntar se eu tô num daqueles filmes em que a empregada negra safada dá ao velho patriarca um motivo pra viver de novo. Mesmo assim, não há nenhuma evidência de que este homem possa ser considerado velho, ou que precise da ajuda de alguém.

— Seu filho e sua filha devem estar preocupados a essa altura.

— Talvez. Tem club soda na geladeira. Posso usar?

— Pode.

— E acho que tá na hora de jogar fora aquela fatia de pizza. E aquela caixa de comida chinesa pela metade.

— Obrigada. Mais alguma observação sobre a minha geladeira?

— Eu também jogaria fora aquele hambúrguer meio comido. E nenhuma pessoa que possui um pingo de autoestima deveria ser vista bebendo Coors.

— Eu não esperava que você fosse mesmo fazer observações sobre a minha geladeira.

— Hmm. Então por que perguntou? Você quer uma vodca com soda e um toque de abacaxi?

— Quero.

— É pra já.

Fico olhando o cara assumir o controle da minha cozinha. Não lembro quando foi que comprei limão, mas deve ter sido recente, porque ele está usando. Ele tenta cortar três vezes com a minha faca antes de pegar uma outra e ficar esfregando as duas que nem se estivesse numa luta de espadas consigo mesmo. Depois ele corta o limão. Ele olha pros meus copos no balcão e balança a cabeça, aparentemente sentindo pena. Eu não lembro de ter guardado dois potes de molho, mas ele os encontra. Corta, tritura, espreme, mexe, sim, é uma coisa e tanto ficar assistindo um

homem trabalhar. Não lembro se eu já tinha visto um outro homem na cozinha sem ser na tevê. Não, isso não é verdade. Ele vem andando com os dois potes na mão e me entrega um deles.

— E aí? Presta?

— Ficou muito bom.

— Bem, obrigado pelo entusiasmo.

— É maravilhoso. De verdade.

Ele senta na poltrona que o meu vizinho me ajudou a trazer da rua. O vizinho com quem eu não falo desde então. Espero que a poltrona não esteja mais fedendo. Ele bebe devagar, como se não quisesse que a bebida acabasse e, por extensão, sua presença ali.

— Você não está com calor nessa saia? Quer dizer, estamos no verão.

— Não vou tirar minha saia.

— Acho que não foi isso que eu pedi. Você não está se perguntando se foi um erro ter me convidado pra entrar?

— Não.

— Então é um sim.

— Não vou fazer nenhum joguinho de palavras.

— Ótimo.

É estranho pensar nisso, mas a única maneira que eu consigo definir o jeito como ele se senta é forte. Notei isso na sua casa, e no metrô também, ele rejeitando todos esses assentos que o convidavam a se afundar e sentando bem reto, com as costas arqueadas. Ele deve ter herdado isso dos seus dias no exército.

— A polícia não deveria estar te procurando uma hora dessas?

— Tem que esperar vinte e quatro horas pra comunicar o desaparecimento de uma pessoa.

— Quanto tempo tem que esperar pra comunicar um sequestro?

— Eu sou meio grandinho pra ser sequestrado, você não acha?

— Eu achava que tamanho não era documento.

— Continue pensando desse jeito e você vai se divertir tanto quanto eu. Você não quer botar uma música?

— Você quer ouvir o que os jovens estão escutando hoje em dia?

— Pra falar a verdade, sim. Qual é a grande novidade? Aquela *Good Times* é bem boazinha, né? É boazinha que diz?

— Rapaz, você tá mesmo por fora.

Eu me levanto e vou colocar um disco, o primeiro da pilha. Que engraçado, lá na Jamaica era o meu pai quem ouvia discos, e eram sempre umas coisas instrumentais melancólicas tipo *La Paloma*, do Billy Vaughn, ou aquelas bostas da James Last Orchestra. Eu devo ser a única pessoa que ainda tem um desses aparelhos de som três-em-um, ou, pelo menos, um da Telefunken. Eu ainda me lembro da vez em que minha mãe levou um disco pra casa. Era um disco em 45 rotações da Millie Jackson chamado *If You're Not Back in Love by Monday*, mas acho que ela esperava todo mundo sair de casa pra tocar.

— Órgãos de igreja? Bom Deus, isso que você botou é música de igreja?

— Não.

— Mas isso é aí um pregador, falando sobre o mundo do além, e isso aí, com certeza, são órgãos.

— Cala a boca e escuta.

Ele senta pra trás bem quando o Prince diz *in this life you're on your own*.

— Minha nossa. Minha nossa, isso é bem bonzinho.

Ele volta a ficar de pé, estalando os dedos e balançando a cabeça. Fiquei me perguntando se ele era adolescente nos tempos do Elvis, e o que ele achava dos Beatles. Eu queria perguntar pra ele se ele gostava de rock and roll, mas parecia uma pergunta boba pra um homem que tava estalando os dedos e batendo o pé como se o Bill Cosby tivesse acabado de ensiná-lo a dançar o *jive*.

— *Let's go crazy, let's get nuts* — ele canta. Eu me sinto culpada por não estar dançando. Então eu me levanto e começo a dançar. E daí eu faço uma coisa que eu nunca, jamais faço.

— *Doctor Everythingwillbealright, makes everything go wrong, thrills, spills and daffodils will kill, hang tough children. He's coming. He's coming. He's coming. He's coming. Whoo hoo hoo-hoo.*

Eu pego a vassoura no balcão da cozinha e uso como microfone pra mais três *whoo hoo hoo-hoos*. E daí começa o solo da guitarra e primeiro eu acho que ele tá tendo um ataque cardíaco, mas, na verdade, ele tá só imitando o solo da guitarra com as mãos. Eu começo a pular e gritar *Go Crazy, Go Crazy*, e a música parece até se esticar pra prolongar aquele momento — quer dizer, eu já ouvi essa música um zilhão de vezes, mas ela nunca tinha tocado por tanto tempo, até que finalmente ela acaba, e nós dois desabamos. Eu no chão, ele no sofá. Ele fica de pé num pulo quando *Take Me With U* começa a tocar, mas eu ainda tô caída no chão, ofegante e rindo.

— Acho que eu não me divertia assim desde que os Beatles foram no *Ed Sullivan*.

— Que que esse teu povo tem com os Beatles?

— Eles são apenas a maior banda de rock de todos os tempos.

— Minha última cliente me fez passar a noite inteira na frente do hotel do John Lennon aquela noite.

— Pra quê? Ele tava gravando com o Paul?

— Quê? Não sei se isso foi engraçado.

Ele vai até o aparelho de som e pega a capa do disco.

— Quem é a sapatona feiosa em cima da moto?

— É o Prince.

— Prince do quê?

— Só Prince. Não deu pra ver pelo bigode?

— Bom, eu estava pensando que essa era a mulher barbada mais linda que eu já tinha visto.

— Tem um filme dele em cartaz, chama *Purple Rain*.

— *Purple Haze*?

— *Rain*. É o Prince, não o Jimi. Talvez seja melhor eu tirar o disco. Ele fica meio explícito.

— Docinho, eu sou o único branco nos cinco distritos de Nova York que tem discos do Blowfly. Esse Prince não me assusta. Desculpa ter chamado você de docinho. Eu sei que as mulheres não gostam mais que falem desse jeito com elas.

Eu quis dizer pra ele que eu não ligava, e que fazia tempo que qualquer pessoa — principalmente um homem — me chamava de alguma coisa bonita. Mas olhei pela janela e os prédios estavam começando a acender suas luzes.

— Quem é a garota na capa?

— Apollonia. Supostamente é a namorada dele na vida real.

— Então ele não é gay.

— Você deve estar com fome. Você não comeu nada da pizza na sua casa.

— Estou meio com fome, mesmo. O que você tem aí?

— Nachos e macarrão instantâneo.

— Bom Deus, não tá misturado, né?

— Prefere um Chicken McNuggets da semana passada?

— A madame fala verdades.

Coloco a chaleira no fogo pra esquentar água pro macarrão, o que significa que temos tempo para ficar sentados ouvindo o resto do disco. Quando a chaleira começa a apitar, o disco tá quase no fim, e eu tô pensando em colocar o lado A de novo porque não sei se vou ser capaz de ficar aqui sentada em silêncio, e nem ele.

— Então, onde foi que você nasceu, exatamente?

— Quê?

— Onde foi que você... Dá pra desligar essa coisa? Não é como se o Elvis estivesse deixando o recinto. Onde foi que você nasceu?

— Coma seu macarrão. Kingston.

— Isso você já disse.

— Num lugar chamado Havendale.

— Isso é na cidade?

— Na periferia.

— Tipo Midwest?

— Tipo o Queens.

— Que horror. Por que você saiu de lá?

— Porque era hora de ir embora.

— Assim, do nada? Foi por causa do Michael Manley e todo aquele medo do comunismo que estava rolando uns anos atrás?

— Tô vendo que você é muito bem informado sobre a Guerra Fria.

— Docinho, eu cresci nos anos cinquenta.

— Eu tava sendo sarcástica.

— Eu sei.

— Mas enfim, por que que alguma coisa tem que ter me expulsado de lá? Talvez eu só quisesse ir embora. Você já sentiu que estava com a sua família há mais tempo do que eles gostariam que você estivesse com eles?

— Mas pelo amor de Deus, nem me fala. Pior ainda quando é na droga da casa que foi você quem comprou.

— Mesmo assim, você ainda vai precisar voltar pra lá alguma hora.

— Ah, não me diga? E quanto a você?

— Não tenho nenhum motivo pra voltar.

— Sério? Nem família? Nem um amante?

— Você é mesmo uma cria dos anos cinquenta. Na Jamaica, a gente chama de amante a mulher com quem você trai a sua mulher.

— Que bonitinho. Falando em bonitinho, preciso tirar uma água do joelho.

— Volta pelo corredor por onde você entrou, segunda porta à direita.

— Entendido.

Seria engraçado se eu ligasse a tevê agora e o Cronkite estivesse falando sobre o patriarca da família Colthirst ter sido sequestrado. A mulher ou a nora choramingando pra câmera até ela se dar conta de que seu rímel tava escorrendo pelas bochechas e gritar corta! E o filho numa pose toda estoica, ou porque ele não quer falar ou porque sua mulher se recusa a calar a boca. *Nós achamos que era um lugar honesto, mas nunca dá pra saber. Ela parecia tão confiável — seu nome era Dorcas, pelo amor de Deus. Só Deus sabe quanto ela vai pedir de resgate.* Fiquei me perguntando se ela se arrumaria toda só para aparecer na tevê. E imaginando como a minha foto ficaria na tevê, muito embora eu achasse que a agência não tinha nenhuma foto minha. Pelo menos não que eu me lembre. Mas digamos que eles tenham alguma foto minha que, num contexto levemente diferente, poderia parecer uma foto de ficha policial. Aposto que é aquela do dia em que eu saí de casa e esqueci de arrumar meu cabelo. O casal provavelmente ficaria de mãos dadas enquanto ela implora para que o sequestrador, nesse caso, eu, tivesse um pingão de humanidade, já que o pai dela não está bem, ele não está nada bem e...

— O que é isso?

Não ouvi ele saindo do banheiro. Não ouvi descarga, porta rangendo, nada. Eu tava tão absorta nos meus pensamentos que nem vi ele se aproximando até que estivesse bem na minha frente.

— Eu disse o que é isso? Quem é você, afinal de contas?

Ele o balança na minha frente. Eu já tinha dito pra mim mesma que eu não estava esperando terminar o dia com alguém dentro da minha casa. Quer dizer, essa é a casa de uma mulher que nunca está esperando companhia. Mas, puta merda, eu devia ter dado uma conferida no

banheiro, nem que fosse pra me assegurar de que tinha uma toalha limpa do lado da pia. E agora ele tava ali, bem na minha frente, como se fosse a polícia, balançando o livro que geralmente fica escondido debaixo do meu travesseiro.

Como Desaparecer Completamente e Nunca Mais Ser Encontrado.

Do Doug Richmond.

Putaque me pariu.

TRISTAN PHILLIPS

Papo furado, besteira, bobagem. Tu tá falando tanta merda que a tua língua já deve até estar marrom. Ah, não? Beleza, quer saber? Vamos fazer do teu jeito, então. O que mais que tu quer me perguntar? Balaclava? Tu já me perguntou sobre isso. Copper? Confere aí tuas anotações, seu otário. Papa-Lo e Shotta Sherrif, eu te contei a caminhada desse último aí desde Eight Lanes até o Brooklyn, então confere aí tuas anotações.

É? Mesmo?

Não é o que eu acho. Tu quer saber o que eu acho? Que tu não tá anotando porra nenhuma. Tudo que tu fez aí foi ficar fazendo uns desenho e uns rabisco. Até onde eu sei tu pode ter passado esse tempo todo escrevendo *Mary Tinha Um Carneirinho* em espanhol. Não? Então deixa eu ver. Vamos lá. Pode crer, como vocês, americanos, dizem. Exatamente o que eu pensei. Branquelo, pode parar com esse papo furado duma vez. Melhor ainda, porque que tu não fica bem quietinho e eu te digo por que que tu tá aqui? Olha pra você, cara. Quer dizer, estamos em 1985, faz um corte decente nesse teu cabelo, não essa palhaçada de hippie aí. Camisa jeans que nem de caubói, calças jeans de discoteca e, não me diga, botas de caubói não, motoqueiro. Que merda. Até os caras aqui na prisão já assistiram, no mínimo, uns dois episódios de *Miami Vice*. Tu descola alguma aranha vestido desse jeito? Ah, tu sabe o que aranha quer dizer? Sério. Isso aí é o teu estilo mesmo ou tu só ficou preso numa época que todo mundo deixou pra trás menos tu?

Quer dizer, tu vem até aqui e me diz que tá escrevendo uma matéria sobre o processo de paz. Pra começar, isso faz sete anos, e tu até agora

não conseguiu me explicar por que que isso ainda interessa. Tu acha que eu sou burro? Irmãozinho, existe uma parada chamada contexto, e até agora tu não conseguiu me dar nenhum. Não insulta a minha inteligência só porque de vez em quando eu falo feio. Tem certeza de que tu sabe o que contexto quer dizer? Tu sabe mesmo o que que a gente tava fazendo ou tu acha que a gente tava só organizando um show com o Cantor? Por sinal, tudo que tu perguntou até agora foi sobre o fim do processo de paz, nunca sobre o começo, e nunca sobre o durante, também. Vamo lá, branquelo, pra um moleque que diz que não vê nem a cor da ilha desde 1978, todas as coisas que tu falou até agora aconteceram em 1979 e 80. Tu perguntou sobre o Papa-Lo, mas só sobre a morte dele. Tu perguntou sobre o Copper, mas só sobre a morte dele. Tu não perguntou nada sobre a Lucy, e mesmo quando eu falei dela, tu seguiu em frente como se ela não tivesse a menor importância.

Ah. Tu só tá querendo ter uma visão mais geral das coisas. Ah. Bom, tu é jornalista, afinal de contas.

Arrã.

Firmeza, juventude.

Tu quer saber mais sobre quando eu entrei pros Ranking Dons em 1980.

Pierce.

Pierce.

Alex.

Eu nunca disse que eu entrei pros Ranking Dons em 1980, eu só disse que eu entrei pros Ranking Dons. Ou talvez tu esteja querendo saber sobre o Josey Wales? Ele tá vindo pra Nova York, tu sabia? Corre o papo aqui em Rikers que ele chega hoje. Só Deus sabe por que ele tá vindo. Ou por quem.

Ah.

Ficou quietinho agora, né? Olha pra você. Na real, tu ficou quietinho toda santa vez que eu mencionei o Josey Wales. Não. Irmãozinho, não faz nem cinco minutos que eu tava falando sobre como o Josey Wales fodeu com o conselho de paz e tu mudou de assunto pra como foi que eu vim parar na prisão, o que tu claramente já sabia. Tu não perguntou coisa nenhuma a meu respeito que tu não pudesse encontrar em qualquer entrevista que eu dei quanto tava no conselho, inclusive aquela pra rádio de Nova York, que eu falei. Mas é verdade. O Josey Wales chega hoje em Nova York. E, definitivamente, ele não tá vindo me ver.

Olha pra você. Sentado aí tentando fazer de conta que não tá apavorado. Dou cinco minutos pra tu acabar com essa entrevista dizendo que tem algum assunto mais urgente, e depois voltar correndo pro teu apartamento em Bed-Stuy e te esconder debaixo da pia. Pois é, Alex Pierce, quanto tempo tu acha que eu levei pra descobrir o que eu precisava saber a teu respeito? Tu fica aí se achando o fodão só porque mora na esquina da Bedford com a Clifton. No dois três oito da Clifton Place, né? Apartamento de primeiro andar, não, pera aí, segundo andar — esqueci que vocês, americanos, não falam térreo. Haha. Todo mundo que mora na tua rua é preto e se veste como se tivesse fazendo teste pro videoclipe de “Thriller” e tu aí parecendo que toca nos Eagles. Tu é uma figura, Alex Pierce, deixa eu adivinhar, tu ficou puto porque eu te comparei com os Eagles. Mas eu tava errado a teu respeito. Tu não vai embora em cinco minutos. Tu não vai embora até tu conseguir o que tu veio buscar. O Josey Wales estar vindo pra Nova York só deixa tudo mais difícil, mas, mesmo assim, tu tá aqui por um motivo.

Arrã.

Arrã.

Sim.

Hã?

Hã?

Continua.

Assim, do nada? Sentado assim que nem tu tá?

Quer saber? Fala tu que eu vou ficar quieto aqui.

Hmmm.

Hmmm.

Porra, Alex Pierce.

Porra.

Hahahahahaha.

Desculpa por rir. Mas, mesmo assim, é engraçado. Acordar na tua cama e ter um maluco sentado do teu lado. Tem certeza que tu não tava trepando com ele e ele acordou primeiro? Calma, juventude, tá muito claro que tu não é viado.

Tu nunca tinha matado um homem antes desse? Sim, Alex Pierce, é isso que eu quero saber. E pode parar com esses merda e filho da puta aí, senão eu chamo o guarda. Responde a pergunta.

Matou algum depois desse? Haha, eu sei, só tava brincando com tu. Que troço que é matar um homem, não é mesmo? Um bagulho e tanto. Tudo que ele tinha se programado pra fazer, do nascer ao pôr do sol, tu simplesmente acabou com tudo isso, assim, do nada. Não importa se ele era um homem bom ou ruim, tu olha pro cara morto ali e fica pensando se ele, ou se qualquer pessoa, começa o seu dia achando que vai ser o último. Estranho, né? Tu levanta, toma teu café da manhã, almoça, janta, tu trabalha, curte, fode, e tu acorda e faz tudo de novo. Menos naquela noite. Aquele cara nunca mais vai ter um amanhã. Ele não vai levantar, tomar banho, cagar, atravessar a rua, pegar seu ônibus, brincar com os filhos, nada. E foi tu quem fez isso. Tu que tirou isso dele. Eu tô ligado, mas não tinha outro jeito, ele ia te matar, e tu só fez o que era preciso, senão não estaria aqui na minha frente agora. Tu olhou pra ele depois de morto? Tocou nele? Só deixou ali e saiu fora? Então como é que tu sabe que ele tava morto?

Juventude, tu saiu do quarto do hotel e não aconteceu mais nada depois disso? Que interessante. Tu não tinha se registrado com um nome falso, né? Então não saiu nenhuma notícia, não teve investigação, a polícia não te ligou, nada, quase como se tu tivesse sonhado a coisa toda. Calma aí, branquelo, eu não disse que tu sonhou, mas alguém foi lá e limpou tudo depois que tu saiu, e limpou bem. E... pera aí, tu disse uniforme azul? Tipo, um uniforme azul?

E careca?

Ele era meio vermelho? Quer dizer, um moreno de pele clara, meio mestiço?

Putá que pariu.

Então tu tá me dizendo que foi tu quem matou o Tony Pavarotti?

Putá que pariu, juventude. Putá que pariu.

Não, eu não cheguei a conhecer o cara, mas quem é que não sabia quem era o Tony Pavarotti na favela? Esse maluco era o principal soldado do Josey Wales. Ouvi dizer que esse cara era muito gelado, tem gente que dizia que ele era mudo porque ninguém nunca tinha ouvido ele dizer coisa nenhuma. Tu já ouviu falar dum lugar chamado Escola das Américas? Tu tem que sair dos Estados Unidos pra já ter ouvido falar nela. Tudo que eu sei é que o Tony Pavarotti é o único moleque que realmente saiu desse lugar. E o único moleque que sabia o que fazer com uma arma. Ele era melhor que os sniper da polícia e do exército. E tu tá me dizendo que um hippiezinho mirrado desses matou o cara que era a maior máquina de matar da Jamaica? Ah, não, meu chapa, dessa eu vou ter que rir. Não, talvez tu esteja certo. Quem sabe? Quer dizer, tu realmente tá muito transtornado com essa porra toda, isso dá pra ver. Mas quer dizer, tu tem certeza que era ele? Ah, pera aí, tu não teria como saber. Tu nunca tinha visto o rosto dele. Foi mal, cara, mas vou precisar de um tempo pra absorver isso melhor. É como se eu tivesse olhando pro cara que matou o Harry Callahan. Tu lembra quando foi isso?

Fevereiro de 1979. Então agora tu falou. Tu tava na Jamaica até fevereiro de 1979. Tu me disse que tinha descoberto alguma coisa sobre Green Bay também, né? Se bem que isso não tinha importância nenhuma, tudo que é jornal jamaicano já publicou a verdade por trás dessa história muito tempo atrás. Mas se o Tony Pavarotti foi atrás de você, a ordem deve ter vindo de Copenhagen City. E já que esse não era o estilo do Papa-Lo, a única pessoa que pode ter mandado ele era o Josey Wales. Porra, juventude, que que tu fez pra deixar o Josey Wales tão puto que ele mandou esse cara te matar?

Tu não sabe.

Talvez tu só não tenha te dado conta de que tu sabe. Que tipo de jornalista tu é se tu não sabe nem o que tu sabe? Tu deve ter descoberto alguma coisa sobre o Josey Wales que ninguém mais sabe. Pensando bem, claro que não foi isso. O Josey é que descobriu que tu sabia alguma coisa sobre ele que tu ainda nem tinha te dado conta que tu sabia. Sim, já faz seis anos, mas isso claramente ainda tá te assombrando, então tu deve lembrar de alguma coisa. Deve estar nas tuas anotações, ou algo assim. Mas é engraçado porque o Josey, aparentemente, não tem medo de nada. Talvez ele seja o que gente que nem tu costuma chamar de psicopata. Vamo lá, cara, pensa. Que que só tu e ele sabem que existe?

Será que é uma conexão de droga? Um contato na máfia? Tu andou escrevendo alguma coisa sobre a Colômbia nos últimos tempos? Não, pera, tem que fazer mais tempo. Nada disso tinha começado em 1979, com certeza nada que tu pudesse saber. Green Bay, não. Tu não tava cobrindo política, tu tava escrevendo sobre o acordo de paz, mas o que foi que te levou até essa história? Tu tava seguindo o Cantor? Ah. O Cantor. Por quê?

Ah.

Irmãozinho.

Tu acabou de me falar, Pierce. Tu acabou de botar todas as cartas na mesa e ainda não consegue ver. A gente tem mais coisas em comum do que tu pensa. Pensa só. Hoje todo mundo sabe que a pessoa que atirou no Cantor tava mirando no coração, mas só acertou o peito porque ele tava soltando o ar em vez de puxar, né? Quer dizer, isso tá até naquele livro sobre ele. Mas em 1978 quem é que sabia disso além do cantor, do cara que atirou e, pelo que tá parecendo, tu? Então ele se deu conta de que tinha te falado uma coisa que ele não tinha como saber, afinal de contas, nem no hospital eles tinham como saber onde o assassino queria atirar, só onde a bala tinha pegado. Quer dizer, eu fiquei sabendo que o Josey deu o tiro, mas só fiquei sabendo disso em 1979. E mesmo assim, ninguém tinha como saber qual era a intenção além do cara que levou o tiro e do que tentou matar. Ele não te olhou de um jeito estranho? Simplesmente encerrou a entrevista depois disso? Faz sentido. Caralho, juventude, tu tá vivendo num filme. O lance é o seguinte, mesmo com todo mundo sabendo sobre Green Bay, se eu te entendi direito, tu descobriu a verdade muito antes do resto das pessoas. Qual que é o teu nome, Sherlock? Então ou ele tentou te matar porque tu descobriu que ele tinha tentado matar o Cantor, ou ele tentou te matar porque tu descobriu a verdade sobre Green Bay. Apesar de que não faz muito sentido ele tentar matar os parça dele. Agora fiquei confuso.

Quer saber? Esquece Green Bay. Apesar de tu também saber demais sobre esse assunto, o fato de ter sido o Tony Pavarotti quem tentou te matar quer dizer alguma coisa. Com certeza quer dizer que foi o Josey. Não tenho a menor dúvida de que o Josey Wales se deu conta de que tu sabia que ele tinha tentado matar o Cantor. Ou, no mínimo, ele achou que tu ia descobrir, apesar de eu não ter lá tanta certeza de que tu é tão esperto quanto ele achava, porque nesses seis anos nada disso nem passou pela tua cabeça.

Agora tudo faz sentido. Então foi por isso que tu veio me visitar. Eu devo ser a única pessoa no mundo que tem isso em comum contigo. Que coisa, os únicos dois homens que o Josey Wales tentou matar, mas que ainda tão vivos. E agora, a qualquer momento, ele vai pousar em Nova York.

JOSEY WALES

Faz vinte e cinco minutos que esse avião pousou no JFK e nós só estamos passando pela alfândega agora. Um passarinho me contou que isso só acontece quando tem um jamaicano a bordo. Não sei como é que eu sei, mas eu sei. Da última vez que eu fui pras Bahamas, os arrombados da alfândega chegaram a dizer por favor, todos os jamaicanos, façam uma fila à sua esquerda. Não, eu não fiz fila à esquerda porra nenhuma, e nenhum daqueles idiotas disse coisa nenhuma quando fui até o fiscal e mostrei meu passaporte pra ele. Nem abri minha mala. O Cantor não tinha feito isso uma vez? Tava esperando numa fila quando os fiscais começaram a complicar, inventando alguma merda alfandegária qualquer. Ele simplesmente pegou a mala e saiu andando. Dois jamaicanos daquela fila já foram barrados pela alfândega, uma delas saiu escoltada por três guardas. Que idiota de merda, espero que ela tenha enfiado a cocaína no cu, e não na buceta, ou pior ainda, engolido, porque vai custar bem caro esse troço ficar tanto tempo dentro dela. Olha só pra mim, achando que todos os jamaicanos são mulas.

Pena eles terem escolhido a menina que parecia ser uma mula quando deveriam ter prendido a idiota que tava envergonhando seu país na primeira classe. A gente tava lá, em pleno ar, a seis quilômetros de altura, quando a aeromoça anuncia que vão começar a servir a janta. Essa mina deu uma olhadinha no que eles tavam oferecendo e disse *Nem fodendo. Tu chama isso aí de comida? Ainda bem que eu trouxe meu próprio grude.* Daí essa favelada de merda abriu a bolsa e tirou um pote de sorvete com peixe-frito, arroz e feijão de dentro dele. A porra do cheiro do peixe

empesteou tanto a primeira classe que eu quase pedi pra me mudar pra um lugar lá no fundo — eu até tava disposto a pagar. Era isso ou puxar uma arma e dar umas coronhadas nela pra ela aprender a ter um mínimo de classe, isso se eu tivesse trazido uma arma.

— Bem-vindo aos Estados Unidos, Sr._____.

Atravesso a porta e saio na área de bagagens só pra ver, com o canto do olho, dois policiais pegando a garota que tinham tirado da fila e atirando ela no chão. A gente sai da alfândega, mas ainda tá dentro do aeroporto, outra coisa que aqui é diferente da Jamaica. Lá está o Eubie. Parado bem na frente de uma multidão, muitos pretos, muitos parecendo meio indianos, esperando as pessoas saírem. Terno azul bebê com um lenço branco no bolso da frente, como se ele fosse o negro de *Miami Vice*. Preciso muito ver esse programa. Algo me diz que se eu chamar o Eubie de Tubbs ele vai gostar. O moleque da cidade alta querendo posar de fodão, só que ele realmente é fodão. Passei um tempão pensando no Chorão também, mas não do mesmo jeito, e não pelos mesmos motivos. E que porra é essa que esse cara tem na mão?

— Eubie.

— Meu compadre! Fala, meu compadre — ele disse, como um negro americano. Ele ainda tá segurando o cartaz escrito Josey Wales, igual aos cartazes que os dois choferes ao seu lado estão segurando.

— Que que é isso?

— Haha, isso? Isso é o que a gente chama de piada, Josey Wales.

— Ah. Eu não achei graça.

— Jesus Cristo, Josey, cadê o teu senso de humor? Ou você nunca teve?

Odeio quando os jamaicanos começam a falar que nem americano, e fico mais putado ainda quando ficam alternando entre o jeito jamaicano e o americano de falar. Eu começo a rir.

— Assim é melhor, embora tu não esteja sendo sincero.

Daí ele joga o papel pro ar como se não fosse nada, pega minha mala e sai andando. Vou atrás dele, mas fico olhando o papel flutuando no ar até aterrissar perto de um quiosque de uma locadora de veículos.

— Deve ser interessante pousar de noite em Nova York. É uma cidade totalmente diferente do que de dia.

— Quanto tempo a gente leva pra chegar em Bushwick?

— Josey, fica frio, cara. Tu acabou de chegar e a noite é uma criança. Tá com fome?

— Tinha comida no avião.

— Que eu tenho certeza que tu não comeu, né, ô, cu cagado? Tem o Boston Jerk Chicken na Boston Road.

— Sério mesmo, tu acha que eu vim lá da Jamaica pra comer comida jamaicana de segunda aqui? É isso que tu acha?

— Beleza, tu quer comer um Big Mac? Um Whopper com queijo?

No estacionamento, uma minivan preta começa a encostar e para na nossa frente. Talvez seja uma boa eu não estar com uma arma, porque a essa altura eu já teria sacado. Mas também não é como se aqui fosse a cidade baixa de Kingston. A porta se abre e Eubie aponta. Por algum motivo eu não me mexo até ele entrar primeiro. Ele acena com a cabeça.

— O bom e velho Josey, segue não confiando em ninguém mesmo depois de todos esses anos.

Ele ri, mas eu ainda não sei do que ele tava falando. Não lembro do Eubie nas antigas. Do outro lado da janela ainda estamos passando por postes numa estrada, embora eu imaginasse que a gente já sairia imediatamente no meio daqueles edifícios de quilômetros de altura. Até aqui, Nova York parece a Le Jeune, de Miami, mas eu achei que as ruas seriam mais largas. Não tem nada além de carros dirigindo a toda velocidade na via expressa, o que era estranho, já que o Eubie tinha me dito que ninguém dirigia em Nova York. Talvez aqui não fosse Nova York. Eu até perguntaria, mas o Eubie já tava se achando muito esperto.

A van para e pela primeira vez me dou conta de que tem um outro cara no banco de trás. Porra, Josey Wales, que vacilo, tu não é assim. Sem arma, cercado pelos homens de um camarada com quem eu trabalho, mas não confio de verdade, eu devia pelo menos ter pedido uma arma assim que a gente saiu do aeroporto. A gente pega uma saída da via expressa e eu vejo uma placa dizendo Queens Boulevard. Estranho essa avenida ser muito mais larga do que a via expressa. A gente segue por essa rua cheia de prediozinhos de tijolo aparente, todos de três andares, às vezes quatro, com uma varanda, cadeiras de plástico e bicicletas do lado de fora.

— Aqui é o Queens, por sinal.

— Eu sei.

— Tu sabe?

Eu não respondo. O carro passa em cima dum buraco, eu tomo um susto e dou um pulo.

— Ô, irmãozinho, que porra é essa, tu atropelou um bode, foi?

— Foi um buraco, patrão.

— Cara, imagina que coisa o Don sair lá da Jamaica pra vir passar por cima de buraco aqui.

— A gente queria que ele se sentisse em casa, Eubie.

— Haha.

Espero que ninguém tenha me visto tomando esse susto, senão eu vou ter que fazer alguma coisa.

— O meu chapa Josey, aqui, tomou um susto que nem se tivesse visto um encosto.

Todo mundo ri. Eu não tô gostando do jeito que ele tá agindo, como se tivesse querendo me mostrar que eles estão em maior número. Eu não gosto quando viado nenhum me desrespeita, mesmo que seja de brincadeira. Esse maluco tá achando mesmo que eu e ele somos unha e carne. Ele acha mesmo isso. Fico me perguntando se isso aconteceria se o Chorão estivesse mandando em Manhattan e no Brooklyn do jeito que ele

parece estar mandando no Queens e no Bronx. A gente precisa conversar assim que eu sair dessa van. Enquanto isso, tô aqui imaginando o que o cara no banco de trás tá fazendo. Daí a gente pega uma outra via expressa, e eu dou uma olhada e vejo o mar ou um rio e um neon da Pepsi com o logo antigo, de quando eu era criança.

— Então, Josey, eu tava pensando. Eu...

— Tu vai falar de negócios aqui dentro da van?

— O quê? Aqui? Eu confio implicitamente nos meus homens, Josey, o que significa...

— Tu não vai me dizer o que implicitamente significa, né?

— Ô, Josey, se liga, irmão. Tá muito nervosinho! Mas não dá nada. A gente espera até chegar no Boston Jerk Chicken. Engraçado, né? Quais as chances do Boston Jerk Chicken, de Portland, abrir uma filial na Boston Road, em Nova York? Isso é o que o meu filho chamaria de ironia, porque ele aprendeu isso na aula de literatura. Eles crescem rápido, né? Com quantos anos já tá o teu mais velho?

— Quatorze. Isso não pode esperar pra quando a gente sair da van?

— Só tava puxando um papo, mas beleza.

A van para. Eu nem tinha percebido que a gente tava no Bronx. Eu sabia que já eram mais de nove horas, mas a rua ainda tava movimentada, com gente subindo e descendo pelo meio dela, por cima da calçada, e entrando e saindo das lojas como se ainda fosse dia. Tem carros estacionados dos dois lados da rua, e todos são ou Buick ou Oldsmobile ou Chevrolet. Um salão de cabeleireiro da Miss Beulah, um depósito da Fontaine Brothers, uma Western Union, outra Western Union, uma Peter's Boutique Moda Masculina, um Apple Bank, e daí o Boston Jerk Chicken. O lugar parecia que tava prestes a fechar, mas alguém deve ter visto o Eubie, porque uma luz de repente se acendeu lá no fundo. Daí agora eu tava me perguntando se o Eubie tinha esquecido que eu tinha dito que eu não queria comida jamaicana ou se ele tava mais uma vez

brincando de me desrespeitar. A gente senta, só eu e ele, num balcão de plástico laranja perto da porta, ele virado de frente pra mim. Um dos seus homens tá no caixa e outros dois de pé, do lado de fora.

— Tu geralmente precisa de toda essa segurança por aqui?

— Não muito, os Ranking Dons tão ligados pra não tentar nada aqui pela Boston ou pela Gun Hill Road. Da última vez que eles tentaram alguma coisa eles apagaram dois dos meus traficantes. Agora, tá ligado que o crioulo aqui não ia deixar essa merda passar batida, né? A gente ouviu falar que tava cheio de membros do Ranking Dons numa festa que tava rolando no Haffen Park. Daí a gente pegou três carros, foi pra lá e meteu uma chuva de bala pra cima de todo mundo que tava naquele parque. A gente nem atirou pra matar, mas um ou dois malucos acabaram se dando mal naquele dia. Mas eu só fiquei pensando que, pelo menos, um deles ia ter que cagar numa bolsa de colostomia pelo resto da vida. Aquela seria a última vez que aqueles viados iam querer se meter com o Bronx. Ir passar heroína lá na Filadélfia foi a melhor coisa que eles já fizeram. Mesmo assim, eles tão ficando mais fortes no Brooklyn. Fortes demais, se tu quer saber.

— Eu quero.

— O quê?

— Quero saber quanto eles tão fortes.

— Bom, o teu homem lá, o Chorão, é quem pode te falar melhor...

— Eu não perguntei pro Chorão, perguntei pra você.

— Ok. Ok. Papo sério, então. Teu chapa lá tá fodendo com tudo em vários sentidos, enquanto os Ranking Dons tão só no bico dele, pra cima e pra baixo nos carros deles, num triângulo com a Broadway, a Gates e a Myrtle. Os olheiro não sabem onde é que tão os vapor, os traficantes tão se drogando, e enquanto isso, os pivetes lá tão só rondando nos Chevrolets deles, porque eles sabem que não podem pôr os pés no Bronx ou no Queens. Foi um dos meus quem me deu todo esse papo.

— Um dos teus? Como é que ele sabe tudo isso?

— Não leva a mal o que eu vou te dizer, mas eu pago um dos vapor do Chorão pra ficar de olho em tudo pra mim.

— Que porra é essa, Eubie, seu cu cagado? Tu botou um espião pra cima do cara? Pra cima de mim?

— Porra, pelo amor de Deus, Josey, como se tu não tivesse pagando ninguém pra ficar de olho em mim. Ou vai me dizer que o Bricks corre pra cabine telefônica toda noite pra ligar a cobrar pra mulher dele? Mas eu não me importo. Na real, eu não tô nem aí. Isso me deixa sempre ligado e é uma lembrança pra eu não cagar com tudo. Meu homem me passa informação duas vezes por semana. Quer dizer, duvido que ele esteja descobrindo qualquer coisa que você já não saiba.

— Tipo o quê? Faz um teste aí.

— Tipo que o teu chapa Chorão lá é usuário.

— O Chorão cheira pó desde 1975, isso não é nenhuma novidade.

— Mas tem uma novidade aí, Josey. Agora ele tá fumando crack, e tanto eu quanto tu sabemos que crack não é pó. Um homem consegue fazer um bom trabalho mesmo quando tá cheirado? Com certeza. Todo mundo que eu conheço no mundo da música cheira um pó. É puta e pó que eles falam, juventude. No passado isso até que tinha alguma classe. Mas crack é outra história. Todo trafica que passa do pó pro crack se fode. Tu não consegue pensar direito com o crack. Tu não consegue fazer porra nenhuma. O crack vira a tua vida. Tu não consegue somar direito depois que fumou crack. Tu não consegue separar o que que é pra vender e o que que é pra comprar. A porra toda vai pro caralho e tu não tá nem aí. Quando tu falar com o Chorão, pergunta pra ele quando foi a última vez que ele foi pra Bushwick. Pra fumar crack e... bem... essas outras paradas são coisa pessoal dele, mas o cara é um craqueiro da porra e isso é a porra dum negócio, caralho.

— Como é que tu sabe que ele tá fumando crack?

— Meu homem viu ele fumando.

— Porra, isso é mentira, Eubie.

— Irmãozinho, por que que tu acha que ele tá escondendo isso? Tu não tá entendendo. Quando um cara tá fumando crack ele não tá nem aí. Só fica de sacanagem, bicho. O cara tá fumando crack que nem um noia, cagando todos os pontos dele, e quando ele não tá fazendo isso ele tá metido num monte de safadeza que ele só pode ter trazido de lá de Miami, porque não é possível que ele estivesse fazendo aquela merda lá na Jamaica...

— Já chega.

— E os Ranking Dons não passam duns urubus, o cara ainda nem morreu e eles já tão tudo circundando.

— Eu disse que já chega, Eubie, que caralho.

— Tá bom, irmãozinho, tá bom.

— Chega desse papo furado de cu cagado aí, vamo nessa.

— Maninho, a comida ainda nem chegou.

— E eu lá tenho cara de que tô com fome, ô, cu cagado? O que eu quero fazer é ir pra Bushwick. E agora, Eubie.

JOHN-JOHN K

*Daí teve aquela vez em Miami, bem lá pro fim da Collins, em South Beach. Eu tava fumando Parliaments dentro dum Mustang que já tinha cheiro de bunda por si só, reclamando por terem me passado uma informação errada pra buscar um fumo que simplesmente não ia rolar (sim, a ideia era roubar toda a maconha e depois vender) quando, que nem uma traça farejando roupa nova, uns moleques começaram a se aproximar de mim. Um loirinho, de cabelo comprido e encaracolado, que mais parecia um sócia da Farrah Fawcett, veio deslizando com seus jeans cortados no formato de shortinhos tão curtos que dava pra ver o branco dos bolsos pendurados pra fora. Ele também tava cantando, com uma voz grossa o suficiente pra acabar com a imagem da Farrah, *more, more, more, how do you like it, how do you like it*. Me deu vontade de dizer viado, estamos em 1983, caralho.*

A cor dos patins do filho da puta tava em algum ponto afeminado entre o cor-de-rosa e o roxo. Lilás, talvez, algo que uma bicha deveria saber. A bicha patinadora nem viu ele chegando, o sujismundo, o cabelo preto tão empoeirado que parecia grisalho, deslizando pelo ponto cego do carro, como se tivesse acompanhando uma sombra. Eu mesmo não tinha visto até que a bicha patinadora foi deslizando até se encontrar com um chute de kung fu que o moleque acertou de lado, com seus coturnos. A bicha patinadora saiu se derrapando toda, oscilando e balançando que nem uma gata bêbada numa discoteca, tentando recuperar o equilíbrio, mas sem conseguir parar os patins antes de se arrebentar no asfalto. A vagabunda começou a gritar e xingar e tentou se levantar, mas saiu escorregando pra

trás a toda velocidade, primeiro com um dos pés, depois com o outro, até cair de bunda em cima de uma pilha de latas de lixo perto da cerca. Vai levar essa tua bunda suja cheia de gonorreia lá pra Hialeah, diz o moleque. Era um cucaracho, lógico, mas, pelo menos, era bonitinho e não parecia ter saído de Cuba há muito tempo, não o suficiente pra aquele *pinguero* imundo já ter entendido que *O selvagem* era só um filme antigo pra caralho e que usar couro não era a melhor ideia num lugar que ainda ficava nos trópicos.

O cucaracho se debruça na janela do carro, cheirando a cigarro que nem se tivesse fumado trinta minutos atrás. Ele não tinha o canino esquerdo, mas seus olhos eram negros e famintos, e seu queixo era forte que nem o do Vinnie Barbarino em *Welcome Back, Kotter*. O moleque meteu as mãos pra dentro do carro e eu segurei ele — instinto de caçador. Cigarro, ele pediu, e eu o soltei. Ele não disse mais nada, só deu a volta até o lado direito e entrou no carro. Eu teria deixado ele me chupar ali mesmo, mas, que merda, eu queria sair voando dali, aqueles hotéis arruinados estilo art déco estavam me deixando muito deprimido. Ele disse que porra é essa, Papi, eu não faço deslocamento. Eu disse bom, então sai da porra do meu carro. O moleque mudou de ideia e disse me leva num lugar legal. Ele tirou mais um cigarro do maço e enfiou atrás da orelha. Fiquei pensando tomara que o fuzil não esteja em cima da cama, senão esse daí vai ficar assustado. Ele olhava fixamente pras minhas botas de caubói.

— Tu é fazendeiro, Papi?

— Tira a porra do meu chapéu.

E a merda toda é que a única coisa que eu conseguia pensar era no Rocky. Mesmo com a mão enfiada no cabelo sujo daquele moleque enquanto sua cabeça ia subindo e descendo, eu fiquei pensando nas regras do Rocky. A gente tinha umas regras. Ou talvez a gente só achasse que tinha. Se você ficar com alguém, transa com o cara no sofá, porque na

cama seria traição. E só se o cara for muito, mas muito bonitinho, porque como diz no Gotas de Sabedoria, a gente só percorre esse caminho uma vez, então você tem que ficar com ele, porque nós somos umas bichas, e essas regrinhas de merda não se aplicam a nós. Essas regrinhas de héteros, eu digo.

Mas puta merda, cara, um monte de coisa que eu tinha resolvido totalmente anos atrás anda ensaiando um reencontro na minha cabeça esses últimos dias. Porra, e não sei por que, eu nunca estive em Nova York. *Aqui, assim, viu, chupa o meu dedo e vai chupando e chupando até criar um vácuo, viu, sabe quando tu chupa todo o ar de dentro de um saco plástico? Chupa com força. Chupa com tanta força que eu nem vou conseguir nem tirar meu dedo — Eu sei chupar.* Ninguém me disse que Nova York era uma cidade tomada por fantasmas. *Você é um cara muito esquisito, John-John.* Eu não queria empurrar aquele moleque. Sim, eu queria. Eu não queria que ele se machucasse. Sim, porra, eu queria. Eu não queria matar ele. O que isso quer dizer? Quando ele caiu de cara nos trilhos do trem e eu levantei ele só pra colocar a cabeça dele em cima da viga pra encaixar naquela boca mole dele e depois chutei ele com força na parte de trás da cabeça várias e várias vezes até ouvir o som do esmigalho, eu tava pensando o tempo todo no acampamento de verão. *Já colocou? Ai, sim. Todinho? Arrã.* Quatorze anos, voltando do acampamento de verão, meu pai me deu um soco na barriga e me disse que eu era um banana e que precisava ficar mais forte. O acampamento de verão pode ser resumido a comida ruim, loção de calamina e monitores andando por aí com réguas pra medir o espaço entre os casais que tavam dançando pra *deixar espaço para Jesus.* Eu e o Tommy Mateo, o branquelo ruivo que tinha um cabelo black power, sentados olhando praquilo, resmungando que aquilo era besteira. *Ei, quer fumar? Quero sim.* Duas semanas depois do acampamento eu só conseguia pensar em encontrar o Tommy mais uma vez. No telefone ele parecia diferente, ocupado, como se tivesse falando

com uma outra pessoa. Sabe aquele túnel velho de trem ali perto da Lincoln? Eu fui até lá e ele só se afastava, como se ele nem fosse aquele garoto que me dava a bunda naquele bosque de merda todas as noites. O Tommy jogou fumaça na minha cara quando eu me aproximei demais.

Tommy, você quer... você sabe?

Quê? Não, sua bichinha de merda.

Você que é a bichinha de merda, você que dá o cu.

Vai se foder, isso só rolou porque lá não tinha nenhuma menina.

Uma menina ia comer teu cu? Tava cheio de meninas no acampamento.

Nenhuma que eu quisesse comer, que merda, até você era mais bonito que elas. Mas a gente voltou pra casa e aqui as meninas são bonitas.

Eu não quero comer meninas.

É o que você tem que fazer, senão você é uma bichinha. Você é uma bichinha de merda e eu vou contar tudo pro teu pai.

Merda, merda, merda, merda, merda. Por que é que eu tô pensando nessas merdas agora? As luzes no quarto do cara se acenderam, depois se apagaram, a luz do banheiro ficou acesa por meia hora e depois se apagou. Tá apagada já faz meia hora. É mais ou menos uma meia hora que um homem precisa pra estar dormindo. Pode ser que ele tivesse comendo uma mina com as luzes apagadas, mas ainda valeriam as mesmas regras. Ou ele tá dormindo ou distraído. Eu subiria pela saída de incêndio, mas são três andares, e seria meio difícil pra caralho ir na ponta do pé esse tempo todo. A Griselda me deu um molho de chaves, mas entrar pela porta da frente me parecia uma coisa muito idiota de se fazer. Aqui é Nova York, ele deve ter botado uma tranca naquela merda. Ou talvez ele esteja comendo uma mina e não queira que ela durma ali.

Atravessei a rua e entrei no prédio. De vez em quando eu tenho a sensação de que eu sou bem o estereótipo da bichinha, por exemplo, quem é que teve a grande ideia de pintar essa parede inteira de mostarda? Nos primeiros três, quatro metros e no primeiro lance de escadas ainda

tem carpete no chão. Três andares depois eu sei que não é suor o que tá descendo pelas minhas costas. Parado na frente da porta eu passo as mãos nela como se estivesse querendo descobrir se é feita de madeira de verdade ou de alguma outra merda. Levando em consideração quanto eu não confio naquela vadia colombiana, eu meio que tô esperando que a chave não funcione. Eu enfio a chave na fechadura e ela fica dura, como se fosse quebrar alguma coisa, mas ela funciona, e a porta se destranca fazendo um barulhão. Porra, que se foda, a primeira coisa que eu penso é em abortar a missão. Será que fez mais barulho aqui pra fora do que lá pra dentro? De qualquer jeito seria melhor destravar a porra da arma.

A porta range e se abre e não tem sala de estar, acho que as pessoas aqui em Nova York não precisam disso. Bem na minha frente, uma mesa de jantar só com duas cadeiras, ou talvez as outras estivessem em outro lugar. Com o pouco da luz que vem de fora eu só consigo enxergar um sofá encostado numa parede e a cama encostada do outro lado. A tevê do lado da janela. Não dá pra ver se os lençóis são pretos ou se a cama só tá às escuras. De qualquer jeito, vou andando até a cama, procuro por qualquer protuberância debaixo dos lençóis e esvazio sete balas do pente. Três coisas: o zup-zup do silenciador, o leve estalo das balas atravessando o travesseiro e alguém levando um susto bem atrás de mim. Me viro pra ver um branco pelado, parece que tem o cabelo ruivo. Não dá pra ver direito no escuro porque ele deixou a luz do banheiro apagada. A vadia tinha me mandado no apartamento errado. Levanto a arma pra atirar na sua cabeça, mas ele joga alguma coisa bem no meu olho e é como se eu estivesse do lado de fora me ouvindo gritar quando eu dou um puta dum grito. O troço escorre pelo meu rosto e eu sinto o gosto. Um filho da puta dum enxaguatório bucal. Enquanto eu corro pro banheiro pra lavar a cara ele já abriu a janela e tá descendo pela saída de incêndio. E eu vou atrás desse branco pelado descendo os degraus correndo e gritando enquanto tento mirar nele. Eu atiro e a bala acerta o metal, produzindo faíscas. Tava

descendo praticamente de três em três degraus quando cheguei num novo lance de escadas e atirei no maluco pelado gritando. Não sei o que ele tá gritando, mas não parece socorro. Só tô conseguindo acertar essa merda dessa escada. Ele dá um pulo até o chão em vez de usar a escada retrátil no fim.

Lá vamos nós, correndo pelo beco, ele gritando como se tivesse a garganta cortada no meio, eu logo atrás dele, meio cego, a porra do meu olho direito ainda me matando. Pior de tudo é que a gente vai levantando um cheiro azedo de merda podre do chão por onde a gente vai passando. Eu tô tentando acertar meus tiros, mas só nos filmes que os filhos da puta conseguem correr e dar tiro ao mesmo tempo, e isso com os dois olhos funcionando. Todos os meus tiros seguem se perdendo no escuro, sem ricochetear nem nada. Mesmo descalço ele vai correndo bem rápido e pulando e desviando das balas no meio daquele beco escuro e quente, cheio de buracos e latas de lixo por toda parte. Eu piso em alguma coisa mole e não me dou o trabalho de olhar se era um rato. A gente sai numa rua transversal e as luzes dos postes e dos faróis dos carros fazem o branquelo congelar por tempo demais. Acerto um tiro nele bem quando ele começa a correr de novo, bem quando dois carros passam, um vindo de cada lado. Um deles para por um segundo e depois dá o fora, fazendo uma manobra brusca à direita e quase batendo num poste, depois virando pra esquerda e depois direita de novo pra desaparecer por uma rua. Não tinha ninguém na rua, o que era estranho pra caralho em se tratando de Nova York, eu pensei. Primeiro eu achei que aquele muro era esquisito, todo preto, inchado e brilhoso. Daí eu me dei conta que eram sacos de lixo, um em cima do outro, formando uma porra dum muro que cobria as duas paredes do beco, em direção à mais completa escuridão. Fui andando até o cara, peguei ele pelo tornozelo esquerdo e arrastei ele de volta pro beco.

DORCAS PALMER

Sério, você deu uma boa olhada nessa merda? Nessa capa? Um par de óculos de aro grosso e um narigão rosado. Quem foi que escreveu isso, o Groucho Marx? E, meu Deus, olha só as outras publicações dessa editora. Armas improvisadas do submundo americano e este aqui, Bombas caseiras profissionais, e o que está destinado a se tornar um clássico, Como perder sua ex-mulher para sempre. Sério, o que é isso? Eu ia dizer que você era de alguma milícia, mas você não está no Texas e, até onde eu sei, as milícias não relaxaram sua política de não aceitar crioulos.

Enquanto isso eu tô aqui tentando entender por que, exatamente, esse cara tinha achado que podia falar comigo daquele jeito dentro da minha própria casa, como se fosse ele quem pagasse as contas. Tudo bem, ele vem se comportando o dia inteiro como se fosse da minha família, mas dar esse esporro como se fosse meu pai ou meu marido já era passar dos limites. Não, ele era um velho entediado que finalmente tinha se deparado com um mistério pra resolver e tava agindo como se aquilo fosse realmente um problemão. Não, ele só achava que me conhecia só porque tava me pagando, e agora tava muito decepcionado. O que quer que fosse, esse cara tinha muito peito.

— Te acalma.

— Como assim? Você é uma fugitiva? Por que ia precisar de um livro desses?

— Não que eu te deva uma explicação, mas eu vi numa livraria e fiquei curiosa.

— Que livraria, a *Soldier of Fortune*? E aqueles pirados sabem ler?

— É só um livro.

— É um manual, Dorcas, se é que esse é o seu nome de verdade. Ninguém compra um manual a menos que pretenda usá-lo. E, julgando pelas orelhas nas páginas, você usou bastante.

— Não tenho que te dar satisfação nenhuma.

— Então não dá. Mas fala sério, é um monte de merda esse livro, né?

— Sim, um lixo completo, como você diria. Foi por isso que eu não usei pra...

— Eu disse que o livro era uma merda, não disse que você não tinha usado.

Por que é que eu ainda não expulsei esse cara da minha casa por falar desse jeito comigo? É a minha casa, caralho. Eu que pago o aluguel.

— E ninguém levanta a voz pra mim aqui dentro.

— Quê?

— Eu disse que essa é a minha casa e ninguém levanta a voz pra mim na droga da minha casa.

— Desculpe.

— Não peça desculpas. Eu é que peço desculpas.

Ele se senta.

— É a sua casa.

Uma outra versão minha diria que eu fico feliz de verdade por ele levar isso em consideração, e ficaria até mesmo comovida por alguém levar isso em consideração mesmo me conhecendo tão pouco. Mas eu não digo nada disso.

— Eu não usei esse livro.

— Bom, graças a Deus.

— Porque...

— Por quê?

— Porque a maioria das coisas que ele diz pra fazer eu já fiz. Não tem só esse livro por aí.

— O que você está dizendo?

O Sr. Colthirst puxa uma das minhas cadeiras de jantar e senta bem na minha frente. Ele tira seu casaco e eu tento parar de ficar enxergando sinais em tudo, pelo menos esta noite. Isso é uma coisa que eu peguei das americanas, essa mania de tentar interpretar tudo que um homem faz como se contivesse uma mensagem secreta pra mim. Nesse momento, ele que é a porra do fugitivo. Ele tá me olhando com a cabeça meio de lado como se tivesse me feito uma pergunta e estivesse esperando a resposta. Eu queria que ele soubesse que eu não era como aquelas pessoas que ele via no *Donahue*. Aquela gente cheia de assuntos particulares que elas tavam morrendo de vontade de contar pra treze milhões de pessoas. Diga um simples oi para qualquer uma delas e elas vão achar que têm que se curvar na sua frente e te contar tudo que elas sabem. Todo mundo quer confessar alguma coisa, mas elas não tão te contando coisa nenhuma, na verdade. Não tão revelando coisa nenhuma.

— Cemitério Flushing. Avenida 46. Flushing, Nova York.

— Hã?

— Cemitério Flushing. É onde você vai encontrá-la, se você quiser.

— Quem?

— Dorcas Palmer. Dorcas Nevrene Palmer, nascida no dia 2 de novembro de 1958, em Spauldings, Clarendon, Jamaica. Morreu no dia 15 de junho de 1979 em Astoria, no Queens. Sua morte se deu em circunstâncias trágicas, segundo o obituário, o que quer dizer que ela tinha sido atropelada por um carro. Dá pra imaginar, alguém sendo lambido por um carro em plena Nova York?

— Lambido?

— Atropelado por um carro.

— E você está simplesmente usando o nome dela e pronto?

— Claudette Colbert tava ficando muito manjado.

— Isso não tem graça.

— Eu não tô brincando. Claudette Colbert tava começando a ficar muito manjado.

— Você não pode simplesmente sair usando o nome de uma pessoa morta. Isso não é fácil de descobrir?

— Talvez você fique chocado, mas o departamento responsável pelas certidões de óbito não é exatamente um dos maiores da prefeitura.

— O que me deixa mais chocado é o seu uso consistente de ironia. Não era assim que eu me lembrava dos jamaicanos. Não me olhe desse jeito. Se você vai insistir em soltar uma bomba a cada cinco minutos, eu vou insistir em tratar essa merda toda de forma leviana quando achar necessário.

— Tá certo. Tu quer mesmo ouvir essa história.

— Você parece que quer muito contá-la.

— Não, na verdade, não. Não curto nem um pouco essa onda confessional que tá rolando por aí. Vocês, americanos, e os seus “você quer falar sobre isso?”. Jesus.

— Enfim.

— Mas enfim, isso é Nova York, e como isso é Nova York, a maioria das pessoas que morreu aqui não nasceu aqui. E não existe um grande registro nacional com todos esses nomes nos Estados Unidos. Na verdade, o departamento de registros de nascimentos e o de óbitos não tem nada a ver um com o outro, eles nem ficam no mesmo lugar. Então, mesmo que exista um atestado de óbito, não existe uma...

— Certidão de nascimento.

— E enquanto você não tiver a certidão de nascimento...

— Você pode dizer que você é quem você quiser, sem que o seu verdadeiro eu venha atrás de você. E quanto à família dela?

— Tá toda na Jamaica. Não puderam comprar passagens pra vir pro enterro.

— E o seguro social?

— Ah, isso ela tá recebendo agora.

— Ela não estava...

— Tudo que você precisa fazer é arranjar uma certidão de nascimento. Sim, eu simplesmente liguei pra um cartório na Jamaica e pedi uma cópia da minha, bem, da certidão de nascimento dela. Nem lembro quanto que eu paguei por ela. As pessoas tendem a acreditar mais no pior do que no não tão ruim, então por que não dar logo o pior pra elas? Você ficaria surpreso em quantos lugares você pode falar desculpe, mas eu perdi meu passaporte, ou simplesmente dizer que ele foi roubado. Mas eu tenho a minha certidão de nascimento.

— Acho que você teria um probleminha se o seu nome ainda fosse Claudette Colbert.

— Ou Kim Clarke.

— Quem? Quando você foi essa?

— Agora já faz tempo. Ela se foi. Em seguida, o que eu fiz foi entrar em contato com o censo requisitando todas as informações que eles tivessem sobre Dorcas Palmer.

— Ah, sim, e eles simplesmente te deram, assim, na maior?

— Não. Me entregaram por \$7,50.

— Jesus Cristo. Quantos anos você tem?

— Por que você quer saber?

— Ah, sim, isso você vai manter em segredo. O seguro social não achou meio estranho quando você foi fazer uma requisição com tanto atraso?

— Não quando você é uma imigrante. Não se você tá com a sua certidão de nascimento, mas não consegue achar seu passaporte. Não se você tem uma história comprida e chata o suficiente para que eles façam qualquer coisa pra que você vá logo embora. Se você tiver essas duas coisas, você consegue facilmente tirar uma identidade estadual. Depois

disso, com trinta e cinco dólares você consegue um passaporte, mas eu não fiz um desses. Isso tá no capítulo dois.

— Então você não é cidadã americana?

— Não.

— Nem mesmo uma residente?

— Bom, eu tenho um passaporte jamaicano.

— Com o seu nome real?

— Não.

— Cristo. O que foi que você fez?

— Eu? Eu não fiz nada.

— Isso é o que você está dizendo. Vamos lá, você deve estar fugindo dos tiras. Essa história já é a coisa mais emocionante que eu escuto desde nem me lembro quando. Que merda você andou fazendo? De quem você está fugindo? Devo dizer que acho isso tudo muito empolgante.

— Quem diria que quando você abrisse a sua porta o seu dia ia acabar desse jeito? E eu não tô fugindo dos tiras. Eu não sou uma criminoso.

— Você tem um marido filho da puta que costumava bater em você.

— Sim.

— Sério?

— Não.

— Dorcas. Ou seja lá qual é o seu nome.

— Agora é Dorcas.

— Espero que você tenha ao menos agradecido a ela pela generosidade de ter compartilhado seu nome com você.

Ele fica de pé e volta pra janela.

— Já que você imigrou pra cá usando um nome falso, vou partir do princípio que a pessoa de quem você está se escondendo está na Jamaica. Mas eles claramente têm recursos para te encontrar aqui, o que explica os nomes falsos.

— Tu devia ser detetive.

— Por que diabos você acha que está segura?

— Você tá tapando a lua. E eu tô morando aqui desde 1979 e ele ainda não me encontrou.

— Então é de um homem que você está fugindo. Você teve que abandonar seus filhos?

— Quê? Não. Não tenho filhos. Meu Deus.

— Eles não são tão ruins até começarem a falar. Quem é esse cara de quem você está fugindo?

— Por que você quer saber?

— Talvez eu possa...

— O quê, ajudar? Eu mesma já me ajudei. Ele tá bem longe de Nova York. E provavelmente não tem motivo nenhum pra vir até aqui.

— Mas você ainda está se escondendo.

— Muitos jamaicanos vivem em Nova York. Alguém deve conhecê-lo. É por isso que eu não moro perto de nenhum jamaicano.

— Mas por que Nova York, afinal?

— Eu não queria passar o resto da minha vida em Maryland, e o Arkansas não ia rolar. Além do mais, uma cidade grande é melhor, na média. Tem transporte público, então você nunca vai precisar de um carro, você nunca se destaca, a menos que pegue o metrô com um branco na cidade alta, e também tem trabalhos em que ninguém te pergunta nada. E mesmo entre um trabalho e outro você ainda precisa dar a impressão de que tá trabalhando, então sai de casa todos os dias no mesmo horário e volta mais ou menos no mesmo horário à noite. Quando eu não tô trabalhando, eu simplesmente vou até a biblioteca ou ao MOMA.

— Está explicado por que você sabe a diferença entre Pollock e Kooning.

— Porra, eu não precisava ir no MOMA pra saber disso.

— Não parece uma vida muito boa se você ainda tem que ficar se cuidando desse jeito. Você não está cansada?

— Cansada do quê?

— De fato, cansada do quê?

— Nesse momento, a minha vida é ter um lugar onde morar e trabalhar na construção do meu crédito. Praticamente tudo que tem aqui foi comprado em parcelas, muito embora eu pudesse ter pago tudo à vista. Isso tá no capítulo quatro. Olha, se esse é aquele momento em que a gente tem uma enorme catarse, sinto muito decepcioná-lo.

— Ah, decepção é a última palavra que me vem à cabeça quando penso em você, querida.

Eu devia ter dito eu não sou tua querida. Eu devia mesmo ter dito isso. Mas em vez disso eu disse:

— Tá ficando tarde. Você devia voltar pra casa.

— Como é que você pede para um distinto cavalheiro branco que já tem uma certa idade para que ele vá embora do... Onde é que a gente está?

— No Bronx.

— Hã? Que estranho, eu tinha me esquecido completamente. E como é que nós... Deixa pra lá, a natureza está chamando.

Ele fecha a porta. Seu casaco escorregou da cadeira e eu o levantei do chão. Era pesado, pesado demais prum casaco de verão, fiquei pensando. Tinha até um forro. Eu teria perdido meus pneuzinhos de tanto suar dentro desse casaco. Tô começando a dobrar ele quando vejo alguma coisa escrita no ombro esquerdo, e não parecem instruções de limpeza. Está escrito à mão, como se alguém tivesse usado uma canetinha.

SE VOCÊ ESTÁ LENDO ISSO E ESTÁ PRÓXIMO AO DONO DESTE CASACO, POR FAVOR LIGUE PARA (212) 468-7767. URGENTE. POR FAVOR, LIGUE IMEDIATAMENTE.

O telefone toca três vezes.

— Pai! Pai! Jesus Cristo, onde é que você...

— Aqui é a Dorcas.

— Que Dorcas?

— Dorcas Palmer.

— E quem diabos... Espera, você é a mulher da agência? Querida, é a mulher da agência.

— Sim, da agência. Sr. Colthirst...

— Ah, pelo amor de Deus, me diga que ele está aí com você.

— Sim, o cavalheiro está aqui. Eu só quero dizer pra você que foi ele quem insistiu pra sair de casa. Quer dizer, ele é um homem adulto que pode fazer o que quiser, mas eu não consegui deixar ele sozinho e...

— Onde vocês estão agora? Ele está bem?

— No Bronx e sim. O que...

— Eu preciso do seu endereço agora, imediatamente, você está me ouvindo?

— É claro.

Eu dei meu endereço a ele e ele simplesmente desligou. Não tinha por que ficar fazendo rodeio, como dizem os americanos. Bato na porta do banheiro.

— Ken? Ken? Olha só, eu liguei pro teu filho. Ele tá vindo te buscar. Desculpa, mas tava ficando tarde e você não pode ficar aqui. Ken? Ken? Sr. Colthirst?

— Quem é você?

Encosto a cabeça na porta porque eu tinha certeza de que não tinha ouvido direito.

— Quem é você, caralho? Sai de perto dessa merda dessa porta. Caralho, sai daí, eu disse.

— Sr. Colthirst?

Estico o braço pra pegar a maçaneta, mas ele havia se trancado por dentro.

— Sai de perto, caralho.

TRISTAN PHILLIPS

Agora, me fala a verdade. Você acha mesmo que o Josey Wales pegou um avião e veio até Nova York, com seis anos de atraso, pra dar um jeito em você pessoalmente? Não quero dizer nada, mas pra mim tá parecendo que tu tá sofrendo de um caso de autoestima muito inflada, irmãozinho. Mas, pensando bem, eu tenho quase certeza de que o motivo pelo qual o Josey me deixou quieto foi porque o que ele queria mesmo era matar o movimento pela paz. Com isso morto, ele não precisava mais matar ninguém. Além do mais, eu dei um jeito de sair do caminho dele, e ele sair do meu, afinal de contas, se ele viesse pra cima de mim seria o mesmo que vir pra cima dos Ranking Dons. Não, a gente não é tão grande quanto o Bando do Trovão, mas ainda assim ele perderia muito tempo tentando neutralizar a gente. Quanto ao Chorão, eu e ele sabemos direitinho por que ele nunca mais tentou nada pra cima de mim.

Mas o teu caso é meio diferente, meio especial. O Josey mandou dar um chá de sumiço em você e você matou o melhor homem dele. Talvez ele te respeite, ele tem uns lances estranhos nesse sentido às vezes. Talvez ele tenha esquecido totalmente de você... pensando bem, não, o Josey Wales não esquece coisa nenhuma. Ele deve ter achado que não fazia diferença se você tava vivo ou morto, quer dizer, a única diferença seria o tempo e o dinheiro necessários pra te empacotar. Ou talvez as prioridades dele tenham mudado.

Ainda assim, eu não acho que ele veio até aqui por sua causa. Tá certo que o pessoal aqui não tá assim tão por dentro das coisas, mas o Josey não é mais o cara que você disse que não conheceu seis anos atrás. Ele é um

outro camarada chamado Eubie, que tá aqui desde 1979 vendendo fumo e pó, quase conseguiram transformar o acordo deles num negócio legítimo. Quase. Eu te disse, o único motivo pelo qual o Bando do Trovão sempre vai ser maior que os Rankings Dons é porque esses moleques têm ambição. Eles têm planos. Um cara daqui me disse que o Bando do Trovão tava controlando Nova York, D.C., Filadélfia e Baltimore. Quer dizer, desde que eu tô na cadeia eles mandaram todos os cubanos de volta pra Miami. Graças a eles o cartel de Medellin nem pensa em conversar com os Ranking Dons. Tu sabe que a coisa tá feia pro teu lado quando no meio de toda essa explosão do crack tu acabou tendo que vender heroína. Mas esse Josey Wales, cara, ele é um pensador, e o Eubie é ainda mais inteligente que ele. Pra começar, os dois são espertos demais pra confiarem um no outro.

Você não parece muito convencido de que ele não tá atrás de você. Escuta, bicho, o Josey Wales não tá vindo atrás de você a menos que você tenha dado algum novo motivo pra ele fazer isso. Nenhum desses moleques tá fazendo muita questão de matar nenhum branco também, porque daí os federais iam querer investigar. Não, irmão, tu tá limpo. A menos que tu vá escrever uma matéria sobre todas essas coisas.

Um livro?

Bicho, tem gente que simplesmente pede pra se foder, né? Meu chapa, tu não pode escrever livro nenhum sobre essas coisas. Deixa eu ver se eu entendi. Tu tá escrevendo um livro sobre o Cantor, sobre as gangues e sobre o acordo de paz. Um livro sobre os bandos? Tu tá ligado que cada um deles daria um livro inteiro, né? Sobre o que que tu vai escrever, no fim das contas? Tu não tem nenhuma prova de nada. Com quem mais tu vai falar além de mim?

Escuta, tu já foi agraciado por Deus com essa. Se tu escrever um livro sobre essas coisas, ninguém vai poder te proteger. Nesse momento tu não é mais alguém com quem ele precise se preocupar. Tu tem família? Não?

Por que não? De qualquer jeito, isso não seria bom porque esses moleques não teriam medo nenhum de meter a bala na tua família. Quando tu diz que não tem família tu tá dizendo que não tem irmão, irmã, nem mãe? Porra, Pierce, então tu tem família pra caralho. Só nesse ano, esses moleque descobriram dois traficantes de Spanglers trabalhando no Bronx. Essa foi a primeira vez que o Bando do Trovão não saiu metendo a bala no lugar. Não sinhô, em vez disso eles arrancaram a cabeça dos dois moleque e depois trocaram elas de corpo. Por que que tu não faz um favor pra si mesmo e espera todo mundo morrer? Irmãozinho, a gente tá falando de membro de gangue, provavelmente tu não vai ter que esperar muito. Olha pra mim. Eu, supostamente, era o que tinha a cabeça mais no lugar. Tu sabia que eu até apareci na tevê? Duas vezes, falando sobre os conflitos e sobre a paz. Todo mundo olhava pra mim e pensava tá aí um cara que vai conseguir sair da favela. Mas... beleza, tem uma vida inteira fazendo besteira depois disso, mas... Mas até mesmo eu, o que tinha a cabeça mais no lugar, o que falava melhor, onde é que eu tô? É isso aí.

Que que tem o Josey?

Não, juventude, esse tipo de homem não vai pra cadeia. Na boa, acho que ele não vai preso desde 1975. Qual é a polícia, qual é o exército que se acha foda o suficiente pra tentar derrubar o cara? Não vejo Copenhagen City desde 1979, mas eu ouço falar dela. Meu chapa, é tipo aqueles países comunistas que tu vê nas notícias, tem cartaz e parede pintada com a cara do Papa-Lo e do Josey por toda a comunidade. As mulheres dando o nome de Josey Um e Josey Dois pros filhos delas, apesar de ele não comer ninguém além da mulher dele. Não, eles não são casados de verdade. Dá até pra dizer que esse irmão é um camarada classudo, dentro do seu próprio estilo. Mesmo assim, se tu quiser chegar no Josey tu vai ter que moer toda Copenhagen City primeiro, e olhe lá. Tu também teria que derrubar esse governo. Como assim, governo? Diz aí,

Alex Pierce, quem tu acha que deu as eleições de 1980 de bandeja praquele partido?

Sabe o que que eu tô sacando em você? Você é mesmo um repórter de verdade. Não tenho a menor dúvida. Você é capaz de chegar num lugar e coletar as informações, principalmente aquelas que as pessoas não tavam querendo te dar. Quer dizer, olha só o que tu arrancou de mim hoje. Ou tu faz as perguntas certas, ou faz um tipo de pergunta errada que faz as pessoas quererem falar. Mas sabe qual é o teu problema, ou talvez isso nem seja um problema no fim das contas? Isso só comprova que tu é um repórter. Tu não tem a capacidade de fazer a ligação entre todas essas informações. Ou talvez tu tenha, mas não saiba como usar essa habilidade direito. Isso é engraçado. O Josey Wales vindo atrás de tu por causa de uma coisa que tu nem tá conseguindo fazer. Ah, agora tu consegue? É por isso que tu tá escrevendo um livro? Mas isso porque tu entendeu tudo que rolou, ou tu ainda tá escrevendo pra tentar entender?

Eu tenho uma pergunta pra você.

Eu quero saber qual foi o momento em que a Jamaica te fisgou. Não, eu não quero saber o porquê, tu vai simplesmente tentar me passar aquele velho papinho de otário que branco sempre tenta passar quando fala sobre a Jamaica, como se ela fosse uma mina muito gostosa que te aplicou uma chave de buceta, ou alguma idiotice dessas. Um branquelo com um pau de um centímetro me disse isso algum dia, mas como você teve uma namorada jamaicana, vou entender que o seu pau deve ter mais de um centímetro. Então manda essa ideia, como dizem os americanos: qual que é a da Jamaica? As praias bonitas? Porque tu sabe, né, Pierce, que a gente não é só uma praia, a gente é um país, né?

Ah.

Obrigado por não tentar meter o mesmo papo furado de sempre. Aquilo lá é mesmo um atoleiro de merda. Quente pra caralho, o trânsito tá sempre devagar, e o povo não é sorridente, e não tem ninguém louco

pra te dizer sem crise, bicho. É uma bosta de lugar, mas também é sensual e perigoso, e também pode ser muito, muito, mas muito chato. Pra te falar a verdade, eu também não gosto. Mesmo assim, olha só pra nós. Em outras circunstâncias, a gente mal estaria esperando pra voltar. Mas é difícil, né? Deve ser difícil pra você não comparar a Jamaica com uma mulher. Parabéns, isso é muito não branco da sua parte.

Que clímax negativo, isso! É anticlímax o certo? Mas tu tem que admitir que, se o Josey Wales tivesse te esperando na frente do portão dessa prisão, essa história ficaria bem mais interessante. Pelo menos tu pode ir embora, tudo o que eu posso fazer é esperar.

Março de 1986, juventude.

Que que eu vou fazer? Eu sei lá, acho que vou pra algum lugar lá no Brooklyn pra comer ackee com bacalhau.

Haha. Como se eu pudesse sair dos Ranking Dons. Minha vida é meio parecida com a tua, Pierce. Pra gente como eu, a nossa vida já tá escrita antes da gente nascer, e sem ninguém pedir a nossa permissão. Não tem muita coisa que a gente pode fazer sobre o que Deus decide que vai largar nas tuas costas. Ah, é? É isso que chamam de fatalismo? Sei lá, irmão, essa palavra aí parece ter mais a ver com fatalidade que com destino. Sabe duma coisa, talvez tu devesse escrever mesmo esse livro. Eu sei, eu sei o que eu acabei de dizer, mas agora eu tô pensando melhor nas coisas todas. Talvez alguém precise mesmo organizar toda essa loucura, porque isso é uma coisa que jamaicano nenhum vai fazer. E nenhum jamaicano poderia fazer, irmão, ou por estar muito próximo da coisa toda ou porque alguém ia impedir. Não precisa nem chegar a esse ponto, só o medo de que alguém venha atrás de você já seria o suficiente pra te impedir. Mas nenhum de nós vai chegar tão longe. Quer dizer, que merda.

Que merda.

Porra.

As pessoas precisam saber. Elas precisam saber, eu sei disso. Teve uma vez, só uma vez, que a gente podia ter contado tudo isso, sacou? A gente podia mesmo ter contado. As pessoas tavam esperançosas pra caralho, e cansadas pra caralho, e de saco cheio pra caralho e sonhando pra caralho que alguma coisa podia mesmo mudar. Sabe, às vezes eu vejo o *Jamaica Gleaner* aqui e ele é todo em preto e branco, com uma ou outra manchete em vermelho. Quanto tempo tu acha que vai demorar pra gente ter foto colorida, três anos? Cinco anos? Dez anos? Nada disso, irmão, a gente já teve essas cores, e depois perdeu tudo. Meio que nem a Jamaica. Não é como se a gente tivesse sempre na merda e agora finalmente tivesse uma coisa pra almejar. Tinham umas coisas que tavam indo bem, mas aí foi tudo pra merda. E agora já faz tanto tempo que a gente tá na merda que tem gente que cresceu nessa merda e acha que isso é tudo o que existe. Mas as pessoas precisam saber dessas coisas. Talvez isso seja muita coisa pra você. Talvez seja muita coisa pra apenas um livro, e você tenha que deixar tudo muito sucinto, muito enxuto. Focado. Quer dizer, que isso, olha só pra mim, te pedindo pra escrever todos os motivos desses últimos quatrocentos anos pelos quais meu país sempre vai estar lutando pra sair do buraco. Você devia rir. Se eu fosse você, eu estaria rindo. Mas, bicho, você se deu conta, né? É por isso que esse lance do acordo de paz te persegue há tanto tempo quanto me persegue também. Até mesmo quem sempre esperava pelo pior ficou pensando na paz, nem que fosse só por uns dois ou três meses. Primeiro pouco, depois muito, depois a única coisa em que eles conseguiam pensar era na paz. Tipo como quando vai chover e você consegue sentir a chuva chegando pelo cheiro no ar. Olha só pra mim, eu não tenho nem quarenta e eu só fico olhando pro que eu deixei pra trás, que nem se eu fosse um velho. Mas enfim, essa década já chegou na metade, né? É nostalgia que eles dizem? Deve ser porque eu tô há muito tempo no estrangeiro. Ou talvez você simplesmente não crie novas memórias quando tá na cadeia. Que que tu acha? Tu podia me

avisar quando tiver escrito a primeira frase. Eu adoraria saber qual seria. Ah, você já tem? Peraí, irmãozinho, não me fala. Eu quero que tu escreva primeiro.

Sim, pode usar meu nome de verdade. Se não, que nome tu ia usar? Mas sim, bicho, escreve aí teu livro. Só faz um favor pra mim e pra você mesmo. Espera todo mundo morrer antes de publicar, tá falado?

JOSEY WALES

Ainda assim tenho que dar um pouco de crédito pro teu comparsa, lá, o Chorão.

Bushwick. Ainda tô tentando entender como é que os jamaicanos podem vir se enfiar numa favela cinco vezes maior, com barracos três vezes mais altos, e achar que tão melhor aqui. Qual é, será que ninguém sabe a diferença entre uma coisa boa e uma coisa ruim, só que maior? Talvez algum outro cara consiga entender isso aí. Até agora, em toda quadra que passamos tinham, pelo menos, duas casas queimadas. Na última só tinham duas casas de pé, e nada além de cães de rua, mendigos e destroços. E por toda parte, até mesmo as ruas boas, tem esse fedor que fica pairando um tempo no ar e de repente te ataca.

— É, cara, pelo menos ele se deu conta que...

— Por que que tem esse cheiro de lixeira de açougue em tudo que é canto aqui?

— Isso é Bushwick, meu querido. Todos os frigoríficos ainda ficam em Bushwick. Bom, um ou dois, pelo menos. A maioria fechou as portas e o pessoal daqui não conseguiu mais arrumar trabalho.

— E o que aconteceu com todas as casas?

— Foram incendiadas de propósito. Como eu disse: os frigoríficos fecharam. As pessoas perderam o trabalho, o valor das propriedades caiu tanto que tu ganhava mais dinheiro tacando fogo na tua casa pra pegar o seguro do que tentando vender. Esse lugar tá tão morto que nem as putas mais chulé querem morar por aqui.

— Então pra que montar a boca aqui?

— Foi aí que o teu parça Chorão foi esperto. Como eu tava dizendo, esse é o lugar ideal pra fazer isso. Por que que tu acha que os Ranking Dons querem tanto tomar isso daqui? O pessoal que tá procurando crack não quer ser visto procurando crack. Então pra onde é que eles vão? Pra um lugar que Nova York não vê. Olha ao seu redor, cara, se você quiser que as pessoas esqueçam de você, é pra cá que você vem. E monta a tua base perto da rua pra ninguém precisar ir muito longe. Não sei como é que eu não tinha pensado nisso antes. Se eu acabei de comprar meu crack, eu não quero esperar muito tempo pra acender o meu cachimbo. E com certeza absoluta eu não quero levar essa pedra de volta pro lugar de onde eu vim. Não, bicho, o teu chapa me fez pensar em montar uns esquemas nuns barracos lá no Queens, sem mentira.

Vou girando o corpo devagar pra dar uma boa olhada em tudo. Fico me perguntando o que que eu tava esperando. Ali parecia ser o lugar em que os negócios aconteciam, mesmo. Quer dizer, de que outro jeito seria Bushwick, senão assim? Mas mesmo assim. Você não percebe, até vir aqui, quanto tudo que você sabe sobre os Estados Unidos veio da tevê. As ruas são largas, mas solitárias. E pior; eu só consigo pensar que só tem eu, o Eubie e os homens do Eubie aqui.

A van já ficou duas quadras pra trás, e a gente segue andando. Na frente duma casa com as janelas lacradas com tábuas, a gente para.

— É aqui?

— É, bicho.

— Então vamos entrar. Eu vou...

— Ainda não, Josey. Tu veio até aqui pra conferir o funcionamento das coisas, então a gente vai ver como que as coisas tão funcionando.

Ele apontou lá pra baixo, na rua, mas eu não vi nada. Não até que duas pessoas saíram andando de dentro das sombras e entraram debaixo da luz de um poste. Daqui não consigo ter certeza, mas uma delas deve ser o olheiro. O outro tá com a cara escondida dentro dum capuz. O olheiro se

vira e aponta a rua na nossa direção. O encapuzado continua andando até que um segundo marmanjo faz ele parar, ou, pelo menos, tenta fazer ele parar, mas o encapuzado não para. O segundo marmanjo grita alguma coisa e o encapuzado para e volta. Mais lá pra baixo, o primeiro marmanjo já tá falando com uma nova pessoa. O encapuzado aperta a mão do segundo marmanjo e fica parado debaixo da luz do poste. O Eubie me puxa de volta pra escuridão. O encapuzado dá uma quebrada no quadril; é uma garota. O segundo marmanjo dá uns cinco, seis passos e aperta a mão de um terceiro marmanjo que sai de trás de um poste. Eu me orgulho de ter muito boa visão, e nem eu tinha visto esse cara ali. O segundo e o terceiro camaradas batem as mãos, e o segundo volta na direção da encapuzada. Ela começa a caminhar e quando passa pelo segundo marmanjo, nenhum deles para, mas suas mãos se tocam. A encapuzada passa andando por mim e segue pela rua.

— Pra onde?

— Cracolândia — diz o Eubie. — A gente pode ir lá dar uma olhada.

— Não. Chama aquele moleque lá — eu digo, e aponto pro moleque que tava invisível atrás do poste.

O Eubie chama o cara, e ele vem na nossa direção naquele passo que eu tô percebendo que é como essa negadinha americana anda, como se as mãos e as pernas tivessem que ir sempre o mais longe possível, na direção oposta uma da outra. Ele vem andando bem na minha direção e, em vez de me intimidar, ele só fica ali meio parado.

— Coé.

— Quê?

— Ele quis dizer qual é, Josey. O que é que tá rolando, o que é que tá pega...

— Eu entendi.

— É assim que os jovens falam hoje em dia, eu já não tô nem entendendo meu próprio filho, papo sério.

— Como é que tão os negócios? — eu digo.

— Caralho, é noite de sexta, como é que tu acha que tão os negócios? O pessoal recebeu e o bicho tá solto aí, ou querendo buceta ou querendo pica. As craqueira tão chupando rola por qualquer trocado e vêm direto gastar a merreca comigo. Noite de sexta, sacou?

— Faz quanto tempo que o Chorão te mandou ficar aí?

— Quem?

O Eubie riu baixinho, mas alto o suficiente para que eu pudesse ouvir.

— Chorão, teu patrão.

— Ah, tá, o Michael Jackson. Ele tá na área, pelo menos tava até umas horas atrás. Provavelmente foi pra casa dar um relax, o filho da puta teve um dia cheio.

— Como é que tu chama o teu patrão de filho da puta?

— Josey, isso não quer dizer a mesma coisa aqui. Aqui os caras chamam os irmãos de fé deles de filho da puta.

— Que porra é essa, Eubie? Não tô curtindo essa merda.

— Firmeza, cara, chega de filho da puta. Tu é louco — diz o moleque.

— Tu parece saber o que tu tá fazendo. Faz quanto tempo que o Chorão te botou de vapor?

— Tem um relógio aí?

— Sim, e daí?

— Que horas são?

— Onze.

— Faz cinco horas, então. Eu sempre fui bom na matemática.

— Quê? O que foi que tu disse? Cinco horas? Ele arrumou um novo vapor rápido desse jeito?

— Eu nunca ia confiar num novato pra ser meu vapor — disse o Eubie.

— Mas eu não sou novato não, tiozão. Eu sou o novo vapor. Fui olheiro duas semanas.

— Eu tô vendo mesmo que tu tá mandando no pedaço — eu digo. — Mas como é que tu foi promovido tão rápido?

— Porque eu sou bom pra caralho, é por isso. A coisa tá boa essa noite. Que bom, porque semana passada tava tudo uma merda.

— Fala mais — diz o Eubie.

— Senhor, eu não vou falar merda nenhuma pra esse cafetão aí — ele diz, apontando pro Eubie, sem tirar os olhos de mim.

— Cafetão? Cafetão? Quem que tu tá chamando de cafetão, ô, arrombado? Tu quer ver o que eu...

— Eubie, alivia pro pivete — eu digo. Eu não ia rir, mas fiz questão que o Eubie visse que eu tava sorrindo. Gostei desse moleque. Me aproximei dele e pus uma das mãos no seu ombro.

— Que bom. Que bom que tu tem bom senso e não abaixa a cabeça pra ninguém. Bom. Mas entende uma coisa. O Chorão tá te pagando porque eu tô pagando o Chorão. O Chorão te deixa ficar vivo porque eu deixo o Chorão ficar vivo, tu tá me entendendo?

— Pode crê, tiozão. Tu é o Don Dada.

— Mas pera lá um pouquinho, onde é que ele aprendeu isso aí, Josey?

— Os filhos da puta dos jamaicanos tão por toda parte, certo? Que nem essas putas que o teu amigo cafetão aí põe pra rodar bolsinha em Flatbush.

— Irmãozinho, eu já te falei que eu não sou cafetão.

— Quer dizer que tu usa essas roupas porque tu gosta? Caralho, mermão.

Eu podia ficar assistindo aquele maluco ficar tirando sarro com a cara do Eubie a noite inteira.

— Como é que tava semana passada? — perguntei.

— Tava firmeza. Deixa eu te dar um papo que é o seguinte: eu não sou xis nove. Só que se o filho da puta tivesse deixado as coisa tudo atirada de

qualquer jeito mais um dia, aqui já seria a boca dos Ranking Dons a essa altura.

— Quê?

— Eu tô com cara de que tô viajando? Se liga, os olheiro tavam mandando os clientes pros vapor, e os vapor tavam tentando descolar alguma coisa com os trafica, só que só tem dois trafica, e os dois tavam muito ocupados lá fumando a própria mercadoria. Cara, o que tu acha que ia acontecer?

— Tá vendo? Mesma coisa que eu te disse, Josey.

— Que que o Chorão fez?

— Tenho que tirar o chapéu pra ele, ele cuidou de tudo que nem um filho da puta. Um dos trafica mandou um papo torto lá na cracolândia e ele pegou e apagou o cara na moral. Como se ele não fosse nada. Caraaaalho. Vocês, jamaicanos, não brincam mesmo. Daí ele mandou me chamar, me promoveu e perguntou se eu tinha uns amigos a fim de levantar uns cobres. Eu disse porra, é claro que eu tenho uns amigos. E daí agora a gente tá aí na atividade, tiozão. Essa rua tá sob controle.

— Quem é que tá fornecendo a droga pros trafica?

— Acho que o teu chapa lá, o Chorão.

— Pra onde ele foi?

— Deixei ele lá na cracolândia tem horas, já. Achei que ele tinha outros picos pra dar um confere. Enfim, cara, quanto mais eu ficar aqui de papo furado contigo, menos dinheiro eu posso ganhar pra você.

— Bom, muito bom. Qual é o teu nome?

— As gatinhas me chamam de Romeu.

— Beleza, Romeu.

Fico olhando ele voltar pra lá, andando naquele passo cheio de onda.

— Todo mundo que tá na atividade ele contratou hoje? Bicho, ele não consegue nem controlar um território fundamental como esse? Não, na moral, isso quer dizer que tem dois novatos na boca cuidando da

mercadoria? A gente precisa dar uma olhada nessa boca, Josey. Fica bem ali...

— Não. Vamos dar um pulo nessa cracolândia aí — eu digo. — Onde é que tão teus homens?

— Tão na área.

— Passa um rádio pra eles se mandarem, eu quero ver esse lugar funcionando sem nenhum tipo de opressão.

A gente anda duas quadras, e depois entra à direita. O lugar se parece com qualquer uma dessas casas, com três andares e janelas lacradas com tábuas, mas faltando metade das tábuas. Que nem certas casas na cidade baixa de Kingston que, se você olhar bem, vê que elas costumavam ser chiques. Três andares, mas com degraus que te levam só até o segundo andar. Tem um monte de lixo e quinquilharia e o que parece ser um cachorro se coçando no andar de baixo. Isso e a porra duma cerca, como se tivesse alguma família morando ali e a qualquer momento alguém fosse sair para molhar a grama. Não dá pra ver porque tá escuro, mas provavelmente é feita de tijolos, que nem todas as outras casas nessa rua. A luz do poste parece um holofote apontando pros degraus. O resto da quadra é tudo escombros. Tem um cara sentado no pé da escadaria que parece que tá hipnotizado pela forma como a luz do poste desenha sua silhueta. Dois tipos de luzes diferentes lá dentro, uma branca, que varre o lugar como se fosse uma lanterna, e as luzes vacilantes de chamas, velas e cachimbos. Foi só no ano passado que eu tinha finalmente conseguido viajar até o Valle del Cauca. Agora tô do lado de fora dessa casa.

— Tu quer que a gente entre aí? — diz o Eubie. Eu não respondo. Não queria que ele interpretasse aquilo como se eu estivesse com medo, mas eu ainda não tava pronto pra entrar. Posso sentir que ele tá bem atrás de mim, só esperando alguma coisa pra fazer. Talvez o Chorão esteja aí dentro.

— Bom, então vou dar uma mijada ali atrás. Já volto.

Fico ouvindo seus passos se afastando cada vez mais. Se o Chorão estivesse esse tempo todo ali dentro, eu sei lá. Se o Chorão estivesse esse tempo todo ali dentro ele... Se o Chorão estivesse ali dentro ele provavelmente teria uma daquelas desculpas dele pra me dar. Se ele estivesse esse tempo todo ali dentro, talvez ele não devesse sair. Se...

— Ô, filho da puta, vai me passando tudo que tu tem aí. Passa tudo.

Eu me viro e sinto primeiro o cheiro dele, de suor, merda e vômito. Pedacos de jornal grudados por todo o cabelo. Era um negão, de casaco, coçando a perna esquerda. Com a outra mão ele apontava uma arma pra minha cara. Ele se contorceu todo como se estivesse com dor, olhou pra direita, depois pra esquerda, depois de novo pra mim. Ainda tava coçando a perna. Não dá pra ver direito, mas parece que ele tá descalço. Ele joga o peso do corpo duma perna pra outra e fica juntando elas com força, como se estivesse se segurando pra não se mijar.

— Tu acha que eu tô brincando, filho da puta? Tá parecendo que eu tô brincando? Olha que eu vou meter uma azeitona no teu rabo! Passa essa porra pra cá.

Ele aponta a arma mais uma vez. Passa essa porra pra cá, ele diz. Eu puxo uma nota do meu bolso da frente. Eu ia pegar a minha carteira quando ele toma o dinheiro da minha mão. Fico olhando pra ele enquanto ele aponta a arma pra minha cara. Fico vendo ele puxar o gatilho e antes mesmo que eu possa me preparar pra morrer, sinto algo me atingir na testa e escorrer pelo meu rosto.

Água.

Não.

Mijo.

O cara ri e sai correndo, sobe os degraus deixando o homem para trás, e entra na cracolândia. O cara na escadaria nem se mexe. Nem eu. Eu limpo o mijo da minha fuça. O Eubie tá voltando, e logo atrás dele tá

vindo um outro cara, correndo. O cara deixa o Eubie pra trás e me alcança primeiro.

Chorão.

— Josey! Josey, irmãozinho, que que tu tá fazendo aqui sozinho? O Eubie simplesmente te largou aqui? Que porra... ô, bicho, que cheiro é esse aí?

— Mijo, Chorão. Puta que pariu, é mijo.

— Como assim?

O Eubie chega. Nem perdi meu tempo perguntando se ele tinha ido mijar o rio Nilo inteiro. Com que que tu tá calçado aí, eu digo, olhando nos olhos dele.

— Uma nove milímetros.

— Dá pra mim. Chorão?

— Mesma coisa e uma Glock.

— Me dá a Glock.

Eu destravo as duas armas, a nove milímetros na mão esquerda e a Glock na direita, e vou na direção da cracolândia.

CHORÃO

Duas armas, uma em cada mão, que nem um legítimo fora da lei. Nada de voz, nada de som, nada de nada além dos passos. O Josey Wales começa lentamente a penetrar a escuridão em direção à cracolândia, escuta a gente vindo atrás dele, se vira, para e fica olhando. A gente para, espera até ele voltar a andar, mas o Eubie fica ali parado, e eu vou atrás do Josey. Ele vai andando rápido, os ombros corcoveando que nem se fosse um bicho. Eu queria perguntar pro Eubie o que é que tava rolando, mas continuei andando. O vento tava soprando o cheiro de mijo da camisa dele pra dentro do meu nariz. Ele passa pelo cara sentado nos degraus e atravessa a porta. As velas acesas pelo chão fazem a casa parecer uma igreja. As velas têm uma luz suave, o Josey se move de forma brusca. Um monte de lata de cerveja amassada pelo chão, só esperando por uma pedra. Papéis, tábuas e sinteco arrancado do piso, como um esfolado na pele. A luz das velas faz a pichação nas paredes dançar, um K e um S enormes na direita, tinta descascada na esquerda. No meio das duas, um outro corredor que o Josey já percorria. Ele levanta a arma na sua mão direita e, de repente, uma chama estala. Ele chuta uma garrafa de uísque, e eu venho bem atrás dele, seguindo de perto, e na direita tem um cara deitado durinho no chão, o sangue escorrendo. Banheiro à direita. Um cara branco ou latino, de cabelo liso, sentado no vaso com as calças arriadas, talvez esteja dando uma cagada, mas ele tá dando tapas no seu braço esquerdo para fazer suas veias saltarem. O Josey levanta a Glock e dá dois tiros. A segunda bala levanta o cara do vaso, fazendo ele cair no chão. Ele passa pela próxima porta aberta à direita. Tem uma lanterna presa com fita num armário, aqui

deve ser a cozinha. A lanterna tá iluminando um cara de joelhos, como se estivesse rezando. Trança nagô nos cabelos, a cabeça virada pra cima, mas os olhos fechados, uma luzinha vermelha, o crack em brasa no cachimbo, e pápápá, os tiros nunca têm som de pôu nos filmes, é sempre pápápápá. O Josey segue andando, e a casa ainda não acordou. Cada passo vai esmagando latas de cerveja e de Coca e caixas de pizza e de comida chinesa, e garrafas de cerveja litrão e merda seca, e ele segue pisando firme e passa por um outro corredor com um cara encostado no marco da porta, de costas pra gente, e em volta da sua cintura duas mãos negras tiram o seu cinto e depois abrem os botões. O bebê dela tá preso nas costas, chupando uma chupeta enquanto ela chupa um pau. O Josey mete um caroço no cara, e ele despenca sobre a porta, e fica de pé, e ela segue chupando o pau dele com força, e tira da boca e começa a bater nele porque ele ficou mole, e se ele não gozar, ela não vai receber o dinheiro. O Josey sai andando e eu saio andando atrás, deixando ela lá, colocando o pau de volta na boca. A gente entra na sala, quem é que tu tá procurando, eu penso em dizer, mas não digo e à direita tem uma negra de sutiã branco, alça esquerda pendurada, fumando. Atrás dela um cara de calção branco, sem camisa, ou talvez fosse uma camisa preta, tava muito escuro, mas dava pra ver o cigarro aceso na ponta e pápápá e o cara despenca no sofá. A negra se vira pra olhar e depois olha pra mim. Daí ela se vira de novo, e olha, e começa a gritar. Foi só o que precisou, um grito levou a outro grito e, iluminada pela luz das velas, uma branca começou a gritar, mas derrubou a seringa no chão e mergulhou atrás dela, mas bateu com a fuça primeiro e fincou a agulha no lábio inferior, mas, mesmo assim, ficou jogando lixo prum lado e pro outro atrás dela, e um monte de gente em volta começou a sair do escuro e agora tá mancando e pulando e rastejando e correndo. Então o Josey levanta as duas armas e senta o dedo, e as pessoas correm e tropeçam e caem e um marmanjo vem correndo pra cima do Josey, mas sua cabeça explode e ele cai durinho que nem uma

árvore e uma mulher corre e se atira pela janela dos fundos, mas a gente tá no segundo andar, e eu tenho certeza que ela foi gritando até lá embaixo, e eu espero que ela não tenha caído de cabeça, e um cara usando um boné de beisebol e uma camisa xadrez segurando uma cerveja litrão dentro dum saco de papelão saiu por uma porta lateral e disse que porra é essa e levou dois tiros no peito e a garrafa caiu e se estilhaçou e tinha dois lá dentro, um moleque de pele clara e cabelo enrolado e uma mulher vestindo uma boina, pronta pra dar a primeira tragada no cachimbo de crack quando a bala atravessou sua testa e o cachimbo caiu e filha da puta você derrubou a porra do cachimbo, você derrubou a porra do cachimbo, dizia o moleque de cabelo enrolado. Mas o Josey seguiu em frente e a casa foi se esvaziando, e eu queria segurar ele e dizer mas que porra tu tá fazendo, mas o Josey mergulhou no escuro e subiu as escadas ficando sempre à esquerda pra continuar no escuro, alguns degraus foram se quebrando à direita e eu fui atrás dele. Um homem apareceu bem no topo da escada e ele atirou com as duas armas ao mesmo tempo e o homem caiu por cima do corrimão, e uma mulher pegou o filho e entrou correndo num quartinho e bateu a porta bem quando o Josey atirava três vezes nela. Ele arrancou a maçaneta com um chute e entrou no quarto, e tinha um negão comendo com força uma mina em cima dum colchão e pápápápá e o cara desabou por cima da mulher, que teve que sacudir a loucura do crack da cabeça pra só então começar a gritar. Um homem correu pela porta e o Josey correu atrás dele gritando arrombado! Ele saiu correndo pela porta e atirou no cara com a arma direita, depois com a arma esquerda, e a esquerda pegou no pescoço do cara, perto da orelha, daí a direita pegou no ombro, esquerda na parte de trás da cabeça e direita nas costas e esquerda no pescoço e ele caiu de joelhos e a esquerda arrancou um naco da sua cabeça e a direita acertou uma parte que tava no escuro, mas saiu sangue pela sua boca, e ele caiu e pedacinhos de jornal voaram da sua cabeça. O Josey vai andando pra cima do marmanjo e segue

metendo bala nele, até que as duas armas começam a clicar vazias. Mesmo assim ele continua puxando o gatilho, fazendo clic clic clic. Josey, eu digo, e ele se vira depressa, aponta a arma pra minha cabeça e clica. Ele fica ali, parado, com a arma apontada pra minha testa, e eu fico ali, parado, olhando, e eu endireito as minhas costas e solto o ar e encolho a barriga. Me dá tua outra arma, ele diz. Ele vai até o marmanjo, rola ele pro lado e tira o dinheiro de dentro do seu bolso. Depois ele volta até o quarto com a mina choramingando debaixo do peso morto do homem, porque ele era um homem muito, muito grande, e atira mais uma vez na cabeça dele. Daí o Josey desce as escadas e vira pra entrar no quarto e dá um tiro e sai e eu olho pra dentro e o moleque de pele clara tá passando a mão na barriga da mulher grávida e chorando. O Josey passa pelo cara que sangra pelos olhos e dá um dois pá-pá na cabeça e a gente passa pela branca na sala com a seringa pendurada no lábio, ainda de quatro, vasculhando o lixo e procurando pela seringa. E a gente passa pelo quarto e a mulher de sutiã branco tinha sumido, mas o cigarro do homem ainda tava aceso, e o Josey deu um tiro na cabeça dele e a gente passou pela última porta e o maluco ainda tava encostado nela e a mulher ainda tava chupando o pau e o bebê ainda tava agarrado na blusa dela e ela ainda tava puxando o pau e dizendo fica duro, baby, por favor, e ainda tava chupando e a gente passou por ela e passou pelo homem com a trança nagô e ele ainda tava respirando com dificuldade e gargarejando sangue e saliva e se afogando e a luz da lanterna mostrava o sangue jorrando do seu pescoço. O Josey encostou a arma na testa dele e atirou e depois foi até o banheiro e meteu uma bala no branco/latino e finalmente a gente tava perto da saída e ele esqueceu do último cara que tava se injetando bem do lado do corpo do homem que eu tinha matado horas atrás, e saiu pela porta da frente e a noite engoliu ele e eu fiquei parado um tempão e depois saí correndo pela porta e desci os degraus. O marmanjo sentado na escadaria tinha sumido. Eu vou andando até o Josey e o Eubie, e o Josey se vira e aponta a arma

pra mim mais uma vez. Ele ficou apontando a arma pra minha cabeça por muito tempo, o suficiente pra eu começar a contar os cliques até que deu o clique.

Josey?

Josey?

Que que é isso, irmãozinho?

Josey? Que que é isso?

Daí ele nem me devolve a arma, só larga ela no chão e sai andando. O Eubie se vira pra sair andando também, mas daí ele para e se vira pra mim mais uma vez. Eu não consigo ver seu rosto.

DORCAS PALMER

*Eu sei lá, mas, puta merda, tô chegando à conclusão de que o cabelo da Heather Locklear tá mais bonito em *Carro Comando* do que em *Dinastia*. Ou talvez eu simplesmente não goste do fato de que a única mulher em *Dinastia* que teve que lutar por suas coisas é a bandida, e ela nem chega a ser uma bandida de verdade, tipo a Alexis Carrington, já que ela não tem grana, então, na boa, ela é só meio que uma trombadinha. É por isso que aquele cabelo cu cagado dela não deu certo naquele seriado. Além disso, quando ela aparece em *Carro Comando* ela me faz querer usar um uniforme. Quem sabe até virar uma policial feminina mesmo, porque é caro pra caramba ficar usando roupas atraentes o tempo todo, mesmo quando você não tá se esforçando pra ficar bonita. Às vezes você só quer usar uma camiseta que deixe bem claro pros homens que você tem seios.*

Ele ainda tá no banheiro. É estranho como eu fiquei chamando ele pelos últimos, o que, cinquenta e cinco minutos? Quer dizer, eu não sei quem diabos tá no meu banheiro. O lance é o seguinte, quanto mais eu tento entender o que tá rolando, menos sentido faz, então o melhor que eu posso fazer é simplesmente não pensar nisso. Que nem aquele cara no *Crime e castigo*, que o Dostoiévski fala que ele tá além do pensamento, ou uma coisa assim. Eu juro por Deus que às vezes eu queria ainda ser aquela mulher que lia seus livros perdida num ônibus indo pra qualquer lugar na cidade. Em algum ponto aquilo começou a parecer forçado, como se eu tivesse tentando fazer alguma coisa, o que não era um problema até eu começar a me perguntar o que, exatamente, eu tava tentando fazer. Acho que, pra tudo, você precisa ter uma meta, no fim das contas. Não sei de

que porra eu tô falando. Mas enfim, esse cara ainda tá no meu banheiro, que nem se fosse *O Iluminado*, e eu aqui fora prestes a entrar em ação que nem o Jack Nicholson. Esse tempo todo eu tô tentando entender que problema de saúde um homem tão robusto poderia ter e nunca, em nenhum momento, me ocorreu que o seu problema claramente não era físico. É fantástico como eu atraio confusão. Eu juro por Deus. Mas, pelo menos, se ele se trancou dentro do banheiro, ele não deve se transformar num assassino segurando um machado. Pelo andar da carruagem, eu sou o assassino do machado nessa história.

Quer dizer, isso não faz o menor sentido. Não, isso vai te fazer pensar de novo. Que tal o seguinte: tem um homem dentro do meu banheiro que precisa sair de lá. Não consigo tirar ele de lá pra que sua família venha buscá-lo. Agora eu posso ter alguma paz, se eu me concentrar somente nos fatos dessa situação. Eu gosto de como isso simplesmente reduz tudo a uma coisa com a qual eu não preciso me preocupar. Eu gosto de reduzir. Resumir. Editar. Deixar pra trás. E chega de metáfora pra falar das merdas desnecessárias que eu quero cortar da minha vida. E nesse momento, toda a merda desnecessária que eu tenho tá trancada dentro do banheiro.

Dois barulhos que eu conheço. Janela deslizando pra abrir e de volta pra fechar. Mas tem uma grade pra evitar que as pessoas saiam e, além disso, estamos a cinco andares do chão, o que eu acho que ele não se lembra. Ele tá tentando fugir. Quanto tempo vai demorar até ele criar coragem pra botar essa porta abaixo e sair pra lutar? Será que ele veria que só tem uma mulher na casa e iria embora? Ou tentaria me bater? Sei lá, esses ex-soldados aí. Sabe como é. Todo mundo nessa cidade parece que tá prestes a perder a cabeça a qualquer momento. Quer saber? Eu vou ficar sentada nesse sofá, alisar o tapetinho de veludo cobrindo o seu braço e terminar de assistir *Carro Comando*. Eu vou ficar aqui sentada e esperar até que o filho dele, ou seja lá quem for, apareça, muito embora

levando em conta que eles tiveram que me ligar três vezes até entender o endereço, quem é que sabe quando é que eles vão chegar?

Talvez eu deva perguntar se ele precisa de alguma coisa. É isso que as pessoas sempre perguntam nesses programas de tevê. Certamente não vou perguntar se ele quer falar sobre isso. Talvez eu devesse dar uma arrumada no meu apartamento, já que tem gente vindo aí. Claro, como se eles fossem prestar atenção no lugar. Eles não vão nem reparar no tapete de banheiro em que ele tá sentado em cima. Talvez ele esteja sentado na privada, ou talvez na borda da banheira, não sei. O que é que ele tá fazendo lá? Jesus Cristo, ele era um velho tão normal até umas horas atrás, tão normal e tão legal e todas aquelas palavras das quais hoje em dia os homens não merecem mais ser chamados, tipo jovial, cortês, e mais uma terceira que não me lembro agora. Quer dizer, ele era quase... quer dizer, eu fiz tudo que eu pude pra não pensar nele desse jeito, porque pensar num homem desse jeito nunca acaba bem, e veja só, as coisas não acabaram bem mesmo assim. As lésbicas devem ser as pessoas mais satisfeitas do planeta. Talvez eu devesse ir até a porta e dizer pra ele o seu filho tá vindo, exceto que “vai se foder, quem quer que você seja” não foi muito engraçado da primeira vez que eu ouvi, e não vai ficar mais engraçado da segunda. Fiquei me perguntado qual de nós dois tinha acordado de um pesadelo.

Esperar pra ver ou ver e esperar? Nunca tinha pensado em inverter essa expressão. Como se a gente tivesse esperando algum tipo de ação, mesmo que na maioria das vezes a ação aparentemente só me faça esperar. Fico olhando pra porta e esperando ele sair, talvez armado com o meu desentupidor, ou o meu secador de cabelo, ou o meu modelador de cachos, e talvez ele se dê conta de que eu sou uma mulher e pense que pode, na pior das hipóteses, me dar uma surra. Engraçado que os Colthirsts se esqueceram de mencionar que eu teria que lidar com um maníaco. Que conveniente. Muito embora se eu tivesse dito que...

Uma batida na porta. Lá está a Sinhá Colthirst usando um lenço na cabeça de um jeito que parece que ela tá escondendo seus bobes, e um casaco cor de camelo pesado, porque isso faz muito sentido numa noite de verão. Ela sussurra um pelo amor de Deus quando passa por mim, e vai entrando sem nem me olhar. Como eu tô bastante certa de que não tenho mais um trabalho e, portanto, não preciso mais ser educada com gente branca grosseira, eu tava a ponto de dizer praquela vadia toda arrumadinha que era melhor ela me respeitar na porra da minha casa quando o filho chegou no topo da escada, bem na frente da minha porta.

— Peço mil desculpas por tudo isso — ele diz. Ele também não espera que eu o convide para entrar. Agora eu tô me sentindo como se eu fosse um estranho dentro da minha própria casa. Eu tô realmente pisando com cuidado quando caminho, e torcendo pra não fazer muito barulho enquanto eles se reúnem na porta do meu banheiro.

— Papis, ai, Papis, isso é tão ridículo. Saia daí.

— Vai se foder, sua pistoleira.

— Papai, você sabe que eu não gosto que você fale assim com a minha esposa.

— Eu tenho nome, Gaston — ela diz.

— Um problema de cada vez, querida. Papai, você pode sair agora? Você não está em casa, caso não tenha percebido.

— Quem diabos me trouxe aqui?

— Papis, é só porque você não tomou seus remédios.

— Por que é que essa vadia esganiçada fica me chamando de papis?

— Você foi ao nosso casamento, Papai, não faça de conta que esqueceu disso também.

O filho olha pra mim e mexe os lábios pra dizer mil desculpas por tudo isso.

— De qualquer modo, Papai, nós precisamos mesmo devolver o apartamento da Srta. Palmer pra ela. Ela já aguentou o suficiente.

— Como é que eu vim parar aqui?
— Você não foi sequestrado, Papis.
— Eu sei que eu não fui sequestrado, sua vadia burra, você acha que essa negrinha aí poderia ter me sequestrado?
Negrinha?
— Papai, nós já conversamos... Pai? Nós já conversamos sobre esses seus apagões, lembra?
— Onde eu estou?
— Você está no Bronx, Papis.
— Puta merda, quem é que apaga e vai parar no Bronx?
— Pelo jeito, você, Papis.
— Será que alguém pode mandar essa vadia calar a boca?
— Tá bom, agora já chega, Papai. Para com isso e sai daí.
— Você é uma piada.
— Tá bom, Papai. Tá bom. Eu sou uma piada. Quem é o adulto que de repente se deu conta de que tá no banheiro de uma mulher no meio do Bronx e não tem a menor ideia de como é que foi parar lá? Eu sou uma piada? Escuta, Papai, eu não sei como é que você veio parar no apartamento dessa coitada e, na verdade, eu não quero nem saber, mas a menos que você queira que ela ligue pra polícia pra que eles arrastem o seu traseiro até a cadeia por invasão de domicílio, ou coisa pior, sai logo dessa porra desse banheiro pra que a gente possa ir embora, que merda.
— Eu não vou...
— Agora, Ken!

A esposa vem na minha direção. Essa poltrona é do estilo Dinamarquês Moderno?, ela pergunta. Eu digo não, mas o que eu realmente queria dizer era que aquilo era tão moderno que tinha sido jogado na rua há questão de dias. Ela é que nem todas as ricas do mundo, incluindo a Jamaica. Se não fosse pelo colar de pérolas, elas nunca saberiam o que fazer com suas próprias mãos. Ken finalmente sai do banheiro, mas

ninguém precisa me dizer que eu não posso mais chamá-lo assim. Ele parece o mesmo, a não ser pelo seu cabelo, que não parece mais pertencer a um astro do cinema. Parte dele tá cobrindo a sobrancelha esquerda. Ele endireita as costas e começa a sair andando da minha casa com as mãos pra frente, como se alguém o tivesse algemado. Gail, querida, você levaria Papai até o carro?

— Sério, querida, eu acho que eu preciso trocar uma palavrinha com...

— Eu não vou a lugar nenhum com essa vadia.

— Puta merda, vocês dois, saiam da casa dessa mulher e entrem na porra do carro. Agora.

A esposa vai embora agarrada em suas pérolas, parece que ela tá usando o colar para puxar a si mesma. O Sr. Colthirst para e olha pra mim, não daquele jeito, de cima a baixo, que os esnobes olham, mas bem nos meus olhos. Eu desvio primeiro. Não fico olhando ele partir. O filho se senta.

— Acho que a gente não se conheceu — ele disse.

— Não. Você tinha saído pro trabalho.

— Isso. E você é a Dorcas, certo?

— Sim.

— Como foi que ele chegou aqui?

Eu não sabia se respondia ou lidava com o fato de que ele também se parecia com o Lyle Waggoner. Fiquei me perguntando se ele ficaria feliz ou furioso se eu dissesse que eles pareciam ser irmãos.

— Foi ele quem quis sair. Eu não tinha como impedi-lo, tudo que eu pude fazer foi segui-lo para garantir que ele não se metesse em nenhuma encrenca.

— Mas o Bronx. A sua casa.

— Quer saber? Eu não preciso te responder. Vocês aí ligaram pra agência errada, pelo menos foi o que pareceu. Foi ele quem quis comer aqui no Bronx. Eu não precisava ter seguido ele.

— Ei, eu não estou te julgando, dona.

— Não aconteceu coisa nenhuma.

— Senhorita Dorcas, eu realmente não dou a mínima. Então, você sabe qual é o lance do meu pai?

— A Sinhá não chegou a me explicar nada, mas eu imaginei que ele tinha que ter alguma coisa pra vocês terem ligado pra minha agência.

— Todo dia é um novo dia pro papai.

— Todo dia é um novo dia pra todo mundo.

— É, mas tudo que acontece é sempre novidade para ele. Meu pai tem um distúrbio.

— Não sei se eu tô entendendo.

— Ele não se lembra de nada. Ele não vai se lembrar do que aconteceu ontem, nem hoje. Não vai se lembrar de ter conhecido você, do que ele comeu no café da manhã. Amanhã, na hora do almoço, ele nem vai se lembrar de ter estado no seu banheiro.

— Parece uma dessas doenças de cinema.

— E já dura muito, muito tempo. Ele se lembra de algumas coisas, como amarrar sua gravata e seus cadarços, onde fica o seu banco, seu número do seguro social, mas o presidente ainda é o Carter.

— E o John Lennon ainda tá vivo.

— Hein?

— Nada.

— Não importa se você disser pra ele, não importa o que você disser pra ele, no dia seguinte ele terá esquecido. Ele não consegue se lembrar de nada desde abril de 1980, mais ou menos. Então ele se lembra dos seus filhos, ele lembra que odeia minha esposa por causa de uma discussão que eles tiveram, mas, todas as manhãs, nossos filhos são como se tivéssemos feito uma surpresa pra ele. E pra ele, mamãe morreu há dois anos, não seis. Ele também não acredita quando você explica todas essas coisas pra ele e, quer dizer, por que acreditaria? Quem é que quer se sentir

devastado todas as manhãs? Pelo menos, graças a Deus, ele não se lembra disso, também. Quer dizer, você viu como ele olhou pra você, alguém com quem ele passou o dia inteiro. E na porra do Bronx.

— O que aconteceu com ele?

— É uma história muito longa. Acidente, doença. Depois de quatro anos, isso não tem a menor importância.

— Ele nunca lembra o que ele esquece.

— Nunca.

— E tá ficando pior?

— Na verdade, não sei.

Eu tô achando que nem é tão ruim assim.

— Acho que você precisa saber que foi por isso que a última antes de você desistiu.

— Sério? Não foi isso que...

— Hein?

— Deixa pra lá. Ela se demitiu?

— Sim, eu acho que depois de algumas semanas aquilo a pegou de jeito, ter que ficar se apresentando todo dia pra um velho rabugento que não sabe por que ela está lá. E mesmo assim, ela não conseguia não tratá-lo como se ele não estivesse doente, mesmo que fosse exatamente por isso que ela estivesse ali. É praticamente como esperar uma bomba explodir todo santo dia.

— Ele não é velho.

— Hein? Não... Acho que não é. De qualquer jeito, precisamos levá-lo para casa. Nós vamos ligar para a agência amanhã e explicar que não foi sua culpa e que nós precisamos de uma nova...

— Não.

— Hein?

— Não liga pra agência. Eu quero o trabalho.

— Tem certeza?

— Sim, eu tenho certeza. Eu quero.

JOHN-JOHN K

Meu Deus, mas que filho da puta mais desleixado. Acertei ele assim que ele passou pela porta. Bem, eu nocauteei ele. Talvez ele devesse ter acendido a luz assim que entrou. Agora eu tinha posto ele sentado no seu próprio banquinho, que nem um burro de escola, com as mãos amarradas atrás das costas. Pensei em dar umas porradas nele. Mas eu sei lá, talvez fosse porque ele era o cara errado na hora errada, ou talvez eu só quisesse... eu sei lá.

— Tu é o Chorão? — eu disse.

— E tu é quem, porra? — ele disse.

Eu rosqueei o silenciador de volta.

— Ah, é isso que tu é. Tu parece alguém que eu conheço. Eu te conheço?

— Não.

— Tem certeza? Eu não me esqueço das pessoas. Sempre que um cara aparece eu marco a cara dele, só pro caso dele...

— Bancar o engraçadinho?

— Só pro caso dele estar armado. Que arma é essa aí?

— Uma nove milímetros.

— Pistolinha de arrombado. E eu vou acabar assim, sendo morto por uma arminha de viado.

— Viado?

— Isso aí é uma sacanagem.

— Quê? Por que é que tu não cala a tua boca?

— Então por que é que tu não me amordaça se tu não quer que eu fique falando? Se eu quiser eu posso gritar assassino.

— Vai nessa, Kitty Genovese.

— Quem que é isso aí?

— Deixa pra lá.

— Tu tem uma coisa pra me dizer, não tem?

Eu puxo uma cadeira na frente dele.

— Cigarro? — eu digo.

— Bicho, eu preferia dar uns pega na massa, mas taca esse crivo aí na minha boca, né?

— Vou entender isso como um sim.

Enfio um cigarro na minha boca, outro na dele e acendo os dois.

— Tu deve ser o primeiro matador branco que eu já vi. E eu nunca tinha te visto lá na casa deles. Mas eu sei que eu já te vi antes. Talvez tu tenha ido pra Jamaica como turista.

— Não.

— Eu conheço todo mundo que trabalha pra Griselda, e eu não te conheço.

— Como é que tu sabe que foi a Griselda que me mandou?

— Pensei em todo mundo que quer me matar e tirei os que não têm grana pra mandar fazer.

— Ah. E qual é o teu lance com a Griselda?

— Aquela vigarista daquela pistoleira de merda daquela puta maluca. Ela sabe com quem que ela tá mexendo? Faz um tempão que eu fui enviado lá da Jamaica pra criar a conexão de distribuição entre Colômbia e Miami. Eu não aguentava trabalhar com aquela filha da puta. Mas eu já devia imaginar que quando eu mandei ela enfiar aqueles pés de criança dela na buceta ela ia levar aquilo pro lado pessoal. Aquela piranha achou que podia dar um tapa na minha cara só porque o carregamento atrasou uma vez. Quando correr a notícia de que ela começou a morder a mão

que dá a ela o de comer, eles vão enforcar ela pelo grelo, tá me ouvindo? Ela vai... mas peraí. Ela não se mete com branco. Ela não confia em branco nenhum. Como é que ela tá trabalhando com tu?

Ele tosse e eu tiro o cigarro da boca dele. Quando ele para e respira fundo duas vezes, eu coloco o cigarro de novo, no canto da boca, que nem um desses gângsters de cinema.

— Meu santo simplesmente não bate com o daquela vadia, sabe como é.

— Hã?

— Griselda! Eu não consigo entender qual é a dela. Se não fosse por mim, ela ainda estaria lidando com os cubanos. Quer dizer, ela sabe o que ela vai arrumar pra cima dela se ela me matar? O que é que ela acha que vai acontecer quando o Josey Wales ficar sabendo disso? Que vadia de merda. E tu é quem mesmo?

— Ninguém. Alguém fazendo um favor.

— Tu não pode ser ninguém e alguém ao mesmo tempo. Talvez tu seja algum ninguém, haha.

— Que tipo de nome é Chorão?

— Melhor que quatro olho.

— Engraçado. Quer outro cigarro?

— Não, essa porra vai acabar te matando. Aquela puta. Aquela puta. Quanto eles tão te pagando?

— Bastante.

— Te pago o dobro. Tu quer pó? Posso te dar duas casas cheias de pó. Tu vai viver que nem o Elvis pelos próximos dez anos. Tu quer buceta, eu te arrumo a buceta que tu quiser em Nova York, até a buceta que ainda não virou buceta. Ou talvez tu queira rabo.

— Rabo?

— Ânus. Reto. Um buraco cheio de merda.

— Ah, entendi.

— Não tô nem aí pro que as pessoas querem fazer. Tá cheio de cara aí que fica tocando o terror e depois fica de quatro pra outro cara comer o rabo dele. Pode fazer o que quiser, eu só quero saber do dinheiro. Escuta só essa, saca um chapa que manda num bairro do PNP? Um fulano que eles chamam de Funnyboy? Fazia os marmanjos chuparem o pau e o cu dele o tempo todo, e depois atirava neles.

— Que foi que tu disse?

— Foi isso que eu disse.

— Mas, puta merda, que desperdício de boca se algum deles chupava gostoso. Tu tá rindo, mas eu tô falando muito sério.

— Quantos anos tu tem?

— O suficiente.

— Tu é um moleque. Tu é um novato. Essa porra aqui. Eu tô todo amarrado pra tu me matar, isso não faz o menor sentido. E não fica achando que vão te deixar sair vivo dessa. Depois do assassinato vem a limpeza, e aí tu vai feder mais que o lixo da semana passada.

— Eu vou sobreviver.

— Tu tá morto assim que tu puxar o gatilho. Que que ela tá te pagando? Eu te pago o dobro, o triplo, sabe como é.

— Olha, esse é o problema. Tu pode pagar o dobro, o triplo, o quádruplo, o quádruplo, o quádruplo, que o valor vai ser sempre o mesmo.

— Quê? Ela não tá te pagando nada? Tu tá fazendo isso de graça? Tu é uma puta ainda mais maluca que aquela vagabunda feiosa. Vocês são tudo louco. Louco, louco. Eu matei um monte de gente, e foi tudo por causa dos negócios. Vocês aqui tão acostumados a ter um suprimento ilimitado de bala. Em Jamdown, na Jamaica, tu tem que fazer a bala render, porque o carregamento nem sempre chega a tempo. Aí, me fala o seguinte: quem é que vai fazer o transporte dos carregamentos agora que ela tá apagando a conexão jamaicana? Ela acha que vai voltar a trabalhar

com aqueles viados daqueles cubanos? Ela tentou matar seis deles numa boate duas semanas atrás.

— Tu tava sabendo disso?

— Claro que eu tava sabendo disso. E tu tá fazendo isso de graça. O que é que eles têm contra tu? Tu pegou ela chupando buceta?

— A Griselda é sapata?

— O Johnny Cash se veste de preto? Ela tá sempre de conversinha com tudo que é stripper, e quando enche o saco delas é uma bala e o meu muito obrigado, dona. Ela e o Funnyboy deviam montar uma dupla sertaneja.

— Isso seria engraçado pra caralho.

— Ela é uma vadia maluca, tu sabe. Mas até agora não tinha deixado isso interferir nos lucros dela.

— É que essa execução não é dela.

— Quê?

— Ela só tá armando o esquema, meu velho.

— Como é que tu sabe isso?

— Foi você mesmo quem acabou de dizer que não fazia o menor sentido ela mandar te matar. Pelo jeito tem alguém apagando os rastros que levem até você.

— Não sinhô. Tu tá falando besteira. Não tem nenhum jamaicano por trás disso. Mesmo se tivesse, as coisas não iam acontecer desse jeito.

— Tu pode dizer que alguém fez uma oferta que ela não teve como recusar. Não é nada pessoal. Ouvi dizer que ela só tem elogios pra você.

— Pois ela que vá sentar numa garrafa de Pepsi.

— Não, sério. Provavelmente isso não é da minha conta. Alguém fez uma oferta que ela não teve como recusar. Sacou? *O Poderoso Chefão*? Não? Porra, tu tá cortando o meu barato, tiozão.

— Então é por dinheiro?

— Jamaicano é foda. Vocês não são muito bons de ironia, né?

— É por dinheiro ou não?

— Não é por dinheiro. Nem pra ela, nem pra mim. Eu só tava na porra do lugar errado na merda da hora errada. Acabei me arrumando a porra do inimigo errado.

— Maior que ela? É um patrão colombiano? Mas eles não querem me matar. Eles são mais focados nos negócios que ela. Foi o Josey quem entrou em contato com eles a primeira vez anos atrás, não ela.

— Acho que eles são maiores que a Colômbia, também.

— Aí só sobrou Deus. É Deus, não é? Ha, e qual anjo que tu é? Gabriel? Miguel? Eu devia ter passado sangue de cordeiro na minha porta.

— Haha. Queria que alguém tivesse me avisado sobre essa porra dessa cidade.

— Qual é o problema de Nova York? Tô vivendo meu sonho aqui, irmãozinho.

— Viveu.

— Arrombado.

Nós dois rimos.

— Mal posso esperar pra dar o fora dessa cidade — eu digo.

— Pra quem tu vai voltar correndo?

— Hã? Por que que tu perguntou isso?

— Essa xaninha aí deve ser apertadinha pra caralho.

— Xaninha?

— Buceta.

— Ah. É, acho que dá pra dizer que sim.

— E tu ama essa piranha?

— Quê? Caralho, que pergunta de merda.

— Parece que a resposta é sim.

— Tu tá perdendo seu tempo.

— Me fala sobre a tua mina.

— Não.

— Que é que eu vou fazer? Contar pro *National Enquirer*?

— Tu tá perdendo seu tempo.

— Eu já te disse. Não sou o único cara aqui fazendo hora extra no mundo.

— Cala a boca.

— Ela é gata?

— Não.

— Tu gosta das mais brutalhona?

— Não.

— Então ela é uma gostosinha. Qual que é o nome dela?

— Rocky. Thomas Allen Bernstein, mas eu chamo ele de Rocky. Dá pra você fechar essa matraca agora?

— Ah.

— Pois é, e eu não sou obrigado a ficar te ouvindo falar merda.

— Então, ele é gato?

— Mas que porr...

— Bom, se tu vai ser viado, melhor que tu pegue os melhores rabos.

— Rabo? Ah, é, tu me falou. Ha, ele tem mesmo um rabo bem bonitinho se parar pra pensar.

— O rabo é a primeira coisa que tu olha? Talvez na verdade tu seja jamaicano.

— O rabo dele é bonitinho. E o rosto também. Covinhas, o cara tem covinhas. Ele gosta de tirar a barba, mas eu preferia que ele deixasse. E as mãos dele parecem as de um cara durão, mas ele nunca teve um dia de trabalho duro em toda a vida. Mas ele ri que nem a porra duma fuinha. E ele ronca. E...

— Beleza, bicho, agora já chega de viagem, também.

— Foi uma boa perda de tempo, pelo menos. Tu é o primeiro homem nessa cidade de merda com quem valeu a pena conversar.

Eu me levanto e vou para trás dele. Enfio a arma no meio dos cabelos, até que ela toca seu crânio.

— Alguém tava aqui quando você entrou? Tinha alguém aqui?

— Não.

— Ah. Ótimo. Que bom.

Tô quase puxando o gatilho.

— Espera! Espera! Espera aí. Cumé que tu vai me passar assim? Eu não tenho nem direito a um último pedido? Me dá um pó. Só uma última narigada. Tem um papelote ali atrás da mesinha da tevê que já tá aberto. Uma última. Pelo menos não vou estar nem aí se eu levo tiro ou não.

— Porra, cara, eu tenho que ir embora dessa cidade.

— Tu não pode abrir a porra dum papelote e esticar uma carreirinha pro irmão? Estica uma carreirinha pro irmão, bicho. Bate uma carreirinha aí.

— É assim que os jamaicanos fazem? Em Chicago ninguém que vende usa, pelo menos não da sua própria mercadoria. Quando isso rola, é sempre o começo do fim.

— É por isso que vocês, branquelinhos, tão sempre com essa cara aí de sofrimento. Vocês nunca se divertem. Tu não vai me dizer quem é que mandou me matar se não foi ela?

— Não sei, velho. Tu vai cheirar isso aí?

— Estica uma pra mim? Tô com as mãos meio ocupadas aqui, se você não percebeu.

Eu acho o papelote, aliás um saco cheio de papelotes entre a mesinha da tevê e a parede. Abro um deles com um canivete suíço, e deixo o papelote cair. A cocaína se esparrama.

— Agora bate uma carreirinha, né, patrão — ele diz.

Eu junto um pouco de cocaína usando dois dedos e faço uma linha do tamanho de um charuto na mesa.

— Tu tá vendo algum elefante por aqui que tu tá a fim de matar?

— Isso aí deve te chapar.

— Isso aí chaparia Flatbush inteira.

Faço uma nova linha, do tamanho de um fósforo.

— Isso vai ser difícil de fazer com as mãos amarradas.

— Improvisa.

O jamaicano se inclina sobre a mesa e vira a cabeça pra esquerda, pra tentar cheirar pela narina esquerda. Ele desiste e vira pra direita. Puta merda, ele diz. Ele tenta de novo, cheira com mais força, duas, três vezes.

— Merda, eu vou ter que injetar essa porra.

— Aí eu não posso te ajudar.

— Aquela arrombada. Eu ainda não consigo acreditar nessa vadia. Tem um voo vindo pra cá amanhã de noite. Amanhã de noite, caralho. O East Village e Bushwick tão prontinhos, e pior, o Josey tá em Nova York. Que é que vai acontecer amanhã quando eu não estiver aqui?

— Sei lá, tiozão.

— Eles vão matar ela por causa disso, tá ligado? Tá uma guerra declarada entre os jamaicanos e ela tá no meio disso tudo.

— Eu já te disse que acho que não foi ela.

— Mas ela te falou sobre isso. Ela vai te confirmar isso também. Tá tudo certo, tudo tranquilo. Mas, porra, quem que é maior que a Griselda? Tem que ser maior que Medellín também. Eu sou só um humilde homem de negócios. Quem foi que eu deixei tão puto assim?

Não sei por que, mas vou até a janela pra ver se tem alguém parado na esquina. Eu preciso de uma outra arma. Daí eu me lembro.

— Quase esqueci. Ela não tava falando comigo, mas ela disse que o cara morava em Nova York. Alguma coisa sobre ele neutralizar os Ranking Dons em Miami em troca disso.

— Como assim? O Bando do Trovão não tem nenhum problema com os Ranking Dons em Miami.

— Claramente alguém tem, e ele mora em Nova York.

— E? Um cara que mora em Nova York e tem uma bronca com os Ranking Dons. Xará, esse aí sou eu. Eu e...

Merda.

Ele olha pra mim, mas seu olhar está vazio.

— O Eubie. Eu e o Eubie.

— Eu ia mesmo dizer que o nome dele era meio parecido com tuba.

O jamaicano fica me encarando com os olhos bem abertos, arregalados que nem os do Stepin Fetchit, só que aquilo não era engraçado. Não era engraçado mesmo. Seu lábio inferior fica mole como se ele tivesse prestes a dizer alguma coisa, mas não conseguiu. O lábio se contorce. Seus ombros desabam. Ele olha pra mim e abaixa a cabeça.

— Esse arrombado de merda quer Nova York só pra ele. E o Josey nunca vai ficar sabendo. Ele nunca vai ficar sabendo porque vai parecer que foram os Ranking Dons que me apagaram.

— Foi mal, cara.

Eu volto pra janela.

— Ô, juventude, chega aí.

— Coé?

— Se tu vai me apagar, pelo menos deixa eu subir nas nuvens, hein, irmão?

— Cara, não sei de que merda você tá falando.

Ele aponta com a cabeça para o papelote de cocaína.

— Isso não deu muito certo da última vez, lembra? — eu digo.

— É por isso que tu vai me ajudar a me picar.

— Como assim?

— Me picar. Injeção. Cheirar pó é uma coisa muito idiota, mesmo. É coisa de arrombado. A menos que tu tenha um crack, que aí tem que fumar, mas eu tô sem nenhuma pedra aqui.

— Cara, eu não tenho tempo pra...

— Pra quê? O teu namorado tá aí fora te esperando?

— Vai tomar no seu cu.

— Vai tu tomar no teu e atende esse último desejo de um homem morto. Tem agulha no armário do banheiro. O banheiro é ali na...

— Eu sei onde fica o banheiro — eu disse.

— Pega uma agulha nova.

Abro o armário e tiro uma agulha do pacote.

— O que eu faço com isso? — eu digo, voltando na direção dele.

— Mistura um pouco do papelote e puxa com a seringa.

— Beleza, amigo. E eu uso o que, cuspe?

— Qualquer água rola. Tu nunca fez isso antes?

— Acredite ou não, nem todo mundo é viciado em pó nessa merda.

— Diga não às drogas, né? Boa, boa. Tu pode misturar com um pouco de água.

— Não acredito que eu tô fazendo isso.

— Faz duma vez.

— Não fica mandando em mim, seu filho da puta.

Eu pego o papelote e ando até a pia. Tudo bem usar uma xícara de café? — pergunto, e ele faz que sim com a cabeça.

— Quanto pó? Cara, tu precisa me dar o passo a passo dessa parada aqui.

Eu tava enchendo a xícara com água da torneira. Ele olha na minha direção e diz:

— Não, usa a colher de sopa. Pega um pouco da água com a seringa — ele diz. — Daí coloca na colher. Depois coloca tipo uma carreirinha de pó. Daí usa o teu dedo pra misturar um pouco. Não deve demorar muito porque a cocaína se dissolve mais rápido que o açúcar. Daí puxa tudo de novo com a seringa.

— Onde, cara? Quer dizer, tipo, tuas mãos tão meio ocupadas.

— No meu rabo.

— Vai tomar no cu.

— Olha, não é como se eu pudesse te impedir.

— Haha.

— Não precisa ser no meu braço, irmãozinho. Tu pode me picar no meio dos dedos do pé, mas isso dói. Sente o meu pulso no meu pescoço e pica ali.

Eu toco no pescoço dele.

— Tu não vai sentir muita coisa se ficar me tocando que nem uma bichinha.

Sinto vontade de dar uma coronhada nele, mas aperto seu pescoço como se fosse esganá-lo. Seu pulso pulsa debaixo do meu indicador.

— É só enfiar e apertar?

— É, cara.

— Beleza, se você tá dizendo.

Enfio a agulha e começo a apertar. Aparece sangue na seringa e eu tomo um susto.

— Cara... sangue... merda...

— Não, não, sangue é bom, não para. É... é... éééé....

— É isso aí, cara. Porra. Eles batizaram isso aqui com o quê, vitamina B?

— Haha, essa não é batizada, maninho, essa é...

Os olhos do Chorão mudam. Tem alguma coisa acontecendo dentro dele, como se tivesse feito errado uma coisa numa máquina de fliperama e ela desse um pau. O filho da puta começou a tremer. Primeiro era suave, que nem um impulso elétrico, mas foi ficando cada vez mais forte e barulhento, como se ele estivesse tendo uma convulsão. Seus olhos se reviram deixando só o branco aparecendo e não voltam, e uma espuma começa a se acumular em sua boca e escorrer pelo peito. Os sons que saem de sua boca parecem respirações uh uh uh uh uh uh. Sua cabeça começa a sacudir com tanta violência que eu dou um pulo pra trás. Sua virilha explode em mijo. Eu o seguro, querendo gritar *Seu filho duma puta*

tu me fez dar cocaína pura pra você, mas seus olhos se arregalam e ele grita. Ele se derruba do banco, e nós dois caímos juntos, de costas. O Chorão começa a chutar terrivelmente, como se um monstro estivesse tentando pegar suas pernas. Sinto o cheiro do seu bafo, fedendo a cerveja e eu e mais alguma coisa. Ele ainda tá se debatendo e se engasgando e chiando, como se ssssssssss fosse a única coisa capaz de sair pela sua boca. E eu, eu não sei por que, porra, eu não sei mesmo, mas eu envolvo ele com os braços na altura do peito e abraço ele, embora ele estivesse em cima de mim. Eu não sei por quê, mas eu tava abraçando e segurando ele e ele só continuava tremendo, cara, tremendo e tremendo sem parar, com a parte de trás da cabeça batendo na minha testa, bolhas de espuma saindo pela boca. Eu seguro seu pescoço, mas não aperto. O Chorão chia mais três vezes, e então para.

SIR ARTHUR GEORGE JENNINGS

Quatro padres provocam uma verdadeira tempestade, conduzindo uma liturgia que ninguém da congregação conhece. Todo discípulo escreveu um testamento, mas nem todos os testamentos estão na Bíblia, diz um homem para uma mulher que não está entendendo, sentados dez fileiras para baixo, trinta para o lado, nas cadeiras de metal da National Arena. É o funeral do Cantor. Evangelho e heresia se engalfinham feito cães numa briga pelo seu cadáver. O Rastafári lê um trecho de Coríntios, apesar de os anciões terem pedido para que ele lesse algo dos Salmos, e os dez ficam sentados enquanto ele chama um rei de Deus. Heresia. O arcebispo etíope diz para que ir para a África quando você ganharia muito mais se todos trabalhassem juntos por uma vida melhor aqui na Jamaica? Os Rastafáris ficam possessos e começam a xingar. O arcebispo também tinha vindo armado — todo Rastafári adoraria acordar amanhã em Shashemane, duzentos hectares de terras cedidas por um imperador deposto. Alguns Rastas mais provocativos gritam Jah Rastafári, e uns poucos perguntam por que aquele funeral tinha que ser da Igreja Ortodoxa Etíope quando o Cantor era Rastafári. Centenas estão sentados, parados, assistindo. O velho primeiro-ministro ainda amado pelos guerreiros está sentado quieto, prostrado de luto. O novo primeiro-ministro fica sentado até que o chamam. Ele faz um discurso elogioso sobre um homem que ele mal conhecia, mas encerra com uma bênção que sua alma encontre descanso nos braços de Jah Rastafári. Evangelho contra heresia; a heresia vence.

Como é que você enterra um homem? Põe ele debaixo da terra ou apaga o seu fogo? Eles conferiram uma honraria ao Cantor no seu leito de

morte, a Ordem ao Mérito. O negro revolucionário junta-se à ordem de fidalgos e cavaleiros ingleses, Glória a Babilônia nas Alturas. Um fogo que arde no Zimbábue, Angola, Moçambique e África do Sul sendo apagado por duas letras, O e M. Agora ele é um dos nossos. Mas o Cantor é esperto. Com o tempo, as pessoas vão ver que ele próprio havia profetizado isso, cantando sobre uma falsa honraria antes mesmo que ela fosse concedida. Antes que a doença o pegasse. Eu o ouvi cantando durante o sono sobre soldados negros nos Estados Unidos. Soldados negros americanos do 24º e 25º regimentos de infantaria, e do 9º e 10º de cavalaria que, sob o comando dos caras-pálidas, massacraram os Comanches, Kiowas, Siouxes, Cheyennes, Utes e Apaches. Quatorze homens negros de botas sujas receberam a Medalha de Honra por terem matado um povo e uma ideia. Os índios os chamavam de *Buffalo Soldiers*. A Medalha de Honra, a Ordem ao Mérito, parece a mesma coisa de trás pra frente. Enquanto isso eu vejo o Cantor indo pra lá e pra cá no canto superior direito das cartas e dos pacotes. Eu sou mesmo de uma outra época.

Esse tempo todo e o cara que me matou ainda não morreu. Em vez disso, ele apodrece. Fico observando enquanto sua secretária toca sua cabeça branca repleta de veias que parecem umas cobrinhas azuis e passa tintura preta no seu cabelo ralo. Sua nova esposa não chegava nem perto daquilo, porque arruinava seus dedos e escurecia seu esmalte. *Tem certeza que o senhor não quer um pouco mais grisalho, Seu P? Pra ficar mais jovem, mas também um pouco mais natural? Eu quero preto, tu me ouviu? Tudo preto.* O PNP tinha perdido todo o seu poder como partido, mas ele se vestia todas as manhãs como se fosse sair para trabalhar. Que década estranha, não se parece nada com os anos 1970 e ele está perdido, sem ter mais ninguém que fale a sua língua hoje em dia. Os marginais do seu partido não querem mais ele por perto, e os pensadores nunca nem precisaram, então agora ele esbraveja contra o comunismo e o socialismo

enquanto sua papada balança que nem o papo de um galo. Fico observando ele caminhar até o carro, esquecendo pela terceira vez essa semana que ele não tem mais permissão para dirigir. Ele tropeça na mangueira do jardim e cai com força no chão de concreto. A queda tira seu fôlego, aniquilando qualquer esperança de gritar, choramingar ou soluçar. Ele fica ali deitado por quase uma hora até que a cozinheira o vê pela janela da cozinha. Novo quadril, novo marca-passo, novos comprimidos azuis pra comer a esposa que tinha se acostumado a vê-lo fracassando por cima dela, imóvel que nem uma lesma. Ele ri da morte mais uma vez. De mim.

Fico observando o homem que o visitou uma noite. Ele também engordou, e está maior. Grande demais para que os dois ocupem o mesmo espaço. Ele voa pra Nova York e pra Miami. Os negócios vão tão bem que o dinheiro está caindo pra fora dos bolsos, mas mil pessoas morreram. O dinheiro entra fácil e vai parar na favela. No exterior, em outras favelas, as pessoas cheiram, cozinham, fervem e injetam. Colômbia, Jamaica, Bahamas. Miami. *É um cenário incrível. A gente vê assassinatos por toda parte.* Washington, Detroit, Nova York, Los Angeles, Chicago. Compra arma, vende pó, se você está criando monstros não fique surpreso quando eles ficarem monstruosos. Novas figuras, novos bandos, gente como você nunca viu antes. Em Nova York, a fonte das manchetes é um centímetro maior: *Jamaicano Vicia a Cidade no Crack*. Uma jurada escuta um membro dos Ranking Dons numa audiência. Ele não é amigo do Josey Wales. É a primeira vez dela num tribunal.

— Atirei na cabeça dele.

— Onde na cabeça?

— Atrás.

— Quantas...

— Uma vez. Só precisa de uma.

— O que você fez com o corpo?

— Joguei numa vala. Depois disse pro motorista tacar fogo no carro.

— O que você fez quando ficou sabendo que ele tinha queimado todas as provas, senhor?

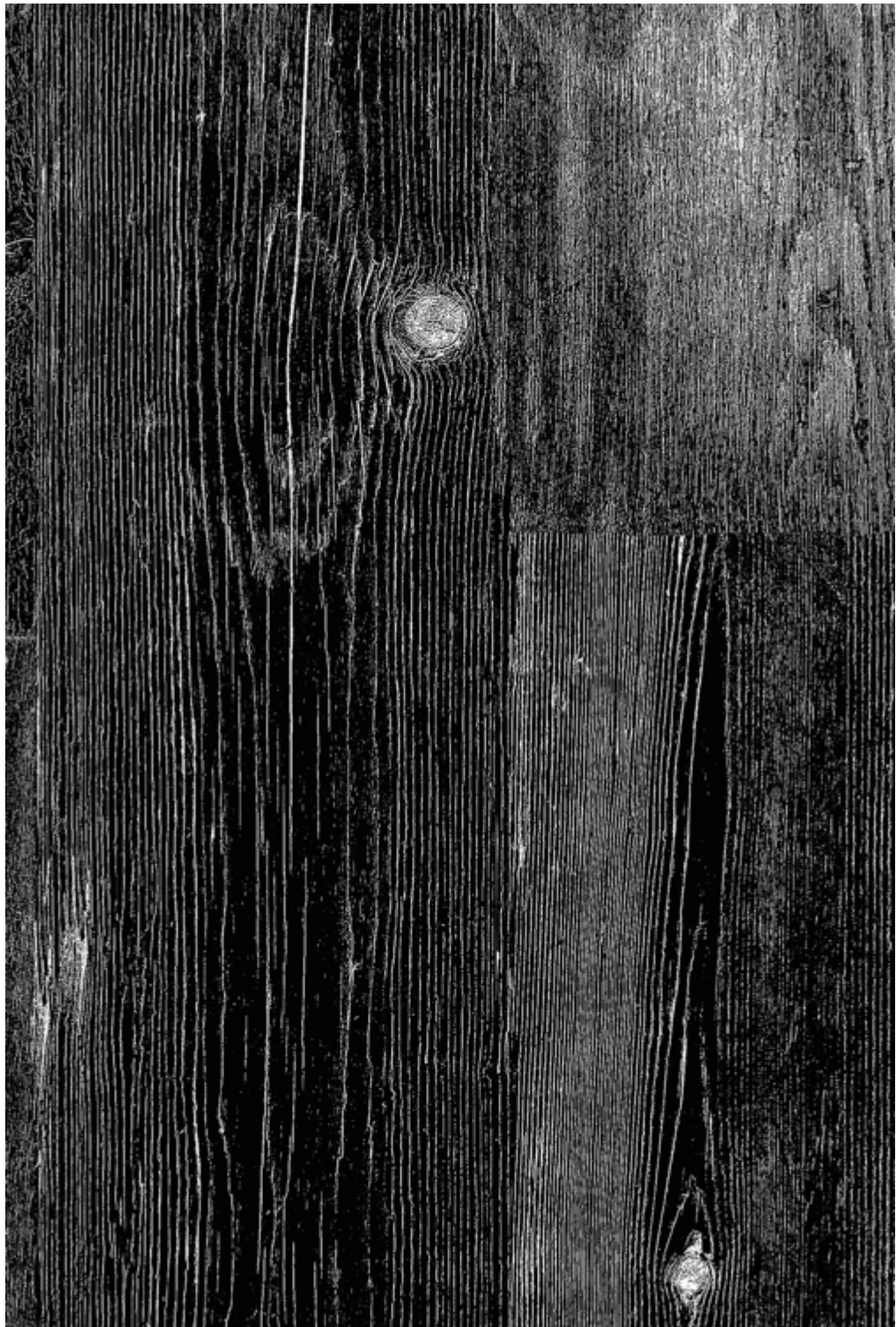
— Não fiz nada, fui pra cama.

Ele olha pra ela quando ela diz essa última frase. Uma jurada, vestida que nem uma professora de escola, que não dorme há três dias.

Três assassinos viveram mais tempo do que o Cantor. Um morreu em Nova York. Um está vendo e esperando em Kingston, cercado de dinheiro e cocaína, e um está desaparecendo por trás da Cortina de Ferro, onde ele fica sentado, apenas esperando pela bala que, ele sabe, acertará sua cabeça. Logo.

Três meninas de Kashmir tocam baixo, guitarra e bateria, seus rostos jovens transbordando para fora das burcas na frente de um cartaz que mostra o Cantor entrecortado por listras vermelhas, verdes e douradas, grossas feito pilares. A banda se chama First Ray of Light, e elas são irmãs de alma do Cantor, sorrindo para o sol nascente. De um rosto coberto emana uma melodia tão frágil que quase se dissolve no ar, mas é jogada pelo ritmo forte da bateria de volta para aquele ponto em que a canção fica suspensa, arrebatando e acalmando ao mesmo tempo. Agora o Cantor é um bálsamo a ser espalhado pelas nações devastadas. Mas logo os homens que matam meninas emitem uma ordem sagrada e os meninos que habitam o vale se comprometem a limpar suas armas e ficar de pau duro, só esperando para agir. O Cantor é só um suporte, mas ele não pode protegê-las, então a banda se desfaz.

Mas numa outra cidade, num outro vale, numa outra favela, numa outra periferia, num outro município, numa outra intifada, numa outra guerra, num outro nascimento, alguém está cantando *Redemption Song*, como se o Cantor a tivesse escrito por nenhum outro motivo senão para que aquele guerreiro pudesse cantar, gritar, sussurrar, chorar, berrar e urrar, bem aqui, bem agora.



SOUND BOY KILLING

22 de março de 1991

UM

Você acha que ele está dormindo?

— Aí não sei te responder, patrão.

— Hã? Tudo bem, só me diz onde fica a cela.

— Te disse faz dois minutos. Não tem mais ninguém aqui embaixo na masmorra.

— Masmorra? Isso é meio ofensivo.

— Quando terminar, é só sair.

— Você não vai me levar até lá?

— Não gosto de escuro.

Os passos vão ecoando enquanto eu caminho, e tudo o que consigo pensar é que eu meio que queria ter visto com meus próprios olhos. Sem brincadeira. Eles fizeram chover bala pra cima daquele viadinho, bem no estilo da Griselda Blanco. Uma ideia muito perversa aperfeiçoada na Jamaica. Tenho que tirar o chapéu praquele buraco de merda, se não servir pra mais nada, pelo menos a Jamaica nos deixou uma grande invenção. Foi assim que aconteceu. Com seu pai, Josey, contando os dias pra ser extraditado pros Estados Unidos por homicídio, extorsão, obstrução da justiça, envolvimento com narcóticos etc. e tal, estava a cargo do seu filho, Benjy Wales, agora um homem crescido (mas mais gordo, mais escuro e com uma imagem bem menos interessante do que a de seu pai) assumir o papel de Don de Copenhagen City. Tipo um suplente, ou um substituto, algo assim. Daí o Benjy foi organizar a Partida Comemorativa Anual de Críquete em Homenagem ao Papa-Lo. Enfim, sei lá por que motivo isso implicava um encontro na King Street, que fica ao

leste de West Kingston. É sempre meio arriscado quando um Don da zona oeste resolve ir até a zona leste, pior ainda se vai sozinho, numa moto. Ele parou num cruzamento e provavelmente ficou olhando pra frente, cuidando da sua vida, quando uma outra moto parou bem ao seu lado. Quando ele quis olhar pra ver quem era, dois homens de preto abriram fogo, arrancando o coração do seu peito.

Engraçado, né? O lance com o Benjy é o seguinte, beleza, o pai dele é a porra do Josey Wales, e ele vê tiroteio o tempo todo, mas, apesar disso, ele viajou o mundo todo, conhece bem os Estados Unidos, estudou num colégio metido à besta e nunca teve que dormir com fome um único dia em sua vida. Qual o resultado? Uma porra dum pistoleiro muito mal-acostumado com as coisas boas da vida. Ele podia muito bem ser um desses moleques mimados de merda que tinha acabado de sair do apartamento dos seus pais em Central Park West. O Josey, que tinha paralisado esse país pelo menos três vezes, estava na prisão, prestes a finalmente ser devolvido a ele, e o que o menino de ouro faz? Ele vai até lá sozinho, na porra duma moto? O que foi que ele pensou, que os outros bandidos iam estar todos na igreja? Até porque um assassinato à la Griselda não acontece do nada, por acaso. A porra toda não só já tava planejada como também tava sincronizada pra acontecer exatamente naquele cruzamento. Esses novatos, eles não pensam, mesmo. Eu tô velho pra caralho. Eu costumava pensar que o cara ficava velho na primeira vez que se abaixava e resmungava um *uh* quando endireitava as costas. Mas agora eu sei que ficar velho é topiar com inimigos velhos demais pra lutar, e tudo que restou dessas rugas antigas é a porra da nostalgia. E nostalgia, de qualquer tipo, é uma coisa que merece um brinde, não um tiro.

Ferimentos de entrada na cabeça e peito, e ferimentos de saída na cabeça, pescoço, ombro e costas. Semana passada eu conversei com um tal de Doutor Lopez, que era o médico de plantão na emergência aquela manhã. Meu cu cagado, ele disse, nunca senti tanto medo na minha vida.

E medo não só porque era ele, mas medo de que a sala de emergência fosse virar o próprio Armagedom. Quando chegou no hospital, o Benjy Wales já tava praticamente morto, só restava mesmo fazer o anúncio. Mas o corpo veio acompanhado de uns três mil penetras, que ficavam entrando e saindo da sala de emergência. Tudo que restava pro médico fazer era anunciar a hora da morte, mas como tinha três mil pessoas do lado de fora esperando que ele tirasse um Jesus da cartola, porque é isso que os médicos fazem quando chega um Don, ele foi obrigado a fazer o mais ridículo dos teatros, pior até que o kabuki. O Doutor Lopez me contou tudo isso. Eles tiveram que transferir o corpo pra uma cama, o que já era um desperdício de espaço, mas a essa altura a multidão já tava gritando SALVA O BENJY tão alto que dava pra ouvir lá do vale, a um quilômetro de distância. Primeiro eles tentaram restaurar as vias aéreas, que é o que deve ser feito, controlar aquela hemorragia catastrófica. Acontece que quando ele chegou aqui, não tinha nada além de sangue nos seus pulmões. Enquanto isso, a multidão ia ficando mais barulhenta, e os médicos tinham que continuar com aquela palhaçada. Imagine o que é tentar reestabelecer a circulação num corpo em que nada mais circula. Não tinha pulso, não tinha pressão, não tinha nenhum nível de consciência. Não é que ele tivesse mal, ele tava morto. Pra caralho. Eu perguntei quando é que eles iam contar isso pra multidão, e ele disse *sem mentira, patrão, quando a gente começou a ressuscitar o cara, eu também tava rezando por um milagre*. Do lado de fora a multidão tava fazendo tanta pressão que quebraram duas janelas de vidro.

A pior parte foi o desfibrilador. Toda vez que eles davam um choque no Benjy e o seu corpo se agitava, toda a multidão se agitava também, até mesmo quem tava do lado de fora e não conseguia ver nada. Choque elétrico — corpo tremendo — multidão agitada. Choque elétrico — corpo tremendo — multidão agitada. Choque elétrico — corpo tremendo — multidão agitada. Depois de uma hora, o Doutor Lopez finalmente

anunciou o que devia ter anunciado no minuto em que aquele rapaz chegou de maca. Depois disso, uau. Começou a circular na multidão a informação de que eles não tinham conseguido salvá-lo. Benjy Wales estava morto. Primeiro eles arrombaram as portas da emergência. Três mil homens, mulheres e crianças, a maioria armada, o resto armado de um espírito que dispensava armas. *Seu bando de cu cagado. A gente vamo matar todo mundo, a gente vamo assassinar essa porra desse hospital inteiro, a gente vamo matar cinquenta dotô e cinquenta enfermeira por terem matado o Benjy.* Um bandou pegou uma enfermeira e começou a esbofeteá-la. O Doutor Lopez disse que tentou se meter, mas dois caras o seguraram e deram uma coronhada na sua cabeça. Eles viraram o balcão da recepção e os coitados dos seguranças fizeram a única coisa que poderiam fazer. Fugiram. O doutor diz não saber como foi que aconteceu, mas foi bem nessa hora que uma nova onda se levantou na multidão e eles começaram a gritar que não tinham sido os médicos quem mataram Benjy, e sim o PNP.

Domingo à noite eles atacaram a Rua Seis de Eight Lanes. Atiraram em todos os homens que viram pela frente e estupraram todas as mulheres que tavam ao seu alcance. Queimaram praticamente um terço das casas e chegaram a atirar em algumas crianças pra fechar a conta. Dois dias depois eles simplesmente dizimaram a Rua Três. Daí eles levaram essa briga pra Miami, com carros que passavam atirando e abrindo buracos em Honda Accords e boates. Dois dos meus amigos disseram que, do jeito que os jamaicanos tavam trocando tiro, eles quase não conseguiram escapar vivos do Rolex Club. O primeiro-ministro teve que ir atrás do PTJ pra propor uma trégua, e mesmo assim ainda teve que ir até a igreja e organizar umas passeatas pedindo paz. Eles só pararam quando a matança começou a interferir nos planos do funeral de Benjy. Eu não fui ao funeral. Eu nem devia estar aqui, oficialmente. Ok, é mentira. Eu fui ao funeral, mas acho que eles me confundiram com o guarda-costas de

alguém ou algo assim. A última vez que eu tinha visto um funeral tão grande tinha sido o do Cantor.

Vinte mil pessoas, no mínimo. Lá estava o ex-primeiro-ministro, é claro. Não preciso dizer que ele era da oposição em 1976, daí foi primeiro-ministro em 1980 e agora, em 1991, tava de volta à oposição. Primeiro veio uma banda marcial, quase como em Nova Orleans, os homens de farda branca, as meninas de minissaias vermelhas e pompons. Depois, o caixão, preto, com alças prateadas, com o menino morto vestindo um terno de veludo negro. Se você não vai suar mesmo, por que não partir dessa pruma melhor numa roupa de inverno? O caixão vinha exposto nas janelas da porra de uma carruagem puxada por um cavalo branco, logo atrás da banda. Depois vinha o ex-primeiro-ministro, andando ao lado da mulher do Benjy, que usava um vestido preto, curtinho, colado ao corpo, e uma corrente de ouro grossa, dessas que você vê nos caras do rap. Uns brincões enormes. Assim que você a enxerga, começa a reparar em todas as outras mulheres que tão lá. Vestidinho de lamê dourado, vestidinho cor-de-rosa, vestidinho branco, meia arrastão, salto alto prateado, passarinho na cabeça que nem se fosse chapéu, chapéu que nem se fosse passarinho, e um monte de correntes grossas. Uma garota tava usando um vestido com as costas abertas em que a fenda descia até o rego dela. Todas as mulheres iam desfilando pela rua, como se estivessem numa passarela.

O Josey tentou se largar (que é um jeito esquisito de dizer isso) pra ir ao funeral do filho, mas não deixaram. Por que deixariam? Deixar o Don sair da cadeia pra se meter no meio de vinte mil pessoas que tão do seu lado, porra, como é que você ia capturar ele de volta? O governo norte-americano provavelmente ficou sabendo dessa ideia e latiu um milhão de não. Engraçado que na maior parte dos anos 1980, quando o Josey tava construindo o seu império — com uma ajuda pesada, é claro — eles não podiam estar cagando mais pra ele. Cara, Nova York, que cidade fodida,

eu disse a ele que ele não devia ter feito aquela merda. Os pretos precisam aprender a controlar o temperamento, caralho. Naquele dia, em 1985, o Josey Wales saltou do absoluto nada pro topo da lista do DEA e dos Federais. E assim que o PTJ foi escorraçado do governo, ele se transformou num alvo muito fácil.

Mas antes de isso tudo acontecer, quanto mais ele crescia, mais intocável ele ficava. O Josey vinha dirigindo por uma rua, não lembro qual era, mas ficava num lugar chamado Denham Town. Aí ele bateu em cheio num ônibus. Ele saiu do carro putaço. Mas o motorista também tava furioso, e uma multidão foi se formando ao redor deles. Nem sei o que o motorista tava dizendo, mas ele não parava de falar, e gritava e ameaçava e só Deus sabe o que mais. Ele só calou a boca quando uma mulher gritou *é o Josey Wales* e a multidão se dispersou rapidamente, deixando o coitado do motorista sozinho na rua. O Josey nem tava olhando pro cara quando ele deu uma de Papa-Léguas e correu direto pra delegacia. Coitado. Uma meia hora depois, o Josey Wales apareceu na delegacia com dez dos seus homens. Eles simplesmente entraram lá, pegaram o motorista do ônibus e saíram andando. Nenhum policial sequer se levantou. O cara deve ter se cagado nas calças e berrado que nem uma menininha quando viu os policiais olhando pro outro lado dentro da porra da delegacia. Do lado de fora, com um monte de policiais e pessoas assistindo, aqueles que tavam armados atiraram no motorista, e aqueles que não tavam, esfaquearam ele. Parecia um monte de corvo em cima de uma carcaça fresca. Eles prenderam o Josey, é claro, mas a promotoria não conseguiu arrolar nenhuma testemunha. Nem ao menos uma.

Ao mesmo tempo, Cali tava dizendo que esse filho da puta era muito mais sinistro do que qualquer outro cara já tinha sido nessa vida. Queriam dar o Reino Unido pra ele e pro bando dele.

Foi esse o cara que entrou em Rema com seus homens e matou doze, como se não fosse nada. Por quê? Porque algumas pessoas que moravam

lá começaram a reclamar que a comunidade tava sendo ignorada. O Josey sempre foi muito bom em deixar suas posições bem claras. A polícia emitiu um mandado, o Josey fugiu pros EUA, mas como agora ele é uma Pessoa de Interesse, ele voltou pra Jamaica. Eles o levaram ao tribunal, mas a única testemunha de repente teve amnésia, não, espera, ela não tava lá, não, espera, já fazia muito tempo e ela ainda tava com os óculos antigos, então ela agora tava mais cega que um morcego. Mas a verdade é que ela simplesmente não conseguia lembrar, e tinha ficado muito confusa no meio da coisa toda, porque tinha bala voando pra todos os lados.

Mas ano passado a filha do Josey tava na frente de alguma boate com o namorado, e uns marginais de Eight Lanes simplesmente surgiram do nada e abriram fogo contra os dois. Eles transformaram o cara num queijo suíço, furaram até ficar sem ter onde abrir mais buracos. A menina tava segurando o corpo dele no colo quando eles foram andando até ela e deram um tiro na cabeça dela. Tudo que eu consegui pensar foi que, pelo menos, eles não estupraram ela primeiro. Fico pensando até agora se eles sabiam quem ela era. Quer dizer, a verdade é que, assim como a Griselda em Miami, se você ficar forçando muito a barra, cedo ou tarde seus inimigos vão vir te cobrar. E se você continuar fazendo inimigos, cedo ou tarde eles vão chegar num ponto crítico. É só uma questão de tempo até você fazer um inimigo tão implacável quanto você; afinal de contas, é você quem tá puxando a média para cima. Eu? Eu nunca fico num lugar tempo suficiente pra que os meus inimigos possam fazer uma fila atrás de mim. Esse tipo de merda você precisa ficar alimentando, que nem em qualquer outro relacionamento. É por isso que eu nunca funcionei muito bem na Colômbia ou em Kingston. Eu sou um facilitador. Por falar em ponto crítico, a essa altura os Federais já acumulavam pilhas de acusações contra o Josey e queriam muito prendê-lo. Alguém tinha que vencer a guerra contra as drogas e, porra, com toda certeza não seria um crioulo vindo de um atoleiro de merda no meio do Caribe que devia ter ficado só na

maconha. Dessa vez, jogaram ele na prisão. E dessa vez ele ia apodrecer lá dentro.

E, pois é, eu fui visitar ele na prisão, e não era nem o horário de visita. Assim que eu disse ei, Josey, ele sentou na cama e ficou um tempão com a cabeça baixa antes de levantar. Quando me olhou, ele tava sorrindo, mas era um sorriso contido, quase como se ele estivesse com vergonha. Então ele disse:

- Eu sabia que eles mandariam você.
- Como é que tá, *mijo*?
- Não tão bem quanto você, Doctor Love.

DOIS

— *Senhorita Segree?* Senhorita Segree? Millicent Segree? Senhorita Segree?

— Não é senhorita.

— Oh, perdão, Senhora Segree.

— Não é senhora, não é senhorita, é Millicent Segree.

— Tudo bem, dona.

— Quer saber? Tá. Quanto é?

— Somando todos os remédios dá quatorze dólares, dona.

Você sabe, a maior parte desse papo de feminismo não passa de um monte de mulheres brancas norte-americanas dizendo pras mulheres que não são brancas o que elas têm que fazer e como elas têm que fazer, com esse papo furado condescendente de se-você-virar-o-que-eu-sou-você-vai-ser-livre, mas se tem uma coisa com a qual eu concordo é puta merda, como eu odeio quando um homem acha que eu sou obrigada a revelar o meu estado civil pra alguém que eu nem conheço. Isso sem falar na besteira que é o tal do estado civil, como se casado e solteiro fossem as duas únicas opções para me definir. Ou como se só porque eu sou uma mulher eu fosse obrigada a ter um estado civil. Ei, garotão, escuta só meu estado civil. Oi, antes de eu te falar meu nome, queria te dizer o meu estado civil. Talvez eu deva simplesmente dizer que eu sou lésbica e jogar essa batata quente na mão deles pra eles lidarem com isso.

Frontal pra ansiedade. Valium pra dormir. Prozac pra depressão. Fenegan pra náusea. Tylenol pras dores de cabeça. Mylanta pra má digestão. Midol pras cólicas. Quer dizer, Jesus Cristo, manda logo essa

menopausa pra cá. Não tem um atalho pra eu poder começar logo a sentir as ondas de calor? Não é como se eu fosse ter filhos algum dia, então pra que manter a porra da loja aberta? Estou numa Rite Aid em Eastchester, no Bronx, a uma quadra da minha casa, na Corsa Avenue. Em agosto vai fazer dois anos que eu moro aqui. É claro que, apesar de trabalhar no Beth Israel que, nem preciso dizer, tem uma farmácia, eu compro os meus remédios em Eastchester porque quem é que quer ver uma enfermeira comprando tantos comprimidos? Sim, essas coisas são confidenciais, mas eu nunca conheci ninguém que não fosse sair fofocando a seu respeito assim que tivesse a oportunidade. Isso deixa tudo menos complicado, e nos últimos anos eu andei desenvolvendo uma alergia a tudo que é complicado. Incluindo homens. Você não aguenta que o seu homem é o mesmo ontem, hoje e pra sempre? Diz pra ele me ligar. Sempre que eles começam a falar sobre o que eles tão sentindo e — eu adoro essa — perguntar pra onde é que isso tá indo? eu fico tão enjoada que preciso tomar um Fenegan.

Então eu atravesso a rua até o ponto de ônibus e tomo um comprimido. Zantac. Eu preciso de um Zantac antes de devorar um muffin de café da manhã. Eu queria que o Dunkin' Donuts não ficasse lá no fim da Gun Hill Road, eu bem que tomaria um café. Mas não suporto a Gun Hill Road. Especialmente nesses dias úmidos em que o inverno não decide se vai embora e a primavera não decide se vai chegar. E eu não vou arruinar mais nenhum sapato até que eles se resolvam. Do lado de fora da estação ficam sempre os mesmos velhos que não têm lugar nenhum pra ir, e eu não sei dizer se eles tão olhando pra mim porque são homens ou porque são jamaicanos. Já seria ruim o suficiente sair da rua, passar pela porta da estação, pela catraca e entrar no trem se eu não precisasse ainda por cima ficar esperando o cinco no meio de um monte de cocô de pombo. E nunca falha, ninguém que tá esperando pelo trem parece que tem um lugar pra ir. Nenhuma sacola de compra, ninguém de mochila, de

pasta, ninguém carregando nada. E eu parecendo a Senhorita Virgem Maria porque tô indo pro hospital. Ainda não sou uma enfermeira, mas tô estudando pra virar.

O diretor da escola olhou pra mim e me disse não é sempre que temos mulheres com a sua idade aqui, geralmente elas estão bem no início da vida. E quem foi que disse que a minha vida não tá começando só agora?, eu disse pro cara, que nitidamente não comprou aquele papo, mas, por algum motivo, não tava com vontade de dizer pra uma mulher que ela tava velha demais. Todos os dias quando vou trabalhar eu fico tentando responder a minha pergunta. Mas Deus sabe que eu só consigo me relacionar com as pessoas dentro de um contexto em que elas precisam de mim pra alguma coisa. Millicent, tá muito cedo para você já estar tão amarga. No fundo você gosta da meia-calça branca e dos sapatos cadeado de pepeca, lembra? Enquanto isso, no Beth Israel, você tá no meio de uma triagem e se dá conta de que gosta muito disso.

Mas duas semanas atrás, durante uns sete dias, não parava de entrar jamaicano com todo tipo de ferimento à bala. Todos eram homens, e quatro deles já não tinha mais o que fazer quando chegaram. As namoradas e as mães dos bebês gritando *ai! Que é que eu vou fazer com esses meninos?* Como se eu soubesse a resposta. Eu? Eu tô falando num sotaque americano fortíssimo, carregando nos érreres porque eu não quero que ninguém descubra que eu sou jamaicana, o que é uma tremenda besteira, porque até agora eu tava gostando que no hospital eles me tratassem como se eu fosse a Madge Sinclair de *Trapper John, M.D.* Um dos médicos até me chamou de Ernie uma vez, e embora eu tenha dito *meu nome é Millicent, doutor*, eu não conseguia parar de sorrir. Mas aquilo foi muito esquisito, todos aqueles jamaicanos baleados vindos do Bronx, que não fica exatamente próximo a este hospital. Não perguntei o que tava rolando naquela semana, mas um médico perguntou, e um dos caras que tinha levado três tiros nas costas disse *eles mataram o Benjy e*

agora virou um Armagedom em Kingston, Miami, Nova York e Londres. Eles mataram o Benjy. Quem é esse Benjy e como foi que ele morreu?, o médico perguntou. Eu tava apertando a bolsa do soro com tanta força na minha mão que ela quase explodiu.

— Enfermeira? — disse o médico. Eu comecei a preparar o acesso no braço do homem sem olhar pra ele. Eu não queria que ele me lançasse um olhar de identificação. Não sou um ser iluminado, e não retribuiria. — Quem é esse Benjy? — o médico pergunta de novo e tenho vontade de dizer porra, cala essa boca, mas tudo que eu posso fazer é enfiar a agulha. Graças a Deus, quando eu finalmente consigo olhar pro cara, ele tava lançando um olhar indignado pro médico, com as sobrancelhas levantadas, como se estivesse pensando como assim quem é esse Benjy? Eu, com certeza, não queria nem saber.

— Benjy Wales, o filho do Don de todos os Dons — disse o homem.

O rosto do médico não mudou muito, mas eu tive que desviar meu olhar. Eu simplesmente travei. Eu sei lá — tudo ficou escuro e tive que sair de perto. Eu até conseguia ouvir o médico chamando enfermeira? Enfermeira? Mas era como se o som estivesse vindo de um radinho de pilha, ao longe. Eu simplesmente continuei andando e quando vi tava no elevador. Passei a hora seguinte na cantina do térreo. Disse a eles que tinha ficado tonta de repente e tive que aturar três pessoas, pelo menos, me perguntando se eu tava grávida. Eu tava quase dizendo e que tal se eu cortar a minha buceta fora e grudar na minha testa? Tive que dizer que tava com uma enxaqueca incapacitante, e tendo dificuldades de encontrar uma veia para fazer um acesso.

Eu desenvolvi um sistema. Na verdade, são apenas três palavras: CHEGA DE DRAMA. Aprendi isso com as negras americanas de saco cheio dos homens e das merdas que eles fazem. Eu não quero confusão, barraco, briga, desentendimento ou conflito. Eu não quero ver drama nem na tevê. Desde que os jamaicanos começaram a aparecer no hospital,

tive que acrescentar o Tylenol à minha lista e aumentar o Frontal só pra poder vir trabalhar. Wales é só um nome. É só a droga de um nome. Que nem Millicent Segree.

Esperando pelo ônibus M10 expresso. Desde então eu tenho essa dor de cabeça bem em cima da têmpora direita. Ela nunca melhora nem piora, mas também não vai embora. Talvez seja um tumor. Talvez eu deva parar com esses ensaios pra me tornar hipocondríaca. Falando sério, dois dias atrás eu fiquei tão ansiosa que não conseguia respirar, e lembrei que é fato conhecido que você pode morrer por causa de um ataque de ansiedade. É claro que isso só me deixou ainda mais ansiosa. Da última vez que aconteceu eu tive que começar a cantar “Just Got Paid” bem alto até passar. Num ponto de ônibus em Manhattan. Acho que uma garotinha começou a cantar junto comigo. Uma garotinha negra tá correndo em volta do banco nesse ponto de ônibus aqui. Outra tá sentada no colo do pai. Ele tá sentado no banco, esperando pelo ônibus. A garotinha que tá correndo tá cantando alguma coisa que parece com “I Know What Boys Like”, mas não tinha a menor chance de ela já ter ouvido essa música. O pai tá tentando equilibrar a filha, um bebê, na verdade, e seu jornal. A garotinha vem correndo e dá uma cabeçada nas suas costelas, e ele dá um gemido e começa a rir. Ela enfia seu bagel na boca dele, e ele dá uma mordida imitando um urso. Ela dá um gritinho agudo. Eu tento desviar o olhar, mas não consigo, não antes que eles olhem para mim.

Meninas que amam seus papais sempre os abraçam pela lateral. Eu vejo isso o tempo todo no hospital. Papais trazendo suas filhinhas doentes com dificuldade pra respirar ou picadas por insetos. Mulheres ajudando seus pais doentes a andar para uma última ressonância magnética ou sessão de quimio. Talvez seja porque os pais fiquem mais estreitos de lado. Ontem, uma adolescente na sala de emergência, depois de gritar pelo pai por dez minutos, veio correndo pela sua lateral, envolveu seus braços nele até que os dedos se encontrassem e enfiou sua cabeça bem no sovaco dele, pra

que ele a abraçasse. Não é que eu sinta a falta do meu pai. Eu nem sei se ele tá morto. Mas tô começando a sentir a falta do Frontal.

Eu tô esperando no ponto de ônibus com um pai e suas duas filhas. Ele só ri e faz uns sons com a boca e diz arrã e sim, querida. Ainda não entendi se ele é jamaicano. Você faz esse tipo de suposição se está em qualquer ponto entre a Gun Hill e a Boston Road. Elas nem percebem que ele tá dando um daqueles olhares de papai pra elas. Um homem no hospital me disse você simplesmente não imagina que é capaz de amar uma coisa ou uma pessoa tanto assim. E você sempre fica apreensivo quando fica sabendo que um jovem foi atropelado por um ônibus. O olhar do papai. Fico me perguntando quando é que aquilo se perde.

Eu nunca fico sabendo de nada bom, então simplesmente parei de acompanhar as notícias. Não quero nem saber o que tá acontecendo na Jamaica, mas se tá respingando no Bronx e em Manhattan, boa notícia é que não é. Os jamaicanos nunca me falam nada que eu queira ouvir, então eu não converso com eles. Nunca senti saudades do país, nenhuma vez. Eu odeio nostalgia, nostalgia não é memória, e minha memória é boa demais pra esse tipo de coisa. A questão é que, se tudo isso é verdade, então por que caralhos eu tô morando na parte jamaicana do Bronx? Corsa, Fenton, Boston, Girvan, era melhor chamar tudo isso de Kingston 21 de uma vez. Na rua Corsa, eu sou a mulher solitária na casa da esquina, a pessoa que vai morrer, apodrecer e alimentar os vermes antes que alguém sequer imagine que possa ter acontecido alguma coisa comigo. A bruxa do fim da rua, a Boo Radley. Puta merda, quem que eu tô querendo enganar, provavelmente eles só devem achar que eu sou uma crente de igreja que nunca teve um namorado. Eu sou a enfermeira metida, que se acha, que tá sempre de meia-calça branca e sapato ortopédico, que sempre sai e volta pra casa de uniforme pra que ninguém saiba como ela é em qualquer outro contexto, e que nunca fala com ninguém.

Fico pensando se alguém me viu alguma vez saindo à noite. Eu gosto de pensar que eu tô cagando pro que as pessoas pensam, mas daí eu sempre acabo saindo pela porta dos fundos. Eu só espero que não apareça mais nenhum jamaicano baleado no hospital. Eu só espero... Sabe duma coisa, Millicent Segree, nunca dá muito certo quando seus pensamentos começam a tomar esse rumo. Só de pensar sobre os meus pensamentos, minha enxaqueca estalou com ainda mais força na lateral da minha cabeça. Chega de pensar, caramba. Semana passada, um branco, aluno de uma faculdade, ouviu o meu sotaque e me perguntou se eu tinha conhecido o Cantor. Foi aí que eu me toquei: eu sou uma das poucas pessoas que pode responder a essa pergunta com um sim, mas, mesmo assim, aquilo me deixou puta. Daí ele começou a cantar aquela música dos passarinhos, e até que eu aguentei por um tempo, mas aí aquilo me fez pensar nos anos que, pra mim, estavam mortos. Merda, pensar sobre lembrar dos anos que, pra mim, estavam mortos me fez lembrar dos anos que, pra mim, estavam mortos e que se foda e que se foda e que se foda e que tudo isso se foda. Que se fodam os mortos, eu ainda tô viva.

O ônibus chega.

Eu ainda tô viva.

TRÊS

Não, esse é o C. O A só começa a parar da 125^a em diante.

— Ah.

O homem dá um passo pra trás e se afasta da porta, como se tivesse visto alguém no trem com quem ele não quisesse se encontrar. Fico olhando a porta se fechar entre nós e volto a sentar enquanto o trem começa a se mover. Novaiorquinos, o metrô da cidade alta tem mentido pra vocês. Vocês fazem o seguinte: pegam o C na 163^a e saltam na 145^a pra pegar a linha expressa, porque tão com pressa pra caralho, e aqui é a cidade alta, e sempre tem atraso ou algum outro problema. Quer dizer, agora mesmo, na semana passada, quando eu tava correndo pro JFK pra pegar um avião de volta pra Minnesota porque mamãe não tava muito legal, um cara abaixou as calças e começou a cagar no trem. Ele simplesmente se agachou e deu uma cagada, e ficou gemendo o tempo todo, como se estivesse dando à luz. Claro que ele fez isso bem quando o trem saiu de Fulton, o que significava que demoraria pra caralho até chegar na High Street, lá no Brooklyn. Seis ou sete pessoas que tavam lá dentro, não sei quantas, correram pra porta só pra descobrir que aquela era a única porta que não abria pra fazer a transferência pro outro vagão. Eu lá pensando, implorando pra que, por favor, ele não começasse a jogar merda nas pessoas. Por favor, por favor, não faz isso. Quando o trem finalmente parou na High Street, todo mundo saiu se atropelando e correndo de dentro dele. Mas não era isso que eu queria dizer. O que eu queria dizer é que as pessoas pegam o C até a 145^a e depois trocam pro A porque ele é o expresso. Mas a porra do A é mais lento que o C. Se você

for, digamos, até o lado leste da 4ª Street e esperar um ou dois minutos, lá estará o mesmo trem da linha C da qual você saltou na 145ª.

Então agora eu fico direto dentro do C e procuro ler alguma coisa. Isso não é verdade. Eu fico na linha C caçando as pessoas que tão lendo a *New Yorker*. Fico me perguntando se elas tão mesmo lendo aquilo. Um escritor irlandês amigo meu me disse que uma vez encontrou uma pessoa no metrô lendo seu livro. Ele perguntou a ela está gostando? e ela disse de algumas coisas sim, mas tem umas partes muito cansativas. Por algum motivo ele sentiu que tinha ganhado o dia, ainda mais que ela nem chegou a reconhecê-lo. Então, sim, às vezes eu tô no C procurando por essa mulher, e é quase sempre uma mulher que tá lendo a *New Yorker*, e eu torço pra sentar ao lado dela, e esperar que ela comece a ler. Aí eu poderia dizer puta merda, parece coisa de filme. Quer dizer, isso nunca acontece na vida real, né? E aí ela vai perguntar o que nunca acontece? E eu vou dizer que alguém que escreve na revista tinha entrado no metrô só pra ver se alguém tava lendo o que ele escreve. Nessa versão da história ela também seria bonita, possivelmente negra e, se não solteira, pelo menos não moralmente presa a um conceito tão *démodé* quanto a monogamia. Quem eu quero enganar? Vomitando todo esse papo furado de amor livre sou eu quem tá soando antiquado. Graças aos republicanos e à AIDS, todo mundo anda se casando agora, até mesmo os gays tão pensando nisso.

Mas tem um cara no C, e é um moleque vestindo calças de abrigo puídas e uma ceroula por baixo. Ele tá de jaqueta de couro, mas eu não consigo ver mais muita coisa porque ele tá lendo a *Rolling Stone* que parece que tem o Axl Rose na capa. O Guns'N'Roses supostamente salvou o rock and roll alguns anos atrás, ou, pelo menos, é isso que todo mundo que trabalha na *Rolling Stone* vai dizer pra você. Eu digo o seguinte: se fosse verdade, então por que é que eu só escuto o rádio tocando música pop dançante de viadinho inglês? Uma porra duma

banda chamada Jesus Jones, puta merda. E por favor, pelo amor de Deus, nunca mais toquem aquele disco do Black Crowes, eu já ouvi da primeira vez, quando saiu com o nome de *Sticky Fingers*. Meu Deus, talvez o motivo pro primeiro vagão estar tão vazio é que todo mundo consegue perceber de longe o filho da puta resmungão em que eu me transformei. Estamos naquela hora estranha depois da hora do rush, mas antes da hora do almoço, em que você pode pegar um vagão vazio em plena luz do dia. O primeiro vagão tá cheio de novas pichações, nas janelas, nos assentos, até mesmo no chão, e esses novos são todos umas letras pontiagudas e futuristas, quer dizer, acho que são letras, que parecem feitas de metal derretido. Isso e os cartazes de Tang! Cura Não Invasiva para Joanetes e da porra do *Miss Saigon*.

Merda, eu queria ter uma *New Yorker* aqui. Ou qualquer coisa parecida. Saí correndo do escritório porque me dei conta de que o meu prazo tava quase estourando, e eu prefiro trabalhar de casa quando tô sob pressão. Eu entreguei a quarta parte ontem. Quatro de sete. Sim, parte de mim torce pra que as pessoas ainda leiam a *The New Yorker*, ou, pelo menos, prestem atenção nela do mesmo jeito que prestaram quando a Janet Malcolm escreveu sobre o Jeffrey MacDonald e o Joe McGinnis uns meses atrás. Não que eu esteja trabalhando em algo tão grande assim e, além do mais, porra, quem é que dá a mínima pro Cantor ou pra Jamaica agora, além de meia dúzia de universitários? Você, Alex Pierce, é o que os moleques hoje em dia chamam de dinossauro. E nós mal estamos em março.

Eu desço na 163^a, subo os degraus torcendo pra que o cara que tentou mendigar um cigarro não esteja aqui pra mendigar outro. Que merda, por que ele compraria um maço se podia ficar me achacando um ou dois todos os dias? Quanto mais eu vou me afastando do C-Town, mais evidente fica que não tenho nada de bom na minha geladeira. Estou voltando pra uma casa sem comida, o que só vai me deixar puto da vida, e

eu vou ter que botar esse casaco de novo pra voltar andando até esse C-Town do qual eu tô me afastando bem nesse momento. Mas que se foda, eu já tô na 160^a.

Estamos em março, ainda tá frio pra caralho e eu não posso nem desistir da porra dessa casa. O apartamento que eu comprei num prédio de tijolo à vista não tava nem precisando de reforma e, mesmo assim, o dono tava tão louco pra ir embora dali que eu comecei a achar que tinha alguma coisa muito errada com ele. Isso só fez ele abaixar o preço. Ele tentou me passar uma conversa fiada sobre o Louis Armstrong ter morado ali. Só que três minutos depois ele disse que tinha sido o Cab Caloway. Tanto faz, eu gosto dos bairros dos quais as pessoas tão tentando fugir, muito embora, se você me perguntar, eu diria que eu acho que as pessoas tão indo embora daqui porque odeiam como essa parte de Washington Heights, quer dizer, do Harlem histórico, tá se afundando na merda desde o final dos anos 1970, apesar de uma aparente recuperação que se mostrou ilusória bem rápido, no comecinho dos anos 1980.

O que eu tô tentando dizer é que essa rua, especialmente a essa hora do dia, geralmente tá bem vazia. Então por que é que tem quatro caras negros, todos vestidos como se tivessem acabado de gravar um videoclipe de rap, sentados na escadaria do meu prédio? Eu não podia dar meia-volta, porque eles já tinham me visto. Se eu me comportasse que nem um branquelo cagão eles viriam pra cima de mim na mesma hora, ou sentiriam o cheiro do medo e correriam atrás dessa merda. Me fodi. Um deles, com os dreadlocks presos na porra dum rabinho de cavalo, fica de pé e olha pra mim. Eu tô a cinco metros da minha própria casa e tem quatro negros na escadaria. Dois deles acabam de rir bem alto. Dou um passinho pra trás e me sinto como um idiota. São só negros sentados na minha escadaria. Eles podiam estar sentados em qualquer outra escadaria e, olha só, seu merda, eles podem até mesmo ser seus vizinhos e é sua culpa que você não conheça nenhum deles. Eu dou um tapa na minha

bunda, como se estivesse procurando uma carteira que não tava lá, e tentei fazer uma cara de que-merda-esqueci-minha-carteira, mas o Rabinho de Cavalo ainda tá me olhando, até dá pra dizer que tá me encarando, mas talvez eu só esteja imaginando coisas. Eu não posso simplesmente ficar ali parado. Talvez eu possa continuar andando e entrar no café na esquina. Esperar alguns minutos até eles irem embora, se bem que eles parecem não ter lugar nenhum pra ir. Merda. Eu não posso simplesmente ficar aqui parado. Quer dizer, isso aqui é Nova York, nenhum negro vai sair atacando um branco insuspeito depois do que o Bernie Goetz fez, né? Exceto que já fazia um bom tempo que aquilo tinha acontecido.

Quando chego na escadaria, minha porta tá escancarada. Rabinho de Cavalo sai da minha frente e aponta pra dentro, como se aquela casa fosse dele. Eu paro, torcendo pra que a viatura da polícia que faz a ronda quando dá na telha aparecesse logo. Rabinho de Cavalo faz o gesto com a mão mais uma vez, agora num gesto todo floreado, como se fosse o meu mordomo, e eu subo o primeiro degrau. Os outros homens ficam me encarando. Um deles tá com um moletom cinza com um capuz escondendo seu rosto, um tá usando o que parece uma meia-calça na cabeça, e um trançou o cabelo rente à cabeça, como os jamaicanos costumam fazer antes de desmanchar pra que ele vire um black power. As calças estão tão arriadas que os fundilhos de todas estão na altura dos joelhos, e todos estão usando Timberlands de couro cru. Se estão armados, evidentemente não acham que valha a pena mostrar isso pra mim. Eu não quero que o Rabinho de Cavalo aponte a entrada da minha casa uma terceira vez, então começo a subir. Eu mal conseguia andar. Jesus Cristo. Não faz nem uma semana que um amigo meu, que costumava vender pó pro Fleetwood Mac, me disse que tinha ido à falência porque a porra dos jamaicanos tavam tomando conta de tudo, e tavam pouco se fodendo pra quantos teriam que matar pra alcançar seu

objetivo. *Irmãozinho, eu disse pra tu que não é bem assim*, alguém disse do lado de fora, num sotaque jamaicano. Aquele parecia ser um bom momento pra fazer uma piada perguntando se as mães deles não tinham ensinado eles a manterem a casa em ordem, mas eu não tinha ninguém pra quem dizer isso.

Vou andando pelo meu corredor como se fosse a casa de uma outra pessoa, e as tábuas do piso rangem e denunciam a minha presença. Passo pela minha própria escada que leva ao segundo andar e presto atenção pra ver se escuto alguém lá em cima. Tem uma ou várias pessoas fazendo uma bagunça na cozinha. Um negro alto, de regata e com um macacão khaki com uma das alças penduradas tá batendo um suco amarelo no que era pra ser o meu liquidificador. O outro cara entra no meu campo de visão como se alguém tivesse gritado ação por trás daquele barulho. Ele começa a falar comigo enquanto senta num banquinho perto da pia. Era negro também, com o cabelo bem curto, meio gorduchinho, porém mais alto que o cara de regata, vestido num terno de seda azul bebê, com um lenço branco no bolso que mais parecia uma flor morta brotando do seu coração. Não conheço esse cara. Não conheço nenhum deles. Acho que nunca tinha visto sapatos tão lustrosos. Eram vermelho-escuro, quase negros em algumas partes. Eu levanto o olhar. Não sei dizer se ele percebeu que eu tava admirando seus sapatos.

— Giorgio Brutini.

Me deu vontade de perguntar se aquilo era uma versão lado B do Giorgio Armani, mas daí eu lembrei que a ironia nem sempre é a melhor cartada pra jogar com um jamaicano.

— Ah — eu digo.

— Então, escuta só, tá vendo esse cara aqui, o Ren-Dog? Ele acha que eu contratei ele porque ele é rápido no gatilho. Mas só que eu tenho ele por perto porque ninguém faz suco melhor que esse maluco aqui, Jah sabe.

— Porra, meu patrão. Desse jeito vou ter que ir pruma escola de cozinheiro.

— Então é melhor tu te matricular na turma da noite, haha.

O cara do terno de seda levanta um dedo pra cortar o que eu ia dizer, mas eu não ia dizer coisa nenhuma. Ele pega um copo e bebe a coisa toda em cinco goles barulhentos.

— Manga — ele diz.

— Que tipo — diz o Regata.

— Julie e... peraí, eu sei... East Indian.

— Jah sabe, patrão, tu só pode ser vidente ou um troço assim.

— Ou talvez eu seja só um moleque do interior que entende de manga. Serve um pouco aí pro branquelo.

— Na boa, não tô com sede.

— Eu perguntei se tu tá com sede? Um sorriso aparece e depois some do mesmo jeito que apareceu. Juro por Deus que isso é uma coisa que eu só vi os jamaicanos fazerem, e todos eles são capazes de fazer. Uma mudança brusca de expressão que faz o rosto ficar gelado. A testa franzida, os olhos mortos, imóveis. Deixa até uma criança de dez anos assustadora.

— Acho que eu poderia tomar alguma coisa, mesmo.

— Bom saber, juventude. E fica à vontade pra pegar um leite, ou um iogurte, ou qualquer fruta que tiver aí na geladeira. Porra, o Ren-Dog abriu a tua geladeira aí, irmãozinho, e eu quase achei que tu era um serial killer que tinha enfiado um cadáver aí dentro.

— Pode crer, patrão, é um milagre que nenhum rato tenha feito um buraco no fundo da geladeira ainda — disse o Regatinha.

— Tu sabe que tu tem leite aí dentro desde janeiro?

— Eu tava querendo fazer meu próprio iogurte.

— O cara é humorista, patrão.

— Haha, é o que tá parecendo. Ou talvez ele só seja uma piada. Mas enfim, irmãozinho, chega mais, deixa eu dar uma boa olhada em tu.

Eu sento no banquinho. Não sei dizer se olhar nos olhos dele vai deixá-lo impressionado ou irritado. Daí ele começa a andar em volta de mim como se eu estivesse em algum tipo de exposição. Eu quase digo que o museu tava fechado, quase digo. Não sei por que eu acho que fazer uma piada possa trazer qualquer leveza a qualquer situação, porque isso nunca, jamais acontece.

— Ren-Dog, eu já contei pra tu sobre um cara chamado Tony Pavarotti?

— Tu nunca me contou, mas eu tô ligado nele. Qual é o moleque que não escuta falar sobre o Tony Pavarotti quando é criança?

— Ô, já tá fazendo quase quinze anos que eu tô te procurando, tu tá ligado?

Levo uns bons três segundos até perceber que ele tava falando comigo.

— Mas Eubie, por que é que tu lembrou do Pavarotti, ele não tá morto desde setenta e sete ou setenta e oito?

— Setenta e nove. Mil novecentos e setenta e nove. Ren, te apresento o maluco que matou ele.

QUATRO

Que que houve com o teu cabelo?

— Ficou branco. Ficou grisalho muito cedo, depois ficou branco. As mulheres me chamam de raposa velha.

— Muito cedo meu rabo. Tu tá ficando grisalho na hora certinha.

— Essa foi engraçada, Josey.

— E tu tá morando nos Estados Unidos já tem tanto tempo, que tu tá falando que nem eles.

— Como se eu tivesse morando nos Estados Unidos?

— Não, como se tu tivesse morando com um monte de cubanos.

— Haha. Ninguém nunca acredita em mim quando eu digo que o Josey Wales tem senso de humor.

— Ah é? E pra quem que tu tá falando de mim?

— Josey, meu velho, olha só pra nós. Você pensa muito no passado, *muchacho?*

— Não. Tu sabe que eu nunca penso na porra do passado. Essa porra fode contigo, e tu não tem como foder ela de volta.

— Você ganhou uma bela língua suja na cadeia, *mijo*.

— Boca suja. Em Roma, faça como os romanos.

— Haha. Essa foi boa, Josey, muito boa...

— Luis, pode parar com essa condescendência, seu cu cagado. Dessa tu gostou, né? Uma palavra bem grandona, só pra tu. Eu fico sete anos sem ver o cara, e onde é que a gente vai se encontrar? Na cadeia. Tá vendo o que eu quero dizer quando falo que o presente tá esquisito pra caralho? Especialmente porque essa semana o passado ficou insistindo em

dar as caras por aqui. Desde a mãe de um bebê que eu tinha até me esquecido, passando por um parente preocupado com dinheiro — sai fora, até o Peter Nasser. Esse aí me fez querer que a minha cela tivesse uma câmara escondida. Esse cara sozinho é o responsável por me fazer questionar se tu realmente vai ficando mais sábio conforme vai ficando mais velho.

— O Peter Nasser?

— Não faz de conta que tu não conhece ele.

— Não falo com o cara desde 1980. Você esqueceu que eu só falava com ele pra chegar em você.

— Bom, agora que ele tá querendo virar Sir, espero que o passado não venha dar um catuco nele.

— Um o quê?

— Um cat... uma rasteira.

— Ah. Mas esse lance do Sir, *hombre*. Ele quer virar um Sir? Mas ele já não tem um pau, *hombre*?

— Um cavaleiro. Um Sir, que nem o Sir Lancelot. Agora ele quer se ajoelhar na frente da rainha pra que ela abençoe ele com uma espada. É o curso natural da vida para todo homem negro, eles ainda querem que uma mulher branca diga a eles que eles chegaram lá, não é mesmo?

— Não sabia que ele era negro, Josef.

— Engraçado, nos últimos cinco minutos tu me chamou de cinco nomes diferentes.

— O que eu posso dizer, *mijo*? Toda vez que eu olho pra você, você é um homem diferente.

— Eu sou o mesmo cara.

— Não. Não é. Você só diz que nunca pensa no passado. É por isso que você não consegue se enxergar como você é.

— Não sei de que porra tu tá falando. Tu veio aqui e começou a vomitar um monte de idiotice pela tua boca. Mais um pouco e vai

começar a tocar um violino.

— Olha aí, de novo, o senso de humor do Josey que, pelo jeito, ninguém sabe que existe.

— Irmãozinho, já enchi o saco disso. E tanto tu quanto eu sabemos que aqui não é a tua última parada.

— Pra onde mais eu vou?

— De volta pro filho da puta que te mandou.

— E se ninguém me mandou aqui?

— O Doctor Love nem rola na cama se não estiverem pagando.

— Você sabe o que nós somos, Josef?

— Eu sei que a gente só tá falando merda.

— Dinossauros.

— Tu tá ouvindo alguma coisa que eu tô dizendo, porra?

— Coisas do passado. Lembranças, apenas.

— Jesus Cristo.

— Isso quer dizer, meu amigo, que a maioria das pessoas jamais vai entender. Talvez alguém consiga ver algum valor em nós, mas na maior parte do tempo, a gente vai ser simplesmente ignorado.

— Meu chapa, se tu tá tentando me dizer alguma coisa usando uma metáfora, tu tá fazendo um trabalho de merda.

— Só tô tentando deixar as coisas mais alegres, *mijo*.

— Não. Tu tá só enrolando porque tu nunca teve que fazer nada tão de perto na tua vida. É um milagre que tu não seja virgem.

— Já ouviu falar em sexo por telefone?

— Sério?

Ele ri.

— É a moda do momento, todo mundo que trabalha no mundo pornô tá acabando com os sets de filmagem e trocando por centrais telefônicas. Uns gordos deprimidos que nunca se casaram ligam pro 1-900-BUCETA-

MOLHADA e uma vagabunda de duzentos quilos com uma voz sensual diz olá, marinheiro. Ele bate uma e depois vem tudo na conta do telefone.

— Tá falando sério?

— Papo seríssimo.

— Sabia que eu devia ter sido cafetão.

— Sei não, esse lance de ser traficante de drogas deu muito certo. Até você vir parar nesse lugar.

— Queria mudar de ares.

— Quem é que tá usando uma metáfora cagada agora?

— Esses anos todos não ouvi merda nenhuma a teu respeito. O muro de Berlim caiu, o James Bond ficou sem histórias pra contar e o Doctor Love não tem nada pra fazer. Quê, tu sossegou teu rabo e voltou a ser um médico de verdade? Peraí, no duro? Tu é um médico de verdade agora? Como é que tu faz cirurgia, cara, explodindo as partes do corpo?

— Haha.

— Sei lá, manter um corpo vivo não parece o tipo de coisa que tu gosta. Então, me diz aí, Doctor Love, como é que essa briguinha de família chegou até você aqui em Miami?

— Quem disse que eu estava em Miami?

— Eu tenho dois olhos que nem tu.

— Hmm. Josef, você é um homem inteligente. O homem mais inteligente que eu já conheci. Com certeza você achava que se continuasse falando por tempo suficiente, todo mundo ia te ouvir.

— Mas eu tava falando dois anos atrás. Por que agora, e por que tu?

— Só tô observando.

— Mas que cu cagado. Quer saber duma coisa? Vamo acabar logo com isso porque essa porra toda já tá me enchendo o saco. Tu sabe que se alguma coisa acontecer comigo, certos documentos vão começar a aparecer nas mesas de certos promotores de justiça.

— O papo que rola nas ruas...

— Tu não sabe porra nenhuma da rua.

— O agente do DEA. Quando foi que ele veio te visitar, quinta passada?

— Se tu sabe que o DEA veio me ver, tu também sabe quando ele veio, porra. Jesus Cristo, Luis, eu queria mesmo que tu fosse um dinossauro, porque, sem mentira — essa tua versão atual aí tá me decepcionando pra caralho. Quantos quilos tu engordou desde a última vez que a gente se viu?

— A vida anda muito agradável.

— A vida te transformou num gordo de merda. Tu já olhou pra ver se o teu dedo ainda cabe no gatilho?

— Você tá muito bem.

— Tu costumava mentir melhor.

— Você também, seu cuzão. Que papo furado isso de documentos. Todo mundo sabe que tu nunca anotou coisa nenhuma, Josey. O DEA quer as informações que tã na sua cabeça, não na porra de um documento. Qualquer coisa que estiver dentro da sua cabeça, vai morrer dentro da sua cabeça. Pela primeira vez na sua vida, você fechou a matraca. Todo mundo tava pouco se fodendo pra você até que você decidiu fazer uma limpa naquela cracolândia em 1985. Mais ou menos na mesma época seus novos melhores amigos do DEA começaram a prestar atenção. Eu perguntaria ao Chorão se foi um daqueles raros momentos em que o Don perdeu a cabeça, mas, pelo jeito, ele também desapareceu em 1985.

— Não tem mistério nenhum sobre o que aconteceu com o Chorão. O cara não conseguia não meter a mão na própria mercadoria. Cedo ou tarde aquilo ia acabar acontecendo.

— Injetar cocaína pura? Como é que um traficante se envolve num acidente desses? Mesmo se estivesse usando.

— Talvez não tenha sido um acidente.

— Você tá dizendo que seu amigo era suicida?

— O Chorão? Ele não tinha nenhum motivo pra se matar. Justo quando ele tinha começado a viver do jeito que ele sempre quis? Tu sabe que as coisas tavam ruins quando o único momento em que ele foi feliz antes de Nova York foi quando ele tava... que merda. Foi quando ele tava aqui. Nessa mesma prisão.

— Então o que você tá dizendo, Josey?

— Não tô dizendo coisa nenhuma. Foi tu quem levantou essa bola. A porra do Chorão. Eu sabia que isso ia acontecer. Foi pra isso que tu veio aqui, Luis? Porque tu só tá falando dumas merdas que ficaram pra trás há muito tempo.

— Engraçado você falar sobre pessoas que adoram falar. É muito bom te ver, Josey. Apesar das circunstâncias.

— Eu não ia nem te ver se não fossem essas circunstâncias.

— Correto. Eu acho.

— Quando é que tu vai embora?

— Pra Jamaica? Não tem nada marcado.

— Quando é que tu vai?

— Amanhã, seis da manhã. Primeiro voo.

— Tempo suficiente.

— Tempo suficiente pra quê?

— Pro que tu precisa fazer. E pra preencher o teu relatório.

— Então, você e o Sr. DEA já tão discutindo um acordo de delação?

— Acordo de delação? Tu é precipitado, hein? Primeiro tem que chegar no tribunal, Doctor Love.

— Ah, é mesmo?

— Sim, é mesmo. O cara aprende muito quando a vida dele gira em torno de cadeia e tribunal.

— Falando em tribunal, foi bem foda o tribunal de apelação não ter descartado a sua extradição.

— Não era um tribunal de apelação, era um Conselho Privado. E foi foda pra quem? Pra mim? Do jeito que eu vejo, eu só tô fazendo uma visita aos Estados Unidos que tava adiada há muito tempo.

— Você fala como se estivesse indo pra casa da sua avó.

— Não sou eu quem tá se cagando de medo de ir pruma cadeia americana. Quem tá se cagando é quem te mandou aqui.

— Ninguém me mandou...

— Beleza, meu filho. Continua negando o que tu acha que precisa negar. E o que quer que tu tenha vindo fazer, faz quando eu estiver dormindo.

— Foi um funeral muito bonito.

— Quê?

— Muito bonito mesmo. O funeral mais barulhento em que eu já estive, mas foi muito bonito. Acho que eu nunca tinha visto uma banda marchando na frente de um caixão. Com balizas e tudo. E tavam bem gostosinhas, de minissaia. No começo eu tava achando meio cafona, mas elas tavam de calcinha azul pra dar um pouco mais de classe. Foi legal pro teu filho.

— Não fala do meu filho.

— Mas tem uma coisa. Foi muito esquisito, porque, bom, eu nunca tinha visto aquilo.

— Luis.

— Quando eles baixaram o Benjy na cova, um monte de homens e de mulheres formaram duas filas, certo? Nos dois lados da cova. E aí alguém, a esposa dele, talvez? Ela entregou o bebê ao primeiro homem e daí eles começaram a passar ele de braço em braço, por cima da cova, até o final da fila. O que isso significa, Josey?

— Não fala do meu moleque.

— Quer dizer, eu só queria saber...

— Eu disse não fala do meu moleque, seu cu cagado.

CINCO

— *Não era pra ele já ter acordado agora, enfermeira? Enfermeira? Enfermeira? Não era pra ele ter acordado?*

— Dona, tecnicamente ele não está dormindo. Nós temos que mantê-lo sedado agora, para o seu próprio bem.

— É o dotô que vai fazer isso? Por que que vocês não querem acordar ele? Que que vocês vão fazer?

— Dona, você vai precisar falar com o médico, dona.

— Dona. Mas como tu é metida. De onde é que tu é, de Manor Park?

— Do Bronx.

Ela toma um susto toda vez que o monitor faz um bip. Estou perto da porta, tentando sair desse quarto já faz cinco minutos. Sim, eu sei que eu sou uma enfermeira, mas quando você trabalha num hospital, o cheiro começa a te incomodar. Não é o cheiro que as visitas sentem, e nem o cheiro que os pacientes sentem, também. São outros cheiros. Tipo o cheiro de um homem com um ferimento sério, ou de um homem que tá tão mal que você sabe, mesmo antes que alguém confirme, que ele não vai mais se recuperar. Um homem que tem cheiro de máquina. De plástico limpo. Comadre lavada. Álcool gel. É tanta limpeza que você fica enjoada. Esse homem na cama tem um tubo enfiado em cada um dos braços e um no pescoço, quatro embolados dentro da boca, um pra coletar seu mijo e um outro pra coletar o que um dia já foi merda. Semana passada ele precisou de um dreno porque tinha muito fluido dentro do cérebro. É um jamaicano, negro, vestindo um pijama com estampa de risquinhos por baixo dos lençóis brancos. Não sou uma dessas enfermeiras que precisa

ficar ajustando tudo de tempos em tempos, inclinar ele um pouco pra esquerda, um pouco pra direita algumas horas depois. Também não sou a enfermeira que vem checar seus sinais vitais, ela saiu faz cinco minutos. Não tô aqui pra checar seu soro ou seus nutrientes, ou pra conferir se está num nível de sedação satisfatório. Eu nem mesmo deveria estar nesse andar, na verdade, já que tô sempre muito ocupada na emergência. Mas aqui estou eu, mais uma vez, na UTI, e tenho vindo com tanta frequência que essa mulher, que talvez seja a mãe do filho dele — quer dizer, ela sempre vem aqui com um bebê, mas hoje não veio —, acha que eu sou a enfermeira dele. Eu não posso pegar e dizer que eu não sou porque daí ela vai se perguntar a mesma coisa que eu me pergunto todo dia. Por que eu estou aqui?

Eu não sei.

A maioria dos jamaicanos que apareceu na emergência foi atendida e mandada de volta pra casa, incluindo um homem que vai pensar duas vezes antes de cagar por umas boas seis semanas. Dois não resistiram aos ferimentos, e dois estavam mortos antes mesmo de chegarem aqui. E aí tem esse cara que levou seis tiros, tem um traumatismo craniano muito grave e uma fratura da coluna cervical. Mesmo que ele resistisse até a semana que vem, ou a semana seguinte, cada detalhe do que ele conhecia como vida provavelmente estava morto agora. Eu deveria me mostrar esperançosa, ou demonstrar uma simpatia abstrata, como eles te ensinam a fazer com as famílias dos pacientes críticos. Mas o máximo que eu conseguia era demonstrar uma espécie de indiferença que, cedo ou tarde, essa mulher ia acabar percebendo.

Saio antes dela ir embora, mas, na maioria das vezes que eu venho ver ele mais cedo, ela já tá aqui, sentada ao lado da cama, enxugando a testa dele. Ontem eu lembrei ela de que ela também pode transmitir uma infecção, então que era pra, pelo menos, lembrar de usar o álcool gel que tinha na porta antes de pegar o bebê no colo, e ela olhou pra mim como se

eu tivesse insultado ela. É apenas uma sugestão, dona, não é a política do hospital, eu disse. Eu queria mesmo era olhar pra ele quando ela não estivesse aqui. E dizer pra mim mesma que, não sei por que, mas, quando não fico pensando muito numa coisa, é como se ela realmente não existisse. Esse homem tá no hospital por causa de algo que tá sempre perseguindo um jamaicano, não importa quanto ele corra. Eu não quero saber por que ele tá aqui. Não tenho o menor interesse nessa besteirada toda de guerra. O único motivo pelo qual eu ainda tô no Bronx é porque não tenho dinheiro pra me mudar pra um outro lugar, então se os jamaicanos quiserem se encher de bala por causa de drogas ou, seja lá o que for, isso é problema deles. Eu não quero nem ouvir o nome daquele cara, nem quando eles tão falando sobre o filho dele. Teve uma época em que apenas ouvir o nome dele me faria gritar. Agora, quando escuto ele, eu não sei o que acontece até que alguém ou eu mesma me encontre olhando pela janela, dentro da cantina, como se eu estivesse perdida ou algo assim. Jura, que eu ainda me lembrava por que esse nome fazia o que ele faz comigo. Jura, que mesmo sabendo que eu nunca seria capaz de mentir pra mim mesma, eu não ficaria tentando pra sempre, sem parar.

— Então, o que que tu sabe?

— Perdão?

Eu tava torcendo pra ela não estar falando comigo todo esse tempo. Ela está tocando na cabeça dele, sem olhar pra mim.

— Tudo que vocês fica falando é das coisas que vocês não sabe. Tu não é a enfermeira? Ele não tá melhorando? Tu não vai trocar os remédio dele? Por que é que ninguém quer me responder se ele vai andar de novo, eu fico ouvindo esses papo da espinha dele, tá sabendo? Tô cansada dessas enfermeira que vêm aqui e lê umas prancheta e toca nele e mexe com ele e faz tudo quanto é coisa, mas elas não te fala nada, só fala com o desgraçado do dotô. E cadê o desgraçado do dotô?

— Tenho certeza de que o médico está vindo, dona.

— O médico já está aqui, senhoras.

Eu só espero não ter falado merda nenhuma em voz alta. De novo. O Doutor Stephenson estava desfilando no seu passinho de médico por dentro do quarto. Seus cabelos loiros estavam bem penteados. Talvez ele fosse a algum outro lugar depois daqui. Alto, branco e bonitão de um jeito meio britânico, o que significava que ele não tinha começado a usar a Bowflex que mandou entregar no seu escritório dois ou três meses atrás, mas, ainda assim, parecia que tinha acabado de sair do *Carruagens de fogo*. Semana passada ele tinha arregaçado a manga pra me mostrar como seu braço era ainda mais branco debaixo da camisa, e eu fiquei pensando se ele poderia pegar um bronze na Jamaica, já que tinha fracassado em todos os outros lugares. Essa droga dessa mulher me atrasou. Não era pra eu estar aqui, certamente não por tempo suficiente pra que um médico acabasse me encontrando.

— Que prazer encontrá-la por aqui, Enfermeira Segree. A Emergência está tendo uma tarde fraca ou eles finalmente a transferiram para a UTI?

— Hã... Doutor, eu só estava passando e olhei aqui pra dentro e...

— Por que, tinha alguma coisa errada aqui? Você avisou quem estava de plantão?

— Não, não tinha nada errado. Não tinha nada... Eu só estava passando.

— Hmm. A Emergência agora está mandando as estudantes de enfermagem subirem aqui pra UTI? Juro por Deus, acho que você é a única que eu conheço pelo nome, Enfermeira Segree.

— Bom, eu preciso ir andando, doutor...

— Não, espere um minuto. Eu posso precisar de você.

Eu tava quase falando alguma coisa, mas ele simplesmente fechou os olhos e fez que sim com a cabeça uma vez, como se aquilo fosse tudo que havia para se dizer sobre aquele assunto.

— Olá, dona.

— Por que que todo mundo aqui fala comigo que nem se eu fosse uma velha coroca?

— Hã? Enfermeira, o que foi que ela... bom, tudo bem. Ele é o seu marido?

— Doutor Stephenson — eu digo. Eu quero dizer fala de uma vez com essa desgraçada dessa mulher e para de tentar descobrir qual é o estado civil dela porque se ela começar a te explicar o que é uma união estável você vai levar um mês pra entender, mas em vez disso eu digo apenas: Ela está identificada como parente mais próxima, doutor.

— Ah. Bom, dona, ainda é muito cedo pra falar. Ele está respondendo... bem, ele está respondendo ao tratamento, mas ainda é muito cedo. Ele ainda está em estado crítico no momento, mas deve estabilizar dentro de alguns dias. Enquanto isso, vamos ter que fazer mais alguns exames...

— Como mais? Exame pra quê? Tu tá pensando que tu tá na escola pra meter esse porrilhão de exame? Pra mim isso aí tá cheirando a abobrinha.

— Ah... hã... Millicent?

— Millicent? — pergunta a mulher. Eu nem preciso olhar pra ela pra saber que ela tá me dando uma encarada com a testa franzida neste exato momento. O médico me chama de lado, mas não muito longe dela. Eu sei que ela vai ouvir tudo o que ele disser.

— Millicent... hã... como é que eu vou dizer? Eu não estou entendendo direito o que ela está falando. Quer dizer, eu acho que peguei um pouco da ideia geral, mas não quero sair trocando meus pés pelas mãos, se você está me entendendo. Você poderia falar com ela?

— Ah... claro.

— Na sua língua nativa, talvez.

— Quê?

— Você sabe, o dialeto jamaicano. É tão musical que é quase como ouvir o Burning Spear bebendo um suco de coco.

— Água de coco.

— Ou isso. É tão lindo, meu Deus, mas eu não tenho a menor ideia do que vocês estão dizendo.

— Ela quer saber por que estamos fazendo tantos exames, doutor.

— Ah. Bom, você pode dizer pra ela...

— Ela entende inglês, doutor.

— Mas será que você poderia falar pra ela na sua língua...

— Não é uma língua, doutor.

— Bom, então tá. Dona, como você sabe, o seu marido passou por uma cirurgia por causa dos ferimentos à bala que provocaram um grave traumatismo craniano e uma fratura instável na coluna. Às vezes, sobretudo se o paciente chega aqui ainda consciente, nós somos capazes de dizer como é que o seu quadro vai evoluir. Mas o seu marido não chegou. Além disso, um ferimento à bala tem o péssimo hábito de causar mais dano quando as balas saem do que quando elas entram no corpo. Levando em conta o fato de que ele não está consciente, e seria arriscado demais acordá-lo agora, nós ainda não temos certeza se a função espinal ou seu estado mental estão alterados em algum nível. Nós precisamos fazer exames porque seu estado pode estar mudando, quem sabe até para melhor. Mas não temos como ter certeza se não fizermos exames regulares. Talvez precisemos aumentar a dose de algum medicamento, talvez diminuir. Talvez ele até mesmo precise de uma nova cirurgia, e talvez de uma forma que não seja tão fácil de perceber. É por isso que nós precisamos fazer exames frequentes. Espero que isso tenha feito sentido. Dona?

— Você foi bem, doutor — eu disse, sabendo que o comentário o faria cagar nas calças de tanta raiva. Ele faz um gesto com a cabeça pra ela, depois pra mim, e depois vai embora. Já tô até ouvindo a conversinha

paternalista que ele vai tentar me passar ali perto do bebedouro. Pelo menos já tô velha demais pra ele colocar a mão em cima da minha enquanto faz isso — um movimento que, supostamente, deveria fazer uma enfermeira molhar a calcinha. Eu juro por Deus que se os médicos não atrapalhassem tanto, as enfermeiras poderiam se concentrar em cuidar efetivamente das pessoas.

— Aí, tu é de onde na Jamaica?

— Perdão?

— Tá perdoada. Tu é de onde na Jamaica?

— Não estou entendendo por que é que...

— Escuta aqui, mina. Eu ouvi quando tu falou pro médico que tu só tava passando, treze andares pra cima da sala de emergência de onde eu trouxe ele. Que é que ele ia dizer se eu falasse pra ele que é todo dia que tu vem aqui no quarto do meu macho que nem se ele fosse o teu macho, sem nenhum motivo? Então pode parar com esse papo furado porque com um nome que nem Millicent tu não pode ter nascido em nenhum outro lugar além da Jamaica. Millicent Segree? Tu não só é jamaicana como tu também é do interior. Então tu até pode ficar quanto tu quiser aí, toda metida no meio desses branquelo, só que tu não tá enganando ninguém.

Eu digo pra mim mesma que não preciso ficar aturando aquilo e se eu for embora naquele instante, esse hospital é tão grande que ela nunca mais vai me ver. Tudo que eu preciso fazer é ir embora. Tudo que eu preciso fazer é botar um pé na frente do outro e sair andando pra fora daqui antes que essa mulher parta pra ignorância.

— Porque eu tenho certeza que tu não saiu da Jamaica falando desse jeito.

— E se eu nasci na cidade alta?

— Numa dessas, pode ser. Tu parece meio chata e sem graça que nem aquelas mulher de lá, mesmo. Mas, pelo menos, tu não tem aquela cara de

quem vive com a cabeça enfiada no próprio rabo. Não, tu...

O monitor fez um bip e ela se assustou mais uma vez

— Tudo bem ouvir esse som — eu digo. — É quando você escuta aquele bip comprido e que não para que é ruim.

— Ah é? Ah. Eu não sabia. Ninguém tinha dito pra mim. Por que que tu fica vindo aqui pra cuidar do meu marido?

— Não tenho nada com teu marido.

— Vai por mim, meu amor, eu nem me esquentei com isso.

Deu vontade de mandar ela se foder, mas também dizer que eu admirava a rapidez daquela resposta.

— Não vem muito jamaicano pra esse hospital. Só uma mulher que morreu dum derrame no ano passado. Daí, de repente, chega um montão deles, todo mundo baleado. E ele foi o último que sobrou aqui. Claro que eu fiquei curiosa.

— Curiosa meu rabo. Se tu tivesse curiosa tu vinha aqui e lia aquela prancheta no pé da cama que todas as outra enfermeira lê. Mas tu vem aqui e fica olhando. E se eu me atraso tu tá sempre aqui, e se eu me adianto tu sai rapidinho assim que eu chego.

— As pessoas levam tiro na Jamaica o tempo todo, mas eu tive que vir aqui pra Nova York pra ver isso de perto.

— Ver de perto? Tu não viu foi nada. Espera até tu ver um moleque levando bala dentro duma boate.

— Mas por que que eles tão fazendo isso aqui? Pra que trazer isso pros Estados Unidos? Tem gente que acha que se vier pra cá vai poder se livrar de toda essa merda e começar de novo.

— Foi o que tu fez?

— Não foi isso que eu disse.

— Mas essa é que é a verdade. Tu e esse teu jeito de falar todo metidinho à besta.

Ela levanta por alguns segundos e, em seguida, senta de novo. Eu ainda tô perto da porta, pensando se eu devo sair dali bem devagar ou bem rápido.

— Alguns homens, a maioria, vêm pra cá por causa dessa merda que eles mandam pra cá. Se não fosse por isso, eles nunca poderiam nem pisar nos Estados Unidos.

— Pois é, acho que sim.

— Isso é fato. E tu não tá aqui só porque tu nunca vê nenhum jamaicano. Tu tá aqui por algum outro motivo. Gata, eu também sou mulher, tu tá sabendo. Eu sei quando uma mulher tá querendo alguma coisa.

— Eu preciso mesmo voltar pra Emergência.

— Se manda, então. Aí, da próxima vez que eu trombar com aquele médico que tá a fim de tu, eu vou dizer que tu tá vindo aqui toda hora, sempre que te dá na telha.

— O que você quer saber?

— Meu marido. Eu ainda vou ouvir ele falando algum dia?

— Seria melhor você falar com um médico.

— Fala.

— Você não quer ouvir isso de mim, eu não sou médica.

— Fala, eu tô dizendo.

— Talvez ele vá falar que nem uma criança de quatro anos. E isso se ele se recuperar. Ele vai ter que aprender tudo de novo e, mesmo assim, sempre vai parecer que é retardado.

— Ah. Ele vai voltar a andar?

— Do jeito que as coisas estão, talvez ele nunca mais consiga segurar um copo. Espero que você saiba que eu posso ser demitida por isso que eu acabo de te dizer.

— Demitida porque tu é a primeira a me dizer a verdade?

— Não é meu trabalho te dizer a verdade. É meu trabalho te dizer que nós achamos que podemos cuidar disso. E a verdade é que ninguém aqui pode prever o que vai acontecer com um paciente, então ninguém quer dizer uma coisa e depois não acontecer daquele jeito. Ele pode se recuperar ou ele pode...

— Morrer.

— Isso também.

Ela fica me olhando como se estivesse esperando que eu fizesse aquela pergunta. Ou talvez eu só esteja lendo o que eu bem entendo no rosto dela. O monitor faz um bip, mas ela não se assusta dessa vez.

— Foi o Josey Wales quem atirou nele? — E pronto, falei. Todos esses anos eu não tinha dito esse nome uma vez sequer. Nunca tinha conseguido. Sei que no futuro eu vou ficar me castigando por ter deixado isso perturbar a minha cabeça por tantos anos, achando que esse homem tava me caçando, quando, na verdade, eu tenho certeza de que se eu passasse por ele na rua ele não me reconheceria, mesmo que parasse pra me passar uma cantada.

— Josey Wales?

— Não quis dizer pessoalmente. Quis dizer a gangue dele.

— Você não conhece nenhum jamaicano no Bronx?

— O que isso tem a ver?

— Eles não chamam mais de gangue, agora chamam de bando. E o Josey não vai pra lugar nenhum, porque ele tá preso já faz dois anos.

— Quê?

— Então tu não nem leu nenhuma edição do *Gleaner* nem assistiu nenhum telejornal jamaicano? Eles vão trazer ele pra ser julgado nos Estados Unidos esse mês, meu amor. Foi o bando do Josey Wales que meteu bala na boate. Todo mundo sabe que a Tatters é uma boate dos Ranking Dons. Não que eles sejam os dono nem nada, mas eles tão sempre lá. Tu sabe que que é engraçado? Eu ainda lembro da música que

tava tocando, porque foi bem quando eu perguntei pra alguém como é que *Night Nurse* continuava tão maneira. Não me pergunta como é que eu não saquei o que ia acontecer: mataram o filho do Josey Wales na Jamaica e a pessoa que fez isso devia estar ligada aos Ranking Dons de um jeito ou de outro. Tu tem sorte de ter conseguido fugir pra bem longe de Jamdown, mas pro resto de nós, Jamdown vem sempre correndo atrás da gente.

— Então o seu marido era só um frequentador da boate?

— Não, gata, ele era um Ranking Don.

SEIS

Então, foi Jesus Cristo que matou o Tony Pavarotti?

— Pode crê, foi Jesus. Olha só o cabelo desse cara. Tua mulher te deixa sair de casa desse jeito? E eu que achava que os branco tudo fazia a barba menos aqueles maluco daqueles culto lá que eles se casam com as irmãs deles.

— E tu tá usando uma calça boca de sino? Caralho.

— Irmãozinho, o que eu tô querendo saber é o seguinte, pra onde é que eu mando o telegrama pra te avisar que a gente tá em 1991? Tu parece que vai cantar *Disco Duck* a qualquer momento.

— Não, Eubie, se liga, é *In the Navy*.

— Tanto faz, dá na mesma. Tu não sabe que ninguém se veste desse jeito mais, tu não assiste a MTV? Não, cara, o meu irmão aqui segue fiel ao estilo dele, só esperando voltar a ficar na moda de novo.

— Porra, vai ter que esperar pra caralho. Então, o que que tu ficou esperando esses quase quatorze anos? Que um de nós te achasse?

Fiquei com a impressão de que eles não eram daquele tipo de homem que vai direto ao ponto. Eles me botaram sentado num banquinho e agora eu tô no meio de um monte de caras me circundando, como se a qualquer momento eles fossem colocar um chapéu de burro na minha cabeça. Ou me atacar, ou arrebentar a minha cabeça com um taco de beisebol. No começo eu fiquei pensando que eles tavam me circundando que nem tubarões, mas aquela era uma hora muito ruim pra se usar uma metáfora cagada dessas. Seu idiota de merda, você fica aí editando a sua própria vida até quando um bando de negões armados invade a sua casa. E a

gente pode tirar assalto da lista, apesar de aquela ser a primeira vez na porra da minha vida que eu queria que fosse. Fazia anos que eu não ouvia o nome Tony Pavarotti, uns sete ou mais, e na verdade eu só tinha ouvido uma vez, do Tristan Phillips. Eu nunca penso naquele dia. Nem eu nem ninguém, já que ninguém fez coisa nenhuma. Eu até cheguei a fazer uma checagem, pelo menos até onde eu consegui, usando microfílm de jornais jamaicanos, e não saiu nada lá. Nenhum relatório da polícia sobre um homicídio, nem mesmo um cadáver encontrado no hotel. Vai tomar no seu cu, Faulkner, o passado não tá morto, e nem é o passado, na real. Eu nem sabia o nome do cara antes de conhecer o Tristan Phillips.

— No pescoço — eu disse. O Terninho de Seda e o Rabinho de Cavalo olharam pra mim como se eu tivesse interrompido eles. O Ren-Dog, pelo menos acho que esse é o nome dele, coloca as frutas que sobraram na geladeira e leva o liquidificador até a pia. Já consigo me ouvir dizendo pra ele não usar a máquina de lavar louça só pro liquidificador. Mas Rabinho de Cavalo e Terninho de Seda ainda estão olhando pra mim.

— Foi no pescoço que foi.

— Foi o quê? — perguntou o Terninho de Seda. Tenho quase certeza de que ele disse que o nome dele era Eubie, mas eu não tava conseguindo prestar muita atenção nas coisas. Eu nem lembrava se tinha seis ou sete homens no total aqui, agora.

— Que eu matei ele. Quer dizer, que eu acertei ele. Quer dizer, eu acertei ele no pescoço, provavelmente na jugular.

— Ele tá querendo dizer no pescoço, patrão — diz Rabinho de Cavalo. O Eubie faz uma cara tão feia que ele chega a se encolher.

— Quem da gente aqui foi pra Universidade de Colúmbia? Hein? Quem da gente? Vocês tão achando que eu não sei onde é que fica a veia jugular? Quanto tempo demorou pra ele morrer, dois minutos?

— Quase cinco.

— Então tu acertou a jugular errada, juventude.

— Não é como se eu tivesse experiência nessa área.

— Ah, não? Com as perguntas que tu gosta de ficar fazendo e as coisa que tu escreve talvez tu devesse pensar um pouco melhor sobre isso aí. Principalmente pelo que eu tenho lido na *New Yorker*.

— Todo mundo se acha um crítico — eu digo.

Não vejo o soco vindo. Bem na lateral da cabeça. Eu pisco, tento me recuperar do choque e grito caralho.

— Isso tá parecendo um filme pra tu? Eu tenho cara de quem tem tempo pra branquelo dando uma de engraçadinho?

— Pelo jeito os jamaicanos gostam mesmo de guardar rancor, hein?

— Não sei se tô te entendendo, meu jovem.

— Esse fulano aí, o Tony Pavarotti. Ele era o melhor de vocês. Vocês tão sempre falando sobre como esse filho da puta era fodido pra caralho, mas, mesmo assim, a porra dum jornalista mirrado acabou com ele usando a porra dum abridor de carta. E aí vocês aparecem quinze anos depois...

— Dezesseis.

— Tanto faz, tô pouco me fodendo. Vocês aparecem pra fazer o quê? Pra terminar o serviço? Nossa, isso é muito *O Poderoso Chefão II*.

— Patrão...

— Tá tranquilo, Ren-Dog. O branquinho aí tá achando que ninguém aqui vê filme.

Eu tô esfregando a minha cabeça e eles seguem andando em volta de mim. Ele espera ficar nas minhas costas pra falar.

— Cumé que tu acha que todos esses homens vieram parar nessa cozinha? Tu acha que o Ren-Dog veio até aqui pra fazer suco?

— Não sei.

— Ren-Dog?

O Ren-Dog olha pra mim e diz:

— M60.

— M60. Todo moleque que quer entrar pro bando tem que escolher um ônibus e um ponto. O primeiro homem ou mulher que sai do ônibus, ele atira. Se matar, vale em dobro.

— Era pra eu ficar assustado?

— Se liga, patrão, parece que os culhão de alguém tão crescendo dentro das cueca — disse o Rabinho de Cavalo.

Eu? Eu tô olhando prum cara com os dreadlocks presos num rabo de cavalo, um homem de regata fazendo suco e um homem de terno de seda que parece até de cetim com um lenço branco saltando pra fora do bolso porque a mamãezinha dele não ensinou como dobrar essa merda direito e, de repente, me dou conta de como aquilo tudo é absurdo. Absurdo não, porra, aquilo é ridículo.

— Tu tá ficando valente, irmãozinho — diz o Ren-Dog.

— Não, eu tô me cagando nas calças.

— Escuta aqui...

— Não, escuta aqui você. Porra, eu tô de saco cheio de vocês agindo desse jeito e botando essa banca como se tivessem na merda dum programa de tevê. Vocês invadem a porra da minha casa e fazem suco e tentam iniciar uma conversa como se vocês fossem uns mafiosos superinteligentes, e complexos, como se estivessem num filme, mas vocês não passam dum bando de pistoleiros de quinta categoria que atiram em mulheres e crianças. Caralho, eu tô pouco me fodendo se você leu ou não. Eu tô pouco me fodendo se você é inteligente ou não. Eu tô cagando pra essa bosta desse teu suco batido na hora. E ainda por cima eu apaguei o gangster mais fodido que vocês, seu bando de viadinhos, conseguiram produzir naquela ilha de merda. Pra falar a verdade, por que é que você não acaba logo com isso, hein? Vamos lá. Quanto menos merda eu tiver que ouvir você falando, melhor. Acaba logo com essa merda e sai da porra da minha casa pros vizinhos poderem chamar a polícia. E leva essas merdas dessas frutas contigo, eu nem gosto de suco.

— Tu tem razão — diz o Eubie. — Aquilo não era pra te assustar. Quando eu quero assustar um homem, eu não falo porra nenhuma. Ren-Dog, dá um jeito nesse arrombado.

SETE

Mas o que é que o Peter Nasser queria, afinal?

O Josey Wales caminha pela cela, apostado que sem perceber que tá indo de um lado pro outro. Mas toda vez que ele desaparece naquele canto escuro, eu acho que ele vai emergir de lá com alguma surpresa terrível. Talvez não uma arma de fogo, mas quem sabe uma haste que ele possa arremessar que nem um punhal e acertar em cheio um dos meus olhos. E isso acontece todas as vezes. Ele vai andando bem devagar por trás das grades da cela, me olhando o tempo todo, até que chega no canto; daí ele vira a cabeça para trás e continua andando até que a sombra o engula. Então tudo fica em silêncio, de modo que você não consegue nem saber onde ele tá ali no escuro. Não se escuta nem o som de seus passos. Às vezes ele fica parado lá e você fica se perguntando mas o que é que ele tá fazendo ali? O que ele tá aprontando? E daí, por um segundo, quando ele finalmente sai das sombras, seu coração bate mais forte. E isso acontece todas as vezes que ele faz isso. Não consigo lembrar qual dos dois eles dizem que é mais perigoso, se o leão ferido ou o enjaulado.

— Um motivo pra parar de se cagar nas calças. Por que é que tu tá todo interessado no Peter Nasser assim do nada? Tu não acabou de dizer que não vê o malandro faz onze anos? Só essa semana ele já foi o sexto cara que veio aqui puxar meu saco. Agora todo mundo quer saber o que eu vou fazer se me mandarem pra uma prisão americana. Bom, eles deviam ter se esforçado mais pra evitar que eu fosse preso, em primeiro lugar. E é engraçado que, pelo jeito, todo mundo acha que eu vou ser condenado pela corte americana. Mas pode observar — quando a justiça

ianque veio atrás de mim da primeira vez, todo mundo se esqueceu do Josey e me largou sozinho pra eu me resolver com ela. E agora que as coisas não se resolveram, de repente todo mundo tá querendo resolver por sua conta.

— Ou seja?

— Ou seja, certas pessoas ainda tão tentando encontrar um jeito de me matar. Quer dizer, eles já tentaram uma ou duas vezes. Talvez três, mas não quatro. Meus homens aqui dentro deram um jeito no quarto na semana passada, e nem me disseram nada até o guarda encontrar a cabeça do arrombado enfiada na privada quando um deles entrou lá pra mijar. Até agora eles não conseguiram entender o que a cabeça de um detento estava fazendo dentro do banheiro dos guardas. Quanto aos guardas, esses são uns merdas, uns amadores do caralho. O primeiro agora tá cagando por um tubo, o segundo, a hora que ele chegou na minha cela e deu um monte de tiro num colchão vazio, ele já tinha virado viúvo, mas só ia saber dois dias depois que a mina dele tava grávida.

— Caralho, *hombre*.

— Tem gente que esquece por que é que tá sentada no topo, e de quem foi que botou eles lá.

— Você diz isso como se alguém devesse alguma coisa a você.

— E devem mesmo. Todo mundo me deve, porra. Eu entreguei o país de bandeja pra porra daquele governo.

— Aquele governo não é mais o governo, e ninguém te deve merda nenhuma, Josef. Ninguém te obrigou a fazer nada, e ninguém te impediu de virar a porra do Tony Montana, e todo mundo estava feliz fazendo vista grossa até que você resolveu executar uns viciados de merda que não valiam porra nenhuma, na bosta duma cracolândia, por nenhum outro motivo além de, talvez, alguém ter pisado nos teus sapatos novos, pelo que eu te conheço. Já te pagaram tudo que você acha que deviam a você, e até

mais. Foi você quem fodeu com tudo, tu tá me ouvindo? Você fodeu com tudo.

Ele mergulhou no escuro novamente. Espero ele voltar, prestando atenção se está arrastando os pés, agora. Mas não o Josey. Ele sai das sombras de cabeça erguida, talvez erguida até demais, como se estivesse estufando o peito por algum motivo.

— Se tu tá com pena de craqueiro, vai lá na Dumfries Road, em New Kingston, e escolhe um pra ti. Porra, quem é que vai sentir a falta dum cu cagado dum craqueiro?

— Ninguém. Mas da namorada grávida do craqueiro? Aí é um pouco diferente. Tem um artigo sobre ela na *New Yorker*. Que padrão esse teu, hein, Josef? Matando só mina grávida?

— Vai se foder.

— Que classe, meu Don. Que mania essa que você e a sua gangue de jamaicanos têm de sempre pensar pra-que-atirar-em-apenas-um-hombre-quando-você-pode-aniquilar-um-quarteirão-inteiro? Fazer chover bala, né? Por isso que é o Bando do Trovão. Que classe.

— Foi tu quem criou esses caras, patrão, não eu. Não vem criar monstro e depois chorar que eles ficaram monstruosos.

— Velho, quando eu tava trabalhando contigo alguns desses moleques ainda mamavam no peito. Não são os meus passos que eles tão seguindo, tiozão.

— Tu sabe quanto tempo eu levo pra ver se não botaram veneno no meu rango?

— Quê? Do que tu tá...

— Vinte minutos, três vezes por dia. Pergunta pros rato. Todo dia eu jogo um pouco de comida no chão e fico vendo se eles comem. Todo dia eu fico esperando o rato cair morto. Todo dia eu tenho que pegar cada banana e cortar miudinho, desfazer cada naco de arroz grudado, tomar cada gole de suco fazendo passar pelos dentes pra evitar de engolir vidro

quebrado, ou prego enferrujado, ou quem sabe até alguma coisa com AIDS. Tu sabe quanto tempo eu levo pra poder botar só uma colher na minha boca? E isso que eu já comprei todo mundo que trabalha na cozinha.

— Mas ninguém se atreveria a fazer nada, Josey.

— Talvez não, mas como todo mundo lá fora tá se cagando de medo do que eles acham que eu vou dizer, é só uma questão de tempo, irmãozinho. Só uma questão de tempo até que eles encontrem um guarda ou um detento com mais medo deles do que de mim.

— Você já tá preso há tempo demais.

— Talvez eu devesse redecorar esse lugar, pendurar umas cortinas.

— Nunca imaginei que você gostasse de humor negro, *mijo*.

— Eu ainda não tô morto, Doctor Love.

Ele senta na cama e vira a cara, como se estivesse encerrando aquela conversa. É a primeira vez que olho em volta desde que cheguei, e a primeira vez que tô notando que a cela, e todo o corredor, é feita de tijolo aparente, e tem vários faltando. É exatamente o que você imagina quando alguém se refere a uma prisão na Jamaica. Pelo menos agora o piso é de concreto. Sério, esse é aquele tipo de prisão em que você só precisa de uma colher e o que alguns desses americanos chamam de proatividade, pra cavar um túnel pra sua liberdade em questão de alguns anos.

— E aquele coitado do Peter Nasser, que veio aqui e tentou me ameaçar?

— Ah, é? Como foi isso?

— Pensa num maluco brocha te ameaçando de estupro. De uma hora pra outra ele ficou preocupado que o canarinho fosse cantar. Foram exatamente essas as palavras que ele disse. Eu nunca diria uma coisa tão idiota.

— Eu sei. Mas ele não é o único, Josey.

— O que, pela milionésima vez, nos leva a por que você está aqui.

— Talvez eu esteja fazendo uma visita.

— Tu pode me visitar nos Estados Unidos. Vou pra lá daqui a dois dias.

— Uma pena eles não terem deixado você sair pra poder enterrar o seu filho.

— Tu é um arrombado do caralho, Las Casas. Um arrombado do caralho.

— Sabe o que sempre me fascinou em você, Josey? A maioria das pessoas que eu conheço, cara, elas conseguem desligar essa chave, e depois ligar de novo, mas você consegue deixar as duas coisas ligadas ao mesmo tempo. Você quase não consegue falar sobre a morte do seu filho, mas falar sobre apagar duas mulheres grávidas, pra você é como se não fosse nada. Você é o que eles chamam de psicopata. Que foi? Qual é a graça?

Ele riu. Por tanto tempo que começou a soluçar e, mesmo assim, não conseguiu parar de rir. Ele riu tanto que eu comecei a ficar com um pouco de raiva dele, fiquei mesmo, e eu nunca tinha sentido nada assim em relação a ele.

— Tu ensaiou muito isso aí antes de vir pra cá?

— Vai tomar no seu cu, Josef.

— Não, sério. Como é que eles chamam esse maluco, tu sabe do que eu tô falando, até já apareceu na tevê uma vez. O maluco que fica com um boneco no colo dele, que a boca do boneco se mexe, mas é outra pessoa que fala.

— Um ventríloquo. Você tá me chamando de ventríloquo? De quem, da CIA?

— Não, eu tô dizendo que tu é o boneco. Quem que te mandou aqui, meu chapa? O Sr. Clark-sem-o-E-no-fim? Falando sério, agora, esse cara ainda tá por lá?

— Fazia anos que eu não pensava nele. Ouvi dizer que tá no Kuwait.

— Tá mal de memória, então. Eu, por outro lado, lembro de tudo. Tipo nome. Tu sabia que a maioria das pessoas esquece nome? Tipo Louis Johnson. Sr. Clark-sem-o-E-no-fim, Peter Nasser, Luis Hernán Rodrigo de las Casas. Sal Resnick? Eu não esqueço de nome. Tem certas coisas também, tipo Operação Lobisomem. Eu não esqueço das coisas. Até certas datas, como 16 de outubro de 1968. Ou 15 de junho de 1976. Ou 6 de dezembro de 1976. Ou 20 de maio de 1980. Ou 14 de outubro de 1980? Eu não esqueço de datas. Que tal? Ficou sem ter o que falar agora, né, *muchacho*?

— Acho que as pessoas tão mais preocupadas com o que você possa falar por estes dias.

— Com o que eu vou falar, Luis. Com o que eu vou falar. Os caras cavaram esse buraco pra mim. Eu não disse pra cavar tão grande, que ia engolir todo mundo. Não sei com o que é que teu patrão tá preocupado. Ele só precisa ligar pro DEA — que são os Federais, né? Faz uma ligação que essa parte da história desaparece.

— O DEA não tem nada a ver com os federais. E eles não mandam em nenhum dos dois.

— Eles? Então alguém te mandou aqui.

— Eu gostava mais das nossas conversas quando a gente tava do mesmo lado.

— Tá ali o portão, tá ali o cadeado. Chega mais.

— Você ficou espirituoso depois de velho, hein, cara?

— Ainda sou mais novo que tu. Que é que tu quer, Doctor Love? Tu vai me oferecer um cofre cheio de grana pra quando eu sair da cadeia pra eu ficar bem quietinho?

— Eu não disse isso.

— Bom, deixa eu te perguntar uma coisa, e aí tu me responde. Por que que tu acha que eu vou sair da cadeia?

— Provavelmente por causa do acordo que tu vai fazer com o DEA.

— Ainda não entendi com o que que tu tá preocupado. O Doctor Love é passado, não foi tu mesmo quem me disse isso? A maioria das pessoas nem sabe que ele existe. Talvez tu tenha morrido na Baía dos Porcos, talvez tu tenha te explodido num avião em Barbados, talvez tu esteja trabalhando praqueles sandinistas lá agora.

— Pros Contrás.

— Dá na mesma. Ou talvez tu não passe de uma coisa que as pessoas inventam do nada quando precisam de um encosto.

— Talvez eu seja um fantasma, falando aqui agora com você.

— Pode muito bem ser. De homem que nem tu o mundo não precisa mais. Tu sabe quando foi que eu saquei isso? Lá em 1976. Política não serve pra merda nenhuma. Poder não serve pra merda nenhuma. Dinheiro já serve pra alguma coisa. Dar pras pessoas o que elas querem. O Peter Nasser achou que podia mandar uns caras pra me cobrar pelos meus descaminhos, mas quem que não tá do meu lado em Kingston?

— Você tem certeza disso, Josef? Todo mundo tá contigo?

— Sim.

— Todo mundo mesmo?

— Quê, tô precisando dum microfone aqui ou tu tá surdo?

— Todas as pessoas?

— Sim, porra.

— Até em Nova York?

— Principalmente em Nova York. Deve ser por isso que eles tão loucos pra me pegar por lá.

— Quem tu acha que apagou o teu mano Chorão?

— Além dele mesmo, é o que tu tá dizendo? Esse papinho tá ficando velho, Doctor Love. Tu não precisa investigar muito pra descobrir o que foi que aconteceu com o Chorão.

— Humm. Antes dela desaparecer da porra do mapa, eu tive uma boa conversa com a Sra. Griselda Blanco.

— Medellín já não tinha dado um jeito nessa vadia maluca?

— Antes disso, Josey. Me escuta, por favor? Isso foi bem antes, quando ela se deu conta de que tinha uma coisa boa rolando e começou a fazer umas alianças. Ela me falou dessa gangue, quer dizer, desse bando chamado Ranking Dons, já ouviu falar? Quase todos são jamaicanos.

— Sim, Luis, eu conheço os Ranking Dons.

— Ah. Não sabia se você conhecia ou não. Mas, enfim, ela tava me contando sobre como eles quase tinham conseguido dominar um esquema de extorsão em Miami, mas aí, em menos de um mês, todos sumiram.

— E daí?

— E daí que a Griselda, apesar de certamente ter vontade de acabar com eles, com toda certeza não tinha a manha de executar o serviço. Nem homens que fossem páreo pros jamaicanos. Pra lidar com os jamaicanos, ela precisava de um cara da própria ilha. De preferência um que já estivesse nos Estados Unidos, que pudesse se mobilizar rápido, e que já tivesse um interesse prévio naquilo. E esse filho da puta não era você, Josey. Não é do seu feitio subestimar um cara, *mijo*. Ele devolveu o sul de Miami pra ela. Ela deu o Chorão pra ele em troca. E depois ele decidiu que só ia ficar esperando que o poderoso Josey Wales terminasse o serviço. Só ficou esperando você foder com tudo. Entrar na cracolândia. Por que você não deixou aquilo pra lá, cara?

— Porque eu odeio o gosto de *mijo*.

— Quê?

— Nada.

— Não, você disse alguma coisa.

— Eu não disse porra nenhuma, Doctor Love.

— Um homem, Josey.

— O Eubie?

— O Eubie.

OITO

É que eu nunca tinha visto tão de perto um, você sabe...

— Um o quê?

— Um homem. Quer dizer, um desses homens.

— Mas olha que atrevida. Eu te disse que o meu homem é um desses homem?

— Você disse que ele era um desses Ranking Dons.

— Nem todo mundo que tá na igreja é cristão.

— Não sei se entendi direito.

— Com certeza tu me entendeu direitinho. Papo sério, tu sempre fala assim toda metida ou tu só tá querendo te enturmar com esses branquelo?

— Você acha que quem fala inglês correto está tentando se enturmar com os brancos?

— Tá tentando se enturmar com alguém.

— Ah, então falar tudo errado deve significar que você é uma jamaicana de verdade. Bom, se você quer saber, os brancos gostam muito mais de ouvir o teu povo falando do que eu.

— Teu povo.

— Sim, teu povo. Jamaicanos de verdade. Vocês são muito autênticos. E você... quer saber? Eu já passei muito dos limites aqui, posso ser demitida por causa disso. Já era ruim o suficiente eu ter falado com o parente mais próximo, agora estou discutindo com ele. Quando eu me der conta você já vai ter prestado uma queixa contra mim e eu vou tomar uma advertência, isso se não for demitida. Eu torço pra ele se recuperar, de verdade.

— Por que que tu me disse que tu nunca tinha visto um bandido de perto? Por que que tu queria ver um bandido?

Ela me olhava como se realmente quisesse saber. Suas sobrancelhas estavam levantadas e sua boca levemente aberta, ela estava curiosa de verdade. Eu queria poder atacar agora que ela estava na defensiva, mas ela parecia realmente querer saber. E eu não tinha nenhuma resposta que fizesse sentido pra dar. Principalmente porque eu também não sabia. Ela se levanta da cadeira ao lado dele e vai até a janela. Esse dia não acaba nunca, e nós ainda estamos em março?

— Não consigo pensar em ninguém nesse mundo que eu queira ver menos que um bandido — ela disse.

— Entendo.

— De onde que tu veio?

— Havendale.

— Então tu não entende. E tu nunca viu um bandido de perto.

— Não.

— Bom... peraí. Olha só pra gente, falando que nem se isso aqui fosse o zoológico e ele fosse o gorila. Eu devia achar graça, isso é engraçado. Agora já faz um tempo que a chapa tá esquentando entre os Ranking Dons e o Bando do Trovão.

— Mas por que essa briga veio pra cá?

— Tá de caô? Pra onde mais? Não é aqui que geral mais quer droga?

Ela olha pra mim que nem uma mãe que tinha perdido a paciência com seu filho. Eu queria ter dito que eu não era uma idiota, mas fui até a janela e parei do lado dela.

— Pelo menos já tá quase no fim.

— O quê? Eu disse aquilo tão baixo que não tinha certeza se ela tinha ouvido.

— A matança.

— Como é que você sabe?

— Não sobrou muito nego pra matar. E o Josey Wales vai ficar apodrecendo numa cadeia americana por um bom tempo. Se bem que nisso eu só acredito vendo.

— Não sabia que ele tava preso.

— Bom, mas o que que tu sabe da Jamaica? Notícia sobre o Josey Wales era só o que saía nos jornal jamaicano. Sim, eu leio. Todo dia saía uma notícia diferente sobre tribunal e julgamento e testemunha e adiamento e conselho privado. Sobre todas as pessoas que ele matou e sobre como os americanos queriam muito pegar ele. Tu liga a tevê e até os noticiário americano tão falando nele, que nem se ele fosse um astro de cinema. Era só Josey Wales, Josey Wales, Josey Wales e... tá tudo bem? Jesus Cristo, moça... pera aí... tô te segurando... tô te segurando.

Eu concordo com a cabeça e me dou conta de que tô sentada na cadeira ao lado do Ranking Don. Eu quase apaguei da memória como eu tinha ido parar naquela cadeira, mas eu não tava tão tonta a ponto de me esquecer.

— Tu tá melhor agora?

— Não quero um copo d'água.

— Cumé?

— Nos programa de tevê geral sempre oferece uns copo d'água pras pessoa.

— Que isso, irmãzinha, tu tem que desmaiar pra falar que nem jamaicana? Que sinistro.

— Eu não desmaiei.

Aí ela ri bem alto, tão alto que eu penso que vai acordar o Ranking Don. Por tanto tempo que vira um sorriso, depois um cacarejo, e depois de um tempo ela parece estar apenas arfando. Algo me diz que, a certa altura daquela risada, ela tinha parado de rir de mim.

— Qual foi a última vez que tu falou jamaicano?

— Tá de caô? Eu falo jamaicano a toda hora... quer saber? Semana passada, quando aquele cu cagado daquele gordão que é o gerente da Rite Aid no Bronx me perguntou até onde subia a minha meia por dentro da saia.

— Que isso. Que que tu disse pra ele?

— Até o meio do cu da tua mãe, seu gordo de merda.

Minha cabeça parou de girar, eu acho. Não sei. Nem entendi direito por que ela tinha começado a girar, pra começo de conversa. Mas aí ela disse:

— Será que vai passar o julgamento na tevê?

— Que julgamento?

— Tu não ouviu quando eu te disse? Do Josey Wales.

Sabe quando uma mulher faz toda uma cena pra mostrar que não tá incomodada por alguma coisa? Como ela endireita ainda mais as costas e começa a mexer no colar e vira a cara apesar de não ter ninguém olhando pra ela, e sorri como se um fantasma tivesse sussurrado uma piada pra ela? Como ela sorri até esgotar o sorriso, até sentir os lábios deslizando de volta por cima dos dentes? Pois é, eu tô vendo essa mulher no espelho que tem do outro lado da cama do Ranking Don.

— Aquele cara tinha que ser enforcado. Alguém tinha que meter uma bala nele lá na cadeia, se tu quer saber.

— Por causa disso? — eu disse. Eu não quis apontar pro homem na cama, aquilo ia parecer dramático pra caramba, então apenas acenei com a cabeça. Sutil.

— O que foi, os Ranking Dons não matam ninguém? — eu pergunto. Engraçado, eu tento evitar toda essa merda, mas daí eu me lembro, não faz muito tempo, que o *New York Post* tinha uma manchete... ah é... o jamaicano que viciou Nova York em crack e era o cabeça dos Ranking Dons. Eu lembro porque foi a última vez que eu toquei num *Post*.

— Os Ranking Dons não têm líder, não.

— Claro que não, ele tá na cadeia.

— Não, eu quis dizer que eles não têm alguém que manda neles, que nem o Josey Wales. Esse cara é diferente. Uma vez um maluco bateu no carro dele — não, ele é que bateu no carro do cara e ainda foi atrás dele. Tu acredita numa coisa dessas? O cara correu direto pruma delegacia de polícia.

— E os policiais levaram ele em casa?

— Não. Eles viraram as costas quando o Josey entrou na estação com uns outros malucos, tirou o cara de lá e matou ele bem ali no meio da rua, na frente da delegacia.

— Ai meu Deus.

— Ai meu Deus mesmo. Mas sabe como é, se tu sai plantando o mal assim tu não pode ficar surpreso quando o mal voltar pra tu. Levaram chumbo, tanto a filha quanto o filho dele, e esse ele tinha mandado pro Colégio Wolmer's para Meninos porque achava que ia deixar ele todo fino. Olha, eu sou mãe, eu fico triste quando morre o filho de alguém. Mas pro meu gosto, o filho da puta mereceu. Mas foi aí que esse barraco começou. Como era de se esperar, quando mataram a menina não aconteceu nada, mas foi matar o moleque que os cara tacaram fogo em Kingston. Que sinistro. E o fogo se espalhou pra Miami e Nova York. Meu marido me disse que a fumaça já tava chegando até no Kansas. Tu sabe onde que é o Kansas?

— Hã-hã.

— Nem eu.

— Então ele tá na cadeia, né? E não vai sair.

— Ele não pode sair de lá. Se ele quisesse, era melhor ter saído na Jamaica. Mas pelo que eu andei ouvindo, ele começou a falar demais. Tem muita gente burra e com medo por aí. Se eu fosse ele, eu já teria comprado uma passagem pros Estados Unidos pra ontem.

— Então, ele tá na cadeia, né? E não vai sair?

— Não agora. Mas por que é que tu esquenta tanto a tua cabeça com o Josey Wales? Tu nem da favela tu veio.

— Eu...

Nem é Natal ainda, mal e mal é dezembro, e já tem gente estourando fogos de artifício. Eu corro e corro e corro mais um pouco, e dou um salto e depois vou andando até ficar a mais ou menos uns três metros do portão do número 56, caminhando toda dura, os fogos de artifício fazendo cada vez mais barulho, especialmente uns rapidinhos, que eu não gosto, que fazem ratatátá, e eu me viro e o portão do 56 já está aberto me dando as boas-vindas só pra variar um pouquinho, escancarado como se os portões fossem dois braços me dizendo pode entrar minha filha, só tem amor e aconchego aqui, até que os fogos de artifício passam correndo atrás de mim. Um cara correndo de costas quase me derruba um cara de regata de redinha quase tropeça um cara segurando uma metralhadora com as duas mãos tremia por causa do coice? Coice, coice, eles chamam de coice na tevê. A metralhadora encostada no quadril treme ratatátatátá, não, papapapapapá, um cara passa correndo na minha frente, depois nas minhas costas, e eu sigo ele com os olhos até o carro branco que parece um Cortina seus cu cagado grita um cara eu olho em volta mais dois caras correndo, um na frente gritando e outro atrás com duas armas na mão atirando pra cima e pra baixo e pá-pá-pá e o meu corpo se contorcendo a cada pá e um cara me acerta pelo lado quando passa correndo por mim e outro cara bate em mim do outro lado e eu saí girando e girando e girando e um outro cara dá dois tiros e o carro branco canta pneu e vai embora e outro carro encosta eu nem tinha visto esse outro carro, ele simplesmente encostou ali, e eu ainda sinto como se eu estivesse girando embora eu saiba que parei porque pisei com força no chão pra parar e as sirenes me acordaram ou talvez fossem mosquitos e bem ali perto da guarita uma mulher tava esparramada no chão, com sangue se espalhando perto da cabeça, e gente gritando e gritando muito e eu me viro e vou andando e bato de cara no peito de um homem alto mais alto que eu e

forte como um homem mas magro também e sua pele era escura ou talvez fosse porque era noite e seus olhos eram puxados que nem os de um chinesinho, mas ele é negro, não, ele é moreno, e tá bem na minha frente, bem na minha cara, bem no meu pescoço e ele cheira, cheira e cheira que nem um cachorro Josey entra na porra do carro seu cu cagado diz alguém no carro branco e ele aponta a arma bem pra minha cara e eu vejo um buraco não a letra O não é uma letra O com um buraco dentro dela, e aquilo tem cheiro de fósforo assim que você risca Josey entra na porra do carro o cara no carro tá gritando mas ele ainda tá na minha frente, chegando com a arma cada vez mais perto do meu olho esquerdo mas as sirenes tão ficando mais altas e ele começa a se afastar andando pra trás olhando pra mim e apontando a arma e ele vai andando cada vez mais pra longe mas vai ficando cada vez mais perto e ele entra no carro, mas eu o sinto respirando perto do meu pescoço e ele tá indo embora mas eu ainda sinto o cheiro dele aqui e eu não consigo me mexer e a mulher ainda tá no chão, mas um monte de criança vai correndo e gritando na sua direção e tem gente vindo dos fundos, é mais gente pra querer atirar em mim e eu corro e corro e corro e um carro buzina e uma sirene e um vruum e eu sigo correndo e um ônibus para num farol e eu corro e pulo e aterrisso num pé e tem gente olhando pra mim. Chego em casa tenho que pegar minha malinha, não, minha pasta, não minha bolsa, caramba, mulher, tu não precisa de droga nenhuma de bolsa, pega aquela maletinha debaixo da cama que uma vez tu levou pra Negril com o Danny, homem branco estrangeiro, pega a maleta, pega a maleta, puta que pariu, lagarto lagarto lagarto lagarto, cu cagado, quanta areia debaixo da cama, tu não tem tempo pra isso agora, vestido vermelho, saia azul, saia jeans, calça jeans da Fiorucci, jeans da Shelly-Ann, blusinha jeans, quanto jeans, mas pra onde é que você vai? Vestido de calicó não, vestido roxo não, saia de veludo não, essa aquisição foi um erro, isso aí, fala que nem a sua mãe: aquisição, calcinhas na primeira gaveta, meia, quem precisa de meia, maquiagem, quem precisa de maquiagem, nada de batom, delineador, blush,

Jesus Cristo, menina ele tá vindo com aquele O cheio de bala, pra onde é que tu vai? Escova de dente, pasta de dente, enxaguatório, quem é que tem tempo pra essa bosta desse enxaguatório, vai vai vai vai mulher, caderninho — pra anotar o quê? Bíblia — pra ler o quê? Sapato de salto, o vestido longo da Adidas que dá pra usar em qualquer lugar, será que eu troco? Eu deveria trocar, eu deveria trocar pra ele não me reconhecer, ele tá ali na porta, ele foi embora de carro antes de mim, então não não não não não é muito vestido, não consigo correr muito de vestido, preciso de mais calça e tênis de corrida, não, eu não posso... não... para, fica quieta. Só fica quieta na tua casa, não é como se ele te conhecesse. Não é como se ele fosse te encontrar um dia. Onde é que ele ia procurar? Se bem que Kingston é pequena. A Jamaica é pequena, e Kingston é menor, ele vai me caçar que nem um cachorro, deve ser por isso que ele tava me cheirando, ele vai me caçar e atirar em mim que nem se eu fosse um cachorro essa noite ainda. Pensa, pelo amor de Deus, Jesus Cristo, pensa. A polícia vai te arrolar como testemunha e não vai te proteger. Leva a Bíblia. Não. Leva a Bíblia, sim, sua vagabunda. Não liga o rádio, não liga a tevê, ele vai te farejar e vai te matar com aquele O com um buraco e uma bala, eu sei que vai. Quem é que não sabe o que que rola na favela, é por isso que a gente tá em estado de emergência, porque os malucos da favela podem entrar onde eles quiserem, se um maluco da favela consegue invadir a casa da minha mãe e espancar o meu pai e estuprar ela, eles conseguem encontrar quem eles quiserem, onde eles quiserem, não pense neles, esquece deles, esquece deles, esquece.

Esquece de todo mundo.

Apaga todo mundo da tua vida.

Pega e vai.

Mas eu ainda sinto o cheiro dele. Estou sentindo o cheiro dele agora.

— Enfermeira? Enfermeira?

NOVE

Breve história de sete assassinatos

— *Uma cracolândia, um massacre e o surgimento de um império do crime*

Parte 3.

Por Alexander Pierce.

Monifah Thibodeaux falou sério dessa vez. Sua mãe sabia que era sério porque havia alguma coisa de definitiva em sua voz. Exceto que ela já tinha ouvido aquela voz definitiva outras vezes, e é precisamente esta a natureza complexa da vida de alguém como Monifah, na qual definitiva é um conceito fluido, que significa uma coisa diferente a cada semana, e justo quando você acha que uma pessoa não é capaz de se rebaixar ainda mais, ela inaugura novas profundezas, com as quais uma pobre mãe nem poderia sonhar. Mas, dessa vez, “falou sério” pareceu diferente das outras, mesmo que o que estivesse em jogo não fosse assim tão diferente. Monifah ia largar seu vício amanhã.

Foi o que ela disse para sua mãe, Angelina Jenkins. Ela repetiu o mesmo para sua melhor amiga, Carla, que havia parado de falar com ela três anos atrás, quando flagrou Monifah no banheiro com uma agulha enfiada entre os dedos do pé. Ela contou até para seu ex-namorado, Larry, que já quis casar com ela um dia, e chegou ao ponto de comprar uma aliança na Zales para fazer uma surpresa. Foi como se ela tivesse acabado de voltar de um programa de doze passos e estivesse numa missão para reparar os estragos feitos nas pessoas que ela amava.

Monifah ia largar seu vício amanhã. Mas largar significava superar o vício em drogas que a consumia por dentro e virar as costas para a vida de, como sua própria mãe dizia, uma puta do crack. E para Monifah, o amanhã estava eternamente a um dia de distância. Ela ia largar amanhã há dois meses. E cinco meses antes disso. E sete meses antes dessa outra. E dezesseis antes dessa última. Mas, desta vez, amanhã era o dia 15 de agosto de 1985.

No dia 14 de agosto de 1985, Monifah estava limpa há quase uma semana. Nascida em Suyvesant, tendo abandonado a escola no segundo grau e engravidado aos dezessete, ela teria sido apenas uma ideia preconcebida de um clichê de uma suburbana, se ela mesma não tivesse complicado tanto sua própria narrativa. Largou a escola após marcar 1900 pontos no exame de admissão universitária e ficou limpa a maior parte da gravidez. Tendo crescido entre o apartamento de sua mãe, na parte porto-riquenha de Bushwick, e a casa dos seus parentes em Bed-Stuy e no Bronx, ela estava, de acordo com sua irmã, determinada a fugir da vida que o destino já havia traçado os contornos, deixando apenas os números para ela colorir.

— Deixando apenas os números para ela colorir? Tu tava se achando muito espertinho quando escreveu isso, né?

— Patrão, que que ele quis dizer com limpa? Ela tava suja antes?

— Ren-Dog, tu acha que qualquer mulher que não quer te dar é porque ela é suja. Em primeiro lugar, isso não tem nada a ver. Em segundo lugar, limpa, aqui, quer dizer que ela tinha largado o crack. Fazia uma semana que a gata tinha parado de pipar a pedra.

— Saquei.

— Mas o que eu quero entender é o seguinte: na parte um tu disse que onze pessoas foram assassinadas. Por que que tu só escreveu sobre sete?

Não sei se eu deveria responder. Cinco minutos atrás eu tinha dito a eles que precisava mijar e o tal do Eubie disse não sou eu quem vai te

impedir. Eu fiquei de pé e o Ren-Dog me acertou um soco bem no meio da cara que afrouxou meu molar esquerdo. Antes disso, o Rabinho de Cavallo tinha me chutado quando eu tava no chão. Antes disso, o Eubie disse pro Ren-Dog dar um jeito em mim e ele pegou a minha camisa e a arrancou. Daí alguém que tava nas minhas costas me bateu na cabeça e eu caí de joelhos no chão. Não lembro quando eles tiraram as minhas calças nem as minhas botas. Eles me puxaram pelas mãos até o andar de cima, fazendo minha cabeça bater em cada degrau, e eles tavam rindo o tempo todo, ou talvez berrando, não sei direito. O Ren-Dog me pegou pelo pescoço e a gente tava no meu banheiro, daí alguém riu de novo, e ele me empurrou, eu tropecei de costas e caí dentro da banheira, e tentei ficar de pé, mas escorreguei — e, puta merda, ele é forte pra caralho. Ele me pegou de novo pelo pescoço e eu tentei socar e arranhar e estapear e bater nele, e mais alguém começou a rir e me enfiou debaixo da torneira e abriu ela até o fim. A água começou a bater na minha testa e nos meus olhos e eu tentei me lembrar de não respirar, mas a água entrava no meu nariz do mesmo jeito, e na minha boca também, e toda vez que eu tentava gritar a minha boca se enchia. Senti uma bota no meu peito me prendendo no fundo da banheira e eu não conseguia mexer minha mão, e a água batia com força e socava e esbofeteava meus lábios e meus dentes e entrava nos meus olhos e no meu nariz e eu comecei a me engasgar e a tossir e a chorar e ele ainda tava me segurando pelo pescoço e isso é tudo que eu me lembro. Acordei sentado numa cadeira, molhado, de cueca e engasgado. O Eubie jogou a *New Yorker* em mim e me disse pra ler.

— Eu... eu preciso muito mijar. Eu preciso...

Eles olharam pra mim e começaram a rir.

— Por favor. Por favor. Eu preciso usar o banheiro.

— Mas tu acabou de vir do banheiro, criança.

Todos riem.

— Por favor. Eu preciso...

— Então mijá aí, otário.

Eu só tô sentado num banquinho, mas eu sou um homem, caralho, e eu queria dizer eu sou um homem, caralho, e que ele não podia tratar as pessoas daquele jeito e eu... eu queria tanto dormir e eu queria ficar de pé e eu queria poder segurar, só pra mostrar pra eles que alguma coisa eu consigo fazer, mas tem tanta coisa que eu não consigo fazer, eu não consigo nem me lembrar de respirar fundo, e meus olhos queimam e a parte da frente da minha cueca fica molhada e amarela.

— Patrão, ele se mijou mesmo?

— Qual é, vai dizer que ele tem seis anos agora? Que nojeira.

— Acho que ele não conseguiu segurar. Tem que botar esse moleque de castigo.

Eles riem. Todos, menos o Eubie. Eu preciso esfregar meus olhos de tempos em tempos porque tudo fica borrado. Vou tentar ler essa coisa bem devagar, porque assim que eu chegar no fim do meu artigo, eles vão me matar. Sinto o cheiro do mijo em mim, e meus dedos do pé molhados nele.

— Não consegui descobrir nada sobre os outros quatro. Além do mais, sete é um número bem redondo.

— O bebezinho tá precisando duma fraldinha — diz o Ren-Dog.

— Continua — diz o Eubie.

Ele vem andando pra cima de mim mais uma vez, e eu me joga pra trás com tanta força que caio no chão. Ele me levanta e eu começo a chorar de novo e ele diz te recompõe, seu moleque.

— Agora continua.

— Mas... mas... mas... mas aí, mas aí, mas aí apareceu um...

— Irmãozinho, começa da última frase. Tu não lembra mais qual era?

— Des... desculpa.

— Tá tudo bem. Te controla aí. A gente não tá com pressa.

— Ela estava... ela estava, de acordo com a sua irmã, determinada a fugir da vida que o destino já havia traçado os contornos, deixando apenas os números para ela colorir. Mas aí apareceu um garoto. Sempre tinha a m... dum garoto, diz sua irmã. No Shelly's, uma lanchonete em Flatbush, ela já chorou duas vezes entre os goles silenciosos que dá na sua vaca-preta. Baixinha, rechonchuda e...

— Tu precisava descrever ela tão favelada assim?

— Hã? Não entendi...

— Baixinha, rechonchuda, e eu lembro do resto, *morena, com um cabelo que parecia que alguém tinha acabado de arrancar os apliques*. Que porra é essa, branquelo, tu acha que ela vai gostar de ler isso?

— É que...

— É que o quê?

Ele tava bem atrás de mim e eu tava tentando não tremer. Meu rosto doía toda vez que eu abria a boca.

— Tu ia gostar se eu escrevesse *Alexander Pierce sai do banheiro após sacudir as gotas de mijo do seu pênis de um centímetro*?

— Você... você tá me ensinando a escrever, então?

— Tô vendo que o Alexander Pierce metido a engraçadinho finalmente tá voltando. Eu tô te dizendo que eu não sei porra nenhuma sobre a merda do teu pênis. E que tu não sabe nada sobre cabelo de negra.

A mão dele vai no meu pescoço. Ele segura com firmeza. Não de um jeito suave, pois consigo sentir seus calos na minha pele, mas também não com muita força, de modo que eu não tava entendendo. Então ele aperta um pouco.

— Tu já sacou qual é a minha? Eu quero que tu entenda que eu não tô de brincadeira. Eu arranco a tua cabeça e mando entregar na casa da tua mãe. E eu não tô dizendo isso só pelo efeito dramático. Tu tá me entendendo?

— Sim.

— Diz.

— Diz?

— Diz eu tô te entendendo.

— Eu tô te entendendo.

— Boa. Continua.

Fico tossindo por um minuto.

— Arran... arrancar os apliques. *A Money-Luv tava quase fora dessa, tá ligado? Ela já tinha olhado bem pra Bushwick e mandado tipo um: falou! Dava pra sentir, tá ligado? Quer dizer, ela era mó inteligentona...*

— Haha, não tem nada que deixa um homem branco mais branco do que ele tentar falar que nem uma negra.

— Ah... *mó inteligentona, e daí aquele filho da puta apareceu do nada e arruinou c'a vida dela. Eu não acho nem que a culpa é do trafica que apagou ela. Eu acho que a culpa é dele.* Se ela adquiriu ou não o vício do crack por compartilhar uma seringa com seu ex-namorado, em 1984 Monifah estava completamente viciada e já era dependente antes que a droga explodisse em popularidade da metade para o fim dos anos 1980. Uma droga cuja ascensão meteórica em Nova York pode ser ligada diretamente a algumas pessoas. Incluindo o bando que a matou. Não é incomum que dependentes tomem uma última dose antes de ficarem sóbrios. Na verdade, Moni...

— Já chega dessa coitada. Vai mais pra baixo.

— Ok. Pra onde, exatamente?

— Pra parte onde tu começa a falar sobre a cracolândia. Aquele pedaço que é tipo a parte dois. É onde tem a segunda morte, né? Pode crê, a parte dois era mais realista. Pelo menos tu não ficou um tempão tentando se exhibir que tu sabe um monte de palavra bonita. Vai praquela parte em que ela se transforma no terceiro assassinato.

— Ah... bom... hã... um segundo.

— Tu não lembra do que tu mesmo escreveu?

Ele aperta o meu pescoço.

— Ok, ok. De onde eu leio?

— Da cracolândia em diante.

— Obrigado. Existe uma Bushwick que é visível ao nível da rua, o nível do crack, que simplesmente desaparece assim que você olha para cima. Apesar de todos os traficantes, meliantes, prostitutas amadoras, golpistas, drogados, trombadinhas e rappers, Bushwick ainda é um daqueles raros lugares em Nova York em que a Era de Ouro está ali, na sua cara. Ruínas das construções dos tempos de Boss Tweed que um dia foram habitadas por milionários da carne processada, com seus pilares espalhafatosos e fachadas imponentes copiadas das mansões europeias e construídas com pedras e tijolos importados. O que restou das janelas amplas e saídas de incêndio do lado de fora, elevadores de carga e passagens secretas do lado de dentro. Era quase como se os barões ladrões tivessem construído Bushwick para os barões do crack.

A cracolândia na esquina da Gates com a Central ainda conservava a maior parte do vermelho dos tijolos à vista dos seus tempos de nobreza. Duas escadarias conduziam a duas portas em arco com um terceiro arco entre as duas, e amplas janelas que revelam para o exterior o que um dia já foi uma sala de estar. As duas portas se destacavam, pintadas de verde. Mas o resto do prédio parecia querer entrar num concurso de casas mal-assombradas: vãos enormes onde antes havia portas francesas, buracos tapados com madeira ou jornal amassado, venezianas fechadas e com a madeira apodrecida pela ação do tempo, o primeiro andar todo pichado, e com cães de rua correndo de um lado para o outro por cima de pilhas de lixo do mesmo tamanho dos montes de neve acumulada. Em 1984, o andar superior já era tão insalubre que parte do piso de madeira cedeu e um viciado caiu e ficou preso num prego pelo pescoço. Ele sangrou até a

morte e ficou ali pendurado por sete dias até que alguém chamasse a polícia. O...

— Jesus Cristo, branquelo, vai logo pra parte do assassinato, cara. Tu não tá vendo que o Ren-Dog tá quase puxando um ronco?

O Ren-Dog dá um bocejo enorme e dramático. É real, ele diz.

Eu leio:

— Não é incomum que um viciado em crack, ou em qualquer substância, se drogue uma última vez antes de ficar sóbrio, de modo que ninguém ficou surpreso por Monifah estar indo até a cracolândia. Mesmo sabendo disso, seus amigos ainda acreditavam que ela largaria o vício no dia seguinte. Se você comprasse crack no Brooklyn, a cracolândia na esquina da Gates com a Central era a sua Meca...

Todo mundo na cozinha chiou.

— Jesus Cristo, branquelo, tu escreveu isso mesmo? — ele diz.

— Eu escrevi o quê?

— Isso. Tu acabou de comparar um dos lugares mais sagrados do mundo com uma cracolândia. Tu quer que a gente cole esse trecho no teu peito e te jogue no meio da Nação do Islã?

— Eu não queria...

— Tu não usou a tua cabeça. Eu devia deixar um desses caras te dar um tiro só por causa disso, seu idiota de merda. Irresponsável pra caralho.

— Eu não tava esperando que um traficante viesse me dar um sermão, assim, do nada...

Ele dá um chute no banquinho e eu caio.

— Levanta.

Eu me levanto, mas sinto dor na barriga de novo, e caio no chão. Eu nem consigo respirar. Ele fica só olhando pra mim, esperando, aborrecido. Eu me levanto de novo, fico de joelhos, ponho o banquinho em pé e me sento nele. Parte de mim torce para que seja baba isso no meu

rosto, e não lágrimas, e parte de mim já está começando a não se importar mais.

— Lê o resto. Vai.

— A apenas duas quadras da boca, mas ainda na Avenida Central, ninguém confirmou sua relação com G-Money, um ex-traficante da região que foi expulso da sua facção porque estava consumindo muito do seu próprio produto, mas ambos eram viciados em crack. G-Money, descendente de mexicanos com um cabelo bem crespo e um sorriso largo, também tinha suas ambições antes do crack. Aquela noite, seu irmão o viu sair de casa por volta das oito, com uma pessoa que ele acreditava ser um homem, mas era Monifah vestindo um moletom com capuz e calças jeans muito maiores que o seu tamanho, mais para esconder sua gravidez do que para se passar por um homem — uma mulher grávida faria até mesmo um traficante de crack experiente pensar duas vezes antes de vender.

Uma velha mansão como essa na Gates Street tem muitos quartos, cantos, passagens e corredores, e é por isso que comprar, vender, fumar, injetar e até se prostituir por crack e cocaína pode acontecer ao mesmo tempo, debaixo do mesmo teto. G-Money se trancou dentro do quarto perto da escada no segundo andar, o único que ainda tinha uma cama, e Monifah, com a cabeça coberta pelo capuz, tinha comprado o crack na rua. Muito embora preferisse injetar a droga quando estava sozinha, ela sempre fumava junto com G-Money. No andar de cima, sozinhos no quarto, eles não tinham a menor ideia de que o mundo estava desabando logo abaixo deles. Um bando de selvagens, homens ligados à facção criminosa que comanda a maioria das ruas de Bushwick, tinha invadido a cracolândia e começado a matar todo mundo que via pela frente. O pregador Bob, que preparava uma dose na cozinha, e o Sr. Cee já estavam mortos. Os viciados no primeiro andar entraram em pânico, sem saber se tentavam correr para salvar suas vidas ou se cuidavam para não perder seus cachimbos, agulhas e drogas no escuro. No segundo andar, uma

mulher se atirou pela janela no fim do corredor, quebrando as duas pernas quando caiu no chão. Bem na frente da porta do quarto, outro homem caiu com dois tiros no peito, disparados por uma Glock e uma outra pistola semiautomática. O bando arrombou a porta e atirou bem na cabeça de Monifah. A força do tiro a jogou sobre a cama, deixando sua barriga de grávida exposta, como um calombo morto, em cima do colchão. G-Money, antes mesmo de perceber o que estava acontecendo, pegou o cachimbo dela e deu uma tragada.

O bando seguiu em frente. Havia mais gente para matar. Eles se autodenominam Bando do Trovão, e os arquivos da polícia indicam que eram eles mesmos quem controlavam aquela cracolândia. Talvez a matança fosse um aviso. Uma testemunha alegou que não foi o bando quem promoveu o tiroteio, apenas um de seus membros, talvez o líder. De qualquer modo, esse era seu *modus operandi* típico: o Bando do Trovão, uma mistura de criminosos jamaicanos criados em meio à violência do Terceiro Mundo com o dinheiro do tráfico de drogas colombiano que havia se tornado, no período de alguns anos, a organização criminosa mais temida da Costa Leste.

Eubie toma a *New Yorker* das minhas mãos.

— Parte quatro: T-Ray Benitez e a Conexão Jamaica. Tu já mandou essa parte pra revista?

— Já.

— Que pena, porque agora tu vai ter que ligar pra eles pra fazer um monte de mudança.

DEZ

— *Josey. Sério, hombre. Josey.*

Eu nem consigo vê-lo. O colchão tá atrapalhando minha visão desde que ele o pegou com as duas mãos e o atirou na minha direção. Eu dei um pulo para trás antes de ele arrancar a armação de metal da cama, colocá-la de pé e depois derrubá-la por cima das grades da cela. O colchão amorteceu a pancada, mas a cabeceira da cama bateu nas barras com força, produzindo faíscas. Dei um pulo para trás e caí no chão, apesar de saber que não tinha a menor chance de ele arrebentar aquelas grades. Escondido no escuro, ele rugia e rosnava e fazia outros barulhos selvagens enquanto tentava arrancar a porra da pia da parede, já que não tinha conseguido quebrá-la.

— Josey.

Josey.

Josef.

— Que que tu qué, ô, cu cagado?

— Você não é o primeiro cara que tenta quebrar a pia ou a privada do xilindró.

— CARALHO.

Estou no portão. Tento empurrar de volta o colchão e a cama com a mão esquerda. Nenhum dos dois se mexe um milímetro. Tento empurrar com a mão direita e ele a segura.

— Que porra é essa, Josey?

— Não me vem com essa. Se eu não dou a mínima pra atirar numa vadia grávida por que que tu acha que eu daria pra tu?

Ele me puxa com força, me fazendo bater com o lado direito da cabeça nas barras de ferro.

— De repente todo mundo acha que pode foder comigo.

— Josey.

Ele me puxa mais uma vez, e meu braço entra até o ombro na cela. As barras começam a machucar meu peito — ele está me puxando para dentro.

— Josey.

Vejo um flash de luz e penso que foi porque pisquei os olhos.

— Josey, me solta. Por favor.

O flash de luz é um facão, brilhando como se fosse novo.

— Tu quer saber o que aconteceu com o quarto policial que veio aqui tentar me matar?

— Meu Deus do céu, Josey.

— Mas já que eu e tu somos de boa-fé, eu vou te deixar escolher. Pra cima ou pra baixo do cotovelo? Pensa bem, porque eu ouvi dizer que uma prótese pro braço não é barata.

— Ai meu Deus.

— Ahã. Olha só o Doctor Love, só porque ele explode avião e mata uns velho que já tão mesmo a fim de morrer ele acha que é sinistro. Tu vem aqui cheio de marra achando que eu ia tá de joelhos esperando que tu me jogasse um ossinho? Hã? Tu não tá cansado de me subestimar, seu arrombado? Tu não tá cansado de me ouvir dizendo que se tu te meter comigo tu vai te machucar? Agora, seu arrombado, eu tô te mandando escolher.

Ele passa o facão no meu braço, acima do meu cotovelo, cortando a pele e fazendo sangrar.

— Pra cima do cotovelo...

Ele passa o facão no meu braço, abaixo do meu cotovelo, dessa vez cortando mais fundo, fazendo sangrar mais.

— Ou pra baixo? Tu tem cinco segundos pra decidir, senão quem vai decidir sou eu e numa dessas vou arrancar teu braço inteiro.

— Josey, não.

— Cinco, quatro...

— Ai meu Deus.

— Três, dois.

— Você tem mais um, Josey.

— Mais um o quê? Mais um segundo? Quem não tem é tu.

— Você tem mais um filho, Josey.

A lâmina brilhosa desaparece no escuro.

— Você tem mais um filho.

O facão reaparece bem na minha garganta. Ele ainda tá segurando a minha mão dentro da cela.

— Jesus Cristo, Josey.

— Que foi que tu disse?

— Porra, você ouviu o que eu disse! Você tem mais um filho. Você acha que a gente não sabe? Seu primogênito morreu, sua filha morreu, você só tem mais um, Josey, e se você tá achando que a gente não vai atrás dele, eu juro por Deus que eu vou usar a minha outra mão pra arrancar as tripas dele que nem se ele fosse a porra dum peixe.

— Ah, é? E como que tu vai fazer isso se tu vai sangrar até a morte antes de chegar até a porta?

— Porque você tem razão, Josey. Eu não tô sozinho. Porra, o que você tava pensando, que eu ia simplesmente aparecer aqui que nem um idiota? Você acha que eu não te conheço? Você acha que os capangas do papaizinho vão protegê-lo de mim? Eu sou o Doctor Love, seu filho da puta. Pelo jeito você não lembra do que eu sou capaz. Então me solta, caralho.

— Tu deve achar que eu sou um otário, né? Te soltar pra quê, pra tu ir lá juntar dois fio e explodir a minha casa?

— Não, *mijo*, pra eu afastar os dois fios e não explodir nada.

Ele abaixa o facão antes de me soltar. Aperto o meu braço, mas não há nada a fazer a não ser esperar que ele pare de sangrar.

— Você não tem um rolo de papel higiênico aí, né? Imaginei que não.

— Eu devia ter te matado.

— E daí se você tivesse me matado? Eles simplesmente mandariam outro cara. Simplesmente mandariam outro cara.

Ele se afasta de mim e puxa a armação da cama até que ela caia, fazendo o chão tremer. O colchão escorrega até o chão. Ele senta no estrado, mas não olha para mim.

— Que que o Eubie quer com o meu filho?

— Ele não quer coisa nenhuma com a droga do teu filho. Ele nem quer nada de você. Só que você fique longe de Nova York, eu acho.

— Que que a CIA quer?

— Um Rasta não trabalha pra CIA. Foi mal pela piada. Eu não tô aqui pra te contar quem me mandou, Josey. Relaxa, ninguém quer nada com o teu filho. Pro nosso gosto ele podia muito bem tomar o teu lugar, pelo menos isso deixaria tudo como está, o que era algo que, acredite ou não, tava deixando todo mundo satisfeito até que você fodeu com tudo. Você nem sequer foi inteligente o suficiente para ser preso quando seus aliados no governo tavam no poder.

— Não quero que ninguém encoste no meu filho, Luis.

— Eu disse que eu não tô atrás do seu filho, Josey.

— Mas tu botou mesmo uma bomba na minha casa?

— Claro que eu botei uma bomba na tua casa, porra. Nós dois sabemos que você sempre foi bom pra farejar quando alguém está blefando.

Ele ri e eu rio também. Queria ter um lugar pra sentar. Ele ainda estava rindo quando eu me sentei no chão e me encostei na parede de frente pra ele.

— Toda essa merda pra tu ainda por cima não me dizer quem foi que te mandou.

— Ah, eu achei que você já tinha adivinhado a essa altura. Eu só obedeço a duas ou três pessoas.

— Tu obedece quem te pagar melhor.

— Nem sempre. O pessoal sabe que eu também faço um ou outro serviço voluntário.

— Eu nem sei o que isso quer dizer.

— Não se preocupe com isso.

— Engraçado ninguém ter vindo dar um bico pra ver o que tava rolando aqui, principalmente com toda essa algazarra que eu fiz.

— Ninguém vai vir aqui essa noite, *hombre*.

— Essa eu devia ter imaginado no momento que tu chegou. Tu não vai me dizer quem te mandou, né?

— Mais provável eu te dizer quem foi que matou o Kennedy. Caramba, minhas piadas estão muito fracas hoje.

— Pois é, não são essas tuas piadas que vão me fazer rir hoje, Doctor Love.

Eu dou de ombros. Ele fica em pé e caminha até as grades na sua frente.

— E se eu simplesmente não falar nada sobre as coisas mais importantes?

— Você quer dizer essas coisas que você tá ameaçando falar?

— É.

— E você ainda sabe o que é importante?

— Tu acha mesmo que um cara sozinho pode derrubar todo mundo?

— Mas puta que pariu, como vocês jamaicanos adoram responder uma pergunta com outra pergunta. Mas eu sei lá, Josey, foi você quem levantou essa possibilidade.

— Diz pro teu pessoal que a gente pode chegar num acordo. Se eles fizerem tudo direitinho, eu posso, de repente, esquecer tudo que aconteceu antes de 1981. Posso dizer que todos os caminhos levam até mim. Mil novecentos e setenta e seis não é da conta deles, nem 1979. Quer dizer, é o DEA, eles só querem me acusar de tráfico.

— Para que os programas de humor da tevê possam parar de fazer especiais sobre a Nancy Reagan.

— Quê?

— Outra piada ruim.

— Diz pro teu pessoal que eu posso vender um caso de amnésia pra eles, e nem precisa ser por muito dinheiro.

— Não faz isso, Josey.

— Não faz o quê?

— Não implora.

— Marginal não implora, seu cu cagado.

— Então, sei lá, isso aí que você tá fazendo, não faz.

— Só tô querendo ser sensato, Luis. Quando é que tu já me viu não sendo sensato? Tu acha que esse pessoal do DEA tem alguma testemunha? Meu advogado disse que o máximo que eles vão conseguir me dar é sete anos, se tanto, e só por tráfico de drogas e extorsão. Eles não têm mais nada contra mim.

— Você tá, de um modo muito conveniente, esquecendo de muita coisa.

— Tipo o quê?

— Não era isso que você tava dizendo. Você disse que se os ianques te pegassem, você ia levar todo mundo junto com você. Não foram exatamente essas as palavras que você usou, mas enfim, você disse aí do seu jeito, todo floreado. Bom, *muchacho*, do jeito que as coisas estão...

— Olha ao teu redor. A Babilônia já caiu? Que que tu acha que é tudo isso, Luis? Tu acha mesmo que esses cu cagado têm alguma coisa contra

mim? Então depois que eles tiverem feito todo esse teatro pros jornais, e depois das coletivas de imprensa que eles vão dar, dizendo que venceram a guerra contra as drogas, fica só observando como eles vão me esquecer rapidinho assim que se derem conta de que não podem me prender. Essa merda toda é só pra fazer parecer que o Ronald Reagan e o George Bush tão salvando as branquinhas preciosas do crack e evitando que elas virem prostitutas. Fica só olhando como assim que acabar essa palhaçada com os ianque eu vou voltar pra Copenhagen City como se nada tivesse acontecido. E eu vou me lembrar de quem foi meu amigo, Luis. E de quem me deixou aqui apodrecendo, isso quando não vieram aqui tentar me matar. Eu vou lembrar, Luis. Medellín também vai lembrar.

— Como é que você tem certeza de que não foi Medellín que me mandou aqui, Josef?

Como sempre, não dá pra saber nada só de olhar pro rosto do Josey. Você tem que prestar atenção se ele aperta o seu punho, como ele acabou de fazer, se ele ergue os ombros bem de leve, como ele acabou de fazer, se ele engole o ar e depois bufa tudo pra fora, como ele acabou de fazer, e se ele estufa o peito, arqueando bem as costas. É, essa pegou ele de jeito. Então ele disse aquilo tão baixinho que eu quase pedi pra ele repetir:

— Foi Medellín que te mandou?

— Você sabe que eu não posso te dizer isso. Mas, sério, Josef. Isso não tem a menor importância. Nada disso. Nem essas coisas que você tá me dizendo que pode fazer, esses acordos. Você já sabe como é que isso acaba, irmão. Se eles ainda estivessem interessados em fazer algum acordo, eles teriam mandado qualquer outro cara. Não eu.

— É claro.

— Eu não converso com eles, eles não conversam comigo. Eu não trago recados deles, e não vou levar nenhum recado seu pra eles. É assim que funciona. Se o Doctor Love tá na mesma cidade que você, baby, já é tarde demais.

— Eu devia ter cortado tua mão fora.

— Talvez. Mas, só pra avisar, mesmo assim eu deixaria seu herdeiro em paz.

— Cumé que eu sei que tu não vai apagar o meu filho do mesmo jeito?

— Você não sabe. Mas se alguém for atrás dele e, a gente sabe, Josey, que alguém, em algum momento, vai, esse alguém não vai ser eu.

Ele fica me encarando um bom tempo. Vou entender que ele tá digerindo o que eu disse enquanto me olha com aquela expressão vazia.

— Não deixa o Eubie chegar perto do meu moleque.

— Não fica pensando que esse cara dá a mínima pro teu moleque, mas eu vou dar o recado. Ele vai me escutar.

— Por quê?

— Você sabe porquê.

— Ei.

— Qual foi?

— Tu acha que o Sr. CIA chegou a descobrir que eu falava espanhol?

— Meu Deus, é isso que você quer me perguntar? Não. Além do mais, eles deram uma licença por tempo indeterminado pra ele depois que ele meteu porrada numa mulher lá em Botsuana. O Louis Johnson era um merda tão grande que a sua própria equipe o deixou nas mãos da polícia local por quatro dias antes de exigir sua soltura.

— Puta que me pariu.

— Eu queria ser uma mosquinha na parede, cara. Daria tudo pra ter visto isso.

— Meu palpite é que tu não trouxe um silenciador.

— Não tô armado.

— Não?

— Eles queriam uma coisa mais dramática prum cara como o Josey Wales.

— Jesus Cristo, Doctor Love, mas isso vai destruir a prisão toda.

— Ficou preocupado? Que bonitinho. Mas também não é uma bomba. Em primeiro lugar, armar essa merda aqui seria um pé no saco. Em segundo lugar, bom, não tem segundo lugar, mas, mesmo assim, essa seria uma ideia horrível.

— Que dia é hoje?

— Caralho... espera aí. Dia 22 de março. Isso, 22 de março.

— De mil novecentos e noventa e um.

— Quando é o seu aniversário, Josef?

— Dia 16 de abril.

— Áries. Porra, só podia.

— Tu tá esperando alguma grande declaração pros nego depois chorar quando passar o filme que vão fazer disso?

— Nem nos meus sonhos, meu velho amigo.

— Então como?

— Não se preocupe com isso.

— Como?

Vou caminhando até a grade e estendo a mão aberta.

— Toma isso aí.

— Que porra é essa, ô, cu cagado?

— Só pega e toma.

— Não. Vai se foder.

— Josef, enche um copo d'água e toma a porra dos comprimidos.

— Que execução de arrombado é essa?

— *Mijo*, me escuta. Eles deixaram bem claro que era pra você sofrer. Eu não sou um cara que geralmente desobedece uma ordem, mas dessa vez vou desobedecer.

— Tu não pode fazer rápido?

— Não.

— E o que que esse comprimido faz, alguma magia pra eu não sofrer?

— Não, uma magia pra você não se importar.

— Pelo amor de Deus, Luis. Por favor. Jesus Cri...

— Não, meu amigo, não vem com esse papo sentimental pra cima de mim numa hora dessas.

Ele pega os comprimidos e caminha de volta pro escuro. Tem água saindo da torneira. Escuto ele enchendo o copo, mas não escuto ele bebendo. Ele volta, pega o colchão e coloca de volta na cama. Olha mais uma vez pra mim, e depois sobe na cama, e deita de costas. Eu fico olhando pra ele, ouvindo ele respirar, puxando e soltando o ar, olhando para o teto. Ele está deitado ali, com suas mãos no peito, e me dá vontade de dizer, *mijo*, você não precisa agir como se já estivesse num caixão. Mas eu vinha conversando com esse cara desde 1976 e, finalmente, tínhamos ficado sem assunto.

— Quanto tempo?

— Não muito. Continua falando.

— Luis.

— Fala, *mijo*.

— Eu penso nele às vezes.

— Em quem?

— No Cantor. Aquela música que saiu depois da morte dele, “Buffalo Soldier”. Me fez pensar.

— Eu tô com cinquenta e dois anos, tô velho demais pra pensar. Você lamenta ter tentado matá-lo?

— Quê? Não. Eu lamento ele ter sofrido. Uma bala teria sido mais fácil. Às vezes eu acho que a única coisa que gente como ele e eu temos em comum é que talvez a gente precise morrer. As coisas que a gente começa não têm como terminar se a gente não sair de cena. Não te esquece que ele podia até ser um favelado, mas o maluco era muito inteligente.

— Josef, é de mim que eles vão esquecer. Eu nem existo, lembra?

— Doctor Love. Queria que a gente estivesse em 1976. Não, 1978.

— O que 1978 tinha de tão bom?

— Tudo, irmãozinho. Tudo. Tu p...

Um comprimido já teria sido o suficiente, mas eu não queria correr nenhum risco. Fiquei ali parado mais vinte minutos antes de tirar a chave do meu bolso e abrir a porta da cela. Você sabe o que eles dizem sobre os leões feridos.

ONZE

Daí eu tava lá, até curtindo o perfil dessa craqueira, quer dizer, que bom que alguém reconhece que até mesmo escória é gente, sabe como é, contando esses detalhes sentimentais que transformam essas pessoas em gente, pra que as brancas possam falar quanto elas ficaram tocadas lendo aquilo e coisa e tal. Mas aí tu fodeu com tudo só porque resolveu brincar de detetive.

Eu não digo nada. Eu não olho nem pra ele, nem pro Ren-Dog, nem pro chão, e nem pra *New Yorker* prestes a ser tomada das minhas mãos.

— Pra um homem que não sabe se vai estar vivo daqui a dez minutos, tu deve ser o que os brancos chamam de debochado.

— Você parece muito interessado nos brancos.

— Eu me interesso muito por muita coisa. Como eu tava dizendo, cadê o quarto assassinato nessa parte?

— Você quer que eu responda?

— Não, eu quero que tu levante e dance um break aí pra mim — que que tu acha que eu quero?

— Bom, em algum momento você precisa aprofundar sua matéria. Você não pode simplesmente fazer algo focado, você precisa ampliar os horizontes. As coisas não acontecem no vácuo, tudo reverbera e tem consequências e, fora isso, o mundo não para de girar, não importa se você fez alguma coisa ou não. Se você não fizer isso a sua matéria vira um relato sobre alguma merda que aconteceu em algum lugar, e isso você pode ver no jornal da noite. Quer dizer, se a Monifah tomou um tiro por

causa de uma pedra de crack, alguém comprou a pedra de alguém, que pegou essa pedra com alguém, que foi fornecida por alguém.

Só ele e o Ren-Dog ainda tão na cozinha comigo, os outros provavelmente tinham ficado de saco cheio. E mesmo o Ren-Dog tá encostado na geladeira, bebendo o suco de manga que ele tinha dito que ia deixar pra mim. Eu continuo dizendo pra mim mesmo que a situação não tá menos perigosa do que há dez minutos, é só o que parece. Com esse monte de bandidos executando tarefas domésticas na minha casa, eu comecei a fantasiar que estava num videoclipe de rap. Até sentir minhas cuecas encharcadas. Ou sorrir. Ou engolir.

— Vamos começar pelo começo. Toda essa merda que tu escreveu sobre o Bando do Trovão, a maioria dessas coisas nem é verdade. Por exemplo, o Funnyboy é de Eight Lanes, e ele ainda tá lá, então não tem a menor chance dele ser do Bando do Trovão. E quem foi que disse pra tu que eles chamam a gente de Bando do Trovão porque a gente — como é que tu disse? — massacra tanto nossos inimigos quanto testemunhas numa intempérie de balas? Alguém aqui tem cara de que usa uma palavra como intempérie? Porra, qual é o teu problema? E eu aqui pensando que a gente tinha escolhido trovão porque furacão era uma palavra muito comprida.

— Eu tenho uma fonte.

— Quem é tua fonte?

— Ele é um zé ninguém.

— Olha só como ele é nobre, tentando proteger o Tristan Phillips. Tu acha que ele faria o mesmo por tu?

— Foi ele quem me entregou?

— Não é como se ele estivesse guardando um segredo. E quem é tu pra achar que ele tinha que guardar um segredo pra tu? Porra, quando a primeira parte da tua matéria saiu, dois dos meus homens que antes eram dos Ranking Dons lembraram que tinham ouvido o Tristan falando de tu

sem prestar atenção em quem tava ouvindo. Irmãozinho, sério, tu podia pelo menos ter se coçado pra mudar esse teu visual. Os caras viram uma foto tua e pronto. Mas enfim, foi assim que eu fiquei sabendo de tu.

— O Tristan me entregou.

— Te entregou porra nenhuma, foi ele quem se entregou. O cara tá pipando forte a pedra agora. Otário do caralho, que desperdício. Mas esse é o destino dos Ranking Dons. Se um maluco do nosso bando começa a fumar o seu produto, eu acabo rapidinho com a raça do malandro. Mas se você foi mesmo visitar o Phillips na prisão, isso já deve fazer alguns anos. Por que tu só tá escrevendo isso agora?

— Fiquei sabendo que o Josey Wales tava preso.

— E aí tu pensou que agora ele não ia mais poder te pegar, ou tu achou que ele era tão ignorante que nunca ia nem ouvir falar de um bagulho chamado *The New Yorker*?

Eu não sabia o que dizer, então simplesmente olhei pro copo de suco que o Ren-Dog tem na mão e fiquei tentando me lembrar quantos ele já tinha bebido até agora.

— Não esquentá, meu irmão. Tu acertou nas duas. Mas esse tal desse Eubie é uma outra história. Se tu olhar na capa dessa revista tu vai ver meu nome e meu endereço nela. Tu acha que tu tá tranquilo porque ele tá na prisão? Me responde.

— Sim, eu acho, sim.

— É por pensar assim que os vagabundo acabam tomando tiro.

Eubie pega uma cadeira da minha mesa de jantar e traz até mim. Ele senta virando para mim, perto o bastante pra que eu veja que o lenço que ele tem no bolso tem uma estampa de borboletas.

— Essa é aquela hora em que você me diz pra abandonar essa matéria senão você vai fazer sei lá o que comigo? — eu pergunto.

— Tu não consegue te controlar mesmo, né? Vai ficar dando uma de espertinho até o fim. Ou talvez tu finalmente esteja pensando que não tem

nada a perder. Só que não, irmãozinho. Até eu quero saber como é que a tua matéria vai terminar. Quer dizer, eu sei como é que essa história termina, mas eu tô gostando dessa versão paralela que tu fez. Só para de ficar ampliando tanto esse teu horizonte aí, e te controla, caralho, que daí eu não vou ter nada que ver contigo.

— Não entendi.

Ele me bate na cara com a *New Yorker*. Arde, mas nem tanto.

— Não te faz de retardado, porra. Tu não é a minha última parada esta noite e as outras duas não vão acabar tão bem assim. No final da parte três tu sai da porra da cracolândia pra começar a falar da conexão jamaicana, então...

— Você quer que eu corte essa parte.

Ele me bate de novo.

— Eu quero que tu pare de me interromper quando eu tô falando contigo, seu cu cagado.

— Mas não é isso que tu quer? Tu não quer que eu tire a parte sobre a Jamaica?

— Não, juventude. Nada disso. Pode deixar a porra que tu quiser sobre a Jamaica, deixa a parte sobre o Josey Wales... na real, que que tu quer saber dele? Eu sei duma coisa que tu nunca nem ia sonhar. Essa tal dessa Monifah nem foi a primeira grávida que ele matou. Deixa ele, deixa a Jamaica, pode destruir a porra do país no teu texto se tu quiser. Mas tira Nova York da parada.

— Como é?

— Tu tá falando aqui como se o Bando do Trovão tivesse dissidentes em Nova York. Isso não pega muito bem pra mim.

— Mas o Bando do Trovão é de Nova York.

— Tu tá te fazendo de retardado de novo, seu moleque? Ó, quer ver mais uma coisa que tu não sabe? Não foi uma gangue que passou o fogo naquela cracolândia porra nenhuma. Foi o Josey, sozinho. Um homem e

duas armas. Foi o Josey Wales sozinho quem matou todo mundo naquela cracolândia. Eu mesmo vi ele fazendo isso.

— Mas... mas... isso é inacreditável.

— Isso é o Josey. E você tem razão. O cara queria passar uma mensagem. Mas não era nada parecida com essas merdas todas rebuscadas que você escreveu nessa matéria.

— Mas então qual era a mensagem, diga não às drogas?

— Tu é piadista, hein, moleque? Pena que a gente não vai ficar amigo.

— Ai.

— Vou te contar, esse branquelo não aguenta uma brincadeirinha, Ren. Eu lá tenho cara de quem vai ser idiota de matar um jornalista que tá bem no meio duma matéria grande, ainda mais deixando minhas digitais pela porra da casa inteira? Eu lá tenho cara de que tô a fim de ser o novo Jon Gotti?

— Acho que não.

— Não fica só achando, é isso mesmo.

— Qual era a mensagem?

— Não jogue mijo no Don.

— Desculpa, o quê?

— Essa tu não vai entender nunca, branquelo. Mas agora me escuta. Eu não quero que tenha nenhuma ligação entre esse homem e nenhum dos distritos de Nova York. Se os federais ou o DEA quiserem processar o irmãozinho, deixa processar. Eu só não quero ninguém vindo atrás de mim procurando pelas conexões americanas em Nova York, tu tá me ouvindo?

— Sério? Mas velho, isso é uma questão de tempo. O DEA pode até ser lento, e eles podem não gostar dos federais, mas eles não são burros.

— Talvez. Mas hoje não. E o cara que vai me derrubar não vai ser tu.

— Olha, nenhum agente nunca me procurou nem nada do tipo. Você não tem nada com o que se preocupar.

— Isso porque até agora tu não escreveu nada que eles pudessem usar. Mas agora com essa parte quatro eles poderiam. Tu vai dizer é o seguinte, que aquele pessoal lá na cracolândia veio tudo de avião direto lá da Jamaica. Não fala porra nenhuma sobre as gangues de Nova York, sobre Boston nem sobre Kansas City

— Eles sabem que você tá aqui. Nesta cidade, eu quis dizer.

— Mas eles não sabem nem que a gente tá organizado, nem em que nível tá essa parada.

— Mas isso vai abrir um puta buraco na minha história.

— É com esse buraco que tu tá preocupado? Eu não tô querendo te ensinar a escrever, patrão, mas se a tua matéria é sobre uma gente que levou bala, escreve sobre essa gente que levou bala.

— Mas esses assassinatos não aconteceram no vácuo.

— Gostei de ver que tu tá achando que a gente tá negociando. Eu sei que eles não aconteceram no vácuo. Justamente por isso tu pode usar e abusar do Josey Wales. Não vamo tirar os holofotes dele, tu tá me entendendo?

— Então, tecnicamente você tá me chantageando?

— Ah, não, branquelo. Tecnicamente eu não tô te matando. Tu tá escrevendo uma breve história de sete assassinatos, né? Então tu ainda tem mais quatro assassinatos pra escrever.

— Saquei. E se eu...

— Tu não vai me perguntar “e se eu me recusar”, né? Eu não tô com paciência pra isso, e o Ren-Dog já cansou de brincar também.

O Eubie se levanta e anda até o Ren-Dog. Não sei o que eles ficam cochichando, mas o Ren-Dog vai embora. Segundos depois, a porta da frente se abre e se fecha. Ele volta até mim e senta. Mais perto. Colônia Cool Water. Eu sabia que ia acabar reconhecendo em algum momento. Dessa vez ele se inclina na minha direção, quase sussurrando, numa voz rouca.

— Daí eu tava aqui pensando, se o Tony Pavarotti foi atrás de você, é porque alguém mandou ele atrás de você. Isso só pode ter sido ou o Papa-Lo ou o Josey Wales. E já que o Papa tava naquela onda toda de paz até morrer, eu vou simplesmente dizer que foi o Josey Wales, tu nem precisa me confirmar. Mas aí, por que que o Josey queria te matar?

— Você tá achando mesmo que eu vou responder?

— Sim, eu tô achando mesmo que tu vai responder.

— Que porra é essa? Então só porque eu vou morrer é pra eu me confessar? Que palhaçada do caralho!

— Irmãozinho, eu adoro quando você tenta falar que nem jamaicano. Quanto a te matar, não vejo por que eu faria isso quando eu já te disse com todas as letras o que eu queria. E, por sinal, o Josey Wales não vai encostar em ninguém por muito tempo, muito menos em você.

— Ele falou de mim pra você?

— Ele falou de alguém parecido, ele nem lembrava o nome, só disse que um branquelo da *Rolling Stone* tava sabendo muita coisa sobre um esquema de droga lá, daí ele mandou o Tony dar um fim nele. Só que aquilo não tava fazendo sentido, e branco nenhum tinha como saber qualquer coisa sobre um esquema de droga, não importa o quanto ele fosse esperto. Mas se tu matou o melhor homem que ele tinha, é claro que ele não vai mandar outro. Além do mais, tu desapareceu depois disso. Mas enfim, o Josey Wales tá na cadeia e não vai sair vivo de lá. Então eu quero saber que porra foi que tu descobriu pra ele querer tentar matar a porra dum branco americano. Ainda mais em 1979. Quer dizer, porra, ele tava quebrando uns quinze tabus ao mesmo tempo com aquilo.

— Mas você é do Bando do Trovão. Você não trabalha pra ele?

— Porra, eu não trabalho pra ninguém, seu cu cagado. Muito menos pra uns rato de favela de Kingston. O filho da puta não sabia nem ler uma planilha, mas se achava esperto pra caralho. Eu não vou perguntar uma terceira vez, branquelo.

— Eu... eu só fui me dar conta vários anos depois que tinha sido ele quem mandou aquele cara. Tinha tanta coisa rolando na Jamaica, tava uma putaria, podia ter sido qualquer um, até mesmo a porra do governo. Um cara me fez enxergar... merda, merda. Eu não sei por que você está me perguntando isso, se você trabalha com ele você já sabe. Provavelmente você até o ajudou a planejar aquela merda.

— Que merda? Que merda?

— O Cantor. A tentativa de homicídio. Foi ele quem atirou no Cantor.

— Que que tu disse?

Antes que eu pudesse responder, ele levantou bem depressa e começou a andar em volta de mim.

— Que é que tu disse, seu filho da puta?

— Foi ele quem atirou no Cantor, lá em 1976.

— Tu quer dizer que ele era daquela gangue? Patrão, até eu sei que devem ter sido os moleques de Copenhagen City que tentaram matar ele. Se bem que eu não esperava isso do...

— Eu quis dizer que foi ele quem fez o disparo. Os disparos.

— E como é que tu sabe, porra?

— Eu entrevistei o Cantor uns meses depois. Todo mundo sabia que ele tinha levado um tiro no peito e um no braço, certo? Certo?

— Certo.

— Àquela altura, só três pessoas sabiam que se ele tivesse puxado o ar em vez de soltado, a bala teria atingido seu coração em cheio. O médico, o Cantor e eu.

— E daí?

— Eu fui a Copenhagen City para entrevistar os Dons sobre o acordo de paz em 1979. Quando eu falei com o Wales, surgiu o assunto do Cantor. Ele disse que tinha achado foda que eles tinham tentado atirar bem no coração do Cantor. Ele não tinha como saber aquilo, a não ser que ele fosse o médico, o Cantor, eu, ou...

— O atirador.

— Pois é.

— Puta que me pariu. Puta que me pariu, juventude, eu não sabia.

— Agora quem ficou surpreso fui eu. Eu achava que todo mundo ligado ao Josey Wales sabia.

— Quem foi que te disse que eu sou ligado ao Wales? Quando eu tava trabalhando pra erguer um negócio no Bronx, onde é que ele tava, porra? Sabe, durante muito tempo eu achava que tinha sido uma outra pessoa quem estava por trás dessa coisa.

— Quem?

— Engraçado, e ele é o único que eu conheço que não tá morto.

— Wales?

— Não, ele não.

— O que tu quis dizer com...

— Tu sabia, Sr. Pierce, que o Cantor chegou a perdoar um daqueles moleques? Não só perdoou como levou o cara na turnê com ele, trouxe pra dentro do núcleo mais íntimo da sua família, ficou mais próximo que um irmão.

— Caralho, sério? Acho que a minha já considerável admiração pelo cara acaba de dar um salto e uma cambalhota no ar. Puta merda. O que aconteceu com ele?

— Despareceu assim que o Cantor morreu. Ele sabia que não tava mais seguro.

— Ele simplesmente sumiu. Assim, do nada.

— Bom, ninguém some de verdade, Pierce.

— Queria que você conhecesse certas famílias chilenas.

— Quê?

— Nada.

— Tu é bom de alemão?

— Eu gosto um pouco de kraut rock... não.

— Que pena. Se tu quer ouvir uma história, aqui vai uma história. Todo mundo que tentou matar o Cantor acabou morto, menos um cara.

— Mas o Josey Wales não...

— O único que talvez ainda esteja vivo desapareceu em 1981 e, pelo jeito, ninguém sabe pra onde ele foi. Só eu.

— E pra onde ele foi?

— Tu não parece muito interessado.

— Não, eu tô. Sério. Onde é que ele tá?

— Como eu disse, tu não tá interessado.

— E eu tô te dizendo que eu tô. Como é que você sabe que eu não tô interessado?

— Porque eu acabei de te dizer onde é que ele tá. Mas não esquenta a cabeça. Provavelmente isso é muita areia pro teu caminhãozinho. Alguém algum dia vai ter que escrever um livro sobre isso.

— Ah. Ok.

— Pode voltar a escrever essa tua *Breve história de sete assassinatos*.

Eu quase agradei a ele, mas aí me toquei que estaria agradecendo o cara por estar só me extorquindo, em vez de me matar. Eu não aguento mais ficar sentado nesse banquinho como se eu fosse o burro da sala de aula, mas eu não me levanto. Não faz diferença, mesmo. Eu tô prestes a perguntar se, caso eu escreva essa merda terei o prazer de jamais encontrá-lo novamente, mas aí eu lembro que os jamaicanos raramente entendem sarcasmo e, puta merda, essa é uma daquelas situações em que você não quer, de jeito nenhum, que eles entendam isso como um ato de hostilidade. Melhor nem pensar mais nessa merda toda — um dia surreal desse jeito nem parece mesmo que aconteceu. O Ren-Dog volta, e os dois ficam de pé, parados, não muito longe de mim, e murmuram alguma merda que, eu imagino, eles preferem que fique em segredo.

— Só mais uma coisa, branquelo.

Ele se vira. Sua mão. Uma arma. Um silenciador. Sua mão. Um silenciador de pistola. Sua...

— NÃÃÃÃÃÃÃO! Puta que pariu! Puta que pariu! Ai meu Deus. Puta mer... Puta merda.

— Sim, tem mais uma coisa.

— Você atirou em mim, caralho! Puta que pariu, você atirou em mim!

O sangue jorra da porra do meu pé como se eu tivesse sido crucificado. Eu seguro meu pé com a mão e tenho plena consciência de que tô gritando, mas não percebi que eu tinha caído do banquinho e tava rolando no chão até que o Eubie me segurou e encostou a arma no meu pescoço.

— Cala a porra da boca. Cala a porra da boca, seu arrombado, o Ren-Dog diz, me segurando pelos cabelos.

— Você atirou em mim, caralho! Ele atirou em mim, caralho!

— Sim, e o céu é azul e a água é molhada.

— Puta que me pariu. Meu Deus.

— Sabe, é engraçado. Ninguém nunca diz nada original depois de tomar um tiro. É quase como se todo mundo tivesse lido um manual de instruções, só pro caso de acontecer algum dia.

— Vai tomar no seu cu.

— Ah, não chore, seu bebezão. Na Jamaica, moleques de doze anos levam tiro o tempo todo e não ficam choramingando que nem umas putas.

— Ai meu Deus.

Meu pé tava explodindo, e ele se abaixou e começou a passar a mão na minha cabeça como se eu fosse uma porra duma criança.

— Porra, eu preciso ligar pro 911. Eu preciso ir prum hospital.

— Tu também vai ter que pedir pra tua mina limpar essa bagunça.

— Meu Deus.

— Escuta, branquelo. Isso aí é só um lembrete, porque, sabe como é que é, a gente tava aí se dando tão bem que provavelmente tu tinha até te

esquecido que eu sou um filho da puta com quem tu não quer te meter, sacou? O Josey Wales era o filho da puta mais psicótico que eu já encontrei na minha vida, e eu acabo de matar ele, porra. O que que isso faz de mim?

— Eu não...

— Era uma pergunta retórica, ô, arrombado.

Ele se abaixa e toca o meu pé. Passa o dedo em volta do buraco da bala na minha meia e depois enfia lá dentro. Eu grito na palma da mão que o Ren-Dog tinha acabado de botar em cima da minha boca.

— Por mais que eu tenha gostado muito da tua companhia, e por mais que eu adore ser assinante da *New Yorker*, te vira aí pra não me dar nenhum motivo pra voltar aqui. Sacou?

Ele tira sua mão, mas tudo que eu posso fazer é chorar. Não é nem choramingar, é chorar mesmo.

— Sacou? — ele diz, e pega o meu pé mais uma vez.

— Saquei. Puta que pariu, eu saquei.

— Que bão. Bão balalão bão bão. Minha mulher adora dizer isso.

O Ren-Dog me pega pelos ombros e me arrasta até o sofá. Isso vai doer pra caralho é tudo que ele diz antes de arrancar a meia do meu pé. Eu preciso tapar minha boca com as mãos pra segurar o grito na minha garganta. Ele joga minha meia longe, faz uma bola com o meu pano de prato e coloca meu pé em cima. Eu não consigo nem olhar. O Ren-Dog vai embora e o Eubie pega o meu telefone.

— Liga pro 911 quando a gente sair.

— Como é que eu... porra, como é que... o tiro no pé, como é que eu explico... a bala no meu pé?

— Tu que é o escritor, Alexander Pierce.

Eu protejo as bolas pra que o telefone bata na minha mão quando ele o joga no meu colo.

— Invente alguma coisa.

DOZE

Toda vez que eu descarto o metrô pra pegar o ônibus eu me esqueço que o ônibus é muito mais lento. É o preço que eu pago por hiperventilar sempre que tô debaixo da terra. Pelo menos tô acordada. Semana passada eu perdi sete paradas dormindo e quando acordei tinha um homem sentado na minha frente me olhando de cima a baixo, como se tivesse tentando decidir em que parte do meu corpo ele tocaria para me acordar. Não tinha nenhum homem no ônibus hoje.

Eastchester também tá vazio. Talvez a seleção de futebol jamaicana esteja perdendo um jogo em algum lugar por aí. Acho que dá pra ter uma boa ideia sobre quem eu sou quando até mesmo nos meus pensamentos eu sou tão filha da puta assim. Tenho certeza de que as pessoas, na média, são tão grosseiras, racistas, irritáveis e nojentas nos seus pensamentos quanto eu, então não sei por que fico me castigando desse jeito. Eu só preciso chegar em casa, preparar um macarrão instantâneo, me jogar no sofá e assistir *Os vídeos caseiros mais engraçados dos Estados Unidos* ou algum outro enlatado na tevê.

Preciso muito parar de pensar nos jamaicanos. Ou, quem sabe, talvez eu precise muito aumentar a dose do Frontal. Quer dizer, eu não tô me sentindo mal agora, não tô mesmo, mas não é só um resfriado que você consegue sentir que tá chegando.

Rua Corsa. Não tem comida em casa. Comi o último pacote de macarrão instantâneo dois dias atrás, joguei fora o que tinha sobrado da comida chinesa hoje de manhã e aqueles McNuggets não seriam uma boa ideia, apesar de eles ainda não estarem velhos. Fico olhando pra minha

porta e pra janela que, aparentemente, eu esqueci aberta, apesar de ser março, e pensando que não tem comida na minha casa. Eu não tava muito a fim de ir até a Boston Road, mas sei o que vai acontecer. Eu vou ficar aqui sentada assistindo tevê até que piore a fome que agora eu não tô sentindo, e daí eu vou acabar indo do mesmo jeito.

Então vou descendo a Corsa em direção à Boston Road, ainda esperando pelo meu momento Mary Tyler Moore. Seria a pior ideia do mundo que ele acontecesse bem nessa rua, cheia de gente que não tá se dando muito bem na vida, mas, mesmo assim, eu fico imaginando. Isso é o que acontece quando a sua vida se resume a trabalhar, assistir tevê e pedir comida em casa. Mas, caramba, eu tô praticamente vivendo que nem uma americana, então que se dane. Eu sei lá. O que eu sei é que se eu tivesse tomado um Frontal eu não estaria pensando tanta coisa a essa altura. Sempre gostei de pensar que todas as coisas na minha casa, desde as toalhas, todas da mesma cor, até a máquina de café em que eu só preciso apertar um botão, estavam ali apenas pra deixar a minha vida mais fácil, mas tô começando a me dar conta de que essas coisas só tão ali pra que eu não precise pensar. E veja você, minha mãe achava que eu jamais conseguiria dar um jeito na minha vida.

Boston Jamaica Jerk Chicken. Comida e Frango Jamaicano, Quente e Ao Seu Dispor. Duas fileiras de mesas de plástico laranja, com ketchup, sal e pimenta em cima delas. Será que eu como aqui? A ideia vai embora assim que penso nela. No balcão ao lado da caixa registradora, tem um bolo de coco numa travessa me fazendo lembrar do interior. Nunca gostei de ir pro interior — era muito bolo de coco e muita latrina. Bem do lado dele, o que parecia ser doce de batata-doce. Eu não comia doce de batata-doce desde 1979 — não, antes. Quanto mais eu olho pra ele, mais quero comer, e mais aquilo parece um sinal de alguma coisa mais profunda, como se o que eu realmente quisesse fosse sentir o gostinho da Jamaica, o que já tá começando a soar como se fosse um desses papos furados de

psicólogo. É mais engraçado pensar que eu só quero botar alguma outra coisa jamaicana na minha boca que não seja um pênis. Sua nojenta do caralho — não, sua vagabunda da porra.

Agora me deu vontade de falar *patois* a noite inteira, e não só porque eu tinha passado a tarde com aquela mulher e o namorado bandido dela. Talvez seja porque eu tô olhando praquele bolo de coco, louca de vontade de perguntar se eles também têm *dukunnu*, *asham* ou bolacha de coco.

— Olá, senhora, como posso ajudar?

Nem tinha visto ele sentado atrás do balcão, mas aí eu vi porque é que ele não tinha me visto. Tava passando um jogo de críquete na televisãozinha preto e branco em cima da cadeira de plástico do lado dele.

— Índias Ocidentais contra Índia. Claro que a gente não tá fazendo porra nenhuma, só passando vergonha, como de costume, ele diz.

Concordo com a cabeça. Eu nunca, jamais gostei de críquete. Pele escura, um barrigão no meio de dois braços musculosos, com um cavanhaque branco. Esse deve ser o primeiro jamaicano com quem eu falo em semanas, e suas sobrancelhas já estão levantadas — ele já tá de saco cheio de mim.

— Eu gostaria, por favor, de um frango assado, não, frito, isso, frango frito, com arroz e feijão, se você tiver arroz e feijão, e banana frita, e salada e...

— Eita, calma aí, moça. A comida não vai sair correndo.

Ele tá rindo de mim. Bom, na verdade ele tá mais é sorrindo pra mim, e aquilo não me incomoda, exceto pelo fato de que agora tô pensando quando foi a última vez que eu tinha feito um homem rir.

— Mas você tem banana madura aí?

— Sim, moça.

— Mas ela tá bem madurinha?

— Tá madura o suficiente.

— Ah.

— Moça, não te preocupa, tá bem madura. A banana vai derreter na tua boca.

Eu me seguro pra não dizer pra ele que, falando muito sério, aquela era a descrição mais deliciosa de uma comida que eu já tinha ouvido em toda a minha vida e digo:

— Três porções, por favor.

— Três?

— Três. Pensando bem, você tem rabada ou curry de bode?

— Rabada é no fim de semana. Curry de bode acabou.

— Tá, vou de frango frito, então. Coxa e sobrecoxa, por favor.

— O que você quer beber?

— Tem chá de hibisco no cardápio?

— Sim, dona.

— Eu achava que só se fazia chá de hibisco no Natal.

— Mas pera lá um pouquinho. Moça, tu tava enfiada numa caverna esses últimos anos, foi? Tudo que é coisa jamaicana agora chega em caixinha pra vender aqui.

— E é bom, esse chá?

— Ruim não é.

— Vou querer um.

Não deu vontade de levar toda aquela comida pra casa. Eu sei lá, mas eu adorei a ideia de ficar sentada ali naquele restaurante ouvindo o narrador na tevê todo empolgado com o críquete enquanto eu comia aquele frango frito. Tinha uma edição do *Jamaica Gleaner* e outra do *Star* na mesa à minha frente. Tinha também uma do *Jamaica Observer*, que eu nunca tinha ouvido falar. O cara liga a tevê grande pendurada no teto e a primeira coisa que aparece nela é a partida de críquete.

— Isso aí é a JBC?, eu pergunto.

— Nada, é só uma emissora caribenha cafona, pelo jeito que eles falam tudo cantado eu acho que é de Trinidad. É por causa deles que tem

carnaval na Jamaica agora.

— Carnaval? Tocando soca?

— Ahã.

— Desde quando os jamaicanos gostam de soca?

— Desde quando o pessoal da cidade alta resolveu arrumar uma desculpa pra ficar dançando de sutiã e calcinha pela rua. Mas, oi, tu não tava sabendo do carnaval?

— Não.

— Tu não deve voltar muito, então. Ou tu não tem mais família na ilha? Tu lê o jornal?

— Não.

— Então tu tá te esquecendo de te esquecer.

— Quê?

— Deixa pra lá, meu bem. Espero que tu esteja criando teus filhos do jeito jamaicano, não no meio dessa sacanagem dos americanos, né?

— Eu não tenho... quer dizer, sim.

— Que bom. Que bom. Bem como diz na Bíblia. Tem que ensinar pra criança como se tornar uma pessoa decente e...

Parei de prestar atenção. Tô num pequeno restaurante jamaicano, parando de prestar atenção num cara me passando um sermão de vovó. Mas, caramba, esse frango frito dele é bom mesmo, tostadinho de leve, meio pedaçudo e macio por dentro, como se ele tivesse sido frito e depois assado. E o arroz e feijão vinham misturados, não que nem naquela merda do Popeyes, que vem tudo separado e eu mesma tenho que misturar. Eu já comi um terço da minha porção de banana e tava a ponto de declarar aquele chá de hibisco a melhor recriação química, processada e possivelmente tóxica de uma bebida que eu já tinha tomado.

— Cu cagado puta que pariu.

Eu não lembrava a última vez que eu tinha ouvido aquelas palavras saindo de uma boca que não fosse a minha.

— Cu cagado puta que pariu.

— Que que foi?

— Olha, meu bem. Puta merda.

Tudo que eu vejo é uma imagem ruim de uma multidão de jamaicanos, provavelmente as mesmas imagens de arquivo que eles vêm usando nos últimos quinze anos sempre que alguém faz uma matéria sobre a Jamaica. Os mesmos negros de camiseta e regata, as mesmas mulheres pulando pra cima e pra baixo, os mesmos cartazes de papelão feitos por gente que não sabe soletrar. O mesmo jipe do Exército entrando e saindo do enquadramento. Sério.

— Cu cagado puta que...

Eu tava quase perguntando pra ele o que que tinha de tão especial naquela reportagem quando vejo as palavras correndo na parte de baixo da tela.

JOSEY WALES É ENCONTRADO CARBONIZADO NA CELA DA PRISÃO.

O cara aumenta o volume, mas, mesmo assim, eu não consigo ouvir nada. Tava só o presunto na tela. Era um cara pelado da cintura pra cima, com a pele reluzente, como se tivesse derretido com todo aquele calor, partes do tronco e da lateral do corpo escurecidas, umas manchas brancas grandes, como se apenas sua pele tivesse sido queimada naquele lugar. No seu peito, a pele tava descolada, que nem num leitão à pururuca. Não dava pra saber direito se a foto tava fora de foco ou se ele tinha realmente derretido.

— Copenhagen City está em chamas agora. E tudo isso no mesmo dia que enterraram o filho dele. Misericórdia.

As palavras ficam correndo pela tela: JOSEY WALES É ENCONTRADO CARBONIZADO NA CELA DA PRISÃO * JOSEY WALES É ENCONTRADO CARBONIZADO NA CELA DA PRISÃO * JOSEY WALES É ENCONTRADO CARBONIZADO NA CELA DA

PRISÃO * JOSEY WALES É ENCONTRADO CARBONIZADO NA CELA DA PRISÃO

— Nenhum sinal de arrombamento, não era dia de receber visita, ninguém sabe dizer como foi que o cara se queimou. Talvez ele tenha tacado fogo nele mesmo. Puta que pariu, não tô acreditando...

— Mas confirmaram que é ele?

— Quem mais que ia ser? Algum outro cara preso na Penitenciária Geral chamado Josey Wales? Merda. Caralho. Me dá uma licencinha aqui, moça, tenho que ligar prum bando de gente agora. Não vou poder... Moça, tá tudo bem?

Eu consigo passar pela porta um segundo antes do vômito sair voando pela minha boca e se esparramar pela calçada. Alguém do outro lado da rua deve ter me visto tossir frango frito enquanto o meu estômago se contraía violentamente. Não tem ninguém vindo, mas, mesmo assim, deixei uma sujeirada perto da porta. Tento ficar de pé, mas minha barriga se contorce de novo e eu me curvo e tusso, mas não vomito. Pelo menos o cara tá lá atrás do balcão. Volto pra dentro, pego a minha bolsa e vou embora.

Tô no meu sofá e já faz duas horas que a tevê tá ligada, mas eu não faço a menor ideia do que tá passando. Acho que eu nunca tinha visto um homem que parecia ter sido assado. Eu devia arrumar uma manta pra botar nesse sofá. E talvez comprar um quadro, ou uma coisa assim, pra sala de estar. E uma planta legal, não, uma planta artificial, qualquer coisa viva acabaria morrendo sob os meus cuidados. O telefone já tava no meu colo há alguns minutos. Bem quando os créditos começam a subir, ele toca.

— Alô?

— Vou passar a ligação agora, senhora.

— Valeu, obrigada.

Minhas mãos tão tremendo, e o telefone fica batendo no meu brinco.

— Alô? Alô? Alô, quem tá falando?

Minhas mãos estão tremendo e sei que se eu não disser alguma coisa agora, eu vou bater esse telefone no gancho antes que ela volte a falar.

— Kimmy?

AGRADECIMENTOS

Mesmo antes de saber que eu tinha escrito um romance, Collin Williams já estava fazendo pesquisa para ele. Parte do seu trabalho duro está neste livro, e mais dele aparecerá no próximo. Quando Benjamin Voigt o substituiu como pesquisador, eu já tinha uma narrativa, tinha até escrito algumas páginas, mas ainda não era um romance. O problema é que eu não conseguia saber quem era o protagonista daquela história. Versão após versão, página após página, personagem após personagem e nenhum fio condutor, nenhuma linha narrativa, nada. Até que um domingo, num W.A. Frost em St. Paul, quando eu jantava com Rachel Perlmeter, ela disse, e se não for a história de uma pessoa? Fora isso, quanto tempo faz que você não lê *Enquanto agonizo*, do Faulkner? Bom, talvez não exatamente nessas palavras, mas também falamos sobre Marguerite Duras, então eu também li *O amante da China do Norte*. Eu tinha um romance, e ele estava bem na minha cara esse tempo todo. Personagens desenvolvidos pela metade, outros por inteiro, cenas fora de ordem, centenas de páginas precisando de continuação e propósito. Um romance que seria conduzido apenas por vozes. Àquela altura, pelo menos eu já sabia o que dizer para os meus outros pesquisadores, Kenneth Barrett e Jeeseon Choi, procurarem. Enquanto isso, graças a uma bolsa do Macalester College, onde dou aula, eu também pude fazer parte da pesquisa por conta própria. Sem os alunos brilhantes e criativos que me desafiaram o tempo todo, e o enorme suporte do Departamento de Inglês, os quatro anos em que passei escrevendo este romance não teriam sido tão proveitosos ou recompensadores. O ano sabático que tirei também não prejudicou. Boa

parte desse período foi passado escrevendo num café francês em South Beach, Miami. Obrigado pelo apoio incrível e pela hospedagem, Tom Borrup e Harry Waters Jr., que (batendo na madeira) ainda vão acabar me cobrando a estadia, já que eu estou sempre inventando uma desculpa pra ficar na casa deles. Na verdade, a versão que acabei mostrando para a minha maravilhosa agente, Ellen Levine, e o meu ótimo editor, Jake Morrissey, foi escrita não muito longe da praia propriamente dita. Sem esquecer, é claro, de Robert Mclean, que foi o leitor da minha primeira versão e é, até hoje, a única pessoa em quem eu confio para ler os meus originais até mesmo quando estou no meio do processo de escrevê-los (apesar dele sempre se perguntar por que eu faço isso). O brilhante Jeffery Bennett, leitor da minha última versão, que fez a preparação do texto antes de mandar para a editora e corrigiu, entre outras coisas, minha descrição altamente equivocada da paisagem entre o Aeroporto JFK e o Bronx. E muito obrigado a Martha Dicton, que traduziu o meu inglês tosco para o espanhol cubano quando eu cometi o erro de achar que o espanhol mexicano serviria. Um autor pode enfrentar dias de distração e dúvidas, então muito obrigado a Ingrid Riley e Casey Jarrin pela amizade inabalável, pelo apoio e por todos os puxões de orelha ocasionais. Obrigado a minha família e aos meus amigos e, dessa vez, talvez seja melhor que mamãe não leia a quarta parte do livro.

SOBRE O AUTOR



© Jeffrey Skemp

Marlon James nasceu na Jamaica e mora nos Estados Unidos, onde leciona literatura. É o vencedor do Man Booker Prize de 2015 com o livro *Breve história de sete assassinatos*, seu terceiro romance.

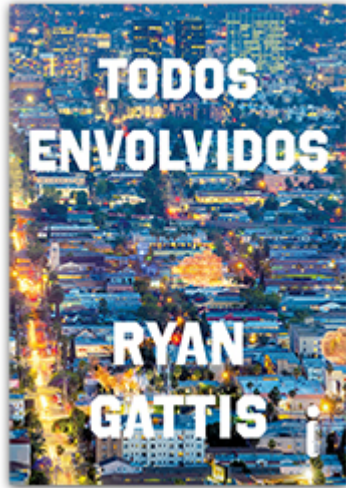
LEIA TAMBÉM



Dias bárbaros
William Finnegan



As garotas
Emma Cline



Todos envovidos
Ryan Gattis